

WERNER KELLER

E a Bíblia Tinha Razão ...

*Pesquisas arqueológicas
demonstram a verdade histórica
dos Livros Sagrados*

Tradução de João Távora

Com 140 ilustrações e 3 mapas

Índice Onomástico organizado por Teófilo Otoni

5ª EDIÇÃO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Título do original alemão:
UND DIE BIBEL HAT DOCH RECHT
Edição de Econ-Verlag GmbH

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

POx-6/VI-0

- 1.^a Edição Abril, 1958**
- 2.^a Edição Junho, 1958**
- 3.^a Edição Setembro, 1958**
- 4.^a Edição Março, 1959**
- 5.^a Edição Junho, 1960**

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-03-076



*Aos meus queridos pais
e ao amigo Th. Ruth*

O maior bem do homem pensante é ter explorado o explorável e serenamente venerar o inexplorável.

(J. W. v. Goethe — Escritos naturalistas)

O fato de um homem que não é teólogo escrever um livro sobre a Bíblia é bastante incomum para que se espere dele um esclarecimento sobre a razão por que se dedicou a essa matéria.

Desde muitos anos o meu interesse de publicista concentra-se exclusivamente em questões modernas de ciência e pesquisa. Em 1950, quando me ocupava com o trabalho de rotina diário da minha profissão, topei com o relato da expedição dos arqueólogos franceses Prof. Parrot e seu compatriota Prof. Schaeffer sobre as escavações realizadas em Mari e Ugarit. As inscrições cuneiformes encontradas em Mari, no médio Eufrates, continham nomes bíblicos que situaram subitamente num período histórico as narrativas sobre os patriarcas, até então tomadas por simples "histórias piedosas". Em Ugarit, na costa do Mediterrâneo, foram descobertos pela primeira vez os testemunhos do culto cananeu de Baal. O acaso quis que ainda no mesmo ano se encontrasse numa caverna, perto do Mar Morto, um rôlo do livro do profeta Isaias, considerado de data anterior a Cristo. Estas notícias sensacionais — permita-se-me o uso desta expressão em vista da importância destes achados para a cultura — despertaram em mim o desejo de me ocupar com mais atenção da arqueologia bíblica, esse ramo mais recente e tão mal conhecido da pesquisa da Antiguidade. Procurei, pois, tanto na literatura alemã como na estrangeira, uma exposição resumida e clara das investigações realizadas. Não achei nenhuma. Porque não existe nenhuma. Fui então eu mesmo às fontes e — ajudado ativamente por minha mulher — reuni, nas bibliotecas de muitos países, o que, até à data, havia de resultados de pesquisas cientificamente comprovados exposto em livros especializados sobre a arqueologia bíblica. Quanto mais me aprofundava no tema, mais fascinante ele se ia tornando.

A porta para o mundo histórico do Antigo Testamento fôra aberta já em 1843 pelo francês Paul-Émile Botta. Em escavações efetuadas em Corsabad, na Mesopotâmia, ele se encontrou inesperadamente diante das imagens em relevo de Sargão II, o rei assírio que despovou Israel e levou seu povo em longas colunas. Os relatos das campanhas desse soberano relacionam-se com a conquista de *Samaria*, igualmente descrita na Bíblia.

Há um século que sábios americanos, ingleses, franceses e alemães vêm fazendo escavações no Oriente Próximo, na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito. As grandes nações fundaram institutos e escolas especiais para esses trabalhos de pesquisa. Em 1869 surgiu o *Palestine-Exploration Fund*, em 1892 a *École Biblique* dos Dominicanos de Saint-Étienne, seguindo-se, em 1898, a *Deutsche Orientgesellschaft*, em 1900 as *American Schools of Oriental Research* e, em 1901, o *Deutsche Evangelische Institut für Altertumskunde*.

Na Palestina são postos a descoberto lugares e cidades muitas vezes mencionados na Bíblia. Apresentam-se exatamente como a Bíblia os descreve e no lugar exato em que a Bíblia os situa. Em inscrições e monumentos arquitetônicos primitivos, os pesquisadores encontram cada vez mais personalidades do Antigo e do Novo Testamento. Relevos contemporâneos mostram as imagens daqueles povos de que, antes, só os nomes nos davam notícia. Seus traços fisionômicos, seus trajes, suas armas adquirem forma para a posteridade. Esculturas e imagens gigantescoas mostram os hititas de grosso nariz, os altos e esbeltos filisteus, os elegantes príncipes cananeus, com seus “carros de ferro”, tão temidos por Israel, os pacíficos e sorridentes reis de Mari — contemporâneos de Abraão. Através dos milênios, os reis assírios não perderam nada de seu semblante altivo e feroz: *Teglathfalazar III*, famoso no Antigo Testamento com o nome de *Ful*, *Senaquerib*, que destruiu *Laquis* e sitiou Jerusalém, *Asaradon*, que mandou pôr a ferros o rei *Manassés*, e *Assurbanipal*, o “grande e famoso *Asnafar*” do livro de Esdras.

Como fizeram com *Ninive* e *Nemrod* — a antiga *Cale* —, como fizeram com *Assur* e *Tebas*, que os profetas chamavam *No-Amon*, os pesquisadores despertaram do sono do passado a famosa *Babel* da Bíblia com sua torre fabulosa. Os arqueólogos encontraram no delta do Nilo as cidades de *Pitom* e *Ramsés*, onde Israel sofreu odiosa escravidão, puseram a descoberto as camadas de fogo e destruição que acompanharam a marcha dos filhos de Israel na conquista de Canaã, e em *Gabau* a fortaleza de *Saul*, sobre cujos muros o jovem *Davi* cantou para ele ao som da harpa; em *Magedo* descobriram uma cavalaria gigantesca do rei *Salomão*, que tinha *12.000 soldados de cavalo*.

Do mundo do Novo Testamento ressurgiram as magníficas construções do rei *Herodes*; no coração da antiga Jerusalém foi descoberta a plataforma (*litostrotos*), citada por *João*, o Evangelista, onde *Jesus* esteve diante de *Pilatos*; os assiriólogos decifraram em tábuas astronômicas de Babilônia os precisos dados de observação da Estrela de Belém.

Assombrosos e incalculáveis por sua profusão, estes dados e descobertas modificaram a maneira de considerar a Bíblia. Episódios que até agora muitos consideravam simples “histórias piedosas”, adquirem de repente estatura histórica. Por vezes os resultados da pesquisa coincidem com as narrativas bíblicas até aos mínimos detalhes. Eles não só “confirmam”, mas esclarecem igualmente os acontecimentos históricos que originaram o Antigo Testamento e os Evangelhos. As experiências e o destino do povo de Israel são assim apresentados, não só num cená-

rio vivo e variegado, como colorido contemporâneo da vida diária, mas também nas circunstâncias e lutas políticas, culturais e econômicas dos estados e impérios da Mesopotâmia e do Nilo, das quais nunca puderam libertar-se inteiramente, durante mais de dois mil anos, os habitantes de estreita região intermédia da Palestina.

Na opinião geral a Bíblia é exclusivamente História Sagrada, testemunho de crença para os cristãos de todo o mundo. Na verdade ela é, ao mesmo tempo, um livro de acontecimentos reais. Certo, sob este ponto de vista ela carece de integralidade, porque o povo judeu escreveu sua história somente em relação a Jeová e sob o ponto de vista de seus pecados e expiação. Mas esses acontecimentos são historicamente genuínos e se têm revelado de uma exatidão verdadeiramente espantosa.

Com o auxílio dos resultados das explorações, diversas narrativas bíblicas podem ser agora muito mais bem compreendidas e interpretadas do que antes. Verdade é que existem correntes teológicas para as quais o que vale é a palavra e nada mais que a palavra. "Mas como se poderá compreendê-la", esclarece o Prof. André Parrot, arqueólogo francês mundialmente famoso, "se não fôr possível encaixá-la no seu preciso quadro cronológico, histórico e geográfico?"

Até agora o conhecimento destas descobertas extraordinárias era privilégio de um pequeno círculo de peritos. Ainda há meio século se perguntava o Prof. Friedrich Delitzsch, em Berlim: "Para que tantas fadigas em terras distantes, inóspitas e perigosas? Para que esse dispendioso revolver de escombros multimilenários, até atingir as águas subterrâneas, onde não se encontra ouro nem prata? Para que essa competição das nações no sentido de assegurarem para si o privilégio de escavar essas áridas colinas?" O sábio alemão Gustav Dalman deu-lhe, em Jerusalém, a resposta adequada, quando expressou a esperança de que, um dia, tudo o que as pesquisas "viram e comprovaram seria não só valorizado em trabalhos científicos mas também utilizado praticamente na Escola e na Igreja". Isto, porém, ainda não teve lugar.

Nenhum livro da história da humanidade já produziu um efeito tão revolucionário, exerceu uma influência tão decisiva no desenvolvimento de todo o mundo ocidental e teve uma difusão tão universal como o "Livro dos Livros", a Bíblia. Ela está hoje traduzida em 1.120 linguas e dialetos e, após dois mil anos, ainda não dá qualquer sinal de que haja terminado a sua carreira triunfal.

Durante a coleção e o estudo do material, que eu de modo algum pretendo seja completo, ocorreu-me a idéia de que era tempo de os leitores da Bíblia e seus contrários, os crentes e os incrédulos participarem das emocionantes descobertas realizadas pela sóbria ciência de múltiplas disciplinas. Diante da enorme quantidade de resultados de pesquisas autênticos e seguros, convenci-me, apesar da opinião da crítica cética, que desde o Século do Iluminismo até nossos dias tentava diminuir o valor documentário da Bíblia, de que *a Bíblia tinha razão!*

Hamburgo, setembro de 1955.

WERNER KELLER

ÍNDICE

DO ANTIGO TESTAMENTO

I — O Advento dos Patriarcas — *De Abraão a Jacó*

Capítulo 1 Na região do "Fértil Crescente".

Há quatro mil anos. — Continentes adormecidos. — O grande berço da nossa civilização. — Altas culturas do Antigo Oriente. — Havia muito tempo que se construíam tórres escalonadas e pirâmides. — Plantações gigantescas irrigadas por canais artificiais. — Assalto de tribos árabes do deserto.

23

Capítulo 2 A bíblica "Ur dos Caldeus".

Uma estação na estrada de ferro de Bagdá. — A tórre escalonada de tijolos. — Ruínas com nomes bíblicos. — Os arqueólogos procuram os sítios citados na Sagrada Escritura. — Um cônsul armado de picareta. — Um arqueólogo no trono de Babilônia. — Expedição ao Tell al Muqayyar. — Livros de história arrancados dos escombros. — Recibos de impostos gravados em barro. — Abraão era cidadão duma metrópole?

27

Capítulo 3 É desenterrado o dilúvio?

Os túmulos reais dos sumérios. — Uma camada de lódo misteriosa. — Vestígios do dilúvio sob a areia do deserto. — Uma inundação catastrófica por volta de 4000 a.C.

39

Capítulo 4 Narrativa de inundação da antiga Babilônia.

A epopéia de Gilgamés. — Doze tabuinhas de barro de Nínive. — Uma epopéia antiqüíssima da Biblioteca de Assurbanipal. — Utnapistim, Noé dos sumérios? — O mistério da montanha do Ararat. — Uma embarcação gigantesca numa geleira. — Expedições para encontrar a arca bíblica.

46

Capítulo 5 Abraão viveu no reino de Mari.

Um morto de pedra. — O Tenente Cabane comunica um achado. — Um "Tell" da Síria recebe uma visita eminente. — O rei Lamgi Mari apresenta-se. — O Professor Parrot descobre um império desconhecido. — Palácio

real com 260 salas e pátios. — 23.600 tabuinhas de barro que resistiram quatro mil anos. — A polícia da estepe dá parte dos "benjaminitas". — A pátria de Rebeca era uma cidade florescente.

53

Capítulo 6 A grande viagem para Canaã.

Um caminho de caravanas com 1.000 quilômetros de extensão. — Hoje são necessários quatro vistos para percorrê-lo. — A Terra da Púrpura. — Expedições primitivas contra os "habitantes da areia". — Majestosas cidades marítimas e um interior irrequieto. — "Best seller" egípcio sobre Canaã. — Sinuhe elogia a Boa Terra. — Jerusalém em inscrições mágicas de vasos. — Castelos defensivos. Sellin encontra Siquém. — Abraão escolhe o caminho das montanhas.

62

Capítulo 7 Abraão e Lot na Terra da Púrpura.

Fome em Canaã. — Quadro de uma família do tempo dos patriarcas. — Licença de imigração para pastorear no Nilo. — Mistério de Sodoma e Gomorra. — Mr. Lynch explora o mar salgado. — A maior fenda existente na crosta da terra. — Bosques submersos no Mar Morto. — O vale de Sidim mergulhou no abismo. — Colunas de sal no Jebel Usdun. — Junto ao terebinto de Abraão.

74

II — No Reino dos Faraós — *De José a Moisés*

Capítulo 1 José no Egito.

Putifar teve um modelo? — O Papyrus Orbiney. — Os hicsos, soberanos do Nilo. — José, funcionário de uma potência de ocupação. — Silos de trigo, patente egípcia. — Constatados os sete anos de fome. — Instalações em Gessen. — Bahr Yusuf, o canal de José. — O nome "Jakob-her" em escarabeus. — A história de José.

87

Capítulo 2 Quatrocentos anos de silêncio.

O novo despertar da terra do Nilo. — Tebas desencadeia a insurreição. — Expulsão dos hicsos. — O Egito torna-se grande potência internacional. — A cultura indica no estado de Mitâni. — Nefertiti foi princesa indo-árca? — Os "filhos de Het" no Hális. — Uma viúva de faraó ansiosa por casar. — Primeiro pacto de não agressão do mundo. — Um cortejo nupcial hitita através de Canaã.

95

Capítulo 3 Trabalho escravo em Pitom e Ramsés.

José estava morto há muito tempo. — Notícia ilustrada na cripta dos príncipes. — A cidade escrava de Pitom em textos egípcios. — Nova capital no delta do Nilo. — Fraude motivada pelo furor de construir e pela vaidade. — Montet descobre Ramsés, cidade dos escravos. — Moisés escrevia-se "ms". — Uma história mesopotâmica da cestinha. — Moisés emigra para Madiã. — Flagelos que ocorrem no país do Nilo.

103

III — Quarenta anos no deserto — *Do Nilo ao Jordão*

Capítulo 1 A caminho do Sinai.

Partida de Ramsés. — Dois teatros do milagre do mar. — Vestígios de vaus na região do canal de Suez. — Três dias de sede. — Bandos de codornizes no tempo de migração das aves. — Uma expedição esclarece o fenómeno do maná. — Um centro mineiro egípcio no Sinai. — O alfabeto do templo de Hator.

111

Capítulo 2 Junto ao monte de Moisés.

A "Pérola do Sinai". — Israel contou 6.000 homens. — Água tirada dum rochedo. — Técnica empírica dos nômades. — A "sarça ardente" é uma planta que gera gás? — No vale dos monges e dos eremitas. — A grande maravilha.

121

Capítulo 3 Sob o céu da estepe.

Sinai-Cadés, 230 km. — Duas fontes no grande ponto de parada. — Tropa de espias para Hebron. — O cacho de uva era uma cêpa. — Povos estrangeiros. — Uma felafna descobre o arquivo de Amarna. — Cartas de príncipes indo-árabes cananeus. — Uma colônia hurrita entre as tórras de petróleo de Kirkuk. — O relato dos observadores dá motivo a nova decisão. — O "deserto" bíblico era estepe.

125

Capítulo 4 Ao limiar da Terra Prometida.

A partida da nova geração. — Novo plano estratégico. — Pedido de passagem a Edom. — Avanço pela Jordânia oriental. — O "leito de ferro" do rei Og. — Descoberta de dólmenes em Amman. — Moab manda suas filhas. — O culto de Baal em Canaã. — Moisés contempla a Terra Prometida. — Acampamento diante de Jericó.

131

IV — A luta pela Terra Prometida — *De Josué a Saul*

Capítulo 1 A entrada de Israel em Canaã.

O mundo pelo ano 1200 a. C. — A débil Canaã. — Os primeiros ferrageiros. A travessia do Jordão. — A fortaleza de Jericó, a cidade mais antiga do mundo. — Discussão de sábios sobre muros em ruínas. — Camadas de cinzas como vestígios do caminho. — O faraó menciona "Israel" pela primeira vez. — Túmulos junto à aldeia de Josué.

137

Capítulo 2 Sob Débora e Gedeão.

Israel torna-se sedentário. — Obra de desbravamento nas montanhas. — Choças rústicas em vez de palácios. — Débora incita à insurreição. — Batalha na planície de Jezrael. — Vitória sobre os "carros de ferro". —

Vasos de Israel em Magedo. — Ataques de salteadores do deserto. — A tática salvadora de Gedeão. — Primeira batalha de camelheiros da história. — O camelo, recém-domesticado, torna-se um meio de transporte para grandes distâncias. 145

Capítulo 3 Os guerreiros de Caftor.

Krethi e Plethi. — Invasão dos povos marítimos. — A grande caravana do Egeu. — Conquistadores com carros de bois e navios. — Desaparece o reino dos hititas. — Cidades incendiadas na costa de Canaã. — Mobilização geral no Nilo. — O faraó Ramsés III salva o Egito. — A grande batalha marítima e terrestre. — Campos de concentração de prisioneiros e questionários. — Retrato de filisteus em ponto grande. 149

Capítulo 4 Sob o jugo dos filisteus.

Os filisteus na costa. — Objetos de cerâmica com desenhos de cisnes. — Bilhas de cerveja com tampa-filtro. — Monopólio de ferro rigorosamente protegido. — Os filisteus ocupam as montanhas. — Vestígios de incêndios em Silo. — A grande necessidade de escolher um rei. — Allenby vence seguindo a tática de Saul. — Surpresa dos turcos. — Albright encontra o Forte de Saul. — Dois locais de culto em Betsan. — O fim de Saul. 154

V — Quando Israel era um Grande Reino — De Davi a Salomão

Capítulo 1 O grande rei Davi.

Uma personalidade genial. — Poeta, compositor e músico. — De escudeiro a grande rei. — Auxílio armado involuntário à Assíria. — Do Orontes a Asiongaber. — Represália em Betsan. — Novas construções com muralhas tipo casamata. — Jerusalém caiu por astúcia. — Warren descobre um poço que conduz à cidade. — O "Sopher" tinha a seu cargo os anais do reino. — Davi chamava-se Davi? — A tinta como novidade. — O clima da Palestina é inimigo dos documentos. 161

Capítulo 2 Salomão, rei do cobre.

Expedição ao golfo de Akaba. — Minério de ferro e malaquita. — Glueck descobre Aziongaber. — As tempestades do deserto serviam de foles. — A Pittsburgo do antigo Israel. — Estaleiros no Mar Vermelho. — Hirã forneceu a madeira para a construção. — Capitães de navio de Tiro. — Ofir, a terra misteriosa. — Um retrato egípcio da rainha de Punt. — Os pesquisadores norte-americanos compram um "tell". — Escavações modelo em Magedo. — Jezrael, planície do destino. — Grandes cavalariaças reais com 450 baías. 169

Capítulo 3 A rainha de Sabá negocia com Salomão.

"Felix Arabia", terra misteriosa. — A trágica expedição de 10.000 romanos. — Exportador n.º 1 de especiarias. — A primeira notícia de Marib. — A

perigosa aventura de Halévy e Glaser. — Quando se rompeu a grande represa. — Uma expedição norte-americana ao Iêmen. — No templo da Lua em Sabá. — Camelos, os novos meios de transporte para grandes distâncias. — Conversações com Salomão para tratar de negócios de exportação. 182

Capítulo 4 Sôbre a pitoresca vida cotidiana de Israel.

Os filhos de Israel gostavam de enfeites. — Os segredos da "toilette" da Palestina. — Mirra e aloés para a alcova. — Jardins de bálsamo em Jericó. — Mastique, goma de mascar apreciada. — Os aronias de Canaã. — A cama foi inventada pelos egípcios. — Moinhos ruidosos. 188

VI — Dois Reis — Dois Reinos — De Roboão a Joaquim

Capítulo 1 A sombra duma grande potência nascente.

Desmorona-se o grande reino. — Uma fortaleza de fronteira entre Israel e Judá. — Napoleão diante do relatório do faró Sesac sôbre a Palestina. — Samaria, capital do Norte. — Testemunhos do "palácio de marfim" do rei Acab. — Um misterioso "terceiro homem". — Os árabes fragmentam a estela da vitória do antigo reino de Moab. — O hino triunfal de Mesa, rei dos carneiros. — A Assíria intervém. — O obelisco negro de Nemrod. — O rei Jeú num retrato assírio. — Remessa de vinho a Jeroboão II. — O profeta Amós adverte em vão. — A muralha de Samaria é levantada mais 10 m. 195

Capítulo 2 O fim do reino setentrional de Israel.

O soldado Ful torna-se Teglatfalazar III. — Governadores assírios sôbre Israel. — Samaria resiste três anos. — O cônsul Botta procura Nínive. — O rei burguês inaugura o primeiro museu assírio. — Caçando documentos ao luar. — A biblioteca de Assurbanipal. — Um povo é deportado. .. 210

Capítulo 3 Judá sob o jugo de Assur.

Esperanças com a morte de Sargão. — Um emplastro de figos cura o rei Ezequias. — Receita eficaz do Antigo Oriente. — Berodac Baladan, horticultor e rebelde. — Rearmamento secreto em Judá. — Aqueduto aberto nos rochedos de Jerusalém. — Uma inscrição no túnel aberto por Ezequias. — A sorte de Laquis contada em relevos de pedra. — Rodeiras de "tanques" assírios nas ruínas. — Uma retirada misteriosa. — Notícia de Heródoto sôbre o rei e o rato. — Starkey descobre um túmulo de empestados. — Senaquerib descreve o sítio de Jerusalém 219

Capítulo 4 Os cultos sedutores de Canaã.

A "abominação dos gentios". — As palavras duras dos profetas. — Filon de Biblos, testemunha. — O padre da Igreja, Eusébio, não é crido. — Um camponês ao lavrar a terra encontra Ugarit. — Uma poderosa cidade mari-

tima é destruída. — Schaeffer faz escavações no "morro de Funchal". — A biblioteca do sacerdote. — Três sábios decifram um alfabeto desconhecido. 231

Capítulo 5 Ninive, a grande potência, desmorona-se.

Assurbanipal saqueia Tebas. — Um império que se estende do Nilo ao Golfo Pérsico. — O "grande e glorioso Asnafar". — Caçador de feras com arco e flecha. — Esgota-se a força da Assíria. — Entre a pinça formada por duas potências. — Armam-se os medos e os caldeus. — Hordas de citas na Palestina. — A queda de Nínive. — Alívio no "Fértil Crescente". — Erro no texto bíblico. — Uma descoberta de Gadd em Londres. — O príncipe herdeiro Nabucodonosor de Babilônia. 236

Capítulo 6 Os últimos dias de Judá.

Primeira deportação. — O rei Joaquim nas relações da corte de Babilônia. — Uma descoberta feita no porão do museu de Berlim. — Segunda campanha punitiva. — Comunicados em barro. — Morte trágica de Starkey. — A técnica incendiária dos sapadores babilônios. — Mesa limpa para os arqueólogos. 243

VII — Do Exílio ao Reino dos Macabeus — De Ezequiel a João Hircano

Capítulo 1 A grande escola do exílio.

O sábio conselho do profeta Jeremias. — A firma Murashu & Filhos, de Nippur. — Taxa de juros de 20 %. — Os lavradores e criadores tornam-se negociantes. — Koldewey desenterra Babilônia. — Uma cidade como Nova York. — A maior cidade do Mundo Antigo. — Uma torre de 90 m de altura em Babel. — Câmara de comércio nos cais do Eufrates. 251

Capítulo 2 Extingue-se o Sol do Antigo Oriente.

Pelo ano 500 a. C. no Mundo Antigo. — Último impulso antes da queda. — Fuga para o passado. — Nabonid restaura antigos edifícios. — O primeiro museu do mundo em Ur. — Nasce o Ocidente. 257

Capítulo 3 Ciro, rei dos persas.

Dois sonhos célebres. — Ciro reúne a Média e a Pérsia. — As palavras escritas na parede. — Baltasar era apenas príncipe herdeiro. — Entrada pacífica em Babilônia. — A tolerância dos persas. 260

Capítulo 4 Regresso a Jerusalém.

Ciro decreta a liberdade. — A remigração dos 42.000. — Uma caravana de significação decisiva. — Árduo começo nas ruínas — Um túmulo solitário em Pasárgada. — A reconstrução do templo. — Império persa do Nilo à Índia. — Duncan encontra a obra de Neemias. — Apenas um estado sacerdotal. — Moedas judaicas com a coruja de Atenas. — Província persa durante dois séculos. 264

Capítulo 5 Sob a influência helênica.

Alexandre Magno na Palestina. — Um dique através do mar permite a conquista de Tiro. — Tôrres de assédio de 50 m de altura. — Alexandria, a nova metrópole. — Os Ptolomeus ocupam Judá. — 72 sábios traduzem a Bíblia. — Cinco livros de Moisés em grego. — A Versão dos Setenta (Septuaginta) foi feita em Faros. — Um estádio sob o templo. — Um sumo sacerdote na “casa dos jogos”. — Os lutadores judeus provocam escândalo. 271

Capítulo 6 Pela liberdade de crença.

Cobrador de impostos saqueia Jerusalém. — Culto de Zeus no templo. — A rebelião dos Macabeus. — Combate com elefantes junto a Belém. — Os americanos encontram Betsura. — Moedas de Antioquia nos escombros. — O fornecedor das cantinas de Rodes. — Pompeu assalta Jerusalém. — Judá torna-se província romana. 279

DO NOVO TESTAMENTO

I — Jesus de Nazaré

Capítulo 1 Palestina junto ao “Mare Nostrum”.

Província do “Imperium Romanum”. — Cidades gregas em terras do Jordão. — O Novo Testamento. — Uma narrativa tendenciosa. — O governador histórico. — Recenseamento cada 14 anos. 287

Capítulo 2 A estrêla de Belém.

Uma conjectura de Orígenes. — O cometa de Halley sobre a China. — A observação de Kepler em Praga. — Um mapa estelar achado em Sippar. — Notícia de astrônomos de Babilônia. — Os cálculos dos astrônomos modernos. — Geada de dezembro em Belém. 291

Capítulo 3 A fuga para o Egito.

Mataria perto do Cairo. — Uma horta famosa. — Lugar de peregrinação junto à bíblica On. — O jardim de bálsamo da rainha Cleópatra. 299

Capítulo 4 Em Nazaré da Galiléia.

Morte do rei Herodes. — “O mais cruel tirano”. — Agitações no país. — Contrôles das finanças em Jerusalém. — Sabino rouba o tesouro do templo. — Varo crucifica 2.000 judeus. — A cidade dos carpinteiros. — Onde Jesus cresceu. 301

Capítulo 5 João Batista.

O testemunho do Josefo. — Um casamento ilegal entre cunhados. — Mandado de prisão de Herodes Antipas. — O forte de Maquerunte em Moab.

— Na masmorra da morte. — A princesa Salomé. — Cafarnaum sobre o “mar”. — Ruínas no bosque de eucaliptos. — Os lugares em que Jesus ensinou.	304
---	-----

Capítulo 6 O caminho para Jerusalém, o processo e a crucificação.

Rodeio pela Jordânia oriental. — Na casa do publicano, em Jericó. — A vista do monte das Oliveiras. — A “maça” do sumo sacerdote. — O Procurador Pôncio Pilatos. — Vincent descobre o “Lithóstratos”. — Flagelação no pátio da Antônia. — A “mais horrível pena de morte”. — Coroa de espinheiro da Síria. — Uma bebida que insensibiliza. — Colapso cardíaco foi a causa da morte. — O “crurifragium” apressa o fim. — Túmulo solitário sob o Santo Sepulcro. — Tácito menciona “Cristo”. — O testemunho de Suetônio.	308
---	-----

Capítulo 7 O sudário de Turim.

Despójo de Constantinopla. — Descoberta feita no negativo fotográfico. — Provas realizadas por médicos legistas. — Uma prova científica de autenticidade.	317
--	-----

II — Do tempo dos apóstolos

Capítulo 1 Nas pegadas de Paulo.

Fabricante de panos de tenda em Tarso. — Um arco de triunfo em Antioquia. — Galácia, província romana. — Wood faz escavações em Éfeso. — No templo de Artemis. — As ruínas da porta de Filipos. — Na antiga Corinto. — Mercado de carne com tubos refrigeradores. — A “Sinagoga dos Judeus”. — Paulo é levado prêso para Roma.	321
---	-----

Capítulo 2 O túmulo de São Pedro.

O hipódromo de Calígula. — Quando Roma foi incendiada. — O monte Vaticano. — Um cemitério na Via Cornélia. — O imperador Constantino constrói uma igreja. — A nova basílica. — Um achado de Bernini no ano 1626. — A incumbência do Papa Pio XII. — Pesquisas do Dr. Kaas. — Escavações sob a basílica de São Pedro. — A descoberta mais importante da Arqueologia cristã.	327
---	-----

Capítulo 3 A destruição de Jerusalém.

Insurreição. — A Guerra dos Judeus. — Lutas na Galiléia. — Tito, comandante supremo. — Avançam 80.000 romanos. — Ordem de assaltar. — Parada diante das portas da cidade. — 500 crucificações diárias. — Circunvalação em torno de Jerusalém. — O espectro da fome. — Cai a fortaleza Antônia. — O templo em chamas. — A cidade é arrasada. — Entrada triunfal em Roma.	334
--	-----

APÊNDICE

Haja Luz.

A história da criação à luz da ciência moderna. — Os pesquisadores calculam o "princípio". — O Universo em expansão. — A fuga das nebulosas espirais. — Sobre a idade da nossa crosta terrestre. — Há de cinco a dez bilhões de anos. — Um discurso do Papa Pio XII. 347

Os rolos manuscritos do Mar Morto.

Uma ovelha desgarrada. — Os rolos manuscritos do Mar Morto. Harding e de Vaux no Wadi Qumran. — O Arcebispo Samuel vai a Chicago. — Físicos nucleares ajudam a determinar as datas. — A prova do linho no "relógio atômico". — Um livro de Isaías com 2.000 anos. — Rolos das escrituras dos profetas da época de Jesus. — Onda misteriosa de documentos. — No vale dos túmulos negros. — Concordância dos textos através de dois mil anos. 352

Reconstrução segundo a Bíblia.

Planejamento de acôrdo com o Antigo Testamento: — As fontes dos patriarcas servem aos colonos atuais. — O "mel das rochas". — Muros de pedra para coletar orvalho. — Nova exploração nas minas de Salomão. — Trabalho de pioneiros segundo o modelo bíblico. 357

Os mais antigos manuscritos do texto bíblico até agora descobertos. 361

Bibliografia 363

Procedência das gravuras 367

Índice Onomástico 369

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

"Eu sou Lamgi-Mari..." / Estela do Rei Mesa de Moab / Palácio de Tell Hariri / Palácio de Mari	entre págs. 48 e 49
Recipientes de barro danificados / Estátua de Ichup-illum ..	entre págs. 64 e 65
Monte Hermon / Fonte de Ain Qedeis / Rio Jordão	entre págs. 80 e 81
Colônia Industrial em Sodoma / Mar Morto / Ramsés II ..	entre págs. 96 e 97
Anches-en-Amon e Tutancâmon / Fotografia do Maná	entre págs. 128 e 129
Convento de S. ^{ta} Catarina, Monte Sinai / "Estrada real", Jordânia	entre págs. 144 e 145
Muralhas de Jericó / Desenterrando uma fachada em Jericó ..	entre págs. 160 e 161
"Colunas do Rei Salomão" / Extração de cobre / Escavações no Tel el-Mutesellim ...	entre págs. 176 e 177
Cavaliarias reais de Salomão / Templo de Salomão / Guerreiros hititas	entre págs. 208 e 209
W. F. Albright e W. Phillips / Templo no reino da Rainha de Sabá / Regras em pedra calcária	entre págs. 224 e 225

Recipientes de marfim para cosméticos / Pingentes de "Pôrto Branco" / Relêvo de Nínive	<i>entre págs. 256 e 257</i>
Castigo praticado por Sargão II / Muralhas de Samaria / Comunicação dum pôsto judeu / Lojas e Armazéns do séc. XV de Ugarit / Deusa de Canaã / Amuletos de ouro	<i>entre págs. 272 e 273</i>
Porta de Ishtar / Reconstrução de Babilónia	<i>entre págs. 304 e 305</i>
Prisioneiros retratados pelos artistas egípcios / Palácio do Rei Sargão II / Arco do Ecce-Homo, Jerusalém	<i>entre págs. 320 e 321</i>
Muro das Lamentações, Jerusalém / Sudário de Turim / Domo de Jerusalém	<i>entre págs. 336 e 337</i>
Fragmentos do Antigo Testamento / Colunatas dum foro, Gerasa / Altar da Basílica de São Pedro	<i>entre págs. 352 e 353</i>

MAPAS COLORIDOS

"O Fértil Crescente" pelo ano 2000 a. C.	<i>entre págs. 32 e 33</i>
Saída do Egito e Peregrinação dos filhos de Israel no Deserto	<i>entre págs. 112 e 113</i>
O Grande Reino do Rei Salomão 965 a 926 a. C.	<i>entre págs. 192 e 193</i>

DO ANTIGO TESTAMENTO

I

O Advento dos Patriarcas

De Abraão a Jacó

CAPÍTULO I

NA REGIÃO DO "FÉRTIL CRESCENTE"

Há quatro mil anos. — Continentes adormecidos. — O grande berço da nossa civilização. — Altas culturas do Antigo Oriente. — Havia muito tempo que se construíam tôrres escalonadas e pirâmides. — Plantações gigantescas irrigadas por canais artificiais. — Assalto de tribos árabes do deserto.

Se traçarmos uma linha curva que, partindo do Egito, passe pela Palestina e a Síria mediterrâneas e, seguindo depois até ao Tigre e o Eufrates, através da Mesopotâmia, desça até ao Golfo Pérsico, teremos uma meia-lua razoavelmente perfeita.

Há quatro mil anos, êsse poderoso semicírculo em redor do deserto da Arábia — denominado "Fértil Crescente" — abrigava grande número de culturas e civilizações ligadas umas às outras como pérolas de rutilante colar. Delas irradiou luz clara para a humanidade. Ali foi o centro da civilização desde a Idade da Pedra até à Idade de Ouro da cultura greco-romana.

Pelo ano 2000 antes de Cristo, quanto mais o olhar se afasta do "Fértil Crescente" mais esparsos são os vestígios de vida civilizada e de cultura. Dir-se-ia que os povos dos outros continentes dormiam como crianças prestes a despertar. No Mediterrâneo oriental já luz um clarão brilhante — em Creta floresce o domínio dos reis minóicos, fundadores da primeira potência marítima historicamente conhecida. Há mil anos já que a cidade de Micenas defende seus habitantes e uma segunda Tróia se ergue há muito sobre as ruínas da primeira. Nos vizinhos Balcãs, entretanto, apenas começou a primitiva Idade do Bronze. Na Sardenha e no ocidente da França os mortos são inumados em túmulos de pedras gigantescas. Êsses túmulos megalíticos são a derradeira manifestação considerável da Idade da Pedra.

Na Grã-Bretanha constrói-se o mais famoso santuário da época megalítica — o templo do sol de Stonehenge — cujo círculo de pedras gigantes, perto de Salisbury, é ainda hoje uma curiosidade envolta em lendas. Na Alemanha lavrava-se o solo com arados de madeira.

Ao pé do Himalaia extingue-se, bruxuleando, sobre o vale do Indo, a luz solitária duma ilha cultural. Através da China, através das vastas

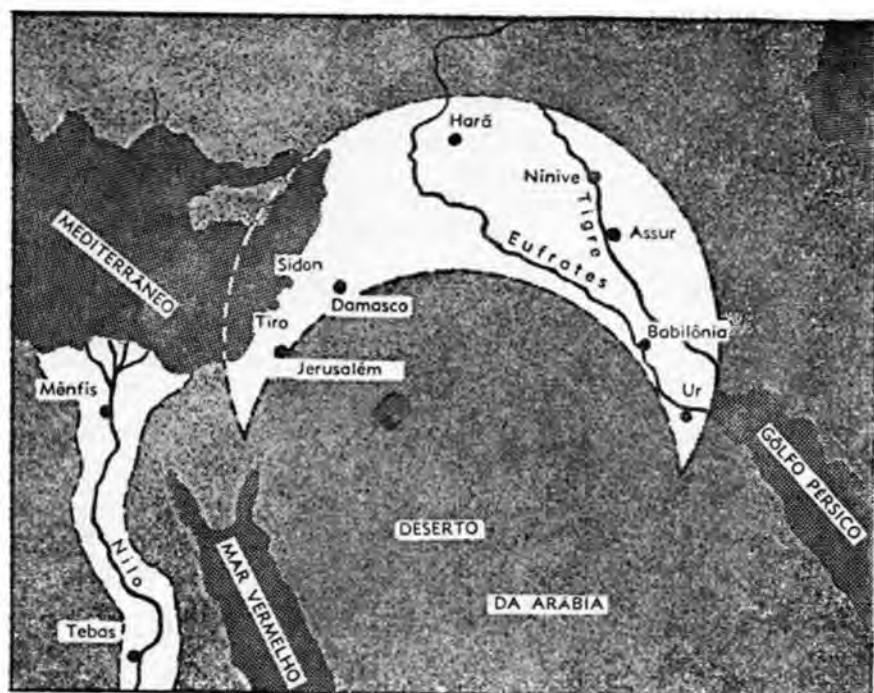


Fig. 1: O "Fértil Crescente" e o Egito, os grandes centros de civilização do mundo, pelo ano 2000 a. C.

estepes da Rússia, através da África, reina a escuridão. E além das águas do Atlântico dorme pesadamente o continente da América.

Enquanto isso, no "Fértil Crescente" e no Egito vive lado a lado uma multidão verdadeiramente confusa de culturas e civilizações altamente desenvolvidas. Há mil anos já que os faraós ocupam seu trono. Pelo ano 2000 a. C. reina aí Amenemat I, fundador da XII dinastia. Sua influência estende-se desde a Núbia, ao sul da segunda catarata do Nilo, passando a península do Sinai, até Canaã e à Síria, um domínio tão grande como a Noruega. Ao longo das costas do Mediterrâneo encontram-se as ricas cidades marítimas dos fenícios. Na Ásia Menor, no coração da atual Turquia, lançam-se os fundamentos do poderoso reino dos antigos hititas. Na Mesopotâmia, entre o Eufrates e o Tigre, dominam os reis da Suméria e de Acad, que têm como tributários os reinos menores desde o Golfo Pérsico às nascentes do Eufrates.

As imensas pirâmides do Egito e as imponentes tôrres escalonadas da Mesopotâmia já haviam assistido à passagem de séculos. Havia dois mil anos que fazendas e plantações de proporções tão consideráveis como

os grandes empreendimentos agrícolas de hoje produziavam cereais, legumes e os frutos mais seletos nos vales artificialmente irrigados do Nilo, do Eufrates e do Tigre. Por toda a parte, no "Fértil Crescente" e no reino dos faraós, era cultivada a arte da escrita cuneiforme e hieroglífica. Serviam-se dela os poetas e os funcionários da corte e da administração governamental; para o comércio havia muito se tornara indispensável. O ativo intercâmbio de mercadorias realizado pelos grandes importadores e exportadores da Mesopotâmia e do Egito, pelos caminhos das caravanas e pelas rotas de navegação, desde o Golfo Pérsico à Síria e à Ásia Menor, desde o Nilo, pelo mar, até Chipre e Creta, e, mais para lá, até ao Mar Negro, reflete-se hoje na correspondência comercial gravada em barro e papiros. As mercadorias mais procuradas entre a profusão de artigos eram o cobre das minas egípcias da montanha do Sinai, a prata das minas da Cordilheira do Tauro, ouro e marfim da Somália, na África Ocidental, e da Núbia, no Nilo, tintas de púrpura das cidades fenícias do litoral de Canaã, incenso e especiarias raras do sul da Arábia, magnífico linho dos teares egípcios, e vasos maravilhosos da Ilha de Creta.

A poesia e a ciência estavam em pleno florescimento. No Egito surgia a primeira literatura de passatempo e a primeira poesia mundana. A Mesopotâmia já experimentava o seu renascimento. Os filólogos de Acad, o grande reino do Eufrates inferior, compunham a primeira gramática e o primeiro dicionário bilingüe. A lenda de Gilgamés, as lendas da Criação e do Dilúvio dos antigos sumérios, escritas em acádio — a língua do mundo de então — tornaram-se epopéias cheias de emoção dramática. Os médicos egípcios guiavam-se por livros de receitas para prepararem seus remédios de plantas de valor curativo comprovado; os cirurgiões discorriam entre si sobre conhecimentos anatômicos. Os matemáticos da terra do Nilo conseguiam, pelo método empírico, fazer aquele mesmo cálculo dos lados do triângulo que só meio milênio depois deles o grego Pitágoras fixaria no axioma que tem o seu nome. Os engenheiros da Mesopotâmia resolviam, com base na prática, o problema do cálculo do quadrado. Os astrônomos determinavam, se bem que a serviço da Astrologia, mas baseados em observações exatas, as órbitas dos planetas!

Profunda devia ser a paz e grande o bem-estar desse mundo do Nilo, do Eufrates e do Tigre, pois até essa época não se encontrou nenhuma inscrição que falasse de grandes acontecimentos guerreiros.

Mas no coração desse poderoso e "fértil crescente", nas vastidões ofuscantes e áridas do deserto da Arábia, lá onde ele é banhado pelas águas do Oceano Índico, desencadeou-se com poderoso ímpeto, avançando para o norte e para o noroeste, para a Mesopotâmia, para a Síria e a Palestina, uma avalanche de povos e tribos nômades de raça semítica.

Em ondas sucessivas, os amoritas, ou “ocidentais”, que era o que significava o seu nome, êles se espraíram para os reinos do “Fértil Crescente”.

O reino dos *reis de Suméria e Acad* caiu em 1960 a. C. sob os seus ataques obstinados. Os amoritas fundaram uma série de estados e dinastias. Uma destas viria finalmente a atingir o predomínio: a primeira dinastia de Babilônia, o grande centro de poder de 1830 a 1530 a. C. Seu sexto rei foi o famoso Hamurábi.

Entretanto, uma dessas tribos nômaes semitas estava destinada a adquirir uma importância decisiva para milhões e milhões de pessoas em todo o mundo até nossos dias. Era um pequeno grupo, talvez apenas uma família, desconhecida e insignificante qual minúsculo grão de areia na tempestade do deserto: a família de *Abraão*, pai dos patriarcas!

CAPÍTULO 2

A BÍBLICA "UR DOS CALDEUS"

Uma estação na estrada de ferro de Bagdá. — A torre escalonada de tijolos. — Ruínas com nomes bíblicos. — Os arqueólogos procuram os sítios citados na Sagrada Escritura. — Um cônsul armado de picareta. — Um arqueólogo no trono de Babilônia. — Expedição ao Tell al Muqayyar. — Livros de história arrancados dos escombros. — Recibos de impostos gravados em barro. — Abraão era cidadão duma metrópole?

Tomou, pois, Taré a seu filho Abraão e a Lot, seu neto, filho de Haran, e a Sarai, sua nora, mulher de Abraão, seu filho, e fê-los sair de Ur dos Caldeus. (Gên. 11-31).

...e fê-los sair de Ur dos Caldeus. Assim soa aos ouvidos dos cristãos há quase dois mil anos. Ur, um nome tão misterioso e lendário como os numerosos e desnorteantes nomes de reis e chefes guerreiros, de reinos poderosos, de templos e palácios recobertos de ouro de que nos fala a Bíblia. Ninguém sabia onde ficava Ur. A Caldéia ficava, sem dúvida, na Mesopotâmia. Há trinta anos ainda ninguém podia imaginar que a busca da Ur bíblica conduziria à descoberta de uma cultura que penetra no crepúsculo dos tempos pré-históricos ainda mais para lá que os mais antigos testemunhos humanos do Egito.

Atualmente Ur é uma estação de estrada de ferro, 180 quilômetros ao norte de Bassorá, perto do Golfo Pérsico, uma das muitas estações da célebre estrada de ferro de Bagdá. O trem regular faz uma breve parada ali ao romper da aurora. Quando se extingue o ruído das rodas do trem, que continua em seu trajeto para o norte, o viajante que aí desembarca é envolvido pelo silêncio do deserto.

Seu olhar desliza pela monotonia pardo-amarelada de intermináveis planícies de areia. É como se se encontrasse no meio dum prato raso, riscado apenas pelos carris da via férrea. Um único ponto altera a vastidão ondulante e desolada: iluminado pelo sol nascente, avulta no meio do deserto um imenso tóco vermelho fôsko, o qual apresenta profundas mossas como produzidas por um titã.

Para os beduínos é bem familiar êsse morro solitário em cujas fendas, lá no alto, fazem ninho as corujas. Eles o conhecem desde tempos imemoriais e chamam-no Tell al Muqayyar, "Monte dos Degraus". Seus

antepassados levantavam as suas tendas junto d'êle. Parece que desde tempos incalculáveis êle oferece abrigo acolhedor contra as perigosas tempestades de areia. Junto d'êle acampam ainda hoje os beduínos com seus rebanhos, se uma temporada de chuva faz a erva brotar súbita e milagrosamente do solo.

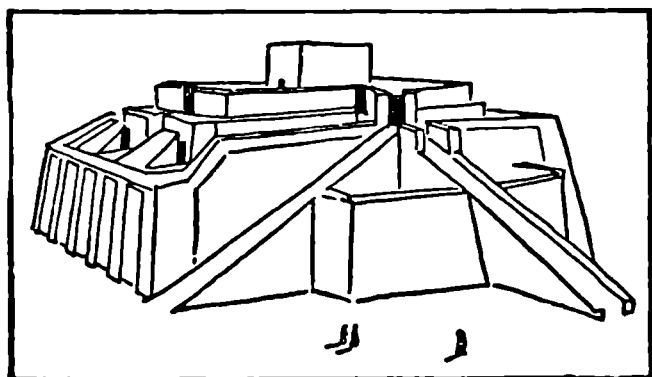


Fig. 2: A grande tórre escalonada de Ur (Reconstrução).

Outrora — há quatro mil anos — ondulavam aqui vastos campos de trigo e cevada, estendiam-se culturas de hortaliças e bosques de palmeiras e figueiras até onde a vista alcançava. Eram culturas imensas, que podiam comparar-se, sem exagêro, às lavouras de trigo canadenses e às plantações de legumes e frutas californianas. O luxuriante verdor dos campos e terraços era atravessado por um sistema de canais e fossos retilíneos, obras-primas da arte da irrigação. Já em plena Idade da Pedra os peritos entre os seus habitantes sabiam aproveitar as águas dos grandes rios, desviando com habilidade e inteligência o precioso líquido de suas margens e transformando, assim, regiões desertas em lavouras de vegetação paradisíaca.

Nesse tempo, quase escondido por bosques de palmeiras umbrosas, passava por aqui o Eufrates. Este grande prodigalizador de vida era portador de um intenso tráfego naval até ao mar. Naquele tempo o Golfo Pérsico penetrava muito mais para dentro pelas embocaduras do Eufrates e do Tigre. Já antes de ser construída a primeira pirâmide do Nilo o Tell al Muqayyar se erguia imponente em seu pósto. Quatro enormes cubos, de quase 25 metros de altura, se erguiam uns sôbre os outros, diminuindo gradualmente, recobertos de ladrilhos de côres maravilhosas. Sôbre o negro da base quadrangular, de uns 40 metros de lado, os escalões superiores, ornados de árvores, eram vermelhos e azuis. O último escalão formava um pequeno terraço, em cima do qual, coberto por um teto dourado, havia um santuário.

O silêncio reinava sôbre êsses lugares dedicados ao culto, onde os sacerdotes oficiavam no sacrário de Nannar, o deus da Lua. Os ruídos

de uma das mais antigas cidades do mundo, a rica metrópole de Ur, mal chegavam até lá.

No ano de 1854 dirigia-se para o solitário morro vermelho uma caravana de camelos e jumentos com uma carga incomum de pás, picaretas e aparelhos de medir, sob a direção do cônsul inglês em Bassorá. Mr. J. E. Taylor não estava ali por espírito de aventura nem, tampouco, por sua própria vontade. Era por encargo do *Foreign Office* que êle fazia essa viagem, a fim de satisfazer desejo do Museu Britânico de Londres de que fôsse explorado o sul da Mesopotâmia — a terra onde o Eufrates e o Tigre se avizinham cada vez mais um do outro ao se aproximarem do Golfo Pérsico — em busca de antigos monumentos arquitetônicos. Em Bassorá, Taylor tinha ouvido falar muitas vêzes sôbre o estranho e imenso monte de pedras de que se aproximava nesse momento. Parecia-lhe um objeto adequado para a sua expedição.

Pela metade do século dezenove iniciaram-se pesquisas e escavações por tôda a parte, no Egito, na Mesopotâmia e na Palestina, obedecendo a um desejo súbitamente surgido de formar uma idéia cientificamente alicerçada sôbre a história da humanidade naquela parte do mundo. O objetivo de uma vasta série de expedições foi o Oriente Próximo.

Até então, desde o ano 550 a. C. aproximadamente, a Bíblia fôra a única fonte de informações sôbre a história da Ásia Menor. Só ela falava de tempos que se perdiam nas sombras do passado. Surgiam na Bíblia povos e nomes de que nem os gregos e romanos antigos tinham mais notícia alguma.

Pelos meados do século passado foram atraídas irresistivelmente para as terras do Antigo Oriente multidões de eruditos. Ninguém conhecia os nomes que em breve andariam em tôdas as bôcas. Os homens do "Século das Luzes" ouviam com assombro a respeito de seus achados e descobertas. O que aquêles homens arrancaram, a poder de continuo e árduo trabalho, das areias do deserto ao longo dos grandes rios da Mesopotâmia e do Egito, chamou com justiça a atenção de milhões e milhões: ali a ciência abria pela primeira vez a porta do misterioso mundo da Bíblia.

O agente consular francês em Mossul, Paul-Émile Botta, é um arqueólogo inspirado. Em 1843 êle inicia escavações em Corsabad, no Tigre, e traz à luz do dia, das ruínas duma metrópole de quatro mil anos, em todo o seu esplendor, os primeiros testemunhos da Bíblia: Sargão, o lendário soberano da Assíria. *No ano em que Tartan, enviado por Sargão, rei dos assírios, foi contra Azot...*, diz Isaías, 20-1.

Dois anos depois, um jovem diplomata e explorador inglês, A. H. Layard, pôs a nu Nemrod (Kalchu), a cidade que na Bíblia se chama Cale (Gên. 10-11) e agora tem o nome do bíblico *Nemrod, um robusto caçador diante do Senhor. O princípio do seu reino foi Babilônia, e Arac, e Acad, e Calane, na terra de Senaar. Daquela terra foi para As-sur, e edificou Ninive, e as praças da cidade, e Cale...* (Gên. 10-10, 11).

Pouco tempo depois, escavações realizadas a 11 quilômetros de Cor-sabad, sob a direção do major inglês Henry Creswicke Rawlinson, que se tornou um dos assiriólogos mais notáveis, puseram a descoberto a capital assíria de Nínive e a célebre biblioteca do rei Assurbanipal. É a Nínive da Bíblia, cuja maldade os profetas verberaram repetidamente (Jonas 1-2).

Na Palestina o sábio americano Edward Robinson dedica-se, nos anos de 1838 e 1852, à reconstituição da antiga tipografia.

O alemão Richard Lepsius, posteriormente diretor do Museu Egípcio de Berlim, registra, numa expedição que se prolonga de 1842 a 1846, os monumentos arquitetônicos do Nilo.

Depois de o francês Champollion ter conseguido decifrar os hieróglifos egípcios, por volta de 1850, é igualmente solucionado o mistério da escrita cuneiforme, entre outros por Rawlinson, o explorador de Nínive. Os velhos documentos começam a falar!

Mas voltemos à caravana que se aproxima do Tell al Muqayyar.

O cônsul Taylor manda armar as tendas junto ao morro vermelho. Ele não tem ambições nem preparo científico. Por onde deverá começar? Em que lugar poderá, com acerto, pôr as turmas de nativos a escavar? O grande montão de tijolos, obra-prima arquitetônica de um passado obscuro, não lhe diz nada como construção. É possível que no seu bôjo durma algo que mereça ocupar lugar num museu e interesse aos cavalheiros de Londres. Pensa vagamente em alguma velha estátua, em armas, adereços ou talvez até num tesouro oculto. Ataca o estranho morro e fá-lo martelar palmo a palmo. Nada indica existir um espaço vazio no interior. A enorme construção parece maciça. O bloco inferior ergue-se a prumo desde a areia a uma altura de quase dez metros. Duas largas rampas de pedra conduzem ao bloco imediatamente superior, um pouco menor, e acima dêste erguem-se um terceiro e um quarto.

Taylor sobe degrau após degrau, trepa de gatas, sob o sol escaldante, pelas quatro fendas, e encontra apenas tijolos quebrados. Banhado em suor, sobe um dia à plataforma superior; duas corujas espantadas levantam vôo das muralhas deterioradas pelo tempo. E é só. Mas ele não desanima. Em seus esforços para descobrir os mistérios da construção, toma uma decisão que hoje não podemos deixar de lamentar profundamente. Retira as turmas de trabalhadores da base do morro e põe-nas a trabalhar no alto.

O que os séculos pouparam, o que resistiu às tempestades de areia e ao sol ardente cai vítima das picaretas implacáveis. Taylor manda demolir os escalões superiores. A obra de demolição começa nos quatro cantos ao mesmo tempo. Dia após dia massas de tijolos quebrados caem com um ruído surdo junto à base. Um dia, depois de muitas semanas, cessa bruscamente a gritaria e o bater incessante das picaretas lá no alto. Precipitadamente, dois homens descem o morro e correm para a tenda de Taylor. Têm nas mãos uns pequenos bastões, cilindros de barro cozido. Taylor ficou decepcionado. Esperara mais. Depois de cuidadosa-

mente espanados, verifica que os rolos de barro estão inteiramente cobertos de inscrições — escrita cuneiforme! Ele não compreende nada daquilo, é claro, mas fica muito satisfeito. Devidamente acondicionados, os cilindros são remetidos para Londres. Mas os sábios do Tâmisá dão pouca importância a êsse achado. Não admira, pois naqueles anos os pesquisadores olham fascinados para o norte de Mesopotâmia, onde, no curso superior do Tigre, nos montes de Nínive e de Corsabad, estão vindo à luz do dia palácios e gigantescos relevos assírios, bem como milhares de tabuinhas de barro e estátuas que obscurecem tudo o mais. Que importância poderão ter os pequenos cilindros de barro do Tell al Muqayyar? Durante dois anos mais continua Taylor a procurar incansavelmente no Tell al Muqayyar, mas sem resultado. E então é chamado à pátria.

Só perto de setenta e cinco anos mais tarde o mundo virá a conhecer o tesouro imensurável que dorme sob aquêlê antigo morro artificial.

Pelo que diz respeito aos homens de ciência, o Tell al Muqayyar cai de novo no esquecimento. Mas não fica abandonado. Apenas Taylor se afasta, aí aparecem multidões de outros visitantes. Os muros destruídos e, sobretudo, os escalões superiores demolidos pelas turmas de Taylor oferecem uma conveniente e inesgotável mina de materiais de construção, incalculáveis e gratuitos, para os árabes, que ano após ano acozem de tôdas as partes e saem dali, com suas bêstas carregadas de tijolos. Moldados há muitos séculos, êles apresentam ainda legíveis os nomes de Ur-Nannu, o primeiro grande construtor, e de Nabonid, o soberano babilônio que restaurou a torre escalonada a que chamavam *zigurat*. As tempestades de areia, o vento e o ardor do sol acabam a obra de destruição.

Quando, em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, tropas inglesas em marcha para Bagdá vêm acampar nas proximidades da velha construção, seu primitivo aspecto está tão mudado, tão arrasada, demolida e saqueada foi durante as décadas que decorreram desde 1854, que um dos soldados pôde realizar uma pequena façanha. O perfil recordado dos antigos escalões desapareceu de tal modo que o soldado consegue escalar a elevação que resta montado num burro.

Por um feliz acaso, encontra-se entre os oficiais da tropa um especialista, R. Campbell Thompson, do Serviço de Informações do Exército da Mesopotâmia. Na paz êle é assistente do Museu Britânico. Com segurança de técnico, Thompson explora o gigantesco monte de tijolos e vê, consternado, a deterioração ocorrida. Exames do solo nos arredores do Tell permitem-lhe adivinhar outros fundamentos, ruínas e cidades sob a areia do deserto. Thompson registra cuidadosamente as suas observações e envia uma comunicação urgente para Londres. Isso induz a espanar os modestos e pequenos cilindros de barro, já quase caídos no esquecimento, e, desta vez, a examiná-los com grande diligência. As

inscrições contém uma informação interessantíssima e, ao mesmo tempo, uma história curiosa.

Quase dois mil e quinhentos anos antes do cônsul Taylor, outro homem havia buscado e rebuscado no mesmo lugar e com igual interesse! Cultor dos antigos, homem célebre, soberano de um grande reino e arqueólogo, tudo numa só pessoa, tal era o rei Nabonid de Babilônia, que viveu no século VI a. C. Verificou ele que “o zigurat já era velho então”. Mas Nabonid procedeu de modo diferente de Taylor. “Mande reconstruir a estrutura segundo o que fôra nos velhos tempos, com argamassa e tijolos queimados”. Quando a velha torre escalonada ficou reconstruída, mandou gravar o nome do primeiro construtor justamente naqueles cilindrozinhos de barro. Ele se chamara, verificou o babilônio por algumas inscrições que pudera decifrar, rei Ur-Nannu! Ur-Nannu? Seria o construtor da grande torre escalonada, rei da Ur de que fala a Bíblia, soberano da Ur dos Caldeus?

A suposição aproxima-se da verdade. Porque depois, o mesmo nome bíblico aparece várias vezes. Também mencionam Ur documentos encontrados em outras escavações realizadas na Mesopotâmia. Deve ter sido, segundo referem os textos cuneiformes, a capital da grande nação dos sumérios. Surge então um grande interesse pelo devastado Tell al Muqayyar. Os sábios do Museu da Universidade de Pensilvânia (E.U.A.) juntam-se aos arqueólogos do Museu Britânico na insistência para que se façam novas escavações. É muito possível que a torre escalonada do baixo Eufrates esconda o mistério do desconhecido povo dos sumérios... e da bíblica Ur! Mas só em 1923 pode um grupo de arqueólogos anelo-americano partir para lá. Eles são poupados à penosa viagem em oscilante lombo de camelo, pois viajam pela estrada de ferro de Bagdá. Pela estrada de ferro chegam também todos os apetrechos — vagonetas, trilhos, picaretas, cestas.

Os arqueólogos dispõem de uma verba que lhes permitirá escavar uma extensa região. Começam as escavações metódicamente e em grande escala. Como esperam grandes descobertas, contam com trabalho para vários anos. A expedição é dirigida por Sir Charles Leonard Woolley. Este inglês, de 43 anos, obteve as suas primeiras consagrações em viagens de pesquisas e escavações no Egito, na Núbia e Carquemis, no alto Eufrates. Para esse homem competente e bem sucedido o Tell al Muqayyar virá a ser a grande tarefa da sua vida. Woolley não dirige sua atenção principal para a torre escalonada como décadas atrás fez o diligente mas desavisado Taylor. Sua investigação concentra-se sobretudo naquelas elevações achatadas que se erguem a seus pés na extensa planície de areia.

Aos olhos educados de Woolley não escapa sua forma singular: elas parecem pequenos planaltos. Planas em cima, suas vertentes são quase simétricas. Existe esse tipo de outeiros, em número incalculável, grandes e pequenos, em todo o Oriente Próximo, às margens dos grandes cursos d'água, em meio a planícies férteis, nas trilhas e caminhos por onde, desde tempos imemoriais, as caravanas atravessam a região. Nin-

guém até hoje os contou. Encontram-se desde o delta formado pelas desembocaduras do Tigre e do Eufrates; no Gôlfo Pérsico, até às terras altas da Ásia Menor, onde o Rio Hális se projeta no Mar Negro; existem nas costas do Mediterrâneo oriental, nos vales do Líbano, às margens do Orontes, na Síria, e na bacia do Jordão, na Palestina.

Essas elevações de terreno são as grandes e cobiçadas minas dos arqueólogos, até agora inesgotáveis. Não são formações naturais e sim produtos artificiais, amontoados pela sucessão de inúmeras gerações que viveram antes de nós, gigantescos montes de escombros e refugos de outrora, formados pelos restos de choupanas e casas, muros de cidades, templos ou palácios. Cada uma dessas colinas adquiriu gradualmente sua forma, mais ou menos do mesmo modo, no decorrer de longos séculos, de milênios até. Em dado momento, uns homens edificaram ali um primeiro povoado, que foi destruído pela guerra ou pelo fogo ou foi abandonado por seus habitantes. Vieram conquistadores ou novos colonos e se estabeleceram no mesmo local. Gerações após gerações foram construindo assim no mesmo sítio suas povoações e cidades, umas sobre as outras. No curso dos tempos as ruínas e escombros de inumeráveis povoações foram-se amontoando camada sobre camada, metro após metro, até formarem uma colina. Os árabes chamam "tell" a esses montes artificiais. Já na antiga Babilônia essa palavra era usada para o mesmo fim. Tell significa "pilha". Na Bíblia encontramos a palavra no livro de Josué, cap. 11-13. Na narrativa da conquista de Canaã fala-se de cidades *que estavam situadas nas colinas*. A palavra usada é "tulul" — ou seja, o plural de "tell". Os árabes sabem distinguir perfeitamente o tell dos relevos naturais do terreno, a que chamam "jebel".

Cada tell é, por assim dizer, um livro de história mudo. Suas camadas de terreno são para os arqueólogos como folhas de antiquíssimo calendário, de posse do qual eles podem reconstituir claramente o passado página por página. Cada camada, se aprendemos a ler os seus indícios, fala da época, da vida, dos costumes, da habilidade artística, da cultura e civilização de seus habitantes. E nisso os arqueólogos têm chegado, com o tempo, a resultados verdadeiramente espantosos.

Pedras, talhadas ou não, tijolos ou restos de barro mostram como se construía. Até as pedras carcomidas pelo tempo e os restos esfarelados de tijolos permitem deduzir com precisão o traçado das construções. Manchas escuras mostram onde outrora a lareira irradiou seu clarão acolhedor.

Vasos quebrados, armas, utensílios domésticos e ferramentas, que se encontram por toda a parte entre os escombros, contribuem com a sua parte para ajudar a investigação detectivesca do passado.

Hoje em dia se conhecem com tanta exatidão as diferentes formas, côres e desenhos de potes e vasos, que a cerâmica se tornou o verdadeiro cronômetro arqueológico número um. Cacos isolados, pequenos fragmentos mesmo, às vezes, permitem estabelecer datas com precisão. Até ao segundo milênio a. C. o limite máximo de erro relativamente à determinação de datas não vai além de cinquenta anos!

No decorrer das primeiras escavações do século passado, perderam-se documentos inapreciáveis, porque não se dava atenção alguma aos cacos, considerados sem valor. Eram postos de lado. Importantes para os arqueólogos daquele tempo eram apenas os grandes monumentos, os relevos, as estátuas ou os tesouros. Assim se perderam para sempre muitos objetos preciosos. O precursor dos exploradores da Antiguidade, Heinrich Schliemann, é um exemplo disso. Possuído de ardente orgulho, ele tinha apenas uma coisa em vista: encontrar a Tróia de Homero. Dispondo as suas turmas em colunas, atacou a terra em profundidade. Camadas que poderiam ter tido grande significação como "calendário" eram removidas como entulho inútil. Por fim, Schliemann arrancou da terra um tesouro precioso que maravilhou o mundo inteiro. Não era, porém, como ele acreditara, o tesouro de Príamo. O achado procedia de uma época muitos séculos anterior. Na sua ânsia de sucesso, Schliemann havia cavado fundo demais. Comerciante tóda a sua vida, Schliemann era um adventício, um leigo. Mas os próprios especialistas não faziam melhor no princípio. Só de poucos decênios para cá os arqueólogos começaram a trabalhar segundo um sistema estabelecido pela experiência. Começando de cima, examina-se o solo do tell centímetro por centímetro, estudam-se um por um os menores fragmentos e cacos de barro. A seguir faz-se um profundo corte na colina. As camadas de diferentes côres apresentam-se aos olhos do explorador como uma torta cortada e permitem ao entendido uma primeira visão retrospectiva da história dos estabelecimentos humanos aí sepultados. Foi obedecendo a essa rotina já consagrada que no ano de 1923 a expedição anglo-americana começou a trabalhar no Tell al Muqayyar.

Nos primeiros dias de dezembro levantou-se uma nuvem de pó sôbre os montes de entulho a leste do *zigurat*, a poucos passos apenas da larga rampa por onde outrora os sacerdotes se dirigiam, em procissão solene, ao sacrário de Nannar, o deus da Lua. Levada por um vento leve, a nuvem se espalhou e em breve pareceu que a velha tórre escalonada estava tóda envôlta em tênue nebulosidade. Era areia fina que, reinovida por centenas de pás, indicava que a grande escavação havia começado.

Desde o momento em que a primeira pá foi cravada no solo, tóda a colina se envolveu logo numa atmosfera de ansiosa expectativa. Cada escavação semelha uma viagem a um reino desconhecido que ninguém sabe que surpresa reserva ao explorador. O próprio Woolley e seus colaboradores não podiam dominar a impaciência. O suor e as fadigas empregados nessa colina seriam compensados por importantes descobertas? Ur lhes desvendaria os seus mistérios? Nenhum dêles podia imaginar que isso lhes tomaria seis longos invernos de trabalho árduo, até à primavera de 1929. Essa escavação em grande escala, ao sul da Mesopotâmia, viria a desvendar, capítulo por capítulo, aquêles tempos distantes em que se formou nova terra no delta dos dois grandes rios e aí se

estabeleceram os primeiros povoadores humanos. Ao longo do penoso caminho da pesquisa, que retrocedeu no tempo até sete mil anos atrás, tomariam forma, por mais de uma vez, acontecimentos e nomes de que nos fala a Bíblia.

A primeira coisa que apareceu à luz do dia foi um recinto sagrado com os restos de cinco templos que outrora envolviam num semicírculo o *zigurat* construído pelo rei Ur-Nannu. Os exploradores pensaram tratar-se de fortalezas, tão poderosos eram os seus muros. O maior, ocupando uma superfície de 100 por 60 metros, era consagrado ao deus da Lua, outro templo ao culto de Nin-Gal, deusa da Lua e espôsa de Nannar. Cada templo tinha um pátio interior, circundado por uma série de compartimentos. Nêles se encontravam ainda as antigas fontes, com longas pias calafetadas a betume, e profundos talhos de faca nas grandes mesas de tijolo que permitiam ver onde eram mortos os animais destinados ao sacrifício. Em lareiras situadas nas cozinhas dos templos êsses animais eram preparados para o repasto sacrificial comum. Havia até fornos para cozer pão. "Depois de 38 séculos", observou Woolley em seu relatório da expedição, "podia-se acender o fogo ali outra vez e as mais antigas cozinhas do mundo podiam ser utilizadas novamente".

Hoje em dia, as igrejas, os tribunais, a administração das finanças, as fábricas são instituições rigorosamente independentes entre si. Em Ur era diferente. O recinto sagrado, a circunscrição do templo, não era dedicada exclusivamente ao culto dos deuses. Fora os atos do culto, os sacerdotes desempenhavam muitas outras funções. Além das oferendas, recebiam os "dízimos" e os impostos. E isso não se fazia sem o devido registro. Cada entrega era anotada em tabuinhas de barro — certamente os primeiros recibos de impostos que se conhecem. Sacerdotes escribas englobavam essa coleta de impostos em memorandos semanais, mensais e anuais.

O dinheiro cunhado ainda não se conhecia. Os impostos eram pagos em espécie: cada habitante de Ur pagava à sua maneira. O azeite, os cereais, as frutas, a lã e o gado iam para vastos depósitos, os artigos de fácil deterioração eram guardados em estabelecimentos comerciais existentes no templo. Muitas mercadorias beneficiavam-se no próprio templo, como, por exemplo, nas tecelagens dirigidas por sacerdotes. Uma oficina produzia doze espécies diferentes de vestes. Nas tabuinhas ali encontradas estavam anotados os nomes das tecelãs empregadas e os meios de subsistência conferidos a cada uma. Até o peso de lã confiado a cada operária e o número de peças de roupa prontas que daí resultava eram registrados com minuciosa precisão. No edifício dum tribunal foram encontradas, cuidadosamente empilhadas, cópias de sentenças, tal como se faz em nossos tribunais de hoje.

Havia já três invernos que a expedição anglo-americana trabalhava nos sítios da velha Ur e êsse singular museu da história primitiva da humanidade ainda não revelara todos os seus segredos. Fora do recinto do templo os exploradores experimentaram uma surpresa inaudita.

Ao limparem do entulho uma série de colinas ao sul da tórre escalonada, surgiram de repente diante dos seus olhos paredes, muros e fachadas dispostas umas ao lado das outras, fila após fila. Pouco a pouco, as pás puseram a descoberto na areia um compacto quadrado de casas cujas ruínas mediam ainda em algumas partes três metros de altura. Entre elas passavam estreitas ruelas. De vez em quando, as ruas eram interrompidas por praças.

Depois de muitas semanas de trabalho árduo e remoção de inúmeras toneladas de cascalho, apresentou-se aos olhos dos escavadores um quadro inesquecível.

Sob o avermelhado Tell al Muqayyar estendia-se ao sol brilhante tôda uma cidade, despertada pelos incansáveis pesquisadores após um longo sono de milênios! Woolley e seus colaboradores ficaram fora de si de alegria. Pois diante dêles estava Ur, aquela *Ur dos Caldeus* de que a Bíblia falava!

E como seus habitantes moravam confortavelmente! Como eram vistosas as suas casas! Em nenhuma outra cidade da Mesopotâmia vieram à luz do dia habitações tão esplêndidas e confortáveis.

Comparadas com elas, as habitações que se conservaram de Babilônia parecem pobres, miseráveis mesmo. O Professor Koldewey, nas escavações alemãs realizadas no princípio dêste século, só encontrou construções simples de barro, de um andar, com três ou quatro cômodos, em volta de um pátio aberto. Assim vivia também a população da tão admirada e louvada metrópole do grande babilônio Nabucodonosor. Os cidadãos de Ur, ao contrário, já 1.500 anos antes viviam em construções maciças em forma de vilas, a maioria de dois andares, com 13 a 14 cômodos. O andar inferior era sólido, construído de tijolos cozidos no forno, o de cima, de barro, as paredes caiadas de branco.

O visitante transpunha a porta e entrava num pequeno vestíbulo, onde havia pias para lavar a poeira das mãos e dos pés. Daí passava ao grande e claro pátio interior, cujo chão era lindamente pavimentado. Em volta dêle se agrupavam a sala de visitas, a cozinha, as demais salas e quartos também para os criados e o santuário doméstico. Por uma escada de pedra, sob a qual se escondia a privada, subia-se a uma antecâmara circular para onde abriam os quartos dos membros da família e dos hóspedes.

Sob muros e paredes caídos reapareceu à luz do dia tudo o que integrara as mobílias e a vida naquelas casas aristocráticas. Inúmeros fragmentos de potes, cântaros, vasos e tabuinhas de barro com inscrições foram compondo um mosaico pelo qual foi possível reconstruir pedrinha a pedrinha a vida cotidiana de Ur. A *Ur dos Caldeus* era uma capital poderosa, próspera, colorida e industriosa no começo do segundo milênio a. C.

Woolley não conseguia livrar-se dum pensamento que lhe ocorrera. *Abraão* devia ter saído da *Ur dos Caldeus*... Então devia ter vindo ao mundo e crescido numa daquelas casas aristocráticas de dois andares. Devia ter passeado junto aos muros do grande templo e pelas ruas, e,

levantando a vista, seu olhar devia ter encontrado a gigantesca torre escalonada com seus cubos pretos, vermelhos e azuis circundados de árvores. "Vendo em que ambiente requintado passou a juventude, devemos modificar a nossa concepção do patriarca hebreu", — escreveu Woolley com entusiasmo. "Foi cidadão duma grande cidade e herdou a tradição duma civilização antiga e altamente organizada. As próprias casas denunciavam conforto, até mesmo luxo. Encontramos cópias de hinos relativos ao culto do templo e, juntamente com êles, tabelas matemáticas. Nessas tabelas havia, ao lado de simples problemas de adição, fórmulas para a extração da raiz quadrada e da raiz cúbica. Em outros textos os escribas haviam copiado as inscrições dos edifícios da cidade e compilado até uma resumida história do templo!"

Abraão não era um simples nômade: era filho duma metrópole do segundo milênio a. C.

Foi uma descoberta sensacional, aparentemente incrível! Jornais e revistas publicaram fotografias da velha e desmantelada torre escalonada e das ruínas da metrópole desenterrada, que produziram uma impressão tremenda. Um desenho surpreendente trazia a seguinte legenda: "Casa do tempo de Abraão". Woolley tinha-o encomendado a um artista. Era uma reconstituição fiel à realidade segundo os achados. No pavimento quadriculado do pátio interior viam-se duas altas bilhas; uma balaustrada de madeira, no andar de cima, separava os quartos do pátio. A tradicional e querida imagem de Abraão como patriarca, rodeado de sua prole e de seus rebanhos, tal como a tinham figurado gerações após gerações, ter-se-ia tornado súbitamente falsa?

A concepção de Wolley não ficou sem contestação. Não tardou que teólogos e até mesmo arqueólogos comessem a criticá-la.

Em favor da opinião de Woolley falava o versículo 31 do 11.º capítulo do Gênes. *Tomou, pois, Taré a seu filho Abraão e a Lot... e fê-lo sair de Ur dos Caldeus.* Mas também há passagens bíblicas que mencionam outro lugar: quando Abraão manda seu servo mais antigo de Canaã à cidade de Nacor buscar uma esposa para seu filho Isaac, chama a essa Nacor *minha terra* (Gên. 24-4, etc.) e *casa de meu pai e terra do meu nascimento* (Gên. 24-7). Nacor estava situada no norte da Mesopotâmia. Depois da conquista da Terra Prometida, assim falou Josué ao povo reunido: *Vossos pais, Taré, pai de Abraão e de Nacor, habitaram desde o principio na banda de além do rio* (Josué 24-2). Aqui como em outras passagens da Bíblia o "rio" é o Eufrates. A cidade de Ur foi desenterrada na margem direita do Eufrates. Vista de Canã, ela fica aquém e não além do grande rio. Teria Woolley sido precipitado em suas conclusões? Que fornecera de positivo a expedição? Onde estava a prova de que Taré e seu filho Abraão eram de Ur, de que eram habitantes de cidade?

"A primitiva viagem de Ur dos Caldeus para Harã não encontrou, tirando a descoberta da própria cidade, nenhuma confirmação arqueológica", declara William F. Albright, professor da Universidade John Hopkins, de Baltimore (U. S. A.). E este sábio, que é também explo-

rador de renome e considerado grande conhecedor da arqueologia da Palestina e do Oriente Próximo, acrescenta: “E o fato notável de os tradutores gregos nunca mencionarem Ur e sim a “terra (dos caldeus)” podia significar que a transferência da pátria de Abraão para Ur era coisa secundária e não conhecida geralmente no terceiro milênio a. C.”

Com Ur surgiu das sombras do passado a capital dos sumérios, um dos mais antigos povos da Mesopotâmia. Os sumérios, isso nós sabemos, não eram semitas como os hebreus. Quando, por volta do ano 2000 a. C., começou a grande invasão de nômades semitas do deserto da Arábia, os invasores se detiveram ao sul, primeiro em Ur, com suas extensas plantações e canais. É possível que a recordação daquela grande expedição às terras do “Fértil Crescente”, em que Ur também foi tocada, ficasse gravada na Bíblia. Investigações sérias e, sobretudo, escavações nas duas últimas décadas demonstraram, quase com certeza, que Abraão não podia ter sido, em tempo algum, cidadão da metrópole sumeriana. Isso contraria inteiramente a imagem que o Antigo Testamento nos transmitiu sobre a vida do pai dos patriarcas: Abraão vive na sua tenda, segue com seus rebanhos de pastagem para pastagem, de fonte para fonte. Não vive como habitante de uma grande metrópole — leva a vida típica dos nômades!

Muito mais ao norte do “Fértil Crescente” surgirá de repente da obscuridade mítica a história dos patriarcas da Bíblia em seu ambiente histórico.

CAPÍTULO 3

É DESENTERRADO O DILÚVIO

Os túmulos reais dos sumérios. — Uma camada de lodo misteriosa. — Vestígios do dilúvio sob a areia do deserto. — Uma inundação catastrófica por volta de 4000 a. C.

E o Senhor disse-lhe (a Noé): entra na arca tu e toda a tua casa, porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e exterminarei da superfície da terra todos os seres que fiz.

E, passados os sete dias, caíram sobre a terra as águas do dilúvio (Gén. 7-1, 4, 10).

Quando ouvimos a palavra dilúvio, pensamos quase imediatamente na Bíblia e na história da arca de Noé. Esta história maravilhosa do Antigo Testamento viajou com o cristianismo através do mundo. E assim se tornou a tradição mais conhecida do dilúvio, embora não seja de modo algum a única. Nos povos de todas as raças existem diferentes tradições de uma inundação imensa e catastrófica. Os gregos contavam a lenda do dilúvio de Deucalião; já muito antes de Colombo havia entre os primitivos habitantes do continente americano numerosas histórias a respeito duma grande inundação. Na Austrália, na Índia, na Polinésia, no Tibete, em Cachemira, na Lituânia, há histórias duma grande inundação, que vêm sendo transmitidas de geração a geração até nossos dias. Serão todas mitos, lendas, produtos da imaginação?

É bem provável que todas elas reflitam a mesma catástrofe universal. Mas esse tão formidável acontecimento deve ter ocorrido num tempo em que já havia seres pensantes que o presenciaram e lhe sobreviveram, podendo transmitir a notícia às gerações futuras. Os geólogos julgavam poder solucionar o velho enigma com o auxílio da sua ciência, apontando como causa a alternância de épocas de calor e períodos glaciários que assinalaram a evolução da Terra. Por quatro vezes subiu o nível dos mares quando começavam a derreter-se as tremendas camadas de gelo que cobriam os continentes, em alguns lugares com muitos milhares de metros de espessura. As águas de novo desencadeadas mudavam o aspecto da paisagem, inundavam litorais e vales profundos, exterminando homens, animais e plantas. Em suma, todas as tentativas de explicação terminavam em especulações e hipóteses. Mas conjecturas

são o que menos interessa ao historiador. Ele exige sempre uma demonstração clara e material. E essa não existia; nenhum cientista, qualquer que fôsse a sua especialidade, pudera dá-la. E a verdade é que foi por puro acaso — isto é, graças a escavações que visavam coisa completamente diferente — que se apresentou a prova insofismável da existência do dilúvio. E isso aconteceu num sítio que nós já conhecemos: nas escavações realizadas em Ur!

Havia já seis anos que os arqueólogos americanos e ingleses estudavam o terreno junto ao Tell al Muqayyar, que por esse tempo dava a impressão de uma obra colossal. Quando o trem de Bagdá se detinha aí por um instante, os viajantes olhavam com espanto os gigantescos montes de areia retirada. Trens inteiros de terra eram removidos, examinados cuidadosamente, passados na peneira, lixo milenar era manejado como se se tratasse de valioso tesouro. A atividade, os cuidados, as fadigas e o zelo de seis anos produziram uma colheita prodigiosa. Aos templos sumerianos com armazéns, fábricas e tribunais, às ricas habitações dos cidadãos, seguiram, de 1926 a 1928, achados de tal brilho e esplendor que obscureceram tudo o que se conseguira até então.

Refiro-me aos Túmulos Reais de Ur, como batizou Woolley, na exultação da descoberta, os túmulos de sumérios notáveis cujo esplendor verdadeiramente régio as pás puseram a descoberto num monte de entulho de 15 metros de altura. Esse monte de entulho ficava ao sul do templo, e os túmulos estavam dispostos numa longa fila, uns ao lado dos outros. As câmaras tumulares de pedra eram verdadeiros tesouros: estavam cheias de todas as preciosidades que Ur possuía. Taças e copos de ouro, bilhas e vasos de formas maravilhosas, utensílios de bronze, mosaicos de madrepérola, lápis-lazúli e prata rodeavam os mortos reduzidos a pó. Encostadas às paredes havia harpas e liras. Um moço, “herói da terra de Deus”, pois assim era intitulado por uma inscrição, tinha na cabeça um elmo de ouro. Um pente de ouro, ornado de flores de lápis-lazúli, enfeitava o cabelo da bela sumeriana Shub-ad, a “Lady Shub-ad”, como a chamaram os ingleses. Coisas mais belas não haviam sido encontradas nem mesmo nas famosas câmaras mortuárias de Nefertiti e Tutancâmon. E, contudo, os “túmulos reais de Ur” eram 1.000 anos mais antigos do que aquelas!

Mas, a par das riquezas, os túmulos reais reservavam outro espetáculo sinistro e impressionante para os homens do nosso tempo — uma cena que não podemos considerar sem um ligeiro calafrio. Nas câmaras mortuárias foram encontradas pares de animais de tiro, os esqueletos ainda atrelados aos grandes carros carregados de artísticos utensílios domésticos. Era evidente que todo o cortejo fúnebre seguira os defuntos notáveis à morte, como deixavam perceber os esqueletos que os cercavam, com vestidos de festa e ornados de jóias. Vinte continha o túmulo da Lady Shub-ad e outras criptas continham até setenta esqueletos.

Que teria acontecido ali em épocas passadas? Não havia o menor indicio de que aquela gente tivesse sofrido morte violenta. Tudo indicava que eles tinham acompanhado os defuntos à cripta em solene cortejo, com carros cheios de tesouros, puxados por animais. E, enquanto pelo lado de fora o túmulo era emparedado, eles lá dentro oravam pedindo o último repouso para o senhor morto. Depois tomavam uma droga, reuniam-se pela última vez em volta dele e morriam voluntariamente... a fim de poderem servi-lo também na outra vida!

Durante dois séculos tinham os habitantes de Ur depositado os seus homens notáveis naqueles túmulos. Com a abertura da mais profunda e última câmara tumular os investigadores do século XX da era de Cristo viram-se transportados ao ano 2800 a. C.

Com a chegada do verão de 1929 aproximava-se do fim a sexta campanha de escavação no Tell al Muqayyar. Woolley pôs mais uma vez os seus auxiliares nativos a trabalhar no monte dos "túmulos reais". Não podia descansar, queria verificar com certeza se a terra debaixo do túmulo real mais profundo poderia oferecer ou não descobertas durante o novo período de escavações.

Depois de retirados os alicerces do túmulo, algumas centenas de golpes de pá fizeram ver que em baixo havia mais camadas de entulho. A que profundidade do passado chegariam aqueles mudos cronômetros? Quando surgiria, debaixo daquela colina, a primeira povoação assente em solo virgem? Era isso que Woolley queria saber! Lentamente, com muito cuidado, a fim de ter a certeza, mandou abrir poços e ficou ali para examinar imediatamente as camadas extraídas. "Quase imediatamente se fizeram descobertas que confirmaram as nossas suposições", escreve ele mais tarde em seu relatório. "Logo debaixo do pavimento dos túmulos reais foram encontradas, numa camada de cinzas de madeira queimada, numerosas tabuinhas de barro cobertas de inscrições dum tipo muito mais antigo que as encontradas nos túmulos. A julgar pela escrita, as tabuinhas poder-se-iam situar mais ou menos no século trinta antes de Jesus Cristo. Deviam ser, pois, uns duzentos ou trezentos anos mais antigas do que os túmulos."

A medida que se aprofundavam os poços, apareciam novas camadas com cacos de cântaros, potes, tigelas. Chamou a atenção dos exploradores que a cerâmica continuava extraordinariamente inalterável. Parecia ser exatamente igual às peças encontradas nos túmulos reais. Onde se concluía que, durante muitos séculos, a civilização dos sumérios não sofrera modificações dignas de nota. Devia ter atingido um alto grau de desenvolvimento em tempos muitíssimo remotos.

Quando, depois de muitos dias, um dos trabalhadores gritou para Woolley que tinham chegado ao fundo, ele desceu lá pessoalmente para se certificar. Com efeito, ali terminava bruscamente todo e qualquer vestígio humano. No solo intacto repousavam os últimos fragmentos de utensílios domésticos; aqui e ali havia vestígios de fogo. "Finalmente!" pensou Woolley. Com cuidado, examinou o solo do

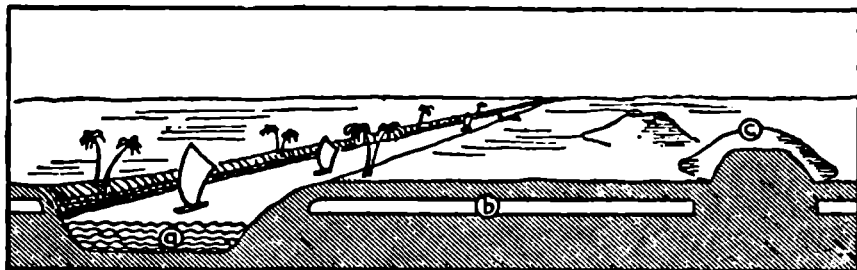
fundo do poço e viu que era limo, puro limo do tipo que só se formava pela sedimentação na água! Limo naquele lugar? Woolley procurou uma explicação. Só podia ser areia de rio, uma acumulação de aluviões do Eufrates em outras eras. Aquela camada devia ter-se formado quando o grande rio estava avançando seu delta mais para dentro do Golfo Pérsico. Até hoje continua esse avanço da foz do rio para o Golfo, onde a nova terra se estende uns vinte e cinco metros cada ano mar a dentro. Quando Ur estava em seu apogeu, o rio Eufrates passava tão perto dela que a grande torre escalonada se espelhava nas suas águas e do alto do seu santuário devia avistar-se o Golfo Pérsico. As primeiras habitações deviam ter sido construídas sobre o limo do antigo delta.

Medidas realizadas no terreno e cálculos feitos com mais cuidado levaram Woolley a um resultado completamente diverso e a nova conclusão.

“Vi que estávamos num nível muito alto. Era difícil de aceitar que a ilha sobre a qual fôra construída a primeira povoação se elevasse tanto acima da várzea.”

O fundo do poço, onde começava a camada de limo, ficava muitos metros acima do nível do rio. Não podia ser, portanto, aluvião do Eufrates. Que significava, pois, aquela extraordinária camada de limo? Como se formara? Nenhum dos seus colaboradores conseguiu dar uma resposta conclusiva. Continuaram, pois, aprofundando o poço. Superexcitado, Woolley observava enquanto cesta após cesta ia saindo da escavação e o conteúdo era imediatamente examinado. As pás continuaram cavando em profundidade, um metro, dois metros... era ainda puro limo. A perto de três metros de profundidade, a camada de limo terminou tão bruscamente como havia começado. Que viria a seguir?

As próximas cestas que apareceram à luz do dia já deram uma resposta que nenhum daqueles homens podia ter imaginado. Não podiam acreditar no que seus olhos viam. Tinham esperado terra virgem, mas o que lhes aparecia ali sob o sol implacável era novo entulho, depois



*Fig. 3: Vestígios de limo da grande inundação ocorrida pelo ano 4000 a. C.
a — Leito do Eufrates, b — Camada de limo da inundação,
c — Colinas que se erguiam acima da inundação.*

mais entulho, detritos de outrora e, entre eles, numerosos cacos de barro. Debaixo de uma camada de quase três metros de puro limo topavam de novo com restos de habitações humanas. Mas tanto o aspecto como a técnica da cerâmica havia mudado notavelmente. Acima da camada de limo havia bilhas e escudelas evidentemente feitas no tórno; aquelas, ao contrário, eram ainda modeladas à mão. Por mais

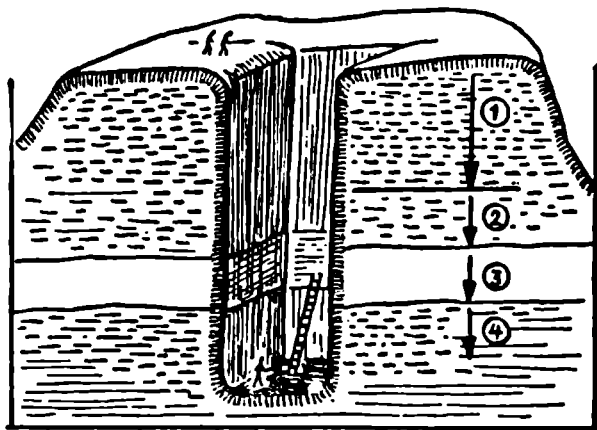


Fig. 4: Poço mostrando a camada de limo do Dilúvio em Ur.
1. Sepulturas de reis, 2. Vasilhas de barro feitas no tórno,
3. Camada de limo (3 m), 4. Vasilhas antidiluvianas.

cuidado com que fôsse peneirado o conteúdo das cestas sob a crescente expectativa dos homens, não se descobriram restos de metal em parte alguma. A ferramenta primitiva que apareceu consistia em sílex polido. Devia ser a Idade da Pedral!

Naquele dia um telégrafo da Mesopotâmia transmitia para o mundo a mais extraordinária notícia que ouvidos humanos já ouviram: "Descobrimos o Dilúvio!" A tremenda descoberta realizada em Ur ocupou as manchetes da imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra.

O Dilúvio — tal era a única explicação possível para a enorme jazida de lama sob a colina de Ur e que separava nitidamente duas épocas humanas. O mar aí tinha deixado seus vestígios incontestáveis sob a forma de restos de pequenos animais marinhos. Woolley quis ter a certeza o mais depressa possível. Podia ser que um acaso — se bem que improvável — tivesse iludido a êle e aos seus colaboradores. A uns trezentos metros do primeiro poço mandou escavar outro.

As pás puseram a descoberto o mesmo perfil: cacos de olaria — camada de limo — restos de objetos de barro moldados à mão.

A fim de afastar tôda e qualquer dúvida, mandou finalmente escavar ainda outro poço na massa de escombros, num lugar onde as habi-

tações humanas se erguiam sôbre uma colina natural, portanto em camadas situadas acima do depósito de limo.

A uma profundidade mais ou menos igual àquela em que nos dois outros poços acabavam de repente as vasilhas feitas no tórno, cessaram aí também. Imediatamente abaixo seguiam-se vasilhas feitas à mão... exatamente como Woolley imaginara e havia esperado. Sômente aí faltava, naturalmente, a camada de limo divisória. "Cêrca de 16 pés (cinco metros) abaixo de um pavimento de tijolos" — nota Woolley — "a que podíamos atribuir com relativa segurança a data de 2700 anos a. C., encontramos as ruínas daquela Ur que existira antes do dilúvio."

Até onde se estenderia a camada de limo? Que regiões teriam sido abrangidas pela catástrofe? Uma investigação regular dos vestígios da grande inundação está sendo levada a efeito atualmente em outros sítios no sul da Mesopotâmia. Outros arqueólogos descobriram em Kich, ao nordeste da antiga Babilônia, onde o Eufrates e o Tigre, fazendo grandes curvas, se aproximam um do outro, um novo e importante ponto de referência. Em dado momento toparam com uma camada de terreno de aluvião, se bem que aí tenha apenas meio metro de espessura. Por meio de sondagens consegue-se estabelecer a



Fig. 5: A extensão da inundação na Mesopotâmia.

extensão geral da enorme inundação. Segundo a opinião de Woolley, a catástrofe cobriu, ao nordeste do Golfo Pérsico, uma extensão de 630 quilômetros de comprimento por 160 quilômetros de largura. Visto no mapa, foi apenas um "acontecimento local", como diríamos hoje... mas para os habitantes daquelas bacias essa região era todo o seu mundo.

Depois de inúmeras pesquisas e tentativas de interpretação sem resultados concretos, havia muito que se tinha abandonado a esperança de solucionar o grande mistério do *dilúvio*, que parecia recuar para épocas remotíssimas, insondáveis para o homem. Então, eis que o trabalho incansável e seguro de Woolley e de seus colaboradores produzia para os cientistas um resultado espantoso: não só fôra descoberta uma imensa e catastrófica inundação que lembrava o dilúvio da Bíblia, freqüentemente considerado pelos cétricos como lenda ou fantasia, mas agora se apresentava como acontecimento ocorrido numa época histórica determinável.

Ao pé da velha torre escalonada dos sumérios, em Ur, no baixo Eufrates, podia-se descer por uma escada ao fundo dum estreito poço e ver e apalpar os restos de uma imensa inundação — uma camada de limo de quase três metros de espessura. E pela idade das camadas que indicavam estabelecimentos humanos e nas quais se podia ler o tempo como num calendário, podia-se também determinar quando tivera lugar essa inundação.

Ocorreu pelo ano 4000 a. C.!

CAPITULO 4

NARRATIVA DE INUNDAÇÃO DA ANTIGA BABILÔNIA

A epopéia de Gilgamés. — Doze tabuinhas de barro de Nínive. — Uma epopéia antiqüíssima da Biblioteca de Assurbanipal. — Utnapistim, Noé dos sumérios? — O mistério da montanha do Ararat. — Uma embarcação gigantesca numa geleira. — Expedições para encontrar a arca bíblica.

(Deus) disse a Noé:... Faze uma arca de madeiras aplainadas⁽¹⁾; fardas na arca uns pequenos quartos, e calafetá-la-ds... (Gên. 6-14).

No princípio do século, muito antes da descoberta de Ur por Woolley, tivera lugar um achado de grande repercussão e que provocara vivas discussões sobre a Sagrada Escritura.

Das trevas do antigo Oriente viera à luz uma antiqüíssima e misteriosa narrativa: era uma epopéia, de trezentas estrofes, gravada em doze maciças tabuinhas de barro, cantando as aventuras maravilhosas do lendário rei Gilgamés.

O texto era assombroso: Gilgamés falava, exatamente como a Bíblia, sobre um homem que viveu antes e depois de uma gigantesca catástrofe das águas.

De onde procedia essa grandiosa e extraordinária epopéia? No decorrer de escavações realizadas em volta do quinquagésimo ano do século passado por exploradores ingleses, haviam sido encontradas essas tabuinhas de barro juntamente com cerca de outros 20.000 textos em barro, tudo perfeitamente ordenado, nas ruínas da Biblioteca de Nínive, considerada a mais famosa da Antiguidade. Foi construída pelo rei Assurbanipal no século VII a. C., na antiga Nínive, numa posição elevada à margem do Tigre. Hoje erguem-se do outro lado do rio as altas tôrres de petróleo de Mossul.

Um tesouro de valor incalculável que, devidamente acondicionado, partiu para a longa viagem de Nínive à Inglaterra e ao Museu Britânico.

(1) As citações bíblicas em português foram copiadas da "Bíblia Sagrada" traduzida da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. Só em casos em que há discrepância essencial traduzo fielmente as citações alemãs. — Neste caso, há uma discrepância, que, contudo, não me parece essencial para os confrontos que vêm a seguir. O alemão diz "arca de pinho" e não de "madeiras aplainadas". (N. do Trad.)

O seu valor, porém, só foi revelado decênios mais tarde, quando se tornou possível decifrar os textos. Na época não havia ninguém no mundo que soubesse lê-los. Malgrado todos os esforços, as tabuinhas permaneciam mudas. Pouco antes de 1900, nas sóbrias salas do Museu Britânico, os velhos textos começaram a narrar de novo, após uma pausa de dois mil e quinhentos anos, um dos mais belos poemas do antigo Oriente, a cantar pela primeira vez para os assiriólogos a epopéia de Gilgamés. Está escrito em acádico, a linguagem cortesã e diplomática do tempo do rei Assurbanipal. Mas a forma que tinha quando se encontrava na Biblioteca de Nínive datava já de mil anos, do tempo do grande rei Hamurábi de Babilônia, como se evidenciou dentro em pouco com a descoberta de um segundo exemplar no sítio dessa metrópole situada às margens do Eufrates. Descobertas posteriores confirmaram a suposição de que a epopéia de Gilgamés pertencia aos tesouros culturais de tôdas as grandes nações do antigo Oriente. Os hititas, da mesma forma que os egípcios, traduziram-na para a sua língua, e as tabuinhas com escrita cuneiforme encontradas em terras do Nilo apresentam vestígios claros de tinta vermelha nos lugares em que os escribas egípcios aparentemente encontraram dificuldades na tradução.

Um pequeno fragmento de barro esclareceu finalmente a origem da epopéia de Gilgamés: o mundo deve sua redação primitiva aos sumérios, aquele povo cuja metrópole ocupava o local de Ur!

Gilgamés, conta a inscrição cuneiforme da tabuinha XI da Biblioteca de Nínive, está decidido a assegurar a sua imortalidade, e empreende uma longa e aventureira viagem a fim de encontrar seu antepassado Utnapistim, do qual espera saber o mistério da imortalidade, que os deuses lhe conferiram. Chegando à ilha em que vive Utnapistim, Gilgamés interroga-o sobre o "mistério da vida". Utnapistim conta-lhe que vivia em Shurupak e era um fiel adorador do deus Ea. Quando os deuses tomaram a resolução de exterminar a humanidade por meio de uma inundação, Ea avisou o seu adorador Utnapistim e deu-lhe a seguinte ordem:

"Homem de Shurupak, filho de Ubarututu / Destrói a tua casa / Constrói um navio / Abandona as riquezas / Despreza os haveres / Salva a vidal / Introduz toda a sorte de semente de vida no navio! / Do navio /que deves construir / As medidas devem ser bem tomadas."

Todos conhecemos a maravilhosa narrativa que vem a seguir. Pois a mesma coisa que se passou com Utnapistim a Bíblia nos conta a respeito de Noé.

"(Então) disse (Deus) a Noé:... Faze uma arca de madeiras aplainadas... E, de cada espécie de todos os animais, farás entrar na arca dois, macho e fêmea, para que vivam contigo (Gên. 6-13 e seguintes).

A fim de facilitar a comparação, colocamos abaixo, lado a lado, o que narra Utnapistim sobre a sua grande aventura e o que a Bíblia nos transmite sobre o dilúvio e sobre Noé.

Utnapistim constrói o navio segundo a ordem do deus Ea e diz:

No quinto dia tracei a sua forma.
Sua base media 12 iku (*)
Suas paredes tinham cada uma
10 gar (**) de altura:
Dei-lhe seis andares.

Dividi sua largura sete vezes
Dividi nove vezes o seu interior

Joguei no forno 6 sar (**) de breu

O comprimento da arca será de 300 côvados, a largura de 50 côvados, e a altura de 30 côvados.

(Gên. 6-15)
...e fardes nela um andar em baixo, um segundo e um terceiro andar.

(Gên. 6-16)
...fardes na arca uns pequenos quartos.

(Gên. 6-14)
...e calafetá-la-ás com betume por dentro e por fora.
(Gên. 6-14)

Quando Utnapistim terminou a construção do navio, deu uma grande festa. Matou reses e carneiros para as pessoas que o tinham ajudado e obsequiou-as "com mosto, cerveja, óleo e vinho, com tanta abundância como se fôsse água". Depois prossegue:

Tudo o que eu tinha carreguei e toda a sorte de semente de vida.

Meti no navio toda a minha família e parentela:

Gado dos campos, animais dos campos, todos os artesãos... todos carreguei.
Entrei no navio e fechei a porta.

Apenas começou a brilhar a luz da manhã, levantou-se do fundamento do céu uma nuvem negra.

A cólera de Adad chega até ao céu:
Toda a claridade se transforma em escuridão.

Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos por causa das águas do dilúvio. E também dos animais puros e impuros, e das aves, e de tudo o que se move sobre a terra, entraram na arca com Noé dois a dois, macho e fêmea, conforme o Senhor tinha mandado a Noé.
(Gên. 7-7,9)

E o Senhor al o fechou por fora.
(Gên. 7-16)

E, passados os sete dias, caíram sobre a terra as águas do dilúvio... romperam-se todas as fontes do abismo e abriram-se as cataratas do céu.
(Gên. 7-10,11)

Os deuses da Mesopotâmia enchem-se de terror ante a inundação e fogem para o céu mais alto do deus Anu. Antes de entrarem lá, "agacham-se como cães". Estão aflitos e abalados pela catástrofe e protestam humilhados e chorosos.

Uma descrição digna dum Homero!

Mas a tempestade prossegue implacável:

(1) Cerca de 3500 m².

(2) Um gar equivale a uma 6 m.

(3) Medida desconhecida.



A esquerda: "Eu sou Lamgi-Mari ... rei de Mari", dizem as palavras inscritas no ombro direito com que o soberano do Reino de Mari, no médio Eufrates, se apresentou aos sábios de Paris em 23 de janeiro de 1934.

A direita: A estela de basalto do Rei bíblico Mesa de Moab foi descoberta em 1868 pelo missionário alemão Klein em Dibon, na Jordânia oriental. Data de 850 a. C. Nela está gravada a notícia da campanha contra Israel e Judá, de que se fala no Livro Quarto dos Reis (versículo 3). Nômade gananciosos fragmentaram o valioso documento (fendas).



São postos a descoberto na Tell Hariri, perto de Abu Kemal, na Síria, os primeiros muros poderosos do palácio, que ainda atingem cinco metros de altura. "Os trabalhadores descem às câmaras", escreveu o Prof. Parrot junto a esta fotografia.



Só a fotografia aérea nos permite ter uma idéia clara da planta do gigantesco palácio de Mari, o qual, ocupando uma superfície de 2,5 hectares, era a maior residência real do Antigo Oriente no segundo milênio a. C. De suas 260 salas e aposentos foram tiradas as atas das cidades de Harā (Gên. 11-31) e Nacor (Gên. 24-10), em escrita cuneiforme.

Seis dias e seis noites

sopra o vento, o dilúvio,
a tempestade do sul
assola a terra.

Quando chegou o sétimo dia, a
tempestade do sul, o dilúvio,
foi abatida em combate,
que ela como um exército havia
sustentado.

O mar se acalma e fica imóvel,
cessa a tormenta, cessa o dilúvio.

E toda a humanidade estava transforma-
da em lodo,

E o chão ficou semelhante a um telhado.

*E veio o dilúvio sobre a terra durante
quarenta dias. E as águas engrossaram
prodigiosamente sobre a terra; e todos os
mais elevados montes, que há sob todo o
céu, ficaram cobertos. (Gên. 7-17 e 19)
Ora lembrou-se Deus de Noé...*

*e fez soprar um vento sobre a terra, e
as águas diminuíram. (Gên. 8-1)*

*Fecharam-se as fontes do abismo e as
cataratas do céu, e foram retiradas as
chuvas do céu.*

*E as águas, agitadas duma parte para
outra, retiraram-se de cima da terra, e
começaram a diminuir, depois de cento
e cinquenta dias. (Gên. 8-2,3)*

*Toda a carne que se movia sobre a terra
foi consumida... e todos os homens.*

(Gên. 8-21)

"E toda a humanidade estava transformada em lodo!" Utnapistim, o Noé dos sumérios, relata o que ele mesmo deve ter experimentado. Os babilônios, os assírios, os hititas e os egípcios, que leram ou contaram estas palavras uns aos outros, certamente não imaginavam, como os modernos assiriólogos que penosamente as decifraram das tabuinhas de escrita cuneiforme, que elas falavam dum acontecimento real.

Hoje sabemos que o verso 134 da tabuinha XI da epopéia de Gilgâmes deve reproduzir as palavras duma testemunha de vista. Só uma pessoa que viu com os próprios olhos a desolação que resultou da catástrofe seria capaz de pintá-la de maneira tão tocante e precisa.

A grande camada de lodo que cobriu todos os seres vivos como um sudário e que deixou a terra "semelhante a um telhado", devia ter sido vista por alguém que escapara... e esta opinião é confirmada pela descrição precisa da tempestade. Utnapistim fala expressamente de uma tempestade do sul, que corresponde exatamente à situação geográfica. O Golfo Pérsico — o mar cujas águas a tempestade impeliu para a terra plana — fica ao sul das desembocaduras do Eufrates e do Tigre. Da mesma forma, Utnapistim descreve com exatidão, até aos menores detalhes, os fenômenos meteorológicos de uma perturbação extraordinária da atmosfera. A aparição de nuvens negras e o rugir do trovão; o dia claro que de repente se transforma em noite: o mugir da tempestade do sul, que impele as águas na sua frente... um meteorologista reconhece aqui imediatamente a descrição dum ciclone em formação. A moderna meteorologia sabe que as regiões costeiras, as ilhas do mar, mas sobretudo as bacias alagadas dos rios das zonas tropicais estão expostas a um tipo particular de maré envolvente e arrasadora, cujas causas muitas vezes são ciclones acompanhados de terremotos e chuvas torrenciais.

Nas costas da Flórida, no Golfo do México e no Pacífico existe atualmente um serviço de previsão amplamente ramificado e provido de todo o equipamento técnico moderno. Mas até mesmo um serviço mo-

dermo de previsão pouco poderia ter ajudado aos homens do Sul da Mesopotâmia no ano 4000 a. C. Por vêzes os ciclones assumem proporções de dilúvio. Temos um exemplo disso num passado recente.

No ano de 1876, um desses ciclones, acompanhado de tremendas tempestades, penetrou na Baía de Bengala e tomou a direção da costa, à altura da foz do Ganges. Navios que se encontravam a 300 quilômetros de distância do centro do ciclone tiveram os mastros destruídos. Junto à costa, quando a maré chegava ao nível mais baixo, as águas, ao se retirarem, foram colhidas pelas elevadas e compridas ondas do ciclone, formando uma vaga imensa que desabou sobre a região do Ganges, e as águas do mar atingiram mais de 15 metros de altura, avançando até grande distância terra a dentro e cobrindo 141 milhas quadradas de terra. Morreram 215 pessoas.

Utnapistim conta ao impressionado Gilgamés o que aconteceu depois que a catástrofe terminou:

Abri o respiradouro e a luz caiu no meu rosto.

E, tendo passado quarenta dias, abriu Noé a janela, que tinha feito na arca.
(Gên. 8-6)

O navio pousou no monte Nisir

E, no sétimo mês, no dia dezessete (1), parou a arca sobre o monte Ararat.
(Gên. 8-4)

O monte Nisir prendeu o navio e não o deixou flutuar.

Os textos cuneiformes da antiga Babilônia descrevem com muita precisão o lugar em que se deve procurar o Monte Nisir: entre o Tigre e o curso inferior do rio Zab, onde as cadeias de montanhas escarpadas e agrestes do Curdistão se erguem a pino da bacia plana do Tigre. O ponto de encalhe indicado corresponde perfeitamente ao curso que deve ter seguido a grande catástrofe procedente do sul. Utnapistim diz-nos que a sua cidade natal era Shurupak. Ficava perto da atual Farah, no meio das planícies aluviais onde o Tigre e o Eufrates se afastam um do outro fazendo grandes curvas. Uma maré alta do Golfo Pérsico podia ter impellido o navio para a Cordilheira do Curdistão!

Apesar das indicações precisas da epopéia de Gilgamés, nunca os curiosos se mostraram interessados em procurar o Monte Nisir nem o lugar onde teria encalhado o gigantesco navio. Em compensação, o Monte Ararat da tradição bíblica tem sido objeto de uma série de expedições.

O Monte Ararat está situado na parte oriental da Turquia, perto da fronteira soviético-iraniana. Seu cume, coberto de neves perpétuas, eleva-se 5.156 metros acima do nível do mar.

As primeiras expedições ao Monte Ararat tiveram lugar já no século passado, muitos anos antes que os arqueólogos começassem a escavar

(1) A Bíblia de Soares, que estou seguindo, diz: "...vigésimo sétimo dia do mês" e "parou sobre os montes da Armênia". (N. do Trad.)

no solo da Mesopotâmia. O impulso que levou a essas expedições foi dado pela história dum pastor.

Nas faldas do Ararat existe uma aldeiazinha armênia de nome Bayzit, cujos habitantes contam há várias gerações a aventura extraordinária dum pastor das montanhas que um dia, no Monte Ararat, teria visto um grande navio de madeira. A narrativa duma expedição turca do ano de 1833 parecia confirmar a história do pastor. Essa narrativa fala expressamente da proa dum navio de madeira que no verão seria posta a descoberto na geleira do sul.

Depois teria sido vista pelo Dr. Nouri, arcediogo de Jerusalém e Babilônia. Esse irrequieto dignitário eclesiástico empreendeu, em 1892, uma viagem de exploração às cabeceiras do Eufrates. Ao voltar, falou dos restos dum navio que vira no gelo perpétuo: "O interior estava cheio de neve; a parede exterior apresentava um tom vermelho escuro".



Fig. 6: O Ararat fica na confluência de três países: Turquia, Irã e U.R.S.S.

Durante a primeira Guerra Mundial um oficial de aviação russo, chamado Roskowitzki, informou ter avistado de seu avião, na encosta sul do Ararat, "os restos dum estranho navio". Em plena guerra, o Czar Nicolau II expediu imediatamente um grupo para investigar. Esse grupo não só teria visto o navio, mas teria até tirado fotografias dele. Parece, entretanto, que todas as provas desapareceram durante a Revolução de Outubro.

Durante a Segunda Guerra Mundial várias pessoas informaram terem visto a arca do ar: um piloto russo e quatro aviadores americanos.

As últimas notícias fizeram entrar em campo o historiador e missionário americano Dr. Aaron Smith, de Greensborough, perito em dilúvio. Após longos anos de trabalho, conseguiu compilar uma história literária sobre o assunto da arca de Noé. Existem 80.000 obras, em 72 línguas, sobre o Dilúvio, 70.000 das quais mencionam o lendário casco de Ararat.

Em 1951, com 40 companheiros, o Dr. Smith percorreu em vão a calota de gelo do Ararat durante doze dias. "Embora não tenhamos

encontrado vestígio algum da arca de Noé”, declarou êle mais tarde, “minha confiança na descrição bíblica do Dilúvio reforçou-se ainda mais. Voltaremos lá.”

Animado pelo Dr. Smith, o jovem explorador francês da Groenlândia, Jean de Riquer, subiu ao monte vulcânico em 1952. Também êle voltou sem resultados de qualquer espécie sobre a arca. Não obstante, continuamente estão sendo organizadas novas expedições ao Monte Ararat.

Nenhuma tradição sobre os tempos primitivos da Mesopotâmia concorda tão de perto com a Bíblia como a história da inundação descrita na epopéia de Gilgamés. Em alguns lugares há uma consonância quase até de palavras. Existe, porém, uma diferença significativa e essencialíssima. Na história do Gênese, tão familiar para nós, trata-se de um Deus único. Desapareceu a idéia grotesca, fantástica e primitiva de um céu superpovoado de divindades, muitas das quais apresentam características demasiado humanas, divindades que choram e se lamentam, se assustam e se encolhem como cães.

A epopéia de Gilgamés teve origem no mesmo espaço vital extenso do “Fértil Crescente” em que se originou a Bíblia.

Com a descoberta da camada de limo em Ur está evidenciado que a antiga epopéia da Mesopotâmia trata dum acontecimento histórico. A inundação catastrófica pelo ano 4000 a. C. no sul da Mesopotâmia está arqueologicamente comprovada.

Mas será essa inundação babilônica o mesmo dilúvio que a Bíblia nos conta?

A esta grande questão nem a Arqueologia nem a investigação pôde responder até hoje.

CAPÍTULO 5

ABRAÃO VIVEU NO REINO DE MARI

Um morto de pedra. — O Tenente Cabane comunica um achado. — Um "Tell" (1) da síria recebe uma visita eminente. — O rei Lamgi-Mari apresenta-se. — O Professor Parrot descobre um império desconhecido. — Palácio real com 260 salas e pátios. — 23.600 tabuinhas de barro que resistiram quatro mil anos. — A polícia da estepe dá parte dos "benjaminitas". — A pátria de Rebeca era uma cidade florescente.

Ora o Senhor disse a Abraão: sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar (Gên. 12-1).

A pátria de que a Bíblia fala aqui é *Harã*. *Taré*, seu filho *Abraão*, sua nora *Sarai* e seu neto *Lot* moravam juntos, está dito no Gên. 11-31.

O que *Harã* significava ninguém sabia até um passado recente. Da sua história primitiva nada se conhecia. Todos os documentos da antiga Babilônia silenciam sobre a região do médio Eufrates — a "terra de entre os rios", como se chama também — onde *Harã* estava situada.

Sòmente em 1933 um achado casual levou a realizar escavações que conduziram, também aqui, a uma grande e sensacional descoberta e, com isso, a conhecimentos novos que colocaram, de improviso, a bíblica *Harã* e a vida dos patriarcas num ambiente histórico.

Na linha entre Damasco e Mossul, no ponto em que atravessa o Eufrates, fica a desconhecida cidadezinha de Abu Kemal. Tendo a Síria, depois da Primeira Guerra Mundial, se tornado protetorado da França, aí estava estacionada uma guarnição francesa.

Na vasta bacia do Eufrates, em pleno verão de 1933, o calor era sufocante e paralisador. Quando o chamaram ao escritório, o Tenente Cabane, comandante da guarnição, imaginou tratar-se de uma nova disputa entre árabes que êle teria de resolver. Êle conhecia tudo aquilo até à saciedade. Mas dessa vez parecia que a agitação tinha outro motivo. O que finalmente soube pelo intérprete foi o seguinte: Umas pessoas estavam querendo enterrar um parente. Para isso cavaram uma sepultura numa colina afastada, o Tell Hariri. E eis que haviam desenterrado um morto de pedral

(1) *Tell* é o herói da liberdade suíça.

Quem sabe se não seria uma descoberta que interessaria ao Museu de Alepo? — refletiu o Tenente Cabane. De qualquer modo, seria uma pequena variante na interminável monotonia daquele pôsto esquecido de Deus.

Pela tarde, havendo refrescado um pouco, êle seguiu de automóvel para o Tell Hariri, que ficava quinze quilômetros ao norte de Abu Kemal, à margem do Eufrates. Os árabes conduziram-no a um declive onde, numa depressão do terreno, se encontrava a estátua quebrada que tanto havia excitado os ânimos no dia anterior. Cabane não era entendido no assunto, mas percebeu imediatamente que a figura de pedra devia ser muito antiga. No dia seguinte ela foi transportada por soldados franceses para Abu Kemal. Nesse dia a luz ficou acesa até depois da meia-noite no pequeno pôsto militar. Cabane redigiu um relatório detalhado sôbre a descoberta, para o seu comando, para Henry Seyrig, diretor do Museu de Antiguidades de Beirute e para o Museu de Alepo.

Meses se passaram sem que nada acontecesse. A coisa parecia não ter importância ou ter sido esquecida. Finalmente, nos últimos dias de novembro chegou um telegrama do Museu do Louvre. Cabane não podia acreditar no que seus olhos viam, e lia e tornava a ler a extraordinária notícia. Dentro de alguns dias chegaria da França um hóspede eminente: o Professor Parrot, conhecido arqueólogo, e, com êle, cientistas, arquitetos, assistentes e desenhistas.

No dia 9 de dezembro o Tell Hariri parecia um formigueiro. Os arqueólogos haviam dado início ao seu trabalho de investigação. Primeiro mediram tôda a colina cuidadosamente, fotografaram-na até aos mínimos detalhes, sondando-a com aparelhos de eco e analisando amostras do terreno. Esse trabalho tomou-lhes o resto de dezembro e as primeiras semanas do novo ano. Vinte e três de janeiro de 1934 foi o dia decisivo.

Numa cautelosa escavação efetuada na camada exterior do Tell surgiu entre os escombros uma graciosa figurinha com um texto gravado no ombro direito. Fascinados, os arqueólogos se inclinaram todos para examiná-la.

"Eu sou Lamgi-Mari... rei... de Mari... o grande Issakku... que sua... estátua... consagra... a Ishtar!"

A frase, traduzida da escrita cuneiforme pelo Professor Parrot e pronunciada lentamente, palavra por palavra, reboou no silêncio do grupo. Para o professor e seus colaboradores seria aquêle um momento inesquecível. Uma cena quase fantástica e verdadeiramente singular na história da Arqueologia, tão rica de surpresas e aventuras.

O soberano e rei saudara solenemente os estrangeiros da distante Paris e se apresentara... tal como se quisesse guiá-los cortêsmente pelo seu reino de outrora, que jazia ainda debaixo dêle, mergulhado em profundo sono, e sôbre cujo esplendor e poderio êles não tinham ainda a menor idéia naquele momento.

Talhado em pedra, maravilhosamente cinzelado, tal se apresentou o rei Lamgi-Mari diante de Parrot: uma figura de ombros largos e aspecto respeitável, sôbre um pedestal. Mas o rosto carecia daquela incrível altivez tão típica nas imagens de outros soberanos do antigo Oriente, dos assírios, que todos tinham uma expressão feroz e má. O rei de Mari sorria. Não usava armas e tinha as mãos devotamente cruzadas. Vestia uma rica túnica ornada de franjas, a qual lhe deixava um ombro descoberto à maneira de toga.

Raramente uma escavação era coroada de êxito assim de golpe na primeira tentativa. Debaixo daquela colina devia jazer Mari, a cidade real.

Havia muito que os cientistas tinham conhecimento da cidade real de Mari por várias inscrições antigas de Babilônia e da Assíria. Um texto chegava mesmo a declarar que Mari fôra a décima cidade a ser fundada depois do dilúvio. Começara a grande ofensiva das enxadas ao Tell Hariri.

Interrompidos por grandes pausas, os trabalhos se prolongaram de 1933 a 1939. Durante a maior parte do ano tornava-se impossível qualquer atividade. Só nos meses chuvosos mais frescos, de meados de dezembro ao fim de março, se podia trabalhar.

As escavações no Tell Hariri proporcionaram uma verdadeira profusão de novas descobertas para um capítulo ainda desconhecido do Antigo Oriente. Ninguém fazia ainda idéia da estreita relação que os achados de Mari tinham também com personagens bíblicas perfeitamente familiares para nós.

Ano após ano o relatório da expedição oferecia novas surpresas.

No inverno de 1933/34 foi desenterrado um templo de Ishtar, a deusa da fertilidade. Três dos reis devotos a Ishtar fizeram-se perpetuar sob a forma de estátuas no santuário revestido de mosaico de conchas brilhantes: Lamgi-Mari, Ebin-il e Idi-Narum.

No segundo período de escavações as pás toparam com as casas de uma cidade. Mari fôra encontrada! Por grande que fôsse a satisfação pelo êxito obtido, maior foi o interêsse, e o assombro mesmo, despertado pelos muros dum palácio que devia ser de proporções muito fora do comum. Parrot comunicou: "Já conseguimos desenterrar 69 salas e pátios. Ainda não se prevê o fim." Cuidadosamente empilhadas em uma das salas, havia 1.600 tabuinhas de barro com inscrições cuneiformes, contendo informes de natureza econômica.

O comunicado sôbre os achados da campanha de 1935/36 informava que até então já se haviam descoberto 138 salas e pátios e que, não obstante, ainda não tinham sido alcançados os muros exteriores do palácio. Uma correspondência constituída por 13.000 tabuinhas de barro aguardava a decifração. Na quarta campanha foram desenterrados um templo do deus Dagan e um zigurat, a torre escalonada típica da Mesopotâmia. No palácio, a essa altura, já se podiam ver 220 salas

e pátios, e mais 8.000 tabuinhas de barro tinham ido fazer companhia às anteriores.

Depois que, na quinta temporada de inverno, foram livradas do entulho mais 40 salas, o palácio do rei de Mari apareceu finalmente em tôda a sua grandeza aos olhos de Parrot e seus auxiliares. Essa construção gigantesca do terceiro milênio a. C. ocupava uma superfície de cêrca de quatro hectares! Era um conjunto de 260 salas e pátios! Nunca em nenhuma escavação anterior viera à luz uma construção tão gigantesca e vasta. Só para transportar as tabuinhas com inscrições cuneiformes — 23.600 documentos — foram necessárias colunas de caminhões. Com isso, a enorme quantidade de tabuinhas descoberta em Nínive passou para segundo plano, pois a famosa biblioteca do rei assírio Assurbanipal compreendia “apenas” 23.000 textos em barro.

Para se ter uma imagem clara do palácio de Mari foi requisitado um avião. Voando baixo sôbre o Tell Hariri, tirou aquelas fotografias que, publicadas na França, causaram verdadeiro assombro e incredulidade. Esse palácio de Mari era, pelo ano 2000 a. C., uma das maravilhas do mundo, a jóia da arquitetura do antigo Oriente. Vinham viajantes de terras longínquas para admirá-lo. “Eu vi Maril” escreveu com entusiasmo um mercador de Ugarit, cidade marítima dos fenícios.

O último rei que ali residiu chamava-se Zimri-Lim. Pelo ano de 1700 a. C. os exércitos do famoso Hamurábi de Babilônia subjugaram o reino de Mari, no médio Eufrates, e destruíram a grande metrópole.

Sob as paredes e tetos derrubados estavam ainda os braseiros dos guerreiros babilônicos, os comandos incendiários que atearam fogo ao palácio.

Mas êles não puderam destruí-lo inteiramente. Permaneceram de pé muros até de cinco metros de altura. “E as instalações do palácio, nas cozinhas e salas de banho”, escreve o Prof. Parrot, “poderiam ser utilizadas ainda hoje, quatro mil anos depois de sua destruição, sem que exigissem qualquer consêrto”. Nos quartos de banho foram encontradas as banheiras, nas cozinhas as fôrmas de pão e até carvões no forno!

A vista dessas majestosas ruínas constitui uma experiência impressionante. Uma única porta, ao norte, tornava mais fácil a vigilância e melhor a defesa. Depois de atravessar grande número de salas e pátios, chegava-se a um grande pátio interior banhado em luz. Era o centro da vida oficial e, ao mesmo tempo, da administração do reino. Numa sala contígua — suficientemente espaçosa para conter 100 pessoas — o soberano recebia seus funcionários, seus correios e embaixadores. Vastos corredores conduziam aos aposentos particulares do rei.

Uma ala do palácio era dedicada exclusivamente às cerimônias religiosas. Aí estava também a sala do trono, à qual se chegava por uma esplêndida escadaria. Através de várias salas havia um extenso corredor por onde passava a procissão até ao santuário da imagem sagrada

da deusa-mãe da fecundidade. Do vaso que tinha na mão jorrava continuamente a "água eterna da vida".

Tôda a côrte vivia sob o teto do rei. Os ministros, os administradores, os secretários, os escribas tinham espaçosos alojamentos independentes.

Havia um ministério do exterior e um ministério do comércio no grande palácio da administração do Reino de Mari. Mais de 100 funcionários se ocupavam só em cuidar dos milhares de tabuinhas expedidas e recebidas pelo correio do govêrno.

Maravilhosas e enormes pinturas murais davam ao palácio uma beleza singular. Até hoje as côres quase não perderam nada do seu brilho. Dir-se-ia que foram aplicadas ontem. E, contudo, são as pinturas mais antigas da Mesopotâmia — mil anos mais velhas do que os frescos das suntuosas construções dos soberanos assírios de Corsabad, Nínive e Nemrod.

A grandeza e magnificência dêste palácio incomparável condiziam com o reino que dali era governado. Os arquivos do palácio conservaram para nós essas informações através dos milênios.

Notícias, atas, decretos do govêrno, prestações de contas, gravados no barro, com estilo, por escribas oficiais da côrte, há quatro mil anos, reviverão agora graças à incansável diligência dos sábios. Até hoje só foi possível decifrar algumas centenas de tabuinhas. Em Paris, o Prof. Georges Dossin, da Universidade de Liège, e uma equipe de assiriólogos, trabalham ativamente na decifração e tradução. Anos se passa-



Fig. 7: Esta pintura da sala 106 do palácio de Mari mostra Zimri-Lim sendo investido da dignidade real pela deusa Ishtar.

rão antes que sejam traduzidos e publicados todos os 23.600 documentos. Cada um deles contém uma pedrinha do mosaico da história autêntica do reino de Mari.

Numerosas disposições sobre a construção de canais, eclusas, diques, taludes nas margens dos rios, mostram que o bem-estar do país repousava em grande parte sobre o vasto sistema de irrigação, permanentemente vigiado e cuidadosamente conservado por engenheiros do governo.

Duas tabuinhas contêm uma lista de 2.000 operários com os nomes completos e as corporações de classe a que pertenciam.

O sistema de comunicações "Mari" era tão rápido e perfeito, que não ficava nada a dever à telegrafia moderna. As mensagens importantes eram transmitidas em poucas horas, por meio de sinais de fogo, da fronteira da Babilônia até à atual Turquia — uma distância de mais de 500 quilômetros.

Mari ficava na encruzilhada das grandes rotas das caravanas que iam de oeste a leste e de norte a sul, e, assim, não é de admirar que o intercâmbio de mercadorias, que ia desde Chipre e Creta até à Ásia Menor e ao Sul da Mesopotâmia, desse lugar a uma ativa correspondência de barro. Mas as tabuinhas não informam apenas sobre coisas cotidianas. Falam também minuciosamente sobre os cultos, as procissões de Ano-Bom em honra de Ishtar, sobre oráculos feitos pelo fígado das vítimas e interpretação de sonhos. Vinte e cinco divindades eram veneradas em Mari. Uma lista de carneiros sacrificados, oferecidos por Zimri-Lim, especifica os habitantes do céu.

Por numerosas notícias, gravadas em barro, obtém assim a posteridade uma imagem clara do reino de Mari — um estado do século XVIII a. C., magistralmente organizado e administrado. E é de surpreender que nem nas pinturas nem nas esculturas se encontrem representações de acontecimentos bélicos.

Os habitantes de Mari eram amoritas há muito tempo sedentários... e amavam a paz. Seus interesses maiores concentravam-se na religião, na cultura e no comércio. As conquistas, os feitos heróicos, o fragor das armas não os seduziam muito. Suas fisionomias, como podemos ver hoje por suas estátuas e pinturas, irradiam uma alegre placidez.

Mas eles não viviam livres de cuidados militares, muito longe disso: tinham que pensar na defesa e segurança do país. Pois junto às suas fronteiras viviam tribos nômades de raça semítica para as quais os ricos pastos e os campos de legumes e cereais do reino de Mari eram uma tentação constante. Repetidamente transpunham as fronteiras, penetrando com seus rebanhos em extensas partes do país e alarmando as populações. Era preciso estar de sobreaviso por causa desses invasores. Por isso, foram estabelecidos postos de observação nas fronteiras para vigilância e defesa. Tudo o que acontecia era imediatamente comunicado a Mari.

Em Paris os assiriólogos decifraram uma tabuinha dos arquivos de Mari. Maravilhados leram um comunicado de Banum, oficial da polícia da estepe:

"Diz ao meu Senhor: Esta é de Banum, teu servo. Ontem saí de Mari e passei a noite em Zuruban. Todos os benjaminitas acenderam sinais de fogo. De Samanum a Ilum-Muluk, de Ilum-Muluk a Mishlan, todos os lugares dos benjaminitas do distrito de Terca responderam com sinais de fogo. E até agora não tenho certeza sobre o que significavam aqueles sinais. Estou tentando descobrir. Escreverei ao meu Senhor se o conseguir ou não. Manda reforçar a guarda de Mari e não deixes o meu Senhor sair da porta para fora."

Neste relatório policial do médio Eufrates, redigido no século XIX a. C., surge o nome de uma das conhecidas tribos da Bíblia. Banum fala especificamente dos *benjaminitas*!

E a verdade é que os benjaminitas davam muito que falar. As dores de cabeça que eles davam aos soberanos de Mari eram tantas, eram tais os cuidados que lhes inspiravam os benjaminitas, que alguns períodos de governo receberam o nome deles.

Os anos de governo das dinastias de Mari não eram contados e sim relacionados com algum acontecimento particular, como, por exemplo, a construção e consagração de novos templos, o levantamento de novas barragens para melhorar o sistema de irrigação, a restauração das fortificações nas margens do Eufrates, ou pelos recenseamentos. Por três vezes as tábuas de cronologia mencionam os benjaminitas:

"No ano em que Iadhulim foi a Hên e se apoderou da estepe dos benjaminitas", isto é, no reinado de Iadhulim, e

"No ano em que Zimri-Lim matou o dâvidum dos benjaminitas..."

"No segundo ano depois que Zimri-Lim matou o dâvidum dos benjaminitas...", ou seja, no reinado de Zimri-Lim, último soberano de Mari.

Uma volumosa correspondência entre governadores, generais e funcionários da administração girava inteiramente em torno de uma questão: Convinha arriscar-se a fazer o censo dos benjaminitas?

No reino de Mari não eram incomuns os levantamentos da população. Eles forneciam a base para a cobrança de imposto e para a convocação para o serviço militar. A população era reunida nos distritos e todos os obrigados ao serviço militar eram alistados nominalmente. Isso demorava sempre alguns dias, e os agentes do governo distribuíam cerveja e pão gratuitamente. Os chefes da administração do palácio de Mari de muito bom grado alistariam também os benjaminitas. Mas os agentes distritais, conhecedores do país, advertiam que não conheciam bem aquelas tribos rebeldes e sem lugar fixo.

"Quanto à proposta sobre a qual me escreves de fazer o recenseamento dos benjaminitas..." começa Samsi-Adu, dirigindo-se por carta a Iasmah-Adu, em Mari. "Os benjaminitas não são adequados para um recenseamento. Se o fizeres, seus irmãos, os Ra-ab-ba-yi, que vi-

vem do outro lado do rio, terão conhecimento disso. Ficarão descontentes e não voltarão mais ao seu país. De modo algum deveis fazer um recenseamento dêles!”

E assim os benjaminitas perderam a cerveja e o pão grátis e deixaram de pagar impostos e de servir no exército.

Mais tarde, os filhos de Israel seriam submetidos a vários censos dêses e exatamente segundo o modelo de Mari. O primeiro foi no tempo de Moisés, por ordem de Jeová, depois da saída do Egito. Todos os homens de mais de vinte anos, que pudessem pegar em armas, foram registrados por famílias (Núm. 1-4). Uma geração depois, no fim de sua estada no deserto, Moisés mandou proceder a novo recenseamento por causa da partilha da terra de Canaã (Núm. 26). Durante a monarquia, Davi mandou fazer um recenseamento do povo.

Ele tinha em vista criar uma organização militar e encarregou Joab, o chefe do exército, de realizá-lo (II. Reis 24). Jeová, diz a Bíblia, induziu o rei Davi a fazer o recenseamento para castigar o povo. Os israelitas amavam a liberdade acima de tudo. Os recenseamentos e, com êles, a perspectiva de convocações, eram odiosos para êles. Ainda no ano 6 da era de Cristo o censo ordenado pelo governador Quirínio quase provocou uma rebelião.

É digno de nota que o mundo deve justamente ao pacífico reino de Mari o modelo primitivo de todos os recenseamentos. E êsse modelo foi adotado fielmente pelos babilônios e assírios, pelos gregos e romanos e, finalmente, pelos estados modernos. Em todos os povos o recenseamento da população para a cobrança de impostos e a convocação militar tem por base o modelo de Mari.

Em Paris a menção dos *benjaminitas* despertou suposições e expectativas num sentido definido. E não sem razão.

Em outras inscrições cuneiformes os assiriólogos foram encontrando, um após outro, nas comunicações de governadores e oficiais do exército, diversos nomes muito familiares da história bíblica — nomes como *Faleg* e *Sarug*, *Nacor*, *Taré* e... *Harã*!

Eis as gerações de Sem, diz no Gén., cap. 11... Faleg viveu trinta anos, e gerou Reu. Reu viveu trinta e dois anos, e gerou Sarug. Sarug viveu trinta anos e gerou Nacor. Nacor viveu vinte e nove anos, e gerou a Taré. Taré viveu setenta anos, e gerou Abraão, Nacor e Harã.

Nomes de antepassados de Abraão surgem de tempos remotos como nomes de cidades do noroeste da Mesopotâmia. Ficam em “Padan-Aram”, a Planície de Aram. No meio dela fica *Harã*, que, pela descrição, deve ter sido uma cidade florescente nos séculos XIX e XVIII a. C. *Harã*, pátria do primeiro patriarca Abraão, pátria do povo hebreu, é apresentada aqui autenticamente pela primeira vez, pois falam dela textos da época. Um pouco mais acima, no mesmo vale do Belich, ficava outra cidade de nome bíblico igualmente familiar: *Nacor*, a pátria de *Rebeca*, mulher de *Isaac*.

Abraão, vendo-se já velho e de idade avançada, e que o Senhor em tudo o tinha abençoado, disse ao servo mais antigo da sua casa, que governava tudo o que possuía: Põe a tua mão por baixo da minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não tomarás para mulher de meu filho nenhuma das filhas dos Cananeus, entre os quais habito; mas irás à minha terra e aos meus parentes, e daí tomarás mulher para meu filho Isaac. E tomou o servo... de todos os seus bens, pôs-se a caminho, andando para a Mesopotâmia, para a cidade de Nacor (Gên. 24-1 a 4 e 10).

A cidade bíblica de Nacor é de repente situada num ambiente histórico conhecido. O servo de Abraão saiu para ir ao reino de Mari. O encargo específico de seu senhor, como a Bíblia nos transmite, mostra que Abraão devia conhecer perfeitamente bem o norte da Mesopotâmia e também a cidade de Nacor. De outro modo, como poderia falar da cidade de Nacor?

Pelos dados fornecidos pela Bíblia pode-se calcular com precisão que Abraão abandonou sua pátria, Harã, 645 anos antes da saída dos filhos de Israel do Egito. Foi no século XIII a. C. que eles vaguearam pelo deserto, a caminho da Terra Prometida, sob a direção de Moisés. Esta data, como veremos adiante, está arqueologicamente confirmada. Abraão deve ter vivido, pois, pelo ano 1900 a. C. As descobertas realizadas em Mari confirmam a precisão destes dados da Bíblia. Pelos dizeres dos arquivos do palácio de Mari, Harã e também Nacor eram cidades florescentes pelo ano 1900 a. C.

Os documentos do reino de Mari fornecem pela primeira vez esta prova inaudita: as histórias dos patriarcas da Bíblia não são — como têm sido consideradas com frequência — simples “lendas piedosas” e sim acontecimentos e descrições de uma época histórica que se pode datar!

CAPÍTULO 6

A GRANDE VIAGEM PARA CANAÃ

Um caminho de caravanas com 1.000 quilômetros de extensão. — Hoje são necessários quatro vistos para percorrê-lo. — A Terra da Púrpura. — Expedições punitivas contra os "habitantes da areia". — Majestosas cidades marítimas e um interior irrequieto. — "Best seller" egípcio sobre Canaã. — Sihuê elogia a Boa Terra. — Jerusalém em inscrições mágicas de vasos. — Castelos defensivos. — Selin encontra Siquém. — Abraão escolhe o caminho das montanhas.

(Abraão) levou consigo Sarai, sua mulher, e Lot, filho de seu irmão, e todos os bens que possuíam, e as pessoas que tinham adquirido em Harã; e partiram a fim de irem para a terra de Canaã (Gén. 12-5).

O caminho de Harã, pátria dos patriarcas, para a terra de Canaã, percorria uma extensão de mais de 1.000 quilômetros e dirigia-se para o sul. Descendo o Rio Belich, ia até o Eufrates, prosseguia por um caminho de caravanas milenar, passava pelo oásis de Palmira, a bíblica Tadmor, e continuava daí para sudoeste até ao Lago de Gensaré. Era uma das grandes estradas comerciais que, desde tempos remotíssimos, levavam do Eufrates ao Jordão, dos reinos da Mesopotâmia até às cidades fenícias das costas do Mediterrâneo e ao distante Egito, no Nilo.

Em nosso tempo, quem quer que deseje seguir o caminho de Abraão precisará de quatro vistos: o da Turquia, onde está situada Harã, o da Síria, isto é, para atravessar o trecho que vai do Eufrates, passando por Damasco, até o Jordão, os da Jordânia e do Estado de Israel, que ocupam o território da antiga Canaã. No tempo dos patriarcas era mais fácil sob esse ponto de vista, pois o longo trajeto atravessava apenas um grande estado, o reino de Mari, que abandonava. As pequenas cidades-estados entre o Eufrates e o Nilo eram fáceis de contornar. Depois o caminho até *Canaã* ficava desimpedido.

A primeira grande cidade que Abraão deve ter tocado em sua peregrinação existe até hoje: era Damasco.



Fig. 8: Partindo do Reino de Mari o pai dos patriarcas seguiu por este caminho para Canaã.

Uma viagem de automóvel de Damasco à Palestina significa para todos aqueles que a fazem na primavera uma aventura maravilhosa.

A antiqüíssima cidade com suas ruelas estreitas e as escuras passagens de seus bazares, com suas mesquitas e os restos de construções romanas, está situada no meio duma vasta e fértil planície. Os árabes, quando falam do paraíso, pensam em Damasco. Que outro lugar do Mediterrâneo podia comparar-se com esta cidade que tôdas as primaveras se engalana com um manto incomparável de magníficas e variegadas flores? Nos inúmeros jardins e nas bordas dos campos fora das muralhas os damasqueiros e as amendoeiras exibem sua exuberância côr-de-rosa. Árvores floridas ladeiam também a estrada que segue para sudoeste em suave e gradual aclive. Campos férteis alternam-se com olivais e extensas plantações de amoreiras. Lá no alto, à direita da estrada, nasce o Rio Barada, que dá à terra a sua fertilidade. Aí, partindo da planície lisa e florida, ergue-se a prumo o majestoso e célebre Hermon, com 2.750 metros de altitude. Nos flancos dessa montanha, ao sul, brotam as fontes do Jordão. Dominando os dois países, visíveis até grande distância, dir-se-ia que a natureza o colocou ali como gigantesca raia entre a Síria e a Palestina. Mesmo no auge do verão, com um calor sufocante, os seus cumes ficam cobertos de neve. A impressão torna-se mais forte quando, ao longe, à esquerda da estrada, desaparece a verdura dos campos. Monótonas colinas pardocinzentas, cortadas apenas por vales secos, estendem-se ondulantes até ao horizonte longínquo e cintilante, onde começa o deserto abrasador

da Síria — a pátria dos nômades. Por espaço de hora e meia a estrada continua subindo suavemente. Os campos e os pomares tornam-se mais esparsos. Cada vez mais o verde dá lugar ao cinza da estepe arenosa. Então, bruscamente, atravessam a estrada os enormes canos dum oleoduto. O petróleo que por aí passa já deixou para trás um extenso caminho. Começa sua viagem nas tôrres de petróleo das ilhas de Bahrein terminando na cidade portuária de Saida, no Mediterrâneo. Saida é a antiga Sidon da Bíblia.

De trás do cume de uma montanha surge imediatamente a região montanhosa da Galiléia. Poucos minutos depois se controlam os passaportes. A Síria fica para trás. A estrada transpõe uma pequena ponte. Sob os seus arcos passa um estreito riozinho de águas rápidas e violentas. É o Jordão. Estamos na Palestina, no jovem Estado de Israel.

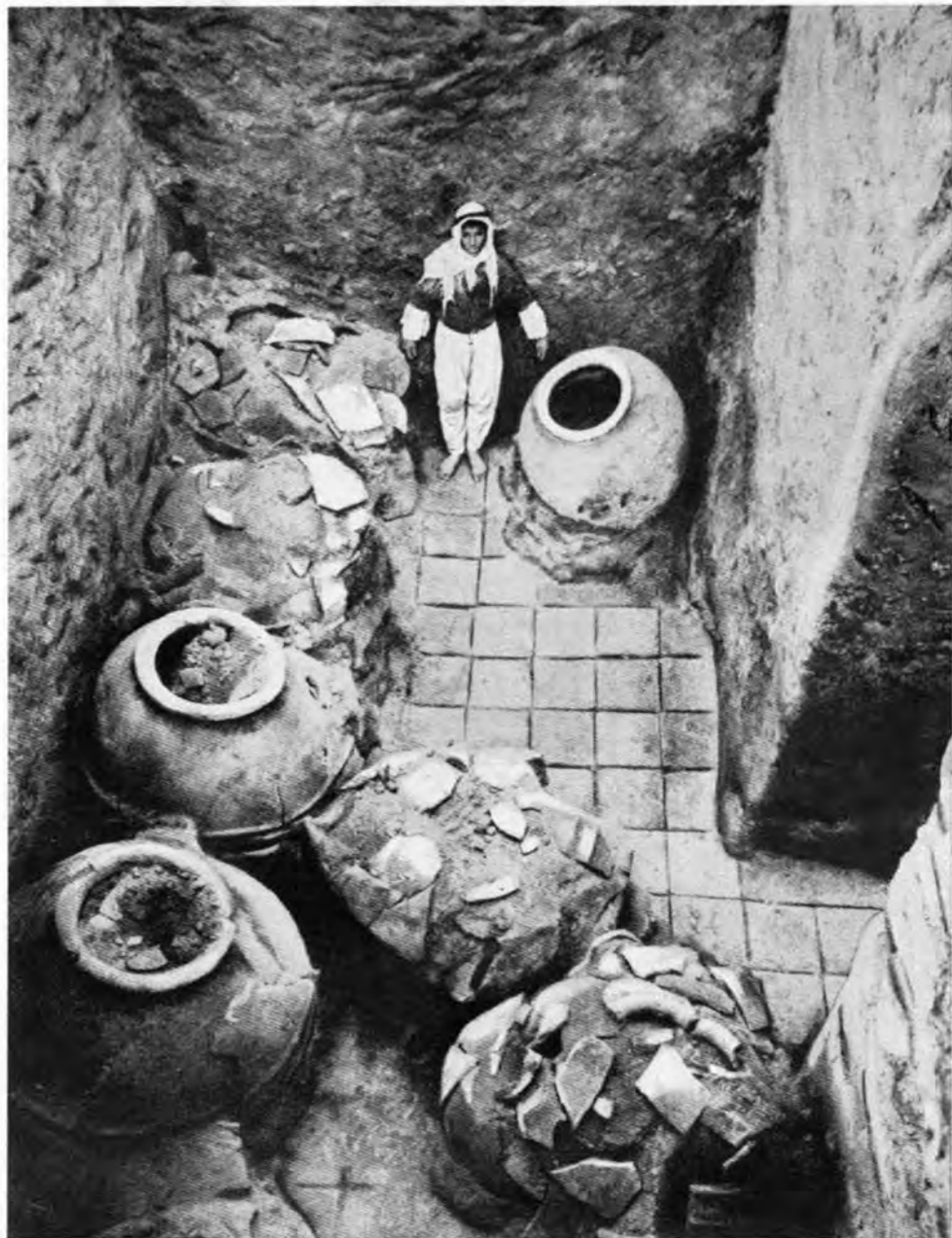
Após uma viagem de dez quilômetros por entre escuros penhascos de basalto, avista-se lá no fundo, azul e cintilante, o lago de Genesaré. Nesse lago tranqüilo, onde o tempo parece haver parado, pregou Jesus outrora, de um barco, para a pequena povoação de Cafarnaum. Aí êle mandou Pedro lançar a rêde para a grande pescaria. Dois mil anos antes pastaram em suas margens os rebanhos de Abraão. Pois o caminho que ia da Mesopotâmia a Canaã passava junto ao lago de Genesaré.

Canaã é uma faixa de terra estreita e montanhosa entre a costa do Mediterrâneo e a orla do deserto, desde Gaza, no sul, até Emat, no norte, às margens do Orontes.

Canaã significa “terra da púrpura”. Deve o seu nome a um produto local muito cobiçado na Antiguidade. Desde os tempos mais primitivos seus habitantes extraíam dum caracol do mar — *Murex shellfish* — nativo nessa região, a tinta mais famosa do mundo antigo, a púrpura. Era tão rara, tão difícil de extrair e, por isso mesmo, tão cara, que só os ricos podiam adquiri-la. As vestes tingidas de púrpura eram consideradas em todo o antigo Oriente sinal de alta categoria. Os gregos chamavam fenícios aos fabricantes e tintureiros de púrpura da costa do Mediterrâneo e à sua terra Fenícia, que na língua dêles significava púrpura.

A terra de Canaã é também o berço de duas coisas que comoveram o mundo profundamente: a palavra Bíblia e o nosso alfabeto! Uma cidade fenícia deu nome à palavra que designa “livro” em grego; de Biblos, cidade marítima de Canaã, originou-se “biblion” e daqui, mais tarde, “Bíblia”. No século IX a. C. os gregos tomavam de Canaã as letras do nosso alfabeto.

A parte da região que viria a ser a pátria do povo de Israel foi batizada, pelos romanos, com o nome dos seus mais acérrimos inimigos: o nome “Palestina” é derivado de “Pelishtim”, que assim são designados os *filisteus* no Antigo Testamento. Habitavam a parte meridional da costa de Canaã — ...*tudo Israel, desde Dã até Bersabé* (I Reis 3-20). Assim descreve a Bíblia a extensão da *Terra Prometida*, isto é, das



Num canto da sala 78 encontravam-se alguns enormes recipientes de barro danificados. No ano 1750 a. C. desabaram sobre eles os tetos quando os comandos incendiários do Rei Hamurábi puseram fogo no palácio de Mari.



O Prof. Parrot (com capacete tropical) examina a estátua de Ichtup-ilum, que foi governador de Mari no tempo dos patriarcas, encontrada na sala do trono do palácio.

nascentes do Jordão, nas faldas do Hermon, até às colinas situadas a leste do Mar Morto, e até ao Negueb, na Terra do Meio-Dia.

Vista num globo terrestre, a Palestina é apenas uma manchinha na nossa terra, um pequeno traço. Hoje as fronteiras do antigo reino de Israel podem ser percorridas cómodamente num dia, de automóvel. Com 230 quilômetros de norte a sul, 37 quilômetros de largura nas partes mais estreitas, 25.124 quilômetros quadrados de superfície, o reino de Israel tinha o tamanho da Sicília. Só foi maior durante alguns decênios de sua movimentada história. Sob o reinado dos famosíssimos reis Davi e Salomão o território do estado chegava até à extremidade do Mar Vermelho em Asiongaber, no sul, e, no norte, ia além de Damasco, abrangendo parte da Síria. O atual Estado de Israel é, com seus 20.720 quilômetros quadrados, cerca de um quinto menor do que foi o reino de seus antepassados.

Nunca floresceram ali ofícios e indústrias cujos produtos fôssem procurados pelo resto do mundo. Cortada por colinas e cadeias de montanhas, cujas cumeadas se erguem até 1.000 metros de altura e mais, limitada ao sul e a leste por estepes e desertos, ao norte pelos montes do Líbano e do Hermon, a oeste pela costa plana, inadequada para portos de mar, era qual uma pobre ilha entre os grandes reinos do Nilo e do Eufrates, situada na fronteira entre dois continentes. A leste do delta do Nilo termina a África. Além dum deserto árido de 150 quilômetros de largura começa a Ásia e no seu limiar está a Palestina.

Se ela, no curso de sua história acidentada é continuamente envolvida nos grandes acontecimentos do mundo, isso se deve à sua situação. Canaã constitui o elo entre o Egito e a Ásia. A mais importante estrada comercial do mundo antigo atravessava esse país. Mercadores e caravanas, tribos e povos errantes percorriam esse caminho, por onde seguiriam mais tarde, também, os exércitos dos conquistadores. Egípcios, assírios, babilônicos, persas, gregos e romanos, uns após outros, fizeram da terra e seus habitantes joguetes de seus interesses econômicos, estratégicos e políticos.

O gigante do Nilo, foi movido por interesses comerciais quando, no terceiro milênio a. C., como primeira das grandes potências estendeu seus tentáculos até a velha Canaã.

Conduzimos quarenta navios carregados de troncos de cedro / Construimos navios de madeira de cedro / Um, o navio "Louvor dos Dois Países", com 50 metros de comprimento / E dois navios de madeira de *meru*, com 50 metros de comprimento / Fizemos as portas do palácio do rei de madeira de cedro. — Tal é o teor do mais antigo conhecimento de importação de madeira do mundo, expedido por volta de 2700 a. C. Os dados sobre este transporte de madeira, feito durante o reinado do faraó Snofru, estão gravados numa tabuinha de duro diorito preto, tesouro conservado no Museu de Palermo. Naquele tempo as encostas do Líbano eram cobertas de espessos bosques. A

madeira de lei de seus cedros e *merus*, espécie de conífera, era muito apreciada pelos faraós para suas construções.

Já 500 anos antes de Abraão florescia um comércio de importação e exportação nas costas de Canaã. A terra do Nilo trocava ouro e especiarias da Núbia, cobre e turquesas das minas do Sinai, linho e marfim por prata do Tauro, artefatos de couro de Biblos, vasos vidrados de Creta. Os ricos mandavam tingir suas vestes com púrpura nas grandes tinturarias da Fenícia. Para as damas da corte produziam um maravilhoso azul de lápis-lazúli — as pálpebras pintadas de azul eram a grande moda — e estíbio, cosmético para os cílios, altamente apreciados pelo mundo feminino.

Nas cidades marítimas de Ugarit (hoje Ras Shamra) e Tiro estabeleciam-se cônsules egípcios, a fortaleza marítima de Biblos era colônia egípcia, levantavam-se monumentos faraônicos nessas cidades e príncipes fenícios tomavam nomes egípcios.

Mas se as cidades costeiras ofereciam um aspecto de vida ativa, próspera, opulenta mesmo, a poucos quilômetros para o interior começava um mundo de vívidos contrastes. Os montes do Jordão eram um eterno foco de inquietação. Eram incessantes os ataques de nômades às populações sedentárias, as rebeliões e as contendas entre cidades. Como isso punha em perigo o caminho das caravanas ao longo da costa do Mediterrâneo, os egípcios tinham que organizar expedições punitivas para chamar à razão os desordeiros. A inscrição encontrada no túmulo do egípcio Uni dá-nos uma descrição minuciosa da maneira como foi organizada uma dessas expedições punitivas por volta de 2350 a. C. O comandante militar Uni recebe do faraó Fiops I ordem de organizar um exército para atacar os beduínos asiáticos que invadiram Canaã. Eis o que ele informa sobre a campanha:

“Sua Majestade fez guerra aos habitantes da areia asiática e organizou um exército: em todas as regiões meridionais ao sul de Elefantina..., por todo o Norte... e entre os núbios de Jertet, os núbios de Mazói e os núbios de Jenam. Fui eu que fiz o plano de todas elas...” O alto grau de disciplina das variegadas forças combatentes é devidamente elogiado. Assim ficamos sabendo as coisas cobiçáveis que havia em Canaã: “Nenhum deles roubou... sandálias de alguém que vinha pelo caminho... Nenhum deles tomou pão de ninguém na cidade; nenhum deles arrebatou uma cabra a ninguém.” O comunicado de Uni anuncia um grande sucesso e contém, além disso, valiosas informações sobre a terra: “O exército do rei voltou são e salvo depois de haver devastado o país dos habitantes da areia... depois de destruir as suas fortalezas... Depois de haver derrubado seus figueirais e vinhas... depois de aprisionar grandes multidões... Cinco vezes Sua Majestade me mandou percorrer a terra dos habitantes da areia por causa de suas rebeliões...”

Assim entraram na terra dos faraós, como prisioneiros de guerra, os primeiros semitas — no Egito chamados com desprezo habitantes da areia.

Chu-Sebek, ajudante de ordens do rei egípcio Sesóstris III, escreveu quinhentos anos depois um comunicado de guerra, o qual, gravado na época em uma pedra comemorativa, se conservou em Abidos, no curso superior do Nilo: "Sua Majestade marchou para o Norte a fim de derrotar os beduínos asiáticos... Sua Majestade chegou a uma região com o nome de Sekmem... Então caiu Sekmem com a mísera Retenu..."

Os egípcios designavam a terra da Palestina e Síria com o nome de "Retenu". "Sekmem" é a cidade bíblica de *Siquém*, a primeira cidade de Canaã que Abraão encontrou em sua peregrinação (Gên. 12-6).

Com a expedição de Sesóstris III por volta de 1850 a. C. encontramos em meio da época dos patriarcas. Entrementes, o Egito havia tomado toda Canaã; o país estava sob a autoridade dos faraós. Graças aos arqueólogos, o mundo possui um documento único dessa época, um tesouro de literatura antiga. O autor é um certo Sinuhe, do Egito. O lugar da ação: Canaã. A época: entre 1971 e 1928 a. C., no reinado do faraó Sesóstris I.

Sinuhe, personagem importante, freqüentador da corte, vê-se envolvido numa intriga política. Temendo pela sua vida, emigra para Canaã:

"...Quando dirigi meus passos para o norte, cheguei ao muro dos príncipes, construído para manter à distância os beduínos e dominar os vagabundos da areia⁽¹⁾. Escondi-me em um bosque com medo de que a guarda que estava de serviço na muralha me pudesse ver. Só à noite me pus de novo a caminho. Quando aclarou... quando cheguei ao Lago Amargo⁽²⁾, caí. A sede me dominou e tinha a garganta em fogo. Disse eu: tal é o sabor da morte! Mas, reanimando o coração e reunindo todas as forças dos membros, ouvi o mugido de gado e avistei beduínos. O chefe deles, que tinha estado no Egito, reconheceu-me. Deu-me água, aqueceu leite para mim e eu fui com ele para a sua tribo. O que eles me fizeram foi bom."

A fuga de Sinuhe foi bem sucedida. Conseguiu transpor secretamente a muralha que existia na fronteira do reino dos faraós, no lugar exato onde passa hoje o Canal de Suez. Essa "Muralha dos Príncipes" tinha já então algumas centenas de anos. Um sacerdote a menciona já em 2650 a. C.: "Será construída a "Muralha dos Príncipes" para evitar a penetração dos asiáticos no Egito. Eles pedem água... para darem de beber aos seus rebanhos". Mais tarde, os filhos de Israel deveriam transpor esse muro com freqüência; não havia outro caminho para o Egito. Abraão deve ter sido o primeiro deles a avisá-lo quando, numa crise, se dirigiu para a terra do Nilo (Gên. 12-10).

(1) "Vagabundos da areia" e "atravessadores do deserto" eram nomes depreciativos que os egípcios gostavam de dar aos seus vizinhos nômades de Leste e do Nordeste. A esses pertenciam também as tribos ainda não sedentárias de Canaã e Síria.

(2) O "Lago Amargo", ainda hoje assim chamado, no Istmo de Suez.

Sinuhe prossegue: "De uma terra fui passando a outra. Cheguei a Biblos⁽¹⁾ e cheguei a Kedme⁽²⁾ e ali permaneci ano e meio. Ammi-ênchi⁽³⁾, príncipe do Alto Retenu⁽⁴⁾, chamou-me para junto de si e disse-me: "Tu estarás à vontade na minha casa e ouvirás falar egípcio". Isso ele disse porque sabia quem eu era. Alguns egípcios⁽⁵⁾ que viviam com ele tinham-lhe falado a meu respeito."

Ficamos sabendo tudo o que se passou com o fugitivo egípcio no norte da Palestina até aos menores detalhes da vida cotidiana. "Ammi-ênchi disse-me: "Não há dúvida que o Egito é belo, mas tu ficarás aqui comigo e o que eu fizer por ti também será belo."

Colocou-me por cima de todos os seus filhos e casou-me com sua filha mais velha. Deu-me a escolher do melhor da terra que possuía e eu escolhi um trecho que ficava na fronteira de outro país. Era uma bela terra que tinha o nome de Jaa. Havia nela figos e uvas e mais vinho que água. Seu mel era copioso, abundante o seu azeite e de suas árvores pendia toda a espécie de frutas. Havia nela também trigo, cevada e rebanhos sem conta. Muito me veio da minha popularidade. Ele me fez príncipe da sua tribo na melhor parte do seu país. Diariamente eu bebia vinho, comia pão, carne cozida e ganso assado, além de caça do deserto que abatiam para mim, sem falar da que apanhavam os meus cães de caça... e leite, preparado de diversas maneiras. Assim passei muitos anos e meus filhos se tornaram homens fortes, cada um deles o mais valente da sua tribo.

O mensageiro que, partindo do Egito, seguia para o norte, ou viajava para o sul a caminho da corte, detinha-se em minha casa⁽⁶⁾; eu dava asilo a todo o mundo. Dava água aos que tinham sede, conduzia os transviados ao caminho certo, protegia os que eram assaltados.

Quando os beduínos partiam para combater os príncipes de outras terras, eu organizava as suas campanhas. Pois o príncipe de Retenu confiou-me durante muitos anos o comando de seus guerreiros e em cada terra que eu entrava, fazia... e... de suas pastagens e suas fontes. Eu capturava os rebanhos, expulsava as populações e apoderava-me das provisões. Matava os adversários com minha espada e o meu arco⁽⁷⁾, valendo-me da minha destreza e de meus golpes hábeis."

Das muitas aventuras que passou entre os "asiáticos" a que mais parece ter impressionado Sinuhe foi um duelo de vida ou morte que ele descreve em seus mínimos detalhes. Um "valentão de Retenu" zombou dele em sua tenda e desafiou-o para a luta. Ele tinha a certeza de que mataria Sinuhe e assim se apossaria de seus rebanhos e propriedades. Porém Sinuhe que, como egípcio, fora desde a juven-

(1) Cidade marítima fenícia, ao norte da atual Beirute.

(2) Região deserta a leste de Damasco.

(3) Nome semita ocidental, amorita.

(4) Nome da região montanhosa ao norte da Palestina.

(5) Naquele tempo havia emissários do faraó por toda a parte em Canaã e na Síria.

(6) Isso permite supor um comércio ativo entre o Egito e a Palestina.

(7) O arco é a arma típica do Egito.

tude adestrado no manejo do arco, matou com uma flechada no pescoço o “valentão”, que avançou para êle armado de escudo, punhal e lança. A prêsa que resultou desse duelo tornou-o ainda mais rico e poderoso.

Já muito velho, foi acometido pela saudade da pátria. Uma carta de seu faraó Sesóstris I convidava-o a voltar: “...Põe-te a caminho e volta para o Egito a fim de tornares a ver a côrte em que foste criado e beijares a terra junto às duas grandes portas... Pensa no dia em que te levarão à sepultura e serás venerado. Serás preparado à noite com óleo e com faixas da deusa Tait (1). No dia do teu sepultamento terás um cortejo. O caixão será de ouro e a cabeça de lápis-lazúli e será colocado no esquife. Serás puxado por bois, à tua frente marcharão cantores e à porta do teu túmulo será dançada a dança dos anões. Serão recitados ofertórios para ti e haverá sacrifícios no teu altar. Tuas colunas serão construídas de pedra calcária entre as dos filhos de rei. Não aconteça que morras em terras estrangeiras e sejas sepultado pelos asiáticos e envolto numa pele de carneiro.”

O coração de Sinuhe se enche de júbilo. Decide-se imediatamente pelo regresso, lega seus haveres aos filhos e nomeia o filho mais velho “chefe da tribo”. Tal era o costume entre os nômades semitas. Assim era também entre Abraão e seus descendentes. Era o direito hereditário dos patriarcas, que depois se tornou lei em Israel. “E tôda a minha tribo e todos os meus haveres passaram a pertencer-lhe, minha gente e todos os meus rebanhos, meus frutos e tôdas as árvores doces (2). Então parti para o sul.”

Até às fortalezas do Egito foi escoltado por beduínos, daí uma delegação do faraó levou-o de navio até à capital situada ao sul de Méfis.

Que contrastel De uma tenda para o palácio do rei, da vida simples e arriscada para a segurança e o luxo de uma metrópole altamente civilizada. “Ali encontrei Sua Majestade sentado no grande trono do salão de ouro e prata. Depois foram chamados os filhos do rei. Sua Majestade disse à rainha: “Vê Sinuhe que volta feito asiático e se tornou beduíno!” Ela soltou um grande grito e os filhos do rei gritaram todos ao mesmo tempo. Disseram a Sua Majestade: “Isso não é verdade, meu senhor rei”. Sua Majestade respondeu: “É de fato verdade!”

“Fui conduzido para um palácio principesco”, escreve Sinuhe entusiasmado, “no qual havia coisas maravilhosas e até um quarto de banho... havia lá, da casa do tesouro, vestes reais de linho, mirra e o óleo mais fino. Funcionários do palácio, que o rei estimava, estavam em cada um dos aposentos, e cada cozinheiro fazia o seu dever. Foram tirados os anos do meu corpo. Cortaram-me a barba e pentearam-me o cabelo. Um pêso foi abandonado à terra estrangeira (3) e

(1) Embalsamação.

(2) Tamarceiras.

(3) Isto é, a sujeira que lhe tiraram ao lavá-lo

as vestes tôscas aos nômades da areia. Envolveram-me em fino linho e ungiram-me o corpo com o melhor óleo do país. Tornei a dormir numa cama!... Assim vivi honrado pelo rei até que chegou o dia do passamento.”

A história de Sinuhe não existia apenas em um exemplar. Foram encontrados diversos. Devia ser uma obra muito procurada, pois recebeu várias “edições”. Sua leitura deve ter deliciado o público não só do Médio mas também no Novo Império do Egito, como se deduz pelas cópias encontradas. Foi, por assim dizer, um “best seller”, o primeiro do mundo, e precisamente sobre Canaã.

Os pesquisadores que o desenterraram no começo deste século ficaram tão entusiasmados com ele como os contemporâneos de Sinuhe há 4000 anos, mas tomaram-no por uma história bem imaginada, se bem que destituída de toda a realidade. Assim se tornou a história de Sinuhe uma mina para os egiptólogos estudiosos da escritura, mas sem sentido para os historiadores. E, enquanto se discutia sobre o sentido do texto, sobre os signos e a sintaxe, o conteúdo da história ia caindo no esquecimento.

Entretanto, Sinuhe foi reabilitado. Hoje, sabemos que o egípcio escreveu uma história verdadeira sobre a Canaã daquele tempo, a Canaã por onde, possivelmente, vagueava Abraão. Devemos a textos hieroglíficos sobre campanhas egípcias os primeiros testemunhos sobre Canaã. Eles concordam perfeitamente com a descrição de Sinuhe. Por outro lado, o relato desse aristocrata egípcio concorda em algumas passagens quase palavra por palavra com certos versículos da Bíblia muito citados. *Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa*, diz o Deuteronômio, capítulo 8, versículo 7. — “Era uma bela terra”, diz Sinuhe. *Terra*, continua a Bíblia, *de trigo, de cevada, de vinhas, onde nascem figueiras...* “Ali havia cevada e trigo, havia figos e uvas”, conta Sinuhe. E onde a Bíblia diz: *Uma terra de azeite e de mel, onde, sem nenhuma escassez, comerás o teu pão*, diz o texto egípcio: “Seu mel era copioso e abundante o seu azeite. Diariamente eu comia pão”.

A descrição que Sinuhe faz de seu modo de vida entre os amoritas, na tenda, cercado de seus rebanhos e envolvido em lutas com orgulhosos beduínos, que ele precisa afastar de suas pastagens e de suas fontes, corresponde à descrição bíblica da vida dos patriarcas. Também Abraão e seu filho Isaac têm contendas por causa das suas fontes (Gên. 21-25; 26-15 e 20).

Os resultados de conscienciosas pesquisas comprovam melhor que tudo o cuidado e a precisão com que a Bíblia descreve as condições de vida naquele tempo. Pois a abundância de documentos e monumentos recém-descobertos permite-nos fazer hoje uma reconstituição plástica e fiel das circunstâncias de vida em Canaã na época do advento dos patriarcas.

Canaã por volta de 1900 a. C. era apenas esparsamente povoada. Era, a bem dizer, uma verdadeira terra de ninguém. Aqui e além, no meio de campos cultivados, erguia-se um burgo fortificado. Nas encostas circunjacentes havia vinhedos, figueiras e palmeiras. Os habitantes viviam em permanente estado de alerta, as povoações, pequenas e muito isoladas, eram objeto de audaciosos assaltos dos nômades. Súbita e inesperadamente, os nômades surgiam, derrubavam tudo, levando o gado e as colheitas. Com a mesma rapidez com que surgiam, desapareciam, e não havia meio de encontrá-los nas vastas planícies de areia ao sul e a leste. Era incessante a luta entre os lavradores e criadores de gado tornados sedentários e as tribos de salteadores que não conheciam habitação fixa e cujo teto era uma tenda de pele de cabra aberta em qualquer parte ao ar livre sob o vasto céu do deserto. Por essa região insegura vagueou Abraão com Sara, sua mulher, Lot, seu sobrinho, sua gente e seus rebanhos.

*E tendo lá chegado, Abraão atravessou este país até o lugar de Si-
quém, até ao vale ilustre... / E o Senhor apareceu a Abraão, e disse-
lhe: eu darei esta terra aos teus descendentes. Naquele lugar edificou
um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido. E, passando dali ao
monte, que estava ao oriente de Betel, aí levantou a sua tenda, tendo
Betel ao ocidente, e Hai ao oriente. Aí edificou também um altar ao
Senhor, e invocou o seu nome. Abraão continuou a sua viagem, an-
dando e avançando para o meio-dia (Gên. 12-5 a 9).*

Em 1920 foram encontrados no Nilo alguns cacos notáveis, a maioria deles procedente de Tebas e de Sacara. Arqueólogos berlinenses adquiriram alguns, outros foram para Bruxelas e o resto foi enviado para o Museu do Cairo. Manejados por mãos cuidadosas de especialistas, esses fragmentos transformaram-se de novo em vasos e estatuetas, e as inscrições que nêles apareceram foram o que mais surpreendeu. Esses textos estão cheios de terríveis pragas e maldições como esta: "Morte a todo aquele que disser más palavras e conceber maus pensamentos, a todo aquele que pronunciar maldições, que praticar más ações e tiver maus propósitos". Estas e outras ameaças se dirigiam de preferência a cortesãos e nobres egípcios, mas também a governadores de Canaã e da Síria.

Segundo uma antiga superstição, no mesmo instante em que o vaso ou a estatueta se quebrasse, seria destruída também a força do amaldiçoado. Frequentemente as palavras abrangiam a família, os servos e até a própria casa da pessoa amaldiçoada. Os textos mágicos continham nomes de cidades como Jerusalém (Gên. 14-19), Ascalão (Juizes 1-18), Tiro (Jos. 19-29), Asor (Jos. 11-1), Betsames (Jos. 15-10), Afec (Jos. 12-18), Acsaf (Jos. 11-1), e Chechém (isto é, Siquém). Uma prova convincente de que os lugares mencionados na Bíblia já existiam nos séculos XIX e XVIII a. C., pois os vasos e estatuetas são dessa época. Duas dessas cidades foram visitadas por Abraão. Ele se encontra com Melquisedec, "rei de Salém" (Gên. 14-18) em seu caminho para Je-

rusalém. Sabe-se onde fica Jerusalém, mas onde estaria situado o lugar de Siquém?

No coração de Samaria há um vale extenso e plano, acima do qual se erguem os altos cumes do Garizim e do Ebal. Campos bem cultivados circundam Askar, uma aldeiazinha da Jordânia. Perto dessa aldeia, ao fundo do Garizim, foram encontradas as ruínas de Siquém.

Foi obra do arqueólogo alemão Prof. Erns Sellin. Em escavações que duraram dois anos, 1913 e 1914, vieram à luz do dia camadas da mais alta antiguidade.

Sellin encontrou restos de muros do século XIX a. C. Pouco a pouco foi tomando forma um gigantesco muro circundante com sólidos alicerces, tudo toscamente talhado em blocos de rocha feldspática. Alguns desses blocos mediam até dois metros de grossura. Os arqueólogos designam este tipo de construção com o nome de "muros ciclôpicos". O muro era reforçado por um talude. Os construtores de Siquém não só tinham guarnecido a muralha de dois metros de largura com pequenas tôrres, mas haviam-lhe sobreposto ainda uma muralha de terra.

Foram também surgindo dos escombros as ruínas dum palácio. O acanhado pátio quadrangular, rodeado por uns poucos compartimentos de grossas paredes, mal poderia merecer o nome de palácio. Como Siquém eram tôdas as cidades de Canaã cujos nomes temos ouvido tantas vezes e diante das quais os israelitas sentiram tanto medo no princípio. Salvo poucas exceções, conhecemos tôdas as construções notáveis daquele tempo. A maioria só foi posta a descoberto pelas pás nas três últimas décadas. Durante milênios elas ficaram enterradas e agora se apresentam completas aos nossos olhos, entre elas muitas cidades cujos muros os patriarcas devem ter visto: Betel e Mispa, Gerar e Laquis, Geser e Gat, Ascalão e Jericó. Se alguém quisesse escrever a história da construção de cidades e fortalezas de Canaã, não teria grande dificuldade em fazê-lo dada a abundância de material existente até ao terceiro milênio a. C.

As cidades de Canaã eram burgos fortificados, lugares de refúgio para os casos de guerra, quer devido a ataques súbitos de tribos nômades quer devido a hostilidades dos cananeus entre si. As poderosas muralhas de pedra circundavam sempre uma pequena superfície pouco maior que a praça de São Pedro de Roma. É verdade que cada cidade-fortaleza tinha abastecimento de água, mas não havia nenhuma que pudesse abrigar permanentemente uma população numerosa. Em comparação com os palácios e as metrópoles da Mesopotâmia ou do Nilo, eram insignificantes. Em sua maioria, as cidades de Canaã caberiam cômodamente no palácio dos reis de Mari.

Em Tell el-Hesi, indubitavelmente a bíblica Eglon, a antiga fortaleza circundava uma superfície de meio hectare apenas. Em Tell es-Safi — antiga Gat — 5 hectares, em Tell el-Mutesellim — outrora Magdo — mais ou menos a mesma coisa, em Tell el-Zakariyah — a bíblica Aseca — menos de 4 hectares, Geser, na estrada de Jerusalém

para o pôrto de Jafa, abrangia 9 hectares de superfície construída. Mesmo na reconstruída Jericó, o espaço cercado pela fortificação interior, a acrópole propriamente, cobria apenas uma superfície de 2,35 hectares. E, contudo, Jericó era uma das fortificações mais poderosas do país.

Lutas encarniçadas entre os chefes de tribos estavam na ordem do dia. Faltava a mão ordenadora da autoridade. Cada chefe mandava em seu território. Ninguém mandava nêle, que fazia como bem lhe aprazia. A Bíblia chamava os cabeças de tribo *reis* e, quanto ao que se referia ao poder e independência, tinha razão.

Entre os chefes de tribo e seus súditos havia uma relação patriarcal. Dentro dos muros viviam apenas o chefe, as famílias patrícias, os representantes do faraó e os comerciantes ricos. Só êles moravam em casas sólidas e firmes, em geral de um andar, constituídas de quatro a seis cômodos dispostos em volta de um pátio aberto. Casas patrícias com um segundo andar eram relativamente raras. O resto da população — gente de séqüito, escravos, servos — moravam em rudes choupanas de barro ou folhagem, fora dos muros. Deviam levar uma vida miserável.

Desde os tempos mais primitivos dois caminhos se cruzavam na planície de Siquém. Um dêles descia para o vale do Jordão. O outro seguia para o sul, subindo as montanhas solitárias, até Betel e, mais para lá, passando por Jerusalém, até o Negueb, o *país do meio-dia* da Bíblia. Quem tomava por êste último encontrava apenas algumas povoações na região montanhosa central de Samaria e Judá: Siquém, Betel, Jerusalém e Hebron. Quem preferia o caminho mais cômodo, encontrava as cidades maiores e as fortalezas mais importantes dos cananeus, situadas nos opulentos vales da planície de Jesrael, no fértil litoral de Judá e em meio da vegetação luxuriante do vale do Jordão.

Para sua primeira viagem de exploração através da Palestina Abraão escolheu o caminho solitário e penoso que seguia para o sul pelas montanhas. Pois aí as encostas cobertas de florestas ofereciam ao forasteiro proteção e abrigo e ricos pastos nas clareiras para o gado que conduzia. Mais tarde êle e sua gente tornaram a seguir êsses mesmos caminhos difíceis das montanhas e o mesmo fizeram os outros patriarcas diversas vêzes, em uma e outra direção. Por mais que os férteis vales da planície o tentassem constantemente, Abraão preferiu sempre o caminho da montanha. Pois com os arcos e fundas de sua gente não estaria à altura de se medir com os cananeus, armados de espadas e lanças. Assim, Abraão não se atrevia a deixar as montanhas.

CAPÍTULO 7

ABRAÃO E LOT NA TERRA DA PÚRPURA

Fome em Canaã. — Quadro de uma família do tempo dos patriarcas. — Licença de imigração para pastorear no Nilo. — Mistério de Sodoma e Gomorra. — Mr. Lynch explora o mar salgado. — A maior fenda existente na crosta da terra. — Bosques submersos no Mar Morto. — O vale de Sidim mergulhou no abismo. — Colunas de sal no Jebel Usdun. — Junto ao terebinto de Abraão.

Sobreveio, porem, uma fome no país; e Abraão desceu ao Egito para aí viver algum tempo; porque a fome dominava no país (Gén. 12-10).

A posteridade deve à areia sêca do deserto egípcio a conservação de uma série considerável de textos hieroglíficos, entre os quais se encontram muitas indicações de peregrinação de famílias semitas à terra do Nilo. O testemunho mais belo e expressivo que existe é um quadro.

A meio caminho entre as antigas cidades faraônicas de Mênfis e Tebas, 300 quilômetros ao sul do Cairo, à margem do Nilo, no meio de campos verdejantes e palmares, fica a povoaçãozinha de Beni-Hasan. Aí desembarcou em 1890 o inglês Percy A. Newberry com a incumbência oficial de pesquisar alguns túmulos antigos. A expedição era financiada pelo *Egypt Exploration Fund*.

Os túmulos encontravam-se à saída dum vale deserto, onde repousavam também os restos de antigas pedreiras e de um grande templo. Semana após semana os exploradores levaram retirando escombros, pedras e pedaços de colunas de pedra quebradas da entrada do rochedo



Fig. 9: Uma família semita do tempo dos patriarcas,

além da qual se ocultava o lugar de repouso do príncipe egípcio Chnem-hotep. Hieróglifos existentes numa pequena ante-sala, perpetuavam o nome do morto. Era o soberano daquela região do Nilo, antes chamada Distrito das Gazelas. Chnem-hotep viveu no reinado do faraó Sesóstris II, por volta de 1900 a. C.

Depois de muitos dias de trabalho, Newberry conseguiu enfim penetrar numa imponente sala aberta na rocha. À luz de numerosas tochas, êle percebeu três câmaras. Do chão erguiam-se duas fileiras de colunas. Nas paredes, cobertas por uma fina camada de cal, havia pinturas de côres magníficas. Representavam cenas da vida do príncipe, aspectos de colheitas, caça, dança e jogo. Na parede do norte, em um quadro imediatamente ao lado dum retrato do príncipe, maior que o natural, Newberry descobriu figuras de aspecto estranho. Seu traje era diferente do usado ordinariamente pelos egípcios, eram mais claros de pele e tinham perfis bem marcados. Dois funcionários egípcios no primeiro plano apresentavam evidentemente o grupo estrangeiro ao príncipe. Quem seriam aqueles personagens?

Os hieróglifos que um dos egípcios tinha na mão esclareceram o enigma: eram "habitantes da areia", semitas! Seu chefe chamava-se... Abisai. Tinha chegado ao Egito com 36 homens, mulheres e crianças de sua parentela. Trouxera presentes para o príncipe, entre os quais se citava particularmente determinado "estíbio" (1) precioso para a princesa.

Abisai é um nome genuinamente semita. Depois da conquista de Canaã por Josué, durante o segundo reinado de Israel, este nome surge na Bíblia: "*Davi disse... a Abisai, filho de Sarvia*" (I Reis 26-6). O Abisai da Bíblia era irmão do pouco estimado general *Joab*, no reinado do rei *Davi*, por volta do ano 1000 a. C., no tempo em que Israel era um grande reino.

O artista a quem o príncipe Chnem-hotep incumbira de decorar o seu túmulo representara os "habitantes da areia" com um cuidado que se estendera até aos menores detalhes. As figuras, realistas e extremamente expressivas, produziam o efeito de uma fotografia. Dir-se-ia que

(1) Pintura para os cílios.



na parede do túmulo do príncipe de Beni-Hasan junto ao Nilo.

aquela família semita se detivera ali apenas um instante e que homens, mulheres, crianças e animais iam pôr-se em movimento de repente e continuar seu caminho. Abisai, à frente do cortejo, saudava o príncipe baixando ligeiramente a mão direita, enquanto com a esquerda segurava uma pequena corda, pela qual conduzia um bode manso que tinha entre os chifres um bastão curvo, ou seja, o cajado de pastor.

O cajado de pastor era tão característico dos nômades que os egípcios o usavam em sua escritura ideográfica para designar êsses estrangeiros.

Os trajos também estavam representados fielmente quanto à forma e às cores. Eram de lã, triangulares, presos num ombro. Nos homens desciam até os joelhos e nas mulheres até a barriga da perna. Eram de tecidos listrados de cores vivas e variegadas e serviam de mantos. Não lembram a famosa *"túnica de várias cores"* que Jacó deu a José, seu filho predileto, provocando assim o rancor dos outros filhos? (Gên. 37-3). Os homens tinham a barba em ponta e, nas mulheres, o cabelo, dum negro de azeviche, caía livremente sobre o peito e os ombros, preso apenas no alto com uma fita que lhes passava pela testa. A pequena madeixa adiante das orelhas devia ser uma concessão à moda. Os homens usavam sandálias, as mulheres botinas marrom-escuras. Transportavam consigo suas rações de água em recipientes de peles de animais artisticamente costuradas. Como armas usavam arco e flecha, pesados dardos e lanças. Tinha consigo até os seus instrumentos musicais preferidos. Um dos homens tocava a lira de oito cordas. Alguns salmos de Davi eram acompanhados com êsse instrumento segundo diz a Bíblia: *"Para ser cantado com instrumento de oito cordas"* (1), diz-se no princípio dos salmos 6 e 12.

Como êste quadro foi executado pelo ano 1900 a. C., no tempo dos patriarcas, podemos imaginar Abraão e sua gente de acôrdo com êle. Quando Abraão chegou à fronteira egípcia, deve ter ocorrido uma cena semelhante. Pois em todos os fortes da fronteira, como no território do príncipe Chnem-hotep, deviam tomar os dados pessoais dos estrangeiros.

Não era, pois, diferente do que é hoje quando se viaja para um país estranho. Ainda não eram conhecidos os passaportes, mas as formalidades e a burocracia já tornavam difícil a vida para os estrangeiros.

Quem queria entrar no Egito tinha de fornecer os seus dados pessoais, dar o motivo da viagem e dizer quanto tempo, aproximadamente, tencionava demorar-se no país. Um escriba registrava tudo, metódicamente, com tinta vermelha, num papiro, e enviava êsses dados por mensageiro ao oficial da fronteira, que decidia então se devia ou não ser concedida uma *"licença de imigração"*. Mas isso não dependia do seu próprio parecer. Os funcionários da administração da

(1) A tradução que estamos utilizando diz apenas: *"Para instrumento de corda"*. (N. do Trad.)

côrte dos faraós davam as diretrizes precisas, chegando até a estipular quais as regiões que deviam ser concedidas aos nômades imigrantes.

Em períodos de fome o Egito era para os nômades de Canaã a terra de refúgio e, por vêzes a única salvação. Quando em sua pátria a terra ficava ressequida, no país dos faraós havia sempre ricos pastos em abundância. Disso se encarregava o Nilo com suas inundações regulares anuais.

Entretanto, a proverbial riqueza do Egito provocava também, com bastante freqüência, a cobiça de salteadores nômades, de bandos ousados a quem não interessavam as pastagens e sim os grandes celeiros de trigo e os magníficos palácios. Muitas vêzes era preciso expulsá-los à força. Como defesa contra tais intrusos indesejáveis e a fim de poder controlar melhor as fronteiras, no terceiro milênio a. C. foi iniciada, com a construção da "Muralha dos Príncipes", uma cadeia de fortalezas, tórres de vigia e bases militares nas fronteiras. Só na escuridão da noite pôde o egípcio Sinuhe, conhecedor da terra, passar despercebido. Uns 650 anos mais tarde, no tempo da fuga do Egito, a fronteira continuava cuidadosamente vigiada. Moisés sabia muito bem que contra a vontade do faraó seria impossível fugir do país. Os postos militares dariam imediatamente o alarma e as guarnições acorreriam. Uma tentativa para sair à força seria brutalmente impedida pelos hábeis arqueiros e pelas tropas de ligeiros carros de guerra. Foi essa a razão por que o profeta, perfeito conhecedor do país, escolheu um caminho completamente desusado. Moisés conduziu os filhos de Israel para o sul, até ao Mar Vermelho, onde não existia muralha.

Após sua volta do Egito, Abraão e Lot separaram-se. *"E a terra não tinha capacidade para poderem habitar juntos"*, conta a Bíblia, *"porque seus bens eram muito grandes. Daqui nasceu uma contenda entre os pastôres dos rebanhos de Abraão e os de Lot. Disse, pois, Abraão a Lot: Peço-te que não haja contendas entre mim e ti, nem entre os meus pastôres e os teus pastôres; porque somos irmãos. Eis diante de ti todo o país; rogo-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, eu tomarei a direita; se escolheres a direita, eu irei para a esquerda"* (Gên. 13-6 a 9).

Abraão deixou que Lot escolhesse. Despreocupado, como soem ser os jovens, Lot optou pela melhor parte, a região do Jordão. Ela era *"...tôda regada de água"* e abençoada por uma exuberante vegetação tropical, *"como o paraíso do Senhor e como o Egito até Segor"* (Gên. 13-10).

Das cadeias de montanhas cobertas de bosques, no coração da Palestina, Lot desceu para leste, entrou com sua gente e seus rebanhos no vale do Jordão ao sul e, finalmente, levantou suas tendas em Sodoma. Ao sul do Mar Morto havia uma planície fertilíssima, o *"Vale de Sidim, onde agora é o mar salgado"* ⁽¹⁾ (Gên. 14-3). A Bíblia enumera cinco cidades nesse vale: *Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor*

(1) Mar Morto.

(Gên. 14-2). Ela tem notícia também de uma guerra na história dessas cinco cidades: *"Naquele tempo sucedeu" que quatro reis "fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, e contra Bersa, rei de Gomorra, e contra Senaar, rei de Adama, e contra Semeber, rei de Seboim, e contra o rei de Bala, isto é, Segor"* (Gên. 14-2). Doze anos haviam os reis do vale de Sidim sido tributários do rei Codorlaomor. No décimo terceiro rebelaram-se. Codorlaomor pediu auxílio a três reis que estavam a êle coligados. Uma expedição punitiva chamaria os rebeldes à razão. Na luta entre os nove reis Codorlaomor e seus aliados derrotaram os reis das cinco cidades do vale de Sidim, incendiando e saqueando suas capitais.

Lot encontrava-se entre os prisioneiros dos reis estrangeiros. Foi libertado por seu tio Abraão (Gên. 14-12 a 16), que com seus servos seguiu qual uma sombra o exército dos reis que voltavam para suas terras. De um esconderijo seguro observava e estudava tudo atentamente sem ser notado. Abraão deu tempo ao tempo. Só perto de Dan, na fronteira norte da Palestina, lhe pareceu que havia chegado a oportunidade favorável. De repente, sob a proteção de uma noite escura, Abraão atacou com seus servos a retaguarda do exército e, na confusão que se seguiu, pôde libertar Lot. — Só quem não conhece a tática dos beduínos pode ouvir com cepticismo esta narrativa.

Entre os habitantes dessa região existe até hoje memória dessa expedição. Ela se refere no nome dum caminho que segue, partindo do lado leste do Mar Morto, para o norte, até à velha terra de Moab. Os nômades da Jordânia conhecem-no muito bem. Entre os naturais chama-se curiosamente *"Estrada dos Reis"*. Na Bíblia nós o encontramos novamente, aqui porém chamado *"estrada pública"* ou *"caminho ordinário"*, quando os filhos de Israel queriam passar por Edom a caminho de *"Terra Prometida"* (Núm. 20-17 e 19). Perto do começo da nossa era, os romanos utilizaram e reconstruíram a *"Estrada dos Reis"*. Partes dela pertencem hoje à rede de estradas do novo Estado da Jordânia. Perfeitamente visível de aeroplano, o velho caminho atravessa a região, assinalado por uma faixa escura.

Disse, pois, o Senhor: O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente. Fêz, pois, o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxôfre e fogo do céu; e destruiu estas cidades, e todo o país em roda, todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. E a mulher de Lot, tendo olhado para trás, ficou convertida numa estátua de sal. E viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo duma fornalha (Gên. 18-20; 19-24 e 26 e 28).

A sinistra força desta narrativa bíblica tem impressionado profundamente os ânimos dos homens em todos os tempos. Sodoma e Gomorra tornaram-se símbolos de vício e iniquidade e sinônimos de aniquilação completa. Incessantemente o terrível e inexplicável aconte-

cimento deve ter inflamado a fantasia dos homens, como o demonstram numerosos relatos dos tempos passados. Devem ter ocorrido coisas estranhas e absolutamente inacreditáveis no Mar Morto, o *Mar Salgado*, onde, de acôrdo com a Bíblia, ocorreu a catástrofe.

Segundo uma tradição, durante o cerco de Jerusalém, no ano 70 da nossa era, um general romano, Tito, condenou alguns escravos à morte. Submeteu-os a um breve julgamento e mandou encadeá-los todos juntos e jogá-los ao mar perto do monte de Moab. Os condenados, porém, não se afogaram. Repetidamente foram jogados ao mar e tôdas as vêzes, como cortiças, vinham dar em terra. O inexplicável fenômeno impressionou Tito de tal modo que perdoou os pobres criminosos. Flávio Josefo, historiador judeu que viveu os últimos anos da sua vida em Roma, cita repetidamente um "lago de asfalto". Os gregos falavam com insistência de gases venenosos que se desprenderiam por tôda a parte nesse mar, e os árabes dizem que há muito tempo nenhuma ave consegue voar até à outra margem. Segundo êles, ao sobrevoá-lo as aves se precipitam súbitamente na água, mortas.

Estas e outras histórias tradicionais similares eram bem conhecidas, mas até uns cem anos atrás faltava todo e qualquer conhecimento preciso sôbre o estranho e misterioso mar da Palestina. Nenhum cientista o tinha visto e explorado ainda. Foram os Estados Unidos que, no ano de 1848, tomaram a iniciativa, equipando uma expedição para estudar o enigmático Mar Morto. Num dia de outono dêsse ano a praia em frente da cidadezinha de Akka, 15 quilômetros ao norte de Haifa, ficou negra de homens ativamente ocupados numa estranha manobra.

De um navio ancorado ao largo, W. F. Lynch, geólogo e chefe da expedição, tinha mandado desembarcar dois barcos metálicos que nesse momento estavam sendo cuidadosamente amarrados nuns carros de altas rodas. Puxados por uma longa fileira de cavalos, puseram-se a caminho. Ao fim de três semanas e após dificuldades incríveis foi terminado o transporte através das terras do sul da Galiléia. Os barcos foram lançados à água no Lago Tiberíades. As medidas de altura tomada por Lynch no Lago de Genesaré produziram a primeira grande surpresa dessa viagem. A princípio êle pensou tratar-se de um êrro, mas a verificação confirmou o resultado. A superfície do Lago de Genesaré, mundialmente conhecido pela história de Jesus, ficava 208 metros abaixo da superfície do Mediterrâneo! A que altura nasceria o Jordão, que atravessava êsse lago?

Dias depois W. F. Lynch encontrava-se numa alta encosta do nevado Hermon. Entre os restos de colunas e portais desmantelados surgiu a pequena aldeia de Baniyas. Árabes conhecedores do terreno conduziram-no através dum espesso bosque de espiiradeiras até uma cova meio encoberta por calhaus na íngreme encosta calcária do Hermon. Da escuridão dessa cova brotava com força, gorgolejando, um jôro de água límpida. Era uma das três nascentes do Jordão. Os árabes chamam ao Jordão Cheri 'at el Kebire, "Grande Rio". Ali estivera o

antigo Panium, ali Herodes construíra um templo de Pã em honra de Augusto. Junto à gruta do Jordão havia uns nichos em forma de concha. Ainda se pode ler ali claramente a inscrição grega: "Sacerdote de Pã". No tempo de Jesus Cristo, o deus grego dos pastores era venerado junto às fontes do Jordão. O deus com pés de cabra levava aos lábios a flauta como se quisesse modular uma canção para acompanhar o Jordão em sua longa viagem. A cinco quilômetros daquela fonte, para os lados do oeste, ficava a bíblica Dã, o sítio mais setentrional do país, repetidamente citada na Bíblia. Também ali, na encosta sul do Hermon, brotava uma nascente de águas claras. Uma terceira fonte desce de um vale situado mais acima. O fundo do vale fica pouco superior a Dã, 500 metros acima do nível do mar.

Onde o Jordão atinge o pequeno lago Hule, 20 quilômetros ao sul, o leito já baixou até dois metros acima do nível do mar. Depois o rio se precipita abruptamente por espaço de pouco mais de 10 quilômetros até ao Lago de Genesaré. Em seu curso, das vertentes do Hermon até ali, num trecho de 40 quilômetros apenas, desceu 700 metros.

Do Lago Tiberíades os membros da expedição americana desceram o Jordão nos dois barcos de metal, percorrendo os seus intermináveis meandros. Gradualmente a vegetação ia-se tornando mais esparsa. Só nas margens do rio ainda havia moitas espessas. Sob o sol tropical, surgiu à direita um oásis — Jericó. Pouco depois chegaram ao seu destino. Entre penhascos talhados quase a prumo, estendia-se à sua frente a vasta superfície do Mar Morto.

A primeira coisa que fizeram foi tomar um banho. Os homens que saltaram na água tiveram a impressão de que vestiam salva-vidas, tal a maneira como foram impelidos para cima. As antigas narrativas não haviam, pois, mentido. Naquele mar ninguém podia afogar-se. O sol escaldante secou a pele dos homens quase instantaneamente. A fina

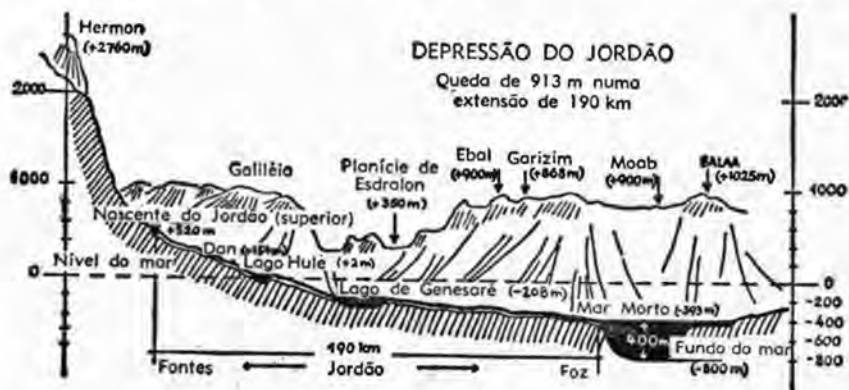


Fig. 10: Representação do declive do Jordão.



"... e cujas terras possuíram... até ao monte Hermon" (Jos. 12-1).
O Hermon, coberto de neves eternas, domina a Terra Prometida.



Como Moisés, que acampou em Cadés com os filhos de Israel (Num. 33-36), os nômades de nossos dias dão de beber aos seus animais na fonte de Ain Qedeis.



Entre os montes escavados da Palestina e a Jordânia oriental, o Rio Jordão, partindo do Lago de Genesaré, serpeia, descrevendo curvas intermináveis, até ao Mar Morto, cuja superfície fica 394 m abaixo do nível do Mediterrâneo.

camada de sal que a água deixara em seus corpos fazia-os parecerem completamente brancos. Ali não havia moluscos, nem peixes, nem algas, nem corais... naquele mar jamais vogara um barco de pesca. Não havia frutos do mar nem frutos da terra. Suas margens eram desoladas e nuas. As costas do mar e as faces dos rochedos lá no alto,



Fig. 11: O Mediterrâneo e a depressão jordanica.

cobertas de enormes camadas de sal endurecido, brilhavam ao sol como diamantes. A atmosfera estava saturada de cheiros acres e penetrantes. Cheirava a petróleo e enxofre. Sobre as ondas flutuavam manchas oleosas de asfalto — a que a Bíblia chama *betume* (Gên. 14-10). Nem mesmo o azul brilhante do céu ou o sol forte conseguia dar vida à paisagem hostil.

Os barcos americanos cruzaram o Mar Morto por espaço de 22 dias. Tomavam amostras de água, analisavam-nas, e a sonda era descida ao fundo continuamente. A foz do Jordão, o Mar Morto, verificaram, ficava 393 metros abaixo do nível do mar! Se houvesse uma comunicação com o Mediterrâneo, o Jordão e o Lago de Genesaré, distante 105 quilômetros, desapareceriam. Um imenso mar interior se estenderia até às margens do lago Hule!

“Quando uma tempestade irrompe naquela bacia de penhascos”, observa Lynch, “as ondas golpeiam os costados do barco como marteladas, mas o próprio pêso da água faz com que em pouco tempo se aplaquem, depois que cessa o vento.”

Pelo relatório da expedição o mundo ficou sabendo pela primeira vez dois fatos espantosos. O Mar Morto atinge 400 metros de profundidade; o fundo do mar fica portanto uns 800 metros abaixo da superfície do Mediterrâneo. A água do Mar Morto contém 25 % de elementos componentes sólidos, a maior parte constituída por cloreto de sódio, isto é, sal de cozinha. Os oceanos contém apenas 4 a 6 % de sal. Nessa bacia de 76 km de comprimento por 17 km de largura desembocam o Jordão e muitos rios menores. Sob o sol escaldante evaporam-se, dia após dia, oito milhões de metros cúbicos de água de sua superfície. As matérias químicas que êsses rios conduzem permanecem nessa bacia de 1.292 quilômetros quadrados de superfície.

Só no comêço dêste século, com as escavações realizadas no resto da Palestina, foi despertado também o interêsse por Sodoma e Gomorra. Os exploradores dedicaram-se à procura das cidades desaparecidas que nos tempos bíblicos estariam situadas no *"vale de Sidim"*.

No canto extremo a sueste do Mar Morto encontram-se os restos duma grande povoação. Esse sítio ainda hoje é chamado Segor. Os pesquisadores se regozijaram, pois Segor era uma das cinco ricas cidades do vale de Sidim, que se recusaram a pagar tributo aos quatro reis estrangeiros. Mas as escavações experimentais realizadas imediatamente trouxeram apenas decepção.

A verificação das ruínas descobertas revelou tratar-se de restos de uma cidade que floresceu na princípio da Idade Média. Da antiga Segor do rei de Bala (Gên. 14-2) e das capitais vizinhas não se encontrou vestígio. Entretanto, diversos indícios encontrados nos arredores da Segor medieval sugerem a existência de uma povoação muito densa naquele país em época muito anterior.

Hoje podemos dizer com segurança que tôda e qualquer busca de Sodoma e Gomorra que venha a realizar-se será inútil. Porque o enigma da destruição das duas cidades foi solucionado.

Na costa oriental do Mar Morto estende-se mar adentro, como uma língua de terra, a península de El-Lisan. Em árabe *"el-Lisan"* significa *"a língua"*. A Bíblia menciona-a expressamente quando se refere à partilha do país depois da conquista. As fronteiras da tribo de Judá são traçadas com precisão. Para isso Josué dá uma estranha característica a fim de indicar os limites do sul: *"O seu princípio é desde a ponta do mar salgado, e desde a língua que êle forma, olhando para o meio-dia"* (Josué, 15-2).

Uma narrativa romana refere-se a essa língua de terra numa história que sempre foi injustamente considerada com grande cepticismo. Dois desertores fugiram para essa península. Os legionários que os perseguiram procuraram-nos em vão por tôda a parte. Quando finalmente os avistaram, era tarde demais. Os desertores já escalavam os altos rochedos da outra margem... Tinham atravessado o mar a vau!

Invisível, o fundo ali forma uma dobra gigantesca que divide o mar em duas partes. À direita da península desce a prumo até quase quatrocentos metros de profundidade. À esquerda da península o fundo é extraordinariamente raso. Medições feitas nos últimos anos acusaram profundidades de 15 a 20 metros apenas.

Se viajarmos de barco até à ponta sul do *"mar salgado"*, com sol favorável poderemos avistar um espetáculo surpreendente: Em alguns lugares junto à margem desenham-se nitidamente abaixo da superfície os contornos de florestas que a extraordinária quantidade de sal contida na água conservou.

Os troncos e restos de árvores existentes nas profundezas esverdeadas devem ser muito antigos. Quando vicejam, quando seus ramos e galhos se cobriam de folhagem, é possível que debaixo dêles pastassem os rebanhos de Lot. Essa notável parte plana do Mar Morto, da

península de El-Lisan à extremidade sul, era... o vale de Sidim! A própria Bíblia o diz bem claro: "*Todos estes se juntaram no vale de Sidim, que agora é o mar salgado*" (Gên. 14-3).

Os geólogos tiraram dessas descobertas e observações uma prova concludente que explica a causa e fundamento da narrativa bíblica da aniquilação de Sodoma e Gomorra.

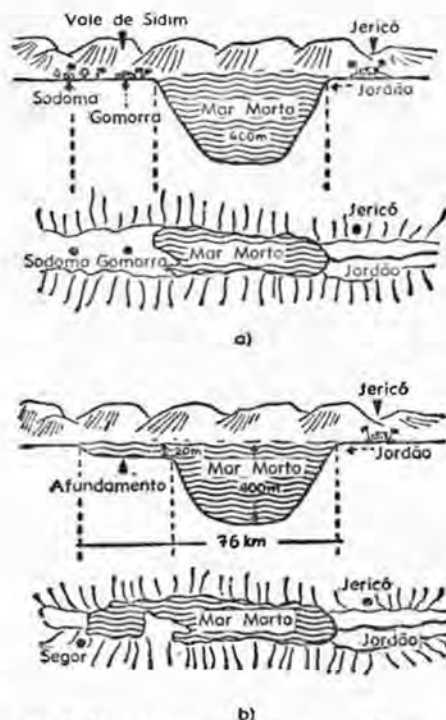


Fig. 12: O Mar Morto, a) 2000 anos a. C., antes do afundamento de Sodoma e Gomorra, b) 1900 a. C., depois da catástrofe.

A expedição americana dirigida por Lynch foi a primeira que, em 1848, deu a notícia da grande descida do Jordão em seu breve curso pela Palestina. O fato de, em sua queda, o leito do rio descer muito abaixo do nível do mar é, como só investigações posteriores comprovaram, um fenômeno geológico singular. "É possível que haja em algum outro planeta coisa semelhante ao que ocorre no vale do Jordão; no nosso não existe", escreve o geólogo George Adam Smith em sua obra "A geografia histórica da Terra Santa". "Nenhuma outra parte não submersa da nossa terra fica mais de 100 metros abaixo do nível do mar."

O vale do Jordão é apenas parte de uma fenda imensa na crosta da nossa terra. Hoje já se conhece sua extensão exata. Começa muitas

centenas de quilômetros ao norte da fronteira da Palestina, nas faldas da montanha do Tauro, na Ásia Menor. Ao sul vai desde a costa sul do Mar Morto, atravessa o deserto de Araba até ao Golfo de Akaba e só vai terminar do outro lado do Mar Vermelho, na África. Em muitos lugares dessa imensa depressão há vestígios de violenta atividade vulcânica. Nos montes da Galiléia, nos planaltos da Jordânia oriental, nas margens do afluente Jabbok, no Golfo de Akaba, há basalto negro e lava.

Com o fundo da fenda imensa que passa exatamente por aqui aluiu outrora o vale de Sidim com Sodoma e Gomorra! Pode-se determinar com relativa precisão a data desse acontecimento. Deve ter sido pouco depois do ano 2000 a. C.!

"A grande catástrofe da destruição de Sodoma e Gomorra deve ter ocorrido pelo ano 1900 a. C.", escreveu em 1951 o sábio americano Jack Finegan. "Uma revisão cuidadosa dos testemunhos literários, geológicos e arqueológicos conduz à conclusão de que as corrutas *idades daquela região* (Gên. 19-20) se achavam na parte hoje mergulhada sob as águas lentamente crescentes da parte sul do Mar Morto e que sua aniquilação foi precedida por um grande terremoto, a que evidentemente se seguiram explosões, relâmpagos, desprendimento de gases naturais e fogo sob várias formas."

Pelo ano 1900 a. C., isto é, no tempo de Abraão!

A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da grêta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Bashan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto. Desde tempos imemoriais os territórios em redor desta depressão são sujeitos a terremotos. Repetidamente temos notícia dêles e a própria Bíblia fala a respeito. Como para confirmar a teoria geológica do desaparecimento de Sodoma e Gomorra, escreve textualmente o sacerdote fenício Sanchuniathon em sua "História antiga" redescoberta: "O vale de Sidimus⁽¹⁾ afundou e se transformou em mar, sempre fumegante e sem peixes, exemplo de vingança e morte para os ímpios."

E a mulher de Lot, "*tendo olhado para trás, ficou convertida em estátua de sal*" (Gên. 19-26).

Quanto mais nos aproximamos da extremidade sul do Mar Morto, mais deserta e selvagem se torna a região e mais sinistro e impressionante é o cenário das montanhas. Um eterno silêncio paira nos montes, cujas vertentes escalavradas pendem a prumo sobre o mar, onde se reflete sua brancura cristalina. A inaudita catástrofe deixou seu sêlo indelével de tristeza e desolação naquelas paragens. Só de raro em raro passa por algum daqueles vales fundos e escarpados um grupo de nômades a caminho do interior.

(1) Isto é, Sidim.

Onde terminam as águas pesadas e oleosas, ao sul, termina também, bruscamente, o impressionante cenário de rochedos, dando lugar a uma região pantanosa de água salgada. O solo avermelhado é riscado por inúmeros ribeiros, perigosos para o viajante incauto. Esta baixada estende-se a grande distância para o sul até ao deserto vale de Araba, que chega até ao Mar Vermelho.

A oeste da costa sul, na direção do *país de meio-dia* bíblico, o Ne-gueb, estende-se um espinhaço de 45 metros de altura e 15 quilômetros de comprimento na direção norte-sul. O sol, batendo nas suas encostas, produz reflexos de diamante. É um estranho fenômeno da natureza. A maior parte dessa pequena serra é constituída de puros cristais de sal. Os árabes chamam-lhe Jebel Usdum, nome antiquíssimo em que está contida a palavra Sodoma. A chuva desloca numerosos blocos de sal, que rolam até à base. Esses blocos têm formas caprichosas e alguns deles estão eretos como estátuas. Às vezes em seus contornos a gente pensa distinguir, de repente, formas humanas.

As estranhas estátuas de sal trazem logo à lembrança a história da Bíblia sobre a mulher de Lot, que foi transformada em estátua de sal. A ofuscante montanha de sal fica na proximidade imediata do aluído vale de Sidim. Quem tivesse escapado com vida do centro da catástrofe poderia ainda ser sufocado pelos vapores venenosos que pairavam sobre a região. E tudo o que está perto do mar salgado ainda hoje se cobre em pouco tempo com uma crosta de sal.

(Abraão) foi habitar perto dos terebintos de Mambré, que está em Hebron; e ali edificou um altar ao Senhor ⁽¹⁾ (Gên. 13-18).

Não longe do atual Hebron passou Abraão seus últimos dias no pequeno lugar de Mambré, onde erigiu o altar. Aqui ele obteve dos hititas (heteus) (Gên. 23) a primeira terra para sepultar sua esposa Sara numa caverna, como era costume entre os semitas. Na mesma caverna foi ele próprio sepultado (Gên. 25-9, 10). Escavações realizadas parecem confirmar também estas informações da Bíblia sobre o pai dos patriarcas.

Três quilômetros ao norte do Hebron, os árabes veneram um sítio a que chamam "haram ramet el-chalil", isto é, "Santuário da altura do amigo de Deus". "Amigo de Deus" é a denominação maometana de Abraão. Ali perto o arqueólogo Padre A. E. Mader encontrou, com efeito, as pedras de um altar de tempos muito antigos, onde se percebem ainda claramente os vestígios de fogo. Em 1927 Mader descobriu traços de uma grande árvore que deve ter existido ali. Ainda se percebem claramente no terreno os restos de antiquíssimas raízes.

O túmulo de Abraão ainda hoje é indicado como lugar sagrado e visitado por peregrinos.

Eis uma coisa que parece inexplicável: o que é transmitido oralmente, que os homens passam de geração a geração, mais cedo ou mais tarde acaba sendo confirmado pela pesquisa.

(1) A tradução do Pe. Matos Soares diz: "...foi habitar ao pé do vale de Mambré". (N. do Trad.).

II

No Reino dos Faraós

De José a Moisés

CAPÍTULO I

JOSÉ NO EGITO

Putifar teve um modelo? — O Papyrus Orbiney. — Os hicsos, soberanos do Nilo. — José, funcionário duma potência de ocupação. — Silos de trigo, patente egípcia. — Constatados os sete anos de fome. — Instalações em Gessen. — Bahr Yusuf, o canal de José. — O nome "Jakob-her" em escarabeus. — A história de José.

José foi, pois, conduzido ao Egito e Putifar egípcio, camarista (1) de Faraó, e general do exército, comprou-o aos ismaelitas, que o tinham levado (Gên. 39-1).

A história de José, que foi vendido por seus irmãos e enviado para o Egito e, mais tarde, sendo grão-vizir, se reconcilia com eles, é indubitavelmente uma das histórias mais belas da literatura mundial.

"Pelo que, passados muitos dias, lançou sua senhora seus olhos sobre José, e disse: Dorme comigo. Mas ele, não consentindo de modo algum..." (Gên. 39-7, 8). Quando o marido voltou para casa, ela disse: *"Aquêle servo Hebreu, que trouxeste, veio ter comigo para fazer zombaria de mim"* (Gên. 39-17).

"Ben Aquiba", disseram sorrindo os egiptólogos ao fazerem o primeiro estudo do "Papyrus Orbiney". O que eles decifraram naqueles hieróglifos foi uma história muito lida do tempo da XIX dinastia, com o discreto título de "A história dos dois irmãos":

"Eram uma vez dois irmãos... O mais velho chamava-se Anúbis e o mais novo, Bata. Anúbis possuía casa e espôsa e seu irmão mais novo morava com ele como se fôsse seu filho. Levava os rebanhos ao campo, conduzindo-os para casa à noite, e dormia com o gado no curral. Quando chegava o tempo da lavoura, os dois irmãos trabalhavam juntos nos campos. Uma vez, havia alguns dias que estavam no campo e faltou-lhes grão. Então o irmão mais velho disse ao irmão mais novo:

— Corre e traz grão da cidade!

O irmão mais jovem encontrou a mulher se penteando e disse-lhe:

— Levanta-te e dá-me grão a fim de que eu possa voltar correndo para o campo. Pois meu irmão disse: Anda depressa e não te detenhas!

(1) A Vulgata traduz "eunuco".

Carregou-se com trigo e cevada e saiu com seu fardo... Então disse-lhe ela:

— Tu és muito forte! Diariamente vejo a tua força... Vem! Deite-mo-nos juntos por uma hora! Será agradável para ti. E eu te farei bonitas roupas.

O jovem ficou furioso qual uma pantera do Sul... por causa das palavras malignas que ela dissera. Respondeu-lhe porém:

— Que grande vergonha isso que me disseste! Não me tornes a dizer semelhante coisa. E assim eu também não direi a ninguém...

Levantou a sua carga e partiu para o campo... A mulher, porém, teve medo por causa do que falara. Apanhou gordura e preparou-se de maneira a parecer que fôra maltratada por um atrevido. O marido... encontrou a mulher deitada, doente como por efeito de maus tratos... Então disse-lhe o homem:

— Quem falou contigo?

Ela respondeu-lhe:

— Ninguém... a não ser teu irmão mais jovem. Quando ele veio buscar grão... encontrou-me só e disse-me: "Vem, vamos ficar deitados uma hora! Solta o teu cabelo"... Mas eu não lhe dei ouvidos. Respondi-lhe: "Não sou porventura como se fôsse tua mãe? E teu irmão mais velho não é como se fôsse teu pai?" Ele ficou com medo e bateu-me para que eu não te contasse. Se o deixares viver, eu morrerei.

Então o irmão ficou furioso qual uma pantera do Sul. E mandou afiar a sua faca... para matar seu irmão mais jovem..."

Até parece que estamos vendo os cortesãos do Faraó cochichando discretamente sobre a história. A novela agradou. Os problemas sexuais e a psicologia feminina já então, milhares de anos antes de Kinsey, eram interessantes.

A história de uma adúltera, urdida numa novela egípcia, seria o modelo da história bíblica de José? Sobre os prós e os contras discutiram os sábios, em face do documento chamado "Papyrus Orbiney", até muito depois da passagem do século. Tirando a Bíblia, faltava todo e qualquer vestígio sobre a estada de Israel no Egito. Historiadores e professores de teologia falavam sobre a "lenda de José". Duma terra como o Egito era de esperar documentação contemporânea sobre o acontecimento de que fala a Bíblia. Pelo menos no que diz respeito a José. Pois ele foi grão-vizir do Faraó e, portanto, um homem poderoso no Nilo.

Nenhuma nação do antigo Oriente nos transmitiu a própria história com tanta fidelidade como o Egito. Até 3.000 anos a. C., podemos acompanhar quase sem uma falha os nomes dos faraós, conhecemos a sucessão de dinastias do Antigo, do Médio e do Novo Império. Nenhum outro povo traçou com tanta precisão os acontecimentos importantes, os feitos dos soberanos, suas campanhas, as construções de seus templos e palácios, bem como sua literatura e poesia.

Mas, neste caso, o Egito não deu uma só resposta aos pesquisadores. Não só eles não encontraram nada sobre José, mas, mais importante

ainda, não descobriram qualquer documento ou monumento sobre esse período. As informações quase ininterruptas sobre séculos remotos cessam bruscamente pelo ano de 1730 a. C. A partir de então envolve o Egito a mais profunda escuridão. Só em 1580 a. C. ressurgem testemunhos contemporâneos. Como explicar a falta de toda e qualquer notícia sobre um período tão longo, sobretudo a respeito dum povo e uma nação tão civilizados?

Uma coisa inconcebível e monstruosa acontece na terra do Nilo pelo ano de 1730 a. C. De repente, como um raio caído do céu sereno, irromperam no país guerreiros em carros velozes com flechas, colunas intermináveis envoltas em nuvens de poeira. Nas fortalezas das fronteiras ressoava dia e noite o tropel de cavalos, reboava através das ruas das cidades, nas praças dos templos e nos magníficos pátios dos faraós. E antes que os egípcios dessem por isso, havia acontecido: sua terra estava conquistada, devastada, vencida. O gigante do Nilo, que nunca antes em sua história vira nenhum conquistador estrangeiro, jazia por terra acorrentado.

O domínio dos conquistadores começou com um banho de sangue. Os hicsos, tribos semitas de Canaã e da Síria, desconheciam a piedade. No ano fatídico de 1730 a. C. encerraram-se bruscamente os 1.300 anos de domínio das dinastias. O Médio Império dos faraós esfacelou-se sob o assalto do povo asiático, o "soberano de terras estrangeiras". Era isso o que significava o nome hicsos. A recordação dessa catástrofe política permaneceu vívida na memória do Nilo, como o demonstra a emocionante descrição que dela faz o historiador egípcio Maneton: "Havia então um rei nosso chamado Timaio. Foi no reinado dele que aconteceu. Não sei porque Deus estava descontente conosco. Surgiram de improviso homens de nascimento ignorado, vindos das terras do Oriente. Tiveram a audácia de empreender uma campanha contra a nossa terra e subjugaram-na facilmente sem uma única batalha. E depois que haviam submetido os nossos soberanos ao seu poder, incendiaram bárbaramente as nossas cidades, destruíram os templos dos deuses. E todos os habitantes foram tratados cruelmente, pois mataram uma parte e levaram os filhos e as mulheres de outros como escravos. Por fim, elegeram rei um dos seus. O nome dele era Salatis, vivia em Mênfis, e impôs tributo ao Alto e ao Baixo Egito e instalou guarnições em lugares convenientes para ele... e quando encontrou, no distrito de Saís, uma cidade adequada para os seus fins, a qual ficava a leste do braço do Nilo junto a Bubaste e se chamava Avaris, reconstruiu-a e reforçou-a grandemente com muralhas, erguidas em seu redor, e com uma força de 240.000 homens que aí instalou para defendê-la. A essa cidade de Salatis ele ia todos os verões, em parte para colhêr o seu trigo e pagar aos seus soldados, e em parte para treinar os seus homens de armas a fim de incutir terror nos seus inimigos."

Avaris é a cidade que com outro nome representou um papel importante na história bíblica. Avaris, mais tarde chamada Pi-Ramsés, é uma das cidades onde Israel sofreu escravidão no Egito (Êx. 1-11).

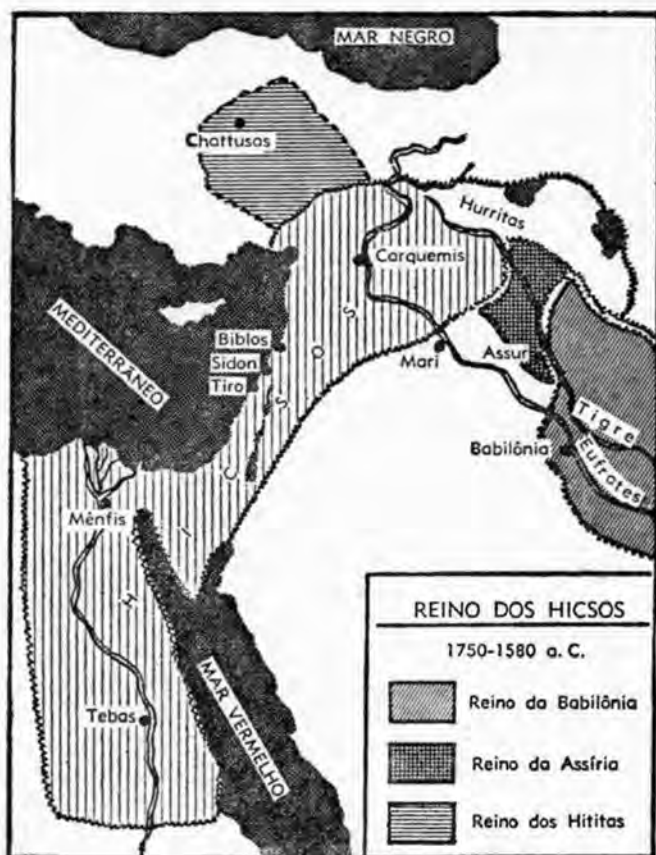


Fig. 13

A história bíblica de José e a estada dos filhos de Israel no Egito têm lugar no período turbulento do domínio dos estrangeiros hicsos no Nilo. Não admira, pois, que não chegasse até nós nenhum testemunho egípcio contemporâneo a respeito. Entretanto, há provas indiretas da autenticidade da história de José. A descrição bíblica do ambiente histórico é autêntica, autêntica até ao detalhe do colorido egípcio. A egipptologia comprova-o com inúmeros achados.

Os ismaelitas, mercadores árabes, levavam plantas aromáticas e especiarias para o Egito, onde venderam José (Gên. 37-25). Havia uma ávida procura desses artigos na terra do Nilo. Eram usados no culto divino, queimando-se as ervas aromáticas nos templos à guisa de incenso. Os médicos precisavam delas para curar os enfermos e os sacerdotes para a embalsamação dos mortos ilustres.

O egípcio a quem José foi vendido chamava-se *Putifar* (Gên. 37-36). Era um nome comum no país. Em egípcio escrevia-se "Pa-di-pa-Ra", ou seja, "o enviado do deus Ra".

A elevação de José a vice-rei do Egito é descrita na Bíblia com um rigor quase protocolar. José é revestido com as insígnias do seu alto cargo, recebe o anel, o selo do Faraó, um precioso manto de linho e uma cadeia de ouro (Gên. 41-42). Foi exatamente assim que os artistas egípcios representaram em quadros murais e relevos essas investiduras solenes.

Como vice-rei, José sobe ao "*segundo côche*" (1) do faraó (Gên. 41-43). Isso quer dizer que se trata da época dos hicsos. Só os "soberanos de terras estrangeiras" introduziram os velozes carros de guerra no Egito. E nós sabemos também que os soberanos hicsos foram os primeiros a usar carros de gala em suas cerimônias no Egito. Antes do tempo deles não eram de uso no Nilo. O carro cerimonial puxado por cavalos escolhidos era então o Rolls Royce dos chefes de estado. O primeiro carro cabia ao soberano, no "*segundo côche*" tomava lugar o mais alto dignitário do reino.

José tomou uma esposa segundo a sua condição, uma mulher chamada *Asenet* (Gên. 41-45). Tornou-se assim genro de um homem influente, Potifera, sacerdote de Heliópolis. Heliópolis é a bíblica *On*, situada um pouco ao norte do atual Cairo, na margem direita do Nilo.

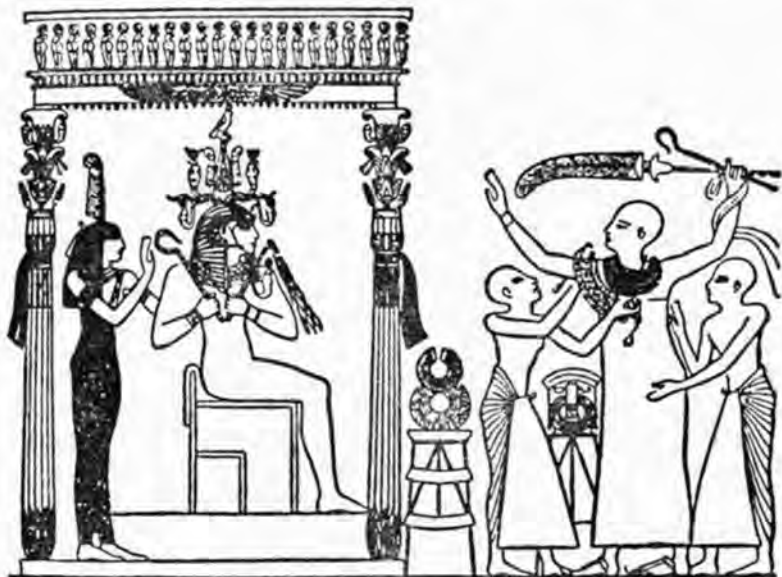


Fig. 14: Investidura dum vizir egípcio.

(1) "Ao carro do segundo", portanto do vice-rei.



Fig. 15: Carro porta-estandarte de Tebas.

Contava José 30 anos de idade quando se dispôs a “*correr a terra do Egito*” (Gên. 41-45). Mais não diz a Bíblia a respeito. Mas um sítio do país do Nilo conserva até hoje o nome de José.

A cidade de Medinet-el-Faiyûm, situada 130 quilômetros ao sul do Cairo, em meio ao fértil Faiyûm, é chamada com orgulho a “Veneza do Egito”. Os exuberantes jardins desse gigantesco e florescente Oásis produzem laranjas, tangerinas, pêssegos, azeitonas, romãs e uvas. O Faiyûm deve esses frutos preciosos ao curso de água artificial de 334 quilômetros de extensão desviado do Nilo para essa região, que foi deserto outrora e se transformou depois num paraíso. Esse antiquíssimo curso de água não só é chamado ainda hoje “Bahr Yusuf”, “Canal de José”, pelos felás, mas é conhecido também por esse nome em todo o Egito. Corre entre o povo a tradição de que foi mandado construir pelo bíblico José, conhecido na lenda arábica como o “Grão-Vizir” do faraó.

A Bíblia pinta José como grande organizador, que, quando grão-vizir, assistiu o povo egípcio com atos e conselhos, que nos anos de fartura fez provisões para os anos de fome, mandando juntar trigo e armazená-lo em celeiros para fazer face aos anos de penúria.

Passados, pois, os sete anos de abundância, que houve no Egito, começaram a vir os sete anos de carestia e, em todo o mundo, se fez sentir a fome. (Gên. 41-53, 54).

Anos de sêca, más colheitas e períodos de fome são repetidamente indicados nas terras do Nilo. Em tempos mais antigos, por exemplo, segundo uma inscrição mural do tempo dos Ptolomeus, teria havido um período de fome de sete anos. O rei Zoser manda a Elefantina, aos governadores que governam os distritos da grande catarata do Nilo, a seguinte mensagem: "Estou muito preocupado com os que estão no palácio. Meu coração está pesaroso porque há sete anos o Nilo não sobe. Há poucos frutos do campo, faltam ervas e faltam todos os comestíveis. Cada homem furta do seu vizinho... As crianças choram, os moços fogem da terra. O coração dos velhos está abatido, seus membros inválidos, ficam sentados no chão. A gente da côrte não sabe o que aconselhar. Os depósitos de víveres foram abertos, mas... tudo o que aí se encontrava foi consumido." Foram encontrados restos de celeiros que já existiam no Antigo Império. Em muitos túmulos encontravam-se pequenos modelos de barro. Com certeza êles pensaram nos anos de fome também para os mortos.

"Ora Jacó, tendo ouvido dizer que no Egito se vendia de comer, disse a seus filhos: Por que estais a olhar uns para os outros? Ouvi dizer que no Egito se vendia trigo; ide, e comprai-nos o necessário, para que possamos viver, e não sejamos consumidos pela fome. Os dez irmãos de José foram, pois, ao Egito para comprar trigo" (Gên. 42-1, 3).

Tal foi o motivo que levou os filhos de Jacó a reverem o irmão que tinham vendido e à entrada dos israelitas no Egito. O vice-rei mandou chamar seu pai, irmãos e parentes: "...Tôdas as almas da casa de Jacó, que entraram no Egito, foram setenta... E foram para a terra de Gessen" (Gên. 46-27, 28). O vice-rei tinha obtido uma permissão ampla para a passagem da fronteira e o que a Bíblia diz corresponde inteiramente às normas administrativas do govêrno.

.. "O rei disse, pois, a José: Teu pai e teus irmãos vieram ter contigo. A terra do Egito está diante de ti; faze-os habitar no melhor lugar, e entrega-lhes a terra de Gessen" (Gên. 47-5, 6).

Um funcionário da fronteira escreve num papiro a seu superior: "Outro assunto que tenho a comunicar ao meu senhor é o seguinte: Nós permitimos a passagem dos beduínos de Edom pelo forte de Me-nefta, em Zeku para os lados dos pântanos da cidade de Per-Atum... a



Fig. 16: Venda de trigo a semitas de Canaã.

fim de que eles e seus rebanhos, vivam no domínio do rei, que é o bom sol de todo o país”.

A Per-Atum, que surge aqui no texto hieroglífico, é a Pitom da Bíblia na terra de Gessen, uma das cidades em que Israel, mais tarde, sofreu servidão no Egito (Êx. 1-11).

Em tais casos a polícia da fronteira tinha autoridade máxima, equivalente à dos mais altos funcionários da corte. E o procedimento seguia uma rotina estabelecida: gente que solicitava terras de pastagem, fugitivos de outros países onde reinava a fome eram recebidos e quase sempre dirigidos à mesma região. Esta ficava no Delta, na margem direita do Nilo, a bíblica terra de Gessen. Também o domínio dos conquistadores hicsos tinha seu centro no Delta.

Os filhos de Israel deviam sentir-se muito bem na terra de Gessen. Ela era — exatamente como a Bíblia descreve (Gên. 45-18; 46-32; 47-3) — extremamente fértil e, como terra de pastagem, verdadeiramente ideal para a criação de gado. Quando o velho Jacó morreu, fizeram com ele uma coisa desconhecida e estranha em Canaã, na Mesopotâmia, e para a sua gente, e que, portanto, deve ter causado muito assombro à sua família: seu corpo foi embalsamado.

E ordenou aos médicos que o serviam, que embalsamassem o seu pai. E, enquanto eles cumpriam a ordem⁽¹⁾, passaram-se quarenta dias; porque era este o costume praticado com os cadáveres embalsamados. (Gên. 50-2, 3).

Em Heródoto, o *globetrotter* e escritor de viagens número um da Antiguidade, podemos verificar que esta descrição corresponde exatamente ao costume egípcio. José seria inumado do mesmo modo anos mais tarde.

Sob os faraós jamais um “habitante da areia” poderia ser vice-rei. Os nômades criavam jumentos, ovelhas e cabras, e para os egípcios não havia nada mais desprezível do que os pastores de animais pequenos. “Porque os egípcios detestam todos os pastores de ovelhas” (Gên. 46-34). Só entre os conquistadores hicsos estrangeiros um “asiático” teria possibilidade de se elevar ao mais alto posto do estado. No tempo dos hicsos houve repetidamente funcionários com nome semítico. Em escarabeus desse tempo foi decifrado, sem sombra de dúvida, o nome “Jakob-her”. “E não é impossível”, opina o grande egiptólogo norte-americano James Henry Breasted, “que um chefe das tribos de Israel tivesse conseguido uma alta posição naqueles tempos sombrios que o vale do Nilo atravessou. Um tal acontecimento seria extraordinariamente favorável para a entrada de tribos israelitas no Egito, o que de qualquer modo deve ter ocorrido nessa época.

(1) Jacó recebeu de Jeová o nome de Israel (Gên. 32-29), e seus descendentes passaram a chamar-se “filhos de Israel”.

CAPÍTULO 2

QUATROCENTOS ANOS DE SILÊNCIO

O novo despertar da terra do Nilo. — Tebas desencadeia a insurreição. — Expulsão dos hicsos. — O Egito torna-se grande potência internacional. — A cultura indica no estado de Mitâni. — Nefertiti foi princesa indo-árica? — Os "filhos de Het" no Hális. — Uma viúva de faraó ansiosa por casar. — Primeiro pacto de não agressão do mundo. — Um cortejo nupcial hitita através de Canaã.

Israel habitou, pois, no Egito, isto é, na terra de Gessen, e possuiu-a: e aumentou, e multiplicou-se extraordinariamente. (Gên. 47-27).

Depois a Bíblia guarda silêncio sobre um período de 400 anos durante o qual se modificou inteiramente o aspecto político do "Fértil Crescente". Nesses quatro séculos tiveram lugar profundas alterações na estrutura dos povos. Durante esse período interrompeu-se a história mais que milenar dos impérios semíticos no Eufrates e no Tigre. De repente a grande ilha cultural do Oriente Próximo foi arrancada ao seu isolamento. Surgiram povos e culturas de terras distantes e até então desconhecidos, e essa região experimentou o primeiro choque com o resto do mundo.

Também o Egito se manteve 150 anos em silêncio. A *ouverture* do despertar do gigante do Nilo começou com um tema extraordinário: o bramir dos hipopótamos.

Diz um fragmento de papiro⁽¹⁾ que o enviado de Apófis, rei dos hicsos, partiu de Avaris e se apresentou ao príncipe da Cidade do Sul. A Cidade do Sul era Tebas, seu príncipe era o egípcio Sekenenrê, tributário do conquistador estrangeiro do Alto Delta. Assombrado, perguntou o príncipe ao emissário da potência de ocupação asiática: "Por que te mandaram à Cidade do Sul? Por que empreendeste a viagem?"

O enviado respondeu:

— O rei Apófis — longa vida, bem-estar e saúde para êle! — manda-te dizer: Desvia o lago dos hipopótamos que existe a leste da tua cidade, pois eles não me deixam dormir. Dia e noite seu ruído está nos meus ouvidos.

(1) Papyrus Sallier I, atualmente no Museu Britânico de Londres.

Por um instante o príncipe da Cidade do Sul ficou como fulminado por um raio, pois não sabia que resposta dar ao enviado do rei Apófis — longa vida, saúde e bem-estar para êle! Finalmente respondeu:

— Muito bem, teu senhor — longa vida, bem-estar e saúde para êle! — terá notícias brevemente sôbre este lago situado a leste da Cidade do Sul.

Mas o enviado não se deixou apaziguar com palavras. Especificou:

— O assunto pelo qual me mandou aqui deve ser resolvido!

O príncipe da Cidade do Sul procura de algum modo demover o enviado. Êle conhecia bem a tática primitiva dos aperitivos de hoje, destinada a criar uma atmosfera cordial e de boa vontade. Oportunamente mandou obsequiar o abespinhado mensageiro hicsó "com boas coisas, com carne e bolos...". Sem resultadol Pois quando o mensageiro partiu levava na bolsa da sela uma promessa do príncipe escrita em papiro: "Tudo o que me disseste farei. Diz-lhe isso." "Então o príncipe da Cidade do Sul reuniu todos os seus funcionários superiores, bem como todos os soldados mais graduados que tinha e repetiu-lhes a mensagem que lhe enviara o rei Apófis — longa vida, bem-estar e saúde para êle! E todos êles ficaram em silêncio durante muito tempo...". Aqui se interrompe o texto do papiro. Infelizmente falta a conclusão da narrativa, embora possamos reconstruir o que aconteceu a seguir por testemunhos contemporâneos.

No Museu do Cairo jaz a múmia de um tal Sekenenrê. Quando foi descoberta em Deir-el-bahri, perto de Tebas, despertou o interesse particular dos médicos. O crânio apresentava cinco feridas profundas. Sekenenrê perdera a vida em combate.

Parece lenda, mas foi mesmo uma provocação: declarar que o bramido dos hipopótamos de Tebas incomodava o soberano hicsó no alto Delta. O bramido dos hipopótamos é sem dúvida o *casus belli* mais estranho da história universal (1).

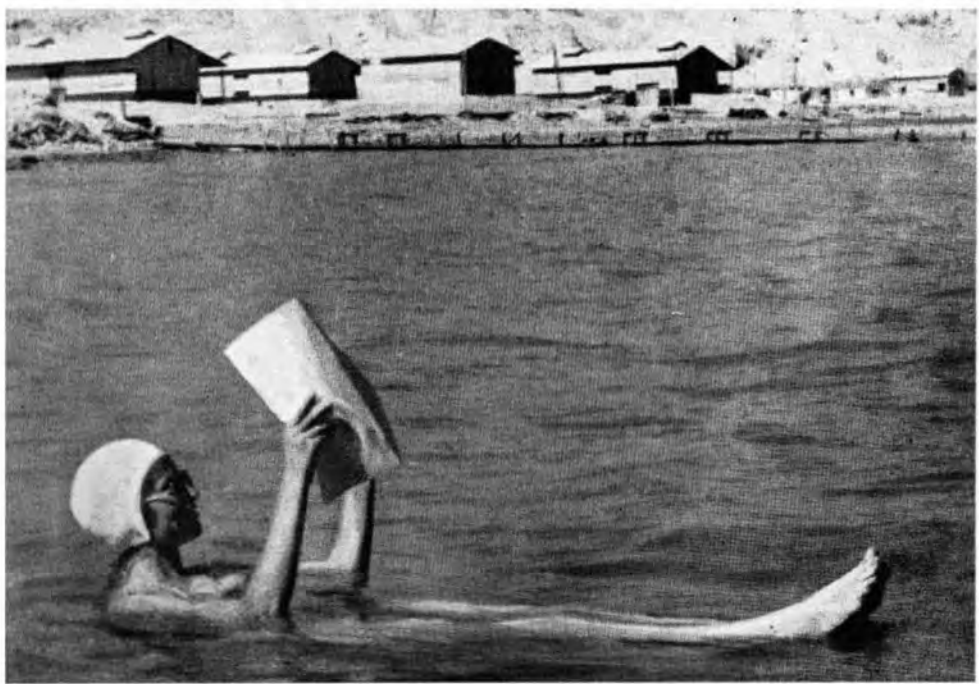
Em Tebas explodiu o levante contra os odiados opressores do país. Pela primeira vez marcharam de novo batalhões egípcios rio abaixo. Com êles seguia para o norte, pelo rio sagrado, uma frota bem equipada a vela e remos. Ahmose, filho de Sekenenrê, foi o celebrado libertador do Egito. Um homônimo seu, oficial da nova marinha real egípcia, deixou para a posteridade, gravada nas paredes de seu túmulo em El-kab, uma descrição dessa guerra decisiva. Após descrever minuciosamente a sua formação individual, diz com laconismo militar: "Avaris foi tomada; aprisionei um homem e três mulheres, ao todo quatro pessoas. Sua Majestade deu-mos como escravos."

O oficial de marinha também sabia falar sôbre guerra terrestre: "Scharuhen foi sitiada durante três anos e Sua Majestade tomou-a." Também aqui Ahmose foi recompensado: "Ali aprisionei duas mulheres e um homem. Deram-me o ouro da bravura, além de me fazerem presente dos prisioneiros como escravos."

(1) Além do que conta esta narrativa literária, o começo do levante vem descrito num texto histórico ainda não publicado, procedente de Carnac.



A nova colônia industrial do Estado de Israel, em Sodoma à beira do Mar Morto.



A grande quantidade de sal contida no Mar Morto permite ao corpo humano boiar em repouso como um pedaço de cortiça.



No Museu do Cairo repousa a múmia de Ramsés II, perfeitamente conservada. Foi ele o Faraó dos anos de servidão, em cujo reinado Moisés conduziu os filhos de Israel para fora do Egito.

Scharuhen era, graças à sua posição vantajosa no Negueb, um importante ponto estratégico ao sul da escura cadeia de montanhas de Judá. O pequeno monte de entulho chamado Tell Far'a é tudo o que resta dessa cidade. O célebre arqueólogo inglês Flinders Petrie pôs a descoberto aí, em 1928, uma forte muralha.

Os variegados exércitos egípcios, compostos de negros, asiáticos e núbios, prosseguiram em sua marcha para o norte, através de Canaã. Os novos faraós tiraram uma lição da amarga experiência do passado. Nunca mais permitiriam que sua terra sofresse um ataque de surpresa. Os egípcios não perderam tempo em criar longe de suas fortalezas da fronteira um estado tampão. O que restava do império dos hicsos foi esfacelado e a Palestina transformada em província egípcia. Os postos consulares, os entrepostos comerciais e agências de correios que outrora existiram em Canaã e nas costas fenícias foram transformados em guarnições militares permanentes, praças fortificadas e fortalezas egípcias.

Após um período de mais de dois mil anos de história, o gigante do Nilo saiu da sombra de suas pirâmides e esfinges decidido a tomar parte nos acontecimentos ocorridos fora de suas fronteiras e no resto do mundo. O Egito foi amadurecendo pouco a pouco no sentido de se tornar uma potência mundial. Antes todos os que viviam fora do vale do Nilo eram desprezíveis "asiáticos", "vagabundos da areia", pastores — povos que não mereciam a atenção dum faraó. Então os egípcios tornaram-se mais sociáveis. Começaram a corresponder-se com outras terras. Antes isso teria sido inaudito. Entre a correspondência diplomática encontrada no palácio de Mari não existia uma só peça procedente do Nilo. *Tempora mutantur* — os tempos mudam!

O avanço conduziu finalmente à Síria, chegando mesmo até às margens do Eufrates. Aí os egípcios se encontraram de repente com povos de cuja existência não tinham a menor idéia. Em vão os sacerdotes examinaram os rolos de papiros dos arquivos do templo, em vão estudaram as notícias das campanhas de antigos faraós: em parte alguma encontraram qualquer indicação sobre os desconhecidos mitanitas!

No norte da Mesopotâmia, entre o curso superior dos rios Eufrates e Tigre, encontraram-se frente a frente com o poderoso reino de Mitâni. Seus reis tinham em volta de si uma aristocracia de guerreiros que lutavam em carros e tinham nomes indo-árícos. Os aristocratas do país chamavam-se "maryas", que queria dizer "jovens guerreiros". *Marya* é uma antiga palavra indiana, e seus templos eram dedicados também a antigas divindades indianas. Os cantos mágicos do Rig-Veda ressoavam ante as imagens de Mitra, o vencedor da luz contra as trevas, de Indra, que dominava a tempestade, e de Váruna, condutor do curso eternamente regular do universo. Os antigos deuses dos semitas tinham sido derrubados de seus pedestais.

Os mitanitas eram reconhecidos aficionados do cavalo, poderíamos dizer mesmo equinomaníacos. As margens dos grandes rios êles celebravam os primeiros *derbys* do mundo. As regras e recomendações para a



Fig. 17

criação e remonta, as instruções para a domaço de potros, para sua alimentação e adestramento, para a realização de corridas, enchiam verdadeiras bibliotecas de tabuinhas de barro. Eram obras hipológicas que podiam comparar-se com qualquer livro moderno sobre criação de cavalos. O cavalo entre os *maryas*, os aristocráticos guerreiros de carros, era mais apreciado do que o homem.

Desde então o Egito passou a ter uma fronteira em comum com esse estado dos mitanitas, fronteira essa que, entretanto, não iria gozar de tranqüilidade. As contendas locais eram incessantes. Em ataques provocados por um lado e pelo outro os arqueiros egípcios se viam repetidamente envolvidos em lutas ferozes com os guerreiros de carros. Em suas lutas, não tardou que ora uns ora outros, as forças de choque egípcias e as colunas de mitanitas, comessem a penetrar profunda-

mente no território adversário. Os vales do Líbano, as margens do Orontes e do Eufrates eram teatro de batalhas intermináveis e terríveis carnificinas. Quase durante um século os dois impérios se mantiveram em pé de guerra.

Pouco antes de 1400 a. C., os belicosos mitanitas ofereceram paz aos egípcios. De inimigos que eram, tornaram-se amigos. Os reis de Mitâni passaram a cultivar uma política interna. Com grande pompa e ricos presentes enviavam suas filhas para a terra do Nilo, suas princesas passaram a desposar os faraós. Em três gerações sucessivas de governantes, o sangue indo-ário se misturou com o sangue egípcio. A mais célebre das espôsas de faraó foi provavelmente uma das princesas mitanitas: Nefertiti, cuja beleza ainda hoje encanta o mundo. Seu marido foi Amenófis IV, o Rei-Sol egípcio: Echnaton.

Qual o motivo das inesperadas propostas de paz dos belicosos mitanitas?

O impulso veio de fora: seu reino encontrou-se de repente ameaçado por uma guerra de duas frentes. Um segundo e forte adversário, procedente de nordeste, da Ásia Menor, começou a invadir-lhe as fronteiras com seus exércitos. Era um povo sôbre o qual antes do nosso século os eruditos não sabiam quase nada, mas que representou um grande papel no Antigo Testamento — os hititas (heteus).

Abraão levantou suas tendas entre os “filhos de Het”, ao sul dos montes de Judá, junto ao Hebron, e comprou dêles a terra destinada à construção do túmulo de sua espôsa Sara (Gên. 23-3 e seguintes). *Esau*, com grande desgosto para seus pais, *Isaac* e *Rebeca*, casou com duas mulheres filhas de heteus (Gên. 26-34) e também o rei *Davi* tomou “a mulher de *Urias Heteu*” (II Reis 11). Pelo profeta *Ezequiel* sabemos que os heteus destruíram Jerusalém; “A tua origem e a tua raça vêm da terra de Canaã, teu pai era amorreu e tua mãe hetéia” (Ez. 16-3 e 45).

A redescoberta do povo dos hititas, inteiramente mergulhado no reino do esquecimento, teve lugar pouco tempo depois do comêço dêste século, no coração da Turquia.

Nas montanhas situadas a leste de Ancara, o Hális, em seu curso para o Mar Negro, descreve uma enorme curva. Quase no centro está situado o lugar de Boghasköi. “Boghas” em turco significa desfiladeiro, “köi”, aldeia. Junto dessa “aldeia do desfiladeiro” o egiptólogo alemão Prof. Hugo Winckler descobriu em 1905 uma grande quantidade de inscrições cuneiformes, entre elas um curioso texto ilustrado. Essas inscrições não só produziram enorme sensação entre os sábios, mas o público estupefato ficou sabendo que espécie de povo era aquêlo a que Bíblia chamava “filhos de Het”. A tradução das inscrições cuneiformes colocou de novo diante dos nossos olhos os hititas, povo indo-germânico até então desconhecido, e o grande império que com êles desapareceu.

Dois anos depois uma nova expedição alemã saiu de Berlim com destino a Boghasköi. Desta vez, sob a direção do presidente do Instituto

Arqueológico de Berlim, Otto Puchstein, foram examinadas as vastas ruínas acima da aldeia. Nesse lugar imperava Chattusas, a soberba capital do reino hitita. O que dela resta são imensas ruínas, restos de muros, fundamentos de templos, portas de fortalezas, escombros de toda uma cidade. Seus muros abrangiam uma área de 170 hectares. Chattusas era quase tão grande como Nuremberg na Idade Média. Nas portas da cidade havia relevos da altura dum homem. A essas figuras de basalto negro, duro como ferro, devemos nosso conhecimento sobre o aspecto dos reis e guerreiros hititas: usavam cabelo comprido, amarrado em trança e caído sobre as costas. Ornava-lhes o alto da cabeça um gôrro alto, dobrado ao meio. O curto avental era preso por um cinto largo, e calçavam sapatos pontudos.

Quando pelo ano 1370 a. C. o rei hitita Suppiluliumas marchou para o sueste com um poderoso exército, o reino dos mitanitas, malgrado sua hábil política interna, já tinha seus dias contados. Suppiluliumas destróu o reino dos guerreiros de carros, impôs-lhe tributo e prosseguiu em seu avanço até às montanhas do Líbano, ao norte de Canaã. Do dia para a noite, por assim dizer, o Egito teve na Síria outro vizinho não menos forte e rapace.

Existe um precioso documento dessa época. Em suas memórias o príncipe Mursilis, filho de Suppiluliumas, conta um episódio da corte dos hititas que o impressionou de tal modo que mandou incluí-lo em sua narrativa.

Anches-en-Amon, espôsa do faraó Tutancâmon, ficou viúva. Anches-en-Amon tinha pais muito célebres, Echnaton e Nefertiti. Nós a conhecemos por descrições egípcias como criatura delicada e muito jovem. No entanto, deve ter sido uma mulher que sabia exatamente o que queria e que, usando de todo o poder de sua personalidade fascinante, se esforçava para desenvolver uma política para o bem do seu povo. Com um leito e um trono faraônicos à disposição — que oferta tentadora! — ela se esforçou por destruir os planos de ataque de seus novos e poderosos vizinhos. Os guerreiros hititas acabavam de irromper em Amqa, a fértil região entre o Líbano e o Anti-Líbano.

Mursilis ditou: “Quando o povo do Egito teve notícia do ataque a Amqa, ficou aterrado. Então, para tornar a situação ainda pior, o senhor dêles (Tutancâmon) acabava de morrer, e a rainha do Egito, que ficara viúva, mandou um embaixador a meu pai, escrevendo-lhe o seguinte: “Meu marido morreu e eu não tenho filho. Dizem-me que tens muitos filhos. Se me mandasses um dêles, eu poderia torná-lo meu marido. Sinto repugnância em fazer de um de meus servos meu marido.” Ouvindo isto, meu pai reuniu os grandes em conselho e disse:

— Desde que o mundo existe nunca ouvi coisa semelhante.

Expediu o seu camarista, Hattu-zitis, dizendo-lhe:

— Vai e traz-me informações fidedignas. Poderiam tentar me enganar: talvez eles tenham um príncipe. Traz-me informações fidedignas a respeito.

O embaixador egípcio, o honrado Hanis, apresentou-se a meu pai tendo meu pai dado instruções a Hattu-zitis, antes de sua viagem ao Egito, dizendo-lhe: "Talvez eles tenham um príncipe: eles poderiam tentar me enganar, não tendo necessidade de um filho meu para assumir o governo", a rainha egípcia respondeu a meu pai numa carta: "Porque dizes "poderiam tentar me enganar"? Se eu tivesse um filho, acaso te escreveria daquela maneira, humilhante para mim em meu país? Tu não confias em mim e assim o dizes. Aquê que foi meu marido morreu e eu não tenho filho. Devo porventura tomar um de meus servos e fazer dêle meu marido? Eu não escrevi a nenhum outro país, só a ti escrevi. Dizem-me que tens muitos filhos. Dá-me um de teus filhos e êle será meu marido e rei na terra do Egito." Sendo muito magnânimo, meu pai cedeu aos desejos da dama e decidiu mandar-lhe o filho pedido."

O destino negou êxito a essa estranha proposta de casamento. O trono e o leito faraônico de Anches-en-Amon continuaram vazios. O pretendente pedido foi assassinado durante a viagem para o Egito.

Entre o mesmo eixo Hális-Nilo houve, uns 75 anos mais tarde, uma proposta de casamento similar que teve um fim feliz, embora o fragor de batalhas e o choque de armas inicialmente prenunciasse coisa diversa. Ramsés II, cognominado o "Grande", atravessou a Palestina com suas tropas a caminho da Síria. Ia ao encontro dos odiados hititas para enfrentá-los finalmente em uma batalha decisiva.

No vale de Orontes, onde atualmente se estendem vastos algodoais e onde se ergue o velho castelo dos cruzados, "Krak des Chevalliers", na fértil planície de Bukeya, um pouco ao sul do lago de Höma, de águas profundamente verdes, estendia-se então a cidade de Cadés. Diante de suas portas teve lugar um encontro dos exércitos egípcios com os rápidos carros de guerra e a infantaria dos hititas. O combate não deu a Ramsés II a esperada vitória — por um triz êle próprio não caiu prisioneiro — mas pôs fim às hostilidades entre os dois países. Em 1280 a. C. os hititas e os egípcios celebraram o primeiro pacto de não agressão e defesa mútua da história do mundo. Do bom entendimento resultou, além disso, o casamento de Ramsés II com uma princesa dos hititas. Muitas inscrições de metros de comprimento descrevem minuciosamente e vividamente o ambiente pitoresco daquele acontecimento de importância internacional na época. Nas paredes dos templos de Carnac, em Elephantina, em Abu Simbel ou nas numerosas estelas, por toda a parte a narrativa é feita em termos similares.

Quanto ao que se refere a autopropaganda e auto-elogio, Ramsés deixou na sombra todos os seus predecessores. "Então se apresentou alguém para fazer uma comunicação a Sua Majestade. Êle disse: "Vêde, até o grande príncipe de Hatti! (hititas). Trazem sua filha mais velha e ela traz grande quantidade de tributos de toda a sorte... Atingiram as fronteiras de Sua Majestade. Fazei vir o nosso exército e os dignitários para recebê-la!" Então Sua Majestade experimentou grande alegria e o palácio ficou alegre quando ouviu essas coisas estranhas, comple-

tamente desconhecidas no Egito. E assim êle expediu o exército e os dignatários para que se apressassem a recebê-la."

Uma numerosa delegação se pôs em marcha para o norte da Palestina a fim de receber a noiva. Os inimigos de ontem confraternizaram: "Assim partiu a filha do grande príncipe de Hatti a caminho do Egito. Enquanto a infantaria, os guerreiros de carros e os dignitários de Sua Majestade a acompanhavam, êles se misturavam com a infantaria e os guerreiros de carros de Hatti, e todo o povo da terra dos hititas se confundia com o dos egípcios. Comiam e bebiam juntos e eram de um só coração como irmãos..."

O grande cortejo nupcial, partiu da Palestina para a cidade de Pi-Ramsés-Meri-Amon, no delta do Nilo: "Então conduziram a filha do grande príncipe de Hatti... à presença de Sua Majestade... E Sua Majestade viu que ela era bela de semblante qual uma deusa... E amou-a mais que a tôdas as outras..."

Os filhos de Israel devem ter presenciado a entrada do cortejo nupcial na cidade de Pi-Ramsés-Meri-Amon, isto é, "Casa de Ramsés, o Bem-Amado do Deus Amon". Segundo as narrativas da Bíblia, a permanência dêles nessa cidade estava muito longe de ser voluntária.

Por êsse tempo a Bíblia retoma também a sua narrativa. Havia passado em completo silêncio quatrocentos anos de emigração pacífica dos filhos de Israel para a terra do Nilo. Más notícias começam um novo e importante capítulo da história do povo bíblico.

CAPÍTULO 3

TRABALHO ESCRAVO EM PITOM E RAMSÉS

José estava morto há muito tempo. — Notícia ilustrada na cripta dos príncipes. — A cidade escrava de Pitom em textos egípcios. — Nova capital no delta do Nilo. — Fraude motivada pelo furor de construir e pela vaidade. — Montet descobre Ramsés, cidade dos escravos. — Moisés escrevia-se "ms". — Uma história mesopotâmica da cestinha. — Moisés emigra para Madiã. — Flagelos que ocorrem no país do Nilo.

Entretanto levantou-se no Egito um novo rei, que não conhecia José. Portanto estabeleceu sobre eles inspetores de obras, para os oprimirem com trabalhos penosos; e eles edificaram a Faraó as cidades dos armazéns, Pitom e Ramsés (Êx. 1-8 e 11).

O novo rei que não conhecia José era Ramsés II. Seu desconhecimento é perfeitamente compreensível. Porque José viveu séculos antes dele, no tempo dos hicsos. Os egípcios quase nem nos transmitiram os nomes dos odiados soberanos hicsos quanto mais os de dignitários e funcionários do governo. E mesmo que Ramsés II houvesse conhecido José, não havia de querer nada com ele. Um egípcio que se prezasse de o ser teria dois motivos para desdenhá-lo. Um, como asiático e, portanto, um desprezível "vagabundo da areia", outro, por sua qualidade de funcionário da administração da detestada potência de ocupação. De qualquer modo, sob este último aspecto dificilmente ele poderia ser uma recomendação para Israel perante o faraó.

Pode-se avaliar o que era no antigo Egito o trabalho escravo a que os filhos de Israel foram submetidos também nas grandes construções das margens do Nilo por um velho quadro dum túmulo de rocha a oeste da cidade de Tebas, descoberto por Percy A. Newberry, o descobridor do quadro dos patriarcas em Beni-Hasan. Nos muros duma espaçosa abóbada são representadas cenas da vida dum dignitário, o vizir Rekhmire, mostrando o benefício que fez à sua terra. Uma cena mostra-o inspecionando obras públicas. Num detalhe do que representa a fabricação de tijolos chama a atenção a pele clara dos trabalhadores, cobertos com uma simples tanga de linho. Um confronto com os inspetores de pele escura mostra que os de pele clara devem ser semitas, que certamente não são egípcios. "Ele nos provê de pão, cerveja

e tôdas as boas coisas", mas, malgrado o louvor pelos cuidados que lhes são ministrados, não resta dúvida que eles não estavam ali voluntariamente, mas eram forçados a trabalhar. "O varapau está na minha mão", diz em hieróglifos um capataz egípcio, "não sejais indolentes!"

O quadro é uma ilustração expressiva das palavras da Bíblia: *"E os egípcios odiavam os filhos de Israel, e os afligiam com insultos; e faziam-lhes passar uma vida amarga com penosos trabalhos de barro e tijolos"* (Ex. 1-13, 14). — Israel era um povo de pastôres, não acostumado a outra espécie de trabalho, que ele achava, portanto, duplamente penoso. Os trabalhos de construção e fabricação de tijolos eram trabalho forçado.

O quadro do túmulo aberto na rocha mostra uma cena da construção do templo de Amon na cidade de Tebas. As "clássicas" cidades da escravidão dos filhos de Israel eram, entretanto, *Pitom e Ramsés*. Ambos êsses nomes aparecem sob forma um tanto modificada em inscrições egípcias. "Pi-Tum", "Casa dos deus Tum", é uma cidade que Ramsés II mandou construir. E a já citada Pi-Ramsés-Meri-Amon é a bíblica Ramsés. Uma inscrição do tempo de Ramsés II fala de "pr", que arras-tam pedras para a grande fortaleza da cidade de Pi-Ramsés-Meri Amon". A língua egípcia designa por "pr" os semitas.

Resta ainda a questão de saber onde ficavam as duas cidades dos escravos. Uma coisa era conhecida: os soberanos do Novo Império tinham transferido a sua capital da velha Tebas, no Norte, para Avaris, de onde também os hicsos haviam governado o país. A nova política de potência internacional aconselhou-os a não ficarem tão longe como era Tebas, situado muito ao sul. Do delta era mais fácil exercer vigilância sobre a irrequieta "Ásia", os domínios de Canaã e Síria. Ramsés II deu o seu próprio nome à nova capital. Da antiga Avaris surgiu a cidade de Pi-Ramsés-Meri-Amon.

Depois de muitas conjecturas e suposições, a picareta dos arqueólogos acabou com as diferenças de opinião sobre a situação de uma das duas cidades de escravos. Quem viaja para o Egito pode incluir em seu programa uma volta pelas ruínas. Ficam a uns 100 quilômetros do Cairo por estrada de rodagem. Mais ou menos pelo meio do canal de Suez,



Fig. 18: Trabalhadores estrangeiros efetuando obras de alvenaria, no Egito.

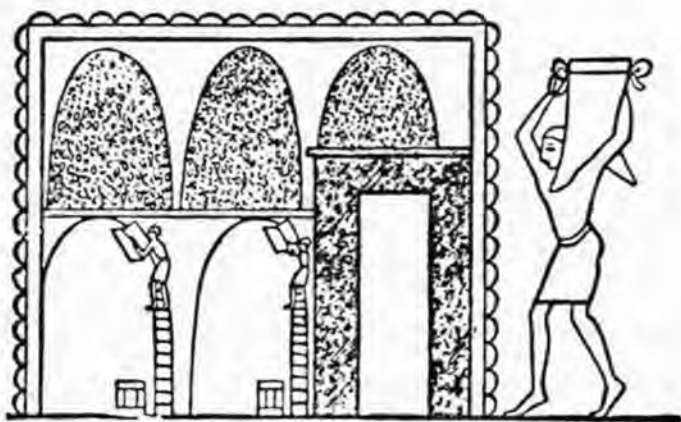


Fig. 19: Grandes silos de trigo no Egito.

onde êle atravessa o lago dos Crocodilos⁽¹⁾, a oeste começa um vale sêco que se estende até ao braço oriental do Nilo e é conhecido por Wadi Tumilat. Dez quilômetros de distância separam dois montes de ruínas. Um é o Tell al-Retaba, a *Pitom* bíblica, e o outro o Tell el-Maschuta, a *Socot* da Bíblia (Êx. 12-37; 13-20). Além de restos de celeiros, foram encontradas inscrições onde se fala de *armazéns*.

Se 4.000 anos a. C. já houvesse um registo de patentes, os egípcios poderiam ter registrado a invenção dos silos. Os silos das fazendas de trigo canadenses e americanas ainda hoje são construídos segundo o mesmo princípio. Os silos egípcios não atingiam, que se diga, proporções gigantescas. Mas celeiros — construções circulares de oito metros de diâmetro — com escadas para despejar o grão por cima, não eram raridade na terra do Nilo. Quando grão-vizir, José mandou construir celeiros (Gên. 41-48 e seg.) e seus descendentes construíram celeiros na terra de Gessen com seu trabalho escravo.

A busca da outra cidade dos escravos, Ramsés, levou muito tempo sem resultado. Só perto de duas décadas após a descoberta de *Pitom*, em 1930, se descobriu finalmente.

O faraó Ramsés II, cognominado o Grande, deu muita dor de cabeça aos arqueólogos. Ainda maior que o seu furor de construir era, segundo tudo indicava, a sua vaidade. Esta era tal, que êle nunca hesitou em se enfeitar com penas alheias. A posteridade tinha de se maravilhar com o grande construtor que fôra Ramsés II. E assim aconteceu. A princípio, os arqueólogos não conseguiram compreender como podiam encontrar tantos templos e edifícios profanos com a insígnia de "Ramsés II". Mas quando os edifícios foram examinados com mais atenção, o fenô-

(1) Lago Timsah.

meno se esclareceu: muitos deviam ter sido construídos séculos antes de Ramsés II. Porque Ramsés II, para satisfazer a sua vaidade, tinha simplesmente mandado gravar o seu emblema em construções feitas por outros.

No Delta a busca da cidade de Pi-Ramsés-Meri-Amon foi seguindo de colina em colina: examinaram-se um após outro os sítios de cidades da região oriental do delta do Nilo que ofereciam alguma possibilidade: Pitom, Heliópolis, Pelúsio, etc. As conjecturas só terminaram quando, em 1929, o professor Pierre Montet, de Estrasburgo, começou a escavar perto de San, uma aldeia de pescadores. De 1929 a 1932 Montet desenterrou, 50 quilômetros ao sudoeste de Port Said, uma quantidade extraordinária de estátuas, esfinges, estelas e restos de construções, tudo ornado com o nome de Ramsés II. Desta vez não houve mais dúvida de que os escavadores tinham diante de si as ruínas de Pi-Ramsés-Meri-Aman, a cidade de escravos chamada Ramsés na Bíblia. E, exatamente como em Pitom, também ali foram encontrados restos de celeiros e armazéns.

Os israelitas foram vítimas, literalmente, do furor construtivo do faraó. A situação das terras para onde eles haviam imigrado favorecia o recrutamento para o trabalho escravo. A bíblica *Gessen* com seus ricos pastos, começava poucos quilômetros ao sul da nova capital e chegava até Pitom. Nada mais fácil do que afastar de seus rebanhos e de suas tendas aqueles estrangeiros que viviam a bem dizer às portas do grande centro de construções e submetê-los ao trabalho escravo.

As ruínas perto de San não permitem adivinhar sequer o esplendor da antiga metrópole. Só podemos fazer uma idéia do que viam as turmas de trabalhadores escravos israelitas em sua marcha diária para os locais de construção por uma carta contemporânea escrita em papiro. Entusiasmado, escreve o aluno Pai-Bes ao seu mestre Amem-em-Opet:

"... Vim a Pi-Ramsés-o-Favorito-de-Aman e acho-a maravilhosa. Uma cidade magnífica que não tem igual. Foi construída pelo próprio deus Ra, segundo o plano de Tebas. A estada aqui significa uma vida maravilhosa. Seus campos fornecem abundância de boas coisas. Diariamente recebe mantimentos e carne fresca. Seus tanques estão cheios de peixes, seus lagos povoados de aves, seus pastos cobertos de erva verdejante e sua fruta nos campos bem cultivados tem o sabor do mel. Seus armazéns estão cheios de cevada e trigo; eles se erguem para o céu. Há cebolas e cebolinhas para temperos, romãs, maçãs, azeitonas e figos nos vergéis. O vinho doce de *kenkeme* é mais saboroso do que o mel. O braço do delta Shi-Hor produz sal e salitre. Seus navios vão e vêm. Aqui há diariamente comida fresca e animais. A gente se alegra de poder viver aqui e ninguém exclama: Dai-nos, Deus! Os pequenos vivem como os grandes. Ah! Celebremos aqui as festas divinas e o começo das estações."

Anos mais tarde a vida miserável do deserto apagou da memória dos filhos de Israel os rigores da servidão; ficou apenas a recordação da abundância de comida no Delta:

“Antes fôssemos mortos na terra do Egito pela mão do Senhor, quando estávamos sentados junto às panelas de carnes, e comíamos pão com fartura” (Êx. 16-3). “Quem nos dará carnes para comer? Lembramo-nos dos peixes que comíamos de graça no Egito; vêm-nos à memória os pepinos e os melões, e os alhos bravos, e as cebolas, e os alhos.” “Quem nos dará a comer carnes? Nós estávamos bem no Egito” (Núm. 11-4, 5 e 18).

Os achados das escavações e os textos contemporâneos que concordam quase palavra por palavra reforçam a descrição da Bíblia. Mas não se pense que com isso terminou a disputa acadêmica sobre a historicidade destes acontecimentos na vida de Israel.

Soam quase irritadas as palavras do professor norte-americano William Foxwell Albright, que pode ser considerado sem favor um dos poucos sábios de formação universal (êle é teólogo, historiador, filósofo, orientalista e arqueólogo):

“Segundo o nosso conhecimento atual da topografia do Delta oriental, a narrativa do comêço do êxodo, feita no Êx. 12-37 e Êx. 13-20, é absolutamente exata topograficamente. Novas provas sobre o caráter essencialmente histórico da narrativa do êxodo e a peregrinação pelas regiões do Sinai, Madiã e Cadés, não serão difíceis de obter graças aos nossos conhecimentos arqueológicos e topográficos cada vez maiores. Por enquanto devemos contentar-nos com a segurança de que a posição hipercrítica que ainda predomina, como a que existia sobre as primitivas tradições históricas, não tem mais justificação. Até a data da saída do Egito, por tanto tempo discutida, pode agora ser fixada dentro de limites não muito largos... Se a fixarmos em 1290 a. C., dificilmente erraremos, uma vez que os primeiros anos de Ramsés II (1301 a 1234) foram dedicados em grande parte a construções na cidade a que deu o seu nome — a Ramsés da tradição israelita. A extraordinária coincidência entre esta data e os 430 anos referidos no Êx. 12-40 (“Ora o tempo que os filhos de Israel tinham morado no Egito, foi de quatrocentos e trinta anos”) a imigração deve ter tido lugar por volta de 1270 a. C.) poderá ser puramente acidental, mas é muito difícil que o seja.”

O reinado de Ramsés II foi a época da opressão e da servidão de Israel, mas foi também a época em que surgiu o grande libertador desse povo — Moisés.

Naqueles dias, sendo Moisés já grande, saiu a visitar seus irmãos, e viu a sua aflição, e um homem egípcio que maltratava um dos hebreus seus irmãos. E, tendo olhado para uma e outra parte, e vendo que não estava ali ninguém, matando o egípcio, escondeu-o na areia. E o Faraó foi informado do acontecimento e procurava matar Moisés; êle porém, fugindo da sua vista, parou na terra de Madiã, e assentou-se junto a um poço (Êx. 2-11, 12 e 15).

Moisés era um hebreu nascido no Egito e criado por egípcios, com um nome tipicamente egípcio. “Moisés” é o nome Máose, comum no país do Nilo. A palavra egípcia “ms” (1) significa simplesmente “rapaz — filho”. Grande número de faraós chamavam-se Amósis, Amásia e Tut-mósis. E o famoso escultor de cujas obras-primas o mundo inteiro ainda hoje admira a cabeça incomparavelmente bela de Nefertiti, chamava-se Tutmose.

Isto são fatos. Os egiptólogos sabem disso. Mas o grande público fixa sua atenção na célebre história bíblica de Moisés e da cestinha, e os eternos cépticos não acham difícil encontrar um argumento aparentemente irresponsível contra a credibilidade da fascinante narrativa.

— Ora, isso é apenas a lenda do nascimento de Sargão — dizem eles... isto é, um “plágio”.

Os textos cuneiformes contam o seguinte a respeito do rei Sargão, fundador da dinastia de Acad, em 2360 a. C.: “Eu sou Sargão, o rei poderoso, rei de Acad. Minha mãe era uma donzela do templo, meu pai eu não conheci. Minha mãe me concebeu, deu-me à luz em segredo; colocou-me numa cestinha de caniços, calafetou a tampa com betume. Pôs-me no rio... O rio me arrastou e levou até Akki, o irrigador. Akki, o irrigador, adotou-me como filho e criou-me...”

A semelhança com a história bíblica de Moisés é, com efeito, desconcertante: “Mas, não podendo mais tê-lo escondido, tomou um cesto de junco e barrou-o com betume e pez; e meteu dentro o menino, e expô-lo num canal junto da margem do rio...” (Êx. 2-3 e seg.). A história da cestinha é uma velha narrativa popular dos semitas. Durante muitos séculos ela passou de boca em boca. A lenda de Sargão, que é do terceiro milênio a. C., encontra-se até em tabuinhas neobabilônicas da escrita cuneiforme do primeiro milênio a. C. Eram apenas desses ornamentos com que em todos os tempos a posteridade enfeitou a vida dos grandes homens. Quem teria a idéia de duvidar da realidade histórica do imperador Barba-roxa só por causa das lendas que o cercam ainda hoje?

Os funcionários, em toda a parte, sempre gozaram da proteção do estado. No tempo dos faraós não era diferente do que é hoje. Daí que Moisés, depois de, em sua justa cólera, haver assassinado o capataz dos trabalhadores escravos, não tivesse outro recurso senão fugir para escapar ao castigo certo.

Moisés fez como já antes fizera Sinuhe. Fugiu da jurisdição do Egito para o Oriente. Sendo Canaã território ocupado pelo Egito, Moisés escolheu como exílio a montanhosa *Madiã* a leste do Golfo de Akaba, com a qual sabia ter laços de parentesco. *Cetura* fôra uma mulher do patriarca Abraão, depois da morte de Sara (Gên. 25-1). Um de seus filhos chamou-se Madiã. A tribo de Madiã é com frequência chamada *Cineus* no Antigo Testamento (Núm. 24-21). “Pertencentes à profissão de forjadores de cobre”, diz. “Qain” em arábico e “qainâya” em ara-

(1) “ms” representa *mosu*; a linguagem escrita egípcia dispensava as vogais.

maico querem dizer ferreiro. Esta designação relaciona-se com a existência do cobre no lugar onde estava fixada a tribo. As cordilheiras ao oriente do Golfo de Akaba são ricas em cobre, como ficou provado pelas primeiras explorações do terreno pelo americano Nélson Glueck.

Nenhum estado permite espontaneamente que trabalhadores escravos e estrangeiros deixem o país. Isso se deve ter dado com Israel. Por fim, as pragas devem ter induzido o Egito a conceder-lhes a permissão. Se ocorreram efetivamente no tempo de Moisés, a isso não se pode responder sim ou não, pois não se descobriram informações contemporâneas a respeito. Mas as pragas não são coisa inverossímil nem incomum. Ao contrário, fazem parte do colorido local do Egito. A água do Nilo "*converteu-se em sangue*". "*E as rãs saíram e cobriram a terra do Egito*". Vieram mosquitos, *móscas*, uma *peste dos animais* e *úlceras* — vieram depois *granizo*, *gafanhotos* e *trevas* (Êx. 7 a 10). Coisas como essas, mencionadas pela Bíblia, o Egito experimenta até hoje, como, por exemplo, "o Nilo vermelho".

As vêzes os aluviões dos lagos abissínios coloreem a água do rio, sobretudo no seu curso superior, dum pardo avermelhado, que pode dar a impressão de *sangue*. No tempo das enchentes, as rãs e os mosquitos multiplicam-se às vêzes de tal modo que chegam a transformar-se em verdadeiras pragas. A categoria de *móscas* pertencem sem dúvida os moscardos. Frequentemente eles invadem regiões inteiras, penetram nos olhos, no nariz, nos ouvidos, causando dores lancinantes.

Por tôda a parte há *peste dos animais*. Pelo que se refere a *úlceras* ocorrem tanto nos homens como nos animais. Poderá tratar-se da chamada fogueira ou sarna do Nilo. Consiste numa erupção que arde e comicha, degenerando frequentemente em úlceras terríveis. Com esta desagradável doença da pele Moisés ameaçou também durante a peregrinação pelo deserto: "*O senhor te castigue com a úlcera do Egito, e fira de sarna e comichão... de modo que não possas curar-te*" (Deut. 28-27).

O granizo é, com efeito, raríssimo no Egito, mas não desconhecido. A época do ano em que isso ocorre é janeiro ou fevereiro. As *nuvens* de *gafanhotos* são, entretanto, um flagelo típico das regiões do Oriente. O mesmo se dá com as trevas súbitas. O *chamsin*, também chamado simum, é um vento ardente que arrasta consigo grandes massas de areia. Estas escurecem o sol, dando-lhe uma côr baça e amarelada e fica escuro em pleno dia. Só para a *morte dos primogênitos* não há explicação (Êx. 12).

III

Quarenta Anos no Deserto

Do Nilo ao Jordão

CAPÍTULO I

A CAMINHO DO SINAI

Partida de Ramsés. — Dois teatros do milagre do mar. — Vestígios de vaus na região do canal de Suez. — Três dias de sêde. — Bandos de codornizes no tempo de migração das aves. — Uma expedição esclarece o fenómeno do maná. — Um centro minciro egípcio no Sinai. — O alfabeto do templo de Hator.

E os filhos de Israel partiram de Ramsés por Socot... (Êx. 12-37) mas fê-los dar uma volta pelo caminho do deserto, que está junto do mar dos Juncos (Êx. 13-18) ⁽¹⁾ e, tendo saído de Socot, acamparam em Etam, na extremidade do deserto (Êx. 13-20) e como os egípcios seguissem os vestígios dos que iam adiante, alcançaram-nos quando estavam acampados junto do mar. Tóda a cavalaria e os carros do Faraó, e todo o exército estavam em Fiairot defronte de Beel-Sefon (Êx. 14-9).

A primeira parte do caminho seguido pelos fugitivos é fácil de acompanhar no mapa. Ele não seguia — convém notá-lo — em direção ao que se chamou mais tarde “caminho dos filisteus” (Êx. 13-17), a grande estrada que conduzia do Egito à Ásia, passando pela Palestina. Essa grande estrada para caravanas e colunas militares seguia quase paralela à costa do mar Mediterrâneo e era o caminho mais curto e o melhor, mas também o mais atentamente vigiado. Um exército de soldados e funcionários, estabelecido no forte da fronteira, exercia rigoroso contróle de tôdas as entradas e saídas.

Esse caminho, portanto, oferecia grande perigo. Daí que o povo de Israel seguisse para o sul. Saíndo de Pi-Ramsés, situada no braço oriental do Delta, seguiu primeiro para Socot, no Wadi Tumilat. Depois de Etam, a estação seguinte foi Fiairot. A Bíblia diz que êsse lugar fica “entre Magdalum e o mar, defronte a Beel-Sefon” (Êx. 14-2). “Miktol” (Magdalum) aparece também em textos egípcios e equivale a “tôrre”. Um forte existente ao sul, nesse ponto, guardava a estrada das caravanas para a região do Sinai. Foram desenterrados seus restos em Abu Hasan, 25 quilômetros ao norte de Suez.

(1) “Mar Vermelho” na tradução da Vulgata. (N. do Trad.)

E tendo Moisés estendido a mão sobre o mar, o Senhor, soprando toda a noite um vento forte e ardente, o retirou e secou; e a água dividiu-se. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar enxuto; porque a água estava como um muro à direita e à esquerda deles. (Êx. 14-21, 22).

...Uma divisão de carros de guerra egípcios que tentou alcançar os filhos de Israel foi engolida pelo mar com seus cavalos e cavaleiros.

Este "milagre do mar" tem ocupado incessantemente a atenção dos homens. O que até agora nem a ciência nem a pesquisa conseguiram esclarecer não é de modo algum a fuga, para a qual existem várias possibilidades reais. A controvérsia que persiste é sobre o cenário do acontecimento, que ainda não foi possível fixar com certeza.

A primeira dificuldade está na tradução. A palavra hebraica "Yam suph" é traduzida ora por "Mar Vermelho" ora por "Mar dos Juncos". Repetidamente se fala do "*Mar dos Juncos*": "*Ouvimos que o Senhor secou as águas do Mar dos Juncos* (1) *à vossa entrada, quando saistes do Egito...*" (Jos. 2-10). No Antigo Testamento, até ao profeta Jeremias, fala-se em "*Mar dos Juncos*". O Novo Testamento diz sempre "Mar Vermelho" (Ap. 7-36; Hebr. 10-29).

As margens do Mar Vermelho não crescem juncos. O mar dos juncos propriamente ficava mais ao norte. Difícilmente se poderia fazer uma reconstituição fidedigna do local — e esta é a segunda dificuldade. A construção do canal de Suez no século passado modificou extraordinariamente o aspecto da paisagem da região. Segundo os cálculos mais prováveis, o chamado "milagre do mar" deve ter tido lugar nesse território. Assim é que, por exemplo, o antigo lago de Ballah, que ficava ao sul da estrada dos filisteus, desapareceu com a construção do canal, transformando-se em pântano. Nos tempos de Ramsés II existia ao sul uma ligação do Golfo de Suez com os lagos amargos. Provavelmente chegava mesmo até mais adiante, até ao Lago Timsâh, o Lago dos Crocodilos. Nessa região existia outrora um mar de juncos. O braço de água que se comunicava com os lagos amargos era vadeável em diversos lugares. A verdade é que foram encontrados alguns vestígios de passagens. A fuga do Egito pelo Mar dos Juncos é, pois, perfeitamente verossímil.

Nos primeiros tempos do cristianismo alguns peregrinos supuseram que a fuga de Israel fôra efetuada pelo Mar Vermelho. Ao suporem isso, pensavam na extremidade norte do Golfo, perto da cidade de Essuwas, atual Suez. Com efeito, também ali poderia ter lugar a passagem. De vez em quando ocorrem na ponta norte do Golfo de Suez ventos fortes de nordeste, que impelem a água com grande força a ponto de fazê-la recuar, permitindo a passagem a pé nesse lugar. No Egito predomina o vento oeste. Ao contrário, na Bíblia é citado o "vento leste", típico da Palestina.

(1) As traduções em português que consultei dão sempre "Mar Vermelho". (Nota do Trad.)

Ora Moisés tirou Israel do Mar dos Juncos (Vermelho). E saíram para o deserto de Sur; e caminharam três dias no deserto sem encontrar água. E chegaram a Mara, mas não podiam beber as águas de Mara, porque eram amargas (Êx. 15-22, 23).

Depois os filhos de Israel foram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras (Êx. 15-27).

E partiram de Elim e toda a multidão dos filhos de Israel foi para o deserto de Sin, o qual está entre Elim e o Sinai... (Êx. 16-1).

Começou a penosa marcha — vida de nômades numa região árida de estepes, que deveria durar 40 anos!

Com jumentos, cabras e ovelhas, só podiam vencer pequenas etapas diárias de uns 20 quilômetros; o objetivo da marcha de cada dia era sempre a próxima aguada.

Durante 40 anos vaguearam os filhos de Israel ao longo da orla do deserto, de fonte em fonte, de aguada em aguada. Pelos lugares de descanso mencionados na Bíblia podemos traçar as principais etapas da peregrinação.

O itinerário é descrito com realismo e de modo convincente nos Números, capítulo 33. Como é muito natural, tratando-se de uma multidão de homens e animais, eles nunca se afastavam dos oásis e pastagens, nem na região do Sinai nem no Negueb.

Do Nilo até aos montes da península do Sinai estendia-se uma trilha antiquíssima. Era o caminho por onde seguiam as colunas de trabalhadores e escravos que já desde 3.000 anos antes de Cristo extraíam cobre e turquesas no Monte Sinai. Mais de uma vez no decurso dos milênios as minas foram abandonadas e ficaram esquecidas durante séculos. Ramsés II lembrou-se do tesouro que ali dormia e decidiu explorar outra vez as minas.

Moisés conduziu seu povo por esse caminho das minas. Ele começava em Mênfis, passava junto à ponta do Golfo, onde está situada a atual Sué, e fazia uma curva para o sul, percorrendo 70 quilômetros através duma região sem água, sem oásis, sem uma única fonte. A Bíblia diz expressamente que no começo do êxodo eles vaguearam pelo deserto durante três dias, sem água, depois chegaram a uma fonte amarga e, logo em seguida, a um oásis luxuriante com “doze fontes de água e setenta palmeiras”. Estas indicações da Bíblia, realmente precisas, ajudaram os pesquisadores a encontrar a rota histórica do êxodo.

Para uma caravana com rebanhos e muita gente uma viagem de 70 quilômetros representa uma marcha de três dias. Os nômades são capazes de percorrer essa distância sem água. Para isso levam sempre a sua “água de reserva” na bagagem, em odres de pele de cabra, como a família dos patriarcas do quadro de Beni-Hasan. A 70 quilômetros da extremidade norte do Mar Vermelho brota ainda hoje uma fonte, “Ain Hawarah” na linguagem dos beduínos. Os nômades não gostam de parar aí com seus rebanhos. A água não convida ao descanso. É salgada e sulfurosa, “amarga”, diz a Bíblia. É a antiga *Mara*.

Vinte e quatro quilômetros ao sul, exatamente a um dia de marcha, estende-se o Wadi Gharandel. É um oásis magnífico com palmeiras umbrosas e muitas fontes. É a bíblica *Elim*, o segundo lugar de descanso. Além de *Elim* começa o *deserto de Sin*, na costa do Mar Vermelho, hoje planície El Kaa. Os filhos de Israel tinham feito uma viagem bem curta na verdade, mas desacostumada e cheia de privações, depois duma vida dura, mas regulada e farta no Egito. Não é de admirar que viesse a decepção e comesçassem os murmúrios. Entretanto, puderam completar a alimentação frugal com dois ingredientes inesperados e muito oportunos.

Aconteceu, pois, de tarde virem codornizes, que cobriram os acampamentos; e pela manhã havia uma camada de orvalho em volta dos acampamentos. E tendo coberto a superfície da terra, apareceu no deserto uma coisa miúda, e como pisada num almosariz, à semelhança de geada sobre a terra. Tendo visto isto os filhos de Israel, disseram entre si: Manhu? Que significa: que é isto? Porque não sabiam o que era. e Moisés disse-lhes: este é o pão que o Senhor vos dá para comer (Êx. 16-13 a 15).

Repetidamente se tem discutido com mais ou menos base a questão das *codornizes* e do *maná*. Quanto cepticismo têm provocado! A Bíblia fala de coisas maravilhosas e inexplicáveis. Mas *codornizes* e *maná* são inteiramente naturais. Basta consultar um naturalista ou os naturais da terra, que ainda hoje podem observar o mesmo fenômeno.

A saída de Israel do Egito começou na primavera, a época das grandes migrações das aves. Partindo da África, que no verão se torna insuportavelmente quente e seca, as aves seguem, desde tempos imemoriais, duas rotas para a Europa: uma pela ponta ocidental da África, para a Espanha, e a outra pela parte oriental do Mediterrâneo, para os Balcãs. Entre essas aves encontram-se *codornizes* que nos meses da primavera voam por cima das águas do Mar Vermelho, que têm de atravessar em sua rota para leste. Cansadas do grande voo, deixam-se cair nas planícies da costa a fim de recobrem fôrças para a viagem por cima dos altos montes até ao Mediterrâneo. Flávio Josefo (Ant., III, 1,5) relata uma experiência semelhante e ainda em nossos dias os beduínos dessa região apanham com a mão, na primavera e no outono, as *codornizes* exaustas.

No que se refere ao famoso *maná*, recorramos aos botânicos. Anteciparemos que quem quer que se interesse por *maná* poderá encontrá-lo na lista de exportações da península do Sinai. Aliás, o que o produz vem indicado em todos os quadros botânicos do Oriente Próximo, a saber a *Tamarix mannifera*, Ehr. (1).

Para o grande público o “pão do céu” bíblico continua como sempre um prodígio inexplicável. O fenômeno do *maná* é um exemplo verda-

(1) Especie de tamargueira.

deiramente clássico de como certas idéias e conceitos preconcebidos se mantêm por vêzes obstinadamente através das gerações e como é difícil fazer prevalecer a verdade. Dir-se-ia ninguém querer admitir que o "pão do céu" existe realmente. E, contudo, não faltam escritos fidedignos sobre a sua existência. O seguinte testemunho de vista tem quase quinhentos anos de idade:



Fig. 20: Captura de codornizes na margem do Nilo.

"Em todos os vales em volta do Monte Sinai se encontra até hoje o pão do céu, que os monjes e os árabes apanham, conservam e vendem aos peregrinos e aos estrangeiros que por aqui aparecem", escreve no ano de 1483 o decano de Mogúncia, Breitenbach, sobre sua peregrinação ao Sinai. "O dito pão do céu cai pela manhã, ao amanhecer, exatamente como o orvalho ou a geada, e pende como gotas na erva, nas pedras e nos ramos das árvores. É doce como o mel e gruda aos dentes quando se come, e nós compramos algumas partes."

Em 1823 o botânico alemão G. Ehrenberg publicou uma notícia⁽¹⁾ que até os seus próprios colegas receberam com grande ceticismo. Com efeito, a sua declaração era algo verdadeiramente extraordinário: dizia ele que o famoso maná não era outra coisa senão uma secreção das árvores e arbustos da tamargueira, quando picados por uma espécie de cochonilha característica do Sinai.

Cem anos mais tarde teve lugar uma verdadeira expedição em busca do maná. O botânico Friedrich Simon Bodenheimer e Oskar Theodor, da Universidade Hebraica de Jerusalém, seguiram para a península do Sinai a fim de esclarecerem finalmente a tão debatida questão do fenómeno do maná. Durante vários meses os dois cientistas exploraram extensamente os vales secos e os oásis em volta do Monte Sinai. O seu

(1) "Symbolae physicae".

comunicado causou sensação. Eles não só haviam trazido a primeira fotografia do maná, não só os resultados de suas pesquisas confirmavam as declarações de Breitenbach e Ehrenberg, mas mostravam também o realismo com que a Bíblia descrevia a peregrinação dos filhos de Israel pelo deserto.

Sem a cochonilha mencionada pela primeira vez por Ehrenberg não haveria, com efeito, maná. Esses pequenos insetos vivem sobretudo nas mencionadas tamargueiras, nativas do Sinai, que pertencem às acácias. Essas árvores exsudam uma secreção resinosa característica que, segundo os dados de Bodenheimer, tem a forma e o tamanho da semente do coentro. Ao cair é branca e só depois de ficar muito tempo no solo adquire uma cor pardo-amarelada. Naturalmente, os dois pesquisadores não iam deixar também de provar o maná. "O gosto dos grãosinhos cristalizados do maná é de uma doçura característica", diz Bodenheimer. "A coisa a que mais se pode comparar é ao açúcar de mel, produto do mel de abelha velho". *"E era como a semente de coentro, branco"*, diz a Bíblia, *"e o seu sabor como o da farinha amassada com mel"* (Êx. 16-31).

Os resultados da expedição confirmaram igualmente o resto da descrição bíblica do maná. *"Cada um, pois, colhia pela manhã quanto podia bastar para seu alimento; e, quando o sol fazia sentir os seus ardores, derretia-se"* (Êx. 16-21). Da mesma forma os beduínos da península do Sinai ainda hoje se apressam a apanhar tôdas as manhãs o seu "mann es-sama", isto é, o "maná do céu", porque as formigas são concorrentes ávidas. Mas estas só começam sua atividade quando o solo atinge uma temperatura de 21 graus centígrados", diz o comunicado da expedição. "Isso ocorre pelas 8 h 30 m da manhã. Até então os animalículos estão ainda entorpecidos." Apenas as formigas ficam ágeis, desaparece o maná. Devia ser isso o que o cronista bíblico queria dizer ao falar que ele se derrete. Os beduínos têm sempre o cuidado de guardar o maná num pote fechado, pois do contrário as formigas caem sobre ele. O mesmo aconteceu durante a peregrinação dos israelitas sob a direção de Moisés: *"E alguns conservaram até de manhã, e ele começou a ferver em vermes e apodreceu..."* (Êx. 16-20).

A ocorrência do maná depende duma chuva de inverno favorável e é diferente de ano para ano. Nos anos bons os beduínos do Sinai recolhem até quilo e meio por homem cada manhã. Uma porção respeitável que chega perfeitamente para satisfazer um adulto. Assim foi que Moisés pôde ordenar aos filhos de Israel: *"Cada um colha dêle quanto baste para seu alimento"* (Êx. 16-16).

Os beduínos fazem das gotas de maná uma massa muito apreciada e rica em vitaminas, que usam como complemento de sua alimentação freqüentemente monótona. O maná é até um artigo de exportação e — bem conservado — uma excelente "ração de reserva", pois se conserva por tempo indefinido. — *"E Moisés disse a Arão: Toma um vaso, e mete nêle maná quanto pode conter um gomor, e põe-no diante do senhor para se conservar pelas vossas gerações"* (Êx. 16-33).

“E os filhos de Israel comeram maná durante quarenta anos, até chegarem a um país habitado; com esta comida se alimentaram até chegarem aos confins do país de Canaã” (Êx. 16-35). As tamargueiras com maná continuam proliferando no Sinai e ao longo do deserto da Arábia até ao Mar Morto.

Partindo de lá (do deserto de Sin), foram a Dafca (Núm. 33-12).

Várias centenas de metros acima da superfície do Mar Morto estende-se o vasto e monótono *deserto de Sin*. No elevado e tórrido planalto a ofuscante superfície amarela dos areais é alterada apenas por cardos e moitas esparsas. Nem um sopro de brisa toca de leve o rosto do viandante. Quem passa por ali seguindo a velha trilha para sueste presencia um espetáculo inesquecível: de repente surge diante de si no horizonte, erguendo-se da alta planície, o perfil denteado duma montanha — o maciço do Sinai. A medida que se aproxima, vê brilhar numa escala acromática, estranhas e maravilhosas formações geológicas. Muralhas de granito côr-de-rosa e malva erguem-se rudemente para o céu azul, a grande altura. De permeio resplandecem declives e precipícios de pálido âmbar e enxôfre avermelhado, entremeados de veios de pórfiro e faixas verde-escuras de feldspato. Dir-se-ia que os matizes e o esplendor dum jardim florido foram esparzidos e cristalizados naquela sinfonia selvagem de pedra. Na orla do deserto de Sin desaparece de repente a trilha, perdendo-se num vale.

Até ao começo deste século ninguém sabia onde procurar *Dafca*. A única indicação estava contida no próprio nome do lugar. “*Dafca*”, raciocinavam os peritos lingüísticos é aparentado com “fenômenos de fusão”. Onde há mineração, há fenômenos de fusão.

Nos dias de primavera do ano de 1904 o inglês Flinders Petrie, que já tinha granjeado fama como pioneiro da arqueologia bíblica, partiu de Suez com uma longa caravana de camelos. Acompanhava-o uma verdadeira multidão de sábios, 30 arquitetos, egiptólogos e assistentes. Partindo do cais do Canal de Suez, a expedição seguiu os vestígios da trilha egípcia que levava à região do Sinai. Prosseguiu através do deserto de Sin até à cordilheira pelo caminho percorrido pelos israelitas.

A caravana penetrou lentamente num dos vales, em redor dum canto agudo da montanha... e o relógio do mundo pareceu retroceder súbitamente três mil anos, quatro talvez. A caravana transferiu-se de chôfre para o mundo dos faraós. Petrie deu ordem de parar. No vale, sôbre um terraço de rocha, erguia-se um templo. Por entre as colunas quadrangulares do vestibulo aparecia a cara de uma deusa com grandes orelhas de vaca. Um labirinto de estelas, entre as quais sobressaía um pilono mais alto, parecia haver nascido do solo. A areia amarela em volta de pequenos altares de pedra mostrava claros vestígios de cinzas de holocaustos. Nas encostas em volta abriam-se entradas escuras e, lá em cima, dominando o vale, avultava o enorme maciço do Sinai.

A gritaria dos tropeiros silenciou. A caravana imobilizou-se como que dominada pela súbita visão fantasmagórica.

Nas ruínas do templo Petrie encontrou gravado o nome do grande Ramsés II. A expedição chegara a Serabit el-Chadem, o centro mineiro e industrial egípcio da extração de cobre e turquesas. Muito provavelmente era ali que devia procurar-se a bíblica Dafca.

Durante dois longos anos um acampamento de tendas levantado diante do velho templo deu vida nova ao vale. Cenas de culto e quadros de sacrifícios existentes nas paredes do templo indicavam que ali fôra venerada a deusa Hator. Um labirinto imenso de galerias meio ocultas por entulho, que se estendia quase até perder de vista em redor do vale, dava testemunho das escavações feitas para extrair o cobre e as turquesas. As marcas das ferramentas de trabalho eram inconfundíveis. Nas proximidades viam-se os restos das colônias dos trabalhadores.

O sol dardejava implacavelmente no côncavo do vale, concentrando um calor insuportável e dificultando o trabalho da expedição. Trabalhar naquelas minas do deserto, sobretudo no verão, devia ser um inferno. Uma inscrição do reinado de Amenemat III, em 1800 a. C., informava os pesquisadores a respeito.

Hor-ur-Re, guarda-sêlo e "chefe dos trabalhadores" do Faraó, faz uma arenga aos mineiros e escravos. Ele procura estimulá-los e animá-los com as seguintes palavras: "Como pode se considerar feliz quem trabalha nestas minas!" Mas eles respondem: "Turquesas há sempre no monte. É, porém, na pele que se deve pensar nesta estação do ano. Nós ouvimos dizer que o metal tem sempre sido extraído nesta época. Mas a pele é que sofre nesta estação horrível." Ao que Hor-ur-Re replica: "Em todos os tempos que eu tenho trazido homens para as minas tem-me guiado somente a glória do rei... Meu semblante não decaía desanimado diante do trabalho... Nunca disse: "Quem me dera ter uma boa pele!" Porém meus olhos brilhavam..."

Quando iam em pleno apogeu as escavações nas velhas minas, nas habitações dos mineiros e no terreno ocupado pelo templo, a poucos passos do santuário da deusa Hator foram desenterrados da areia alguns fragmentos de tabuinhas de pedra e uma estatueta corcunda. As tabuinhas, como a escultura, apresentavam uns estranhos signos gravados. Nem Flinders Petrie nem seus colaboradores egiptólogos conseguiram decifrá-los. Eram evidentemente signos de uma escrita nunca vista até então. Pois embora aqueles signos tivessem um aspecto acentuadamente ideográfico — eles lembravam os hieróglifos egípcios — via-se que não podia tratar-se duma escrita ideográfica. Havia muito poucos signos diferentes para que assim fôsse.

Depois de examinadas tôdas as circunstâncias do achado, Flinders Petrie chegou à seguinte conclusão arrojada: "Este sistema de escrita linear devia pertencer aos trabalhadores de Retenu ⁽¹⁾, que eram contratados pelos egípcios e mencionados com freqüência. A conclusão que se segue é muito significativa, isto é: os simples trabalhadores cananeus já possuíam uma escrita pelo ano de 1500 a. C. e essa escrita não tinha

(1) Isto é, Canaã.

relação com os hieróglifos nem com os sinais cuneiformes. Além disso, ela anula definitivamente a hipótese de que os israelitas, que passaram por essa região em sua fuga do Egito, ainda não sabiam escrever!”

A teoria de Flinders Petrie provocou enorme sensação entre arqueólogos, estudiosos da sagrada escritura e historiadores. Todos os conhecimentos sobre a origem e o primeiro uso de uma escrita em Canaã se tornaram caducos. Parecia inadmissível que já no meio do segundo milênio antes de Cristo os habitantes de Canaã tivessem uma escrita própria. Só o texto das tabuinhas do Sinai poderia provar se Petrie tinha realmente razão. Imediatamente depois de sua volta à Inglaterra ele mandou copiar as tabuinhas.

Peritos de todos os países se lançaram à tarefa de decifrar os toscos signos gravados. Nenhum deles conseguiu encontrar-lhes um sentido. Só dez anos mais tarde Sir Alan Gardiner, o genial e incansável tradutor de textos egípcios logrou levantar o véu. Conseguiu decifrar uma parte das inscrições. Ajudou-o nisso o “bordão de pastor” continuamente repetido. Numa combinação de quatro ou cinco signos, que ocorriam diversas vezes, Gardiner imaginou finalmente descobrir uma palavra do antigo hebraico! Interpretou os cinco signos I-B'-l-t como dedicados à “Deusa Baalath”.

No segundo milênio a. C. era venerada na cidade marítima de Biblos uma divindade feminina com o nome de Baalath. Os egípcios ergueram um templo a essa deusa em Serabit el-Chadem; com a diferença de que os egípcios a chamavam Hator. Os trabalhadores de Canaã extraíram cobre e turquesas perto do seu templo.

A cadeia de demonstração estava encerrada. A significação do achado feito no Sinai só pôde ser apreciada em todo o seu alcance seis anos depois da morte de Flinders Petrie e após novas e árduas pesquisas e estudos.

Gardiner só conseguira decifrar uma parte dos estranhos signos. Três décadas depois, em 1948, uma equipe de arqueólogos da universidade de Los Angeles descobriu a chave que permitiu uma tradução literal

	SINAI 1500 a. C.	CANAÃ 1000 a. C.	FENICIO 750 a. C.	GREGO ANTIGO	ATUAL
Cabeça de boi					A
Palçada					H
Água					M
Cabeça de homem					R
Arco					S

Fig. 21: Evolução do nosso alfabeto.

de todos os signos das tabuinhas do Sinai. Essas inscrições procedem indubitavelmente de 1.500 anos a. C. e são escritas num dialeto cananeu!

O que Flinders Petrie arrancou do ardente solo do Sinai em 1905 pode ser visto por toda gente de todo o mundo, em forma modificada, nos jornais, revistas, livros e nos tipos de suas máquinas de escrever. As pedras de Serabit el-Chaden contêm o precursor do nosso alfabeto! As duas formas básicas de expressão do "Fértil Crescente", signos ideográficos e caracteres cuneiformes, já eram antigas quando, no segundo milênio a. C., nasceu uma terceira forma básica de expressão — o alfabeto. Provavelmente incitados pela escrita ideográfica de seus companheiros de trabalho do país do Nilo, os semitas criaram para si, no Sinai, uma escrita própria completamente diferente.

As famosas inscrições do Sinai constituem os primeiros passos do alfabeto semítico setentrional, que é o antepassado direto do nosso alfabeto atual. Esse alfabeto era usado na Palestina, em Canaã e nas repúblicas marítimas fenícias. Pelo fim do nono século a. C. foi adotado pelos gregos. De Hélade passou para Roma e daí espalhou-se pelo mundo inteiro.

"E o Senhor disse a Moisés: Escreve isto no livro para memória..." (Êx. 17-14). Pela primeira vez se fala de "escrever" no Antigo Testamento, quando Israel, tendo partido de Dafca, atingiu o seguinte lugar de descanso. Nunca antes disso apareceu esta palavra. A decifração das tabuinhas do Sinai apresentou esta passagem bíblica sob a luz completamente nova de uma informação histórica. Desde então sabemos que já trezentos anos antes de Moisés haver conduzido por ali o povo tirado do Egito, havia homens de Canaã que sabiam "escrever", em sua linguagem intimamente aparentada com a de Israel.

CAPITULO 2

JUNTO AO MONTE DE MOISÉS

A "Pérola do Sinai". — Israel contou 6.000 homens. — Água tirada dum rochedo. — Técnica empírica dos nômades. — A "sarça ardente" é uma planta que gera gás? — No vale dos monges e dos eremitas. — A grande maravilha.

Tendo, pois, partido tôda a multidão dos filhos de Israel do deserto de Sin, e feito as suas paragens segundo a ordem do Senhor, acamparam em Rafidim... Ora Amalec veio e pelejava contra eles em Rafidim (Êx. 17-1 e 8).

Rafidim é o atual Feiran, louvado pelos árabes como a "Pérola do Sinai". Guardado pela solidão dos gigantescos e multicores penhascos em redor, êsse paraíso em miniatura apresenta o mesmo aspecto há milênios. Um bosquezinho de palmeiras dá sombra benfazeja. Como nos tempos dos primeiros antepassados, os nômades levam aí seus rebanhos para beber e descansar no tapêto de relva miúda.

Do acampamento da expedição Flinders Petrie empreendia incursões a fim de explorar a região circunjacente. Em marchas penosas êle ficou conhecendo os vales e os montes até às margens do Mar Vermelho. Comprovou, sem sombra de dúvida, que Feiran era o único oásis em todo o sul do maciço montanhoso. Para os nômades naturais dessa região êle era de importância vital e o seu bem mais precioso. "Os amalecitas queriam defender Wadi Feiran contra os intrusos estrangeiros", deduz Flinders Petrie. E a seguir reflete: "Se o clima permaneceu imutável — e isso nos demonstram as colunas de arenito perfeitamente conservadas através dos milênios em Serabit el-Chadem — o número de habitantes deve ser o mesmo. Em nossos dias vive na península do Sinai uma população que se avalia de 5.000 a 7.000 nômades com seus rebanhos. O povo de Israel devia contar aproximadamente 6.000 almas... como indica o combate indeciso com os amalecitas."

"E, quando Moisés tinha as mãos levantadas, Israel vencia, mas, se as abaixava, Amalec levava vantagem" (Êx. 17-11).

"Até ao pôr do sol" durou a encarniçada luta. Finalmente, Josué decidiu a contenda em favor de Israel. Dêsse modo ficou livre o caminho para a fonte do oásis de Rafidim. Mas antes "não havia água de beber para o povo" (Êx. 17-1). Nessa aflição Moisés teve de tomar da sua vara

e ferir um rochedo para fazer brotar água (Êx. 17-6), o que é considerado completamente inconcebível pelos cépticos e por outros, embora, também neste caso, a Bíblia não faça senão descrever um fato natural.

O major C. S. Jarvis, que foi governador britânico do território do Sinai na década dos trinta, comprovou isso pessoalmente. Escreve êle ⁽¹⁾: "Moisés ferindo o rochedo em Rafidim e fazendo brotar água parece um verdadeiro milagre, mas êste cronista viu com os próprios olhos um fato semelhante. Alguns membros do corpo de camelos do Sinai tinham feito uma parada num vale sêco e dispunham-se a cavar a areia grossa que se amontoara ao fundo da parede rochosa. Queriam atingir a água que se filtrava lentamente através da rocha calcária. Os homens trabalhavam lentamente, e então o sargento de côr Bash Shawish disse:

— Vamos logo com isso!

Tomou então a pá das mãos de um dos homens e começou a cavar com grande ímpeto, como costumam fazer os sargentos em todo o mundo quando querem mostrar aos seus comandados o que êles são capazes de fazer, mas que não tencionam fazer durante mais de dois minutos. Um de seus golpes atingiu a rocha. A superfície lisa e dura que se forma sempre sôbre a pedra calcária exposta ao tempo rompeu-se e caiu. Com isso ficou exposta a rocha mole embaixo, e de seus poros brotou um grande jorro de água. Os sudaneses, que estão bem a par dos fatos dos profetas, embora não sejam especialmente respeitosos com êles, aclamaram o sargento exclamando:

— Olhem o profeta Moisés!

Isto é uma explicação muito esclarecedora do que deve ter ocorrido com Moisés quando golpeou o rochedo em Rafidim."

C. S. Jarvis foi testemunha de um puro acaso. Porque os membros do corpo de camelos eram sudaneses e não nativos do Sinai, caso em que poderiam estar familiarizados com essa técnica de extrair água. No caminho de Cadés para Edom Moisés usou de novo a arte de tirar água da rocha. "*E Moisés, tendo levantado a mão, ferindo duas vèzes com a vara o rochedo, saíram dêle águas copiosíssimas, de sorte que bebeu o povo e os animais*", diz a Bíblia em Núm. 20-11. É evidente que êle havia aprendido êsse estranho método de encontrar água durante o seu exílio entre os madianitas.

Na era cristã foram estabelecer-se numerosos eremitas e monges em Feiran, o lugar onde Israel, sob a direção de Moisés, teve de repelir o primeiro ataque inimigo. Erguiam suas minúsculas habitações nas ravinas e nas encostas da montanha. Em Feiran erigiram uma igreja e, quarenta quilômetros ao sul do oásis, nas faldas do Jebel Musa, construíram uma pequena capela.

Mas os nômade selvagens não davam descanso aos eremitas e monges do Sinai. Muitos perdiam a vida durante os repetidos ataques. Quando Santa Helena, a mãe octogenária de Constantino, primeiro impera-

(1) "Yesterday and Today in Sinai", de C. S. Jarvis,

dor cristão, teve notícia das tribulações dos monges do Sinai, por ocasião de sua estada em Jerusalém, em 327 d. C., fez uma doação para uma torre de refúgio, que foi construída ao pé do monte de Moisés.

Em 530 d. C., o Imperador Justiniano, do Império do Oriente, mandou cercar a pequena capela com uma poderosa muralha. Até à Idade Média a igreja fortificada no Jebel Musa foi o destino dos peregrinos que de todas as terras se dirigiam ao Sinai. De acordo com uma lenda, esse memorável lugar recebeu o nome de "Mosteiro de Santa Catarina", que ainda hoje conserva.

Napoleão mandou reparar as muralhas dessa fortaleza solitária dos primeiros tempos cristãos, ameaçada de ruína.

Em 1859 o teólogo alemão Konstantin von Tischendorf descobriu no Sinai um dos preciosos manuscritos da Sagrada Escritura, escritos em pergaminho e ali conservados, o famoso "Codex Sinaiticus". É do século IV e contém, em língua grega, o Novo e parte do Antigo Testamento.

Foi dado de presente ao czar, que por isso doou 9.000 rublos ao mosteiro. O tesouro passou para a Biblioteca de S. Petersburgo. Em 1933 o Museu Britânico comprou o "Codex Sinaiticus" aos soviets por 500.000 dólares.

A pequena capela ao pé do Jebel Musa foi construída no lugar em que, segundo a Bíblia, Moisés viu a sarça ardente: *"E via que a sarça ardia, sem se consumir"* (Êx. 3-2).

Também este fenômeno extraordinário se tem procurado explicar cientificamente de várias maneiras. Um perito em botânica bíblica, o Dr. Harold N. Moldenke, administrador e curador do Jardim Botânico de Nova York, escreve a respeito: "...Entre os comentadores que julgam ter encontrado uma explicação natural, pensam alguns que o fenômeno da sarça, que "ardia" e "não se consumia" pode ser explicado por um tipo de planta de gás, ou "fraxinella", a "Dietamnus albus L.". É uma erva grande de um metro de altura, com panículas de flores cor de púrpura. A planta toda é coberta de minúsculas glândulas oleaginosas. Esse óleo é tão volátil que se evapora continuamente, e a aproximação duma luz descoberta causa uma inflamação súbita... A explicação mais lógica parece ser a de Smith. Supõe ele que a "chama de fogo" poderia ser muito bem a rama vermelho-carmesim do visco em flor (*Loranthus accaciae*), que cresce por toda a parte na Terra Santa e no Sinai em diferentes moitas e pequenas árvores espinhosas da família das acácias. Quando esse visco está na plena floração, a moita parece envolta em fogo devido às suas cores vermelhas e ardentes.

O fenômeno da "sarça ardente" existe, pois, na natureza, literalmente, em plantas com um grande conteúdo de óleos voláteis. O naturalista alemão Dr. M. Schwabe comprovou em repetidas observações a inflamação espontânea: a mistura de gás e ar inflama-se algumas vezes por si só no calor intenso e no ar parado, ficando o arbusto intato.

Porque, tendo partido de Rafidim, e chegando ao deserto do Sinai, acamparam naquele mesmo lugar, e Israel levantou aí as suas tendas de frente do monte. E Moisés subiu a Deus (Ex. 19-2, 3).

E Moisés desceu ao povo, e referiu-lhes tudo. E o Senhor pronunciou tôdas estas palavras: Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses diante de Mim (Ex. 19-25; 20-1, 2, 3).

No Sinai aconteceu uma coisa única na história da Humanidade. Ali estão a raiz e a grandeza de uma crença sem exemplo nem modelo, que teve força bastante para conquistar o mundo inteiro.

Moisés, filho dum ambiente cheio de crenças em grande número de divindades, em deuses de formas diversas, anunciou a crença num só Deus! Moisés tornou-se o fundador do monoteísmo... eis o grande, legítimo e incompreensível milagre do Sinai. Desconhecido, estrangeiro criado no Egito, filho e neto de nômades, Moisés *"desceu ao povo, e referiu-lhes tudo"*. Nômades que levantavam suas tendas de pele de cabra na estepe debaixo do céu foram os primeiros a ouvir a mensagem nunca ouvida, receberam-na para si e passaram-na adiante. Primeiro entre si, durante 39 anos, na solidão da estepe, junto às fontes borbulhantes, nos bebedouros dos oásis umbrosos e ao vento lamentoso que soprava através da paisagem agreste. Enquanto as ovelhas, as cabras e os jumentos pastavam, eles falavam de um único e grande Deus, de JHVH.

Assim começou a maravilhosa história desta crença que se espalhou pelo mundo inteiro. Aquêles simples pastores vagueavam penosamente levando consigo o grande e novo pensamento, a nova crença em sua nova pátria, de onde a mensagem um dia partiria para o mundo, para todos os povos da terra. Povos poderosos e impérios notáveis daquele tempo distante mergulharam há muito no reino escuro do passado. Mas os descendentes dos pastores que primeiro acreditaram num Deus único e onipotente continuam vivos até hoje.

"Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim"... isto é sem exemplo desde que os homens habitam a terra. Não houve nenhum exemplo, nenhuma inspiração de outros povos.

Devemos a segurança dêste conhecimento aos achados e descobertas arqueológicas feitas no Egito, a terra onde Moisés cresceu e foi educado, e noutras terras do antigo Oriente. O culto solar de Echnaton e a comprovada manifestação de muitas divindades num único Deus, na Mesopotâmia, foram apenas pesados passos para o monoteísmo. Tôdas essas representações carecem da força de síntese, do pensamento moral liberador, contidos nos Dez Mandamentos, que Moisés trouxe do cume solitário do Monte Sinai para o coração e para o cérebro dos homens.

No "Fértil Crescente" só no povo de Israel surge a idéia de Deus em forma clara e pura, livre de magia, livre de representações multi-formes e grotescas e não imaginada como preparação materialista para a sobrevivência do eu no além. Sem exemplo e sem modelo é também a forma clara e imperiosa dos Dez Mandamentos. Os israelitas recebem ordem de não pecar, porque Jeová assim o quer!

CAPÍTULO 3

SOB O CÉU DA ESTEPE

Sinai-Cadés, 230 km. — Duas fontes no grande ponto de parada. — Tropa de espias para Hebron. — O cacho de uva era uma cêpa. — Povos estrangeiros. — Uma felaina descobre o arquivo de Amarna. — Cartas de príncipes indo-árícos cananeus. — Uma colônia hurrita entre as tórres de petróleo de Kirkuk. — O relato dos observadores dá motivo a nova decisão. — O “deserto” bíblico era estepe.

E os filhos de Israel pelas suas turmas partiram do deserto do Sinai... (Núm. 10-12).

Israel havia-se submetido à crença em um Deus e suas leis; o santuário que lhe construíram — a *Arca da Aliança* — era de madeira da acácia (Êx. 25-10), planta nativa da península do Sinai e ainda hoje muito comum nesses lugares.



Fig. 22: Arca da Aliança com querubins e varas em argolas, para o transporte (Reconstrução).

Havia quase um ano que durava a estada na montanha do Sinai. Então puseram-se em marcha e seguiram para o norte, na direção de Canaã. Cadés, a próxima etapa, que constituiria um marco miliário na longa estrada dos filhos de Israel, fica a 230 quilômetros do Sinai, em linha reta.

Também este pedaço de caminho pode ser acompanhado com base nos precisos dados topográficos da Bíblia. O caminho segue pela mar-

gem ocidental do Golfo de Akaba até ao Deserto de *Faran* (Núm. 12-16) ⁽¹⁾ — o atual Bâdîet et-Tin, que significa “Deserto da Solidão” — acompanhando sua margem oriental. Dos lugares de descanso desse caminho (Núm. 33-16 a 36) podem-se identificar com certeza Haserot e Asiongaber. Haserot é a atual Ain Huderah, situada nas proximidades do golfo; Asiongaber fica na ponta extrema do Golfo de Akaba, o lugar que, mais tarde, no tempo do rei Salomão, foi o centro portuário e industrial (III. Reis 9-26).

Durante a peregrinação ao longo da margem do golfo repetiu-se o “milagre” das codornizes. De novo era primavera, época da migração das aves, e de novo a descrição é fiel à realidade: “*E um vento mandado pelo Senhor, trazendo codornizes da outra banda do mar, arrebatou-as consigo e fê-las cair sobre os acampamentos*” (Núm. 11-31).

“Partindo de lá (Asiongaber), foram ao deserto de Sin, que é Cadés” (Núm. 33-36).

Abaixo de Hebron a região montanhosa de Judá decai formando uma planície relativamente lisa, cuja parte sul, frequentemente chamada “rio do Egito”, é um vale seco muito ramificado e que vai tendo cada vez menos água (Núm. 34-5; Jos. 15-4; III. Reis 8-65). É o Negueb, o *Meio-dia* bíblico (Núm. 13-17). Em meio a numerosos “wadis” — vales secos, onde só se encontra água na época das chuvas, durante o inverno — fica *Cadés*. O antigo nome Cadés foi conservado na pequena fonte “Ain Qedeis”, onde os nômades que por ali passam dão de beber aos seus rebanhos. O pequeno fio de água dificilmente chegaria para matar a sede, por muito tempo, a seis mil filhos de Israel e seus rebanhos. Somente a uns sete quilômetros dali, ao noroeste de Cadés, brota do chão a mais rica fonte daquela região, a “Ain el-Qudeirât”. A ela deve o Wadi Qudeirât a sua fertilidade. Daí os filhos de Israel avistaram ao longe a terra que lhes fôra prometida e sobre a qual ainda não faziam a menor idéia. Talvez a pressa com que fugiram do Egito os impedisse de se informarem a respeito. A Palestina era tão bem conhecida do povo do Nilo que até o desconhecimento de detalhes merecia a censura de ignorância. Aman-appa, “escriba de ordens do exército” no tempo de Ramsés II, atraiu sobre si zombaria e escárnio por causa do seu desconhecimento da Palestina. Hori, funcionário das cavalaria reais, respondeu-lhe numa carta com agudeza satírica, ao mesmo tempo sondando os seus conhecimentos geográficos: “Tua carta é opulenta e cheia de grandes palavras. Vê, recompensam-te como àquele que procura grandes encargos e encarregam-te de mais do que deseavas. Nós dizemos: Se há verdade nas tuas palavras, vem a campo a fim de que te ponhamos à prova. Será pôsto à tua disposição um cavalo, tão rápido como um... chagal. Mostra-nos o que faz tua mão. Não viste a terra de Upe, perto de Damasco? Não conheces a situação dela? Qual é a situação do seu rio? Não fôste até Cadés? Não percor-

(1) Na tradução da Vulgata não consta este versículo 16. (N. do Trad.)

reste o caminho até ao Líbano, onde o céu é escuro durante o dia? É cheio de ciprestes, carvalhos e cedros que chegam até ao céu. Falar-te-ei também duma cidade misteriosa chamada Biblos? Como é ela? Vamos, informa-me sobre Sidon e Sarepta. Fala-se de outra cidade que fica junto ao mar, o porto de Tiro. A água é levada para lá em navios. Se entras em Jafa, verificarás que o campo é verde. Se penetrares mais... encontrarás a bela moça que guarda a vinha. Ela te tomará como companheiro e te concederá a delícia do seu seio... Dormirás e ficarás ocioso. Roubarão... teu arco, a faca do teu cinturão, teu carcaz, e as tuas rédeas serão cortadas na escuridão... Teu carro se destruirá. Dirás: Dai-me comida e bebida, pois, felizmente, escapei! Eles se farão de surdos e não te darão ouvidos. Vem, conduz-me ao caminho que vai para o sul até à região de Aco. Onde fica o Monte de Siquém? Notável escreba... por onde é que ele vai para Asor? Qual é a situação do seu rio? Vem, fala-me de outras cidades. Informa-me sobre o aspecto de Kjn perto de Megido; dá-me a conhecer Roob; esclarece-me sobre Bethschean e Kiriath-el. Informa-me como se passa além de Megido. O Rio Jordão... como se atravessa? Vê", conclui o funcionário das cavaliarias reais, "por ti eu atravessei a terra da Palestina... examina-a com vagar a fim de estares em condições de descrevê-la no futuro e a fim de que possas tornar-te... um conselheiro." Funcionários reais, soldados, negociantes, todos tinham pelo menos uma idéia clara sobre a Palestina. Moisés, que pertencia a um pobre povo de pastores, teve de se informar primeiro sobre a terra. Despachou observadores para lá.

Moisés, pois, enviou-os a reconhecer a terra de Canaã, e disse-lhes: subi pela parte do Meio-Dia. E, quando tiverdes chegado aos montes, considerai que terra é essa, e o povo que a habita, se é valente ou fraco; se é um pequeno ou grande número... (Núm. 13-18, 19).

Entre os doze observadores encontrava-se Josué, homem de grande habilidade estratégica, como revelou mais tarde na conquista de Canaã. Como campo principal de exploração eles escolheram a região em volta de Hebron, ao sul de Judá. Ao cabo de 40 dias os homens voltaram, apresentando-se a Moisés. Como sinal de que haviam desempenhado a sua missão trouxeram frutos da terra explorada, figos e romãs. Provocou enorme assombro um cacho de uvas gigantesco cortado em "Neelescol", pois o "levaram dois homens numa vara" (Núm. 13-24). Também a posteridade se mostrou espantada e céptica, porque o cronista fala de um único cacho. Na verdade deve ter sido uma cêpa inteira com as frutas. Os espias cortaram-na juntamente com os cachos a fim de conservarem as uvas frescas durante a viagem. De qualquer modo a informação sobre a origem é autêntica. "Neelescol" quer dizer "Torrente do Cacho" e estava situado a sudoeste de Hebron, e essa região ainda hoje é rica em vinhas. Grandes e exuberantes cachos de uvas, pesando de 10 a 12 libras, não constituem raridade. Os observadores apresentaram seu relatório, descrevendo Canaã, igual ao que fizera Sinuhe 650

anos antes, como uma terra onde “*mandá, leite e mel*”, mas “*tem habitantes fortíssimos, e cidades grandes e muradas*”... (Núm. 13-28, 29; Deut. 1-28).

Ao enumerarem os diferentes habitantes da terra eles citaram os *heteus* (*hititas*), que hoje conhecemos, os *amorreus*, que viviam ao redor de Jerusalém, os *cananeus* e os *amalecitas*, com os quais Israel já havia lutado no Sinai. Citaram também os “filhos de Enac”, que deviam ser os “filhos de gigantes” (Núm. 13-22, 28 e 33). “Enac” poderia significar “de pescoço comprido”, mais não pode a ciência dizer a respeito até hoje. Alguém sugeriu que nos “gigantes” poderiam ver-se vestígios de elementos de um povo anterior aos semitas, mas, seja como fôr, não há qualquer prova para confirmá-lo.

Com efeito, nessa época viviam em Canaã raças estrangeiras que deviam ser desconhecidas para os israelitas chegados do Egito. A que povos pertenciam, eles mesmos comunicaram à posteridade em tabuinhas de barro que em 1887 foram encontradas casualmente por uma felaína em Tell el-Amarna (1). A procura que se seguiu produziu finalmente uma coleção de 377 documentos. Trata-se de cartas, em caracteres cuneiformes, dos arquivos reais de Amenófis II e seu filho Echnaton, que mandou construir sua nova capital em el-Amarna, junto ao Nilo. As tabuinhas contêm correspondência dos príncipes da Palestina, da Fenícia e da Síria Meridional com o departamento do Exterior dos dois faraós, escrita em acádio, a linguagem diplomática do segundo milênio a.C. A maioria dessas cartas está cheia de palavras tipicamente cananéias e algumas delas são quase inteiramente escritas nesse dialeto. O inestimável achado lança pela primeira vez uma luz clara sobre a situação da Palestina nos séculos XV e XIV a.C.

Uma das cartas está concebida nos seguintes termos: “Ao rei, meu senhor, meu Sol, minha Divindade, fala: Assim (fala) Suwardata, teu servo, o servo do Rei e o pó de seus pés, o solo em que tu pisas: Aos pés do rei, meu Senhor, o Sol do Céu, sete vêzes, sete vêzes eu me arrojo, tanto de barriga como de costas...”

Isto é, como se percebe, a introdução. Não é de modo algum exagerada, apenas muito formal, como prescrevia o protocolo da época. Suwardata entra no assunto: “Saiba o Rei, meu Senhor, que os hapirus se sublevaram nas terras que me foram dadas pelo Deus do Rei, meu Senhor, e que eu os derrotei, e saiba o Rei, meu Senhor, que todos os meus irmãos me abandonaram, e que eu e Abdu-Kheba somos os que lutamos contra o chefe dos hapirus. E Zurata, príncipe de Aco (Juízes 1-31), e Indaruta, príncipe de Acsaf (Jos. 11-1) foram os que se apresaram a ajudar-me com 50 carros, dos quais me acho agora privado. Mas vê, eles lutavam (agora) contra mim, e praza ao Rei, meu Senhor, enviar-me Janhamu para podermos continuar a guerra seriamente e restituir à terra do Rei, meu Senhor, suas antigas fronteiras...”

(1) Médio Egito.



A Rainha egípcia Anches-en-Amon (à direita),
nos dias felizes, com seu marido Tutancâmon.



A primeira e, até agora, única fotografia do maná. As formações vítreas claras num galho de tamargueira carregado de cochonilhas são gotas de maná. O maná se encontra ainda hoje no mercado com o nome de *mannit*.

Esta carta dum príncipe de Canaã dá-nos um quadro fiel da época. Nessas poucas frases refletem-se inconfundivelmente as intrigas e as intermináveis e encarniçadas lutas dos príncipes entre si ou com tribos nômades belicosas. Pondo de parte o estilo e o conteúdo, o que nos interessa sobretudo neste escrito é o missivista, ou seja, o Príncipe Suwardata. Seu nome mesmo indica claramente origem indo-árca! Indo-árca é também o citado Príncipe Indaruta. Por mais assombroso que pareça, um terço dos príncipes que escrevem de Canaã é de origem indo-árca. Biryawaza de Damasco, Biridiya de Magedo, Widia de Ascalão, Birashshena de Siquém, na Samaria, são nomes indo-árcaicos. Indaruta, o nome do príncipe de Acsaf, é, com efeito, idêntico a nomes dos Vedas e de outros escritos sanscríticos anteriores. O mencionado Abdu-Kheba de Jerusalém pertence ao povo dos *hurritas*, freqüentemente citado na Bíblia.

Quanto é autêntica esta tradição foi ressaltado recentemente por papiros egípcios do século XV antes de Cristo, nos quais é citada repetidamente a terra de Canaã pelo nome bíblico dos *hurritas*, “Khuru”. Portanto, os *hurritas* deviam estar espalhados por todo o país, pelo menos temporariamente.

Nas proximidades dos campos de petróleo de Kirkuk, no Iraque, onde tórres de perfuração americanas extraem do solo atualmente uma riqueza imensurável, alguns arqueólogos dos Estados Unidos e do Iraque encontraram por acaso uma vasta povoação — a antiga cidade de Nuzu, dos *hurritas*. Documentos aí encontrados, constando principalmente de contratos de casamento e testamentos, continham uma interessantíssima informação; os *hurritas* bíblicos não eram um povo semita. Sua pátria eram os montes do Mar Negro. Os documentos *hurritas* mostram que pelo menos a classe dirigente era de raça indo-árca. Até sua aparência é característica; eram um tipo braquicéfalo como os armênios do nosso tempo.

Tôda a multidão se pôs a gritar e chorou aquela noite. Oxalá... o Senhor não nos introduza nesta terra, para não sermos passados à espada, e as nossas mulheres e os nossos filhos não serem levados cativos. (Núm. 14-1 e 3).

O que os espias informaram sobre as cidades bem fortificadas de Canaã, que “são grandes, e fortificadas até ao céu” (Deu. 1-28) e sobre seus habitantes extraordinariamente bem armados não era exagerado. As muralhas ciclópicas, guarnecidas de tórres, eram uma visão estranha e ameaçadora para os filhos de Israel. Na terra de Gessen, que fôra sua pátria durante muitas gerações, havia apenas uma cidade fortificada, Ramsés. Em Canaã dum forte se avistava outro, a terra estava literalmente erigida dêles. Numerosos fortes defensivos se erguiam nas colinas e nos cumes dos montes, o que os tornava ainda mais formidáveis e assustadores. Não admira, pois, que a informação dos observadores constituísse um verdadeiro choque.

Israel desconhecia inteiramente a arte da guerra, dispondo apenas de armas primitivas, como arcos, lanças de arremêso, espadas e facas; de carros de guerra como os que os cananeus possuíam em massa, nem pensar. Os israelitas não tinham esquecido os "potes de carne do Egito" e os lembravam com freqüência, queixando-se e lamentando-se, principalmente os velhos, e, apesar da nova crença e das experiências da fuga passadas em comum, não eram ainda bastante unidos para se medirem, num choque armado, com uma potência superior.

Em vista disso, Moisés tomou a sábia decisão de não empreender a marcha sôbre Canaã pelo sul, como fôra planejado. Nem o tempo nem os homens estavam ainda maduros para a grande hora. A peregrinação devia recommençar, o tempo das provas e da preparação devia ser prolongado a fim de que aquêles fugitivos que procuravam uma pátria se tornassem um povo decidido, rijo e acostumado às privações. Antes teria de crescer uma nova geração.

Sôbre o período obscuro que se seguiu muito pouco sabemos. Trinta e oito anos — quase uma geração e tempo suficiente para forjar um povo. Foi êsse tempo que durou a estada no "deserto". Frequentemente combinadas com os "milagres" das codornizes e do maná, as informações bíblicas sôbre êsse período e lugar parecem extremamente inverossímeis. Não sem razão, como evidenciaram os sistemáticos trabalhos de pesquisa, aliás por motivos completamente diferentes dos imaginados em geral. A verdade é que não existiu realmente uma estada de Israel no deserto, no verdadeiro sentido da palavra!

Embora os dados da Bíblia sôbre êsse espaço de tempo sejam muito escassos, resulta dos poucos lugares que a pesquisa pôde localizar sem sombra de dúvida um quadro suficientemente claro. Por êles sabe-se que os filhos de Israel se detiveram muito tempo com seus rebanhos no Negueb, na região das duas fontes junto de Cadés. Voltaram também mais uma vez ao gôlfo de Akaba, na região de Madiã e da península do Sinai. Comparadas com as zonas mortíferas das dunas de areia africanas do Saara, as regiões citadas não são desertos pròpriamente. Pesquisas feitas no local demonstraram que nem as condições de água nem o índice de chuvas mudaram consideravelmente. O "deserto" devia ter, portanto, quando muito, o caráter de uma estepe, com pastos e poços de água.

Os trabalhos arqueológicos do americano Nelson Glueck, realizados nestes últimos anos, aprofundaram o conhecimento sôbre as condições gerais daquela época. Segundo êles, essas regiões estavam povoadas no século XIII a. C. por tribos seminômades que mantinham relações com o Egito por meio dum comércio ativo e uma indústria florescente. Entre essas tribos contavam-se também os madianitas, no seio dos quais Moisés viveu durante o seu exílio, desposando Séfora (Zipora), filha dessa tribo (Êx. 2-21).

CAPÍTULO 4

AO LIMIAR DA TERRA PROMETIDA

A partida da nova geração. — Novo plano estratégico. — Pedido de passagem a Edom. — Avanço pela Jordânia oriental. — O "leito de ferro" do rei Og. — Descoberta de dólmenes em Amman. — Moab manda suas filhas. — O culto de Baal em Canaã. — Moisés contempla a Terra Prometida. — Acampamento diante de Jericó.

E o Senhor, irado contra Israel, fê-lo andar errante pelo deserto durante quarenta anos, até que fôsse extinta toda a geração, que tinha feito o mal na sua presença (Núm. 32-13).

Só quando se aproximam do fim os longos anos da peregrinação errante retoma a Bíblia o fio da narrativa sobre os filhos de Israel. Uma nova geração se formara e estava pronta para transpor o limiar da terra prometida. Além disso, nenhum dos homens que haviam dirigido a fuga do Egito poria os pés, segundo a Bíblia, na Terra Prometida — nem mesmo o próprio Moisés.

O novo plano estratégico previa a conquista de Canaã por leste, isto é, pelos territórios situados a leste do Rio Jordão. O caminho de Cadés, na Jordânia oriental, estava, entretanto, obstruído por cinco reinos, que ocupavam a larga faixa de terra entre a depressão do Jordão e o deserto da Arábia: ao norte, começando mais ou menos junto aos contrafortes do Hermon, ficava o reino de Basan, a seguir vinha o reino de Seon, dos amorreus, depois o reino de Amon, na costa oriental do Mar Morto ficava o reino de Moab e bem ao sul, Edom.

Edom era o primeiro reino que tinham de atravessar em sua marcha para a Jordânia oriental. Os filhos de Israel pediram licença para passar: *"Entretanto Moisés enviou de Cadés embaixadores ao rei de Edom: Te suplicamos que nos deixes passar pelo teu país"* (Núm. 20-14 e 17).

Pelas melhores estradas se chega mais rápido ao destino. As estradas e rodovias do século XX correspondia então uma estrada que atravessava Edom. Os filhos de Israel queriam passar por ela. Era a "estrada real" que já existia no tempo de Abraão. *"Suplicamos que nos deixeis passar por teu país"*, disseram. *"Nós iremos pelo caminho ordinário"* (Núm. 20-16 e 19).

Os povos sedentários do Oriente sempre desconfiaram dos nômades. Em vão os negociadores de Israel alegaram expressamente: *"Não ire-*

mos pelos campos nem pelas vinhas... não nos afastaremos nem para a direita nem para a esquerda, até que passemos as tuas fronteiras... e se bebermos das tuas águas e os nossos gados, pagaremos o que fôr justo” (Núm. 20-17 e 19).

Em uma viagem de exploração que durou vários anos, Nélson Glueck pôde comprovar quanto é exata a descrição bíblica de Edom. Ao sul da Transjordânia, na região que foi outrora ocupada por Edom e Moab, êle encontrou numerosos vestígios de um estabelecimento humano do princípio do século XIII a. C. A existência, também, no local, de vestígios de solo de cultivo permitiu supor a existência de campos cultivados. Ê, pois, compreensível que Edom, apesar de tôdas as garantias, negasse aos filhos de Israel e utilização da estrada e permissão para atravessar o seu país.

Essa má vontade obrigou os israelitas a fazerem um rodeio. Entrementes, vaguearam ao longo da fronteira oeste de Edom para o norte, na direção do Mar Morto. Em sua passagem tocaram *Funon*, a atual Kirbet-Phenan, uma antiga mina de cobre, e *Obot* com suas fontes. Depois atravessaram a torrente de Zared, que separava Edom e Moab, para a Jordânia oriental. Fizeram uma grande volta para circundar Moab, situado na costa sul do Mar Morto. Chegaram finalmente ao Rio Arnon e, dêsse modo, à fronteira sul do reino dos amorreus (Núm. 21-13). De novo os israelitas solicitaram permissão para passar pela “estrada real” (Núm. 21-22). De novo lhes foi negada, desta vez pelo rei dos amorreus, Seon. Vieram às mãos e começou a conquista à mão armada.

Com a derrota dos amorreus obtiveram os israelitas o seu primeiro triunfo. Na consciência da sua fôrça, êles atravessaram o Rio Jeboc, avançando mais para o norte, e conquistaram também o reino de Basan. Dêsse modo, com o primeiro assalto decidido êles se tornaram senhores da Jordânia oriental desde o Rio Arnon até às margens do Lago de Genesaré.

Na objetiva descrição do avanço e das guerras da Jordânia oriental é incluída uma referência ao “*leito de ferro*” de um gigante, o rei Og de Basan (Deut. 3-11), sôbre a qual muitos já têm quebrado a cabeça. Essa passagem bíblica misteriosa e aparentemente inverossímil encontrou, entretanto, uma explicação natural e ao mesmo tempo surpreendente. Aqui a Bíblia apenas conserva fielmente uma recordação que remonta à nebulosa pré-história de Canaã.

Quando alguns sábios percorreram o país do Jordão em busca de testemunhos da história bíblica, encontraram umas obras muito notáveis dum tipo que os arqueólogos haviam encontrado em outras terras. Tratava-se de altas pedras erguidas e dispostas em forma ovalada, aqui e além com um enorme bloco de pedra atravessado em cima. São também chamados sepulturas megalíticas ou dólmens e trata-se de túmu-

los antigos. Na Europa — no norte da Alemanha, na Dinamarca, na Inglaterra, no noroeste da França e na Sardenha conservam-se alguns, sendo chamados popularmente “leitos de gigantes” ou túmulos de gigantes. Como êsses gigantescos monumentos existem igualmente na Índia, na Ásia oriental e até nas ilhas do Mar do Sul, êles são atribuídos a uma grande peregrinação da raça humana em tempos primitivos.

Em 1918 o explorador alemão Gustav Dalman descobriu nas proximidades de Amã, atual capital da Jordânia, um dólmen que é objeto de atenção extraordinária porque parece ilustrar um dado concreto da Bíblia de maneira realmente surpreendente. Amã está situada exatamente no velho sítio de Rabat-amon. Sobre o rei gigante Og diz o Deut. 3-11: *“Em Rabat, dos filhos de Amon (Rabat-amon), mostra-se o seu leito de ferro, que tem nove côvados de comprido, e quatro de largo, pela medida de um côvito de homem”*. O tamanho do dólmen encontrado por Dalman corresponde aproximadamente a estas medidas. O “leito” consiste em basalto, uma pedra pardacenta, dura como ferro. A vista de tal túmulo pode ter dado base à descrição bíblica do “leito de ferro” do rei gigante. Como comprovaram investigações posteriores, são freqüentes os dólmens na Palestina, sobretudo na Jordânia oriental, na parte superior do Rio Jeboc. Esta região corresponde ao atual Aglun. Mais de mil dêstes antigos monumentos se erguem lá entre a erva áspera das terras altas. A terra na parte superior do Jeboc, observa a Bíblia, era o reino em que devia governar o rei Og de Basan, *“o único que tinha ficado da estirpe dos gigantes”* (Deut. 3-11). O Basan conquistado por Israel é também chamado “a terra dos gigantes” (Deut. 3-13).

Ao oeste do Jordão só se encontram dólmens nos arredores de Hebron. Os observadores que Moisés mandou de Cadés *“subiram para o meio-dia, e foram a Hebron; havia lá... filhos de Enac da raça dos gigantes”* (Núm. 13-23 e 33). Êles devem ter visto os túmulos de pedra ora descobertos junto a Hebron, nas proximidades do Vale do Cacho.

Por enquanto desconhece-se inteiramente quem eram realmente os “gigantes”. É de supor que fôssem homens que excediam em estatura a antiga população do Jordão. A recordação de homens maiores ficou na tradição popular evidentemente como coisa sensacional e assim entrou na Bíblia.

Os grandes túmulos de pedra e as narrativas de gigantes são novos testemunhos da história colorida e acidentada daquela estreita faixa de terra na costa do Mediterrâneo, que desde os tempos mais remotos foi ininterruptamente invadida por ondas de povos estranhos que aí deixaram os seus vestígios: a terra de Canaã.

A notícia de que Israel tinha conquistado tôda a Jordânia encheu de terror o rei Balac de Moab. Temeu êle que o seu povo também não estivesse física e militarmente à altura de enfrentar aquêles rudes filhos de nômades. Chamou os “anciãos de Madiã” e incitou-os contra os filhos de Israel (Núm. 22-4). Êles decidiram usar de outros recursos

que não os militares. Tentariam deter Israel por meio de magia. Maldições e pragas, em cujo efeito os antigos povos orientais acreditavam firmemente, destruiriam a força de Israel. Chamaram com urgência Balaão em Petor ⁽¹⁾, na Babilônia, onde floresciam essas artes sombrias. Mas Balaão, o grande feiticeiro e mágico, falhou. Apenas Balaão quis pronunciar um anátema, este se transformou em bênção para Israel (Núm. 23). Então o rei de Moab pôs no prato da balança o mais perigoso trunfo, o qual foi definitivamente um terrível trunfo que atuou de forma permanente na vida dos filhos de Israel.

A passagem bíblica que contém a descrição da detestável astúcia guerreira do rei Balac produz uma impressão penosa nos teólogos, que de bom grado a passam por alto. Ocorre perguntar, antes de mais nada, porque uma coisa tão chocante se encontra na Bíblia. A resposta é simples: o incidente é cheio da mais profunda e fatídica importância para o povo de Israel. Essa deve ter sido a razão por que o cronista, em vez de silenciar por vergonha, preferiu tudo contar com realismo e com uma franqueza implacável.

Só depois que as ferramentas de trabalho dos escavadores franceses, sob a direção do Prof. Claude Schaeffer-Strassburg, trouxeram à luz, na década dos trinta, no porto mediterrâneo de Ras Schamra — o "Pôrto Branco" da costa fenícia — uma parte do culto de Canaã, podemos avaliar e compreender o que há de mal na narrativa do capítulo 25 dos Números.

Ora Israel estava então em Setim, e o povo caiu em fornicação com as filhas de Moab, as quais os convidaram para os seus sacrifícios (Núm. 25-1, 2).

Não era só a sedução dos vícios que os filhos de Israel tinham de enfrentar ali — não eram prostitutas profissionais que seduziam Israel, eram... as filhas dos moabitas e madianitas, suas próprias esposas e filhas. Elas seduziam e atraíam os filhos de Israel para os cultos de Baal, para os ritos libertinos e dissolutos de Canaã. O que chocava Israel, mesmo além do Jordão, eram os cultos perturbadores e insensatos da Fenícia com suas divindades sem moral e diante das quais Israel nos séculos futuros poria à prova e confirmaria a sua força moral.

Em vão os moabitas e os madianitas esperavam submeter o jovem e inexperienced povo nômade às seduições do prazer de seus cultos e assim minar a força dos filhos de Israel. Já nesse primeiro encontro se tornou evidente que entre Jeová e Baal não poderia nem deveria haver entendimento. Os chefes de Israel reagiram de maneira fulminante. Não pouparam nem os seus próprios homens. Os que se desencaminhavam eram degolados e enforcados. Finéias, sobrinho-neto de Moisés, vendo um israelita e uma madianita entrarem numa tenda, tomou de uma

(1) Em documentos assírios, "Pítru", situada na margem direita do Eufrates.

lança *"e atravessou-os a ambos, o homem e a mulher, pelo ventre"* (1) (Núm. 25-8). Pouparam o povo de Moab, ao qual Israel estava ligado por laços de parentesco — Lot, sobrinho de Abraão, era considerado seu antepassado (Gên. 19-37). Contra os madianitas, porém, foi ateadada uma guerra de extermínio, como está estabelecido nas leis (Deut. 7-2 e seg.; 20-13 e seg.). *"Matai, pois, todos os varões, mesmo os de tenra idade, e degolai as mulheres que tiverem comércio com homens"*, ordenou Moisés. Só as donzelas foram poupadas, todos os mais foram mortos (Núm. 31-7, 17, 18).

Subiu, pois, Moisés das planícies de Moab ao monte Nebo, no alto de Fasga, defronte de Jericó; e o Senhor mostrou-lhe toda a terra... (Deut. 34-1), porque então ele já havia cumprido a sua árdua missão. Das cidades de servidão do Egito, através dos decênios cheios de privações nas estepes, até esse momento, havia percorrido um longo e doloroso caminho. Moisés nomeara seu sucessor o experimentado e fiel Josué, um homem dotado de capacidade extraordinária como estrategista, tal como Israel precisava nesse momento. A vida de Moisés estava cumprida, podia despedir-se do mundo. Nem a ele seria permitido pôr os pés na Terra Prometida. Mas poderia vê-la de longe, do monte *Nebo*.

De Amã, capital e ponto central do novo e esforçado reino da Jordânia, são 27 quilômetros, um pouco mais de meia hora de viagem de jipe pelas terras altas na orla do deserto da Arábia, através de vales e, de quando em quando, através de campos cultivados, exatamente na direção sueste, do Mar Morto, se quisermos fazer uma visita ao monte bíblico.

Após uma pequena ascensão por penhascos nus, chega-se a um grande planalto escavado, 800 metros acima do nível do mar. Do lado leste as encostas caem a pino sobre o corte do Jordão. Uma brisa fresca sopra nessa altura. Sob o céu azul sem nuvens estendem-se diante dos olhos extasiados do observador as vastidões dum panorama singular. Ao sul tremeluz, como prata raiada, a grande planície do Lago Salgado. Na margem de lá ergue-se um cenário deserto e morto de bossas e corcovos de pedra. Atrás levanta-se a longa cadeia dos montes calcários branco-pardacentos da terra de Judá. Ali, onde a cadeia começa e sobe desde o Negueb, fica Hebron. A oeste, para os lados do Mediterrâneo, acima do perfil da montanha, nitidamente recortada no horizonte, destacam-se, perfeitamente visíveis a olho nu, dois pontos minúsculos — as torres de Belém e Jerusalém. Para o norte o olhar espalha-se pelas terras altas, passando por Samaria, na Galiléia, até aos cumes nevados do Hermon na distância indecisa.

Ao pé de Nebo distinguem-se estreitas ravinas, onde sobressai o verde das romanzeiras com seus frutos amarelo-avermelhados. Depois desce

(1) Quando autorizado por outra tradução, evito as expressões de sugestão pornográfica. É o caso aqui, no lugar de "pelo ventre", onde, aliás, a Vulgata discorda das outras traduções (N. do Trad.)

mais profundamente a estepe deserta do côncavo do Jordão. Uma paisagem quase espectral de colinas de greda de um branco ofuscante, onde não cresce uma única fôlha de erva, assinala a bacia do Jordão com seus dez metros de largura apenas. Diante das encostas íngremes dos montes, na parte ocidental do Jordão, o olhar descansa numa estreita mancha de verdura: o oásis de Jericó.

Com essa visão de Nebo através da Palestina Moisés terminou sua vida.

Entretanto lá embaixo na vasta estepe de Moab sobem para o céu finas colunas de fumaça. Dia e noite ardem fogueiras entre as numerosas tendas de tecido negro de pêlo de cabra. Com o burburinho das vozes dos homens, mulheres e crianças, o vento nos traz o balido dos rebanhos que pastam no vale do Jordão. É um quadro cheio de paz. Mas é só o momento de tomar fôlego antes do dia há tanto almejado, a grande calmaria antes da tempestade que transformará de maneira decisiva o destino de Israel e da terra de Canaã.

IV

A Luta pela Terra Prometida

De Josué a Saul

CAPÍTULO 1

A ENTRADA DE ISRAEL EM CANAÃ

O mundo pelo ano 1200 a. C. — A débil Canaã. — Os primeiros ferrageiros. — A travessia do Jordão. — A fortaleza de Jericó, a cidade mais antiga do mundo. — Discussão de sábios sobre muros em ruínas. — Camadas de cinzas como vestígios do caminho. — O faraó menciona "Israel" pela primeira vez. — Túmulos junto à aldeia de Josué.

E aconteceu que, depois da morte de Moisés, servo do Senhor, o Senhor falou a Josué, filho de Nun, ministro de Moisés, e disse-lhe: meu servo Moisés morreu; levanta-te, e passa êsse Jordão, tu e todo o povo contigo, entra na terra que eu darei aos filhos de Israel. (Jos. 1-1, 2).

Por aquêle tempo, quando Israel estava junto ao Jordão, pronto para entrar na Terra Prometida, no Mediterrâneo preparava-se o destino de Tróia, estavam contados os dias da orgulhosa fortaleza do rei Priamo. Em breve, na Grécia, os heróis de Homero, Aquiles, Agamenon e Ulisses, se armariam para o combate. Os ponteiros do relógio dos séculos aproximava-se do número 1200 a. C. Israel não poderia ter escolhido um momento mais propício para a invasão. Do Egito não ameaçava perigo algum. O país do Nilo tinha enfraquecido, sua grande época passara. Dois mil anos haviam consumido suas forças. Depois do rei-sol Echnaton, politicamente fraco, o poder do Egito decrescera a olhos vistos. O predomínio do Egito sobre Canaã entrara em contínua decadência.

Dilacerada por guerras dos pequenos reinos e principados das cidades-estados entre si, despojada por uma política egípcia de ocupação corruta, Canaã estava igualmente esgotada.

Desde a expulsão dos hicsos em 1550 a. C. a Palestina fôra ininterruptamente província egípcia. Sob o domínio dos hicsos o simples regime patriarcal que reinava nas cidades no tempo de Abraão fôra substituído por um sistema feudal. Dominado por uma facção aristocrática que governava de maneira despótica e discricionária, o povo desceu à condição abjeta de plebe. O Egito deixou que êsse sistema feudal vigorasse na Palestina. Os príncipes nativos governavam a seu bel-prazer; dispunham de forças de combate próprias, carros de guerra

para os patrícios e infantaria de plebeus. As guerras sangrentas entre as cidades-estados não incomodavam o Egito; importante para ele era apenas o pagamento dos tributos, sobre o qual vigiavam os inspetores egípcios. As guarnições e os pontos fortificados proporcionavam-lhes a força necessária. Gaza e Jope constituíam os centros de administração egípcios mais importantes. Com trabalhadores forçados — os contingentes tinham de ser fornecidos pelos senhores feudais — construíam-se e conservavam-se as estradas, cultivavam-se as propriedades da Coroa na fértil planície de Jesrael, ao sul de Nazaré, derrubavam-se os magníficos bosques de cedros do Líbano. Os comissários dos faraós eram corrutos. Frequentemente eram desviados os fundos destinados ao soldo e manutenção das tropas. Por sua vez, os soldados egípcios, cretenses, beduínos e núbios saqueavam as localidades indefesas.

Sob o domínio egípcio, a terra de Canaã esgotava-se. A população diminuía. No século XII as casas patriarcais eram mais primitivas do que em tempos anteriores, como o provam claramente os achados feitos. Os objetos de luxo e adornos de valor eram raros e pobres as oferendas encontradas nos túmulos. As muralhas das fortalezas perderam em solidez.

Só na costa da Síria, defendida do lado da terra pelas cordilheiras do Líbano e menos atingida pelas discórdias dos príncipes das cidades, a vida das repúblicas marítimas prosseguia quase sem impecilho algum. Os portos continuavam sendo praças de intercâmbio de tudo o que o mundo cobiçava. Pelo ano 1200 a. C. apareceu na lista de artigos oferecidos à venda um metal inteiramente novo — a princípio tão valioso como o ouro e a prata: o ferro. Procedente da terra dos hititas, foram os fenícios os primeiros a negociar com esse metal, que deu nome a uma idade da nossa terra. Os egípcios conheciam o ferro havia já perto de dois mil anos e o apreciavam como grande raridade que era. Mas esse ferro não provinha propriamente do nosso planeta, sendo obtido de meteorites. E as poucas e preciosas armas feitas desse metal chamavam-se com razão “punhais do céu”.

Com o novo metal inaugurou-se uma nova época — a idade do Ferro. A idade do bronze com suas grandes realizações civilizadoras extinguia-se; terminava uma grande época do mundo antigo.

No fim do século XIII a. C. surgiu uma nova onda de poderosos povos estrangeiros procedente do norte do Mar Egeu. Por mar e por terra eles inundaram as “nações marítimas” da Asia Menor. Eram um prolongamento dum movimento de povos a que pertencia também a “migração dórica” que invadiu a Grécia. O avanço dos estrangeiros — eram indo-germanos — tinha por objetivo Canaã e o Egito. Mas Israel, que se encontrava junto ao Jordão, nada tinha a temer deles. E os cananeus estavam desunidos e enfraquecidos. A hora de Israel havia soado. As trombetas de Jericó deram o sinal

...E, saindo de Setim, chegaram ao Jordão... e todo o povo ia passando pelo leito do rio a pé enxuto. ...E acamparam em Galgala ao oriente da cidade de Jericó. (Jos. 3-1 e 17; 4-19).

Hoje há uma pequena ponte sobre o vau. O Jordão é estreito, muito estreito, e sempre apresentou muitos vaus. A população local conhece-os perfeitamente. Perto de Jericó as águas sujas de lama amarela durante a seca mal atingem 10 metros de largura.

Quando Israel chegou ao Jordão, o rio estava cheio. *"Porque o Jordão, sendo o tempo da ceifa, inundava as margens do seu leito"* (Jos. 3-15). Como acontece todos os anos, havia começado o degelo das neves do Hermon. *"As águas, que vinham de cima, pararam num só lugar, e levantando-se à maneira dum monte..."* — como que se empilharam — *"...perto da cidade de Adom... e todo o povo de Israel ia passando pelo leito do rio a pé enxuto"* (Jos. 3-16 e 17). El-Damiyeh, um vau muito usado no curso médio, lembra esse sítio de Adom. Se as águas crescem subitamente, pode-se formar nesse lugar raso, durante um breve período de tempo, uma espécie de açude natural, enquanto o curso inferior fica quase inteiramente seco.

Entretanto, o represamento da água do Jordão, que tem sido testemunhado diversas vezes, é devido sobretudo a terremotos. O último dessa espécie teve lugar em 1927. Devido a um violento abalo desmoronaram-se as margens do rio e grandes massas de terra das pequenas colinas que se erguem ao longo de todo o curso serpeante rolaram para dentro do rio. A água ficou inteiramente represada durante 21 horas. No ano de 1924 ocorreu a mesma coisa. Em 1906 o Jordão entulhou-se de tal modo devido a um terremoto, que o leito do rio abaixo de Jericó ficou inteiramente seco durante 24 horas. Narrativas árabes falam dum acontecimento semelhante no ano 1267 da nossa era.

Se olharmos dum avião esta parte do vale do Jordão, compreenderemos porque ele foi tão importante há milhares de anos. A leste, ante o deserto arábico, estende-se o planalto ondulante da Jordânia, pátria de numerosas tribos nômades desde tempos remotos e de onde eles podiam observar as férteis pastagens e os campos cultivados de Canaã. Aqui se abria uma porta de entrada natural: o vau principal do Jordão, que também podia ser atravessado facilmente com rebanhos. Mas os invasores de leste topavam, pouco além do Jordão, com o primeiro obstáculo sério — *Jericó*, a posição-chave estratégica para a conquista de Canaã.

Levantando pois todo o povo a grita, e soando as trombetas... caíram de repente os muros. E cada um subiu pelo lugar que lhe ficava defronte; e tomaram a cidade... E puseram fogo à cidade, e a tudo o que nela havia (Jos. 6-20 e 24).

A luta de Josué para a conquista desta cidade tornou-a famosa. Hoje lutam em volta dela os cientistas com pás, picaretas e tábuas cronológicas. Em sete dias, segundo a Bíblia, Josué conquistou Jericó. A luta dos arqueólogos pelo que dela restou já dura — com interrupções — quase quinze anos e não está de modo algum decidida. Hoje trata-se, é verdade, de estabelecer, sem sombra de dúvida, a época de sua destruição.

As emocionantes e dramáticas escavações de Jericó estão cheias de achados sensacionais e descobertas inauditas, de surpresas e decepções, de afirmações e refutações, de disputas quanto a interpretações e datas.

A depressão do Jordão goza dum clima tropical. A aldeia “erihá”, a Jericó moderna, situada na orla do deserto de greda, completamente despido de vegetação, parece um verdadeiro oásis. Até palmeiras crescem aí, que na Palestina, excetuando o sul de Gaza, quase não existem. Com efeito, a Bíblia chama Jericó a “*Cidade das Palmeiras*” (Juizes 3-13). Ali os cachos de tâmaras sobressaem, agora verdes, logo vermelhos, entre a folhagem verde. Desde tempos muito antigos a fonte “Ain es-Sultão” encanta aquelas paragens com sua vegetação luxuriante. Foi dela que recebeu o nome duma colina de entulho situada ao norte da atual Jericó, o Tell es-Sultão. Este é o campo de batalha dos arqueólogos. Para entrar lá tem-se que pagar. O campo de escavações é circundado por uma cerca de arame.

Os restos de Jericó encontrados no Tell es-Sultão constituem um dos mais notáveis depósitos arqueológicos do mundo, porque desde muito não mais se trata somente da fortaleza bíblica. Nesse monte jazem, sob as camadas da Idade do Bronze, testemunhos da Idade da Pedra. Essas camadas oferecem-nos uma visão das épocas mais antigas e dos primeiros seres humanos tornados sedentários. As casas mais antigas de Jericó têm sete mil anos e lembram ainda, com seus muros circulares, as tendas dos nômades. Mas os seus habitantes não conheciam ainda a arte da cerâmica. Foram desenterradas em 1953 por uma expedição britânica. A diretora do empreendimento, Dra. Kathleen M. Kenyon, declarou: “Jericó pode gabar-se de ser, e com muita vantagem, a cidade mais antiga do mundo.”

Já pouco depois da passagem do século os arqueólogos dirigiram sua atenção para o solitário Tell es-Sultão. De 1907 a 1909 as pás e picaretas sondaram cuidadosamente camada sobre camada na soberba colina de escombros. Quando os dois chefes da expedição austro-alema, Prof. Ernst Sellin e Prof. Carl Watzinger, deram a conhecer suas descobertas, provocaram verdadeira estupefação. Foram postas a descoberto duas muralhas concêntricas, sendo a interna em redor da crista da colina. Trata-se duma obra-prima de fortificação estratégica, feita de tijolos secos ao sol e constituída de dois muros paralelos três a quatro metros distantes um do outro. A muralha interna, que é particularmente maciça, mede três metros e meio de espessura. O cinturão externo passa pelo fundo da colina e consiste num muro de

dois metros de largura e oito a dez metros de altura, com sólidos alicerces. Tais são as célebres muralhas de Jericó! Os dois muros fortificados, sua colocação exata no tempo, as datas de construção e destruição desencadearam uma violenta disputa entre os sábios, com opiniões pró e contra, suposições e argumentos. Começou isso com as primeiras declarações de Sellin e Watzinger e dura há decênios.

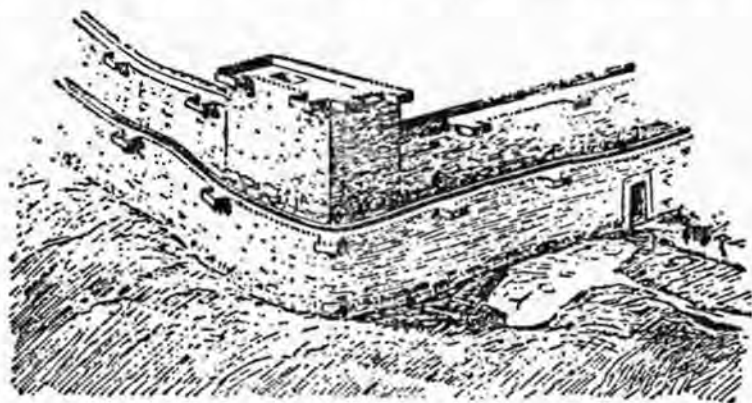


Fig. 23: As antigas muralhas cananêas de Jericó (Reconstrução).

Os próprios descobridores, um e outro, chegaram, segundo sua própria expressão, a uma "retificação radical" de seu juízo inicial. Num relatório conjunto eles declararam que o muro fortificado exterior "caiu por volta de 1200 a. C., representando, portanto, o que foi assaltado por Josué". A fim de lançar nova luz sobre as coisas, uma nova expedição inglesa partiu para o Tell es-Sultão. Em escavações que duraram seis anos vieram à luz novas partes das muralhas fortificadas. O Prof. John Garstang, o arqueólogo que dirigiu os trabalhos, registrou todas as particularidades com grande precisão. Ele descreve vividamente a imensidade da destruição no cinturão interno das fortificações: "O intervalo entre as duas muralhas está cheio de escombros e entulho. Vêem-se nitidamente vestígios dum gigantesco incêndio, massas compactas de tijolos enegrecidos, pedras esmiuçadas, madeiras carbonizadas e cinzas. As casas ao longo dos muros foram queimadas até aos alicerces, seus tetos desabaram sobre os utensílios domésticos."

Depois de consultar os mais experimentados especialistas, Garstang publicou o resultado da segunda batalha arqueológica: a muralha interior é a mais recente, portanto a que foi destruída por Israel. Mas ainda aqui não cessou a controvérsia. Prossegue a tensão em volta das muralhas de Jericó. Garstang calcula que a destruição do cinturão interno teve lugar por volta de 1400 a. C. O Padre Hugues Vincent, notável arqueólogo e um dos escavadores que mais êxitos têm tido em Jerusalém, estudou igualmente os dados existentes e chegou à con-

clusão de que a destruição das muralhas da cidade teve lugar entre 1250 e 1200 a. C. Malgrado todos os argumentos em contrário, esta data é a que permanece até hoje. Jericó dá uma grande dor de cabeça aos arqueólogos. Pois falta o indício mais importante: fragmentos de cerâmica. As casas destruídas estão vazias. Devemos deixar o esclarecimento definitivo da questão ao faro dos peritos. De qualquer modo, sabemos que as muralhas de Jericó existiram e ainda apresentam claros vestígios dum enorme incêndio. *"E puseram fogo à cidade, e a tudo o que nela havia."*

Mas que derrubou as muralhas? *"E soando as trombetas"*, diz o famoso e citadíssimo versículo, *"...caíram de repente os muros"*. No exame dos restos dos muros Garstang notou uma coisa muito singular. As pedras da muralha exterior estavam caídas para o lado de fora, ao passo que as da muralha interior, a que cercava o cume da colina, caíram em sentido contrário, isto é, para dentro. Os edifícios construídos junto delas foram sepultados por elas. As muralhas apresentavam, além disso, enormes fendas e rachaduras.

Essas observações, segundo Garstang, levavam apenas a uma conclusão, ou seja, que a cidade fôra abalada por um terremoto. De acordo com as cartas geofísicas, a região em volta de Jericó fica numa zona de terremotos, que atravessa a Ásia, passando por cima do Himalaia e do Tibete.

Jericó era a primeira fortaleza que defendia a Terra Prometida. Os arqueólogos podem acompanhar com exatidão, por outros lugares explorados, a marcha conquistadora dos filhos de Israel através de Canaã.

Cêrca de 20 quilómetros ao sudoeste de Hebron ficava a bíblica *Dabir*. Defendida por uma forte muralha em todo o seu redor, ela dominava o Negueb. Em escavações levadas a efeito pelos americanos, desde 1926, sob a direção de W. F. Albright e M. G. Kyle, foram encontrados, no Tell Beit Mirsim, uma camada de cinzas e restos de grandes destruições. A camada de cinzas contém fragmentos de cerâmica, indubitavelmente procedentes do século XIII a. C. Imediatamente sobre a camada de cinzas há vestígios de um novo estabelecimento de Israel. *"Dali (Josué) voltou a Dabir, tomou-a e destruiu-a..."* (Jos. 10-38).

Quarenta e cinco quilómetros ao sueste de Jerusalém foi identificada a bíblica Laquis, que, para Canaã, deve ter sido uma cidade extraordinariamente grande. Pois na década dos trinta uma expedição inglesa, sob a direção de James Lesley Starkey, mediu no Tell ed-Duweir uma superfície construída de 24 alqueires, que noutro tempo era protegida por fortes bastiões. Também essa cidade foi vítima dum incêndio aniquilador. Uma escudela encontrada nas ruínas apresenta uma inscrição onde se cita o "Ano 4" do Faraó Merenptah, data que corresponde ao ano 1230 a. C. *"E o Senhor entregou Laquis nas mãos de Israel"* (Jos. 10-32).

No Museu do Cairo há uma lápide, procedente dum templo fúnebre de Tebas, na qual se canta e celebra a vitória do Faraó Me-

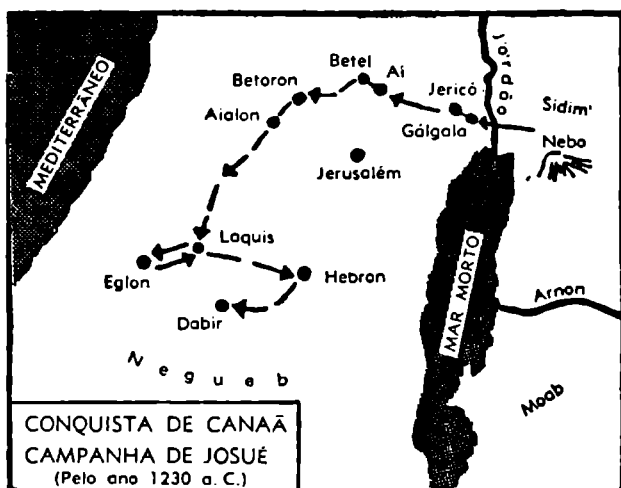


Fig. 24

renptah⁽¹⁾ sôbre os líbios. A fim de aumentar a sua glória, citam-se outras grandes façanhas realizadas por êsse soberano. Assim é que diz ao fim do canto: "Canaã foi capturada com todos os maus. Ascalão foi aprisionada, Geser ocupada, Jenoam aniquilada. O povo de Israel está desolado, não tem juventude; a Palestina tornou-se viúva para o Egito."

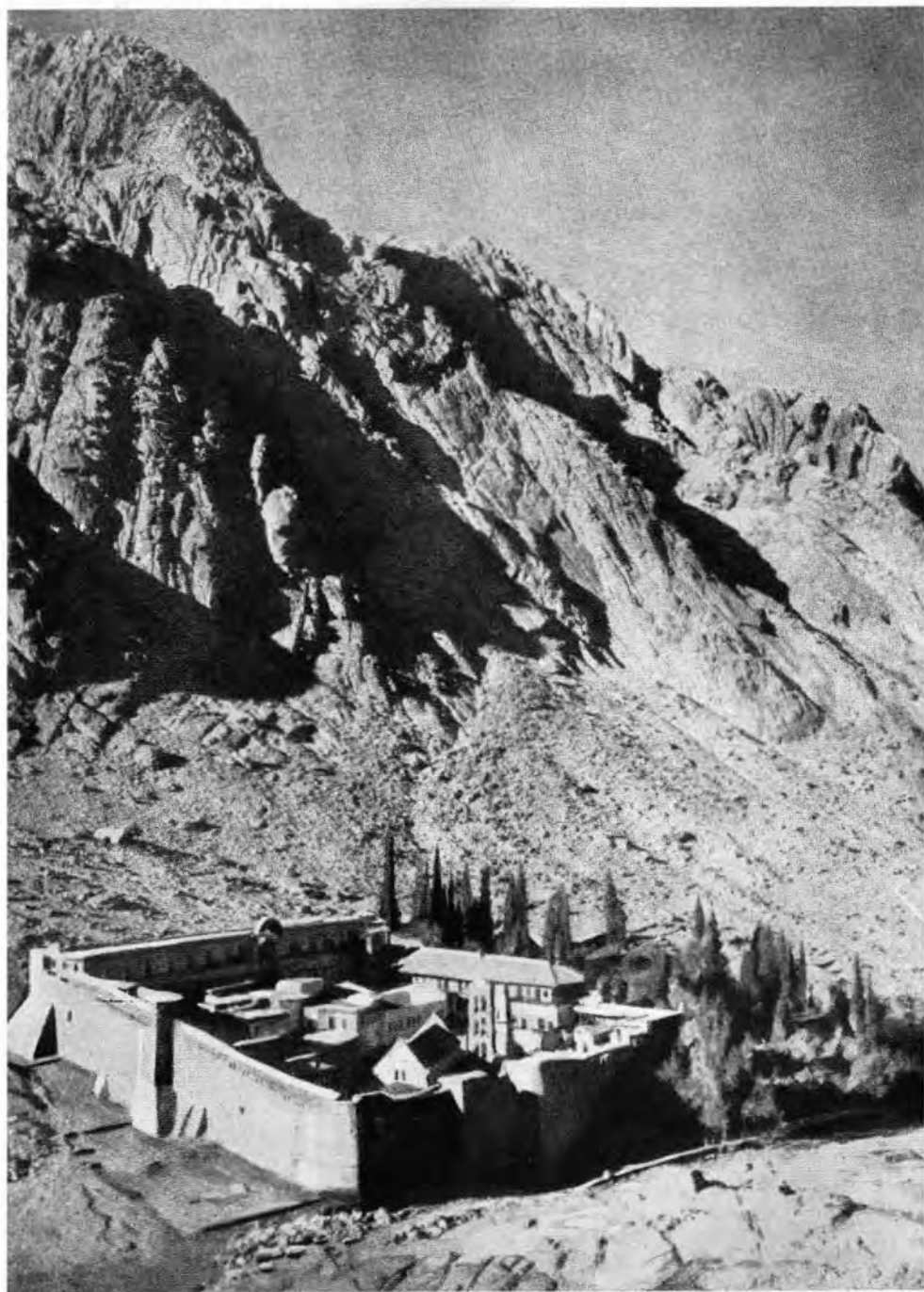
Este canto triunfal, escrito no ano 1229 a. C., é valioso e instrutivo sob muitos pontos de vista. Aqui vemos pela primeira vez perpetuado na história da humanidade o nome de "Israel", e isso por um estrangeiro e contemporâneo. Israel é citado expressamente como povo, além disso relacionado com nomes de cidades da Palestina, o que é sem dúvida uma prova, que nem mesmo o mais inveterado céptico pode refutar, de que pelo ano de 1220 a. C. Israel já estava estabelecido em Canaã e não era mais desconhecido.

Israel havia alcançado o objetivo há tanto almejado, isto é, Canaã, pouco antes do ano 1200 a. C., mas estava muito longe de ser senhor do país. Camadas indicadoras de incêndios marcam o seu caminho e deixam entrever uma estratégia hábil. Josué evitou as fortalezas mais poderosas de Geser e Jerusalém. Evidentemente êle obedecia ao princípio da menor resistência. As férteis planícies e os vales dos rios permaneceram em poder dos cananeus durante muitas gerações ainda. Israel carecia de armas para enfrentar os temidos carros de guerra, carecia de técnica e experiência para assaltar cidades bem fortificadas. Havia, porém, tomado pé nas regiões menos povoadas, e as terras montanhosas dos dois lados do Jordão já estavam em seu poder.

(1) Seu reinado começou em 1234 a. C.

A missão de Josué estava cumprida. Muito velho já, morreu e foi enterrado "...em Tamnat-zare, que está situada sobre o monte de Efraim, para a parte setentrional do monte Gaas" (Jos. 24-30). O texto grego (LXX 24-30b) acrescenta a este respeito uma observação importante: "Juntamente com ele no túmulo que aí lhe foi aberto foram colocadas as facas de pedra com que ele havia circuncidado os israelitas em Gálgala..." Em Gálgala, no caminho entre o Jordão e Jericó, foi, segundo a tradição, praticado o rito da circuncisão, nos filhos de Israel, com "*facas de pedra*". "*E todos êstes*⁽¹⁾ *tinham sido circuncidados. Porém o povo que nasceu no deserto, durante os quarenta anos de marcha por aquela vastíssima solidão, permanecera incircunciso*" (Jos. 5-5,6). Quinze quilômetros ao noroeste de Betel fica "Kefr Ishu'a" a "aldeia de Josué". Encontram-se túmulos encravados nos penhascos em redor. No ano de 1870 num dêsses túmulos foram descobertas numerosas facas de pedra...

(1) Quer dizer: os que partiram do Egito (N. da Editora).



O Convento de Sta. Catarina ao pé do Monte Sinai.



De avião ainda hoje se pode distinguir claramente a chamada "estrada real" na paisagem profundamente sulcada da Jordânia.

CAPÍTULO 2

SOB DÉBORA E GEDEÃO

Israel torna-se sedentário. — Obra de desbravamento nas montanhas. — Choças rústicas em vez de palácios. — Débora incita à insurreição. — Batalha na planície de Jezrael. — Vitória sobre os "carros de ferro". — Vasos de Israel em Magedo. — Ataques de salteadores do deserto. — A tática salvadora de Gedeão. — Primeira batalha de camelheiros da história. — O camelo, recém-domesticado, torna-se um meio de transporte para grandes distâncias.

E o Senhor deu a Israel toda a terra que tinha prometido com juramento a seus pais que lhes daria, e eles possuíram-na e habitaram nela (Jos. 21-43).

Logo depois da conquista aconteceu uma coisa espantosa: as tribos de Israel fixaram-se permanentemente na terra conquistada. Não poderiam, pois, ser mais um povo nômade típico. Canaã tinha sofrido ataques de nômades desde tempos imemoriais, mas esses nunca haviam passado de simples episódios. As tribos apascentavam seus rebanhos, e um dia desapareciam tão de repente como apareceram. Israel, entretanto, tornou-se sedentário, cultivando os campos e derrubando os bosques "...se tu és um povo tão numeroso, sobe ao bosque e corta para ti espaço..." (Jos. 17-15). Abandonaram as tendas e construíram cabanas; nas cidades conquistadas instalaram-se nas casas em ruínas. Nas camadas de restos de incêndios, em Dabir, Bet-Semes e Betel, encontraram-se vestígios de seus pobres e primitivos utensílios domésticos.

A ruptura com os tempos anteriores é perfeitamente visível nas escavações. Onde antes havia mansões e palácios dos antigos senhores feudais, levantam-se agora choupanas rústicas e estacadas. As maciças muralhas apresentam quando muito reparações necessárias. O que os filhos de Israel construíram foram apenas muros finos. A construção de muralhas fortificadas exigiria trabalho forçado e não havia nada que os israelitas odiassem mais. Eles se sentiam livres como camponeses independentes. "*Cada um fazia o que lhe apetezia*" (Juizes 17-6). Até a palavra servo de uso em Canaã passou a ser empregada pelos israelitas com sentido exatamente oposto, isto é, de homem livre. No

sistema feudal dos senhores das cidades o trabalho competia aos escravos, sob Israel o trabalho dos campos era feito pelos filhos das famílias livres. O chefe era o pai, o patriarca. Surgiram inúmeras povoações novas. Os arqueólogos encontraram seus vestígios em toda a região das montanhas. Aliás, pouco resta delas, porque o primeiro material de construção era constituído por tijolos de barro secados ao ar livre e essas construções não duravam muito.



Fig. 25: Vasilha de provisões israelita.

Os israelitas realizaram verdadeiro trabalho de pioneiros nas montanhas. Exploraram territórios inabitáveis, regiões sem fontes nem rios. Por mais incrível que pareça, o atual Estado de Israel conseguiu utilizar novamente construções que com nova técnica executaram os seus antepassados. Os israelitas cavavam cisternas para recolher as águas da chuva, as quais revestiam com um rebôco de cal até então desconhecido. Essas instalações foram construídas com tal solidez que resistiram às devastações do tempo através de milhares de anos.

Os israelitas fixaram-se solidamente na nova pátria como colonos e lavradores, segundo nos transmite o Livro dos Juizes e como está provado pela pesquisa. Em contínuas guerras com seus vizinhos e contendas entre si eles foram adquirindo lentamente força guerreira e experiência. A Bíblia fala de combates com moabitas, amonitas e tribos aramaicas do deserto sírio, de sangrentas guerras civis, de lutas das tribos contra *Benjamim* (Juizes 20). Betel fica no território de *Benjamim*; Albright desenterrou nesse lugar quatro camadas de destruição do período entre 1200 e 1000 a. C.!

Esses anos agitados da primeira colonização foram fixados de forma imorredoura em três narrativas do Livro dos Juizes; na canção de *Débora*, na história de *Gedeão* e nos feitos heróicos de *Sansão*. O fundo dessas "histórias piedosas" é constituído por fatos, acontecimentos contemporâneos que, graças às mais recentes investigações, podem ser datados com relativa precisão. Quando penetrou na terra por volta de 1230 a. C., Israel deve ter sido obrigado a contentar-se com as mon-

tanhas, pois “*não pôde derrotar os que habitavam no vale, porque estes tinham muitas carroças falcadas.*” (Juizes 1-19). Só quase cem anos depois a situação mudou. Algumas das tribos residentes nas montanhas da Galiléia eram obrigadas a servir os cananeus, entre elas a tribo de Issacar, que na Bíblia é tratada desdenhosamente como “*asno forte*”. Ela “*curvou os seus ombros para levar pesos, e sujeitou-se aos tributos*” (Gên. 49-14,15).

Foi na Galiléia que se ateou a chama da insurreição, que nasceu a revolta contra a opressão. O impulso foi dado por uma mulher, a juíza Débora. Ela convocou as tribos de Israel para a libertação. É de Débora aquele canto maravilhoso que nos foi transmitido e que ela cantou diante do povo reunido.

Barac, da tribo de Issacar, assumiu a direção. Outras tribos se lhe juntaram. Formou-se um grande exército. E então Barac fez algo decisivo que Israel antes nunca ousara fazer. Foi ao encontro do adversário, antes tão temido na planície: “*Desceu pois Barac do monte Tabor, e os dez mil combatentes com ele*” (Juizes 4-14). O campo de batalha foi o largo e fértil vale de Jezrael, entre as regiões montanhosas da Galiléia, ao norte, de Samaria, ao sul — onde exerciam domínio ilimitado os príncipes das cidades e os senhores feudais cananeus. Aí os esperavam com grandes forças os cananeus. “*...os reis de Canaã combateram em Tenac junto às águas de Magedo*” (Juizes 5-19). O inaudito aconteceu — Israel saiu vitorioso! Pela primeira vez foi possível derrotar batalhões de carros em campo raso. Estava quebrado o encanto. Israel provou ter igualado, suplantado mesmo, a tática guerreira dos cananeus.

Dois montes de escombros na planície de Jezrael conservam os restos de Tenac e, a dez quilômetros de distância, Magedo. Estas duas cidades alternaram várias vezes em importância. Por volta de 1450



Fig. 26: Príncipe cananeu de Magedo, em seu trono, com tocador de lira e carro de combate (1200 a. C.).

a. C., Tenac era uma grande cidade independente, Magedo somente uma pequena guarnição egípcia. Cerca de 1150 a. C., Magedo foi destruída e abandonada por seus habitantes. As ruínas por muito tempo desertas só foram reconstruídas e repovoadas aproximadamente em 1100 a. C. Notáveis são os objetos de cerâmica dos novos habitantes, grandes vasos de barro para guardar provisões, do tipo ainda hoje utilizado em Israel. Os pesquisadores encontraram-nos igualmen-

te em todos os outros locais povoados dos montes de Samaria e da Judéia. Como campo de batalha é expressamente citada Tenac no canto de Débora. A referência de *"junto às águas de Magedo"* corrobora essa indicação. Magedo propriamente, cujas águas são a fonte de Kison, não devia existir então.

Os achados arqueológicos e os dados bíblicos permitem situar a primeira batalha contra o corpo de carros de guerra cananeus entre a destruição e a reconstrução de Magedo, ou seja, em 1125 a. C. aproximadamente.

A história de Gedeão conta o segundo triunfo de Israel. Um dia entra em Israel, procedente de leste, algo de novo, desconhecido e fantástico. Hordas de nômades madianitas montados em camelos caíram sobre o país, saqueando, incendiando, assassinando... *"essa multidão inumerável de homens e camelos cobria todas as coisas, destruindo tudo o que tocava"* (Juizes 6-5). Durante anos Israel foi impotente para resistir aos ataques dos madianitas. E então surgiu o salvador na pessoa de Gedeão. Empregou com êxito, segundo narra a Bíblia detalhadamente (Juizes 7-20 e sg.), uma nova tática de surpresa, graças à qual os madianitas fugiram, deixando os israelitas em paz no futuro.

Dir-se-ia que as descobertas da paz estão fadadas a ter seu primeiro emprêgo na guerra. A nova "invenção" que permitiu aos madianitas incutirem terror em Israel foi... o camelo domesticado!

O camelo doméstico era algo completamente novo no mundo antigo. Surpreendentemente, os povos da Idade do Bronze não o conheceram. Os textos egípcios nunca o citam. Em Mari mesmo, que era contíguo ao deserto arábico, não se encontrou até hoje, em seus imensos arquivos, uma única referência ao camelo. Temos de riscar o camelo da imagem que fazemos da vida e das atividades no Antigo Oriente. Também no Gênesis deve ter sido incluído posteriormente. Por exemplo, a bela cena em que encontramos Rebeca pela primeira vez, em sua cidade natal de Nacor, deve ter sofrido modificações acessorias. Os "camelos" de seu futuro sogro Abraão, que pararam junto da fonte, eram... jumentos (Gên. 24-10 e sg.). Jumentos foram igualmente os animais que durante milênios carregaram sobre o lombo os fardos e as preciosas mercadorias através das longas rotas comerciais... até que o camelo doméstico os libertou.

É impossível determinar com exatidão quando teve lugar a domesticação, mas existem alguns pontos de referência. No século XI a. C. surge o camelo nos textos cuneiformes e nos relevos, depois começa a ser mencionado cada vez com mais frequência. É por essa época que deve ter-se passado a história de Gedeão. Os bandos de piratas montados em camelos, até então conhecidos apenas como animais selvagens, devem ter provocado um choque tremendo!

O terceiro desafio contém o perigo e a prova de resistência maiores e mais mortíferos a que Israel foi submetido; o choque com os filisteus.

CAPÍTULO 3

OS GUERREIROS DE CAFTOR

Krethi e Plethi. — Invasão dos povos marítimos. — A grande caravana do Egeu. — Conquistadores com carros de bois e navios. — Desaparece o reino dos hititas. — Cidades incendiadas na costa de Canaã. — Mobilização geral no Nilo. — O faraó Ramsés III salva o Egito. — A grande batalha marítima e terrestre. — Campos de concentração de prisioneiros e questionários. — Retrato de filisteus em ponto grande.

Porventura não fiz eu sair Israel da terra do Egito; e os palestinos de Caftor...? (1) (Amós 9-7).

Com as histórias fabulosas do fortíssimo Sansão, de seus estratégias e seus feitos heróicos, prenuncia-se o grande conflito.

Filisteus! Seu nome entrou com diversos sentidos no vocabulário do mundo moderno. Dizemos: “É um verdadeiro filisteu”, ou então referimo-nos ao “gigante Golias”, que era um dêles. Dizemos depreciativamente “Krethi e Plethi” (2), sem imaginar que estas palavras significam cretenses e filisteus. Quem não conhece a trágica história do amor de Sansão e Dalila, que o traiu, entregando-o aos filisteus? Quem não se lembra da força sôbre-humana de Sansão, que despedaçava leões com as mãos, que com uma queixada de jumento matou mil filisteus e, cego e abandonado finalmente por sua amante, tomado de uma cólera desenfreada, derrubou um templo dos filisteus? Contudo, pouquíssimos têm consciência do pouco que sabemos realmente sôbre os tão falados filisteus.

O povo dos filisteus, que representou um papel decisivo na vida de Israel, permaneceu durante muito tempo envolto em mistério. Só num passado recente foi possível levantar um pouco o véu. Graças a resultados de pesquisas penosamente obtidos vai-se formando um quadro cada vez mais claro a respeito. Os fragmentos de cerâmica, as inscrições dos templos e as camadas de incêndios formam um mosaico da aparição dos filisteus sem igual em dramaticidade.

(1) “Capadócia” na Vulgata (N. do Trad.)

(2) Palavras hebraicas que significam “gentilha de toda a espécie” (N. do Trad.)

Os estrangeiros são precedidos de notícias apavorantes; os correios trazem informes terríveis sobre os desconhecidos que surgiram na borda do espaço vital do Mundo Antigo, nas costas da Grécia. Avançam em carros de bois, pesados veículos de rodas maciças, puxados por zebus e carregados de utensílios domésticos e mantimentos, seguidos por mulheres e crianças. À frente marcham homens armados de escudos redondos e espadas de bronze. Uma espessa nuvem de poeira os envolve, pois são muitos, incontáveis. De onde vêm ninguém sabe. A imensa caravana é avistada pela primeira vez no Mar de Mármara, de onde toma para o sul, ao longo da costa do Mediterrâneo. Sobre as ondas verdes do mar navega na mesma direção uma imponente frota — bandos de navios de altos lemes, com homens armados a bordo.

A aterradora caravana deixa atrás de si, por onde quer que passe, incêndios, ruínas e campos desolados. Ninguém conseguiu detê-los, rompem tôdas as resistências. Na Ásia Menor caem cidades e povoações. A poderosa fortaleza de Chattusa, no Rio Hális, é destruída. Pilham os tesouros das minas de prata de Tarso. Nas usinas metalúrgicas junto das jazidas de minérios roubam o segredo, zelosamente guardado, da fabricação do metal mais valioso daquele tempo — o ferro. Sob tais golpes cai uma das três potências mundiais do segundo milênio a. C.: o grande império dos hititas extingue-se!

Uma frota de conquistadores estrangeiros desembarca em Chipre e ocupa a ilha. Por terra a caravana prossegue, penetra na Síria, atinge Carquemis, no Eufrates, e avança até ao vale do Orontes. Colhidas na pinça do avanço por mar e por terra, caem as ricas cidades marítimas da Fenícia. A Ugarit seguem-se Biblos, Sidon e Tiro. Os incêndios lavram nas cidades da fértil planície da costa da Palestina. De seus campos de cultivo e de suas pastagens nas montanhas Israel deve ter avistado as vagas aniquiladoras, embora a Bíblia nada diga a respeito. Porque Israel não é atingido; o que arde lá embaixo são as fortalezas dos odiados cananeus.

A avalanche humana continua avançando por terra e por mar na direção do Nilo, do Egito...

Em Medinet Habu, ao ocidente de Tebas, junto do Nilo, erguem-se as imponentes ruínas do majestoso templo de Amon, construído no reinado de Ramsés III ⁽¹⁾. As tôrres dos portais, os altos pilonos, as paredes dos salões e pátios estão cobertos de relevos monumentais e inscrições: milhares de metros quadrados de documentos históricos gravados em pedra. O tempo é todo êle um gigantesco documento

(1) 1195 a 1164 a. C.



Fig. 27: Da batalha campal do faraó Ramsés III contra os filisteus.

das expedições guerreiras do faraó, escrito com palavras e imagens, testemunho principal dos acontecimentos que então tiveram lugar no Nilo.

Quanto foi grande o pavor e o perigo que ameaçou o Egito transparece claramente nessas informações. Preocupado e cheio de terror, informa um dos textos: "Ano oito sob a majestade de Ramsés III... Nenhuma terra podia opor resistência às suas armas. O reino dos hititas, Code ⁽¹⁾, Carquemis... e Chipre foram destruídos de um golpe... Destruíram suas populações e suas terras ficaram como se nunca tivessem existido. Estavam em marcha para o Egito... Puseram as mãos nas terras de todo o âmbito do mundo. Seus corações estavam cheios de confiança e certeza: "Nossos planos serão bem sucedidos!"

Ramsés prepara-se fêbrilmente. Ordena a mobilização geral: "Reforcei minhas fronteiras... armei contra eles os príncipes, os comandantes das guarnições e os guerreiros. Protegi as embocaduras do rio qual muro forte, com navios de guerra, galeras e navios costeiros... todos guarnecidos de pôpa à proa com valentes guerreiros envergando suas armas. As tropas compunham-se dos homens escolhidos do Egito. Eram os leões rugidores nos cumes dos montes. As forças dos carros de guerra eram constituídas de corredores, gente escolhida, cada um deles um guerreiro experimentado em carro de combate. Os cavalos voavam com todo o ímpeto, prontos a esmagar as terras estrangeiras sob os cascos..."

Com um exército enorme, formado por todos os homens aptos para pegar em armas que o Egito pôde reunir, Ramsés partiu ao encontro das hostes estrangeiras para a grande batalha campal. As inscrições dizem pouco de concreto a respeito. Como sempre, os comunicados de guerra egípcios limitam-se a cantar hinos em honra do vencedor. "Suas tropas", diz um a respeito de Ramsés III, "são como touros dispostos

(1) Code é constituída pelos territórios costeiros da Cilícia e do norte da Síria.

no campo de batalha; seus cavalos são como falcões em meio a pequeninas aves..." Mas um grande relêvo põe-nos diante dos olhos, depois de três mil anos, a tremenda luta: os comandos de carros de combate egípcios penetram no meio da multidão de inimigos armados. Entre pesados carros de bois, mulheres e crianças desencadeia-se terrível carnificina. Amontoam-se os corpos dos mortos sob as patas dos bois e dos cavalos. A vitória parece decidida, os egípcios saqueiam os carros de bois.

O Egito ganhou uma batalha de importância histórica universal; as forças de terra inimigas foram aniquiladas. Num carro ligeiro Ramsés III corre à costa, "pois eles penetraram nas embocaduras do rio" com seus navios.

Também a grande batalha naval está perpetuada num grande relêvo de pedra no templo de Medinet Habu: os navios adversários se aproximaram uns dos outros aos bandos. Pouco antes do choque parece que houve uma súbita calmaria; as velas foram colhidas. Isso é uma grande desvantagem para os estrangeiros. Seus navios ficam impossibilitados de manobrar. Prontos para a luta, mas indefesos, os guerreiros esperam, empunhando espadas e lanças que só servem para a luta de perto, enquanto os barcos, dispostos lado a lado, oscilam sobre as águas em frente do inimigo. A calmaria deu uma vantagem aos egípcios. Seus navios, equipados de remadores, aproximam-se dos barcos inimigos até uma distância prudente, e então é dada a ordem de disparar os arcos. Uma chuva de flechas cai sobre os estrangeiros que, trespassados, caem de bordo em massa. Os corpos feridos gravemente e dos mortos flutuavam nas ondas. Depois de dizimarem os inimigos e estabelecerem a confusão entre eles, os egípcios se aproximam e metem a pique os seus navios. Os que escapam vivos da chuva de flechas ou das vagas são abatidos na margem pelos soldados egípcios ou aprisionados.

Ramsés III conseguiu afastar do Egito a terrível ameaça por terra e por mar em duas batalhas decisivas — uma vitória incomparável na história antiga do país do Nilo.



Fig. 28: Interrogatório de prisioneiros

A fim de fazerem inventário depois da vitória, os egípcios cortaram as mãos dos mortos e feridos e reuniram-nas num monte. Assim puderam calcular o número dos inimigos aniquilados. Sobre o que aconteceu às mulheres e crianças dos forasteiros as inscrições silenciam. Os relevos mostram os primeiros campos de prisioneiros da história do mundo. Os inimigos vencidos foram arrebanhados aí.

O que experimenta a massa dos prisioneiros é, em princípio, igual ao que tem acontecido sempre até nossos dias. Dispostos em fileiras, eles esperam o interrogatório agachados no chão. Nem sequer falta humilhante "questionário"; oficiais egípcios ditam a escribas as declarações dos prisioneiros. Só uma coisa era resolvida de maneira diferente nessa época. Ao passo que hoje se pintam na jaqueta dos prisioneiros de guerra, com tinta a óleo, as letras PW e KG ⁽¹⁾, os prisioneiros de guerra egípcios eram marcados a fogo na pele com o nome do faraó. Era mais duradouro.

Devemos aos hieróglifos dos mais antigos questionários do mundo a primeira notícia histórica sobre o célebre povo bíblico dos filisteus.

Entre os "povos marítimos", como os egípcios chamam os conquistadores estrangeiros, uma tribo ocupa um lugar especial — a dos *peleset* ou *prst*. São os filisteus do Antigo Testamento!

Os artistas egípcios sabem representar magistralmente as fisionomias de povos estrangeiros, diferenciando de maneira marcante os traços característicos de cada um. Assim é que os relevos de Medinet Habu indicam com sua precisão usual as fisionomias dos filisteus bíblicos. Dir-se-iam fotografias gravadas em pedra há três mil anos. Suas figuras altas e esguias erguem-se uma cabeça acima dos egípcios. Notamos a sua vestimenta, suas armas, seu comportamento no combate. Se, em vez dos soldados egípcios, imaginarmos os filhos de Israel, teremos um quadro fiel das lutas que se feriram anos mais tarde na Palestina e que atingiram o seu encarniçado auge sob os reinados dos reis *Saul* e *Davi* por volta de 1000 a. C.

(1) Iniciais de "prisioneiro de guerra" em inglês e alemão. (N. do Trad.)



filisteus por oficiais egípcios.

CAPÍTULO 4

SOB O JUGO DOS FILISTEUS

Os filisteus na costa. — Objetos de cerâmica com desenhos de cisnes. — Bilhas de cerveja com tampa-filtro. — Monopólio de ferro rigorosamente protegido. — Os filisteus ocupam as montanhas. — Vestígios de incêndios em Silo. — A grande necessidade de escolher um rei. — Allenby vence seguindo a tática de Saul. — Surpresa dos turcos. — Albright encontra o Forte de Saul. — Dois locais de culto em Betsan. — O fim de Saul.

Mas os filhos de Israel tornaram a fazer o mal na presença do Senhor e ele os entregou nas mãos dos filisteus durante quarenta anos (Juizes 13-1).

Em 1188 a. C. os filisteus sofreram a sua grande derrota às mãos de Ramsés III. Treze anos mais tarde já se haviam estabelecido na planície da costa do sul de Canaã, a fértil planície de terra parda-centa entre as montanhas de Judá e o mar. A Bíblia menciona cinco cidades dominadas por eles: *Ascalão, Azot, Acaron, Get e Gaza* (I Reis 6-17). Cada cidade, com as terras circunjacentes, cultivadas pelos guerreiros, sob o comando dum chefe, era governada por um "senhor" independente e livre. Em questões políticas e militares, entretanto, os cinco senhores de cidades agiam sempre de comum acôrdo. Ao contrário das tribos de Israel, os filisteus constituíam uma unidade em tôdas as questões vitais. Era isso que os tornava tão fortes.

O cronista bíblico fala também de outras tribos dos povos marítimos que entraram no país com os filisteus e se estabeleceram no litoral: *"Eis que vou estender a minha mão sobre os Filisteus, e matarei os Creteus (1), e exterminarei o que resta na costa do mar"* (Ez. 25-16). Creta é uma ilha do Mediterrâneo muito distante de Israel. Desde que sabemos da invasão de Canaã pelos "povos marítimos", o sentido destas palavras, antes obscuro, tornou-se claro. Elas esboçam com exatidão a situação da época.

Com o aparecimento dos filisteus em Canaã aparece também uma cerâmica característica. Ela se distingue nitidamente da cerâmica em uso até então, tanto nas cidades dos cananeus como nas povoações

(1) Na Vulgata "estes matadores" (N. do Trad.)

israelitas das montanhas. Os escavadores encontraram essa cerâmica no domínio conjunto das cinco cidades dos filisteus — e só aí. Os filisteus deviam, pois, fabricar os seus próprios utensílios de barro.

O primeiro achado de utensílios filisteus causou espanto entre os arqueólogos. A forma, a cor e o desenho já tinham sido encontrados em outra parte. Eles já conheciam de Micenas os copos e bilhas pintados de amarelo-escuro, vermelho e preto, com desenhos geométricos e cisnes limpando as penas com o bico. Desde 1400 a. C. eram altamente procurados no Mundo Antigo os maravilhosos utensílios dos fabricantes micenenses, e o comércio de exportação havia inundado tôdas as terras com eles. Poucas décadas antes de 1200 a. C. essa importação da Grécia interrompeu-se subitamente com a destruição de Micenas. Os filisteus deviam ter estado em Micenas. Em Canaã eles



Fig. 29: Vaso filisteu com ornato de cisne.

reiniciaram a fabricação aprendida. *"Porventura não fiz eu sair Israel da terra do Egito; e os filisteus de Caftor?"* (Amós 9-7). *"Caftor"* é Creta, a grande ilha situada em frente à Grécia. Os objetos de cerâmica dos filisteus ilustram ainda outro fato interessante também indicado na Bíblia. Muitas das maravilhosas bilhas são munidas de um filtro cujo emprêgo não deixa dúvida. São típicas bilhas de cerveja. Os filtros servem para reter as cascas de cevada. Estas nadavam na cerveja feita em casa e poderiam entrar facilmente na garganta. Nas povoações dos filisteus foram encontradas grandes quantidades de bilhas de cerveja e copos de vinho. Eles devem ter sido grandes bebedores. Nas histórias de Sansão fala-se, com efeito, de bebedeiras (Juizes 14-10; 16-25), acentuando-se expressamente, no entanto, que o herói não bebia álcool.

A cerveja não é de modo algum uma invenção dos filisteus. As primeiras grandes cervejarias floresceram já no Antigo Oriente. Nas tavernas de Babilônia havia cinco diferentes tipos de cerveja — escura,

clara, nova, de conversa e, para exportação e viagem, uma mistura também chamada cerveja de mel. A última era um extrato concentrado de raízes, que se conservava por muito tempo. Bastava misturar-lhe água e a cerveja ficava pronta... modelo primitivo da moderna cerveja para os trópicos.

Muito mais importante, porém, foi outra descoberta. Os filisteus foram os primeiros que possuíram ferro em Canaã, e isso em grande quantidade. Seus túmulos contêm armas, utensílios e adornos desse metal raro e, portanto, valioso. E, tal como faziam com a cerâmica de Micenas, eles trabalhavam o ferro. As primeiras usinas de ferro de Canaã devem ter sido estabelecidas no território dos filisteus. Trouxeram o segredo como despójo de guerra de suas incursões pela Ásia Menor, onde, por volta de 1200 a. C., os hititas foram os primeiros fabricantes de ferro do mundo.

Os príncipes filisteus guardavam ciosamente a fórmula roubada. Era monopólio seu e faziam negócios com ele. No período de sua primeira colonização nas montanhas, Israel era demasiado pobre para adquirir ferro. A carência de ferramentas de lavoura, de pregos para construção e de armas de ferro era um grande *handicap* para eles. Depois que ocuparam também a montanha, os filisteus procuraram impedir a fabricação de novas armas. Proibiram os israelitas de trabalharem o ferro. *"Ora em toda a terra de Israel não se encontrava um ferreiro; porque os Filisteus tinham tomado esta precaução para que os Hebreus não forjassem espadas e lanças. Pelo que todo o Israel tinha que ir aos Filisteus, para cada um afiar a sua relha e o enxadão e a machadinha e o sacho"* (I Reis 13-19,20).

Equipados com armas mais modernas, adestrados e experimentados por contínuas expedições guerreiras e extremamente bem organizados politicamente, pelo ano de 1200 a. C. o povo conquistador dos filisteus estava estabelecido na costa ocidental. Tinha o mesmo objetivo que Israel: Canaã!

Os feitos de Sansão constituem histórias fabulosas (Juizes 14 a 16). Sob estas, entretanto, ocultam-se fatos reais. Os filisteus começaram a avançar e a estender o seu domínio para leste.

Separada das montanhas por longos vales, uma série de colinas se ergue entre as planícies da costa e as terras altas de Judá. Um desses vales oblongos é o Vale de Sorec. Sansão vivia em *Sorec* ⁽¹⁾ (Juizes 13-2), e em Tamnata, não muito longe dali, casou com uma das filhas dos filisteus (Juizes 14-1). Ali também vivia Dalila (Juizes 16-4). Por esse vale os filisteus mandaram de volta, mais tarde, a Arca da Aliança roubada (I Reis 6-12 e sg.). O avanço dos filisteus até às colinas em frente dos montes de Judá foi apenas o prelúdio da grande expedição armada contra Israel, que teve lugar anos depois.

(1) Na Vulgata este nome é escrito ora "Saraa" ora "Sorec" (N. do Trad.)

E Israel saiu ao encontro dos filisteus para os combater, e acampou junto de Eben-Ezer ⁽¹⁾, os filisteus, porém, foram a Afec, e dispuseram-se para pelejar contra Israel (I Reis 4-1).

Afec ficava na borda setentrional do território dominado pelos filisteus. Um monte de ruínas, o Tell el-Muchmar, esconde os restos desse lugar, situado no curso superior de um rio que deságua no mar ao norte de Jafa. Afec ocupava uma posição estratégica extraordinariamente favorável. Para leste ficavam as montanhas da Palestina central, o território em poder dos israelitas. Em frente de Afec, na borda da região montanhosa, ficava *Eben-Ezer*, onde os exércitos se encontraram. No primeiro combate os filisteus saíram vencedores. Em grande aflição, os israelitas mandaram a Silo buscar o seu santuário, a *Arca da Aliança*. Num segundo combate foram destroçados pelos filisteus, superiores em número, o exército de Israel foi desbaratado e os vencedores levaram como despójo a sagrada Arca (I Reis 4-2 a 11).

A região das colinas foi ocupada, Israel desarmado e nos domínios das tribos os filisteus estabeleceram postos de guarda (I Reis 10-5; 13-3). No primeiro assalto os filisteus atingiram o seu objetivo: a Palestina central caiu em seu poder.

O avanço dos filisteus foi acompanhado de duras provas para os israelitas, como se percebe pelos testemunhos desse tempo que foram encontrados. O templo de Silo, que Israel construía para a Arca da Aliança, foi incendiado. Vinte e dois quilômetros ao sul de Siquém fica Silun, que foi outrora a próspera cidade de Silo. Numa colina próxima ficava o recinto sagrado, o santuário de peregrinação de Israel (Jos. 18-1; Juizes 21-19 seg.; I Reis 3-21). Nesse lugar, com a passagem do tempo, foram erguidos monumentos cristãos primitivos e maometanos.

De 1926 a 1929 uma expedição dinamarquesa, dirigida pelo arqueólogo H. Kjaers, realizou escavações nesse local. Os restos de Silo mostram nitidamente uma camada de destruição de 1050 a. C., vestígios da vitória dos filisteus sobre Israel. As ruínas de Silo devem ter durado muito tempo, porque quatrocentos anos depois de sua destruição o profeta se refere a elas: *"Ide ao meu santuário, a Silo, onde habitou o meu nome desde o princípio, e vede o que eu lhe fiz por causa da malícia do meu povo de Israel"* (Jer. 7-12). E outros lugares das montanhas de Judá participaram do destino de Silo. Os arqueólogos encontraram em Tell Beit Mirsim, junto a Hebron, a bíblica *Dabir*, e em Bet-Zur, ao sul de Jerusalém, vestígios de cinzas — testemunhos que corroboram essa hipótese.

Por volta de 1050 a. C. Israel esteve ameaçado em sua existência; viu-se em perigo de perder os frutos de suas conquistas e o trabalho de sua colonização de quase duzentos anos. Com efeito, esteve até

(1) Na Vulgata "Pedra de socorro" (N. do Trad.)

ameaçado de cair sob o jugo dos filisteus, em irremediável escravidão. Israel só poderia obviar ao terrível perigo se conseguisse apertar os frouxos laços que ligavam as diversas tribos. Sob a pressão mortal do mundo que o cercava Israel tornou-se uma nação. As formas de governo daquele tempo só permitiam uma possibilidade — o regime monárquico. A escolha recaiu sobre *Saul*, um benjaminita, famoso por sua valentia e sua grande estatura (I Reis 9-2), e essa escolha foi prudente, porque Saul pertencia à tribo mais fraca (I Reis 9-21) e, assim, as outras tribos não teriam causa para inveja.

Saul elevou sua terra natal, *Gabaa*, à categoria de capital (I Reis 10-26; 11-4), reuniu em volta de si uma pequena tropa permanente e iniciou uma campanha de guerrilhas (I Reis 13-1 e sg.). Por meio de ataques de surpresa ele expulsou as guarnições dos filisteus do território das tribos.

Que Saul era um grande tático seria demonstrado novamente três mil anos mais tarde. Um simples exemplo servirá para mostrar quanto a Bíblia é exata até nos menores detalhes e quanto é digna de confiança em seus dados e tradições.

Devemos ao major britânico Vivian Gilbert a narrativa dum acontecimento verdadeiramente extraordinário. Escreve ele em suas memórias de campanha (1): “Uma ocasião, durante a Primeira Guerra Mundial, um ajudante de ordens dum general de brigada do Exército do General Allenby na Palestina procurava na Bíblia certo nome com o auxílio de uma vela. Sua brigada recebera ordem de tomar uma aldeia situada num monte rochoso, do outro lado de um vale profundo, chamada *Michmas*. Ele tinha a impressão de conhecer esse nome. Por fim encontrou-o no capítulo 13 do Livro Primeiro dos Reis e leu: “*E Saul e Jônatas, seu filho, e a gente que tinha ficado com eles, estavam em Gabaa de Benjamim; os Filisteus, porém, estavam em Macmas*”. A seguir está escrito como Jônatas e seus homens de armas se dirigiram de noite à “*guarnição dos Filisteus*”, chegando a uns “*rochedos agudos de ambas as partes*”, “*um dos quais se chamava Boses, e o outro Sene*” (I Reis 14-4). Escalaram a rampa e dominaram os guardas “*na metade duma geira, espaço que uma junta de bois costuma lavrar num dia*”. O tumulto acordou o exército inimigo que, julgando-se cercado pelas tropas de Saul, “*dispersou-se e fugiu em todas as direções*” (I Reis 14-14 e 16).

Depois Saul atacou com todas as suas forças e venceu: “*E naquele dia o Senhor salvou Israel*”.

O ajudante de ordens pensou que aquele passo entre rochedos, as duas rochas altas e o “campo” deviam existir ainda. Despertou o comandante e leu com ele toda a passagem da Bíblia. Despacharam patrulhas, que encontraram o passo, guarnecido por poucos soldados turcos, espremido entre dois picos de rocha — evidentemente *Boses* e *Sene*. Lá no alto, junto a *Macmas* avistava-se um pequeno campo

(1) “The Romance of the Last Crusade”.

liso iluminado pelo luar. O comandante modificou o seu plano de ataque. Em vez de mandar toda a brigada, mandou apenas uma companhia, no meio da noite, atravessar o desfiladeiro. Os poucos turcos com que toparam foram subjugados em silêncio e a ladeira escaldada... e, pouco antes de romper o dia, a companhia encontrava-se na “meia geira” de terreno plano.

Os turcos despertaram e fugiram desordenadamente, pois julgaram estar cercados pelo Exército do General Allenby. Foram todos mortos ou feitos prisioneiros.”

“E assim foi que, depois de milhares de anos”, conclui o Major Gilbert, “uma tropa inglesa imitou com êxito a tática de Saul e Jônatas.”

Os sucessos de Saul incutiram novo ânimo em Israel. O pesadelo de ocupação estrangeira foi realmente afastado, mas só por um breve momento. Na primavera seguinte os filisteus prepararam-se para um contra-ataque.

Pelo fim da época das chuvas de inverno eles reuniram de novo suas forças em Afec (I Reis 29-1). Desta vez, porém, procederam de maneira diferente. Renunciaram a atacar a montanha, onde Israel estava demasiado familiarizado com o terreno. Os príncipes filisteus seguiram para o norte através da planície litorânea de Jezrael (I Reis 29-11), o teatro da batalha de Débora “*em Tenac, junto às águas de Magedo*” e, mais para leste, quase até à margem do Jordão.

“*Junto da fonte que havia em Jezrael*” (I Reis 29-1) — isto é, a fonte de Harod, ao fundo dos montes de Gelboé — Saul e suas forças arriscaram um encontro na planície! Foi uma calamidade. Logo no primeiro combate o seu exército foi destruído, os fugitivos abatidos e perseguidos e o próprio Saul se matou depois de terem sido mortos seus filhos.

O triunfo dos filisteus foi completo. Israel inteiro foi ocupado — a região central, Galilícia e a região a leste do Jordão (I Reis 31-7). Empalaram o cadáver de Saul e os cadáveres de seus filhos e expuseram-nos sobre o muro da cidade de Betsan, não longe do campo de batalha, “*e puseram as armas de Saul no templo de Astarot*” (I Reis 31-10), a deusa da fecundidade. Parecia haver soado a última hora de Israel. Israel parecia condenado à destruição. O primeiro reinado, iniciado com tanta esperança, terminou de maneira terrível. Um povo livre caiu na escravidão, sua “*Terra Prometida*” caiu em poder dos estrangeiros.

As pás desenterraram de sombrios e pesados escombros os testemunhos mudos desse período de fatalidade. O vento sopra através das pedras quebradas e fragmentadas dos muros onde se cumpriram a ventura e a tragédia de Israel... ruínas que viram Saul em seus momentos felizes quando jovem rei e o seu fim ignominioso!

Cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, bem junto da estrada que desde tempos antigos conduzia a Samaria, fica o Tell el-Ful, que significa "monte dos feijões". Isso foi outrora Gabaa.

Em 1922 começou a escavar nesse ponto uma equipe das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental. Dirigia os trabalhos o Prof. W. F. Albright, que os iniciara. Vieram à luz restos de muralhas. Depois de uma longa interrupção, em 1933 Albright continuou seu trabalho no Tell el-Ful. Foi posta a descoberto uma maciça torre quadrangular, à qual, dentro em pouco se seguiram mais três. Essas torres são ligadas por uma dupla muralha. O interior é constituído por um pátio aberto. A construção mede 40 x 25 m. É tôska, de pedra talhada, mas imponente em sua rusticidade.

Albright examinou os fragmentos de barro espalhados entre as ruínas. São vasilhas que estavam em uso pelos anos 1020 a 1000 a. C. Albright descobrira a cidadela de Saul, o primeiro castelo real de Israel, onde o rei se sentava "*segundo o costume, na sua cadeira, que estava junto à parede*" (I Reis 20-25). Aí tomava lugar Saul como rei, no círculo de seus companheiros mais íntimos, com Jônatas, seu filho, com seu primo, o Capitão Abner, e com Davi, seu jovem escudeiro. Aí êle forjava planos para a libertação de Israel, daí êle dirigia as excursões dos guerrilheiros contra os odiados filisteus.

Outro cenário em que se cumpriu o destino do rei Saul e que a pesquisa pôs de novo a descoberto fica 70 quilômetros ao norte dali.

Na borda da planície de Jezrael ergue-se a majestosa colina de ruínas de Tell el-Husn, visível de longe através do vale do Jordão, para o qual pende o terreno nesse lugar. É o local da antiga *Betsan*. Em meio a montes de pedras afastadas das ruínas, erguem-se, nas pendentes norte e sul, os envasamentos de dois templos.

Foram postos a descoberto por arqueólogos da Universidade da Pensilvânia, dirigidos por Clarence S. Fisher, Alan Rowe e G. M. Fitzgerald, em 1921 e 1933, quase ao mesmo tempo que foi redescoberta em Gabaa a residência do rei Saul.

Objetos de culto encontrados entre as ruínas, sobretudo plaquinhas e pequenos escrínios que têm como motivo de decoração a serpente, indicam que êsses templos eram consagrados a Astarté, a deusa da fecundidade de Canaã, e a Dagon, o principal deus dos filisteus — um ente meio homem, meio peixe. Seus muros foram testemunhas do que os filisteus fizeram com Saul depois da vitória, segundo conta a Bíblia. "*E puseram as armas dêle no templo de Astarot, e suspenderam o seu corpo no muro de Betsan*" (I Reis 31-10). A casa de Astarot são as ruínas do templo do sul. "*...e pregaram a cabeça no templo de Dagon*" (Par. 10-10). Êste é o templo desenterrado na encosta norte.



Muralhas da Jericó bíblica. Através das antigas muralhas de 3,5 milênios o olhar passa do Tell es-Sultân à moderna Jericó, situada ao pé dos montes de Judá.



Desenterrando a fachada magnífica de um dos jardins de prazer do Rei Herodes, em Jericó.

Quando Israel era um Grande Reino

De Davi a Salomão

CAPITULO I

O GRANDE REI DAVI

Uma personalidade genial. — Poeta, compositor e músico. — De escudeiro a grande rei. — Auxílio armado involuntário à Assíria. — Do Orontes a Asiongaber. — Represália em Betsan. — Novas construções com muralhas tipo casamata. — Jerusalém caiu por astúcia. — Warren descobre um poço que conduz à cidade. — O "Sopher" tinha a seu cargo os anais do reino. — Davi chamava-se Davi? — A tinta como novidade. — O clima da Palestina é inimigo dos documentos.

Foram também os anciões de Israel ter com o rei a Hebron, e ali o rei Davi fez aliança com eles diante do Senhor, e eles ungiram Davi para rei sobre Israel. E reinou quarenta anos. (II Reis 5-3,4).

O novo rei era dotado dum espírito tão múltiplo que é difícil de saber qual das suas aptidões era mais digna de admiração. Dificilmente se encontrará no mundo nos últimos séculos uma personalidade tão genial como Davi e de tal envergadura. Onde existe um homem que seja igualmente notável como estrategista e construtor de uma nação, como poeta e músico? Só por seus poemas um Davi de hoje teria direito ao Prêmio Nobel. Além disso, como os trovadores da Idade Média, ele era poeta, compositor e músico.

E não foi por acaso! Nenhum povo se dedicou mais à música do que os habitantes de Canaã. A Palestina e a Síria eram famosas por seus músicos, como se verifica em documentos egípcios e mesopotâmicos. Entre os objetos imprescindíveis que levava consigo o grupo de patriarcas do mural de Beni-Hasan, em sua peregrinação ao Egito, encontram-se instrumentos musicais. O instrumento doméstico é a lira de oito cordas.

Os salmos de Davi 6 e 12 são precedidos da indicação: "Para acompanhar com instrumento de oito cordas". De Canaã a lira passou ao Egito e à Grécia.

No Novo Império do Egito (1580-1085 a. C.) há séries de inscrições e relevos que têm como tema os músicos e instrumentos de Canaã. Canaã era a fonte inesgotável de músicos e entre eles os mordomos e camareiros da corte escolhiam os seus solistas e até conjuntos para distrair os soberanos do Nilo, do Eufrates ou do Tigre. Procuravam-se principalmente orquestras de mulheres e dançarinas. Não eram ra-



Fig. 30: Prisioneiros músicos de Judá.

ridade artistas com contratos internacionais. E quando, no ano 701 a. C., o rei Ezequias de Judá mandou cantores e cantoras ao temido rei Senaquerib, sabia bem o que fazia.

Do profundo desespero e angústia em que se encontrava sob o jugo dos filisteus, Israel se elevou em poucos decênios a uma posição de poder, prestígio e grandeza. E isso foi obra exclusiva do poeta e salmista Davi. De modesto escudeiro de Saul tornou-se "condottiere", temível *maquis* contra os filisteus... e na velhice ocupou o trono dum povo que se estava tornando uma grande potência.

Como a conquista de Canaã dois séculos antes sob Josué, a obra de Davi foi favorecida por circunstâncias exteriores. Mais ou menos pela passagem do último milênio antes de Cristo não havia na Mesopotâmia nem na Ásia Menor, na Síria nem no Egito um só estado que pudesse impedir a expansão de Canaã para fora do seu território.

Desde que Ramsés XI, o último representante da Dinastia Ramesida, fechou os olhos em 1085 a. C., o Egito caiu nas mãos ávidas duma facção sacerdotal que governava o país de sua sede em Tebas. Riquezas imensas passaram a ser propriedade do templo.

Já cem anos antes, informa o Papiro Harris, dois por cento da população trabalhavam como escravos do templo e 15 por cento da terra cultivada eram propriedade de mão-morta. Meio milhão de cabeças de gado era o seu rebanho. Uma frota de 88 navios, 53 oficinas e estaleiros, 169 povoações e cidades estavam no poder dos sacerdotes. O esplendor diário do ritual dos grandes deuses desafia toda descrição.

Só na confecção das balanças do templo de Heliópolis em que se pesavam as oferendas foram empregadas 212 libras de ouro e 461 libras de prata. Oito mil escravos eram empregados para cuidar dos magníficos jardins de Amon na velha capital de Pi-Ramsés, no Delta.

Um documento singular, o relatório de viagem do enviado egípcio Wen-Amon, no ano 1080 a. C., informa a respeito do prestígio do Egito no exterior sob o domínio dos sacerdotes. Wen-Amon recebeu o encargo de ir à Fenícia buscar madeira de cedro para a barca sagrada do deus Amon em Tebas. Herihor, o grão-sacerdote, munuiu-o de uma quantidade insignificante de ouro e prata e de uma imagem de Amon, com a qual, ao que parece, esperava um êxito ainda maior.

Os terrores que êle passou na viagem percebem-se ainda hoje na narrativa de Wen-Amon. Trataram-no como mendigo e criminoso nas cidades da costa, roubaram-no, zombaram dêle e espancaram-no quase até matá-lo. Êle, um enviado do Egito, cujos antepassados eram sempre recebidos com tôda a pompa e grandes demonstrações de respeito!

Já roubado pelo caminho, Wen-Amon chegou finalmente ao termo da sua viagem. "Cheguei ao pôrto de Biblos. O príncipe de Biblos mandou-me procurar e dizer:

— Afasta-te do meu pôrto."

Assim aconteceu durante 19 dias. Já o desesperado Wen-Amon dispunha-se a voltar, "quando o mestre do pôrto veio a mim e me disse:

— Fica até amanhã à disposição do príncipe!...

Quando veio a manhã, êle me mandou chamar... Encontrei-o no seu aposento superior, de costas para a janela e encostado ao peitoril... Êle me disse:

— Com que missão vieste aqui?

Eu lhe disse:

— Vim buscar a madeira para a grande e magnífica barca de Amon-Rê, o rei-deus. Teu pai a forneceu, teu avô a forneceu e tu a fornecerás também...

Êle me disse:

— É verdade, êles a forneceram... Na realidade, os meus atendiam a êsse pedido, mas o faraó mandava ao mesmo tempo seis navios carregados de produtos do Egito... Quanto ao que a mim se refere, não sou teu servo nem servo daquele que te mandou... Que viagens inúteis que te obrigaram fazer!

Eu lhe disse:

— Aprel Não são viagens inúteis as que estou fazendo..."

Em vão Wen-Amon evocou o poderio e a glória do Egito, em vão tentou barganhar com o príncipe oferecendo-lhe pela madeira, em vez de dinheiro de contado, oráculos e uma imagem do deus, que teria a virtude de lhe dar vida e saúde. Só depois que chegou um mensageiro de Wen-Amon com vasos de prata e ouro, finos tecidos de linho, rolos de papiro e cordas, além de 20 sacos de lentilhas e 30 cestas de peixe do Egito é que o príncipe mandou abater os desejados cedros.

“...No terceiro mês do verão arrastaram-nos até à praia do mar. O príncipe veio a mim... e disse-me:

— Vê, chegou o resto da tua madeira e aí está. Agora atende à minha vontade e manda carregá-la, pois ela te foi dada na realidade. Sê breve em partir e não pretextes que a época do ano não é própria.”

Davi nada tinha a temer duma terra cujos embaixadores se viam obrigados a suportar tais faltas de respeito e humilhações dos príncipes de cidades. Foi, pois, avançando para o sul e conquistou o reino do Edom, que noutro tempo havia impedido a Moisés de passar pela “estrada real” (II Reis 8-14). Assim Davi adquiriu um território de suma importância econômica. O deserto de Araba, que se estende da costa sul do Mar Morto até ao golfo de Akaba, é rico em cobre e ferro. O minério de ferro devia convir sobremodo a Davi. Os inimigos mais perigosos de Israel, os filisteus, tinham o monopólio de ferro internamente (I Reis 13-19,20). Quem dominasse Edom estaria em condições de destruir o monopólio dos filisteus. Davi não hesitou. *“Davi preparou também muitíssimo ferro para os pregos das portas, e para travar as juntas, e uma quantidade imensa de bronze”* (I Par. 22-3).

Ao sul de Edom terminava também o mais importante caminho das caravanas do sul da Arábia, a célebre “estrada do incenso”. Com o avanço até à costa do golfo de Akaba ficou também aberto o caminho marítimo pelo Mar Vermelho até às costas distantes do sul da Arábia e do ocidente da África.

Igualmente se tornou favorável a situação para o avanço em direção ao norte.

Nas extensas planícies ao pé do Hermon e nos férteis vales aquém do Antilibano, havia algumas tribos árabes do deserto. Essas tribos haviam-se tornado sedentárias e pertenciam a um povo que estava destinado a representar um papel importante na vida de Israel: os arameanos. Nossa Bíblia chama-os simplesmente de *sírios*. Havia fundado cidades-estados e pequenos reinos até ao Rio Jarmuk, isto é, ao sul do Lago de Genesaré, na Jordânia Oriental.

Pelo ano 1000 a. C., dispunham-se a avançar para leste até à Mesopotâmia. Então se chocaram com os assírios, que nos séculos seguintes se tornaram potência mundial no Antigo Oriente. Depois da queda de Babilônia, os assírios haviam submetido a Mesopotâmia até ao curso superior do Eufrates. Os textos cuneiformes dessa época, encontrados nos palácios do Tigre, mencionam um perigo que ameaçava de oeste, da Assíria, e que consistia em ataques e avanços cada vez mais ousados dos arameanos.

Nessa situação, Davi avançou da parte oriental da Jordânia mais para o norte até ao Orontes. A nossa Bíblia refere: *“Neste tempo Davi derrotou também Adarezer, rei de Soba, no país de Hemat, quando partiu para estender o seu império até ao rio Eufrates”* (I

Part. 18-3). Uma comparação com textos assírios contemporâneos mostra a exatidão com que estas palavras da Bíblia esboçam a situação histórica. O rei Davi derrotou o rei dos arameanos quando este se dispunha a conquistar território assírio no Eufrates.

Sem se dar conta disso, Davi prestou, assim, auxílio armado àqueles que mais tarde aniquilariam o reino de Israel.

Davi levou a fronteira de Israel até ao fértil vale do Orontes. Os seus postos de guarda mais ao norte ficavam junto ao Lago de Höms, ao pé do Líbano, onde hoje brota de grossos oleodutos o petróleo do longínquo Kirkuk. Até Asiongaber, no Mar Vermelho, a extremidade sul do reino a distância é de 600 km.

As pás desenterraram numerosos testemunhos da conquista e edificação do reino sob Davi. O avanço é assinalado por vestígios claros, entre outros incêndios aniquiladores nas cidades da planície de Jezrael. Não muito depois do ano 1000 a. C. Betsan foi arrasada juntamente com seus santuários de culto pagão. Os arqueólogos da Universidade de Pensilvânia desenterraram, nesse lugar de lutas implacáveis, templos destruídos, grossas camadas de cinzas sobre muros desmoronados, objetos de culto e vasilhas dos filisteus. A vingança de Davi atingiu com um golpe arrasador a cidade em que tivera lugar o fim ignominioso do primeiro rei de Israel, golpe esse de que ela não se recuperou durante longo tempo. Sobre a camada de cinzas não há nada que indique qualquer estabelecimento humano nos séculos seguintes.

Conservaram-se muitas construções dos primeiros tempos do reinado de Davi, sobretudo fortificações em Judá, erigidas como defesa contra os filisteus. Essas construções refletem claramente o modelo da fortaleza de Saul em Gabaa. São o mesmo tipo tôsko de casamata. Em Jerusalém, residência de Davi nos últimos anos, distinguem-se perfeitamente os alicerces de uma torre e grandes seções de um revestimento de muralha que são indubitavelmente obra de Davi. *"E Davi habitou na fortaleza, e chamou-a cidade de Davi; e levantou edifícios em redor..."* (II Reis 5-9).

A maneira estranha como caiu nas mãos de Davi a bem defendida fortaleza de Jerusalém foi descoberta por acaso no século passado e graças à sagacidade do capitão inglês Warren.

Na encosta oriental de Jerusalém, no vale de Cedron, existe uma fonte chamada "Ain Sitti Maryam", a "Fonte da Virgem Maria". No Antigo Testamento é chamada "Gion", "borbotão" e constitui desde tempos imemoriais o principal abastecimento de água dos habitantes. Passando junto aos restos de uma mesquita, o caminho conduz a uma caverna. Trinta degraus levam ao fundo, onde há uma pequena bacia, que recebe a água que brota do interior do monte.

Em 1867 o capitão Warren visitou com um grupo de peregrinos a famosa fonte, na qual, segundo uma lenda, Maria lavou outrora as fraldas do Menino Jesus. A visita teve lugar já quase ao crepúsculo, mas, apesar disso, Warren notou um buraco escuro poucos metros

acima do lugar onde brotava a fonte. Tornou-se evidente que nunca ninguém o tinha notado antes, pois, quando Warren indagou a respeito, ninguém lhe soube responder.

Curioso, no dia seguinte êle visitou de novo a Fonte de Maria munido de uma escada e uma corda. Êle não imaginava que tinha pela frente uma exploração acidentada e bastante perigosa.

Acima da fonte começava um estreito túnel que subia verticalmente. Warren era alpinista e perito em escalar chaminés. Cautelosamente foi subindo pelo poço. Uns 13 metros acima êsse terminou de repente. Apalpando na escuridão, encontrou por fim uma passagem estreita e foi avançando por ela de gatinhas. Nessa passagem havia diversos degraus cavados na rocha. Ao fim de bastante tempo notou à sua frente uma luz difusa. Chegou a um espaço abobadado contendo apenas bilhas e garrafas de vidro empoeiradas. Por uma fenda Warren içou-se para a liberdade... e encontrou-se na cidade, com a Fonte de Maria debaixo de si, lá nas profundezas da terra!

Investigações mais minuciosas, levadas a efeito pelo inglês Parker em 1910, por incumbência do Palestine Exploration Fund, revelaram que essa notável passagem datava do segundo milênio a. C. Os habitantes da antiga Jerusalém tinham aberto laboriosamente um túnel na rocha a fim de, quando sitiados, poderem chegar sem perigo à fonte vital.

A curiosidade de Warren revelara a passagem que permitira a Davi surpreender a fortaleza de Jerusalém perto de 3.000 anos atrás. Os informadores de Davi deviam conhecer êsse túnel secreto, como se percebe agora por uma indicação da Bíblia, antes incompreensível. Diz Davi: "Quem ferir os jebusitas e chegar à goteira..."⁽¹⁾ (II Reis 5-8). O que Lutero traduziu por "goteira" é a palavra hebráica "sinor", que significa cano ou canal.

Com Davi começa no Antigo Testamento a precisa informação histórica. "A tradição de Davi deve ser considerada histórica em sua maior parte", escreve o exigente crítico Martin Noth, professor de Teologia. A crônica contemporânea se torna mais autêntica passo a passo com a formação gradual duma potência política, que nasceu por obra de Davi, e que é uma coisa nova completamente estranha para Israel. Um aglomerado frouxo de tribos transformara-se em uma nação; uma terra de colonização tornou-se um grande império ocupando os territórios da Palestina e da Síria.

Davi criou para êsse grande Estado uma administração civil, à frente da qual se encontravam o chanceler e o "sopher". "Sopher" significa "escriba" (II Reis 8-16,17). Um escriba ocupando o segundo posto na hierarquia do Estado?

Hoje, com o exército de milhões de secretárias e secretários, com os milhares de toneladas de papel que dia a dia passam por suas má-

(1) Traduzi fielmente a citação alemã, conforme a tradução da Bíblia por Lutero. A tradução da Vulgata não faz sentido aqui. (N. do Trad.)

quinas de escrever e se cobrem de caracteres, o esplendor mítico do "escriba" desapareceu há muito tempo. A mais invejada secretária de um magnata do petróleo não pode comparar-se a um de seus antigos colegas. Nem no que êle ganhava e muito menos ainda em sua influência. No palco do Antigo Oriente os escribas representavam um papel incomparável nessa profissão. Não admira, pois muito dependia dêles! Os conquistadores e soberanos dos grandes impérios eram seus patrões... e não sabiam ler nem escrever!

Isto se percebe claramente no estilo das cartas. Não se fala em primeiro lugar do destinatário a quem a carta ou a mensagem é dirigida. A primazia é dada às saudações e bênçãos aos colegas. Tampouco falta a recomendação de que o conteúdo da escritura seja lido com clareza e, o que é mais importante, corretamente, sem saltar nada!



Fig. 31: Numa chancelaria do Nilo.

O que se passava no domínio dos escribas está descrito vividamente numa cena que representa o ministério dos assuntos exteriores do Faraó Merenptah. A sala dos escribas é dividida em três salas oblongas. Em cada uma das salas laterais estão acomodados apertadamente dez secretários. Apoiam um pé num escabelo e sôbre seus joelhos repousam grandes rolos de papiros. A espaçosa nave central é reservada ao alto chefe. Um servo espanta as môscas incômodas com um abano. À entrada encontra-se um guarda-portão. Um diz ao outro:

— Asperge água e refresca o escritório! O chefe senta-se e escreve!

Ora, no escritório dos escribas da côrte de Jerusalém as coisas não deviam apresentar-se com tanta pompa. O jovem estado de Israel era ainda muito rústico e pobre para isso. Não obstante, o escriba de Davi devia ser um alto e temido funcionário. A êle estavam afetos os "Anais do Reino", que certamente constituíram as bases de todos os dados concretos da Bíblia sôbre a organização da administração e o bem-estar público durante o reinado de Davi. A êle competia o grande recenseamento feito segundo o comprovado sistema de Mari (II Reis 24), bem como a nomeação de sua guarda pessoal, uma espécie de Guarda Suíça, constituída de cretenses e filisteus (II Reis 8-18; 15-18; 20-7).

Foi também o "sopher", sem dúvida, o primeiro que escreveu o novo nome de seu soberano.

Pois é de supor que Davi não se chamasse Davil — descoberta só recentemente feita e que surpreendeu os investigadores, a quem deram muito que pensar os termos de alguns textos do palácio de Mari, no Eufrates. Repetidamente eles encontravam a palavra "dâvidum", que significa "comandante", "chefe de tropas". Não é nome próprio e sim um título.

Do nome próprio "César" fêz-se mais tarde um título. De César derivaram "Kaiser" e "czar". Com Davi parece ter-se dado o inverso. Seu título militar, que deve ter recebido ainda nos seus tempos de *condottiere*, tornou-se nome próprio para êle. O *dâvidum* tornou-se Davi e êste é nome próprio até hoje.

O tema "escritura" motivou controvérsias entre os críticos.

No Egito encontraram-se carradas de papiros, em Babilônia e na Assíria, montes de tabuinhas com inscrições cuneiformes... mas onde estão os documentos escritos da Palestina?

Os arqueólogos e os meteorologistas poderão dar cada um sua opinião sobre este assunto:

Pelo fim do último milênio antes de Cristo, Canaã abandonou a angulosa escrita cuneiforme e os pesados tijolos de barro e adotou um método de escrita menos complicado. Até então os textos precisavam de ser gravados com buril no barro mole, que depois era cozido no forno ou secado ao sol, um processo que tomava muito tempo antes que as grossas cartas de barro fôsem despachadas para o seu destinatário. Começou a ser usada cada vez mais uma escrita de signos curvados, o alfabeto, que nós já encontramos nos ensaios de escrita dos mineiros semitas no Sinai. Por certo o buril e o barro foram considerados impróprios para a execução das novas letras, ligeiramente curvas. Procuraram-se, portanto, novos utensílios de escrita, encontrando-se nas finas tabuinhas de barro cozido e no tinteiro e pincel. O arqueólogo chama "ostracon" a essas tabuinhas escritas, às quais, em alguns casos, fazia companhia o material de escrita mais elegante da Antiguidade — o papiro. A narrativa de Wen-Amon mostra quanto era grande a procura desse artigo de exportação egípcio. O príncipe de Biblos recebeu 500 rolos de papiro como parte da compensação pelos cedros. Quinhentos rolos equivalem a 2.000 metros de superfície para escrever!

Na Palestina o clima é úmido no inverno por causa das chuvas. No clima úmido a escritura feita a tinta na pedra desaparece muito rapidamente e o papiro apodrece em pouco tempo. Por infelicidade para os arqueólogos, para os pesquisadores e para os historiadores, perderam-se assim para a posteridade quase todos os documentos e notícias de Canaã. Se os arqueólogos conseguiram uma presa tão compensadora no Egito, devem agradecê-lo unicamente à proximidade do deserto e ao clima extraordinariamente seco.

CAPITULO 2

SALOMÃO, REI DO COBRE

Expedição ao gôlfo de Akaba. — Minério de ferro e malaquita. — Glueck descobre Asiongaber. — As tempestades do deserto serviam de foles. — A Pittsburgo do antigo Israel. — Estaleiros no Mar Vermelho. — Hirã forneceu a madeira para a construção. — Capitães de navio de Tiro. — Ofir, a terra misteriosa. — Um retrato egípcio da rainha de Punt. — Os pesquisadores norte-americanos compram um "tell". — Escavação modelo em Magedo. — Jezrael, planície do destino. — Grandes cavaliças reais com 450 baías.

Ora o rei Salomão reinava sobre todo o Israel (III Reis 4-1) e Salomão tinha quarenta mil manjedouras de cavalos para as carroças de guerra, e doze mil cavalos de montar (III Reis 4-26).

E construiu... tôdas as cidades dos celeiros⁽¹⁾ e as cidades dos carros, e as cidades da gente de cavalo... (III Reis 9-19).

Equipou também o rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Aliat... e foram a Ofir... (III Reis 9-26 e 28).

Todos os vasos, por onde bebia o rei Salomão, eram de ouro... pois de prata não se fazia aprêço algum no tempo de Salomão. Pois a frota do rei trazia... ouro e prata, e dentes de elefante e bugios, e pavões (III Reis 10-21 e 22).

A casa, porém, que Salomão edificou em honra do senhor... era tôda coberta de ouro... (III Reis 6-2 e 22).

Do Egito... eram trazidos cavalos para Salomão e tôda a sorte de mercadorias... e levavam os cavalos, por sua mão, a todos os reis dos Heteus e da Síria (III Reis 10-28, 29).

E o pêso de ouro, que era levado a Salomão todos os anos, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro (III Reis 10-14).

Isto não parece inteiramente fabuloso?

Um homem de quem tanto se fala terá dificuldade em não tender à jactância, mesmo que seja um rei. E o cronista que tais coisas escreve adquire facilmente fama de fanfarrão. É verdade que existem fábulas

(1) Aqui há grande discrepância na tradução da Vulgata. Segui a citação alemã. Em algumas das citações seguintes tive de adaptar a redação, sem, naturalmente, desvirtuar o sentido, para conformá-las com os fragmentos citados. Adotei a tradução da Vulgata por ser a aprovada pela Igreja Católica no Brasil católico e por conter todos os livros referidos na obra, entre eles os dos Macabeus, excluídos das Biblias protestantes. (N. do Trad.)

na Bíblia, puras fábulas como a história do feiticeiro Balaão e a jumenta falante (Núm. 22), a história de Jonas, que foi engolido por um grande peixe (Jonas 2), ou a história de Sansão, a quem dava força a cabelos longos (Juizes 13 a 16). Mas a mais fabulosa de todas as histórias não é fábula.

Os arqueólogos atacaram com as pás a credibilidade das histórias de Salomão, e eis que Salomão se tornou o seu argumento mais sólido em favor da veracidade da Bíblia.



Fig. 32: A vida num harém. Salomão "teve setecentas mulheres..." (III Reis 11-3).

Se despirmos a "lenda" do rei Salomão de seus atavios, fica um esqueleto de frios fatos históricos. Essa foi uma das descobertas mais sensacionais de poucos anos atrás. Só em 1937 uma grande quantidade de achados surpreendentes feitos por duas expedições americanas trouxeram a prova do conteúdo verdadeiro desta narrativa bíblica.

Uma caravana de camelos deixou Jerusalém bem provida dos mais modernos instrumentos de pesquisa arqueológica, de perfuratrizes, pás e picaretas e acompanhada de geólogos, historiadores, arquitetos, escavadores e fotógrafos, hoje tornados indispensáveis em todas as expedições modernas. O chefe era Nélson Glueck, membro, como todos os outros, das famosas *American Schools of Oriental Research*.

Não tardou que os montes pardos de Judá ficassem para trás. Atravessando o deserto do Negueb, prosseguiram para o sul. E então a caravana chegou ao "wadi el-araba", o "vale do deserto". Os homens sentiram-se transportados de repente a uma paisagem primitiva onde forças titânicas das profundezas deixaram suas marcas quando transformaram a terra nesse lugar. O "vale do deserto" faz parte da fenda prodigiosa que começa na Ásia Menor e só termina na África.

Os pesquisadores prestaram seu tributo de admiração ao majestoso cenário e voltaram a atenção para a tarefa que os esperava. Observaram atentamente as escarpas rochosas em redor. Segundo a posição do sol mudavam as côres e a gradação das sombras das rochas, das quais foram tiradas amostras aqui e além. Seu exame revelou tratar-se de escuro e argiloso feldspato, mica branco-prateada e, nos lugares onde a rocha apresentava um colorido negro avermelhado, minério de ferro e um mineral verde — malaquita!

Por tôda a parte, no extenso vale, os pesquisadores norte-americanos notaram a presença de minérios de ferro e de cobre. Onde as amostras de rocha apresentavam conteúdo de minério, havia também galerias abertas no rochedo, vestígios de minas há muito abandonadas.

Por fim, a caravana chegou à margem do Gôlfo. Por mais convidativas que fôssem as casas brancas de Akaba, a *Aliat* da Bíblia, sob o sol ofuscante, por mais sedutor que se lhes apresentasse o tumulto da cidade portuária, com seus costumes orientais, os pesquisadores voltaram as costas a essa encruzilhada de três mundos⁽¹⁾. Porque o seu destino era o "Tell el-Kheleifh". Essa colina solitária, que parecia ser apenas um amontoado de escombros, erguia-se mais para o interior, na planície sem sombras.

Alguns golpes de escavadeira dados com cuidado levaram a investigação a um resultado rápido e um êxito imprevisto. Saíram à luz anzóis; eram de cobre. Depois tijolos, restos de muros. Alguns torrões endurecidos perto do *tell* apresentavam vestígios verdes. Era escória. Por tôda a parte os homens encontraram grés com a côr verde característica...

A noite na tenda Glueck examinava mentalmente os resultados do trabalho. Não havia, a bem dizer, coisa alguma que valesse a pena. Mas a verdade é que tôda a Transjordânia estava incluída no programa. Em Edom, Moab, Amon, até Damasco mesmo, Glueck seguiria investigando em busca de testemunhos do passado. Folheando as notas, ficou pensativo. Minério de ferro e malaquita no Araba... e ali, no monte de entulho em frente da sua tenda, restos de muros, escória e anzóis de cobre... e tudo isso bem perto do Gôlfo, que na Bíblia era designado por "*Mar dos Juncos*". Meditativo, Glueck procurou a passagem da Bíblia que mencionava o Mar dos Juncos em relação com um grande rei: "*Equipou também o rei Salomão na frota em Asiongaber, que é perto de Aliat, na praia do Mar dos Juncos, na terra da Iduméia* (III Reis 9-26). Edom, nos tempos bíblicos, estendia-se até ao Gôlfo do Mar Vermelho. Não seria aquele *tell*...?"

Ainda era noite quando Glueck chamou os seus colaboradores para uma conferência, na qual planejaram para o dia seguinte uma investigação metódica do Tell el-Kheleifh. Abrindo poços de exploração encontraram novamente muros em vários lugares. Embaixo d'esses muros era terra virgem. Os fragmentos de cerâmica achados proporcionaram um ponto de referência para deduzir a época em que êsses muros foram

(1) África, Arábia e Palestina-Síria.

construídos. Datavam das décadas do reinado de Salomão, isto é, do ano 1000 a. C., aproximadamente.

A premência de tempo obrigou Glueck a interromper os trabalhos. Aquela expedição tinha outras missões. Portanto, nos anos seguintes os americanos prosseguiram nas escavações, em três campanhas, que terminaram em 1940 e confirmaram as suposições de Glueck. Segundo se evidenciou, as primeiras ruínas descobertas eram de antigas habitações de trabalhadores. Apareceram mais muralhas circundantes do tipo casamata, a forma de construção inconfundível dos primeiros tempos da Idade do Ferro. Depois desenterraram-se os restos de um extenso povoado. As coisas mais interessantes encontradas foram fôrmas e grande quantidade de escória de cobre.

Fôrmas e escória de cobre no meio da planície torrada pelo sol?

Glueck procurou uma explicação para êsse fato singular. Porque motivo as usinas se encontravam na região das tempestades de areia, que sopravam do norte quase ininterruptamente através do Vale do Deserto? Por que não foram construídas a algumas centenas de metros mais adiante, ao abrigo das colinas, onde corriam também as fontes de água doce? Só no último período das escavações êle obteve uma resposta a estas perguntas.

No meio duma muralha retangular circundante surgiu uma vasta construção. A côr verde das paredes deixava perceber facilmente que se tratava dum forno de fundição. As paredes de tijolo apresentavam duas fileiras de buracos. Eram condutos de fumaça, um sistema bem estudado de canais de ventilação que atravessavam a instalação. O todo era um forno de fundição moderníssimo, construído segundo um princípio que, conhecido por sistema Bessemer, fêz sua reaparição na nossa indústria um século atrás. Os condutos de fumaça e os canais de ventilação eram orientados exatamente na direção norte-sul. Portanto, os eternos ventos e tempestades do Wadi el-araba deviam assumir o papel de foles. Isso foi há três mil anos; hoje se injeta o ar por meio de pressão para dentro desses fornos.

Só uma questão escapa até hoje a toda a solução: Como se purificava o cobre antiquíssima instalação? Nesse ponto, os peritos do nosso tempo encontram-se diante dum enigma.

Ainda ali se encontram cadinhos de barro; alguns chegam a ter 14 pés cúbicos de capacidade. Nas encostas em redor vêem-se numerosos buracos abertos na rocha: entradas para as galerias. Pedacos de sulfato de cobre lembram as mãos ativas que milhares de anos atrás labutaram nessas minas. Graças às extensas excursões que os membros da Expedição fizeram pelos arredores, foram descobertas também no deserto de Araba numerosas minas de cobre e ferro.

Por fim, Nélson Glueck descobriu, no muro tipo casamata da colina de escombros, o assentamento duma sólida porta com entrada triplicemente segurada. Então não teve mais dúvida: o Tell el-Kheileifh fôra noutro tempo Asiongaber, a cidade portuária de Salomão, desaparecida



Fig. 33: Base de bronze (bacia) do templo de Salomão (III Reis 7-27 e seg., II Paral. 4-6), (Reconstrução).

e há tanto procurada: *“Equipou também o rei Salomão uma frota em Asiongaber, que é perto de Aliat...”*

Asiongaber, entretanto, não era apenas uma cidade portuária. Nos seus estaleiros construíam-se os navios para viagens a grandes distâncias. Mas Asiongaber era sobretudo o centro da indústria do cobre. Em parte nenhuma do “Fértil Crescente”, nem na Babilônia ou no Egito, se encontrou um alto forno assim. Asiongaber dispunha, pois, da maior fundição do Antigo Oriente. Ela produzia o metal para os objetos do culto do templo de Jerusalém — para o “altar de bronze”, para o “mar de fundição”, como foi chamada uma enorme pia de cobre, para as “dez bases de bronze”, e para os “caldeirões e panelas e taças” e para as duas altas colunas “Jaquim e Booz” destinadas ao pórtico do templo (III Reis 7-15 e seg.; II Par. 4). *“O rei mandou-os fundir nos campos do Jordão numa terra argilosa...”* (III Reis 7-46).

O entusiasmo de Glueck pelos extraordinários achados transparece no relatório oficial em que sumariou os resultados das explorações no Golfo de Akaba.

"Asiongaber foi planejada de antemão e construída com notável habilidade arquitetônica e técnica. Na realidade, toda a cidade de Asiongaber era praticamente, se considerarmos a terra e a época em que existiu, um extraordinário centro industrial, sem paralelo no seu tipo em toda a história do Antigo Oriente. Asiongaber era a Pittsburgh da antiga Palestina e, ao mesmo tempo, o seu porto mais importante."

O rei Salomão, que Glueck designa como "o grande rei do cobre", devia ser dos exportadores de cobre mais importantes do mundo antigo. Pesquisas realizadas em outros lugares completaram o quadro da economia da Palestina no tempo do rei Salomão. Ao sul da cidade filistéia de Gaza, no "Wadi ghazze", Flinders Petrie desenterrou instalações de usinas de ferro. Os fornos de fundição são parecidos com os do Tell el-Kheleifh, somente menores. Já Davi havia disputado aos filisteus o monopólio do ferro e, com a vitória que obteve sobre eles, arrebatou-lhes a fórmula da fundição. Sob Salomão as jazidas de minério e cobre foram exploradas e usadas em grande escala.

"Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa.... terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes se tiram os metais de cobre" (Deut. 8-7 e 9), diz Moisés na minuciosa descrição que faz da terra prometida aos filhos de Israel. Cobre e ferro na Palestina? Até os cientistas duvidavam, ainda há poucos anos, que existisse ou pudesse ter existido semelhante coisa na Palestina. Os mais recentes comentários da Bíblia ainda evitam intencionalmente esta passagem, que não sabem como explicar. Foi preciso o trabalho dos arqueólogos para nos dar a prova de quanto é verdadeira também esta referência da Bíblia e acrescentar à representação tradicional da antiga Palestina o novo fator de um espantoso desenvolvimento industrial!

Salomão era um soberano extremamente progressista. Ele possuía a arte verdadeiramente genial de atrair para o seu serviço peritos e especialistas estrangeiros. Está aí o segredo do desenvolvimento súbito e rápido, de outro modo dificilmente explicável, que transformou o estado rústico e simples de seu pai Davi numa potência econômica de primeira grandeza. Aí se encontra também a fonte de riquezas de que fala a Bíblia. Salomão mandou vir também técnicos de fundição da Fenícia. Confiou a Hirã, artista de Tiro, a fundição dos objetos de culto (III Reis 7-13, 14). Em Asiongaber fundou uma importante empresa marítima comercial. Os filhos de Israel nunca tinham ido para o mar e não entendiam nada de construção de navios. Os fenícios, entretanto, dispunham de uma prática e uma experiência de muitos séculos. Salomão mandou vir de Tiro os especialistas em construções navais e também os marinheiros: *"E Hirã ⁽¹⁾ mandou nesta frota alguns dos seus servos, homens marinheiros, entendidos em náutica..."* (III Reis 9-27).

A construção do porto do Mar Vermelho é, com efeito, também mencionada em fontes fenícias. O sacerdote Sanchuniathon escreveu sobre

(1) O rei de Tiro.

o acôrdo. Hirã de Tiro ofereceu-se para "fornecer material de construção para um novo palácio ao príncipe judeu, se este lhe cedesse um pôrto no Mar Etiópico" e o príncipe judeu "deu-lhe a cidade e o pôrto de Eilotha" (1). O rei Salomão mandou construir um palácio para si, a sua famosa "casa do bosque do Libano" (III Reis 7-1 e seg.), "...mandando Hirã, rei de Tiro, a Salomão madeira de cedro e de faia, e o ouro, tudo quanto havia mister" (III Reis 9-10). A informação bíblica torna-se extremamente clara quando completada com a seguinte referência do mesmo Sanchuniathon à construção dos navios:

"Embora nas proximidades dêsse lugar houvesse grandes bosques de palmeiras, não havia, porém, madeira de construção, e Joram (2) mandou lá 8.000 camelos buscarem a madeira. Com essa madeira foi construída uma frota de 10 navios." Até os nomes dos capitães fenícios que receberam o comando da frota são conhecidos de Sanchuniathon. Os "homens marinheiros" chamavam-se Kedarus, Jaminus e Kotilus.

Asiongaber tornou-se o bem equipado e bem fortificado pôrto de saída para o novo comércio distante. De Asiongaber partiam os navios para viagens misteriosas a costas longínquas e desconhecidas. Ofir?... onde ficava a fabulosa terra de Ofir, o "armazém" aonde o Antigo Oriente ia buscar as suas coisas mais caras e preciosas?

Ofir tem dado motivo a muitas disputas entre os sábios. Repetidamente se acreditou tê-la encontrado. No ano de 1864 o alemão Carl Mauch encontrou na fronteira do sul da Rodésia com Moçambique, África Oriental, as ruínas duma cidade e templo. Quinze anos depois o bôer Steinberg pôs a descoberto, alguns quilômetros ao sul dali, vestígios de minas duma época anterior a Cristo, as quais deviam ter relação com essa cidade. Dizia-se que as amostras de rocha revelaram terem sido extraídos ouro e prata nesse lugar. Em 1910 o famoso africanista alemão Dr. Karl Peters fotografou nesses lugares exemplares de artes plásticas em que os peritos que os examinaram declararam ver um estilo estrangeiro, isto é, fenício.

Até hoje, entretanto, a terra misteriosa de Ofir tem iludido os investigadores. Diversos pontos de referência, contudo, parecem indicar ter sido na África Oriental. Pesquisadores como o Prof. Albright supõem que se encontrava na Somália. Isso concordaria inteiramente com a duração das viagens indicada na Bíblia.

"Pois a frota do rei Salomão ia por mar... uma vez cada três anos..." (III Reis 10-22). "A frota", conjectura Albright, "poderia fazer-se à vela em Asiongaber nos meses de novembro ou dezembro do primeiro ano. Voltaria em maio ou junho do terceiro ano, dêsse modo evitando, tanto quanto possível, o calor do verão. Assim considerada, a viagem não tinha que demorar mais de ano e meio". As mercadorias transportadas, como "ouro, prata, dentes de elefante e bugios" (III Reis 10-22), indicam claramente procedência africana.

(1) Isto é, Aliat.

(2) Hirã.

Os egípcios mostravam estar perfeitamente familiarizados com uma terra chamada "Punt", que bem poderia ser Ofir. E deviam ter visto esse lugar com os próprios olhos. De que outro modo poderiam ter surgido os expressivos quadros de "Punt" que ornaram as paredes do templo de terraços de Deir el-Bahri? Esse templo, situado na parte ocidental de Tebas, é ornado por maravilhosos relevos coloridos que realçam a figura de uma dama de pele escura — a rainha de Punt — e seu cortejo. Como sempre, os egípcios neste caso dedicaram carinhoso cuidado a todos os detalhes — trajes, cabanas redondas, animais e plantas. O observador obtém assim uma imagem sugestiva da fabulosa Ofir.

Os textos que acompanham as imagens falam duma sensacional expedição a Punt, organizada por uma mulher cerca do ano 1500 a. C. Ocupava o trono dos faraós, juntamente com Tutmés III, a célebre Rainha Hatchepsut, "a primeira grande mulher da história", como a chamou o egiptólogo Breasted. Obedecendo a um oráculo do deus Amon, que ordenava a exploração do caminho de Punt e o restabelecimento do comércio com a costa do Mar Vermelho, interrompido pelas guerras dos hicsos, no nono ano de seu reinado a rainha expediu uma frota para buscar árvores de mirra. Saiu do Nilo para o Mar Vermelho por um canal a leste do Delta e "arribou felizmente a Punt", onde trocou mercadorias do país do Nilo por opulentos tesouros que consistiam em árvores de mirra, madeira de ébano, ouro e toda a sorte de madeiras aromáticas e outras coisas exóticas, como sândalo, couros de pantera e macacos.

Um espetáculo nunca visto se ofereceu aos olhos dos tebanos quando, após o regresso feliz, o singular cortejo da gente escura de Punt seguiu para o palácio da rainha com os estranhos produtos de seu país. "Eu fiz para ele um Punt em seus jardins, como ele me ordenara...", exultou Hatchepsut diante das árvores de mirra plantadas nos terraços do templo. Os arqueólogos encontraram restos ressequidos de raízes de mirra na ardente areia amarela em frente do templo de Deir el-Bahri.



Fig. 34: Volta dum navio da Rainha Hatchepsut de Punt (Ofir) com mirra e macacos a bordo.



As "colunas do Rei Salomão" em Asiongaber, centro da indústria de cobre do Antigo Oriente, no Golfo de Akaba.



Extração de cobre, depois de três mil anos, nas minas do Rei Salomão ao Mar Vermelho.



Vista das escavações modelares no Tell el-Mutesellim. Os trabalhadores, dispostos em cadeia, sobem as cestas cheias de escombros. Eles se encontram (de cima para baixo) em ruínas dos períodos persa, babilônio, assírio e israelita. No estrato IV foram descobertos os estábulos e as cocheiras reais e o palácio construído para o governador "Bana... de Magedo" (III Reis 4-12).

Como os tebanos, os homens e mulheres de Israel, postados no cais de Asiongaber, devem ter olhado maravilhados quando a frota de seu rei Salomão regressou da distante Ofir e descarregou no pôrto seu frete de *“madeira de sândalo e pedras preciosas, ouro, prata, dentes de elefante, bugios e pavões reais”* (III Reis 10-22, 11).

Normalmente os trabalhos arqueológicos somente podem ser empreendidos quando há permissão do proprietário da terra ou do govêrno do país para fazer escavações. Essa permissão nem sempre é fácil de obter, sem falar de que no decorrer dos trabalhos o explorador pode ver a sua vida dificultada por protestos ou limitações de tóda a sorte. Em 1925 os americanos usaram dum recurso extraordinário a fim de poderem trabalhar a seu bel-prazer sem que ninguém os molestasse. Compraram simplesmente tóda a colina chamada Tell el-Mutesellim, situada na planície de Jezrael, a noventa proprietários nativos — lavradores e pastôres. Porque o Instituto Oriental da Universidade de Chicago tinha em vista realizar escavações modêlo em todo o Oriente Próximo, as escavações mais amplas e minuciosas já efetuadas na Palestina.

O Tell el-Mutesellim cobre o local da bíblica Magedo. Essa descoberta baseava-se nas primeiras grandes escavações levadas a efeito aí, nos anos de 1903 a 1905, pela Sociedade Alemã do Oriente, sob a direção do Dr. J. Schumacher.

O Tell el-Mutesellim é um pequeno planalto encravado num cenário natural inigualável. Dêsse planalto tem-se a impressão de descortinar um grande lago verde, tão vasta é a planície, o *“Vale de Jezrael”* (Jos. 17-16), onde se alternam o verde das pastagens alagadas e os luxuriantes campos cultivados. Bandos de grou e cegonhas povoam êsse lugar. Onde cessa a planície ergue-se acima da costa do Mediterrâneo a corcova matosa do Monte Carmelo. Ao norte elevam-se os montes de Galiléia, de um azul pálido, com a pequena aldeia de Nazaré, e lá longe, à direita, o cume obscuro do Monte Tabor intercepta a visão do profundo vale do Jordão.

Nada indica naquele triângulo fértil, de aspecto tão aprazível, cercado pelas ondulações suaves das montanhas, que durante muitos milênios foi teatro de combates formidáveis e de decisões históricas de tremenda importância.

Pelo ano de 1500 a. C. o Faraó Tutmés III, montado num *“carro de ouro”* penetrou com suas tropas, por uma garganta, na planície e derrotou os cananeus, que, aterrados, fugiram desordenadamente para Magedo. Na mesma planície os israelitas, animados pela heróica Juíza Débora, derrotaram os corpos de carros de guerra cananeus; Gedeão surpreendeu os salteadores madianitas montados em camelos; o rei Saul perdeu a batalha com os filisteus; morreu por volta de 600 a. C. o rei judeu Josias, que se arrojou, com os seus, contra as forças superiores dos egípcios comandados pelo Faraó Neco. As ruínas ainda dão testemunho da existência do castelo franco Faba, dominado pelos cavaleiros de São João e pelos Templários no tempo das Cruzadas, até que

Saladino, após uma grande batalha, os expulsou dessa região. Em 16 de abril de 1799 combateram ali franceses e turcos. Com 1.500 homens apenas, o general francês Kleber manteve em cheque 25.000 homens do exército adversário. Os franceses combateram heróicamente desde o nascer do sol até ao meio-dia. E então ocorreu em seu auxílio uma tropa de 600 cavaleiros. O oficial que comandava essa cavalaria chamava-se Napoleão Bonaparte. A tardinha, depois de ganhar a "Batalha do Tabor", Napoleão subiu os montes de Galiléia e foi jantar em Nazaré. Pela garganta usada por Tutmés III entrou em 1918 a cavalaria britânica comandada por Lord Allenby, derrotando o exército turco acampado na planície.

De todos estes acontecimentos foi muda testemunha o Tell el-Mutesellim, que na primavera de 1925 Clarence S. Fischer atacou com sua escavação modelo.

A colina foi literalmente cortada em fatias, centímetro por centímetro, qual uma torta... se bem que em sentido horizontal. Calidoscopicamente os séculos foram sendo desvendados. Cada camada levantada constituía um capítulo do livro da História Universal do século IX ao século X a. C.

Das quatro camadas superiores o Estrato I ⁽¹⁾ continha ruínas do domínio persa e babilônio. O rei persa Ciro destruiu, em 539 a. C., a grande potência de Babilônia. (Meio século antes, em 597 a. C., o rei Nabucodonosor de Babilônia havia conquistado a Síria e a Palestina). Dêse tempo conservaram-se os muros extraordinariamente maciços dum palácio. O Estrato II oferecia como testemunho do domínio assírio ruínas de palácios do século VIII a. C. Teglatfalazar III submeteu a Palestina em 733 a. C. O Estrato III e o Estrato IV representam a época israelita. Notáveis são dois selos encontrados, dos quais um apresenta a seguinte inscrição: "Shema, servo de Jeroboão". Jeroboão foi o primeiro rei de Israel no reino dividido — de 926 a 907 a. C. Uma pedra conserva outro nome conhecido: Chechonk I, faraó do Egito. A Bíblia chama-o *faraó Sesac*. No ano 5.^o do reinado de Jeroboão, isto é, em 922 a. C., êsse faraó atacou a Palestina.

Trabalhando ativamente durante quase dez anos, os escavadores chegaram por fim às camadas do tempo do rei Salomão, que fechou os olhos para sempre quatro anos antes da invasão de Chechonk, em 926 a. C. O fundo do Estrato IV trouxe para os arqueólogos Gordon Loud e P. L. O. Guy e para a posteridade surpresas sensacionais do tempo do rei Salomão.

Durante a vida de Salomão introduziu-se um novo processo na construção de edifícios, muralhas, etc. Ao contrário do que se fazia até então, começaram a ser empregadas pedras talhadas, lisas, nas quinas dos edifícios e, a intervalos, no resto da construção. Na parte mais baixa do Estrato IV foram postas a descoberto ruínas duma residência que apresenta essas características. São circundadas por um muro qua-

(1) O arqueólogo designa por "estrato" cada camada considerada isoladamente.

drangular cujos lados medem 60 metros. Como proteção adicional, na majestosa porta de entrada havia três pares de colunas muito juntas. Em Asiongaber e Laquis os investigadores encontraram as portas de acesso à cidade também fortificadas dêsse modo. O edifício de grossas paredes desenterrado ao mesmo tempo, verificou-se, era um depósito de provisões, um dos *"celeiros que tinha Salomão..."* (III Reis 9-19). Depósitos dessa espécie foram encontrados também em Betsan e Laquis. Magedo era a sede da administração do 5.º distrito de Israel sob Salomão. Residia no Palácio em nome de Salomão e era responsável pela entrega dos impostos e produtos naturais ao *"celeiro"* *"Bana, filho de Ailud... intendente de Tanac e de Magedo..."* (III Reis 4-12).

Por magníficos que fôsem êsses achados, não constituíam sensação. O sensacional jazia ainda intacto no fundo do Tell el-Mutesellim, como se a velha colina houvesse reservado o melhor para o fim. No decorrer da escavação começaram a aparecer nas bordas do tell, com o afastamento do entulho, superfícies de pedra quadrangulares, em longas fileiras sucessivas.

Loud e Guy a princípio não puderam fazer uma idéia do que poderia ter sido aquilo. As extraordinárias superfícies pareciam não ter fim, surgindo interminavelmente do entulho. Então ocorreu a Guy que poderiam ser restos de cavaliças. Não falava a Bíblia sobre inúmeros cavalos do rei Salomão?

Na enfadonha monotonia da escavação através dos anos, no labor de demolir, separar, peneirar e ordenar cada fragmento digno de atenção, a hipótese de Guy deu súbitamente um novo impulso aos trabalhos, que se comunicou até aos próprios trabalhadores.

A cada nova construção que aparecia aumentava o assombro dos pesquisadores. Havia sempre vários grandes estábulos agrupados em volta de um pátio pavimentado de argamassa de cal, pisada. Pelo meio de cada estábulo passava um corredor de três metros de largura. O rebôco áspero impedia os cavalos de escorregarem. Dos dois lados atrás dos marcos de pedra havia espaçosas baias, cada uma das quais media exatamente três metros de largura. Em muitas havia ainda restos das manjedouras e se distinguiam partes das calhas de água. Até sob o ponto de vista atual seriam estábulos de luxo. A julgar pelos cuidados extraordinários empregados na sua construção e disposição, os cavalos deviam ser muito apreciados nessa época. De qualquer modo, os cavalos eram mais bem tratados do que os homens.

Depois que foi pôsto a descoberto todo o conjunto, Guy contou baias para 450 cavalos, no mínimo, e cocheiras para 150 carros. Uma cavaliça gigantesca *"Tal é a soma das despesas que fez Salomão para edificar... os muros de Jerusalém, e Hesar, e Magedo"* (III Reis 9-15). *"E juntou Salomão um grande número de carros e de cavaleiros, e teve mil e quatrocentos carros, e doze mil cavaleiros; distribuiu-os pelas cidades dos carros"* (1) (III Reis 10-26). Em vista das dimensões dos está-

(1) Na Vulgata "cidades fortificadas" (N. do Trad.)

bulos de Magedo e das cavalaria e cocheiras de construção similar que foram encontradas no Tell el-Hesi (1), Heser, Tanac e Magedo e também em Jerusalém, as indicações da Bíblia não devem considerar-se exageradas. Os impressionantes resultados das escavações dão uma idéia precisa da grande escala de coisas a que o antigo Israel estava acostumado no período em que foi um grande reino.

Magedo era, afinal de contas, apenas uma das muitas guarnições dos novos corpos de carros de guerra organizados por Salomão e que faziam parte do exército permanente do rei.

Num dos antiqüíssimos estábulos profundamente encravados na rocha, sob os altos muros de Jerusalém, perto de dois mil anos depois do rei Salomão os cruzados acomodaram os seus cavalos após a conquista da Cidade Santa por Godofredo de Bouillon.

No tempo de Salomão os cavalos de batalha e os carros de combate eram também importantes artigos de comércio. Israel possuía um verdadeiro monopólio desses artigos (III Reis 10-28, 29).

Todos os importantes caminhos das caravanas entre o Egito e Síria-Ásia Menor passavam pelo reino de Salomão. O Egito era o principal exportador de carros de combate..." *"...e os mercadores do rei compravam as mercadorias e traziam-nas do Egito, cada carro por seiscentas peças de prata..."* (2). Os carpinteiros de carroças egípcios eram mestres inigualáveis na construção de rápidos carros de duas rodas para combate e para a caça. A madeira dura necessária para eles tinha de ser importada da Síria. Compreende-se, pois, que fôsem caros. Segundo os dados da Bíblia, um carro valia quatro cavalos (III Reis 10-29).

Os cavalos vinham do Egito e de "Coa", segundo informa outra passagem. "Coa" era o nome dum país da Cilícia, nas férteis planícies



Fig. 35: "... uma quadriga trazida do Egito custava-lhe seiscentos siclos de prata..." (III Reis 10-29).

(1) Isto é, Eglon.

(2) A passagem correspondente da Vulgata é inaproveitável. (N. do Trad.)

entre as montanhas do Tauro e o Mediterrâneo. Depois da destruição do reino dos mitanitas pelos hititas, a Cilícia tornou-se a terra dos criadores de cavalos, o *haras* do Mundo Antigo. Heródoto refere que, mais tarde, também os persas iam buscar na Cilícia os melhores cavalos para o serviço de correio em seu grande império.

No norte eram sócios comerciais de Israel os “*reis da Síria e dos Heteus*” (III Reis 10-29). Também isto é historicamente exato. É verdade que o reino dos hititas tinha há muito se extinguido no tempo de Salomão, mas haviam surgido posteriormente alguns pequenos países sucessores. Um desses foi descoberto em 1945 pelo professor alemão H. Th. Bossart: o castelo real nas florestas do monte Karatepe, não longe de Adana, no sueste da Turquia. Seu construtor, Asitawanda, foi um daqueles “*reis dos Heteus*” no século IX a. C.

CAPÍTULO 3

A RAINHA DE SABÁ NEGOCIA COM SALOMÃO

"Felix Arabia", terra misteriosa. — A trágica expedição de 10.000 romanos. — Exportador n.º 1 de especiarias. — A primeira notícia de Marib. — A perigosa aventura de Halévy e Glaser. — Quando se rompeu a grande represa. — Uma expedição norte-americana ao lêmén. — No templo da Lua em Sabá. — Camelos, os novos meios de transporte para grandes distâncias. — Conversações com Salomão para tratar de negócios de exportação.

A rainha de Sabá, tendo também ouvido falar da fama de Salomão, foi a Jerusalém... levando consigo grandes riquezas e camelos, que iam carregados de aromas e de grande quantidade de ouro e de pedras preciosas (II Par. 9-1).

Desde milênios partiam da "Arábia Feliz" para o norte caravanas carregadas de preciosas mercadorias; no Egito, na Grécia, no Império Romano, eram bem conhecidas. Com elas iam histórias sobre cidades fabulosas e túmulos cheios de ouro... histórias que se conservavam vivas, obstinadamente, através dos séculos. O imperador romano Augusto⁽¹⁾ quis certificar-se das coisas de que os camelos se gabavam a respeito de sua pátria distante. Incumbiu Aelius Gallus da missão de ir ao sul da Arábia verificar no local o que havia de verdade nas fabulosas narrativas. Gallus partiu do Egito para o sul, com um exército de 10.000 guerreiros romanos, acompanhando a costa deserta do Mar Vermelho. Seu objetivo era Marib, a lendária metrópole. Nunca lá chegaria. Porque no calor impiedoso do deserto, em numerosos combates com tribos selvagens, dizimada por doenças traiçoeiras, a gigantesca força expedicionária foi aniquilada. Os poucos sobreviventes que voltaram à pátria não puderam acrescentar nenhum dado positivo às histórias lendárias sobre a "Felix Arabia".

"Na Arábia Feliz", escreve no ano 90 da nossa era o grego Dionísio, "respiras sempre os doces perfumes de aromas deliciosos, quer de incenso quer da maravilhosa mirra. Seus habitantes têm grandes rebanhos de ovelhas nos pastos e os pássaros de ilhas distantes levam para lá folhas de cinamomo."

(1) 63 a. C. a 14 da nossa era.

A Arábia Meridional era já no Mundo Antigo a maior exportadora de especiarias e assim continuou até hoje. Parecia, contudo, envolta num véu impenetrável de mistério. Nunca ninguém a tinha visto com os próprios olhos. A "Felix Arabia" permanecia um livro fechado com sete selos! O primeiro que nos tempos modernos se empenhou na perigosa aventura de procurá-la foi o alemão Carsten Niebuhr, que no século XVIII chefiou uma expedição dinamarquesa ao sul da Arábia. Mas também êle só conseguiu chegar a San'a. Cem quilômetros o separavam ainda das ruínas da cidade de Marib quando teve que voltar.

Os primeiros homens brancos que atingiram efetivamente a primitiva meta foram um francês, Halévy, e um austríaco, Glaser, há cerca de um século. Como nenhum estrangeiro, principalmente um europeu, podia transpor a fronteira do Iêmen e não era possível obter licença para isso, Halévy e Glaser empenharam-se em uma aventura perigosíssima. Fretaram um veleiro e, secretamente, disfarçados de beduínos, desembarcaram no golfo de Aden. Após mais de 300 quilômetros de penosas caminhadas por terras montanhosas e sem água, chegaram por fim a Marib. Profundamente impressionados com o que encontraram, esqueceram toda a prudência e começaram a percorrer as ruínas. Os nativos, desconfiados, aproximaram-se. Os dois exploradores sabiam que sua vida estaria em perigo se fôsem desmascarados. Fugiram dali, correndo a mais não poder. Após grandes e perigosos rodeios, chegaram finalmente a Aden. Sob os albornozes haviam escondido algumas cópias e impressões de inscrições e com elas puderam provar ao mundo que Marib existia realmente.

Mais tarde, mercadores de caravanas trouxeram novas inscrições e, no decorrer dos decênios a coleção foi aumentando até conter o respeitável número de 4.000 peças. Os sábios estudam e ordenam o material. A escrita é alfabética, portanto originária da Palestina. Inscrições votivas falam de divindades, tribos e cidades de milhões. E êstes são os nomes de quatro estados citados — os "reinos das especiarias": Minéia, Kataban, Hadramaut e... Sabá!

O reino minéico estava situado no norte do Iêmen e há notícias dêle até ao século XII a. C. Sobre seus vizinhos meridionais falam inscrições do século IX a. C. Documentos assírios do século VIII a. C. falam igualmente de Sabá e de um comércio intensivo com essa terra, cujos reis se chamavam "mukarrib", ou seja, "príncipes sacerdotes".

Pouco a pouco, pelos documentos descobertos, vai adquirindo forma a lendária Sabá.

Um gigantesco dique em Sabá represava o rio Adhanat, recolhendo também as águas das chuvas desde longe para utilizá-las nos sistemas de irrigação a que a terra devia a sua fertilidade. As ruínas dum muro de vinte metros de altura, restos dessa maravilha técnica, desafiavam ainda hoje as dunas do deserto. Assim como hoje a Holanda é o jardim das tulipas, Sabá foi noutro tempo o país das especiarias, toda ela um jardim florido, fabuloso, recendendo a todos os aromas mais deliciosos dêste mundo. E em seu centro estava situada a metrópole, Marib. Du-

rante um milênio e meio floresceu o jardim das especiarias em volta de Marib. Até 542 da nossa era... depois rompeu-se o dique. O deserto avançou irresistivelmente através da terra fértil e destruiu-a. "O povo de Sabá", diz o Alcorão, "tinha belos jardins onde florescia os mais deliciosos frutos!" Por fim, o povo se afastou de Deus e Ele o castigou fazendo com que o dique se rompesse. Depois disso cresceram somente frutos amargos nos jardins de Sabá.

No ano de 1928 os sábios alemães Carl Rathjens e H. von Wissmann desenterraram em San'a, que seu compatriota Niebuhr viu pela primeira vez, as bases dum templo. Foi um começo significativo, mas se passaria de novo quase um quarto de século antes que, no fim de 1951, a maior equipe de peritos até então organizada empreendesse uma viagem de exploração para decifrar o enigma arqueológico de Sabá. A *American Foundation for the Study of Man* (Fundação Americana para o Estudo do Homem) organizou a expedição com recursos financeiros extraordinariamente grandes. O organizador da viagem de exploração foi Wendell Phillips, paleontólogo da Universidade de Califórnia, homem de grande saber apesar de ter apenas 29 anos de idade. Após negociações extraordinariamente demoradas, conseguiu obter do rei Iman Achmed permissão para fazer explorações em Marib. Marib está situada na extremidade sul da Arábia, a uns 2.000 metros de altitude, nos contrafortes da cordilheira arábica que se ergue junto à costa do Mar Vermelho. Os exploradores partiram com grandes expectativas.

Através duma região montanhosa e deserta, sem estradas nem caminhos, rodava em direção ao norte uma longa coluna de jipes e caminhões, envolta numa nuvem de poeira. Fantasmagoricamente surgiram de súbito do amarelo cintilante das dunas gigantescas ruínas e colunas — Haram Bilquis! Era o antiquíssimo templo de Almaqah de Aum, um santuário envolto em lendas, em Marib, capital do antigo reino árabe de Sabá. Embora parcialmente coberto de dunas tão altas como casas, discerniam-se claramente os contornos do oval dedicado ao culto, com mais de 110 metros de comprimento. O santuário apresentava a mesma forma que as ruínas de Moçambique, na floresta primitivíssima da África Oriental, onde era procurada a bíblica Ofir. As plantas dos dois santuários condizem notavelmente!

Segundo uma inscrição existente na parede, Haram Bilquis era dedicado ao culto de Ilumquh, deus Lua masculino. Grandes massas de areia sepultaram o templo, situado no meio do oval. As pás começaram a trabalhar primeiro na entrada da parte reservada ao culto. Os pesquisadores tencionavam penetrar no templo por ali, aos poucos.

Com uma emoção compreensível, os exploradores puseram a descoberto sob o sol escaldante um portal de surpreendente magnificência e beleza. Largos degraus recobertos de bronze conduzião ao interior. O pátio interno era cercado por uma colunata. Pilares de cinco metros de altura sustentavam noutro tempo o teto que dava sombra. Flanqueado por colunas dos dois lados, por ali passava o caminho da procissão que conduzia ao santuário do deus Lua. Uma estranha decora-

ção aí existente provocou assombro. Noutro tempo deviam existir no pátio silencioso jogos de água de cinco metros de altura. A água, esguichando do alto, era recolhida por um canal estreito que serpeava através do pátio.

Que impressão não deviam sentir os peregrinos ao atravessarem os pátios de colunatas daquela magnífica construção da Arábia antiga, ouvindo o murmurar dos jogos de água cintilantes e bafejados pelo perfume inebriante de incenso e mirral!



Fig. 36: Em 1951 uma expedição norte-americana descobriu em Marib o templo da Lua do Reino de Sabá.

Tinham as turmas avançado apenas alguns metros para o interior, quando os pesquisadores viram diante de si o pórtico do templo, flanqueado por dois esguios pilonos... A escavação foi acelerada. Mas as intrigas que o governador de Marib vinha urdindo havia semanas atingiram um ponto crítico. Até a vida deles estava em perigo. Tiveram de fugir a tóda a pressa, deixando tudo como estava. Por sorte, entre as poucas coisas que conseguiram salvar quando fugiram para a cidade de Iêmen havia algumas fotografias.

Na próxima Hadramaut puderam levar a efeito, nos anos seguintes, três campanhas de escavação que foram coroadas de mais êxito.

Os resultados das explorações dessas quatro expedições, breves e, em parte, dramáticas, ainda não são conhecidos. Que foram completamente surpreendentes deixam-no entrever as seguintes observações do Prof. W. F. Albright: "Estão prestes a revolucionar os nossos conhecimentos sobre a história cultural e a cronologia da Arábia Meridional. Os resultados em aprêço demonstram a primazia política e cultural de Sabá nos primeiros séculos depois de 1000 a. C."

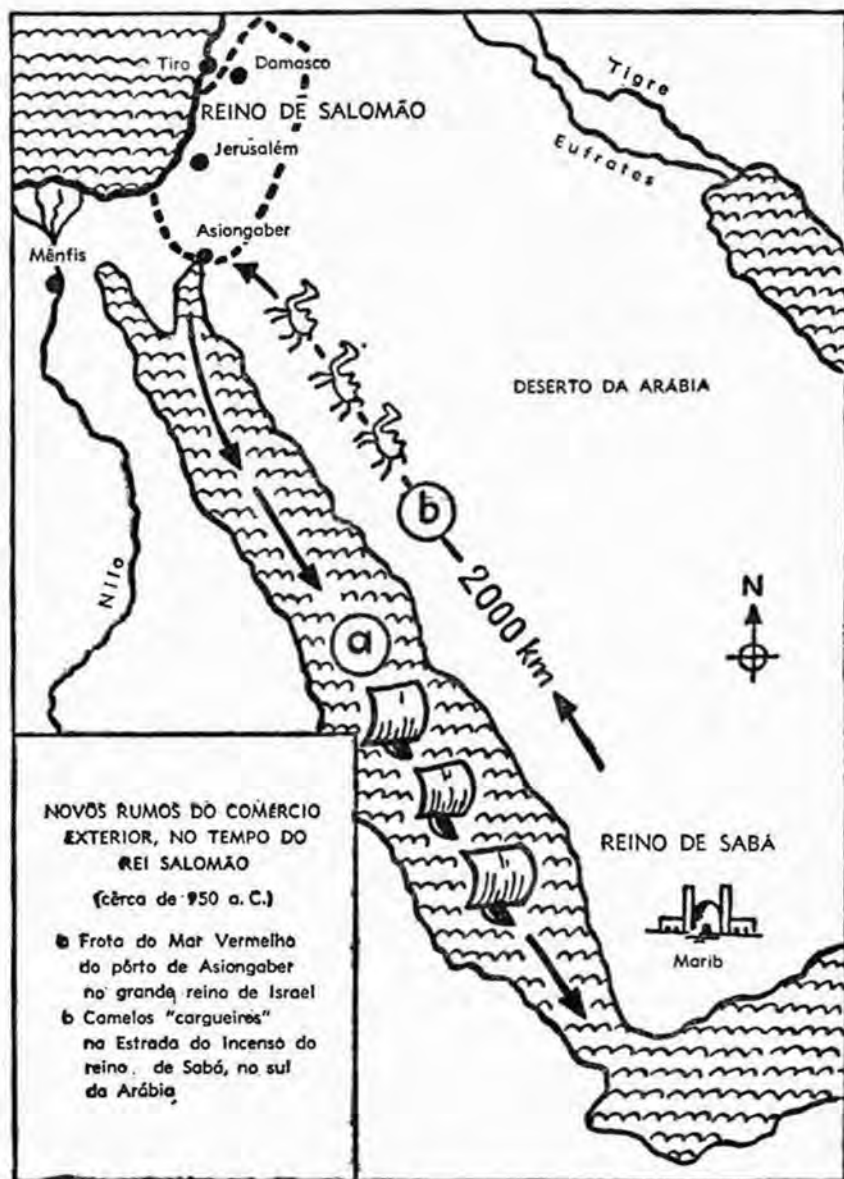


Fig. 37

Assim como se fizeram longas viagens de navio pelo Mar Vermelho à Arábia e à África no tempo do rei Salomão, começaram também a se fazer por terra longas viagens ao longo do Mar Vermelho através do mar de areia do Sul. Os novos transportes para longas distâncias eram os camelos, que não por acaso foram chamados os “navios do deserto”. Eles venciam por terra distâncias que antes pareciam impossíveis de percorrer. Com a domesticação e criação dos camelos começou pelo ano de 1000 a. C. um insuspeitado desenvolvimento do comércio e dos transportes através de vastas montanhas desertas. A Arábia Meridional, que por tanto tempo estivera numa distância quase nebulosa, aproximou-se de repente do Mediterrâneo, colocando-se em relação estreita com os outros reinos do mundo antigo. Assim como o advento dos aviões estratosféricos aproximou a América e a Europa com o serviço de transporte transoceânico, assim a Arábia Meridional se aproximou então, embora em escala diferente, do mundo antigo.

Em penosas e intermináveis viagens, mês após mês, percorrendo diariamente pequenas etapas, de aguada em aguada, com o perene perigo de ataques de bandidos... eis como eram transportadas antes as especiarias para o norte, gôta a gôta, em lombo de jumento, através dos 2.000 quilômetros de deserto, pela velha trilha do incenso. Com o novo transporte, porém, começou a fluir da “Felix Arabia” uma corrente maior de mercadorias. Os camelos eram mais rápidos, quase independentes dos bebedouros e, portanto, não estavam sujeitos aos morosos zigzagues das velhas estradas comerciais que iam de fonte em fonte. Além disso, eram dotados de maior “capacidade de carga”. O camelo podia levar um peso muitas vezes maior do que o jumento.

A estação terminal da estrada do incenso era Israel. Os agentes de Salomão, os “mercadores reais”, recebiam ali as preciosas mercadorias. Dêles dependia que as caravanas prosseguissem através do reino de Salomão para o Egito, a Fenícia e a Síria.

Não admira, pois, que “a fama de Salomão...” chegasse “até à rainha de Sabá...” (III Reis 10-1). Se lermos com êste conhecimento o Capítulo 10 do Livro Primeiro dos Reis, esta passagem da Bíblia deixa de ser uma simples “história piedosa” e a rainha de Sabá não terá mais nada de fabuloso. Além disso, tudo se torna cronologicamente certo e perfeitamente compreensível. “A rainha de Sabá... apresentou-se ao rei Salomão (em Jerusalém) e falou-lhe de tudo o que... tinha em seu coração” (III Reis 10-2). A rainha de Sabá devia ter incluído no seu programa muitas questões a tratar. O chefe dum país cujas exportações principais tinham de passar por Israel, obrigatoriamente, por motivos geográficos, devia ter, com efeito, muitas coisas a tratar com o rei dêste último. Atualmente nós designariámos um assunto semelhante mais concretamente por “negociações de natureza econômica” e enviariámos ao outro país peritos não coroados para tratar delas. E êsses peritos também levariam na bagagem diplomática presentes para cativar o chefe de Estado do país — como fêz a rainha de Sabá.

CAPÍTULO 4

SOBRE A PITORESCA VIDA COTIDIANA DE ISRAEL

Os filhos de Israel gostavam de enfeites. — Os segredos da "toilette" da Palestina. — Mirra e aloés para a alcova. — Jardins de bálsamo em Jericó. — Mastique, goma de mascar apreciada. — Os aromas de Canaã. — A cama foi inventada pelos egípcios. — Moinhos ruidosos.

Diante dos testemunhos que nos informam sobre a ostentação de luxo dos egípcios, babilônios e assírios, esquecemos a vida cotidiana de Israel, aparentemente insípida e monótona. É verdade que não há notícia de nenhum tesouro de ouro como em Tróia, que não houve lá um Tutancâmon nem uma encantadora Nefertiti, mas seria realmente a vida cotidiana de Israel tão apagada e sem brilho?

Israel amava as cores vistosas. Pintava os vestidos, as paredes das casas e... os rostos das mulheres. Já no tempo dos patriarcas amava a alegria das cores: *"Ora, Israel amava José mais que todos os seus filhos... e fez-lhe uma túnica de várias cores"* (Gên. 37-3). O quadro existente no túmulo de Beni Hasan mostra essa túnica com vistosos desenhos vermelhos e azuis. Vermelho e azul eram as cores das roupas dos homens, o verde parece que era reservado para as mulheres. Já no tempo da peregrinação pelo deserto se fala de *"púrpura azul, vermelha e escarlate"* (Êx. 25-4). *"Filhas de Israel, chorai sobre Saul, que vos vestia de escarlate..."* (II Reis 1-24), exclama Davi, cheio de dor, depois da morte do primeiro rei. Tamar, filha de Davi, *"estava vestida duma túnica talar, de várias cores, porque este era o traje que costumavam trazer as donzelas, filhas do rei"* (II Reis 13-18).

A natureza deu à terra de Canaã uma das mais soberbas paletas. Os filhos de Israel tinham apenas que escolher. A romã e o açafrão produziam um amarelo magnífico, a raiz de garança e o cártamo, um vermelho de fogo, o pastel, um azul celeste, havia ocre e sanguinho. E o mar fornecia o rei de todos os tintureiros, o caracol "Murex". Seu corpo mole e incolor transformava-se em púrpura à luz do sol. Essa era a sua fatalidade. Foram encontradas em Tiro e Sidon montanhas imensas de caracóis vazios, o que permite deduzir que era ali o centro da extração da púrpura. Os fenícios das cidades marítimas foram os primeiros que industrializaram sistematicamente a extração da púrpura e, mais tarde, também a Palestina se dedicou à lucrativa colheita.

A cidade têxtil de Betsabéia, no sul de Judá, era famosa pelo seu bisso, a mais fina espécie de linho branqueado. "Dez camisas de bisso", diz uma inscrição do poderoso rei assírio Asaradon. Hebron e Kiriath-Sepher tinham ambos boa fama como cidades tintureiras. Nesses lugares foram desenterradas grandes pias de pedra e dispositivos em forma de caldeirões, com tubulações de entrada e saída, que se supõe terem sido fábricas de tintas. No Tell Beit Mirsin, antiga Dabir, praticava-se até a técnica de tingir a frio.

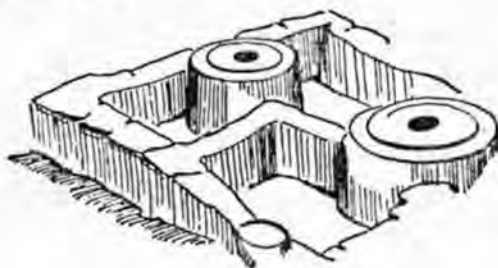


Fig. 38: Instalação duma tinturaria de pedra do antigo Israel.

"*Edificarei para mim uma casa espaçosa...*" diz Jeremias em 22-14, "*...e faz tetos de cedro, e os pinta de vermelho!*" Branqueavam-se as paredes, pintavam-se os mosaicos e os tecidos, o couro e a madeira, pintavam-se os lábios, as faces, as pálpebras das mulheres bonitas... "*Os teus lábios são como uma fita de escarlate... Assim como é o vermelho da romã partida, assim são as suas faces...*" "*...os cabelos da tua cabeça são como a púrpura do rei...*" "*...o odor dos teus bálsamos excede o de todos os aromas*" (Cântico dos Cânticos 4-3); 7-5; 4-10), canta o próprio Salomão em seu Cântico dos Cânticos, uma das mais belas canções de amor do mundo.

De uma maneira altamente poética vai mencionando o gosto de Israel pelo adorno, os discretos segredos de *toilette* de suas mulheres. Os perfumes e maquilagem, os ungüentos e as tintas para o cabelo, escolhidos, caros e requintados, feitos dos melhores ingredientes que este mundo tinha para oferecer, poderiam contribuir ainda hoje para a apreciadíssima indústria de produtos de beleza da Europa e ultramar.

Os perfumes estão em alta voga desde tempos imemoriais, as resinas aromáticas não só eram altamente apreciadas no serviço religioso, para incenso dos templos, mas tinham lugar também na vida cotidiana, na casa, na roupa, no cabelo e... na alcova, no leito.

"*Fiz a minha cama sobre cordões, cobri-a com colchas bordadas do Egito: perfumei a minha câmara de mirra, de aloés e de cinamomo*" (Provérbios 7-16 e seg.). "*Tódas as tuas vestes cheiram a mirra, aloés*

e cássia; de paldcios de marfim soam instrumentos de cordas que te alegrem" (1), canta o salmo 45, versículo 8.

Os botânicos têm muitas vêzes examinado as narrativas aparentemente fabulosas e descoberto os ingredientes dos perfumes e a origem das tintas. Descobriram-nos em delicadas flores, em ervas e na seiva de arbustos. Muitas eram originárias de terras estrangeiras, outras, porém, crescem ainda hoje na Palestina.

Da Índia procediam a cássia (*Cinnamomum cassia*), uma árvore com a casca semelhante à canela, e o cálamó (*Andropogon aromaticus*), também chamado gengibre. Através do Oceano Índico chegavam aos centros de permuta de especiarias, no sul da Arábia, e daí prosseguiram nas caravanas até ao Mediterrâneo.

A canela tinha atrás de si uma longa viagem através do mundo. Da China, sua pátria, chegava primeiro à Pérsia, seguia daqui para a Índia, onde era aclimatada, e partia para a Arábia como artigo de exportação.

O incenso extraía-se do arbusto chamado bosvélia. Era nativo da Arábia e da Somália como a *Commiphora myrrha*, a árvore da mirra. O berço do aloés era a ilha de Socotorá, na saída do Mar Vermelho, da qual recebeu o nome — *Aloe succotrina*.

A origem do bálsamo deu motivo a muitas discussões. Aqui a Bíblia parecia se enganar realmente, pois os botânicos sabem com certeza que o arbusto do bálsamo (*Commiphora opobalsamum*) só cresce na Arábia! Como pôde, pois, Ezequiel (27-17) dizer que Judá e Israel mandavam para Tiro "bálsamo, mel, azeite e mastique"?

Os botânicos e Ezequiel tinham igualmente razão. Os primeiros simplesmente haviam deixado de consultar o grande historiador judeu Josefo, que diz que desde o tempo do rei Salomão havia bálsamo na Palestina. Os arbustos eram cultivados principalmente em redor da cidade de Jericó. Josefo responde também à pergunta de como foram parar ali. Tiveram origem em grãos-semente encontrados entre os presentes de especiarias da rainha de Sabá.

Parece uma afirmação arrojada.

Mas a verdade é que existem ainda outros testemunhos. Quando os romanos entraram na Palestina, encontraram plantações de bálsamo na planície de Jericó. Os conquistadores apreciavam tanto o raro arbusto que enviaram ramos dêle para Roma como sinal de sua vitória sobre os judeus. No ano 70 a. C. Tito Vespasiano estabeleceu uma guarda imperial nas plantações a fim de preservá-las de qualquer dano. Mil anos depois os cruzados não encontraram mais vestígio dos preciosos arbustos. Os turcos haviam-nos negligenciado, deixando que se extinguissem.

O mastique de que fala Ezequiel existe ainda hoje na Palestina. Trata-se das lágrimas branco-amareladas e transparentes de uma pistácia arbustiva (*Pistacia lentiscus*). São muito apreciadas como aromatas e têm emprêgo na Medicina. As crianças trocam de bom grado a

(1) Este versículo não consta do Salmo 45 da Vulgata. Usei a tradução da Sociedade Bíblica Britânica. (N. do Trad.)

sua última gorjeta por algumas gotas dessa goma natural, que os antigos gabavam, alegando que fortificava os dentes e as gengivas.

Na Terra Prometida existem ainda as seguintes resinas aromáticas nativas: o gálbano, em uma planta umbelífera (Êx. 30-34), o estacte, no estoraque de flores brancas (Êx. 30-34), o ládano, na flor do cisto, e o tragacanto (Gên. 37-25), num arbusto da família do trevo. Os naturalistas encontraram tôdas as especiarias bíblicas.

Os recipientes, muitas vêzes preciosos, foram descobertos pelos arqueólogos sob muros desmoronados, em ruínas de casas de nobres e em construções reais. Vasos de pedra calcária, de marfim e, muitas vêzes, de precioso alabastro, com bastõezinhos, serviam para a mistura dos ingredientes aromáticos dos mais finos ungüentos. As receitas dos mestres em ungüentos eram muito procuradas. Os perfumes eram guardados em delicados frasquinhos de barro cozido. Os ingredientes aromáticos eram postos a macerar em azeite em grandes cântaros e bilhas. O azeite, sabia-se, amaciava o cabelo e a pele. Até os pobres do país o passavam no cabelo e na pele, embora sem os componentes aromáticos, por vêzes muito caros. Porque o azeite era produzido em grande quantidade pelos olivais.



Fig. 39: Bacia de pedra para lavar os pés, com apoio para os calcanhares, pegadores e esgôto.

As lavagens com água eram uma necessidade diária e coisa estabelecida. As pessoas lavavam-se antes e depois das refeições, lavavam os pés do hóspede e lavavam-se à noite. Bacias de pedra, banheiras de pés e escudelas de barro desenterradas por toda a parte no país confirmam as numerosas passagens bíblicas alusivas a isso (Gên. 18-4; 19-2; 24-23; Cântico dos Cânticos 5-3; Jó 9-30; Lucas 7-44; Marcos 7-3, etc.). Lixívias de plantas e minerais constituíam materiais de lavagem e sabão (Jer. 2-22; Jó 9-30).

“O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra, colocado sob o meu peito” (Cântico dos Cânticos 1-13). Isto descreve o hábito das damas de usarem bôlsas de mirra costuradas dentro da roupa. Nem faltavam na penteadeira papelotes, nem grampos de cabelo nem espelho — um disco de metal polido. Estas três coisas importantes para a beleza da mulher pertenciam aos objetos de luxo importados do Nilo,

onde desde muitas dinastias atrás eram indispensáveis para as mulheres dos faraós.

Por mais que os profetas verberassem êsses luxos, não conseguiram eliminar inteiramente das casas ricas a maquilagem e a pintura para os olhos.

As mulheres gostavam de ornar o cabelo com a tenra panícula amarela da graciosa junça. Muito mais apreciavam ainda um pó vermelho-amarelado extraído da casca e das fôlhas da junça. Os árabes chamam-lhe "hena". Com hena pintavam-se o cabelo e as unhas dos pés e das mãos. Os arqueólogos encontraram com assombro sua côr vermelhoclara servindo de esmalte de unhas nas mãos e pés de múmias egípcias. Os laboratórios e as fábricas de produtos de beleza continuam até hoje empregando a hena apesar de todos os progressos modernos. As sobancelhas e as pestanas eram pintadas de galena, o lápis-lazúli moído dava a sombra desejada às pálpebras e a cochonilha pulverizada dava, como o moderno *baton*, o almejado vermelho-carmesim para uma bôca sedutora.

Diante dos graciosos frascos de perfume, das caixinhas de marfim para unguentos, dos vasos de mistura e dos copos de maquilagem encontrados nas ruínas das cidades de Israel, é fácil avaliar quão severa devia ter soado a ameaça do profeta Isaías a êsse mundo amante das côres, dos cosméticos e dos perfumes: *"E, em lugar de cheiro suave, terão a hediondez, e por cinta uma corda, e por cabelo encrespado a calva, e por faixa do peito um cilício"* (Isaías 3-24).

Embora o Antigo Testamento fale de sentar-se à mesa em cadeiras, nunca fala em ir para a cama no nosso sentido moderno. A cama era um móvel de luxo raro!

Os faraós e os dignitários da sua côrte foram os primeiros que tiveram a sorte de dormir numa cama. Foi no Nilo que surgiu o primeiro modelo dêsse móvel, sem o qual não podemos passar hoje em dia. Sihu observa cheio de júbilo ao voltar à sua terra: "Tornei a dormir numa cama". Quinhentos anos depois disso a cama ainda era uma raridade. Pois quando a princesa Taduchepa de Mitâni, possivelmente a que foi mais tarde rainha Nefertiti, casou na côrte egípcia, levou como dote apenas colchas, embora primorosamente tecidas. No palácio onde nascera a cama era desconhecida; às noites dormia-se no chão!

Em Israel, também, só os cortesãos e a gente de posses tinham essa coisa rara. A cama do homem simples era a capa. Envolvia-se nela à noite (Êx. 22-26). A justiça esclarecia que êsse "leito" era penhorável, mas só durante o dia. A noite tinha de ser devolvido sempre (Êx. 22-25). Essa capa era na realidade apenas um cobertor de lã e adequado para todos os fins a que se destinava. Além da proteção contra o frio, o leito servia ainda como tapete (IV Reis 9-13; Mateus 21-7 e 8).

A cama nunca foi o lugar de repouso ideal em Israel nem, na realidade, em todo o Antigo Oriente. Era e continuou sendo um móvel estranho. O que se tornou famoso foi seu primo, o divã, inventado

igualmente no "Fértil Crescente" — um leito macio com almofadas fôfas. Um arranjo de almofadas para o dia, ampliado para a noite — o protótipo do nosso sofá-cama. A invenção da nossa bombardeada Europa Central e das habitações pequenas no século XX era o *dernier cri* da mobília há 3.000 anos! Israel também conheceu o divã. *"Tu te recostastes sobre um leito magnífico, e diante de ti se preparou uma mesa magnificamente ornada..."* (Ez. 23-41).

Hoje protestamos contra o ruído enervante da nossa era da técnica e invejamos muitas vêzes a calma dos tempos antigos. Israel estava melhor nesse sentido?



Fig. 40: Almofariz para especiarias (à esquerda) e triturador de pedra para moer o grão.

Em vez da importuna gritaria dos alto-falantes, com o romper da aurora saía de tôdas as casas e cabanas o ruído dos moinhos de pedra manuais. Tôdas as manhãs infalivelmente se moía grão. Esse trabalho era função das mulheres, como é hoje a moagem do café. Com a diferença de que a moagem do grão era um trabalho incomparavelmente mais duro e pesado. Muitas vêzes eram precisas duas mulheres para mover a pesada mó.

A ameaça de uma repressão completa dos ruídos, de que tanto se fala atualmente, teria sido uma catástrofe naquelas circunstâncias. Se parasse o ruído dos moinhos, a fome se alastraria pelo país. Jeremias o percebeu visionariamente ao predizer o exílio na Babilônia: *"E farei cessar entre eles os gritos de júbilo... o ruído da mó e a luz da candeia. E toda esta terra se tornará um medonho deserto"* (Jer. 25-10, 11).



Fig. 41: Lâmpada de azeite simples e candeeiro de sete bicos.

VI

Dois Reis — Dois Reinos

(De Roboão a Joaquim)

CAPÍTULO I

A SOMBRA DUMA GRANDE POTÊNCIA NASCENTE

Desmorona-se o grande reino. — Uma fortaleza de fronteira entre Israel e Judá. — Napoleão diante do relatório do faraó Sesac sobre a Palestina. — Samaria, capital do Norte. — Testemunhos do "palácio de marfim" do rei Acab. — Um misterioso "terceiro homem". — Os árabes fragmentam a estela da vitória do antigo reino de Moab. — O hino triunfal de Mesa, rei dos carneiros. — A Assíria intervém. — O obelisco negro de Nemrod. — O rei Jeú num retrato assírio. — Remessa de vinho a Jeroboão II. — O profeta Amós adverte em vão. — A muralha de Samaria é levantada mais 10 m.

E Israel separou-se da casa de Davi... e não houve ninguém que seguisse a casa de Davi, senão somente a tribo de Judá (III Reis 12-19, 20).

O grande rei Salomão morreu em 926 a. C. Com êle Israel levou para a sepultura o seu sonho de vir a ser uma grande potência. Para todo o sempre! Duas gerações haviam construído pedra sobre pedra os alicerces desse sonho arrojado, sob a direção de dois homens excepcionais, de dois homens altamente dotados — Davi e Salomão. Mas no instante em que Salomão fechou os olhos, reacendeu-se a velha inimizade entre as tribos; o grande reino, criado nos territórios da Síria-Palestina, desmantelou-se inevitavelmente em consequência da discórdia. Dois reinos se formaram em seu lugar — o reino de Israel, no norte, e o reino de Judá, no sul. Começava um novo capítulo da história do povo bíblico.

O próprio povo de Israel esmiuçou a sua posição forte e destruiu o grande reino. E com isso traçou o caminho que deveria seguir desde então, lentamente, até ao amargo fim — a população de Israel presa dos assírios e os habitantes de Judá presa de Babilônia. Inimigos um do outro, aconteceu-lhes coisa pior do que o regresso à insignificância. Caíram entre as mãos daquela potência que viria a dominar o palco do mundo nos séculos seguintes. Israel e Judá foram colhidos no torvelinho de grandes lutas. Menos de trezentos e cinquenta anos após a morte de Salomão ambos os reinos se haviam extinguido.

A última vontade de Salomão foi, contudo, atendida: *Roboão*, seu filho, ocupou o trono de Jerusalém como soberano de tôdas as tribos por um breve espaço de tempo. Mas as discórdias incessantes entre as

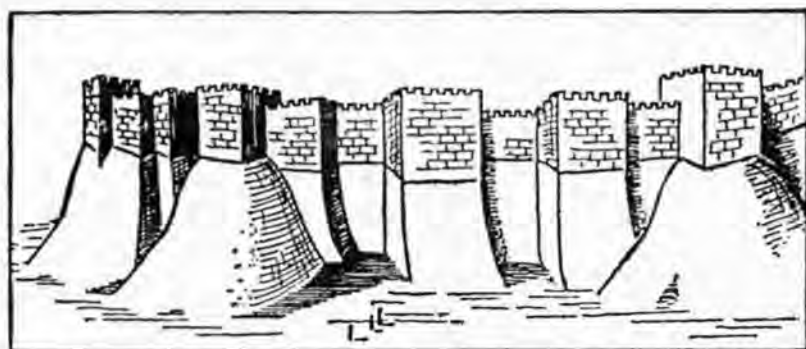


Fig. 42: Masfa, fortaleza de fronteira entre Judá e Israel (Reconstrução).

tribos apressaram o fim do grande reino e resultaram em uma guerra civil. Dez tribos do norte separaram-se. Emigrado no Egito, *Jeroboão* voltou a tóda a pressa e coroou-se rei de Israel, o reino do Norte. Roboão ficou com o resto, o reino do sul, Judá, com a capital de Jerusalém (III Reis 12-19, 20).

Mas entre Judá e Israel reinava a desarmonia. Em muitos choques armados corria o sangue do próprio povo. Nas fronteiras havia lutas repetidas. *"E houve guerra continua entre Roboão e Jeroboão"* (III Reis 14-30). Com os sucessores a situação não mudou. *"E houve guerra entre Asa e Baasa, rei de Israel, durante todo o tempo da vida deles"* (III Reis 15-16). Judá construiu a fortaleza de Masfa na principal estrada de saída de Jerusalém para o norte, mais para leste foi reforçada Gabaa, *"...e com elas o rei Asa edificou Gabaa de Benjamim, e Masfa"* (III Reis 15-22). Essa tornou-se a fronteira definitiva.

De 1927 a 1935 uma expedição norte-americana da *Pacific-School of Religion*, dirigida por William Frederic Badè, desenterrou, 12 quilômetros ao norte de Jerusalém, no Tell en-nasbe, uma muralha extremamente forte. Eram os restos da antiga fortaleza fronteira de Masfa. A muralha circundante media oito metros de largura. Essa poderosa fortificação mostra quanto era encarniçada a guerra civil entre o reino do norte e o reino do sul.

Israel viu-se colhido numa pinça, formada, ao sul, por Judá, que para êsse fim chegou até a pedir o auxílio dos odiados filisteus, e, ao norte, pelo reino dos arameanos, cuja fôrça respeitável Judá havia assegurado por meio de um tratado (III Reis 15-18 e seg.).

Durou séculos a luta de Israel com êsse inimigo mortal, e a cadeia ininterrupta de guerras só terminou quando uma nova potência mundial, a Assíria, aniquilou os arameanos. Com o advento da Assíria estavam contados também os dias de Israel, ou melhor, os de ambos os reinos.

Por cima de tudo, mal havia deflagrado a guerra civil quando, inesperadamente, depois de gerações, o país foi vítima de uma invasão

estrangeira. O Faraó Sesac ⁽¹⁾ do Egito, irrompeu na Palestina com grandes forças e saqueou-a. Jerusalém, a capital, foi a que mais sofreu com o saque. *"...e levou os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei, e roubou tudo, até os mesmos escudos de ouro, que Salomão tinha feito"* (III Reis 14-26). Havia apenas vinte anos que existiam o templo e *"a casa do bosque do Libano"*, como a Bíblia chama a casa de Salomão, e já êsses orgulhosos monumentos da grandeza de Salomão haviam sido despojados de suas riquezas. Em lugar dos escudos de ouro roubados *"o rei fez escudos de bronze..."* (III Reis 14-27). Isso pareceu um mau preságio.

O primeiro europeu de categoria que, sem o saber — porque no seu tempo ainda ninguém sabia decifrar os hieróglifos — teve diante dos olhos um grande documento do faraó bíblico Sesac foi Napoleão Bonaparte, que no ano de 1799, acompanhado de alguns sábios franceses, percorreu, profundamente impressionado, um magnífico templo egípcio em Carnac, na margem oriental de Tebas. No meio dêsse templo, o maior que mãos humanas já construíram, 134 colunas de 23 metros de altura sustentavam o teto duma nave gigantesca. Na face exterior da parede do sul exibia-se ao sol implacável do país do Nilo um relêvo imponente que perpetuava a incursão do faraó descrita na Bíblia.

O deus Amon, empunhando na mão direita a espada-foice, apresentava ao Faraó Chechonk I, com a esquerda, 156 prisioneiros palestinos conduzidos por cordas. Cada prisioneiro representava uma cidade ou um lugar. Cada um ostentava um nome bíblico. Até a cidade-fortaleza de Magedo estava aí representada. Nos restos de Magedo encontrou-se o nome de Chechonk I.

A expedição militar de Chechonk permaneceu durante muito tempo a última. Só mais de trezentos anos depois o Egito estêve de novo em condições de fazer valer os seus direitos de soberania nos territórios da Síria e da Palestina.

O perigo mortal para Israel procedia do norte e chamava-se Assíria. Foi no tempo do rei Amri (882-871 a. C.) que a Assíria fêz o primeiro ensaio de ataque. Como um exercício de manobras para o caso de necessidade, ela avançou desde a Mesopotâmia para o ocidente.

"Parti de Alcpo e atravessei o Orontes". Esta frase de Assurnarsipal II, de uma inscrição cuneiforme, soa como o clangor de uma fanfarra. A Assíria precisava de mais de 200 anos para liquidar seus inimigos internos e externos na Mesopotâmia. Desde a antiga cidade de Assur, no Tigre, que tinha o nome de seu deus mais poderoso, o povo semítico dos assírios, ávido de conquistas e dotado de espírito organizador em alto grau, estendeu o seu domínio sôbre todos os povos da Mesopotâmia. Agora aspirava ao domínio do mundo. Uma das condições necessárias para isso era a posse da estreita faixa de terra constituída pela Síria e a Palestina, que lhe impedia a passagem para o Mediterrâneo — a posse dos grandes portos de mar, o contrôle dos caminhos de cara-

(1) O Faraó Chechonk I.

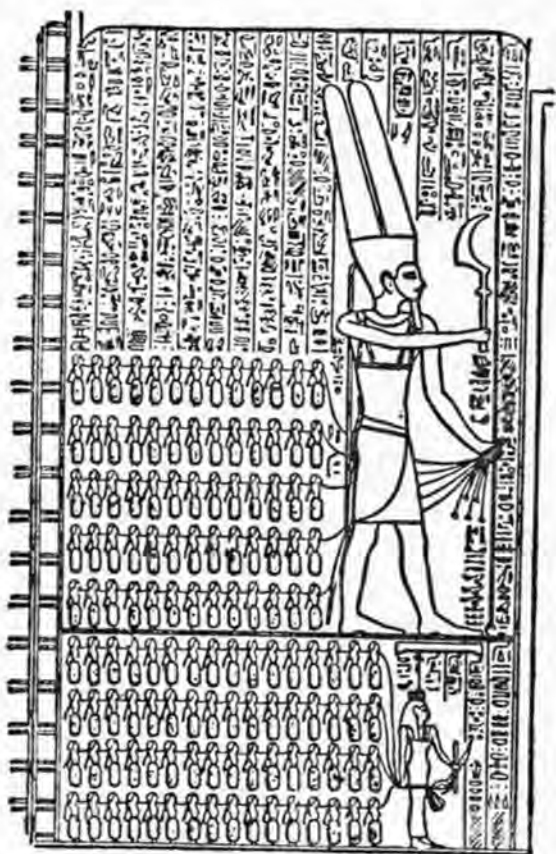


Fig. 43: Relêvo representando a vitória de Chechonk I, o Sesac da Bíblia, no templo de Karnac.

vanas mais importantes e da única estrada militar que conduzia ao Egito.

Com o estabelecimento desse objetivo de Assur estava decidida a sorte da Síria-Palestina.

A notícia de Assunarsipal indica em poucas palavras o que muito breve Israel e Judá teriam de enfrentar. "Parti do Orontes..., conquistei as cidades..., fiz grande carnificina entre elas, destrui, esfaclei, queimei com fogo. Aprisionei guerreiros, empalei-os vivos diante de suas cidades. Estabeleci assírios nelas... No grande mar lavei as minhas armas."

Tão inesperadamente como surgira, partiu o assírio sobrecarregado de "prata, ouro, chumbo, cobre...", tributos das cidades fenícias de Tiro, Sidon e Biblos.

O rei Amri de Israel teve como que um pressentimento. Da mesma forma que outrora nos seus tempos de chefe do exército, como rei ele revelou um instinto militar extraordinário. Comprou um monte numa região montanhosa da Samaria e mandou construir nele a sua capital, fortificada como um castelo — Samaria (III Reis 16-24). Amri sabia que Israel ia precisar disso desesperadamente.

A escolha do lugar revela o especialista guiado por pontos de vista estratégicos. Samaria estava situada numa colina isolada, com uns 100 metros de altura e encostas suaves, no meio dum semicírculo de montanhas mais altas e dum grande e fértil vale. Uma fonte própria tornava o lugar ideal para a defesa. Do alto descortinava-se um vasto panorama que se estendia até ao Mediterrâneo.

O rei Amri tornou-se um símbolo para os assírios. Ainda cem anos depois da queda dessa dinastia de Israel os textos cuneiformes falam da “Casa de Amri” como designação de Israel.

Dezoito anos depois da morte de Amri teve lugar, efetivamente, a coisa temida. Salmanasar III tomou Carquemis e marchou sobre a Palestina (1).

Acab, filho e sucessor de Amri, pressentiu a força do choque com o crescente poderio da Assíria e fez a única coisa acertada nessa situação. Acabava de vencer o seu arquiinimigo, o rei arameano Benadad de Damasco. Em vez de lhe fazer sentir a força do vencedor, tratou-o com extraordinária magnanimidade, “*mandou-o subir para a sua carruagem*”, chamou-o de “*meu irmão*” e, não contente com isso, “*fêz com ele uma aliança e deixou-o ir livre*” (III Reis 2-33, 32, 34). Fez assim dum inimigo um aliado. O povo não compreendeu o seu modo de proceder e um profeta repreendeu-o por isso. O futuro mostrou, porém, quanto o seu ato fôra bem refletido. Evitou a guerra de duas frentes.

“Em navios de pele de carneiro atravessai... o Eufrates em sua enchente...” dizem as inscrições cuneiformes do rei assírio Salmanasar III. Os seus sapadores sabiam construir pontões de peles de animais cheias de vento!

Na Síria ele encontrou uma coalizão adversária da Síria-Palestina, cujos contingentes observou com exatidão. Além das forças do bíblico *Benadad de Damasco* e de outro príncipe sírio, havia “2.000 carros de combate, 10.000 soldados de Ahabbu, o sirileu...” Ahabbu, o sirileu, que representava a terceira força de combate e a mais forte, era... o rei Acab de Israel.

A aliança de Israel com Damasco foi de pouca duração. Mal os assírios haviam deixado o país, recrudescceu a antiga inimizade e Acab perdeu a vida no combate com os arameanos. “*Um homem, porém, entesou o seu arco, apontando a seta à ventura, e, por acaso, feriu o rei de Israel entre o pulmão e o estômago... e o sangue corria da ferida sobre toda a carroça. Morreu, pois, o rei, e foi levado para Samaria...*”

(1) 853 a. C.

e lavaram sua carroça na piscina de Samaria, e os cães lambeiram o seu sangue..." (III Reis 22-34 a 38).

A Bíblia dedicou seis capítulos à vida deste rei. Grande parte disso passou ao reino da lenda, como a "casa de marfim" (III Reis 22-39), ou seu casamento com uma princesa fenícia que trouxe cultos estranhos, "...tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos Sidônios. E foi e serviu a Baal, e adorou-o... e plantou um bosque sagrado..." (III Reis 16-31 e 33), ou a grande seca na terra, "Mas Elias... disse a Acab: Viva o Senhor Deus de Israel, em cuja presença estou, que nestes anos não cairá nem orvalho nem chuva, senão conforme as palavras da minha boca" (III Reis 17-1).

Não obstante, são fatos históricos!

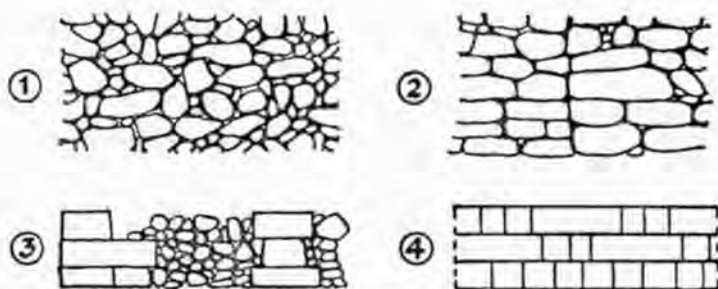


Fig. 44

- 1 — Muralhas ciclópicas de Jericó (desde o tempo dos patriarcas).
- 2 — Muralhas da fortaleza real de Gabaa, de Saul (1020 a. C.).
- 3 — Muralhas da "cidade dos carros" de Salomão em Magedo (950 a. C.).
- 4 — Muro do palácio do Rei Acab em Samaria (850 a. C.).

A velha colina de escombros de Samaria foi atacada em duas campanhas de escavações — de 1908 a 1910 pelos americanos George A. Reisner, Clarence S. Fischer e D. G. Lyon, da Universidade Harvard, e de 1931 a 1935 por uma equipe anglo-americana sob a direção do arqueólogo inglês J. W. Crowfoot.

As bases da capital de Israel repousavam sobre terra virgem. Amri adquiriu efetivamente nova terra.

Durante os seis anos em que reinou dali, a colina antes solitária e pacífica devia ser um ruidoso centro de construções. Os enormes blocos de pedras de cantaria, usados em poderosas fortificações, deviam denunciar o objetivo estratégico do construtor. Os muros tinham cinco metros de espessura. Na acrópole, situada na encosta ocidental da colina, foram postos a descoberto alicerces e paredes de um edifício que cercava um amplo pátio — a residência do rei de Israel, o reino do Norte.

Depois de Amri residiu ali seu filho Acab, o novo rei. Este construiu mais, segundo os planos do pai. As construções eram executadas com notável habilidade, só se empregando nelas grandes blocos de pedra calcária cuidadosamente talhados.

Ao retirarem o entulho os escavadores começaram a encontrar inumeráveis lascas de marfim. O encontro de marfim não significava nada de extraordinário nas escavações da Palestina. Em quase tôdas elas se encontrava êsse precioso material, mas somente em objetos isolados. Em Samaria, entretanto, o chão estava literalmente juncado de marfim. A cada passo, em cada metro quadrado se encontravam pedacinhos e plaquinhas amarelados e escurecidos pelo tempo, juntamente com fragmentos onde se reconhecia ainda um maravilhoso labor e delicados relevos executados pelos mestres da Fenícia.

Só havia uma explicação: aquêlê palácio era a famosa "*casa de marfim*" do rei Acab! (III Reis 22-39).

É claro que o soberano não podia ter feito um palácio inteiro dêsse material. Mas como isso se entendeu assim repetidamente, pôs-se em dúvida a correspondente passagem bíblica, que só agora se compreende perfeitamente: Acab mandara decorar as paredes de seu palácio com êsse magnífico material e a mobília era também de marfim.

No lado norte do espaçoso pátio do palácio as pás puseram a descoberto um grande reservatório de água murado. Devia ser a "piscina" em que foi lavado o carro de guerra do rei Acab.

As provas da verdade histórica da sêca e do sogro de Acab, Etbaal de Sidon, foram dadas por Menandro de Êfeso, historiador fenício. Os fenícios chamavam Ittobaal ao Etbaal bíblico, o qual foi rei da cidade marítima de Tiro (1) no tempo de Acab. Menandro fala duma terrível sêca que assolou a Palestina e a Síria no tempo do rei Ittobaal e que durou um ano inteiro.

No tempo do rei Jorão, filho de Acab, Israel foi objeto duma invasão de grandes conseqüências e perdeu uma parte considerável do seu território.

Os arameanos penetraram no país e sitiaram Samaria. O povo sofreu uma grande fome. Atribuindo ao profeta Eliseu a culpa dessa calamidade, o rei Jorão quis mandá-lo matar. Eliseu, entretanto, profetizou o fim da fome já para o dia seguinte... "*o capitão, a cujo braço o rei estava encostado*", diz a Bíblia, duvidou dessa profecia (IV Reis 7-2).

Êsse "*capitão*" deu muitas dores de cabeça. Sua função parecia mais do que misteriosa. Nada se sabia a respeito dum cortesão dessa espécie. Em vão os comentadores da Bíblia procuravam uma explicação. Por fim a investigação lingüística encontrou um indício vago. A palavra hebraica "shlish", traduzida por "*capitão*", era derivada de "três". Não existia, porém, um oficial de terceira categoria. Um exame mais atento de relevos assírios deu a solução certa.

Cada carro de guerra levava uma equipagem de três homens: o condutor, o guerreiro e um homem que tomava lugar atrás dêsses dois. Com os braços abertos êle segurava fortemente dois cinturões curtos presos à esquerda e à direita do carro. Dava assim ao guerreiro e ao

(1) Os cronistas bíblicos designavam muitas vêzes os fenícios em geral por sidônios.

condutor o necessário encôsto e impedia, além disso, que fôsem lançados para fora do carro aberto quando, na confusão do combate, tinham de rodar por cima de mortos e feridos. Esse era o "terceiro homem". O incompreensível *"capitão, a cujo braço o rei estava encostado"*, era o que segurava os cinturões do carro de combate do rei Jorão.

No reinado de Jorão perdeu Israel um grande território na Jordânia oriental. Moab, na Transjordânia, era tributário de Israel. A Bíblia fala extensamente de uma campanha contra Mesa, o renegado "rei dos carneiros": *"Ora, Mesa, rei de Moab, sustentava muitos gados, e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e cem mil carneiros com os seus velos. Porém, depois da morte de Acab, quebrou a aliança que tinha feito com o rei de Israel"* (IV Reis 3-4, 5). Israel chamou em seu auxílio Judá, o reino meridional, e a terra de Edom. Decidiram atacar juntos, pelo sul, a terra de Moab. Para chegarem lá, tinham de contornar o Mar Morto. Fiando-se na profecia de que *"Vós não vereis vento nem chuva, mas este leito se encherá de água, e bebereis vós e os vossos servos, e os vossos animais"* (IV Reis 3-17), os aliados arroastaram a marcha através da terra deserta. *"E fizeram um giro de sete dias de marcha, e não havia água para o exército, nem para os animais que os seguiam"*. Por conselho do profeta Eliseu, cavaram *"várias fossas"*. *"Pela manhã... as águas desceram pelo caminho de Edom, e a terra se encheu de água."* Os espiões de Moab viram isso e *"os moabitas viram diante de si as águas vermelhas como sangue"* (IV Reis 3-9, 16, 20, 22) e julgaram tratar-se duma guerra entre os inimigos.

As forças aliadas tiveram êxito sobre Moab e assolaram a terra. *"E destruíram as cidades, e encheram todos os campos, os mais férteis, de pedras, que cada um lançou, e entupiram tôdas as fontes de água, e cortaram tôdas as árvores frutíferas, de modo que ficaram só em pé as pedras de Kir-Hareseth"* (IV Reis 3-25).

Notavelmente esta campanha bem sucedida terminou de modo que eles *"se retiraram dali e voltaram para o seu país"* (IV Reis 3-27).

Parecia impossível provar a veracidade desta narrativa bíblica.

Em 1868 o missionário alemão F. A. Klein viajou pelos lugares bíblicos da Palestina. Sua peregrinação conduziu-o por vários lugares, entre outros pela Jordânia oriental, através de Edom e, finalmente, até Moab. Num passeio a cavalo pelos arredores de Dibon, a antiga Diban, no curso médio do Arnon, uma grande pedra talhada despertou particularmente o seu interesse. A areia tinha-a coberto quase completamente. Curioso, saltou do cavalo e inclinou-se sobre a pedra. Tratava-se indubitavelmente de escrita hebraica antiga! Não podia acreditar no que seus olhos viam! Foi com um enorme esforço que, sob o sol tórrido do meio-dia, conseguiu endireitar a grande pedra de basalto. Tinha um metro de altura e era arredondada em cima. Klein limpou-a cuidadosamente com a faca e com um lenço. Isso feito, apareceram 34 linhas de texto.

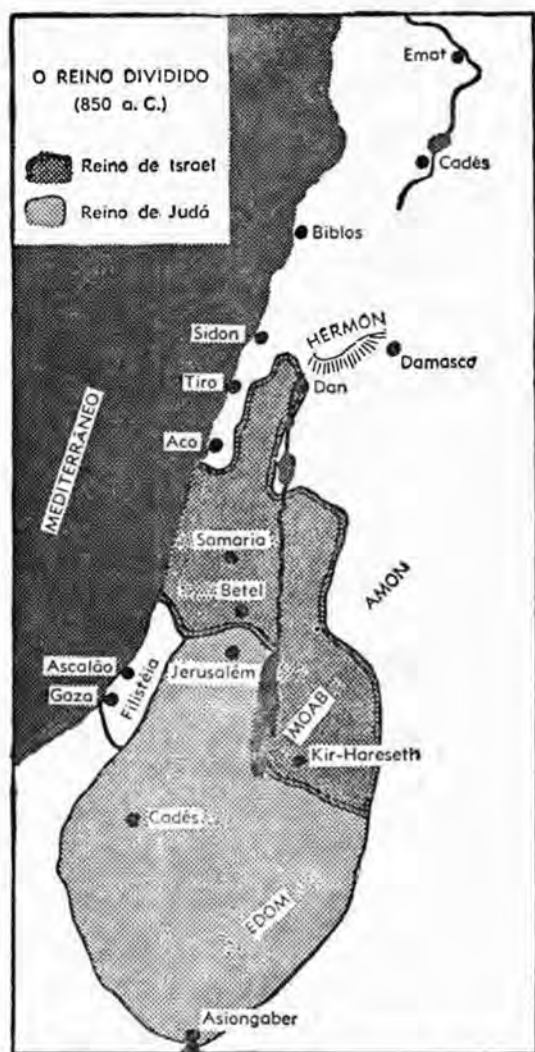


Fig. 45

De bom grado êle levaria consigo o documento de pedra, mas era pesado demais. Além disso, num abrir e fechar de olhos surgira no local um bando de árabes armados. Gesticulando ferozmente, êles cercaram o missionário, declarando que a pedra era propriedade sua, e pediram-lhe uma importância absurda por ela.

Klein estava convencido de haver feito um achado de importância decisiva e ficou desesperado. Um missionário nunca tem muito dinheiro. Em vão tentou convencer os nativos. Não lhe restou outra coisa a fazer

senão marcar num mapa o lugar do achado, e, interrompendo a sua viagem, voltou apressadamente a Jerusalém e viajou sem demora para a Alemanha, a fim de ver se arranjava o dinheiro necessário para os árabes.

Entrementes, outros se puseram em campo também! E foi uma boa coisa, do contrário talvez se houvesse perdido para sempre um testemunho extraordinariamente valioso da história bíblica.

O pesquisador francês Clermont-Ganneau ouvira em Jerusalém a notícia da descoberta do missionário alemão e dirigiu-se imediatamente para Diban. Precisou usar de toda a sua arte de persuasão para que os desconfiados árabes o deixassem pelo menos examinar cuidadosamente a inscrição na pedra de basalto. Rodado por nativos de olhar duro, Clermont-Ganneau tirou um molde da superfície. Quando, meses depois, ele apresentou a tradução do texto em Paris, o governo francês concordou sem hesitação com a compra. Mas quem pode avaliar a decepção do francês quando, ao chegar a Diban com uma caravana, munido do dinheiro necessário, não encontrou mais a pedra! Apenas algumas manchas pretas de carvão indicavam o lugar onde ela estivera. Os árabes haviam-na fragmentado com pólvora de caça... por ganância. Com a venda de pedaços isolados aos europeus maníacos de coisas antigas eles esperavam fazer um negócio ainda mais compensador.

Clermont-Ganneau não teve outro remédio senão se pôr em campo e procurar os pedaços dispersos do precioso documento. Depois de muitas buscas e encêrras, depois de pechinchar interminavelmente, conseguiu por fim reunir todos os fragmentos. Tomando por guia o molde, foram montados os dois grandes blocos e 18 lascas de pedra em que a lápide fôra fragmentada, e antes de o missionário Klein haver conseguido reunir o dinheiro para comprá-la, já a pedra de Diban era uma nova e valiosa aquisição do Museu do Louvre de Paris.

A inscrição diz o seguinte: "Eu sou Mesha, filho de Kemosh, rei de Moab... Meu pai foi rei de Moab durante 30 anos e eu fui rei depois de meu pai; e eu erigi este alto santuário a Kemosh ⁽¹⁾ em Querihoh ⁽²⁾, um santuário da salvação; pois ele me salvou de todos os meus opressores e me permitiu obter vantagem sobre todos os meus inimigos. Amri era rei de Israel e oprimiu Moab durante muitos dias, porque Kemosh estava irado contra a sua terra. Depois sucedeu-lhe seu filho e também este disse: oprimirei Moab! No meu tempo ele disse o mesmo, mas eu consegui vantagem sobre eles e sobre a sua casa; e Israel foi derribada para sempre... Eu fiz cavar as trincheiras de Qeurihoh por prisioneiros de Israel..."

Esta notícia da vitória dos moabitas causou grande sensação nos círculos científicos. Muitos sábios chegaram até a externar uma suspeita de que poderia tratar-se de uma falsificação. Peritos de todo o mundo exami-

(1) Kemosh: deus de Moab; no tempo de Salomão era venerado também em Jerusalém entre os cultos estrangeiros.

(2) Querihoh: capital do reino de Moab, a bíblica Kir-Hareseth (IV Reis 3-25).

naram minuciosamente tôda a pedra e a inscrição. Todos os exames provaram sem sombra de dúvida que se tratava de um documento histórico, duma notícia contemporânea do rei bíblico Mesa de Moab.

Era o documento escrito mais antigo da Palestina, do ano 840 a. C. aproximadamente, e escrito em moabítico, um dialeto intimamente aparentado com o hebraico bíblico. Causou verdadeira sensação.

Audiat et altera pars — Ouça-se também a outra parte!

A fim de nos informarmos objetivamente, convém sempre estudar as notícias de ambos os adversários. Assim se terá mais segurança, uma idéia mais clara da situação. Neste caso particular, por exemplo, a exposição da Bíblia e o texto moabita completam-se. A estela⁽¹⁾ de Mesa dá a ilustração que falta e aclara o que ficou obscuro na narrativa da Bíblia. No ponto essencial a estela e a Bíblia concordam; a campanha terminou com a derrota do rei de Israel. A Bíblia descreve pormenorizadamente o êxito inicial de Israel, o rei Mesa passa-o em silêncio. A Bíblia apenas menciona o fim desfavorável da campanha e o rei de Moab exulta com a sua vitória. Ambos dizem a verdade.

Quanto à “água sangrenta”, que salvou os aliados de morrerem de sede em sua marcha pelo deserto, um geólogo encontrou a explicação natural. Abrindo regos no tufo das costas do Mar Morto, êles se enchem imediatamente de água, que se filtra do planalto, e a sua côr avermelhada é devida à condição do solo. Ainda hoje, muitas vêzes, os pastôres da Jordânia oriental extraem água por êsse processo.

“E Israel foi destruído para sempre”, diz triunfante a estela de Mesa. Com isso quer significar a extirpação sangrenta da dinastia de Amri do trono de Israel. O rei Jorão foi morto. Não foi poupado um só membro da casa do soberano, que, pelo casamento de Acab com a princesa fenícia Jezabel, havia favorecido o odiado culto de Baal em Israel (IV Reis 9-24 e seg.; 10-1 e seg.).

Os profetas *Elias* e *Eliseu* atizaram a revolução, e em 841 a. C. o chefe do exército, *Jeú*, fiel a Jeová, foi sagrado rei (IV Reis 9-1 e seg.). Os sacerdotes de Baal sofreram a sorte da família de Amri, sendo massacrados sem piedade (IV Reis 10-25 e seg.). E isso teve como resultado o rompimento com os fenícios.

As notícias sôbre o govêrno do rei Jeú são escassas: “*Naquele tempo o Senhor começou a indignar-se contra Israel; e Hezeel derrotou-os (aos israelitas) em tôdas as fronteiras...*” (IV Reis 10-32). O total das perdas e derrotas se reconhece, entretanto, numa passagem bíblica posterior do tempo de Joacaz, filho de Jeú⁽²⁾: “*Ora da gente de guerra não tinham ficado a Joacaz senão cinqüenta cavaleiros, e dez carros, e dez mil homens de pé; porque o rei da Síria os tinha morto, e os tinha reduzido como o pó de eira onde se debulha*” (IV Reis 13-7). As imponentes fôrças de dois mil carros de combate do rei Acab foram reduzidas a dez carros! Como foi isso possível?

(1) Por “estela” é designada uma coluna isolada ou uma lápide tumular da antiguidade.

(2) 818-802 a. C.

Em 1845, um jovem inglês, Henry Layard, jurista de profissão e no momento aspirante a *attaché* em Constantinopla, teve de repente uma sorte extraordinária. Munido apenas de 50 libras esterlinas, partiu a explorar uma velha colina às margens do Tigre, o Tell nimrud. No terceiro dia topou com os restos dum palácio. Mandou fazer uma escavação. Mas só conseguiu extrair areia e mais areia. Depois de haver feito um poço de vinte metros de profundidade, os magros recursos de Layard se esgotaram e êle teve de interromper o trabalho.

Desanimado, já tinha carregado os poucos utensílios nas bestas, quando se ouviu uma grande e excitada gritaria dos nativos. Um dêles correu a procurá-lo e levou-o até à extremidade do fôssco, onde uma coisa escura surgia da areia amarelo-dourada. Rápida mente as pás começaram a trabalhar de novo e puseram a descoberto um monstro de pedra escura, em forma de obelisco. Cuidadosamente, Layard limpou o achado da poeira primitiva e da sujeira. Em tôdas as quatro faces apareceram relevos, figuras e inscrições e caracteres cuneiformes.

Bem acondicionada e conduzida com grande cuidado, a pedra negra viajou no frágil barco fluvial, subindo o Rio Tigre, a fim de ser apresentada aos membros da Embaixada Britânica em Constantinopla. As magras 50 libras tinham rendido dividendos inesperados! Nunca na história da Arqueologia se conseguira um achado tão valioso com tão pouco emprêgo de capital.

Orgulhosamente os preparadores colocaram a pedra num lugar de honra no Museu Britânico. Milhares de londrinos e sábios da Europa puderam admirar então aquêlê testemunho antigo do Oriente longínquo. A ponta do obelisco de basalto negro, com dois metros de altura, representava uma torre de templo com três escalões. E os visitantes olhavam assombrados os maravilhosos relevos, dispostos em cinco faixas ao redor da pedra.

Gravadas nas faces da pedra havia figuras rëgiamente vestidas, algumas das quais se inclinavam reverentemente até ao chão diante da figura dum soberano. Longas colunas de carregadores carregavam preciosos tesouros — prêsas de elefantes, fardos de tecidos pendentes de varas e ornados de franjas, bilhas e cestas cheias. Entre os animais conduzidos chamou a atenção um elefante com orelhas extraordinariamente pequenas; havia camelos de duas gibas, macacos, antílopes e até um touro bravo e um misterioso unicórnio.

Mas quem quisesse interpretar o sentido dos relevos teria de se contentar com suposições. Pois ninguém no mundo inteiro sabia ainda ler os textos cuneiformes. A pedra permanecia muda. Sôbre os assírios os eruditos sabiam apenas o que a Bíblia dizia. E no princípio do século XIX os sumérios e os acádios eram apenas nomes sem sentido. "Um caixote com pouco mais de um metro quadrado", escreve Layard, "cheio de pequenos cilindros com inscrições, selos e fragmentos de textos, que ainda não puderam ser classificados, era nesse tempo tudo o que existia em Londres sôbre os tempos primitivos na Mesopotâmia."

Só anos depois se verificou, pela tradução dos textos, que o obelisco negro era um monumento de vitória do rei assírio Salmanasar III (1), contemporâneo e adversário do rei Acab de Israel, glorificando a cadeia ininterrupta de campanhas sangrentas.

A descrição continha uma interessantíssima confirmação das tradições bíblicas daquele tempo.

Por três vezes, nos anos 6, 11 e 14 de seu reinado, o assírio topou, em suas expedições de conquista ao ocidente, com uma aliança de reis da Síria e da Palestina. Na expedição do ano 18 de seu reinado, porém, só um rei lhe saiu ao encontro nessa região. Os textos assírios citam como adversário apenas o rei bíblico *Hazael* de Damasco.



Fig. 46: Tributo do Rei Jeú a Salmanasar III.

Sobre o aliado do rei damasceno, Jeú de Israel, o monumento da vitória dá informações interessantes.

A segunda faixa de relêvo representa uma longa fila de pessoas pesadamente carregadas, trajando túnicas ricamente ornamentadas e barretes em ponta. O texto correspondente diz:

"Tributo de Jaua de Bit-Humri: recebi dêle prata, ouro, uma bacia de ouro, escudelas de ouro, copos de ouro, vasilhas de ouro, peças de chumbo, cetros para o rei e madeiras de balsamodendro."

"Jaua de Bit-Humri" é nada mais nada menos que o rei Jeú de Israel. Os assírios chamavam a Israel "Bit-Humri", que queria dizer "Casa de Amri".

Esta referência encontrada na residência real do Tigre fornece a chave à compreensão das perdas que sofreu o reino setentrional de Israel sob o governo de Jeú.

Só pagava tributo quem se submetia voluntariamente; do inimigo vencido tomavam-se despojos. Jeú tornara-se dissidente de Damasco e

(1) 858-824 a. C.

levava presentes ao rei assírio. Por sua infidelidade aos antigos aliados, por seu afastamento de Damasco tiveram de pagar caro Jeú, seu filho Joacaz e, sobretudo, o povo de Israel. Mal o assírio voltou as costas à Síria, Hazael de Damasco iniciou contra Israel uma guerra de vingança e extermínio. A Bíblia diz qual foi o resultado: *"Naquele tempo o Senhor começou a indignar-se contra Israel; e Hazael derrotou-os em tôdas as fronteiras... e os tinha reduzido como o pó da eira onde se debulha."*

Vós que dormis em leitos de marfim, e vos entregais à moleza dos vossos leitos; que comeis os melhores cordeiros do rebanho, e os mais escolhidos novilhos da manada; que cantais ao som do saltério; e julgais imitar a Davi, usando instrumentos músicos; que bebeis vinho por copos, que vos perfumais com óleos preciosos..." (Amós 6-4 a 6).

A circunstância de a Assíria ter, depois de Salmanasar III, uma série de soberanos fracos, deu aos dois reinos de Israel e Judá um repouso que, aliás, foi apenas um adiamento. Estando a Assíria ocupada com as próprias desordens internas, Israel e Judá puderam gozar dum período de paz que durou de 825 a 745 a. C.

Quatro décadas governou *Oσίας, o Leproso*, como rei de Judá. Em Israel governava Jeroboão II ⁽¹⁾. Sob o seu longo reinado Israel prosperou novamente, tornou-se rico, deu-se ao luxo e as classes superiores viviam satisfeitas consigo mesmas, entregues às suas paixões, à depravação e ao vício. O profeta Amós ergueu a sua voz em advertência, fustigando a vida dos prazeres sem freio.

Os relatórios arqueológicos e as áridas notícias das expedições lançam uma luz que aclara as advertências do profeta. Em Israel, no monte de ruínas da velha Samaria e em redor, nas camadas de solo correspondentes às décadas posteriores a 800 a. C., sob o reinado de Jeroboão II, repousavam os testemunhos de sua opulência material. O palácio real de Samaria continha ainda uma grande quantidade de delicadas tabuinhas de barro escritas a tinta e pincel. Em 63 cartas referentes a importantes remessas de vinho e azeite para o palácio real assinam como remetentes os administradores das fazendas reais de Jeroboão II, lavradores e empregados que já dispunham de uma escritura notável.

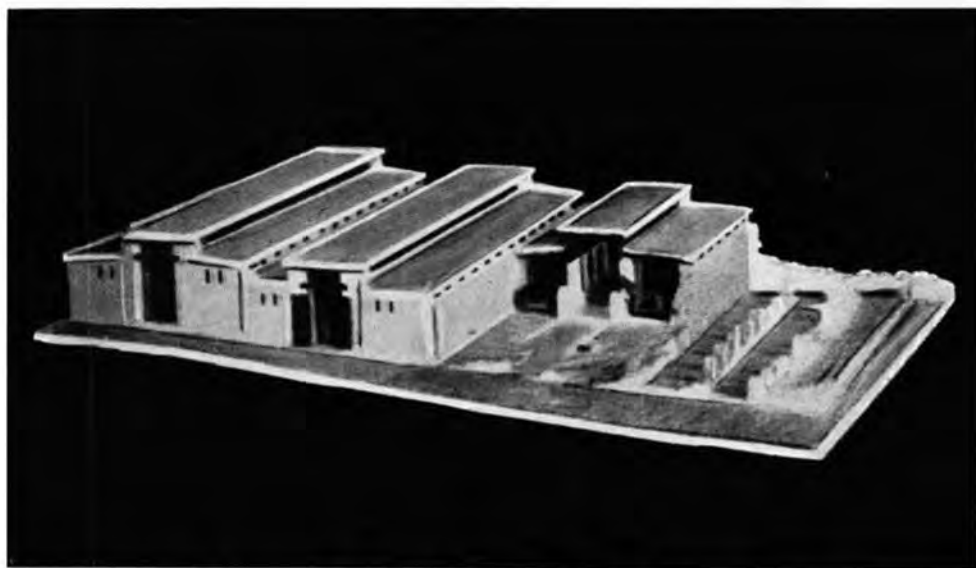
Da mesma época procede também uma boa quantidade de objetos de talha em marfim, ornados em parte com ouro, pedras semipreciosas e pó de vidro de variadas côres. Os desenhos representavam motivos mitológicos tomados ao Egito, como Harpócrates na flor do loto, figuras de deuses como Ísis e Horo, ou querubins. Por tôda a parte no país havia armazéns e celeiros onde se guardava o excedente de mercadorias de tôda a sorte.

Como ocorreu esta superabundância súbita, esta riqueza?

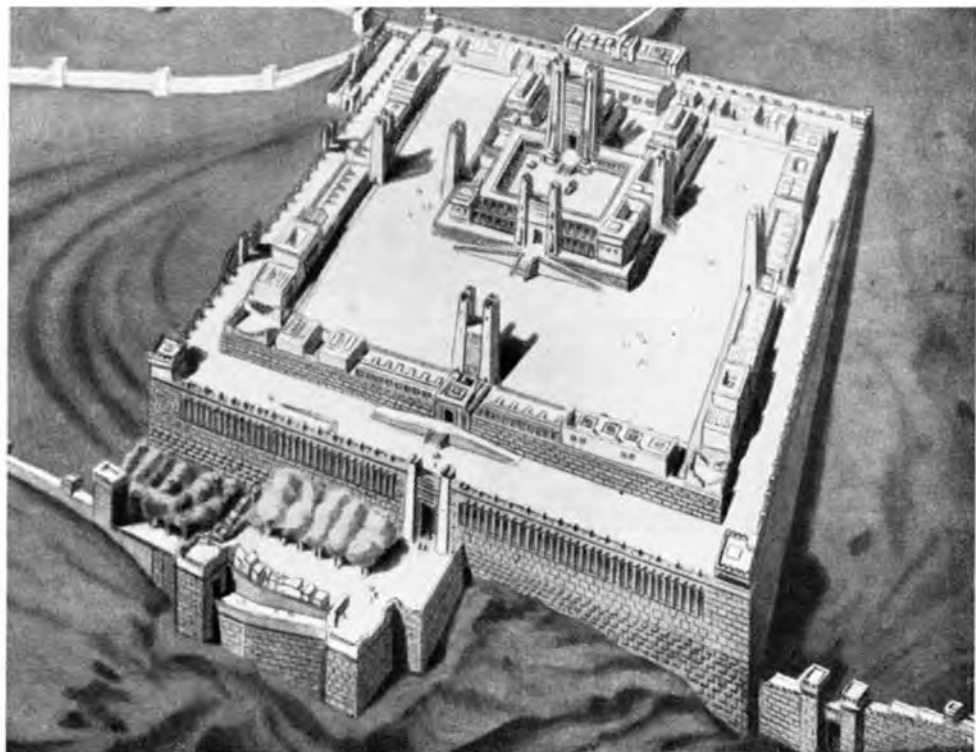
(1) 787-747 a. C.



Em Megido, construída por Salomão (III Reis 9-15), foram postos a descoberto os restos de imensas cavalariças reais com baias para 450 cavalos. As bases das colunas marcam a separação das baias.



Reconstrução (Museu de Pensilvânia, U. S. A.).



"No quarto ano do reinado de Salomão... se começou a edificar a casa do Senhor" (III Reis 6-1). Do pátio exterior (em frente, embaixo) passa-se por uma porta para o pátio intermediário, situado mais alto. Por outra porta, com uma escada, chega-se ao grande pátio interior, ponto de reunião da comunidade diante do templo e do lugar onde se faziam os sacrifícios. À entrada do templo erguiam-se as duas colunas de bronze "Jaquim" e "Booz" (III Reis 7-21). Outra escada conduzia ao átrio que levava ao santuário, atrás do qual se encontrava o "santíssimo" num recinto escuro. (Reconstrução do século XIX segundo De Vogue).

Guerreiros hititas dum reino junto de Carquemis (neo-hitita).

Ainda poucos anos antes Israel estivera numa situação de desespero. Uma frase do cronista do quadragésimo primeiro ano do reinado de Jeroboão II contém a chave que nos permite compreender: *"Restabeleceu os limites de Israel, desde a entrada de Emat até ao mar do deserto..."* (IV Reis 14-25). Este *"mar do deserto"* é o Mar Morto. De novo o reino se estendeu até à Jordânia oriental e — como no tempo de Davi e Salomão — até à Síria.

Em 800 a. C. a conquista de Damasco pelos assírios tinha destruído o poder dos arameanos e dêsse modo — parece uma ironia da sorte — livrado Israel de seu mortal inimigo. Israel aproveitou a oportunidade para reconquistar os territórios há muito perdidos, mudou a situação a seu favor e, com os tributos da Jordânia, começou a entrar nova riqueza.

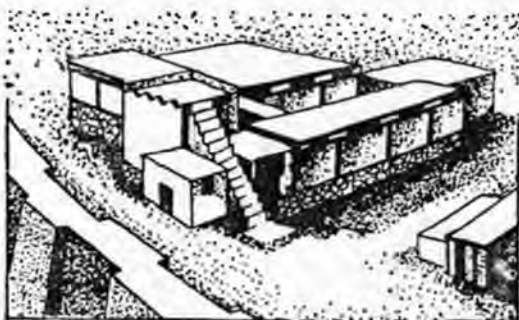


Fig. 47: Casa dum aristocrata em Magedo no tempo dos reis (Reconstrução).

Duras e agourentas deviam soar as palavras do profeta Amós no tempo dêsse aparente esplendor: *"Ai... dos que viveis... no monte de Samaria... Vós todavia estais reservados para o dia mau, e estais-vos a aproximar do sólio da iniquidade... Por isso ireis na frente dos que forem cativos, e será disperso este grupo de voluptuosos"* (Amós 6-1, 3, 7). Em vão... soavam em ouvidos moucos. Só o rei Jeroboão não deve ter confiado na paz; talvez as palavras de exortação do profeta encontrassem eco no seu coração. De qualquer modo, reforçou febrilmente a fortaleza pouco segura de Samaria, a capital.

O inglês J. W. Crowfoot encontrou o que Jeroboão fêz em sua sábia previsão. Samaria foi cercada por uma dupla muralha, sendo mais reforçadas ainda as fortes muralhas já existentes. Na parte da acrópole que dava para o norte, onde Samaria devia ser mais vulnerável, Crowfoot pôs a descoberto um baluarte titânico. Estendeu a fita métrica, convencido de que se enganara. Cuidadosamente, mediu de novo. Não havia dúvida, a muralha, feita de pedras rejuntadas, tinha dez metros de espessura!

CAPÍTULO 2

O FIM DO REINO SETENTRIONAL DE ISRAEL

O soldado Ful torna-se Teglatfalazar III. — Governadores assíricos sobre Israel. — Samaria resiste três anos. — O cônsul Botta procura Nínive. — O rei burguês inaugura o primeiro museu assírio. — Caçando documentos ao luar. — A biblioteca de Assurbanipal. — Um povo é deportado.

Ful, rei dos assírios, foi então a esta terra... (IV Reis 15-19).

Tais são as palavras que anunciam a agonia do reino setentrional de Israel, lapidares, sóbrias, desapaixonadas.

A morte de Jeroboão II preludiou o último ato. No mesmo ano, 747 a. C., fechava os olhos o rei Osias de Judá, o leproso. No breve período de anarquia que se sucedeu, Manaem proclamou-se rei em Samaria. Em 745 a. C. subira ao trono assírio um antigo soldado de nome Pulu, que passou a chamar-se Teglatfalazar III ⁽¹⁾. Foi o primeiro duma série de tiranos brutais que conquistaram o que se tornou então o maior império do antigo Oriente. Seu objetivo era a Síria, a Palestina e o último pilar do mundo antigo, o Egito. E assim foi que Israel e Judá se encontraram entre as más implacáveis dum estado militar, para quem a palavra paz só merecia desprezo e cujos déspotas e coortes só entendiam três coisas: marchar, conquistar, oprimir.

Desde o norte da Síria Teglatfalazar III invadiu tôdas as terras ao longo do Mediterrâneo, transformando povos independentes em províncias do império da Assíria e em estados tributários. A princípio, Israel se submeteu voluntariamente: *"E Manaem deu a Ful ⁽²⁾ mil talentos de prata, para que ele o socorresse e lhe firmasse o seu reino. Manaem fez cobrar dinheiro das pessoas poderosas e ricas, para o dar ao rei dos Assírios, cinquenta siclos de prata por cabeça; e o rei dos Assírios retirou-se, e não se demorou no país"* (IV Reis 15-19, 20).

"Recebi tributo de Manaem de Samaria", registrou Teglatfalazar III nos anais.

Mil talentos correspondem a sete milhões e meio de marcos ouro. Cinquenta siclos por cabeça *"das pessoas poderosas e ricas"* são 125 marcos ouro. O economista e o estatístico deduzem: Devia haver 60.000 indivíduos de posses em Israel.

(1) 745-727 a. C.

(2) Teglatfalazar III.



Fig. 48: Teglathfalazar III (com arco e espada) sitia uma fortaleza. Máquinas-arietes destroem as muralhas. Ao fundo, homens empalados.

O rei Manaem cometeu o erro de pensar que o pacto com o tirano e o pagamento voluntário do tributo seriam o mal menor. Mas isso começou a fazer mau sangue no povo. A contrariedade por causa do imposto assírio degenerou em conspiração e assassinio. O ajudante Facéia matou o filho e herdeiro de Manaem e apoderou-se do poder. Desde esse momento o partido anti-assírio determinou a política futura do reino do norte.

Rasin, rei de Damasco, tomou enérgicamente a iniciativa. Sob a sua direção restabeleceu-se a liga de defesa dos estados arameanos contra a Assíria. Os estados fenícios e árabes, as cidades filistéias e os edomitas entraram para ela. Israel também aderiu à liga. Só o rei Acaz, do reino meridional de Judá, se manteve obstinadamente à parte. Rasin e Facéia tentaram fazer Judá entrar na Liga à força. *"Então Rasin, rei da Síria, e Facéia, filho de Romélia, rei de Israel, foram contra Jerusalém, para combater; e, tendo cercado Acaz, não o puderam vencer"* (IV Reis 16-5).

No extremo da sua aflição, o rei de Judá lançou um grito de socorro. *"...Acaz mandou mensageiros a Teglathfalazar, rei dos Assírios, dizendo: Eu sou teu servo e teu filho: vem, e salva-me da mão do rei da Síria, e das mãos do rei de Israel, que se aliaram contra mim. E, tendo juntado a prata e o ouro, que se pôde achar na casa do Senhor, mandou presentes ao rei dos Assírios"* (IV Reis 16-7, 8).

"Recebi tributo de Jauhazi (Acáz) de Judá", registra novamente o assírio.

Então o mal seguiu seu curso. Devemos nosso conhecimento sobre estes acontecimentos a dois grandes registros históricos: à Bíblia e às tabuinhas de pedra e barro com inscrições cuneiformes, nas quais — a mil quilômetros de distância do terrível acontecimento — foi registrado fielmente o sucesso da guerra. Muito mais de dois mil anos repousaram os documentos nos magníficos palácios do Tigre, até que os sábios habilmente os desenterraram e traduziram para a nossa língua. Eles puseram de novo diante dos nossos olhos, de uma maneira notável, o fiel conteúdo histórico das narrativas bíblicas. A Bíblia e os monumentos assírios concordam inteiramente na descrição dos acontecimentos que aniquilaram o reino setentrional de Israel. O cronista do Antigo Testamento dá os fatos sobriamente, o historiógrafo assírio comprou-se sinistramente em seus detalhes:

LIVRO QUATRO DOS REIS

"O rei dos Assírios, pois, marchou contra Damasco, e destruiu-a, e transportou os seus moradores para Cirene, e matou Rasin. (IV Reis 16-19)

"No tempo de Facéia, rei de Israel, veio Teglafalazar, rei dos Assírios, e tomou... Asor, e Galaad e Galiléia, e todo o país de Neftali; e transportou todos os seus habitantes para a Assíria."

(IV Reis 15-29)

"Mas Oséias... fez uma conspiração... contra Facéia... e feriu-o e matou-o; e reinou em seu lugar..." (IV Reis 15-30)

TEXTO CUNEIFORME DE TEGLAT-FALAZAR III

"Empalci vivos os seus nobres e mostrei-os como espetáculo à sua terra. Derribei seus hortos e pomares sem conta. Sitiei e tomei a cidade natal de Reson (Rasim) da terra de Damasco. Levei prisioneiras 800 pessoas com seus bens. Arrasei as cidades de 16 distritos de Damasco como se fossem montículos de areia na praia." (De: Expedição Militar ao Ocidente, 734-733 a. C.)

"Bet-Omri (Israel), cujas cidades eu havia tornado território da minha terra, só tendo deixado a cidade de Samaria... Anexeí a grande terra de Neftali ao país da Assíria. Coloquei funcionários meus como governadores sobre essas terras. A terra de Bét-Omri, o total de seus habitantes e seus bens conduzi para a Assíria." (De Expedição Militar ao Ocidente e Expedição Militar contra Gaza e Damasco, 734-733 a. C.)

"Derribaram Facéia, seu rei, e eu pus Oséias para reinar sobre eles." (De Expedição Militar contra Gaza e Damasco.)

Quando as hordas guerreiras da Assíria se retiraram outra vez da Palestina, deixaram Israel ferido de morte, arrojado por terra, dizimado por deportações, reduzido a uma pontinha insignificante do reino do Norte. Com exceção de Samaria, foram anexadas tôdas as cidades, o país foi dividido em províncias, nas quais os governadores e administradores assírios estabeleceram um regime férreo.

De Israel ficou apenas um estado anão, um pontinho no mapa: as montanhas de Efraim com Samaria, a capital. Aqui vivia o rei *Oséias*.

É verdade que o reino do Sul, Judá, foi poupado... temporariamente! Mas era tributário de Teglafalazar III.

O colosso militar assírio dominara com mão forte o "Fértil Crescente" das costas do Golfo Pérsico, das cordilheiras da Pérsia à Ásia Menor, das planícies da Mesopotâmia, passando pelo Líbano e o Anti-Líbano, à Palestina. Só ficou sem ser submetida a capital, Samaria, ocupando sete hectares e meio de superfície, com uns dois quilômetros quadrados de campos de trigo e cevada, como "hinterland".

Dessa pontinha de terra, Assur recebe um desafio!

Depois da morte de Teglafalazar, o rei *Oséias* conspirou com o Egito. Recusou-se a pagar o tributo anual aos assírios. Salmanasar V ⁽¹⁾, sucessor de Teglafalazar III, revidou imediatamente. Pois *"tendo... descoberto que Oséias, tentando rebelar-se, tinha mandado mensageiros a Sua, rei do Egito (2), para não pagar os tributos ao rei dos Assírios, como todos os anos costumava, cercou-o, e, depois de preso, meteu-o numa prisão"* (IV Reis 17-4). Para se manter, a organização do odiado sistema de terror precisava (então como agora) de uma vasta rede de esbirros e espiões.

Com Samaria, o que restava do reino setentrional de Israel sofreu a sorte de Damasco, *"...no ano nono de Oséias, o rei dos Assírios tomou Samaria, e transportou os Israelitas para a Assíria..."* (IV Reis 17-6).

Três anos inteiros a pequena fortaleza da montanha havia resistido heróicamente a forças esmagadoramente superiores (IV Reis 17-5).

Os textos cuneiformes informam que, durante o assédio de Samaria, Salmanasar V morreu inesperadamente. O seu sucessor, Sargão II ⁽³⁾, continuou a luta. "No primeiro ano de reinado", relatam os anais de Sargão, *"sitiei e conquistei Samaria... levei comigo 27.290 pessoas que aí viviam."*

A descoberta das inscrições de Sargão, há mais de cem anos, parece uma história romântica do país fabuloso dos califas. Não obstante, constitui um marco miliário na ciência da Antiguidade. Porque com ela nasceu a Assiriologia, cujas descobertas sensacionais deram autenticidade histórica a muitas narrativas bíblicas.

Ainda não fôra inventado o automóvel; ainda não se conhecia a luz elétrica; nas planícies de areia das margens do Tigre ainda não se erguia nenhuma torre de perfuração de petróleo; Mossul apresentava ainda o quadro pitoresco e colorido de uma cidade das Mil e Uma Noites. Nem sequer lhe faltavam os bazares, os haréns e um califa de carne e osso. Era em pleno Antigo Oriente, no ano de 1840.

(1) 727-722 a. C.

(2) Sua, soberano do Egito de nome Sewe, chamado Sib'e pelos assírios.

(3) 721-705 a. C.

Era no verão. Um hálito de fogo envolvia a cidade de esguios minaretes brancos e ruas estreitas e sujas sem calçamento. Para um europeu aquele calor era insuportável. Paul-Emile Botta, o novo agente consular francês, escapava à canícula sempre que podia, saindo a passear a cavalo pelas margens do Tigre a fim de respirar um pouco de ar livre. Mas não tardou que outra coisa que não o ar livre começasse a exercer uma grande atração sobre ele: umas estranhas colinas desertas que existiam na outra margem do Tigre. Isso, é claro, nada tinha a ver com as tarefas rotineiras dum agente consular, mas Monsieur Botta era um homem ilustrado, e havia acompanhado com muita atenção uma controvérsia dos eruditos sobre um nome bíblico — *Nínive*! Ninguém sabia onde fôra exatamente essa cidade antiga. Uma suposição se opunha a outra. Uma delas indicava os arredores de Mossul como sítio de Nínive. Vagueando pelas dunas amarelo-escuras na margem oposta do Tigre, Botta encontrava repetidamente fragmentos de tijolos. Eram, porém, fragmentos insignificantes e que nada diziam. Apesar disso, fez referência a eles numa carta que mandou para Paris. A resposta foi um escrito de Monsieur Mohl, secretário da *Société Asiatique*, incitando-o a examinar a região com um pouco mais de atenção.

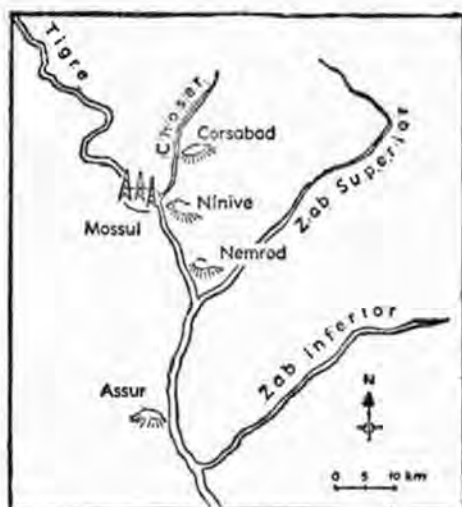


Fig. 49: Montículos de entulho das antigas residências dos soberanos assírios no Tigre.

Com dinheiro do próprio bolso Botta contratou uma turma de nativos e, nos barcos redondos típicos do Tigre, atravessou com eles o rio até às colinas, a fim de fazer escavações.

Essa primeira tentativa de um europeu moderno de procurar Nínive e lhe arrancar os seus segredos estava, entretanto, destinada ao insucesso. Botta fez escavar o solo em várias encostas. Num instante escoa-

ram-se algumas semanas de atividade. E os resultados foram nulos. Botta viu que seus recursos se gastavam inutilmente e interrompeu decepcionado a expedição particular, iniciada com tanto entusiasmo.

É possível que ele nunca mais tornasse a fazer pesquisas nessa região se não ouvisse algo que lhe deu novo impulso. Na aldeia de Corsabad, a 11 quilômetros de distância, para o norte, uns árabes, ao lavrarem os campos, teriam encontrado grandes colunas!

Nos primeiros dias de março de 1842 Botta já se havia transportado para o local com seus trabalhadores. Começou o trabalho das picaretas. Logo no primeiro dia encontraram obras de alvenaria, evidentemente as paredes de uma grande construção.

Botta exultou de alegria, embora naquele momento ainda nem suspeitasse que havia descoberto um filão histórico e científico de primeira ordem. A alvenaria descoberta fazia parte do primeiro e gigantesco palácio assírio que, após milhares de anos de repouso, seria trazido de novo à luz do dia. Era o nascimento da Assiriologia. E o que deu lugar a esse nascimento foi — como veremos a seguir — um engano.

Mais uma vez neste caso a Ciência francesa mostrou a segurança do seu instinto. A *Académie des Inscriptions*, que Botta informou sem demora sobre a descoberta, obteve imediatamente do governo os meios necessários para as escavações. Não foi muito a princípio, mas o franco-ouro tinha bastante valor no Oriente. O Sultão concedeu a licença pedida para uma escavação.

Inimagináveis e embaraçosas ao extremo foram, entretanto, as dificuldades que o próprio Botta teve de enfrentar, causadas pelas autoridades de Mossul. Uma vez diziam que as escavações eram trincheiras, outras vezes que as tóscas barracas dos trabalhadores eram um acampamento militar. Mais de uma vez Botta teve que pedir socorro a Paris e a diplomacia foi obrigada a intervir.

Apesar de tudo isso, foram arrancadas da areia, em Corsabad, partes dum imenso palácio.

Eugene N. Flandin, famoso desenhista francês, que se havia especializado em antiguidades, recebeu do Museu de Louvre a incumbência que hoje cabe ao fotógrafo numa expedição. Seu lápis de desenho ia reproduzindo no papel, com absoluta fidelidade, as coisas que saíam do solo. Os desenhos foram reunidos numa coleção magnífica e a obra, em grande formato, recebeu o pretensioso título de “Le Monument de Ninive”. Porque Botta estava convencido de haver descoberto a cidade bíblica de Ninive. E era aí que estava o engano!

Se ele tivesse escavado alguns centímetros mais fundo na colina em frente de Mossul, onde, desanimado, dois anos antes havia abandonado o trabalho aparentemente inútil, teria feito a grande descoberta da sua vida! Assim, coube o mérito da descoberta de Ninive a Henry Layard, que em 1845, por incumbência do governo inglês, empreendeu escavações no lugar abandonado por Botta.

Logo aos primeiros golpes das pás, por assim dizer, êle encontrou os muros de um palácio magnífico — Nínive!

O que Botta desenterrara em Corsabad fôra o imenso castelo de Sargão, residência do rei assírio Sargão II. Mas isso só veio saber-se mais tarde. Se Botta pudesse ler as tabuinhas encontradas em Corsabad, não cometeria o erro que cometeu. "Dur-Sharrukin", "Paço de Sargão", dizia a inscrição cuneiforme, que em 1842 ainda não podia ser decifrada com segurança. A chave da tradução só quinze anos mais tarde pôde ser comprovada.

Em 1857 os ingleses Rawlinson e Hincks e o franco-alemão Oppert traduziram um texto, independentemente uns dos outros, e as três traduções concordaram inteiramente entre si. E assim ficou resolvida a decifração da escrita assíria.

Em outubro de 1844, os relevos e textos de anais descobertos por Botta, juntamente com estátuas e blocos de colunas, iniciaram uma viagem aventureira. Em barcos e balsas a preciosa carga partiu de Corsabad com destino à foz do Tigre. Em Bassorá, no Golfo Pérsico, foi embarcada no "Cormoran" e seguiu para a Europa. Paris experimentou uma grande sensação, pois a coisa interessava não somente aos sábios mas também ao grande público.

Nas magníficas salas do Louvre, decoradas por Percier e Fontaine, em 1.º de maio de 1847 o "rei burguês" Louis Philippe inaugurou solenemente a coleção com os primeiros testemunhos do mundo das histórias bíblicas. Assim nasceu o primeiro museu assírio do mundo.

As colinas da antiga Nínive ofereceram ao novo mundo a mais formidável coleção de informações sobre a Antiguidade.

E a história da sua descoberta não deixou de ter certo sabor amargo para a França. Quando começaram as escavações inglesas, os franceses haviam reservado para si uma parte da colina.

Na parte reservada aos ingleses veio à luz um palácio gigantesco e foi identificada a Nínive histórica e bíblica. Mas que se esconderia no setor da França? O explorador Rassam aproveitou uma oportunidade favorável para ir descobrir. Valendo-se da ausência de Rawlinson, seu chefe, diretor das escavações, e de um luar claríssimo, fez uma proveitosa excursão ao terreno reservado à França. Logo aos primeiros golpes de pá topou com o palácio de Assurbanipal e com a célebre biblioteca desse soberano, a mais famosa do antigo Oriente. Vinte mil tabuinhas cobertas de inscrições cuneiformes seguiram para o Museu Britânico.

Essas tabuinhas continham a substância histórica e espiritual da Mesopotâmia, de seus povos, reinos e suas aptidões, de suas culturas e religiões, além da história do dilúvio dos sumérios e da epopéia de Gilgamés.

E o livro até então fechado e misterioso da história do nosso mundo abriu-se de repente página após página. Soberanos, cidades, guerras e

histórias que por tanto tempo os homens só conheceram do Antigo Testamento, revelaram-se fatos reais.

Entretanto, está esquecido há muito o que deu motivo a essas pesquisas e descobertas sensacionais: Se não fôsse a Bíblia, talvez nunca se houvessem procurado!

Em meados do século teve lugar o redescobrimento de Nínive, do castelo de Sargão e, no Tell nimrud, a *Cale* do Gênesis que "*Nemrod construiu*" (Gên. 10-11). Mas passaram-se alguns decênios ainda antes que a enorme quantidade de textos cuneiformes decifrados e traduzidos se tornasse acessível a um grande círculo de pessoas. Só no fim do século passado e começo dêste apareceram algumas obras eruditas, com as traduções de uma parte dos textos, entre elas os anais dos soberanos assírios correntes no Antigo Testamento: "Teglatfalazar" ou "Ful", "Sargão", "Senaquerib" e "Asaradon"...

Desde então essas obras pertencem em todo o mundo ao patrimônio de bibliotecas de universidades, estados, institutos e seminários. Uma mina inigualável de descobertas, diligentemente estudada e utilizada por historiadores, assiriólogos, teólogos — isto é, por especialistas. Mas quem mais as lê, quem as conhece? Entretanto, só com os relevos poderia compilar-se um livro histórico ilustrado muito completo e claro sobre a Bíblia!

Os documentos assírios contêm grande quantidade de coisas interessantes e esclarecedoras que reforçam o conteúdo historicamente verdadeiro da Bíblia. Botta encontrou no castelo de Sargão em Corsabad notícias de Sargão sobre suas expedições militares à Síria e à Palestina e sobre a sua conquista de Samaria em Israel.

"...no meu primeiro ano de reinado sitiei e conquistei Samaria". O rei Sargão II governou de 721 a 705 a. C. Israel, o reino do Norte, caiu, pois, no ano 721 a. C. (IV Reis 17-6).

"Gentes das terras, prisioneiros de guerra feitos de minhas próprias mãos deixei-os viver nelas. Pus sobre eles meus funcionários como governadores e impus-lhes taxas e tributos como aos assírios", referem os anais a respeito da conquista de Samaria. O Antigo Testamento descreve a tática impiedosa de desarraigamento dos ditadores, usada pelos assírios em grande escala — experiência feita então pela primeira vez no mundo: "*E o rei dos Assírios mandou vir gente de Babilônia, e de Cuta, e de Ava, e de Emat, e de Sefarvaim, e pô-los nas cidades da Samaria em lugar dos filhos de Israel, e eles possuíram a Samaria, e habitaram nas suas cidades*" (IV Reis 17-24).

Dezenas e dezenas de milhares de pessoas foram arrancadas à força de sua pátria e deportadas para terras estrangeiras, sendo os claros deixados preenchidos com povos arrancados de outras regiões.

O objetivo era claro: tinha que ser destruído o caráter racial. Dêsse modo se destruiria também a vontade de resistência. O "Fértil Crescente" foi todo revolvido, seus povos intermisturados e de grande variedade de raças e cultos separados fêz-se um amálgama.

Com Samaria não ocorreu diferente. Seus habitantes, pitorescamente heterogêneos, foram chamados mais tarde "samaritanos". "Samaritano" passou a ser uma injúria e uma expressão de repulsa. Eles se tornaram objeto de desprezo por sua raça e religião: *"Porque os Judeus não comunicam com os Samaritanos"* (João 4-9). Só Jesus conta a parábola do *"bom Samaritano"*, assim transformando uma palavra de ódio numa idéia prática de amor ao próximo (Luc. 10-30 e seg.).

O povo do reino do Norte e, com êle, a realza caíram e desapareceram, absorvidos pelas populações de terras estrangeiras, e nunca mais reapareceram na história. Tôdas as investigações para descobrir o paradeiro das dez tribos que aí tinham sua pátria foram infrutíferas até hoje.

CAPÍTULO 3

JUDA SOB O JUGO DE ASSUR

Esperanças com a morte de Sargão. — Um emplastro de figos cura o rei Ezequias. — Receita eficaz do Antigo Oriente. — Berodac Baladan, horticultor e rebelde. — Rearmamento secreto em Judá. — Aqueduto aberto nos rochedos de Jerusalém. — Uma inscrição no túnel aberto por Ezequias. — A sorte de Laquis contada em relevos de pedra. — Rodeiras de "tanques" assírios nas ruínas. — Uma retirada misteriosa. — Notícia de Heródoto sobre o rei e o rato. — Starkey descobre um túmulo de empestados. — Senaquerib descreve o sítio de Jerusalém.

Por causa disso eu prantearei e soltarei gritos: andarei despojado e todo nu; darei berros como os dragões, e soltarei lamentos como os avestruzes; porque a chaga da Samaria é desesperada, porque chegou até Judá, penetrou até à porta do meu povo, até Jerusalém (Miquéias 1-8, 9).

É possível que em Judá muitos se alegrassem com a queda do irmão inimigo. Mas a notícia encheu de dor o profeta Miquéias. Ele sentiu que o golpe que arrasara Samaria atingiria também um dia a cidade de Jerusalém. Nesse tempo era Ezequias rei de Judá (1), "*E ele fez o que era bom na presença do Senhor...*" (IV Reis 18-3). Desde que o pai de Ezequias se submetera voluntariamente a Teglatfalazar III, em 733, a. C., Judá era estado vassalo dependente, e os pagamentos de seus tributos eram registrados metódicamente em Nínive. Ezequias não quis seguir a política do pai. Com ele subiu ao trono a reação. "*Sacudiu... o jugo do rei dos Assírios*" (IV Reis 18-7).

Ezequias não era nenhum exaltado, mas astuto, calculador frio e homem de visão. Ele sabia muito bem que suas intenções constituíam um jogo arrojado e altamente perigoso para ele e para o seu povo. A apenas cinquenta quilômetros de Jerusalém, em Samaria, estava o governador assírio que o observava com desconfiança. Um passo em falso, uma piscadela para Nínive, e Ezequias seria deposto e acorrentado. O trono era apenas um feudo. Ezequias procedeu com toda a

(1) 725-697 a. C.

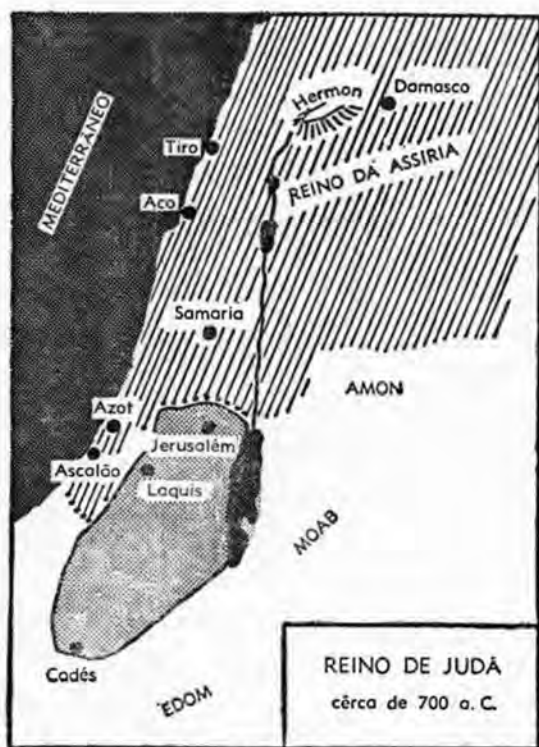


Fig. 50

precaução e prudência, “e conduzia-se com sabedoria em tôdas as coisas que empreendia” (IV Reis 18-7).

No estado filisteu de Azot, igualmente oprimido, irromperam manifestações antiassírias. Isso deu origem a uma liga contra o opressor do Tigre (1). Ezequias viu uma primeira oportunidade para executar o seu plano. Ele simpatizava com a causa, mas conservava-se oficialmente à parte, negociando em segredo.

Jerusalém recebeu por esse tempo a estranha visita de altos personagens “dalém dos rios da Etiópia” (Isa. 18-1). Eram embaixadores etíopes. No Egito reinava então Chakaba, faraó etíope.

Os assírios sufocaram a revolta de Azot pela força. Um “tartanu” — generalíssimo — apareceu com um exército para reprimir os revoltosos. “No ano em que Tartan, enviado por Sargão, rei dos Assírios, foi contra Azot, e a combateu e tomou...” (Isa. 20-1).

Nas paredes do castelo de Sargão, os cronistas da corte descreveram assim essa expedição punitiva: “...Sitiei e conquistei... Azot... Con-

(1) 713 a. C.

siderei como despojos de guerra seus deuses, suas mulheres, seus filhos, suas filhas, seus bens, o tesouro de seu palácio, tôda a gente do país. Povoei de novo essas cidades..."

Quando os assírios se aproximaram já a liga antiassíria se havia desagregado.

O território de Azot tornou-se província assíria.

Ao rei Ezequias nada aconteceu, embora estivesse na lista negra. Os espiões assírios tinham percebido o seu jôgo e informado Sargão II detalhadamente sobre as negociações secretas de Ezequias com o país do Nilo. Depreende-se isso do texto dum fragmento prismático:

"A Filistéia, Judá, Edom e Moab, que planejavam atos de inimizade, maldades sem conta... que, a fim de inimizá-lo comigo, mandaram ao Faraó, rei da terra do Egito... presentes para homenageá-lo e procuraram induzi-lo a fazer parte duma aliança..."

De repente, como um rastilho, em 705 a. C. propagou-se a notícia que deu nova esperança de libertação do jugo opressor: Sargão fôra assassinado! Em tôda a parte no "Fértil Crescente", nas províncias assírias e nos estados vassalos, começaram conspirações, entendimentos e negociações.

"Por aquêlo tempo Ezequias adoeceu de morte" (IV Reis 20-1).

Nesse momento de febril atividade política isso era um grave *handicap*. Porque muitos estados da Síria e da Palestina depositavam grandes esperanças no astuto rei de Judá.

Que se poderia fazer para curar Ezequias de sua grave enfermidade? *"E Isaías disse: Trazêi-me cá uma massa de figos. E, tendo-lha trazido, tendo-a pôsto sobre a úlcera do rei, ficou curado" (IV Reis 20-7).*

O curso dos acontecimentos é muitas vêzes rico em paralelas e relações notáveis. Tal é o caso desta terapia bíblica.



Fig. 51: O Rei assírio Sargão II e seu "tartan" (relêvo de Corsabad).

No pôrto de Ras Schamra, no norte da Síria, alguns escavadores franceses encontraram em 1939, nas ruínas da cidade marítima fenícia de Ugarit, alguns fragmentos de um antiquíssimo livro de veterinária, o qual continha instruções sôbre a maneira de tratar cavalos doentes e enfraquecidos. O chefe dos cavalariços do rei de Ugarit mandou registrar aí, pelo ano 1500 a. C., curas como esta: "Se um cavalo tiver a cabeça inchada ou assaduras no focinho, prepare-se um unguento de figos e passas, misturados com farinha de aveia e um líquido. A mistura deve ser deitada nas ventas do cavalo."

Para cada doença havia uma receita muito precisa. Os principais remédios eram constituídos de plantas e frutas, como mostarda e alcaçuz — ou seja, extrato de alcaçuz. Nem mesmo faltam conselhos sôbre a maneira de tratar cavalos que mordiam e — qual o criador ou tratador de cavalos atual conhece isso? — que relinchavam demais. Naquele tempo, o relincho em certas circunstâncias podia ser funesto! Os cavalos eram empregados exclusivamente na guerra ou na caça. Uma tropa de carros de combate, por mais bem camuflada que estivesse numa emboscada, poderia ser denunciada súbitamente pelo relincho dum cavalo. E o mesmo acontecia na caça.

Os remédios citados provaram a sua eficácia entre os povos do Antigo Oriente desde tempos imemoriais. Eram produtos naturais que também podiam ser empregados com bom êxito nas pessoas. O remédio "debelah", citado no livro de veterinária com grandes elogios, uma espécie de bôlo de figos comprimidos, pertence a êles. Foi um tal "debelah" que o profeta recomendou contra o abscesso de Ezequias. Três dias depois o rei estava curado.

Do patrimônio de experiência médica dos tempos bíblicos, baseado principalmente em remédios naturais, muita coisa se perdeu ou se esqueceu no remoinho do tempo. Uma boa parte, entretanto, foi passando de geração a geração. A receita de figos pertence a êsses remédios tradicionais. Ainda hoje os médicos suíços receitam figos picadinhos embebidos em leite contra certa espécie de abscesso. Um medicamento árabe lembra o "debelah". É um fluido viscoso, extraído do suco de uvas e chama-se "dibis" na linguagem indígena.

Naquele tempo Berodac Baladan⁽¹⁾, filho de Baladan, rei dos babilônios, enviou uma carta e presentes a Ezequias; porque tinha sabido que Ezequias tinha estado doente (IV Reis 20-12).

Isto era costume tradicional entre os soberanos; era de bom tom no Antigo Oriente. Mandavam-se presentes e perguntava-se pela saúde de "seu irmão". Nas tabuinhas de El-Amarna lêem-se freqüentemente outros casos semelhantes.

(1) Aqui erroneamente Berodac Baladan. Em outra passagem (Isa. 39-1) aparece a forma correta, Merodac-Baladan.

Para Merodac-Baladan ⁽¹⁾ a doença de Ezequias foi apenas uma excelente oportunidade, um pretexto para tomar contato com êle. Atrás dessas cortesias escondiam-se motivos de alta política.

"Merodac-Baladan, rei de Babilônia", foi durante muito tempo uma figura misteriosa para os leitores da Bíblia. Agora sabe-se que era uma personalidade muito importante no seu tempo. Conhecem-se até algumas particularidades da sua vida privada. Era, por exemplo, um grande amigo da horticultura e dos pomares, incentivando a plantação de tôdas as espécies próprias da Mesopotâmia, como endívias, beterrabas, pepinos, tomilho, coentro, açafrão, pêssegos ou nêsperas. Descreveu as diversas espécies de plantas e seu cultivo e foi autor de um tratado prático de horticultura que assombrou os arqueólogos.

Independentemente de seus prazeres particulares como horticultor, Merodac-Baladan era, como rei e como babilônio, o mais acérrimo inimigo de Nínive. Nenhum soberano do "Fértil Crescente" havia, como êle, enfrentado os assírios durante decênios, e nenhum como êle havia lutado tão encarniçadamente e intrigado de maneira tão incansável o opressor do Tigre.

A morte de Sargão por mão assassina fêz Merodac-Baladan entrar em ação imediatamente. Foi nesse tempo que teve lugar a visita dos seus embaixadores a Ezequias. Através do motivo oficial para saber da saúde de Ezequias lê-se nas entrelinhas o que realmente se tratou: *"E Ezequias alegrou-se com a sua vinda, e mostrou-lhes... todos os seus tesouros... e o seu arsenal..."* (IV Reis 20-13). O profeta Isaías amplia esta declaração: *"...e mostrou-lhes todos os seus arsenais"* ⁽²⁾ (Isa. 39-2). Estava em plena atividade um rearmamento secreto — preparativos febris para o dia X, para o grande e desejado encontro com Assur. *"Reparou... todos os muros que estavam desmantelados e sobre êles construiu tôrres, e um outro muro por fora; e restaurou o forte de Melo, na cidade de Davi, e mandou que fizessem armas e escudos"* (II Par. 32-5).

As fortificações de Jerusalém foram reformadas para um duro assédio, foi reconstruída a antiga muralha circundante, fecharam-se as brechas, levantaram-se tôrres. No lado norte da cidade, o ponto mais vulnerável, construiu-se uma segunda muralha por fora. Até casas Ezequias mandou derrubar para êsse fim (Isa. 22-10). Mas nem assim esgotou as suas providências. *"O resto das ações de Ezequias, o seu grande valor, e de que modo fêz a piscina, e o aqueduto, e como conduziu a água para a cidade, não está tudo isto escrito no livro dos anais dos reis de Judá?"* (IV Reis 20-20).

A crônica completa: *"Êste é o mesmo Ezequias que tapou a fonte superior das águas de Gion, e as desviou por baixo da terra para o poente da cidade de Davi..."* (II Par. 32-30).

(1) Em babilônio é chamado "Marduk-aplaidin".

(2) Os termos da Vulgata não condizem nesta passagem, embora digam essencialmente a mesma coisa. Traduza da citação alemã. (N. do Trad.)

Jerusalém, a velha cidade de Davi, tem muitos lugares misteriosos. Peregrinos de todo o mundo, romeiros de três credos, cristãos, judeus e maometanos, visitam seus lugares. Raramente algum de seus inúmeros visitantes se perde fora dos muros num lugar escuro e opressivo afastado das ruas ruidosas da cidade, testemunho eloqüente dum tempo antigo cheio de pavor e ameaça. Esse lugar estava mergulhado no esquecimento; foi descoberto por um acaso em 1880. Ainda hoje apresenta claramente os vestígios de uma pressa febril.

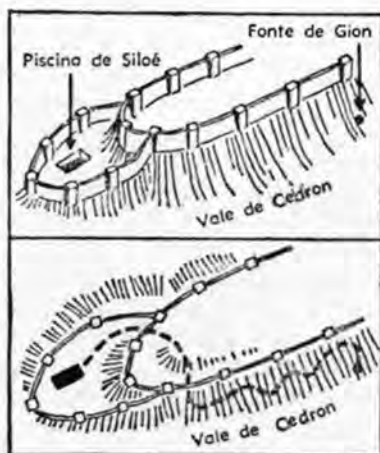
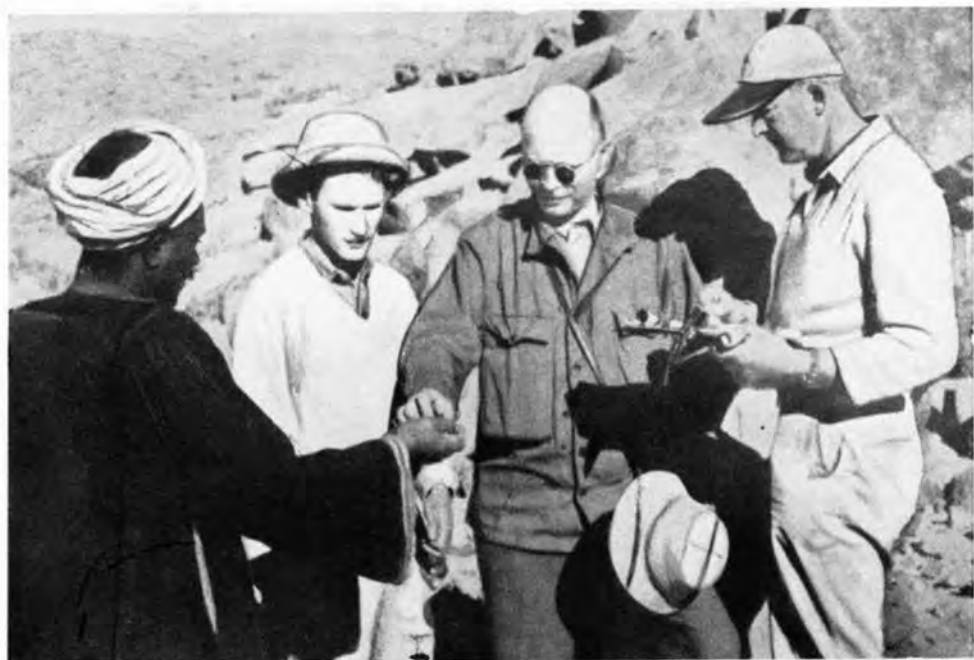


Fig. 52: O grande túnel de Siloé do Rei Ezequias, em Jerusalém.

Em frente da cidade, a sueste, onde as encostas pendem suavemente para o vale de Cedron, há um pequeno lago de águas paradas, cercado por um muro, a piscina de Siloé. Certa vez dois rapazes árabes estavam brincando naquele lugar e um deles caiu no lago. Nadando desesperadamente para salvar-se, chegou à outra margem, onde uma parede de rocha se ergue acima da piscina. De repente viu-se envolto em completa escuridão. Tateando ansiosamente na rocha, descobriu uma pequena passagem.

O nome do rapaz árabe caiu no esquecimento, mas sua história ficou. Seguindo a descrição dêle, foi descoberto um extenso túnel subterrâneo.

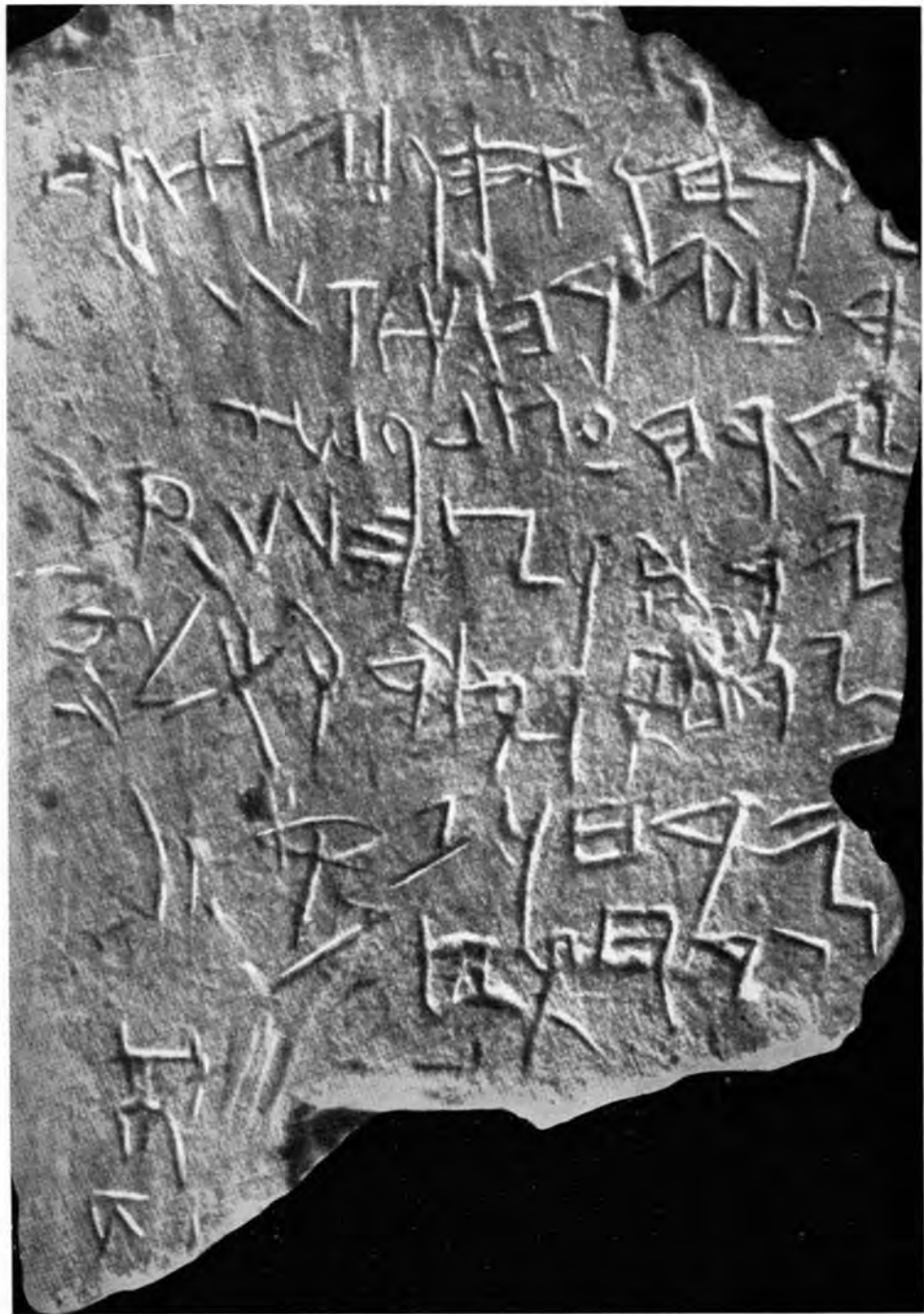
Na rocha calcária abre-se uma estreita passagem de uns 60 centímetros de largura por metro e meio de altura no máximo. Para percorrê-la a pessoa tem de calçar sapatos de borracha e andar um pouco inclinada. O canal estende-se por espaço de meio quilômetro, fazendo curvas e subindo imperceptivelmente, e termina na Fonte de Maria, que desde tempos muito antigos fornece água a Jerusalém. Nos tempos bíblicos esta chamava-se "Fonte de Gion".



O Prof. W. F. Albright (ao centro) e W. Phillips (à esquerda) na região do Sinai.



Em 1951 uma expedição norte-americana desenterrou de dunas de areia, da altura duma casa, imponente templo da Lua no reino da rainha de Sabá, perto da antiga Marib, no Iêmen.



Pelo ano 925 a. C. um aluno de Geser gravou, como exercício de escrita, estas regras para lavradores em pedra calcária. O versículo 4 dêste fragmento, o mais antigo escrito da Palestina, induziu o Estado de Israel a empreender o plantio de linho em Geser.

“No ano décimo quarto⁽¹⁾ do rei Ezequias, veio Senaquerib, rei dos assírios, atacar tôdas as cidades fortes de Judá, e tomou-as” (IV Reis 18-19).

Os estados da Síria e da Palestina tiveram quatro anos para tomarem suas medidas de defesa. Foram expulsos os governadores assírios e organizou-se uma liga poderosa. Os reis de Ascalão e Ecron aliam-se a Ezequias e o Egito prometeu ajuda em caso de guerra.

Essas providências não passaram despercebidas ao novo soberano assírio Senaquerib⁽²⁾. Mas ele estava impossibilitado de agir. Depois do assassinato de seu antecessor Sargão, estourara uma revolta na parte leste do império. A força motriz dessa revolta fôra Merodac-Baladan. Mas logo que ficou senhor da situação na Mesopotâmia, ao fim do ano 702 a. C., Senaquerib partiu para o ocidente e numa só campanha submeteu todos os pequenos estados rebeldes.

Todo o reino de Judá foi ocupado pelas tropas de Senaquerib e o rei Ezequias cercado em Jerusalém. Das fortalezas da fronteira só La-

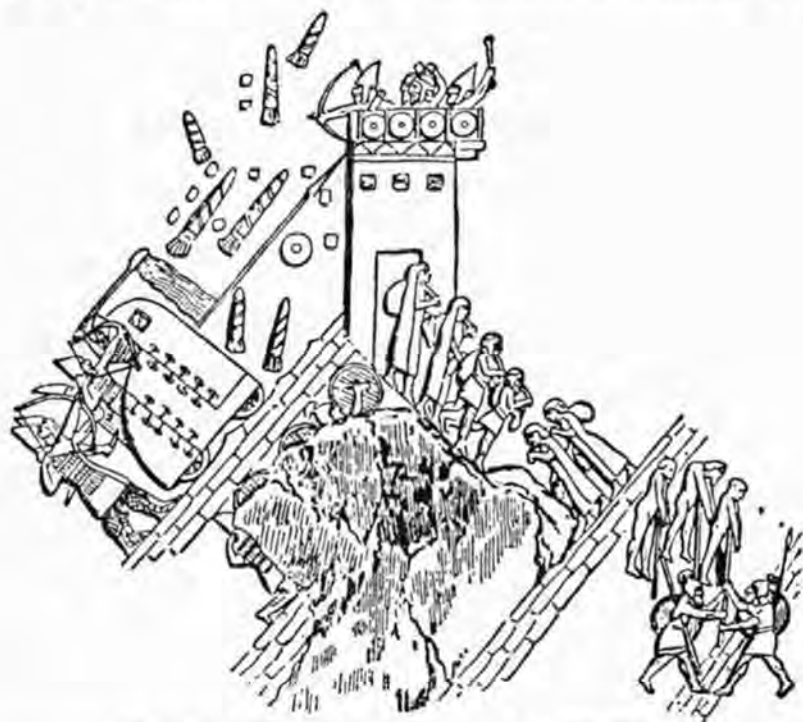


Fig. 54: O assalto assírio contra Laquis no ano 701 a. C.

(1) Aqui a cronologia bíblica apresenta um erro de dez anos. Foi no ano 24.º.

(2) 705-681 a. C.

quis ainda continuava resistindo. Senaquerib dirigiu suas tropas de assalto contra essa cidade extraordinariamente fortificada.

Quem quiser acompanhar a terrível luta de Laquis em todos os seus detalhes terá de visitar o Museu Britânico de Londres. Aí se encontram os formidáveis relevos que testemunhos de vista executaram, por ordem de Senaquerib, há 2.650 anos. Foi Sir Henry Layard que desenterrou êsses tesouros no Tell nimrud.

Nas tôrres e parapeitos da fortaleza de Laquis, cercados de altas e poderosas muralhas, os defensores judeus lutam encarniçadamente, fazendo cair uma chuva de flechas sôbre os atacantes, arremessando contra o inimigo pedras e archotes acesos — as bombas incendiárias dos antigos. Pelo resto, o cabelo crespo e a barba aparada curta são fáceis de reconhecer. Poucos usam qualquer proteção para a cabeça ou para o corpo.

Ao pé da muralha os assírios atacam com extrema violência e com tôda a espécie de armas. Senaquerib empregou a série inteira de meios de assalto conhecidos. Cada assírio está armado até aos dentes, todos usam peitoral e elmo. Os sapadores construíram rampas de terra, pedras e árvores junto dos muros. As máquinas de assédio — os primeiros tanques do mundo — avançam por essas vias de rodagem contra as muralhas. Têm um esporão na frente, que sobressai como o cano dum canhão. A tripulação consta de três homens. De trás da proteção duma cúpula o arqueiro dispara flechas; um guerreiro manobra o ariete, sob cujos golpes rebentam as pedras das muralhas e os tijolos; o terceiro homem, munido dum colherão, derrama água no “tanque”, apagando as bombas incendiárias. Várias unidades de tanques atuam ao mesmo tempo. A infantaria avança sob a sua proteção, os arqueiros, meio ajoelhados, meio curvados, atiram resguardados por escudeiros. Conduzem-se para fora os primeiros prisioneiros, homens e mulheres. Corpos sem vida pendem de postes pontudos... empalados.

James Lesley Starkey, arqueólogo inglês, desenterrou as ruínas dos muros da fortaleza de Laquis. Ainda hoje se percebem claramente os buracos e brechas produzidas pelos “tanques” assírios.

Do tumulto da batalha, do fragor do cêrco da fortaleza fronteiriça de Judá, Senaquerib mandou uma ordem: *“O rei dos assírios porém enviou de Laquis Tartan, e Rabsaris, e Rabsaces ao rei Ezequias com um poderoso exército contra Jerusalém...”* (IV Reis 18-17).

Isso significava... ataque a Jerusalém!

O que então aconteceu foi também registrado pelos escribas do rei assírio. Um prisma de barro encontrado na colina de Ninive diz: “Ezequias de Judá, que não se havia submetido ao meu jugo... a êle mesmo fechei como a um pássaro de gaiola em Jerusalém, sua capital. Mandei levantar fortificações contra êle e a todo aquêle que saía pela porta da cidade eu fazia pagar pela façanha. Separei do país as cidades dêle, que eu tinha saqueado...”



Fig. 55: O Rei Senaquerib no seu trono em frente de Laquis conquistada (fragmento dum quadro da campanha).

Isto é a descrição jactanciosa do recebimento dum tributo, nada mais.

"O rei, pois, dos assírios impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata, e trinta talentos de ouro" (IV Reis 18-14).

A seguir teria que vir a comunicação da queda de Jerusalém, seguida da tomada da capital. Mas o texto prossegue: "Ele, porém, Ezequias, foi derrotado pelo esplendor da minha soberania... Mandou-me levar a Nínive 30 talentos de ouro... um pesado tesouro, bem como suas filhas, suas damas da corte, cantores e cantoras. E para me entregar suas ofertas e me prestar homenagem ele me mandou seus embaixadores."

Os textos assírios passam imediatamente da descrição dos acontecimentos bélicos em volta de Jerusalém ao pagamento do tributo por Ezequias. Num momento, quando todo o país já estava conquistado e ia no auge o assédio de Jerusalém, último reduto da resistência, aconteceu uma coisa completamente inesperada: Senaquerib suspendeu o assalto... Só algo extraordinário podia tê-lo movido a interromper a luta. Que poderia ser?

Enquanto as notícias assírias silenciam completamente a respeito, a Bíblia diz: *"Aconteceu, pois, que naquela noite veio o anjo do Senhor e matou no campo dos Assírios cento e oitenta e cinco mil homens. E Senaquerib, tendo-se levantado ao amanhecer, viu todos os corpos dos mortos; e, retirando-se, foi-se. E Senaquerib, rei dos Assírios, retirou-se e ficou em Ninive"* (IV Reis 19-35, 36).

Heródoto de Halicarnasso, o célebre viajante da Antiguidade, historiador e autor do primeiro Baedeker, ajudou a solver o problema. O amigo de Péricles e Sófocles, nascido pelo ano 500 a. C., possuía o dom especial de perceber o que havia de notável nos homens e nos povos. Como um questionário personificado êle, em suas viagens pelo Antigo Oriente, extraiu de seus contemporâneos somente o que valia a pena saber e êle desconhecia. No Egito manteve demorada conversação com um sacerdote do templo, que lhe contou uma história singular.

Exatamente na época em que o rei assírio Senaquerib avançou contra o Egito com um grande exército, era rei do Egito um sacerdote que detestava a profissão das armas. Os guerreiros egípcios, havendo sido tratados com desprezo, negaram-se a combater. Desesperado, o sacerdote-rei foi para o templo. Ali soube que a divindade lhe mandaria auxílio. Confiante nessa promessa, o rei, que não possuía nenhuma força combatente, mas somente comerciantes, artífices e mercadores, partiu ao encontro de Senaquerib. Na entrada do país "espalhou-se durante a noite um bando de ratos do campo entre os adversários... roendo-lhes os carcazes e os arcos, bem como as alças dos escudos, de modo que no dia seguinte êles, vendo-se sem armas, fugiram, caindo uma grande quantidade dêles em poder dos egípcios. Por isso é que agora", termina a narrativa de Heródoto, "êsse rei, representado no santuário de Héfaistos, tem na mão um rato, que diz na inscrição: "Olha-me e fica incólume."

Por mais obscuro que pareça o sentido desta lenda, o cerne é histórico.

As ratazanas para os povos da Antiguidade, como também na Bíblia (I Reis 6-4), significavam o mesmo que na Idade Média os camundongos. Eram o símbolo da... peste!

Nos arredores da cidade de Laquis o arqueólogo Starkey encontrou no ano de 1938 uma prova impressionante: uma sepultura gigantesca, aberta no rochedo, com 2.000 esqueletos humanos, evidentemente enterrados com grande precipitação. A epidemia que grassou entre os guerreiros assírios deve ter sido realmente devastadora.

O drama da campanha havia terminado e Jerusalém escapara mais uma vez. Mas em redor o país de Judá tinha um aspecto desolador. *"E a Filha de Sião ficará desamparada como a cabana duma vinha"*, lamenta o profeta Isaías, *"e como a choça dum pepinal"*. *"A terra está deserta"*, as *"cidades abrasadas pelo fogo... e será devastada como numa assolação de inimigos"* (Isa. 1-8 e 7).

Só a idéia da milagrosa salvação da cidade de Davi dá ao povo sofredor nova esperança e novo ânimo. Intrépida ele pôs mãos à tarefa de reconstrução, o que fez rapidamente sem ser importunado por Nínive. Pois Senaquerib nunca mais voltou, porque nos dois decênios seguintes o déspota esteve ocupado em campanhas e guerras na Mesopotâmia. Depois Senaquerib terminou seus dias como seu pai, morto por mão assassina. *"E, enquanto adorava no templo o seu deus Nesroque, Adrameleque e Sarasar, seus filhos, mataram-no com a espada, e fugiram para a terra dos Armênios, e seu filho Asaradon reinou em lugar dele"* (IV Reis 19-37), diz a Bíblia lacônicamente e com realismo.



Fig. 56: Acampamento assírio do tempo de Senaquerib no relêvo de Nínive.

O próprio Asaradon, o sucessor, descreve circunstanciada e expressivamente os dias turbulentos em Nínive: *"Um humor perverso se aposou de meus irmãos... Eles se insurgiram. Querendo exercer a soberania real, mataram Senaquerib. Como um leão me enchi de fúria, meu coração latejou de cólera..."*

Apesar dum frio inclemente, da neve e do gelo, no 11.º mês do ano 681 a. C. ele partiu sem hesitação para submeter seus inimigos. *"Aquêles ladrões do trono... fugiram para uma terra desconhecida. Cheguei ao cais do Tigre, fiz minhas tropas saltarem o largo Tigre como por cima dum canal. No Addar (1)... entrei em Nínive... alegremente. Sentei-me com satisfação no trono de meu pai. Soprava o vento do sul... cujas lufadas são favoráveis ao exercício da soberania real... Eu sou Asaradon, rei do mundo, rei da Assíria... filho de Senaquerib..."*

(1) o 12.º mês.

CAPÍTULO 4

OS CULTOS SEDUTORES DE CANAÁ

A “abominação dos gentios”. — As palavras duras dos profetas. — Filon de Biblos, testemunha. — O padre da Igreja, Eusébio, não é crido. — Um camponês ao lavrar a terra encontra Ugarit. — Uma poderosa cidade marítima é destruída. — Schaeffer faz escavações no “morro do Funchal”. — A biblioteca do sacerdote. — Três sábios decifram um alfabeto desconhecido.

Manassés tinha doze anos quando começou a reinar, e reinou cinquenta anos em Jerusalém... E ele fez o mal diante do Senhor, seguindo os ídolos das nações que o Senhor tinha expulsado diante dos filhos de Israel (IV Reis 21-1, 2).

“Abominação dos gentios” — diz a narrativa oficial. Isaías, o grande profeta e contemporâneo de Manassés⁽¹⁾, é mais explícito quando se queixa amargamente: “Como se tornou uma prostituta a cidade fiel, cheia de retidão?” (Isa. 1-21). Como Isaías, todos os outros profetas, através dos séculos, lançam a mesma reprovação crua e direta que os leitores da Bíblia acham tão monstruosa.

Como um fio vermelho se estende a queixa através de muitos livros do Antigo Testamento, acompanhando a história acidentada dos filhos de Israel.

Ela ressoa desde o tempo em que Israel, depois da longa peregrinação pelo deserto, atingiu o Jordão pelo ano 1230 a. C... (Num. 25-1, 2). Ouve-se no tempo dos Juizes... (I Reis 2-22). Reboa nos dois reinos, em Judá... (III Reis 14-23, 24), e no reino setentrional de Israel... (Oséias 4-13, 14). Nem mesmo silencia nos anos de cativeiro junto às águas de Babel no século VI a. C... (Ezequiel 16-16).

Mil e quinhentos anos depois de terem os livros da Bíblia entrado na Europa, seu conteúdo só era conhecido dos sacerdotes e monges, que o transmitiam ao povo devidamente expurgado, pois esses livros eram escritos em grego, latim ou hebraico. Só na Idade Média, quando se imprimiram as primeiras traduções e foram adquiridas por todo o mundo, quando a Bíblia se tornou popular, as pessoas que a liam encontravam passagens chocantes. A Bíblia falava de prostitutas. Era na-

(1) 696-642 a. C.

tural que os homens não compreendessem bem essas coisas, êles cujas casas e habitações se encontravam ainda ao abrigo das catedrais e igrejas, cujas tôrres se erguiam para o céu.

Que podiam saber os homens do Ocidente, para quem Deus era "uma sólida fortaleza", sôbre os cultos da terra em que fôra escrita a Bíblia? Durante as Cruzadas tinham-se ouvido muitas coisas horríveis sôbre os selvagens e ímpios sarracenos... mas jamais coisas tão chocantes!

Devia ter-se a impressão de que os profetas e os cronistas, em seu zêlo por Jeová, em seu ódio aos cultos estrangeiros, tinham ido demasiado longe. Esta censura à Bíblia continua até nossos dias.



Fig. 57: Navio mercante fenício.

Existe um testemunho mundano do que a Bíblia designa como "abominação dos gentios". Filon de Biblos, sábio fenício, que viveu cem anos antes de Cristo, tinha reunido um vasto material sôbre sua pátria e escrito "Phoinikika", ou seja, a "História da Fenícia". Essa história remontava ao passado mais distante, incluindo os acontecimentos históricos das cidades portuárias e de repúblicas costeiras de Canaã e descrevia, além disso, as divindades, as mitologias e os cultos fenícios. Como fontes fidedignas de sua obra, Filon de Biblos mencionava o já citado sacerdote fenício Sanchuniathon, que vivera no século XII a. C. Quando um dia caíram as colunas do templo de Melikerte de Tiro, em consequência de um terremoto, Sanchuniathon teria copiado as antigas inscrições que aí existiam.

O Bispo Eusébio de Cesaréia, na Palestina, descobriu em 314 da nossa era os escritos de Filon de Biblos e escreveu a respeito. Muito do que aí se dizia, sobretudo a respeito da mitologia e dos cultos, pareceu tão monstruoso, que os leitores da época se recusaram a aceitar como verídicas as degenerações sensuais aí descritas.

O deus El ocupava o primeiro lugar sôbre os Baales de Canaã. Sua esposa era Achira, deusa também citada na Bíblia. El casou com suas três irmãs, uma das quais era Astarté. Como *Astarot* (Juizes 2-13; 10-6, e outros) é mencionada repetidamente no Antigo Testamento. El não só matou seu irmão, mas também o próprio filho; cortou a cabeça da

sua filha, castrou seu pai e a si próprio e obrigou seus companheiros a fazerem o mesmo.

Era de admirar que os homens da era cristã não quisessem dar crédito a semelhantes monstruosidades?

Para nós é coisa estabelecida que todo estado semicivilizado costuma velar pela moralidade de seus cidadãos. Mas naquele tempo o culto dos sentidos era um serviço aos deuses, os templos ocupavam o lugar dos bordéis, os amantes de ambos os sexos eram "consagrados" ao serviço do templo e os donativos por seus "serviços" iam para as caixas do templo como "oferendas para a divindade".

Os profetas e os cronistas disseram tôda a verdade sem exagerar. Quanto eram fundadas suas duras palavras — as "passagens chocantes" — só se tornaram completamente claras depois dos grandes achados em Ras Schamra.

Na costa norte da Síria, em frente da ponta oriental de Chipre, está situado Minet el Beidâ, o "Pôrto Branco". As vagas do Mediterrâneo vão quebrar ali num maravilhoso jôgo de côres, que cambiam de um verde-claro até um profundo azul-violeta contra os rochedos alvos de pedra calcária. Em terra grandes massas de nuvens envolvem o cume solitário do "Jebel Aqra". Os nativos contam que êsse morro foi noutro tempo a habitação dos deuses dos seus antepassados.

Nas proximidades do mar, um camponês descobriu em 1928, quando lavrava a terra, uma longa passagem subterrânea. Após uma primeira investigação, verificou-se que conduzia a uma câmara tumular. Tratava-se de uma sepultura no estilo de Micenas.

Ao ter notícia do achado, a França reagiu com a costumeira rapidez. A Síria era mandado seu. Monsieur Dussaud, conservador de antiguidades do Louvre, enviou o Prof. Claude F. A. Schaeffer com alguns outros especialistas ao "Pôrto Branco". Esperavam-nos impressionantes descobertas.

A 800 metros da praia e afastada do túmulo miceniano erguia-se uma colina artificial. Circundavam-na os braços dum regato murmurante. Desde tempos imemoriais essa colina é chamada popularmente "Ras Schamra", "Morro do Funchal". Com efeito, cresciam funchos no velho monte de ruínas, que escondia os restos da cidade real fenícia de Ugarit, que foi destruída há mais de três mil anos pelo ataque dos povos do mar.

Schaeffer teve uma sorte inaudita em suas escavações no "Morro do Funchal". Porque aí surgiu finalmente a prova há tanto procurada da existência do celeberrimo culto de Canaã. Entre dois templos, dos quais um era dedicado ao deus Baal e outro ao deus Dagon, encontrou em meio de ricas casas de mercadores a casa do sumo sacerdote de Ugarit, que dispunha de magnífica biblioteca, como o provam as numerosas tabuinhas inscritas que se conservaram. Schaeffer viu logo com seu olhar experimentado que os caracteres usados naquelas inscrições deviam pertencer a um alfabeto fenício até então desconhe-

cido. A decifração foi feita com surpreendente rapidez, em 1880, por três eruditos — o professor alemão H. Bauer, da Universidade de Halle, e os franceses C. Virolleaud e E. Dhorme. Os documentos escritos em duas línguas — das quais uma era um dialeto cananeu primitivíssimo, talvez semelhante ao hebraico anterior a Moisés — ocupavam-se exclusivamente dos deuses e cultos da antiga Canaã, o primeiro encontro com os quais, quando de sua entrada na Terra Prometida, teve graves conseqüências para Israel.

Os mitos e costumes descritos nessa singular documentação espelham o mais horrendo barbarismo, transbordam de cultos mágicos de uma sensualidade torpe, primitiva e grosseira a deuses e semideuses. Tinham particular significação os ritos relacionados com as deusas da fecundidade. Os outros povos do mundo antigo também veneravam deusas da fecundidade, incluindo nos seus cultos os ciclos da aparição e da desapareição, do nascimento e da morte. Mas em Canaã eram duma impudência crua. Assim, por exemplo, as deusas-mães eram representadas como “cortesãs sagradas”. Exatamente como as descreveram Filon de Biblos e, depois dêle, Eusébio, padre da Igreja!

O culto indescritível que Canaã prestava à fertilidade se estendia até à vida cotidiana. Debaixo de cada uma das casas desenterradas havia uma cava tumular, onde os habitantes de Ugarit depositavam seus mortos. Tubos de barro de formas estranhas penetravam nas profundezas; por êsse meio se servia vinho e azeite, carne e sangue de animais sacrificados aos mortos! Nem diante do mundo dos defuntos se detinha o culto da fertilidade. As vasilhas em forma de funil não deixam dúvida alguma a êsse respeito. São ornadas com os correspondentes símbolos.

Nos ritos para os vivos a mandrágora representava um grande papel. Os antigos cananeus e fenícios atribuíam à carnuda raiz propriedades afrodisíacas. Segundo êles tinha a faculdade de provocar amor e de curar a esterilidade.

Bárbaros e cruéis eram Astarté e Anath, deusas da fecundidade e da guerra. A *Epopéia de Baal* de Ugarit descreve assim a deusa Anath: “com violência ceifava os habitantes das cidades, matava o povo das costas do mar, aniquilava os homens do Oriente.” Arrastava os homens para o seu templo e fechava as portas para que ninguém escapasse. “Arremessava cadeiras contra os jovens, mesas contra os guerreiros, escabelos contra os poderosos.” Vadeava em sangue, que lhe chegava aos joelhos, até mesmo ao pescoço. A seus pés jaziam cabeças de gente, em seu redor flutuavam mãos humanas como gafanhotos. Punha as cabeças de suas vítimas às costas como ornamento e as mãos no cinturão. “Seu fígado inchava de tanto rir, seu coração enchia-se de alegria, o fígado de Anath era cheio de júbilo.” “Quando ficava satisfeita”, lavava as mãos em sangue humano coagulado e dedicava-se a outras coisas.

Anath era irmã e espôsa de Baal, o deus das tempestades e das chuvas. Uma cabeça de touro era o seu símbolo. Baal fertilizava o

gado nos prados com chuva para que engordasse. Preocupava-se também com a sua reprodução. Quando, com o passar das estações do ano, morre e é subjugado "como o touro sob a faca do sacrificador", seu filho assume essas funções.

Em Ugarit o Prof. Schaeffer encontrou também pequenas imagens e amuletos de Astarté. São de barro e ouro e nuas. Seus símbolos eram a serpente e a pomba, famosas por sua fertilidade no Antigo Oriente.



Fig. 58: Plaquinha de ouro duma deusa nua da fecundidade.

As deusas da fecundidade eram sobretudo veneradas nos montes e nos lugares elevados. Ali plantavam-lhes bosques, erguiam-lhes "colunas sagradas", e debaixo das árvores se efetuavam os cultos, como se indica na Bíblia repetidamente: "Porque também eles levantaram para si altares e estátuas e bosques sagrados em cima de todos os outeiros e debaixo de tôdas as árvores frondosas (III Reis 14-23). Depois das escavações de Ugarit não resta mais dúvida quanto à natureza desses cultos.

Só depois que temos diante dos olhos os resultados das investigações sobre os deuses de Canaã e os cultos da Fenícia, podemos avaliar devidamente que tremenda luta moral os filhos de Israel tiveram de enfrentar.

Quão grande não devia ser a tentação, que perigosas não deviam ser as seduções para um simples povo de pastores! Mais de uma vez os cultos de Baal já haviam tomado pé, chegando a entrar no templo de Jeová, a penetrar até no Santuário!

Sem o seu rígido código moral, sem a crença no Deus único, sem as figuras dominantes de seus profetas, Israel não poderia lutar contra os Baales, contra os cultos de cortesãs, das deusas da fertilidade, contra os bosques sagrados e os montes!

E essa foi a razão das "passagens chocantes". Isso não podia calar-se a bem da verdade.

CAPÍTULO 5

NÍNIVE, A GRANDE POTÊNCIA, DESMORONA-SE

Assurbanipal saqueia Tebas. — Um império que se estende do Nilo ao Golfo Pérsico. — O “grande e glorioso Asnafar”. — Caçador de feras com arco e flecha. — Esgota-se a força da Assíria. — Entre a pinça formada por duas potências. — Armam-se os medos e os caldeus. — Hordas de citas na Palestina. — A queda de Nínive. — Alívio no “Fértil Crescente”. — Erro no texto bíblico. — Uma descoberta de Gadd em Londres. — O príncipe herdeiro Nabucodonosor de Babilônia.

Porventura és tu melhor do que No-Amon, que tinha seu assento entre os rios e estava rodeada de águas... A Etiópia e o Egito eram sua força, que era infinita... Não obstante isto, ela foi levada cativa para uma terra estranha; os seus pequeninos foram esmagados nas esquinas de todas as ruas... (Naum 3-8 a 10).

Em 663 a. C. os assírios obtiveram o maior triunfo de toda a sua história. O rei Assurbanipal conquistou No-Amon, capital do Egito Superior, a cidade das cem portas, como lhe chamou Homero, até então considerada inexpugnável e a que os gregos chamavam Tebas. Foi um acontecimento que causou tremenda impressão no mundo do Antigo Oriente, no “Fértil Crescente” e até na própria Grécia. Os assírios saquearam a metrópole, cujos templos continham riquezas imensuráveis. “Conquistei toda a cidade... tomei prata, ouro, pedras preciosas, todas as riquezas de seu palácio, vestes magníficas, linhos, cavalos maravilhosos, escravos e escravas, dois grandes obeliscos de rutilante bronze com um peso de 2.500 talentos, tirei de seus lugares as portas do templo e trouxe-as para a Assíria. Trouxe comigo de Tebas uma presa enorme de valor inestimável”, exultou Assurbanipal.

A máquina de guerra assíria arrasara a formosíssima cidade dos templos junto ao Nilo. As escavações confirmaram a catástrofe descrita pelo profeta Naum e pelo próprio conquistador. A metrópole do Egito superior nunca mais se refez desse golpe.

Depois dessa campanha de conquistas, o mundo de então estava aos seus pés. Do curso superior do Nilo às montanhas da Armênia e à foz do Eufrates, todos os povos foram subjugados e todos os estados reduzidos à condição de vassalos.

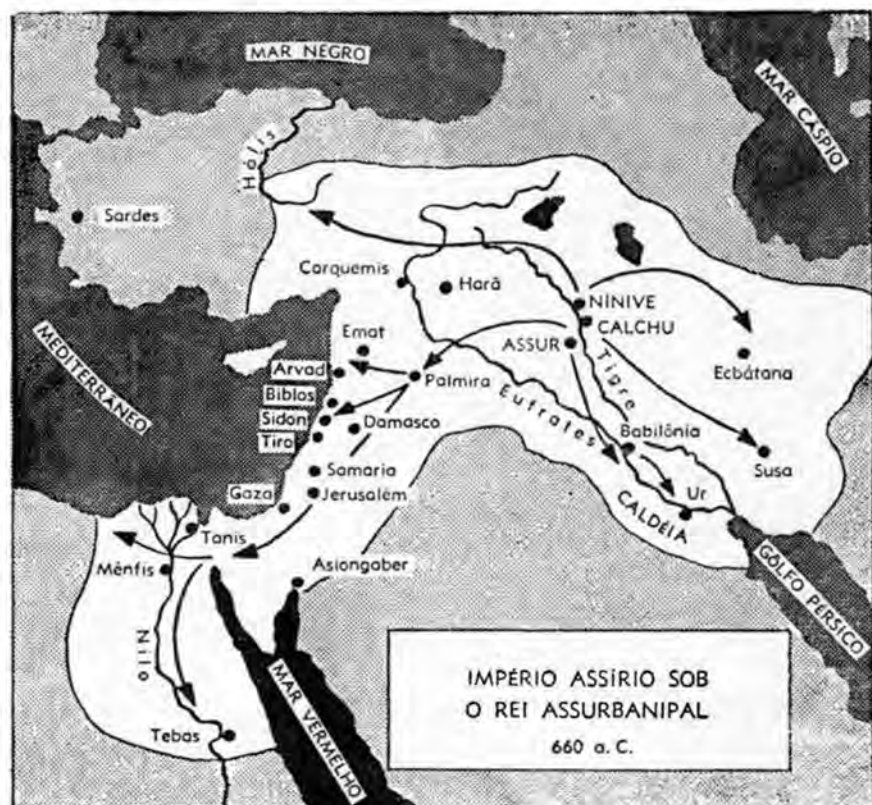


Fig. 59

Mas apenas a Assíria atingiu o auge do seu poder, começou a diminuir a força do grande império. Assurbanipal não era mais um conquistador e general da envergadura de seu pai Asaradon, muito menos de seu poderoso avô Senaquerib. Assurbanipal, o "grande e glorioso Asnafar", já tinha outros interesses.

Após a longa série de tiranos sanguinários, devemos a este assírio um inapreciável serviço. Assurbanipal mandou copiar as obras da literatura acádica — às quais pertence a epopéia babilônica da criação do mundo; mandou compilar dicionários e gramáticas das diferentes línguas faladas no seu gigantesco império. A Biblioteca de Nínive, fundada por ele, era a maior e mais importante do Antigo Oriente. Sem essa preciosa coleção a humanidade seria muito mais pobre em conhecimentos sobre o pensamento e a poesia do "Fértil Crescente" até aos tempos mais remotos.

Mas a selvageria não havia sido completamente domada nesse último rebento importante da linhagem de soberanos assírios. Juntamente com a arte e a literatura, ele amava a caça. Assurbanipal era caçador de animais ferozes, e seus descendentes neste mister dificilmente poderiam igualá-lo. Esse caçador de feras da Antiguidade não as atacava de uma distância segura, de avião ou de jipe blindado, correndo a 100 quilômetros por hora, nem tampouco armado de carabina de longo alcance, equipada com telescópio, sem perigo de ser atingido pelas patadas dos felinos ou pelas presas dos elefantes. Nos relevos maravilhosamente vívidos que ainda hoje se vêem no seu palácio do Tigre ele os persegue em seu carro de caça de duas rodas, ou a cavalo com arco e flecha, ou com a lança. “30 elefantes, 257 animais selvagens, 370 leões”, dizem os textos cuneiformes de Assurbanipal, enumerando os seus troféus de caça.

“Ai de ti, cidade sanguinária... são inumeráveis os cadáveres, e uns caem mortos sobre os outros...” (Naum 3-1 e 3).

Assim anuncia o profeta Naum o fim de Nínive, o fim do império de tirania secular e sangrenta.

Com a morte de Assurbanipal⁽¹⁾ começou subitamente um rápido declínio. As novas e grandes potências dos indo-árnicos e dos semitas apossaram-se da gigantesca estrutura, despedaçaram-na e dividiram entre si a enorme presa.

Ao nordeste, nas montanhas do Irã, havia surgido o reino dos medos. Então “tomou Cíaxares a soberania”, escreve Heródoto, “e reuniu sob o seu mando a Ásia inteira além do Hális. Ele convocou todos aqueles que dominava e partiu contra Nínive a fim de conquistar esta cidade.”

Ao sueste da Mesopotâmia tinha surgido o segundo adversário sério para os assírios. Da orla das terras de cultura ao sul da foz do Eufrates, onde ficava também a “*Ur dos caldeus*”, tinham penetrado algumas tribos semitas e inoculado novas forças em Babel. Chamavam-se “caldeus”. Merodac-Baladan, que um século antes se fizera notado e que tanto dera que fazer a Assur durante alguns decênios, era um deles.

Entrementes, seus compatriotas conseguiram, em ondas sucessivas, permear toda a terra. Em 625 a. C. um caldeu conquistou a soberania sobre o Sul da Mesopotâmia. Nabopolassar tornou-se rei e fundador do Reino da Neo-Babilônia. Os caldeus tinham também um único objetivo: o aniquilamento da Assíria.

Pela mesma época em que, ao norte e ao sul, as duas potências estavam à espreita, aguardando o momento de vibrarem o golpe de morte na Assíria, irrompeu no “Fértil Crescente”, vinda das regiões

(1) 626 a. C.

do Cáucaso, uma horda selvagem, que avançou através da Média e invadiu o reino assírio. Eram os citas. Saqueando e queimando, eles prosseguiram desde a Mesopotâmia, através da Palestina, até às fronteiras do Egito.

A horda incontida dos cavaleiros citas avançou através das planícies costeiras do Mediterrâneo. Precediam-nos sinistros rumores. Os habitantes de Judá devem tê-los avistado de seus montes, e o profeta Sofonias viu com terror o que se aproximava: *"Porque Gaza será destruída, e Ascalão virá a ser um deserto, Azot será assolada em pleno meio-dia, e Acaron será arrancada pela raiz... E descansarão durante a noite nas casas de Ascalão..."* (Sofonias 2-4 e 7).

"Avançaram para o Egito", conta Heródoto, "e, quando se encontravam na Síria Palestina, Psamético ⁽¹⁾, rei do Egito, foi ao encontro deles e, com presentes e súplicas, impediu que fôssem mais para diante. E quando, em seu retrocesso, se encontravam na cidade síria de Ascalão, alguns citas ficaram para trás e saquearam o santuário de Afrodite Urânia. A deusa castigou com uma doença de mulher aquelas citas que saquearam o templo de Ascalão, e também aos seus descendentes."

Um decênio depois os cavaleiros asiáticos haviam desaparecido qual fantasma malfazejo.

Na Palestina conservou-se a recordação dos citas no nome duma cidade. A antiga "Betsan" passou a chamar-se "Citópolis".

Então os medos e os neobabilônios avançaram de dois flancos, do norte e do sul, contra os assírios. Assur, a poderosa cidade e castelo do Tigre, foi a primeira que caiu, em 614 a. C. "O rei de Babilônia e seu exército, que haviam acorrido em auxílio dos medos, não chegaram a tempo para o combate. O rei de Babilônia e Ciaxares ⁽²⁾ encontraram-se nas ruínas da cidade", diz uma crônica neobabilônia, "e fizeram um pacto de amizade e aliança... Grande, imensa foi a prêsas que fizeram na cidade, que transformaram num monte de ruínas e escombros."

Em 612 a. C., os aliados medos e neobabilônios atingiram o seu objetivo: após uma "luta tremenda a cidade foi conquistada"; Ninive foi prêsas da destruição! *"(Ele) estenderá a sua mão contra o aquilão, e destruirá Assur; e reduzirá a formosa cidade de Ninive a uma solidão"*, dissera o profeta Sofonias (Sof. 2-13), e, por fim, isso aconteceu. Ninive, que, durante séculos, com expedições de conquista e ocupação, com torturas, terror e deportações em massa, só causara sangue e lágrimas através do mundo antigo, Ninive estava destruída e queimada.

O "Fértil Crescente" respirou aliviado. Os povos torturados encheram-se de júbilo... e nasceu nova esperança.

(1) Psamético I, 663-609 a. C.

(2) O rei dos medos.

Em Judá também.

Já quando, depois da morte de Assurbanipal, o odiado colosso assírio fôra abalado pelos primeiros tremores de impotência, o rei Josias ⁽¹⁾ havia simplesmente banido os cultos estrangeiros do estado em Jerusalém. Isso fôra mais do que um simples ato de resistência religiosa. Significava claramente a denúncia das relações de vassalagem, cujo símbolo eram os deuses de Nínive importados à fôrça. Juntamente com essas divindades impostas "*Josias aboliu também os pitões, e os adivinhos, e as figuras dos ídolos*" da Mesopotâmia (IV Reis 23-24). E expulsou também o culto de Canaã (IV Reis 23-7).

As reformas de Josias prepararam o terreno para um novo sentimento de vida religiosa e nacional que, com a notícia da queda de Nínive, resultou num verdadeiro delírio de liberdade.

Inesperadamente teve lugar um acontecimento que ameaçou destruir tudo outra vez: "*...o faraó Necao, rei do Egito, marchou contra o rei dos Assírios, para a banda do Eufrates; e o rei Josias foi-lhe ao encontro, e foi morto em Magedo, logo que o viu*" (IV Reis 23-29). Este texto da Bíblia é um exemplo clássico de como uma única palavra pode modificar inteiramente o sentido de um comunicado. Aqui a palavra *contra*, errôneamente empregada, apresenta o rei Josias como assecla do odiado tirano. Em outro lugar de novo é empregada erradamente a palavra "contra". Na verdade, o faraó Necao foi ao "encontro" dos assírios para ajudá-los. Só por uma descoberta casual o assiriólogo C. I. Gadd descobriu êste êrro de história.

Contrariamente a todos os padrões arqueológicos, o lugar do achado foi... um museu. Em 1823 Gadd traduziu no Museu Britânico de Londres um escrito cuneiforme, extremamente deteriorado, que fôra desenterrado anos atrás na Mesopotâmia.

Dizia o seguinte: "No mês Du'uz (junho-julho) ⁽²⁾ o rei da Assíria obteve um grande exército egípcio e partiu contra Harran para conquistá-la... Até o mês Ulul (agosto-setembro) êle lutou contra a cidade, mas não conseguiu conquistá-la."

"O grande exército egípcio" eram as fôrças do faraó Necao.

Depois da queda de Nínive, o resto das fôrças assírias tinha recuado para o norte da Mesopotâmia. Seu rei empreendeu a tentativa desesperada de recuperar o que havia perdido. Para êsse fim é que o faraó Necao acorrera em seu auxílio. Mas como, após uma luta de dois meses, não fôsse possível reconquistar a cidade de Harran, Necao voltou.

O aparecimento de tropas egípcias na Palestina levou o rei Josias a tentar impedir, custasse o que custasse, que o auxílio armado dos egípcios chegasse aos execrados assírios. E assim teve lugar o avanço

(1) 639-609 a. C.

(2) 609 a. C.

do pequeno exército judeu contra o exército egípcio muito superior, que terminou trágicamente em Magedo. "Neco", escreve Heródoto, "venceu também os sírios ⁽¹⁾ num encontro junto a Magdolos" ⁽²⁾.

Em seu regresso ao Egito o faraó Necao arrogou-se o título de senhor da Síria e da Palestina. Em Judá estabeleceu um exemplo a fim de não deixar dúvidas sobre quem mandava no país. Joacaz, filho e sucessor de Josias, foi despojado da dignidade real e enviado como prisioneiro para o Egito (IV Reis 23-31 a 34). A seguir, Necao pôs outro filho de Josias no trono, Eliacim, cujo nome mudou para Joaquim (IV Reis 23-34).

Até ao presente os egiptólogos não têm nenhum hino triunfal sobre o faraó Necao para exibir. "A veste com que realizou êsses feitos", soube Heródoto século e meio depois, pelos sacerdotes egípcios, êle a depositou no templo de Apolo em Mileto em sinal de agradecimento pelo papel que os gregos representaram na sua campanha. Na terra vencida Necao deixou simplesmente uma estela com o seu nome em hieróglifos. Os fragmentos dessa estela conservaram-se em Sidon.

Mas já quatro anos depois disso — em 605 a. C. — estava desfeito o sonho de Necao de dominar a "Ásia", como seus antepassados haviam chamado sempre a Palestina.

Ainda êle cobrava tributo na Palestina, já em outros lugares se havia decidido sobre a sua "conquista". Depois da vitória conjunta, os medos e os neobabilônios tinham dividido o império dos assírios entre si. Os medos anexaram o Norte e o Nordeste, a Babilônia o Sul e o Sudoeste. Coube, pois, a Síria-Palestina ao rei Nabopolassar. Mas, tendo ficado velho e não mais podendo agüentar as fadigas da guerra, Nabopolassar mandou o príncipe herdeiro, seu filho Nabucodonosor, tomar posse da nova terra.

Necao chegou a empreender uma tentativa de defesa, mas fracassou lamentavelmente. Perto de Carquemis, no mesmo lugar em que tentara ajudar o último rei assírio, na famosa passagem do Eufrates da Mesopotâmia para o norte da Síria (Jer. 46-2), foi completamente desbaratado.

Fugindo, Necao atravessou a Palestina seguido pelo desprezo e as chufas do profeta Jeremias: *"Faraó, rei do Egito jaze por terra; êle abandonou a sua tenda!... Êle se arrasta como uma serpente..."* (Jer. 46-17 e 22) ⁽³⁾.

Depois da fuga vergonhosa, Judá não tornou a pôr os olhos em Necao. *"E o rei do Egito, daquele tempo em diante, não tentou mais sair do seu reino: porque o rei de Babilônia tinha levado tudo o que tinha sido do rei do Egito desde a torrente do Egito até ao rio Eufrate"*

(1) Judá.

(2) Magedo.

(3) Esta passagem na Vulgata é expressa em termos muito diferentes e na própria Bíblia da Sociedade Bíblica Britânica não corresponde inteiramente à citação alemã. Dá-se o mesmo em vários outros lugares. Traduza, pois, do alemão. (N. do Trad.)

tes" (IV Reis 24-7). O príncipe herdeiro caldeu não pôde aproveitar completamente a sua vitória de Carquemis. Havendo, durante a batalha, recebido a notícia da morte de seu pai, teve de voltar a Babilônia. Depois de ocupar o trono ⁽¹⁾, Nabucodonosor foi retido durante os próximos anos na sua própria terra por importantes assuntos de governo. E assim Judá ficou temporariamente livre duma nova ocupação e entregue a si mesmo.

Faltam notícias contemporâneas sobre o que aconteceu particularmente em Judá por ocasião da passagem do século VI para o V. A própria Bíblia não dá informações claras, por exemplo, sobre a época em que os caldeus surgiram pela primeira vez no país e exigiram tributo. Os reis neobabilônios não deixaram, como seus antecessores, os assírios, anais minuciosos. As inscrições conservadas em edifícios apenas indicam os acontecimentos históricos.

(1) 605-562 a. C.

CAPÍTULO 6

OS ÚLTIMOS DIAS DE JUDÁ

Primeira deportação. — O rei Joaquim nas relações da corte de Babilônia. — Uma descoberta feita no porão do Museu de Berlim. — Segunda campanha punitiva. — Comunicados em barro. — Morte trágica de Starkey. — A técnica incendiária dos sapadores babilônios. — Mesa limpa para os arqueólogos.

No tempo de Joaquim marchou Nabucodonosor, rei de Babilônia, e Joaquim ficou-lhe sujeito durante três anos (IV Reis 24-1).

Pelo comêço do século VI a. C. teve lugar o funesto episódio que, em poucos anos, riscou também Judá para sempre, como povo, da história do Antigo Oriente. Em rápida sucessão precipitaram-se sobre o minúsculo estado vassalo do Jordão e seus habitantes diversos acontecimentos que tiveram como consequência o período mais triste da vida de Judá, culminando com a ida para o exílio, a deportação para Babilônia.

No princípio houve a recusa em pagar o tributo e levantes contra o novo senhor. Em 597 a. C. Judá rebelou-se abertamente. O rei Joaquim... *“revoitou-se contra ele”* (IV Reis 24-1).

No princípio Nabucodonosor não atacou em pessoa. Talvez o incidente não lhe parecesse suficientemente importante; num grande império os levantes locais não são coisa rara. Empregou primeiro tropas de Moab, Amon e Síria, apoiadas por tropas caldaicas regulares. Parece, porém, que essas forças não conseguiram dominar a situação. E foi então que Nabucodonosor se dirigiu pessoalmente a Judá.

Já estava com uma força considerável em marcha para a Palestina quando Joaquim morreu súbitamente. Sucedeu-lhe seu filho (do mesmo nome) no trono: *“Joaquim tinha dezoito anos quando começou a reinar; e reinou três meses em Jerusalém... E Nabucodonosor, rei de Babilônia, foi com sua gente contra a cidade para expugnar... Deportou também para Babilônia Joaquim...”* (IV Reis 24-8 a 15).

Em 597 a. C., diz a Bíblia, o rei Joaquim e os seus foram levados prisioneiros para a Babilônia. Mas quem poderia comprovar, dois mil

e quinhentos anos depois, a veracidade dessa afirmação? Então eis que pouco antes do começo do século XX se ofereceu à pesquisa uma oportunidade de comprovar a estada da família real judia nesse país.

No ano de 1899 a Sociedade Oriental Alemã equipou uma expedição para explorar o célebre monte de ruínas de "babil", no Eufrates, sob a direção do professor arquiteto Robert Koldewey. Ela se revelou extraordinariamente vagarosa; em 18 anos de trabalho foi posta a descoberto a mais famosa metrópole da Antiguidade, a residência de Nabucodonosor. Descobriu-se até uma das célebres "sete maravilhas do mundo", isto é, os "Jardins Suspensos de Babilônia", tornados célebres posteriormente por viajantes gregos, e também "E-temen-an-ki", a fabulosa Torre de Babel. No palácio de Nabucodonosor e na Porta de Istar, situada nas proximidades, descobriram-se inúmeras inscrições.

Essas inscrições foram, entretanto, uma verdadeira decepção para os sábios. Ao contrário das narrativas circunstanciadas dos soberanos assírios, as quais muitas vezes fixavam historicamente nomes de reis israelitas e judeus, os neobabilônios quase não mencionavam outra coisa além de sucessos religiosos e arquitetônicos do seu tempo. Por exemplo, não ofereciam nenhum ponto de referência sobre os acontecimentos de Judá.

Três decênios depois de os magníficos achados de "babil" se encontrarem já em arquivos e museus, veio à luz — em Berlim! — uma grande quantidade de documentos singulares, procedentes das proximidades imediatas da Porta de Istar.

No Museu Imperador Frederico, na ilha do museu, circundada pelas águas do Spree, no coração da capital alemã, foi montada a maravilhosa Porta de Istar de Babilônia num grande salão. Ameaçadores e sinistros, os leões, de um amarelo berrante, desfilavam sobre os ladrilhos vidrados, azul-escuros, da avenida processional de Marduk (1). Como outrora às margens do Eufrates essa avenida conduzia a gente estupefata do século XX até à magnífica porta com dragões e bois selvagens, dedicada à deusa Istar.

Enquanto em cima, na sala clara, visitantes de todo o mundo se detinham profundamente impressionados diante da alta e esplêndida porta dupla e, como no tempo de Nabucodonosor, transpondo a sua arcada, vagueavam pela avenida das procissões, embaixo nos porões do museu esperavam, para serem decifradas, umas 300 tabuinhas cobertas de inscrições cuneiformes.

Os colaboradores de Koldewey haviam-nas encontrado em edifícios contíguos ao palácio de Nabucodonosor, perto da Porta de Istar, numerando-as e acondicionando-as em caixotes. Juntamente com montes de ladrilhos vidrados de belas côres, com relevos de leões, dragões e bois selvagens, essas tabuinhas empreenderam a longa viagem para

(1) Deus de Babilônia.

Berlim, onde, por um estranho acaso, foram depositadas cuidadosamente no museu da ilha do Spree, num lugar, quase como tinham estado em Babilônia, apenas alguns metros embaixo da Porta de Istar.

Pelo ano de 1933 o assiriólogo E. F. Weidner decidiu examinar as tabuinhas e fragmentos existentes nos porões do Museu Imperador Frederico. Depois começou a traduzi-los peça por peça. Não continham nada mais que listas da corte, notas de antigos burocratas, coisas cotidianas completamente sem importância.

Apesar disso, Weidner não desanimou e continuou recluso no porão do museu dia após dia, sob a Porta de Istar, traduzindo infatigavelmente.

De repente o seu monótono trabalho se animou de maneira surpreendente. Entre o amontoado de vulgares documentos de natureza administrativa começou a encontrar algumas notas inapreciáveis.

Em quatro recibos diferentes de fornecimento de víveres — entre outras coisas era relacionado óleo de sésamo — encontrou um nome bíblico familiar: “Ja’-u-kinu”... Isto é, Joaquim!

Não havia possibilidade de engano, pois Joaquim era acompanhado de seu título: “Rei (do país) de Judá”. Além disso, os recibos de barro babilônios continham como data o 13.º ano do reinado do rei Nabucodonosor, isto é, o ano 592 a. C., portanto cinco anos depois da queda de Jerusalém e da deportação. Ademais, o intendente babilônio encarregado dos víveres citava em três ocasiões cinco filhos do rei, confiados aos cuidados dum servo com o nome judaico de “Kenaiah”.

Como recebedores de víveres dos armazéns de Nabucodonosor, além dêsses mencionavam-se “oito pessoas do país de Judá”, que possivelmente pertenciam à comitiva do rei Joaquim, entre eles um jardineiro de nome Salam-ja-a-ma.

Joaquim, o rei destronado de Judá, vivera juntamente com sua família e seu séquito no palácio de Nabucodonosor, em Babilônia. Depois da descoberta de Weidner pôde ser completado e compreendido o relato bíblico do Livro Quarto dos Reis: *“E foi-lhe dada a ração pelo rei de Babilônia, ração perpétua marcada para cada dia, até ao dia da sua morte, todos os dias de sua vida”* (Jer. 52:34).

“E aconteceu que, no ano nono do seu reinado, no décimo dia do décimo mês, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, ele e todo o seu exército contra Jerusalém... E a cidade ficou fechada... até ao undécimo ano do rei Sedecias” (IV Reis 25-1, 2).

Desde o aprisionamento de Joaquim e da primeira deportação para Babilônia tinham decorrido onze anos. Então chegou o momento em que deveria ser confirmada a queda de Judá.

A última cena da tragédia dêste pequeno povo oferece um exemplo característico de como a narrativa bíblica e os achados das escavações apresentam o mesmo acontecimento sob pontos de vista diferentes; de como, a par da narrativa oficial do Livro Quarto dos Reis e

dos Paralipômenos, os dados dos profetas são também exatos. Jeremias esboça em traços claros algumas situações dos emocionantes e angustiosos últimos dias, que os achados feitos na Palestina em nosso tempo provaram serem surpreendentemente exatas e historicamente precisas.

Depois da primeira conquista de Jerusalém no ano 597 a. C., Nabucodonosor deixou Judá continuar como estado vassalo. Sucedeu no trono a Joaquim, levado para o cativeiro, seu tio Matania, nome que o rei dos caldeus mudou em Sedecias. Pelo que se conclui de Jer. 13-19, o território do estado foi muito reduzido: *"As cidades do meio-dia estão fechadas, e não há quem as abra"* (Jer. 13-19).

Embora estivesse presente ainda a deportação dos irmãos de tribo e continuasse viva a recordação das amargas experiências de século e meio e do destino melancólico do reino de Israel, assim mesmo não se extinguiu o espírito de resistência.

Não tardou que se levantassem vozes contra Babel, vozes incitando à reconquista da pátria perdida (Jer. 28-1,4). Jeremias elevou sua voz em advertência, mas o partido antibabilônico obtinha cada vez mais ouvintes. Estes amotinaram o povo e, finalmente, conseguiram influenciar o rei, homem hesitante e sem energia. Fizeram alianças com os estados limítrofes. Na casa de Sedecias teve lugar um encontro dos *"mensageiros"* de Edom, Moab e Amon, e também das cidades marítimas de Tiro e Sidon. (Jer. 27-3).

A circunstância de ter subido ao trono um novo faraó, Apries⁽²⁾, em 588 a. C., influenciou evidentemente a sua decisão de se rebelarem (Jer. 44-30). O novo soberano do Egito deve ter animado Judá prometendo-lhe auxílio armado, pois *"Sedecias revoltou-se contra o rei de Babilônia"* (IV Reis 24-20).

No *"décimo mês"* (IV Reis 25-1) do mesmo ano de 588 a. C. — era *"o nono ano"* do rei Sedecias — Nabucodonosor chegou de Babilônia com um exército poderoso. As forças punitivas avançaram com a rapidez do raio contra Judá rebelado.

As divisões caldaicas de homens de pé, de rápidas unidades de cavalaria e de corpos de carros de combate romperam toda a resistência, conquistando cidade após cidade. A terra toda foi submetida finalmente até à capital de Jerusalém e às fortalezas fronteiriças de Laquis e Azeca.

Mas Jerusalém, Laquis e Azeca estavam resolvidas a resistir até ao extremo: *"Entretanto o exército do rei de Babilônia combatia contra Jerusalém, e contra todas as cidades de Judá, que restavam, contra Laquis e Azeca; porque estas eram as cidades fortificadas que tinham ficado entre as cidades de Judá"* (Jer. 34-7).

Testemunhos impressionantes colocam diante dos nossos olhos as últimas fases dessa luta sem esperança.

(2) 588-568 a. C. Chamado "Efrée" por Jeremias.

Trinta quilômetros ao sudoeste de Jerusalém o verde vale de Elá penetra profundamente nas montanhas de Judá. O “campo dos carvalhos”, como lhe chama Lutero, foi o teatro do duelo entre o jovem Davi e o gigante filisteu Golias (I Reis 17-19 e seg.).

Como sempre, continua correndo e murmurando entre os carvalhos o regatozinho onde Davi escolheu “cinco pedras bem lisas” para a sua funda (I Reis 17-40).



Fig. 60: Fortaleza de Laquis em Judá, com muralha dupla e porta triplíce.

Da borda do ribeiro as encostas ascendem suavemente até um morro de 300 metros de altura. Daí o olhar estende-se, através dos campos de trigo e oliveais da antiga planície dos filisteus, até ao Mediterrâneo que tremeluz ao longe, no horizonte, ao ocidente. Nesses lugares o inglês Dr. Frederick J. Bliss identificou em 1898 uma cidadela com oito poderosas torres como sendo a antiga Azeca, uma das fortalezas que não se submeteram. Exatamente 20 quilômetros ao sul, as ruínas de Laquis conservam testemunhos ainda mais valiosos. Na década de 1930-40 o arqueólogo J. L. Starkey, membro da expedição britânica Wellcome-Marston, arrancou êsses testemunhos do entulho da poderosa porta da cidade, o lugar onde a luta foi mais encarniçada. Dezoito “ostracas” — fragmentos de barro com inscrições — continham comunicações de fortes exteriores, de pontos de observação e defesa das tropas judaicas que ainda não haviam sido derrotadas — comunicados em barro do período do “décimo mês”, de 588 a. C., dirigidos a “Jausch”, “comandante da fortaleza de Laquis”. Os comunicados rabiscados à pressa fazem perceber em cada linha a terrível tensão da catástrofe iminente. Um dos últimos, escrito por testemunhas de vista, diz: “Queira Jeová permitir que meu Senhor ouça boas notícias neste mundo... Nós observamos a estação de sinais de Laquis, segundo os sinais que meu Senhor nos deu... não vemos mais os sinais de Azeca.” Esta mensagem informava o Comandante Jausch, de Laquis, que Azeca havia caído. Nabucodonosor podia agora retirar os seus batalhões de sapadores para o assalto ao penúltimo forte.

Em janeiro de 1938, após seis laboriosas campanhas de escavações, os arqueólogos britânicos da expedição Wellcome-Marston obtiveram informações sobre o terrível fim de Laquis.

Foi o sucesso que coroou a vida de pesquisas do famoso escavador de Laquis, James Lesley Starkey. Estava êle a caminho de Laquis para Jerusalém, quando estouraram levantes na região, e foi alvejado por árabes perto de Hebron, em consequência dum trágico equívoco. Tinha quarenta e três anos. Durante o longo período da escavação êle havia deixado crescer a barba, e os árabes tomaram-no por judeu!

Em 701 a. C. as tropas de assalto do rei assírio Senaquerib atacaram os muros de Laquis com "tanques" munidos de esporões. As tropas especiais de Nabucodonosor empregaram técnica completamente diferente para obrigar a cidade a capitular.

O exame da camada correspondente à destruição causada pelos babilônios deu um resultado inesperado — cinzas! Cinzas em quantidade inaudita. Várias camadas têm muitos metros de espessura e ainda hoje — depois de 2.526 anos — são mais altas do que os restos das muralhas das fortificações. Os sapadores de Nabucodonosor eram especialistas na técnica de incendiar, verdadeiros mestres na arte de desencadear incêndios gigantescos!

Levaram para lá quanta lenha conseguiram encontrar, limpavam de bosques e arvoredos os arredores de Laquis, deixaram nua a colina por espaço de milhas em redor, juntando o combustível em montes da altura de casas diante das muralhas e ateando-lhes fogo. Numerosos olivais caíram sob os seus machados, como o provam os inumeráveis caroços de azeitonas carbonizados encontrados nas cinzas.

Dia e noite a gigantesca fogueira elevava suas labaredas até ao céu, envolvendo os muros num anel de fogo. Ininterruptamente os sitiantes continuavam a jogar mais lenha no fogo, até que as pedras das muralhas estouravam com o calor e a alvenaria se desmoronava.

Assim caiu também Laquis. Só Jerusalém resistia ainda, e em volta dela puderam então os babilônios concentrar tôdas as suas forças. O emprêgo da nova técnica era impossível ali, porque a reserva de lenha em redor de Jerusalém tinha sido completamente destruída até ao mais insignificante arbusto já no tempo dos patriarcas e da conquista de Josué (Jos. 17, 15, 18). Jerusalém teve, assim, que ser atacada pelos processos clássicos do ariete e de outros instrumentos de assédio.

Durante dezoito meses Jerusalém foi sitiada e heróicamente defendida. *"E a cidade ficou fechada e circunvalada até ao undécimo ano do rei Sedecias"* (IV Reis 25-2).

O que fez os sitiados resistirem, embora há muito tempo grassasse a fome na cidade e fizesse muitas vítimas, foi a angustiosa esperança de auxílio do Egito.

Essa esperança pareceu que ia justificar-se quando os babilônios se retiraram súbitamente. *"O exército de faraó tinha saído do Egito; e quando os Caldeus, que sitiavam Jerusalém, ouviram esta nova, retiraram-se de Jerusalém"* (Jer. 37-5). Um exército do faraó Apries saiu, com efeito, da terra do Nilo, segundo informa Heródoto. Seu

destino não era, contudo, Jerusalém, pois Apries se dirigia por terra e por mar para as cidades marítimas fenícias.

Os pesquisadores encontraram em fragmentos de monumentos egípcios provas de sua presença nessa época em Tiro e Sidon.

E assim aconteceu como Jeremias predissera: *"Eis que o exército de Faraó, que saiu para vos dar socorro, voltará para a sua terra no Egito"* (Jer. 37-7). Poucos dias depois o inimigo estava de novo diante da cidade, o assédio prosseguiu com todo o encarniçamento e não foi mais possível evitar a queda.

"E foi aberta uma brecha na cidade; e todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho da porta que está entre os dois muros, perto do jardim do rei" (IV Reis 25-4).

Graças aos resultados das escavações, é possível reconstruir hoje sem dificuldade o caminho de fuga dos sitiados.

O rei Ezequias tinha mandado reforçar os velhos muros da cidade de Davi com um segundo muro no lado sul (II Par. 32-5), cujos restos foram postos a descoberto.

No momento em que o inimigo penetrou na cidade por uma brecha aberta no muro, os defensores retiraram-se para a parte sul da fortaleza duplamente murada e, depois que caiu a noite, fugiram por uma porta exterior para a liberdade e, transpondo as colinas, dirigiram-se para Jericó. O rei Sedecias caiu prisioneiro. Seus filhos foram mortos na sua presença e ele teve os olhos vasados (IV Reis 25-7), pois tal era o duro castigo que os babilônios davam aos traidores. Repetidas vezes se vê representado em relevos esse cruel castigo do cegamento.

Jerusalém foi entregue ao saque; o palácio do rei e o templo foram incendiados, as muralhas e as fortificações demolidas. A execução da ordem de aniquilamento coube a *"Nabuzardan, general do exército"* (IV Reis 25-8), um grão-vizir, que aparece na crônica da corte babilônica como *"Nabu-seri-indinam"*. De novo no ano 587 a. C. foi deportada uma parte da população (IV Reis 25-11), Nabucodonosor exterminou a casa de Davi, que tinha reinado quatro séculos ininterruptamente, e a terra de Judá tornou-se província babilônica. Os que ficaram iniciaram de seu esconderijo nas montanhas uma campanha de guerrilhas, das quais caiu vítima o administrador Gedalia nomeado por Babilônia. O castigo por esse assassinato foi a terceira e última deportação (Jer. 52-30). Pequenos grupos de judeus conseguiram escapar para o Egito (IV Reis 25-26; Jer. 43-7). O pano da história caiu sobre uma terra despovoada, e as tribos israelitas foram espalhadas aos quatro ventos.

Alguns sábios, como os ingleses S. A. Cook e C. C. Torrey, opuseram seu veto à versão bíblica da deportação. Segundo eles nunca teve lugar uma deportação em massa de Judá, apenas algumas pessoas notáveis foram levadas para o cativeiro em Babilônia.

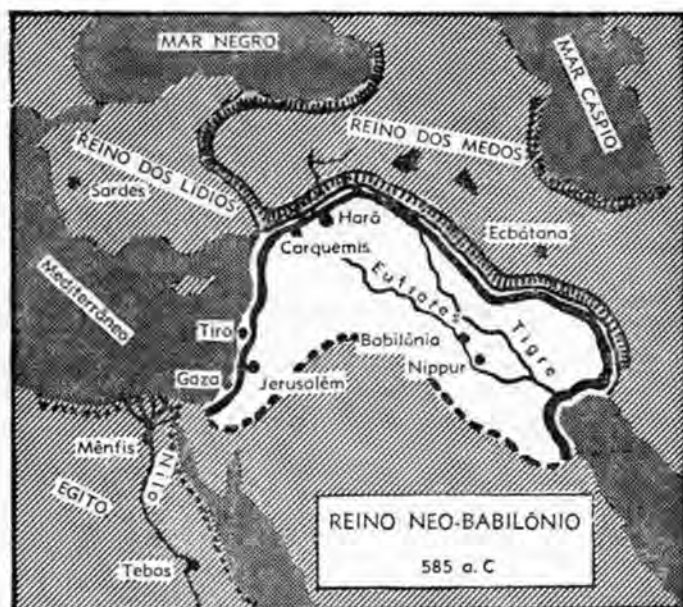


Fig. 61

As escavações demonstraram o contrário. Desde 1928 foi pôsto a descoberto em parte ou totalmente um número considerável de cidades e fortalezas em Judá, sendo investigadas cuidadosamente as datas de sua destruição ou despovoamento. "Os resultados", diz o Prof. Albright, "são concordes e convincentes: muitas cidades foram destruídas no começo do século VI a. C. e nunca mais povoadas; outras foram destruídas nesse tempo e repovoadas em parte numa época um tanto posterior; outras ainda foram destruídas e só depois dum longo período de abandono se povoaram novamente. Não existe um único caso conhecido em que uma cidade de Judá estivesse povoada ininterruptamente durante o período do exílio". Os babilônios destruíram e despovoaram Judá permanentemente; em suma, deixaram o campo limpo para a Arqueologia!

Seiscentos e cinquenta anos depois de haverem os filhos de Israel entrado na Terra Prometida sob a direção de Josué, não havia um só de seus descendentes nessa terra. Cumpriram-se as palavras de ameaça e exortação dos profetas, realizara-se a anunciada justiça de Deus: "Sou eu que o ordeno, diz o Senhor... converterei num deserto as cidades de Judá, de maneira que não fique nelas nenhum habitante" (Jer. 34-22).

Terminara a história dos filhos de Israel... começava a história dos judeus.

VII

Do Exílio ao Reino dos Macabeus

(De Ezequiel a João Hircano)

CAPÍTULO 1

A GRANDE ESCOLA DO EXÍLIO

O sábio conselho do profeta Jeremias. — A firma Murashu & Filhos, de Nippur. — Taxa de juros de 20 %. — Os lavradores e criadores tornam-se negociantes. — Koldewey desenterra Babilônia. — Uma cidade como Nova York. — A maior cidade do Mundo Antigo. — Uma torre de 90 metros de altura em Babel. — Câmara de Comércio no cais do Eufrates.

Edificai casas e habitai-as; e plantai hortas, e comei os seus frutos... Multiplicai-vos ai e não deixeis diminuir o vosso número. E buscai o bem da cidade, para a qual vos fiz deportar... (Jer. 29-5, 7).

Escreveu o profeta Jeremias aos anciãos, aos sacerdotes, aos profetas e a todo o povo que fôra deportado para Babilônia por ordem de Nabucodonosor.

Seguindo o seu conselho bem refletido, eles trabalharam pelo “bem da cidade”, e não lhes foi mal. O exílio para eles em Babilônia não se comparou à dura existência dos filhos de Israel no Nilo, em Ramsés e Fitom, no tempo de Moisés. Com pequenas exceções, não foram submetidos a pesados trabalhos forçados (Isa. 47-6). Em parte alguma se fala de trabalhar em fábricas de tijolos no Eufrates, e, no entanto, Babilônia dispunha da maior fabricação de tijolos do mundo de então. Além disso, em nenhuma época se construiu tanto como no tempo de Nabucodonosor.

Aquêles que seguiram fielmente o conselho de Jeremias, deram-se bem, alguns dêles até muito bem. Uma família que prosperou deixou à posteridade os documentos de seus negócios em poeirentas tabuinhas de barro. “Murashu & Filhos” — Grande Banco Internacional — Seguros, Contratos de Empréstimos e Arrendamentos — Bens Móveis e Imóveis, — Sede em Nippur — Filiais em tôdas as praças. Assim era sua firma, conhecida e famosa em todo o mundo, os “Lloyds” da Mesopotâmia!

Com efeito, os Murashus — *displaced persons* de Jerusalém — tinham prosperado em Nippur desde o ano 587 a. C. Tornaram-se uma firma antiga; ainda no tempo dos persas eles eram importantes na Mesopotâmia. Os “papéis de negócios” de “Murashu & Filhos” abundam em detalhes esclarecedores sobre a vida dos deportados, com nomes, ocupações, propriedades.

Os eruditos da Universidade de Pensilvânia descobriram uma parte dos arquivos na antiga casa comercial da firma judia de Nippur, guardados em grandes cântaros de barro que, segundo as prescrições de segurança da época, estavam cuidadosamente fechados com asfalto. E não foram só os assiriólogos que se alegraram com os textos traduzidos.

Nos escritórios de Murashu & Filhos havia grande atividade. Durante mais de cento e cinquenta anos eles gozaram de elevado conceito junto aos seus clientes, quer como arrendadores de grandes propriedades imobiliárias ou trechos de canal, quer como negociadores de escravos. Quem não sabia escrever, se, depois de muitas discussões, chegava o momento de assinar, em vez do seu nome colocava a impressão da unha do dedo ao fundo do documento. Isso correspondia então às conhecidas "três cruzeiras" do analfabeto no nosso tempo.

Um dia apresentaram-se em casa de Murashu & Filhos três joalheiros... "Elil-aha-iddina e Belsunu e Hatin falaram a Elil-nadin-sum, filho de Murashu, o seguinte: "Pelo que se refere ao anel de esmeralda que é feito de ouro, garantimos por vinte anos que a esmeralda não se desprenderá do anel de ouro. No dia em que a esmeralda se desprender antes de decorridos os vinte anos, Elil-aha-iddina, Belsunu e Hatin pagarão a Elil-nadin-sum 10 minas de prata de indenização." O documento é assinado por sete pessoas. Antes do nome do notário o barro apresenta três impressões de unhas de dedos. São as "firmas" dos três joalheiros que não sabiam escrever.

O judeu exilado Mannudannijama procurou Murashu & Filhos porque queria fechar com um babilônio um contrato de arrendamento relativo a um vasto rebanho: "13 carneiros velhos, 27 carneiros de dois anos, 152 ovelhas prenhas, 40 carneiros de um ano, 40 ovelhas de um ano, um bode velho, um bode de um ano... ao todo 276 cabeças de gado miúdo, "brancos" e "pretos", grandes e pequenos... contra entrega... Por pasto, cuidados e guarda do citado gado miúdo responsabiliza-se Mannudannijama... Nippur. Aos 25 de Ulul... Assinado: impressão da unha de Mannudannijama."

O banco também recebia cauções para garantia de dívidas, e tinha até seções especiais para todas as circunstâncias da vida

A taxa de juros montava a 20 por cento, não estabelecida por Murashu, bem entendido: era a taxa usual nesse tempo.

"Murashu & Filhos" podem ser considerados modelos da profissão que desde o tempo do exílio foi dado escolher aos filhos de Israel. Ela se tornou para eles a profissão por excelência e assim continuou até hoje: a de negociantes, de mercadores. Na sua pátria havia apenas camponeses, colonos, criadores e artesãos. A lei de Israel não conhecia nenhuma disposição sobre o comércio; era-lhe estranho. A palavra "cananeu" equivalia para eles a "lojista", "mercador", cujos pecados os profetas fustigavam profusamente. *"Canaã! Na sua mão está a balança enganosa; ama a opressão"*, verberava Oséias (Oséias 12-8; Amós 8-5, 6).

A mudança para esta profissão, até então desprezada, foi extraordinariamente sábia — o que raramente é bem compreendido. Pois ela se revelou, a par de uma sólida defesa das antigas crenças, uma tábua de salvação para a sobrevivência de Israel como povo. Como camponeses e colonos, uma vez dispersos em terra estrangeira, ter-se-iam misturado e cruzado com outras raças, acabando por desaparecer em poucas gerações. A nova profissão forçava sua permanência em grandes ou pequenos centros, dentro dos quais criavam uma pequena comunidade própria que lhes permitia celebrar os seus ofícios divinos. Isso lhes deu solidariedade e os capacitou para subsistirem.

Os filhos de Israel não poderiam ter desejado melhor iniciação. Babilônia, centro internacional do comércio, da indústria e do tráfico, foi a grande escola das cidades grandes e pequenas de todo o mundo, que desde então passaram a ser a pátria dos sem-pátria. A metrópole, cujas ruínas dois mil e quinhentos anos depois ainda deixam entrever a grandeza e o poderio de outrora, não tinha igual no Mundo Antigo.

Cem quilômetros ao sul da ativa Bagdá, o deserto se apresentava remexido, revolvido, sulcado. Até onde a vista podia alcançar estendia-se um labirinto de fossos, montes de entulho e poços, testemunhos da campanha levada a efeito por arqueólogos alemães, durante dezoito anos ⁽¹⁾, e no decorrer da qual o Prof. Robert Koldewey conseguiu trazer de novo à luz do dia a fabulosa Babel da Bíblia.

Menos de quatro séculos depois da escavação já esse lugar ofereceu um espetáculo desoladoramente caótico. O vento e a areia cobriram de novo, lenta mas incessantemente, o esqueleto gigantesco da antiga metrópole. Só dum lado se ergue ainda um par de maciças torres de contornos bem definidos. Suas paredes, outrora recobertas de belos ladrilhos vidrados, estão nuas. Aí, na Porta de Istar, começava a longa Avenida das Procissões. Onde esta terminava, do outro lado da cidade, um morro enorme denuncia a presença de uma das construções mais altas do Mundo Antigo — a Torre de Babel.

O esplendor e a magnificência, o poderio e a grandeza da cidade que *"pecou contra o Senhor"* (Jer. 50-14) foram presa da destruição e desapareceram. E nunca mais ela foi habitada. Seria o cumprimento do que Isaías profetizara?

"É essa Babilônia, gloriosa entre os reinos, o orgulho dos Caldeus, ficará destruída, como o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra. Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração..."

"Mas as feras farão ali o seu covil, e encher-se-ão as suas casas de corujas; e habitarão ali as avestruzes... Os lobos uivarão nos castelos de Babilônia, e os chacais nos seus palácios de luxo..." (Isa. 13-19 a 22).

Há muito que os chacais, as corujas e também os avestruzes abandonaram esses lugares. Até o poderoso Eufrates, em cujas águas se espe-

(1) 1899-1917.

lhavam outrora os orgulhosos muros e as tôrres altas que chegavam até ao céu, lhe voltou as costas, procurou um novo leito. Só uma silhueta de palmeiras à distância indica ainda o seu novo curso. A pequena povoação árabe chamada "babil" conserva no seu nome a recordação da soberba cidade; mas fica alguns quilômetros ao norte das ruínas.

"Parada de Babilônia", diz, em árabe e inglês, a tabuleta da estação da estrada de ferro de Bagdá, onde, a algumas centenas de metros das colinas, descem os visitantes, hoje raros, que vão percorrer as desertas ruínas amarelo-pardacentas. Aí são envolvidos pelo silêncio da mais completa solidão.

Essas ruínas continham preciosos tesouros, documentos de valor incomparável; graças a êles pôde a posteridade fazer uma idéia precisa da época do exílio dos judeus, que foi também o período de maior esplendor de Babel.

"Não é esta aquela grande Babilônia, que eu edifiquei para capital do meu reino, com a força do meu poder e com a glória da minha majestade?" (Daniel 4-27). Estas palavras, que Daniel pôs na boca do rei Nabucodonosor, não exageram. Pouco se fala de assuntos de guerra, de conquistas e campanhas. No primeiro plano vem sempre a atividade construtora de Nabucodonosor. Centenas de milhares de tijolos apresentam o seu nome, e conservam-se as plantas de muitos de seus edifícios. Com efeito, Babel sobrepujava tôdas as cidades do Antigo Oriente. Era maior do que Tebas, Mênfis ou Ur, maior até do que Nínive.

"A cidade interior, composta de edifícios de três e quatro andares, é cortada por ruas absolutamente retas, tanto numa direção como na transversal, quando vão dar no rio." Assim a viu ainda Heródoto. O plano da cidade de Babel lembra as plantas das grandes cidades norteamericanas.

Na Palestina, sem excetuar a orgulhosa Jerusalém, os deportados conheciam apenas ruas estreitas e tortuosas, simples becos. Em Babel, ao contrário, êles encontraram ruas como avenidas, tão largas e retas como se houvessem sido traçadas com uma régua. Cada uma tinha o nome de um deus do panteão babilônico. Havia a Rua Marduk e a Rua Zabada na margem esquerda do rio. Cruzavam-nas em ângulo reto as ruas do deus Lua, Sin, e de Enlil, o "Senhor do Mundo". Na margem direita corria de leste para oeste a Rua Adad. Esta cruzava a rua do deus Sol, Shamash.

Babel não era apenas a metrópole do comércio, mas também a do culto, como se evidencia por uma inscrição: "Ao todo há em Babilônia 53 templos dos grandes deuses, 55 capelas de Marduk, 300 capelas para as divindades da terra, 600 para as divindades celestes, 180 altares para a deusa Istar, 180 para os deuses Nergal e Adad e 12 outros altares para os diversos deuses."

Um tal politeísmo, com cultos e ritos, que chegavam até à prostituição pública, devia dar à cidade, de acordo com as concepções atuais, o aspecto de uma feira. "Mas o costume mais horrendo dos babilônios", informa Heródoto, escandalizado, é que "cada mulher do país tem que ir sentar-se no santuário de Afrodite e entregar-se uma vez na vida a um estranho... E só depois de se haver entregado e ter prestado o seu serviço à deusa ela volta para casa. Depois disso não haveria presente capaz de seduzi-la. As dotadas de beleza e distinção não tardam a deixar o lugar; as desgraçadas, porém, esperam muito tempo sem conseguirem cumprir a lei, chegando algumas delas a esperar até três ou quatro anos."

Os exilados judeus conservavam indelével na lembrança as abomináveis tentações e seduções que faziam parte da vida cotidiana de Babel. Através dos séculos, até ao tempo de Cristo, a metrópole magnífica foi para eles *"a grande Babilônia... a mãe de todas as abominações da terra"* (Apoc. 17-5). O conceito de "pecado de Babel" ficou no vocabulário de todas as línguas modernas.

Os pesquisadores alemães tiveram de retirar 30.000 metros cúbicos de entulho para descobrir uma parte do templo de Marduk no Eufrates, o qual foi reconstruído sob Nabucodonosor. A obra, juntamente com os anexos, ocupava uma superfície de 450 metros por 550! Em frente ao templo erguia-se a Ziggurat, a torre do santuário de Marduk.

"Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até ao céu; e tornemos célebre o nosso nome" (Gen. 11-3,4).

Até a técnica de construção da torre de Babel descrita na Bíblia corresponde aos resultados das pesquisas. Na construção, revelaram as investigações, foram, com efeito, empregados somente tijolos betumados, sobretudo nos alicerces. Isso se fez evidentemente por motivos de segurança do edifício. Pois nas construções perto do rio era preciso levar em conta as enchentes regulares e a permanente umidade. Com *"betume"*, isto é, asfalto, os muros se tornavam impermeáveis e resistentes.

O começo da construção é referido no Gênesis, tendo lugar, portanto, antes do tempo dos patriarcas. Abraão viveu pelo século XIX a. C., segundo se conclui dos achados feitos em Mari. Uma contradição? A história da torre *"cuja ponta chegava até ao céu"* remonta a um passado obscuro. Mais de uma vez ela foi destruída e reconstruída. Depois da morte de Hamurábi, os hititas tentaram arrasar a imensa construção. Nabucodonosor só fez renová-la.

Quatro escalões, "quatro blocos quadrados" se elevavam uns sobre os outros. A tabuinha de um "arquiteto" encontrada no templo estabelece que o comprimento, a largura e a altura deviam ser absolutamente iguais e que só os terraços deviam ter dimensões diferentes. As medidas da tabuinha dão para os lados da base um pouco mais de

89 metros. Os arqueólogos mediram 91,5 metros. A torre devia ter, portanto, uns 90 metros de altura.

A torre de Babel servia também a um culto sinistro. Heródoto informa a esse respeito: "Sobre a última torre (1) há um espaçoso templo, e dentro dele um sofá de tamanho incomum, ricamente adornado, com uma mesa de ouro ao lado. Não há estátua de qualquer espécie no lugar, nem a câmara é ocupada à noite senão por uma única mulher babilônia, escolhida para si pela divindade entre todas as mulheres do país. Declaram eles também — mas eu por mim não lhes dou crédito — que o próprio deus desce em pessoa a essa câmara e dorme no sofá. Esta história é como a que me contaram os egípcios sobre o que tem lugar na sua cidade de Tebas, onde uma mulher também passa a noite no templo do Zeus Tebano..."

Nas ruas e praças entre os templos, capelas e altares, floresciam os diversos misteres, prosperava o comércio. Procissões solenes, caravanas sobrecarregadas, carros de negociantes, sacerdotes, peregrinos e mercadores aí se entrecruzavam com grande confusão e barulho. Os serviços do culto e os negócios estavam tão intimamente ligados uns aos outros na vida cotidiana que muitas vezes chegavam a confundir-se. Que podiam fazer os sacerdotes com todas as oferendas, todos os "dízimos" que eram levados diariamente aos altares e muitos dos quais se deterioravam facilmente, senão transformá-los o mais depressa possível em dinheiro? Como em Ur, em Babel as administrações dos templos dispunham também de armazéns e casas de negócio. A fim de empregarem lucrativamente as suas rendas, tinham até bancos próprios.

Diante das duplas muralhas, tão largas "que uma quadriga pode circular por elas" (2), ficavam as "câmaras de comércio". À margem do rio fixavam-se os preços, os valores de permuta das mercadorias chegadas por navio. Em Babilônia chamava-se "karum", isto é, "cais", ao lugar a que hoje chamamos "bólsa". Juntamente com o cais e com a bólsa o Ocidente recebeu também o sistema de pesos e medidas de Babel, a central do comércio!

Embora os judeus tivessem buscado e encontrado "*o bem da cidade*", embora na cidade de Babilônia houvessem aprendido muito, ampliado o seu campo de visão para as gerações futuras e melhorado o seu padrão de vida, o que poderia servir em muitos sentidos às gerações vindouras... a saudade de sua pequena pátria distante às margens do Jordão continuava viva em seu coração. Não podiam esquecer a cidade de Davi, a sua Jerusalém. "*Junto aos rios de Babilônia, ali nos assentamos, nos pusemos a chorar, ao nos recordarmos de Sião*" (Salmo 137). Isto não são palavras vazias. Porque milhares deles compreenderam a penosa viagem de volta. E reconstruíram a cidade e o templo de Jeová. Sem o ardente desejo de voltar à pátria perdida, isso nunca teria acontecido.

(1) Refere-se ao escalão superior.

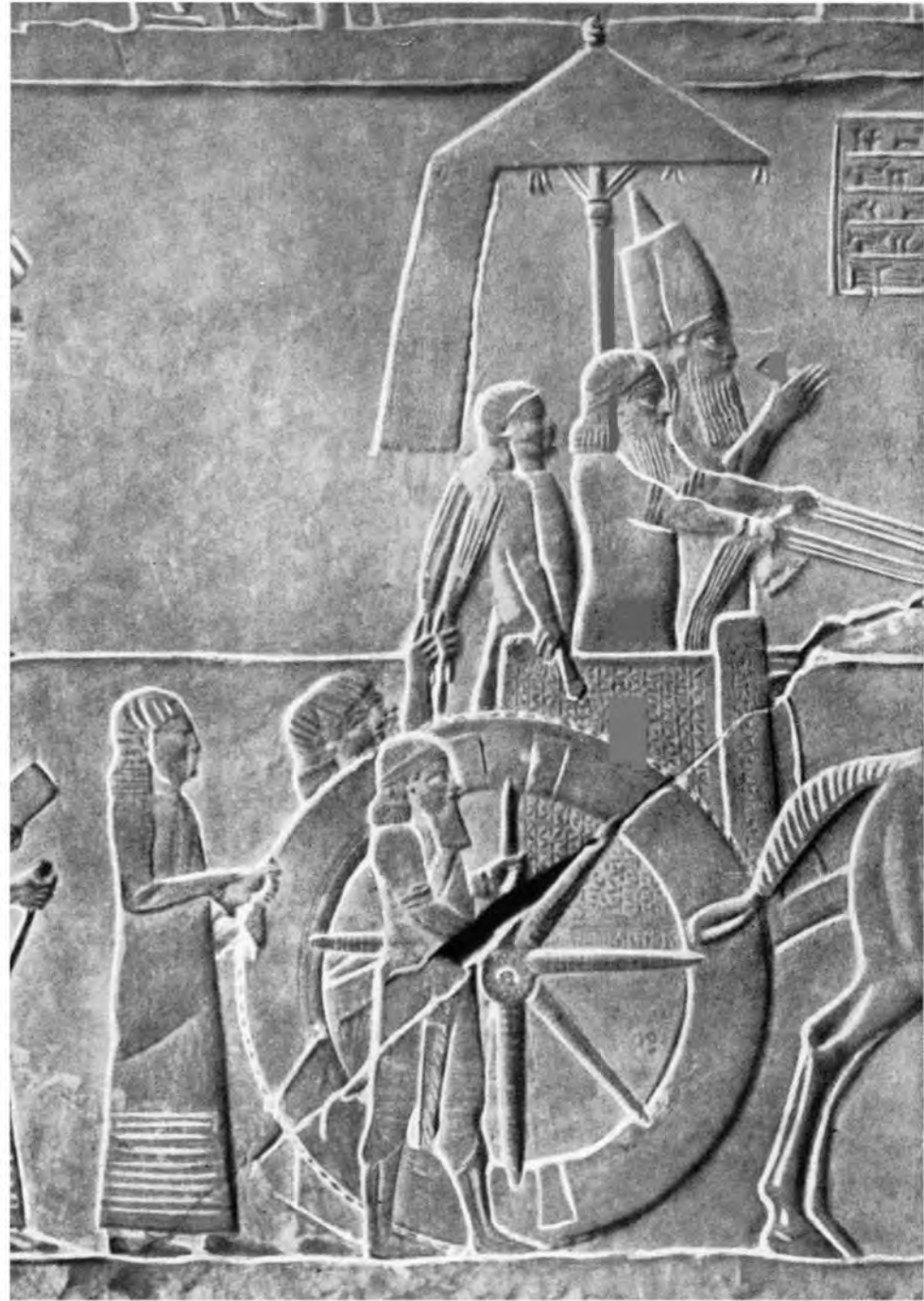
(2) Heródoto.



Os recipientes de marfim para cosméticos e ungüentos, em forma de patos boiando na água, mostram a habilidade dos joalheiros de Ugarit em copiar os modelos egípcios mais procurados.



"Naquele dia lhes tirará o Senhor o adorno dos calçados, e as lúnulas e os colares", advertiu o profeta Isaías no século VIII a. C. 2.680 anos depois declarou o diretor das escavações francesas do "Pôrto Branco", relativamente aos pingentes de ouro aqui representados: "Não só encontramos estes pingentes mencionados nos textos de Ras-Shamra, mas também os ornamentos que Jeová diz, na passagem citada de Isaías, que tirará um dia às orgulhosas filhas de Sião."



O capitão "a cujo braço o rei estava encostado" (IV Reis 7-2) tinha que segurar uma correia, como mostra este rêlevo de Nínive, atrás do Rei assírio Assurbanipal — o "Asnafar" do Antigo Testamento — e do condutor do carro. (A. Parrot "Découverte des mondes ensevelis", edição francesa Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, edição alemã Evangelischer Verlag, Zürich).

CAPÍTULO 2

EXTINGUE-SE O SOL DO ANTIGO ORIENTE

Pelo ano 500 a. C. no Mundo Antigo. — Último impulso antes da queda. — Fuga para o passado. — Nabonid restaura antigos edifícios. — O primeiro museu do mundo em Ur. — Nasce o Ocidente.

Eis que passará aflição dum povo a outro, e uma grande tempestade sairá das extremidades da terra (Jer. 25-32).

O ponteiro do relógio do mundo aproximava-se do ano 500 a. C. O Antigo Oriente tinha mais de três mil anos de existência. Os povos do "Fértil Crescente" e do Nilo estavam envelhecidos, haviam esgotado a sua substância criadora, haviam cumprido a sua missão, e aproximava-se o momento em que deviam retirar-se do palco da história.

O sol do Antigo Oriente estava no poente e seus povos olhavam com apatia a aproximação da noite.

Mas nos povos cansados lampejou a energia ainda uma vez; de novo êles reuniram suas forças. Do Egito até às terras do Eufrates e do Tigre houve como que uma reação contra a submersão na insignificância. Ter-se-iam lembrado de seus grandes papéis no teatro do mundo? Chega a parecer que assim foi. Seus soberanos contemplaram os grandes protótipos dum passado esplendoroso. E julgaram deter o inevitável com um novo e poderoso impulso.

Os faraós Necao e Apries fizeram grandes esforços para reconquistar a Síria-Palestina. O Antigo Império e suas "campanhas contra a Ásia" foram o ideal da XXVI Dinastia ⁽¹⁾. Construíram grandes esquadras e fizeram uma tentativa para restabelecer o antigo canal entre o Nilo e o Mar Vermelho.

Mas embora êsses novos impulsos de força não lhes aproveitassem e lhes fôsse negado o sucesso das armas, os empréstimos tomados aos protótipos da grande época dos construtores das pirâmides exerceram um efeito revivificador em outros tempos. Os pintores e escultores copiavam as obras dos grandes precursores. Os nomes dos faraós do

(1) 663-525 a. C.

terceiro milênio eram gravados em novos escarabeus. Introduziam-se antiquíssimos títulos de funcionários e cortesãos e o aparato da administração e do funcionalismo era por assim dizer modificado segundo a "moda antiga".

Coisa semelhante acontecia na costa mediterrânea da Fenícia. Em 814 a. C. fundou-se Cartago, no norte da África, como colônia da cidade de Tiro. Por essa época o poderio comercial marítimo da Fenícia havia atingido o seu incomparável apogeu. Os fenícios possuíam estabelecimentos comerciais e pontos de apoio ao longo de toda a costa do Mediterrâneo, do Mar Negro ao Estreito de Gibraltar. Cem anos depois já os gregos haviam herdado esse império comercial. O sacerdote Sanchuniathon escreveu a história da Fenícia; ele recebera dum rei a incumbência de copiar inscrições e textos antigos, que Filon de Biblos utilizou, muito depois, como fonte de informações históricas.

Com Assurbanipal ⁽¹⁾ o reino dos assírios estava no zênite de seu poderio; estendia-se do Golfo Pérsico ao Egito Superior. O tigre do Antigo Oriente estava saciado e o soberano do povo mais poderoso de conquistadores deixou que o retratassem sob uma latada, recostado em macias almofadas, enquanto lhe era oferecida uma taça de vinho. A reunião da primeira loja de antiguidades, a maior biblioteca do Mundo Antigo, era o seu *hobby*. Por ordem sua foram revolidos os depósitos do antigo templo em busca de documentos perdidos. Seus escribas prepararam traslados de milhares de tabuinhas do tempo do grande Sargão I (2350 a. C.). O *hobby* de seu irmão Shamashshumukin de Babilônia foi ainda mais longe. Chegou a mandar narrar os acontecimentos da sua época na antiga língua dos sumerianos.

Também Nabucodonosor ⁽²⁾, o último grande a ocupar o trono de Babel, era possuído da mania do passado. Seus cronistas da corte tinham de redigir inscrições em babilônio antigo, língua que poucas pessoas ainda falavam ou conheciam. A arquitetura e a literatura floresceram outra vez entre os caldeus.

A observação do céu fez grandes progressos ao serviço da Astrologia. Tornou-se possível prever os eclipses do Sol e da Lua. Pelo ano de 750 a. C., na escola de Astronomia de Babilônia faziam-se anotações sobre os corpos celestes e foi feita, sem interrupção, durante trezentos e cinquenta anos, a mais longa série de observações astronômicas já realizada. Os cálculos excediam em precisão os efetuados pelos astrônomos europeus até ao século dezoito.

Nabonid ⁽³⁾ foi certamente o primeiro arqueólogo do mundo. Este último soberano babilônio mandou desenterrar as ruínas de templos e lugares sagrados e decifrar e traduzir velhas inscrições. Renovou a

(1) 669-626 a. C.

(2) 605-562 a. C.

(3) 555-538 a. C.

tôrre escalonada de Ur, arruinada pelo tempo, como se verificou por achados feitos no Tell al Muqayyar.

A princesa Bel-Shalti-Nannar, irmã do bíblico Baltasar, tinha os mesmos interesses que seu pai Nabonid. Woolley descobriu em Ur, num edifício anexo ao templo, onde ela oficiava como sacerdotisa, um verdadeiro museu de objetos encontrados em regiões do sul da Mesopotâmia — indubitavelmente o primeiro museu do mundo. Chegou ao ponto de registrar metódicamente a coleção, peça por peça, num cilindro de barro. Esse cilindro é, no dizer de Woolley, “o catálogo de museu mais antigo que se conhece”.

Só um povo — dividido em muitas parcelas e, nesse tempo, disperso por todo o “Fértil Crescente” — não sofria de saciedade nem de enfraquecimento: Os filhos de Israel, descendentes dos patriarcas, estavam cheios de uma ardente esperança, tinham um objetivo inabalável. Esses não decaíram: encontraram forças para sobreviver através dos milênios... até nossos dias.

Durante mil e quinhentos anos a humanidade recebeu a sua luz mais clara do “Fértil Crescente”, o maior centro de cultura e civilização desde a Idade da Pedra. Pelo ano 500 a. C. a escuridão baixou imperceptível mas implacavelmente sobre as terras e os povos que continham a semente de tudo o que viria depois... em outras terras.

Um brilho novo irradiava já desde as montanhas do Irã; os persas se aproximavam. Os grandes estados semitas e o Egito haviam cumprido a sua missão histórica; o capítulo mais importante e mais decisivo da jovem humanidade ajudava a preparar o terreno para os impérios indogermânicos que deram nascimento ao Ocidente — a Europa.

Da extremidade sul do continente a luz foi-se estendendo cada vez mais para os lados de oeste. Da Grécia até Roma, passando a barreira dos Alpes, através da Europa Ocidental, até à Escandinávia, e daí para as Ilhas Britânicas. *Ex oriente lux!*

Na sua passagem floresceram em poucos séculos novas culturas e civilizações, a arte atingiu alturas insuspeitadas de beleza e harmonia, a razão humana elevou-se na Filosofia e nas Ciências Naturais dos gregos até cumes a que nunca pudera chegar o Antigo Oriente.

Na sua passagem a luz levava consigo também a herança múltipla e variegada do Antigo Oriente, desde o útil sistema de pesos e medidas à Astronomia, à escrita, ao alfabeto e... à Bíblia.

CAPÍTULO 3

CIRO, REI DOS PERSAS

Dois sonhos célebres. — *Ciro reúne a Média e a Pérsia. — As palavras escritas na parede. — Baltasar era apenas príncipe herdeiro. — Entrada pacífica em Babilônia. — A tolerância dos persas.*

*Eis o que diz o Senhor a **Ciro**, meu ungido, a quem eu tomei pela mão, para lhe sujeitar ante a sua face as nações, e fazer voltar costas aos reis, e abrir diante d'ele as portas, sem que nenhuma lhe seja fechada (Isa. 41-1).*

Sete anos depois da morte de Nabucodonosor, subiu ao trono de Babilônia, em 550 a. C., Nabonid, o “primeiro arqueólogo”. Ia ser o último soberano da Mesopotâmia. Certos acontecimentos que tinham lugar nas montanhas iranianas indicavam que a história do mundo ia sofrer uma súbita e grande transformação.

Já cinco anos depois de Nabonid subir ao trono começava a nova era com a dominação dos persas.

Os medos — herdeiros do esfacelado império dos assírios desde 612 a. C., juntamente com os babilônios — foram dominados inesperadamente por seus vizinhos e vassalos, os persas. O rei medo Astiages foi vencido por seu próprio neto, **Ciro**.

Os grandes da Antiguidade costumavam anunciar o seu advento de maneiras singulares; freqüentemente se distinguiam já de seus contemporâneos pelas circunstâncias extraordinárias do nascimento. O destino de **Ciro** foi, assim, decidido por dois sonhos estranhos. Por toda a parte no Antigo Oriente esses sonhos corriam de boca em boca, e foi assim que chegaram aos ouvidos de Heródoto, o qual conta:

“Astiages... teve uma filha que foi chamada Mandané... Sonhou que dela saía uma torrente de água tal que não só encheu sua capital, mas inundou a Ásia inteira. Contou essa visão aos magos que tinham o dom de interpretar os sonhos e eles lhe expuseram toda a sua significação. Astiages ficou grandemente aterrorizado. Por isso, quando sua filha chegou à idade de casar, não a deu em casamento a nenhum dos medos, com temor de que se cumprisse o sonho, e sim a um persa de nome Cambises...

No primeiro ano do casamento de Cambises e Mandané, Astiages teve outra visão. Pareceu-lhe que uma videira nascia do ventre de

sua filha e que essa videira cobria tôda a Ásia. Depois dêste sonho, que êle contou também aos intérpretes, mandou à Pérsia buscar Mandané, que estava grávida e perto de dar à luz. Quando ela chegou, mandou vigiá-la, decidido a destruir o fruto do seu ventre, porque os intérpretes magos haviam explicado a sua visão dizendo que o rebento de sua filha seria rei em seu lugar. Por isso Astiages observou a filha e, quando Ciro nasceu, mandou chamar Harpagão, um homem de sua casa e a pessoa em quem êle mais confiava entre os medos... A êste assim falou Astiages: ...Toma o menino nascido de minha filha Mandané, leva-o contigo para tua casa e mata-o lá...”

Harpagão não se sentiu com ânimo para executar a ordem do avô e passou-a adiante, a um pastor de gado que também deixou de cumpri-la. E Ciro continuou vivo.

Não só o nascimento e a juventude de Ciro estão envoltos em lendas. Esse filho de rei da raça persa dos Aquemênidas ocupou mais do que qualquer outro príncipe do Mundo Antigo a fantasia e despertou a admiração dos povos. O grego Xenofonte celebrou a fundação de seu reino num grande romance, a “Ciropédia”.

A Bíblia apresenta-o como o portador da luz. Sua ascensão rápida e brilhante, sem exemplo na história, não é manchada por nenhum ato de violência. Sua política astuta e magnânima faz dêle uma das figuras mais simpáticas do Antigo Oriente. A mais odiosa qualidade dos soberanos orientais anteriores a êle, a crueldade despótica, era coisa estranha para êsse persa.

O nome de Ciro, como pessoa histórica, aparece pela primeira vez em 550 a. C. Nesse ano êle tomou Ecbátana, capital do reino dos medos. Seu real avô Astiages foi exilado, e Ciro reuniu a Média ao reino dos persas. Contra o vencedor uniram-se numa aliança Babilônia, a Lídia, na Ásia Menor, e Esparta. O rei lídio Creso — seu nome é ainda hoje proverbial quando nos referimos a grandes riquezas — atacou os persas. Ciro tomou Sardes ⁽¹⁾, a capital, e venceu-o.

Estava livre o caminho para Babilônia; Babel estava sedutora diante dos seus olhos.

Com base nesta situação é que deve ter-se formado uma estranha e misteriosa narrativa que, transmitida pela Bíblia, ocupou vivamente a fantasia dos povos ocidentais:

“O rei Baltasar deu um grande banquete a mil grandes da sua côrte, e cada um bebia conforme a sua idade... Bebião o vinho, e louvavam os seus deuses de ouro e de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedra... Na mesma hora apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escreviam defronte do candelabro, na superfície da parede da sala real... Então o semblante do rei mudou-se, e os seus pensamentos perturbavam-no; e as juntas de seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro... E o rei, tomando a palavra, disse aos sábios de Babilônia: Todo o que ler esta escritura, e me der a

(1) 80 km a leste de Esmirna.

sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará um colar de ouro ao pescoço, e será o terceiro no meu reino" (Daniel 5-1; 4 a 7). "Mané, Técel, Farés", diziam as famosas palavras escritas na parede. E significavam: "Deus contou os dias do teu reinado", "Tu foste pesado na balança, e achou-se que estavas falto de peso", "O teu reino foi dividido e dado aos Medos e aos Persas" (Daniel 5-25 a 28).

Quando José do Egito soube decifrar o sonho do Faraó sobre as sete vacas gordas e as sete vacas magras e sobre as espigas, tornou-se o segundo homem do reino, grão-vizir.

Que significava a promessa de se tornar "*o terceiro do meu reino*" pela decifração do estranho escrito?

Estas palavras da Bíblia eram incompreensíveis e só foram esclarecidas com o auxílio da Arqueologia.

Hoje sabe-se com certeza quem era Baltasar, pelos textos cuneiformes de seu próprio pai. Ele não era, como diz o livro de Daniel (5-2), filho de Nabucodonosor, e sim de Nabonid, que diz numa inscrição: "E no coração de Baltasar, meu filho primogênito, rebento das minhas entranhas, põe o temor da tua augusta divindade, para que ele não cometa nenhum pecado e para que tenha o suficiente da plenitude da vida."

Por aqui se torna evidente que Baltasar era príncipe herdeiro, portanto o segundo homem de Babilônia. Ele só podia, pois, oferecer o terceiro pósto.

A história do banquete de Baltasar e da escrita na parede reflete, em sua alegoria profética, uma situação política contemporânea; em 539 a. C. Ciro dirigiu suas forças contra Nabonid e derrotou o exército babilônio. Estavam assim contados os dias do último grande reino da Mesopotâmia.

"Desce, senta-te no pó, virgem filha de Babilônia, senta-te na terra; não há mais trono para a filha dos Caldeus" (Isa. 47-1).

Um ano depois da batalha, Ciro, rei dos persas, fez sua entrada pacífica na Babilônia subjugada.

Freqüentemente os hititas, os cassitas e os assírios tinham feito sofrer igual sorte à gigantesca cidade. Mas esta última conquista desobedeceu inteiramente aos padrões estabelecidos; ela foi sem exemplo dentro dos métodos guerreiros do Antigo Oriente. Desta vez não se elevaram colunas de fogo atrás das muralhas destruídas, não foi arrasado nenhum templo ou palácio, nenhuma casa saqueada, ninguém foi massacrado ou empalado. O cilindro de barro de Ciro conta, em escritura babilônia, como as coisas ocorreram.

"Quando entrei pacificamente em Babilônia e, entre manifestações de júbilo e alegria, estabeleci a residência da soberania no palácio dos príncipes, Marduk, o grão-Senhor, inclinou para mim o grande coração dos babilônios, porque eu me preocupava em honrá-lo diariamente. Minhas tropas numerosas percorriam Babilônia pacificamente, e não permiti que os sumérios nem os acádios fôssem assustados por ninguém. Interessei-me pelo interior de Babilônia e por tôdas as suas

idades. Libertei os habitantes de Babilônia do jugo que não lhes convinha. Melhorei suas habitações arruinadas, librei-os de seu sofrimento... Eu sou Ciro, o rei da coletividade, o grande rei, o rei poderoso, rei de Babilônia, rei dos sumérios e dos acádios, rei dos quatro cantos do mundo..."

As últimas palavras quase levam a crer que o cronista bíblico conhecia o teor do cilindro de barro. *"Eis o que diz Ciro, rei dos Persas: O Senhor Deus do céu pôs nas minhas mãos todos os reinos da terra..."* (II Para. 36-23).

Um soberano fazer gala da sua tolerância era uma coisa inaudita. Isso caracterizava o rei dos persas.

Depois de sua entrada em Babilônia, Ciro imediatamente restabeleceu as imagens e santuários das divindades populares. Zelava pelo "culto diário do principal deus da cidade", Marduk. Na cidade de Ur fez outro tanto. Num cilindro de barro, quebrado, que se conservou nas ruínas, diz o próprio Ciro: "Sim, o iluminador do Céu e da Terra, com seus sinais favoráveis entregou em minhas mãos as quatro regiões do mundo. Restitui os deuses aos seus santuários."

Sua tolerância aproveitou aos judeus. Depois de longos decênios de exílio, eles veriam satisfeito o seu anelo mais ardente.

CAPÍTULO 4

REGRESSO A JERUSALÉM

Ciro decreta a liberdade. — A remigração dos 42.000. — Uma caravana de significação decisiva. — Árduo começo nas ruínas. — Um túmulo solitário em Pasárgada. — A reconstrução do templo. — Império persa do Nilo à Índia. — Duncan encontra a obra de Neemias. — Apenas um estado sacerdotal. — Moedas judaicas com a coruja de Atenas. — Província persa durante dois séculos.

No primeiro ano do rei Ciro: O rei Ciro ordenou que a casa de Deus, que está em Jerusalém, seja reedificada, num lugar onde se possam oferecer vítimas, e que lhe sejam lançados uns fundamentos que sustentem a altura de sessenta côvados, e a largura de sessenta côvados (Esdras 6-3).

Era a licença para regressar a Jerusalém! — O texto do decreto real foi redigido em aramaico, a nova língua administrativa oficial dos persas. A autenticidade desse decreto, citado no Livro de Esdras, capítulo 6, pôde ser cabalmente comprovada pela investigação.

Tratava-se dum ato de reparação. Que os persas se consideravam sucessores dos babilônios conclui-se pelas condições de execução "...e que as despesas sejam feitas pela casa do rei. E que também os vasos de ouro e prata, que Nabucodonosor tinha tirado do templo de Jerusalém e transportado para Babilônia, sejam restituídos e reconduzidos para o templo de Jerusalém, para o seu lugar, e sejam colocados no templo de Deus" (Esdras 6-4, 5).

O grande rei Ciro encarregou da execução da sua ordem o governador Sassabasar⁽¹⁾ (Esdras 5-14), príncipe judeu que, ao que parece, pertencia à casa de Davi.

É compreensível que, cinquentá anos depois da deportação, nem todos aproveitassem a licença de voltar à terra de seus pais. Era uma empresa arrojada deixar a rica terra de Babilônia, onde se haviam fixado e onde a maioria prosperava, para empreender o duro caminho para as ruínas duma terra deserta. Não obstante, depois de lon-

(1) Supõe-se que "Sassabasar" é o mesmo que "Seneser", quarto filho do rei Joaquim (I Para. 3-18).

gos preparativos, na primavera de 537 a. C. uma longa caravana pôs-se em marcha a caminho da antiga pátria. *"Tôda esta multidão era como um só homem e compreendia quarenta e duas mil, trezentas e sessenta pessoas, sem contar os seus servos e as suas servas, que eram sete mil, trezentos e trinta e sete; e entre êles havia duzentos cantores e cantoras. Tinham setecentos e trinta e seis cavalos, duzentos e quarenta e cinco machos, quatrocentos e trinta e cinco camelos, seis mil, setecentos e vinte jumentos"* (Esdras 2-64 a 67).

Até hoje não se encontraram quaisquer testemunhos, nem no Antigo Testamento nem em qualquer outra fonte da época, sôbre o caminho seguido por essa multidão enorme. Não é preciso, entretanto, grande fantasia para fazer uma idéia de como a extensa caravana, com sacerdotes e cantores, com carregadores, mulheres e crianças, subiu lentamente pela margem do majestoso Eufrates.

Teve de percorrer quase 1.300 quilômetros desde Babilônia à distante Jerusalém, continuamente envôlta pelo fino nevoeiro da poeira remoinhante. Um dia passou pelo sítio da antiga Mari. Chegou ao lugar da antiga Harã, na outra margem do Rio Belich, onde desaguava no Eufrates.

Dai os que regressavam à pátria seguiram a trilha que 1.400 anos antes seguira Abraão em sua viagem da terra de seus pais para Canaã, passando por Damasco, ao longo das faldas do Hermon, até ao Lago de Genesaré. Finalmente, chegou o dia em que dos cumes pardacentos dos montes de Judá êles avistaram as ruínas desertas da cidade de Sião — Jerusalém!

Que extraordinária expedição e que significação a sua até mesmo para a posteridade!

"Pois com essa marcha para Jerusalém seguia também o futuro do mundo", disse a cientista educadora americana Mary Ellen Chase, que desde 1926 leciona em universidades sôbre o tema "A Bíblia como Literatura". "Porque dela dependia, antes de tudo, a existência duma Bíblia como nós a conhecemos — uma Bíblia, uma crença judaica, um cristianismo e muitos séculos de cultura ocidental. E se não tivesse havido um regresso a Jerusalém, Judá teria sofrido, pelo menos de um modo geral, a mesma sorte que Israel, misturando-se com o Oriente e perdendo-se finalmente como povo uno."

Com grande entusiasmo, logo depois de sua chegada a Jerusalém os judeus assentaram os fundamentos do novo templo. Mas pouco depois a obra foi interrompida (Esdras 5-16). O grande ardor dos que voltaram extinguiu-se rapidamente; a vida era demasiado dura e pobre na terra despovoada, onde as casas destruídas ofereciam apenas um abrigo miserável. Por cima disso havia a preocupação pelo pão cotidiano, de modo que *"cada um se apressa em cuidar de sua casa"* (Ageu 1-9). Cada um se preocupava demais com as próprias necessidades.

A reconstrução marchava, pois, com muita lentidão. Os primeiros colonos eram pobres e, como indicam os restos de utensílios encontrados, reduzidos em número. Os achados das escavações refletem claramente as povoações daqueles primeiros tempos.

Ciro, o libertador, morreu em 530 a. C., durante uma expedição ao Oriente, e foi inumado em sua residência de Pasárgada perto de Persépole. Seu palácio era constituído de pavilhões isolados, cada um no meio dum maravilhoso jardim e todo cercado por um alto muro.



Fig. 62: Túmulo de Ciro.

Na encosta sul duma longa cadeia de montanhas, no meio da erva áspera das terras altas, existe ainda hoje uma pequena e obscura construção de pedra do tempo de Ciro. Seis blocos de pedra formam os degraus que conduzem a uma pequena câmara, no alto de cuja entrada havia outrora uma inscrição que dizia: "Homem, quem quer que tu sejas e quando quer que venhas, pois sei que virás... eu sou Ciro e conquistei o império do mundo para os persas. Não me invejes este pedacinho de terra que cobre o meu corpo."

Em vão! A acanhada câmara de pedra que continha os restos mortais do grande persa num sarcófago de ouro apresenta-se hoje tão vazia como o lugar acima da entrada em que existia a inscrição. De vez em quando, os pastores passam com seus rebanhos por aquele lugar esquecido, tão indiferentes como em tempos idos outros passavam através dos vastos planaltos em que o leão tinha o seu campo de caça.

A Ciro sucedeu seu filho Cambises II ⁽¹⁾. No reinado de Cambises a Pérsia se tornou, com a conquista do Egito, o maior império que o mundo já vira: estendia-se da Índia ao Nilo.

Só no reinado de seu sucessor Dario I ⁽²⁾ — desde a fundação haviam decorrido quase dois séculos — foi atacada definitivamente a

(1) 530-522 a. C.

(2) 522-486 a. C.

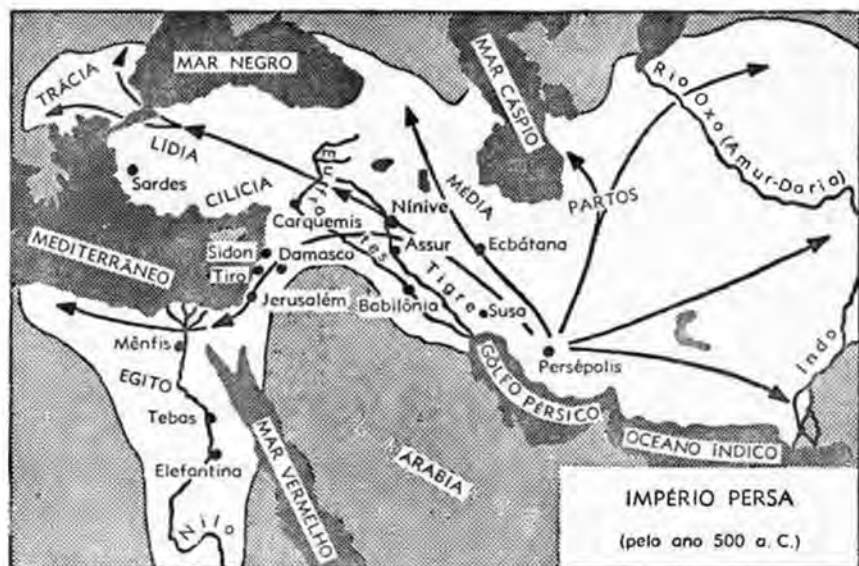


Fig. 63

reconstrução do templo de Jerusalém. A uma pergunta do funcionário administrativo de Judá, o sátrapa do Transeufrates, Dario I confirmou expressamente o decreto de Ciro. A troca oficial de cartas com a corte persa a esse respeito encontra-se no Livro de Esdras (5-6; 6-12).

Não existe mais dúvida quanto à historicidade dessas notícias. Números textos contemporâneos de outra natureza atestam o zelo com que Dario I, como seus antecessores, favoreceu os cultos de todas as maneiras, não só na Palestina, mas também na Ásia Menor e no Egito.

Eis o que se lê na inscrição do médico egípcio Usahor: "E deu-me o rei Dario — possa ele viver eternamente! — ordem de que eu fôsse para o Egito... para que completasse o número de escribas sagrados do templo e reedificasse o que estava arruinado..."

Dario escreve com grande indignação ao seu administrador dos domínios, Gadata. Censura-o severamente por sua atitude com relação aos sacerdotes do santuário de Apolo em Magnésia: "Consta-me que não tens procedido exatamente de acordo com as minhas prescrições. É verdade que te atarefas nos meus campos, fazendo plantações do lado de lá do Eufrates, em território da Ásia Menor. Louvo os teus planos e receberás muitos agradecimentos por isso na corte do rei. Mas como tens desprezado a minha atitude para com os deuses, caso não mudes de proceder eu te farei sentir a cólera que despertaste em

mim. Pois cedeste os jardins sagrados de Apolo para serem trabalhados como terra profana, desconhecendo a opinião de meus antepassados com relação ao deus que falou aos persas..."

Os esforços dos que voltaram limitaram-se exclusivamente, durante muitos anos, à construção do templo de Jerusalém. A construção foi começada em outubro-novembro de 520 a. C. Em 12 de março de 515 a. C. ficou concluída (1).



Fig. 64:
Selo de Judá com
a inscrição
"Jerusalém".

Os muros da cidade esperaram até ao século seguinte. Somente sob Neemias, que foi nomeado governador independente de Judá pelo rei persa Artaxerxes (2) em 444 a. C., foram iniciados os trabalhos nas muralhas, sendo concluídos num espaço de tempo extraordinariamente curto. *"E acabaram-se de edificar os muros... em cinqüenta e dois dias"* (Neemias 6-15). Uma construção nova em 52 dias... incrível! O próprio Neemias conta que *"os muros de Jerusalém estavam em ruínas e as suas portas consumidas pelo fogo"* (Neemias 2-13). Portanto, os muros foram apenas reparados. E isso deve ter sido feito à pressa. Porque as tribos vizinhas, principalmente os samaritanos, queriam evitar por todos os meios a nova fortificação de Jerusalém. Os judeus tinham de estar em alerta permanentemente. *"Com uma mão faziam o trabalho e com a outra empunhavam a arma"* (Neemias 4-11).

Não acontece diferente hoje em dia no trabalho de reconstrução realizado pelos camponeses, operários e pastôres do moderno Estado de Israel.

A reparação apressada dos buracos e brechas dos muros refletem a urgência e inquietação febril do momento. O arqueólogo inglês J. Garrow Duncan desenterrou parte do muro da pequena colina de sueste sobre a fonte de Gion. Diz êle em seu relatório:

(1) Zacarias 1-1: 8.º mês do 2.º ano de Dario — outubro-novembro de 520 a. C. início da construção; Esdras 6-15: 3.º dia do mês adar (em babilônio Addaru) do 6.º ano de Dario — 12 de março de 515 a. C., conclusão do templo.

(2) 465-424 a. C.

"As pedras são pequenas, brutas, informes e desiguais. Algumas delas são muito pequenas, simples lascas, quebradas de blocos maiores, dando a impressão de que foi utilizada toda a espécie de material que havia à mão. Os grandes buracos e brechas foram enchidos com uma mistura confusa de barro e pequenos fragmentos de pedra..."

A reconstrução do templo e da antiga cidade de Davi são evidentes sinais de que Israel tinha consciência de que os tempos da monarquia haviam passado para nunca mais voltarem e que só a vida em uma comunidade religiosa poderia garantir a continuação do pequeno povo, quaisquer que fossem os acontecimentos políticos que o tempo trouxesse. Com decisão eles restabeleceram os lugares sagrados como ponto central para os judeus que viviam na pátria e para os que estavam espalhados pelo mundo inteiro. O "sumo sacerdote" do novo templo de Jerusalém tornou-se o chefe de todo Israel. O pequeno estado sacerdotal da Palestina não mais tomou parte importante nos acontecimentos do mundo durante os séculos seguintes. Israel voltou as costas à política.

Com o consentimento dos persas, a "Lei de Deus" tornou-se obrigatória por todo Israel, sobretudo para todos os judeus, como se indica expressamente no Livro de Esdras (Esdras 7-23 a 26).

Estes dados bíblicos são reforçados de modo conclusivo por outro documento da época.

No ano de 1905 descobriram-se em Elefantina, a ilha do Nilo junto à primeira catarata, nas proximidades da represa de Assuã, três documentos em papiros. Eram escritos em aramaico e datavam do ano



Fig. 65: Moedas de Judá com a efígie de Zeus e a coruja de Atenas (período persa).

419 a. C. Um deles era uma carta pascal do rei persa Dario II com instruções sobre a maneira de celebrar a festa da Páscoa. Destinava-se à colônia militar judia de Elefantina e o remetente assinava-se Hananja, "encarregado dos assuntos judeus na corte do governador persa no Egito".

Os persas exerceram a soberania sobre Jerusalém durante dois séculos. A história de Israel parece não ter sofrido quaisquer oscilações

durante esse período. Nem a Bíblia toma conhecimento dela, nem as camadas arqueológicas denunciam qualquer coisa digna de nota nesse longo período de tempo. Faltam completamente objetos de arte manual nas camadas correspondentes. Os fragmentos de modestos utensílios domésticos mostram apenas quanto era pobre e miserável nessa época a vida em Judá.

É bem verdade que se encontravam moedas correspondentes ao século IV a. C. Essas moedas ostentam a orgulhosa inscrição "Yehud", isto é, "Judá". Evidentemente, os persas concederam ao sumo Sacerdote o direito de cunhar moedas de prata. Seguindo o modelo das dracmas áticas, são decoradas com a efígie de Zeus e a coruja de Atenas. Uma prova de quanto era forte — muito antes de Alexandre Magno — a influência grega e de quanto já estava difundido o comércio grego em todo o Oriente.

CAPÍTULO 5

SOB A INFLUÊNCIA HELENICA

Alexandre Magno na Palestina. — Um dique através do mar permite a conquista de Tiro. — Torrões de assédio de 50 metros de altura. — Alexandria, a nova metrópole. — Os Ptolomeus ocupam Judá. — 72 sábios traduzem a Bíblia. — Cinco livros de Moisés em grego. — A Versão dos Setenta (Septuaginta) foi feita em Faros. — Um estádio sob o templo. — Um sumo sacerdote na "casa dos jogos". — Os lutadores judeus provocam escândalo.

E aconteceu que, depois que Alexandre, filho de Filipe, rei da Macedônia, que reinou primeiramente na Grécia, saiu do país de Cetim ⁽¹⁾, e derrotou Dario, rei dos Persas e dos Medos... (I Macabeus 1-1).

Gradualmente, no século IV a. C., foi-se deslocando o centro do poder político do "Fértil Crescente" para oeste. Essa evolução de importância decisiva para a história do mundo fôra inaugurada já um século antes com duas famosas batalhas com que os gregos detiveram o avanço dos persas. Em Maratona (490 a. C.) eles venceram o exército persa de Dario I. Em Salamina, diante de Atenas, destruíram, dez anos depois (480 a. C.), a esquadra persa.

Junto a Isso, perto do atual pôrto de Alexandreta, no norte da Síria, com a vitória de Alexandre Magno ⁽²⁾ sobre o rei persa Dario III ⁽³⁾ os macedônios assumiram a direção do concêrto do mundo de então.

O primeiro objetivo de Alexandre era o Egito. Com um exército de 32.000 soldados de infantaria e 5.000 de cavalaria, êle avançou para o sul, seguido, no mar, por uma frota de 100 navios. Tinha então 24 anos. Por duas vêzes foi detido na costa sírio-palestina.

Uma vez em Tiro. A cidade fenícia vigiava a costa de uma pequena ilha, sólidamente fortificada e defendida por altas e poderosas muralhas.

Alexandre realizou aí um verdadeiro milagre de técnica guerreira com um dique de 600 metros de comprimento que mandou construir da cidade à ilha, através do mar. Para proteção dos trabalhos foram

(1) dos gregos.

(2) 332-323 a. C.

(3) 336-331 a. C.

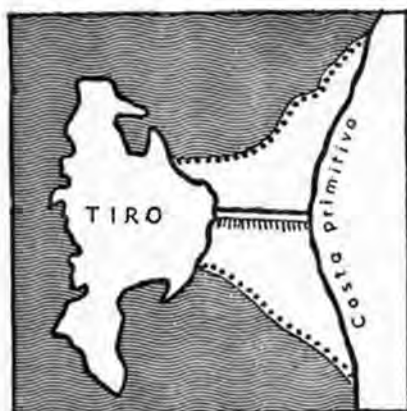


Fig. 66: O dique de 600 metros de comprimento construído por Alexandre Magno para a conquista de Tiro.

instalados escudos defensivos móveis, chamados "tartarugas". Assim mesmo, a construção do dique foi bastante perturbada com uma contínua chuva de flechas. Enquanto isso, na costa os soldados do corpo de engenheiros trabalhavam na construção dumas coisas monstruosas, chamadas "helépoles" — tórres de artilharia móveis com muitos andares. Essas tórres eram equipadas com destacamentos de arqueiros e artilharia ligeira. Uma ponte levadiça na parte da frente permitia efetuar assaltos contra os muros inimigos. Eram as tórres de assédio mais altas que já se haviam feito na história da guerra. Tinha 20 andares e, com seus 50 metros de altura, a plataforma superior erguia-se muito acima das muralhas mais altas.

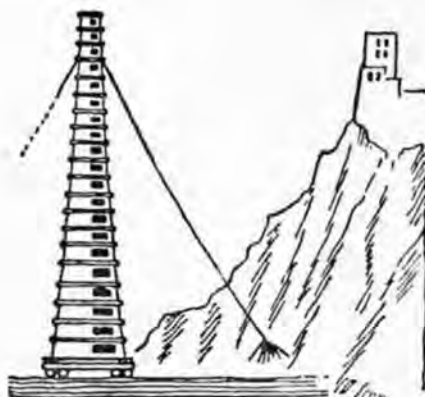


Fig 67: Torre móvel de 50 metros de altura usada por Alexandre Magno para o sítio de Tiro.



"E vazou-lhe os olhos (a Sedecias)" (IV Reis 25-7). Sargão II praticou o cruel castigo que, segundo a lei de guerra assírio-babilônica, se dava pela traição. Introduziam no lábio superior dos prisioneiros um anel para quebrar-lhes a resistência. "...e o levaram (a Manassés) para Babilônia, prêso com cadeias e grillhões" (II Par. 33-11).



A esquerda: Na entrada das muralhas de Samaria os escavadores encontraram dois bancos de pedra. "E o rei de Israel e Josafat, rei de Judá, estavam sentados cada um no seu trono... na praça, junto à porta de Samaria" (III Reis 22-10).



A direita: Comunicação dum pôsto de observação judeu ao comandante de Laquis, 289 a. C.



Em cima: Lojas e armazéns em ruas absolutamente retas do século XV a. C., descobertas por exploradores franceses na costa do Mediterrâneo, na antiga Ugarit. "Num dos armazéns havia 80 vasilhas de vinho e azeite, dispostas em perfeita ordem", declarou o Prof. Schaeffer.

À esquerda: Relêvo da deusa da fecundidade de Canaã, em marfim, encontrado numa caverna do bairro portuário de Ugarit. — *Em baixo:* Pequenos amuletos de ouro com os atributos da deusa da fecundidade.



Quando esses monstros bélicos, depois de sete meses de preparativos, começaram a avançar lenta e pesadamente para Tiro, estava decidida a sorte desse pôrto de mar, até então considerado inexpugnável.

Pela segunda vez, Alexandre foi detido em Gaza, a antiga cidade filistéia. O cerco de Gaza, entretanto, durou apenas dois meses. Depois disso ficou livre o caminho para a terra do Nilo.

O cerco de Gaza, ao sudoeste da Palestina, não deve ter passado despercebido aos judeus. O ruído das tropas acampadas e em movimento na costa devia chegar às suas colinas. Mas a Bíblia regista tão pouca coisa sobre esses acontecimentos como sobre o domínio mundial dos gregos durante quase cento e cinquenta anos. Sua narrativa histórica não vai além do fim dos reinos de Israel e Judá e da criação do estado sacerdotal sob o domínio persa. Só no começo das guerras dos Macabeus ela entra de novo em particularidades históricas.

Relativamente a essa época, entretanto, o historiador judeu Flávio Josefo escreveu uma narrativa extra-bíblica da campanha do conquistador grego através da Síria-Palestina. Depois da conquista da fortaleza de Gaza, refere essa narrativa, Alexandre o Grande foi até Jerusalém. O povo e o sumo sacerdote Jaddua receberam-no com grandes honras. Alexandre ofereceu um sacrifício no templo e fez as vontades do povo.

Alexandre apenas fez uma visita a Jerusalém, pois tinha pouco tempo, havendo já perdido nove meses com a resistência de Tiro e Gaza. Depois da queda de Gaza apressou-se a seguir para o Egito pelo caminho mais curto, deixando a conquista da região continental ao seu capitão Parmenion, que tomou posse dela sem dificuldade. Só a residência do governador da província de Samaria teve de ser submetida à força. Como castigo fê-la povoar com uma colônia de macedônios.

Jerusalém e a província de Judá parece que aceitaram sem relutância o novo soberano. De qualquer modo, até agora não foram encontrados quaisquer testemunhos da época sobre uma resistência do estado sacerdotal.

A visita de Alexandre deve ser apenas uma lenda com um cerne de verdade. É um testemunho eloqüente de que também o conquistador grego tolerou a forma de vida do estado sacerdotal de Judá, de que a comunhão do culto permaneceu incólume.

Isso corresponde exatamente ao que as investigações puderam confirmar. Em Judá não se encontram quaisquer vestígios de uma conquista ou ocupação grega relativos àquele tempo.

Somente na vizinha Samaria foi levantada pelo ano 322 a.C. uma sólida fortificação dos helenos. Os escavadores puseram a descoberto uma série de tôrres redondas, apoiadas ao velho muro em forma de casamata, construído naquele tempo em que Samaria ainda era capital do reino de Israel.

No Egito, que o recebeu como libertador, Alexandre passou o inverno de 332-331 a. C. Fundou a cidade de Alexandria na ponta mais saliente do delta do Nilo, com intenção de torná-la a metrópole da nova era. Alexandria floresceu rapidamente, tornando-se o centro de uma nova vida intelectual e reunindo sob a sua jurisdição as melhores cabeças do mundo grego e oriental.

No começo da construção Alexandre decretou uma disposição que viria a ser de suprema importância para o futuro. Ele concedeu aos judeus — descendentes de fugitivos da época babilônica — os mesmos direitos que tinham os seus compatriotas! Essa disposição, confirmada pelos sucessores do grande macedônio, fez com que Alexandria viesse a tornar-se um dos pontos importantes de concentração do judaísmo.

Só nos Atos dos Apóstolos surge o nome da cidade fundada por Alexandre: *“Ora veio a Efeso um judeu, chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloquente, versado nas Escrituras”* (Ap. 18-24).

Durante uma das maiores expedições de conquista de que há notícia na história, Alexandre atravessou de novo a Palestina. Todas as terras do Antigo Oriente lhe estavam submetidas; avançou até ao Indo, quase até às faldas do maciço do Himalaia. No regresso contraiu uma febre e morreu — com trinta e três anos de idade — em 13 de junho de 323 a. C., em Babilônia.

“Ponde os olhos nas nações e vêde; e admirai-vos e pasmai... Porque eis que vou suscitar os Chititas⁽¹⁾, essa nação cruel e veloz, que percorre a superfície da terra...” (Habacuc 1-5, 6) escreveu o profeta Habacuc em Jerusalém, e perguntava assombrado ao seu Deus: *“Por que razão olhas tu para os que cometem injustiças, e te conservas em silêncio, enquanto o ímpio devora os que são mais justos do que ele?”* (Hab. 1-13).

Tendo em vista o fato de que antes de Alexandre o helenismo havia estendido os seus tentáculos de mil modos para a Mesopotâmia e o Egito, o absurdo desta pergunta só nos pode fazer abanar a cabeça. No estado sacerdotal parecia que o tempo havia parado e só a “Tora”, a lei divina, regia a vida da pequena comunidade religiosa.

Já nos exércitos do faraó Psamético II e do rei caldeu Nabucodonosor houvera soldados gregos. Havia muito tempo que nas costas da Palestina e da Síria vinham sendo fundados portos e estabelecimentos comerciais gregos. Já no século V a. C. helenos de grande cultura viajavam por todas as terras do Antigo Oriente, estudando-as: Heródoto e Xenofonte, Hecateu e Ctésias.

Seria que os homens do estado sacerdotal não mais compreendiam os sinais dos tempos? Ou fechariam os olhos conscientemente em sombria defesa contra o que se aproximava?

(1) “Chititas” quer dizer: Gregos.

Assim, o despertar deve ter sido tanto mais brusco quando encontraram a Grécia a alguns passos apenas do santuário do templo, quando não mais puderam fechar os olhos ao fato de que a juventude judaica se havia entregado com entusiasmo ao arremesso do disco, esporte importado da Hélade! Os esportes dos gregos encontraram rapidamente um eco entusiástico entre a juventude.

Não foi pelo poderio, pela força das armas, nem por seduções imorais que a Grécia se tornou perigosa para os judeus; o perigo estava mais no hálito de liberdade de um mundo moderno como nunca existira. Com Péricles, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, com Fídias e Polignoto, com Platão e Aristóteles, a Hélade havia escalado um novo degrau do progresso humano.

Indiferente à nova era da raça humana, o pequeno estado sacerdotal prosseguia obstinadamente em seu próprio caminho, aferrado à tradição, ao passado. Assim mesmo, não foi poupado ao encontro com a nova mentalidade. Ainda faltava muito tempo, porém, para chegar o século II a. C.

“Reinou Alexandre doze anos, e morreu... E, depois da morte de Alexandre, puseram todos o diadema, e depois dêles, seus filhos durante muitos anos, e os males se multiplicaram sobre a terra” (I Mac. 1-8 e 10).

O conceito das “lutas dos Diádocos” mantinha-se ainda na política do século XX. Mesmo na edição original elas não são de modo algum um motivo de glória para a profissão de general. Os generais do grande Alexandre eliminaram sem escrúpulo, pelo assassinato, toda a família dêle, seu meio irmão Filipe Arrideu, sua mãe Olímpia, a viúva Roxana e o filho póstumo. A liquidação final culminou com a fragmentação do império em três reinos: O Reino Macedônio ao norte da Grécia; o Reino dos Selêucidas, que se estendia desde a Trácia, passando pela Ásia Menor, a Síria, até à fronteira da Índia. Como capital dêste segundo reino, o maior dos estados sucessores, foi fundada Antioquia, no baixo Orontes. Quase todos os soberanos selêucidas acrescentaram o nome desta cidade ao próprio nome: Antioco.

O terceiro era o Reino dos Ptolomeus, no Nilo, com Alexandria como capital. Foi governado por uma dinastia, cuja última representante, Cleópatra, passou a gozar de certa fama através dos tempos, porque soube virar a cabeça de contemporâneos seus tão importantes como César e Marco Antônio.

O primeiro soberano desta dinastia foi Ptolomeu I.

Ptolomeu entrou em Jerusalém em 320 a. C., sendo ainda general. A incorporação do estado sacerdotal de Judá ao reino dos ptolomeus helenísticos significou mais do que uma mudança de soberano. Foi principalmente o primeiro passo no caminho da realização do que a Bíblia estabelece significativamente no Gênese: *“Dilate Deus a Jafet, e habite Jafet nas tendas de Sem...”* (Gên. 9-27).

Segundo o Gênese, deviam-se originar três linhagens: Sem, Cam e Jafet, progenitores de três raças. De Sem provêm os semitas, de Cam os

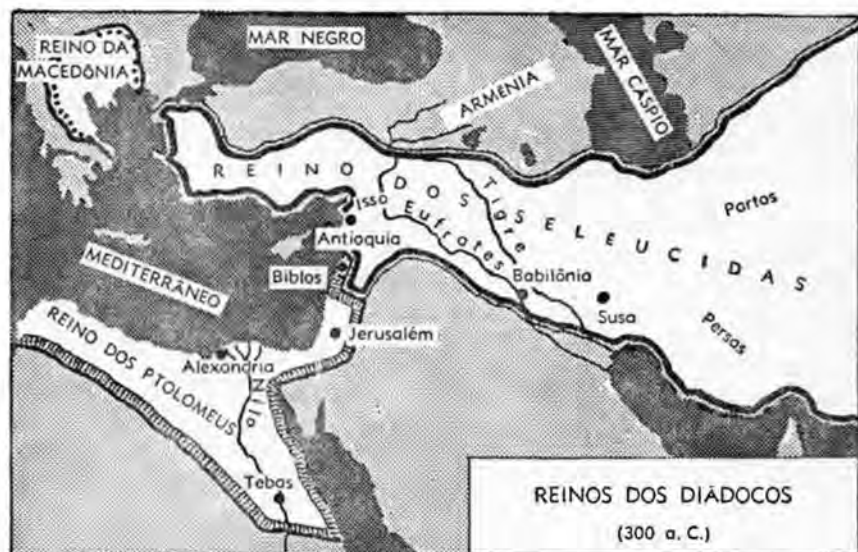


Fig. 68

camitas, que vivem na África. Os descendentes de Jafet, de acordo com o habitat que a Bíblia lhes atribui com muita precisão, são raças arianas. Entre eles mencionam-se muito expressamente os "chititas", ou gregos.

Dois soberanos de grande visão, Ptolomeu I e seu filho Ptolomeu II, Filadelfo, desenvolveram sua capital, Alexandria, tornando-a a pátria adotiva da cultura e do saber helênicos, cuja fama se estendeu além das fronteiras do império e se tornou um ponto de atração para todos os imigrantes de Judá. Nesse cadinho estes mergulharam profundamente na beleza da língua dos gregos, a única que lhes permitia gozar dos enormes progressos do pensamento e do sentimento humanos, a língua internacional da Ciência e do Comércio, a língua de dez mil israelitas que haviam ficado sem pátria.

A geração que veio a seguir não mais conhecia a língua materna, o hebraico. Não sabia mais acompanhar a palavra sagrada nos ofícios divinos da sinagoga. Foi assim que amadureceu na Diáspora egípcia a decisão de traduzir a Escritura hebraica. Por volta de 250 a. C., a "Tora" foi traduzida para o grego, um feito de alcance incomensurável para a humanidade ocidental!

Para os judeus do Egito a tradução da Bíblia em língua grega foi um acontecimento de um alcance tão inconcebível que entrou no domínio da lenda. Essa lenda é contada num livro apócrifo de Aristeu de Alexandria.

O segundo Ptolomeu, Filadelfo (1), concentrou todo o seu orgulho em possuir uma coleção dos mais belos livros do mundo. O bibliotecário disse-lhe um dia que ele havia reunido em 995 livros a melhor literatura de todos os povos. Mas, continuou, os maiores de todos os livros, os cinco livros de Moisés, não se encontravam entre eles. Ouvindo estas palavras, Ptolomeu II, Filadelfo, mandou embaixadores ao Sumo Sacerdote para lhe pedir uma cópia desses livros. Pedia-lhe ao mesmo tempo homens que soubessem traduzir para o grego. O Sumo Sacerdote atendeu ao pedido e mandou-lhe, além da cópia da Tora, 72 sábios e competentes escribas. Prepararam-se grandes festejos em honra dos homens de Jerusalém, cuja ciência e saber assombraram o rei e sua corte. Depois dos festejos, eles puseram mãos à obra imensamente difícil que lhes fôra confiada para a qual não havia modelo nem dicionário. Lá fora, em pleno mar, na Ilha de Faros, em frente de Alexandria, ao pé de uma das "sete maravilhas do Mundo" (2), eles trabalharam cada um por si em celas separadas. Quando os sábios concluíram o trabalho e as traduções foram comparadas, verificou-se que todas as setentas e duas concordavam palavra por palavra. Essa tradução grega da Bíblia foi chamada "Septuaginta", que significa "Setenta".

O que até então só era dito no santuário, apenas em uma língua antiga e para um único povo, tornou-se de repente acessível e compreensível para homens de outras línguas e outras raças. A porta ansiosamente guardada até então foi assim aberta de par em par... *"nas tendas de Sem"*.

A dependência de Judá do império dos ptolomeus durou mais de cem anos. E então os selêucidas de Antioquia conseguiram realizar a expansão para o sul, a que há muito aspiravam. Após uma batalha vitoriosa sobre Ptolomeu V, nas nascentes do Jordão, em 195 a. C., Antíoco III, cognominado o Grande, tomou posse da Palestina, e Judá mudou de dono mais uma vez.

Pouco a pouco, a semente estrangeira penetrou também no estado sacerdotal. As constantes e múltiplas influências do espírito grego, que desde as conquistas de Alexandre permearam o povo, foram-se fazendo sentir cada vez mais. Quando *"Antíoco, o ilustre... começou a reinar no ano cento e trinta e sete do reino dos Gregos"* (Mac. 1-11), e Jasão, tendo obtido o sumo sacerdócio, *"começou logo a fazer passar os seus concidadãos para os costumes dos gentios..."*.

"Pois teve o atrevimento de fundar um ginásio debaixo da própria fortaleza, e de expor os mais nobres jovens em lugares infames. E isto não era um princípio, mas já um progresso e consumação da vida pagã e estrangeira, por causa da detestável e inaudita maldade do ímpio e falso sacerdote Jasão; de tal sorte que os sacerdotes, não se aplicando já às funções do altar, mas, desprezando o templo, e descuidados dos

(1) 285-246 a. C.

(2) O farol de 180 metros de altura que Ptolomeu II havia mandado construir para guiar a navegação desde grande distância.

sacrifícios, corriam à palestra, e à injusta distribuição dos seus prêmios, e aos exercícios do disco" (II Mac. 4-10; 12 a 14).

O "ginásio" era nada mais nada menos que um estádio. Porque tanta celeuma por causa duma praça de esportes? A educação física em Jerusalém, o arremesso do disco e a corrida na cidade santa eram, com efeito, um progresso desusado, mas porque havia de desagradar isso a Jeová, porque havia de um sumo sacerdote ser chamado de ímpio por êsse motivo?

Entre a maneira de praticar esporte atualmente e a de então há uma diferença pequena, mas essencial. Essa diferença não está pròpriamente nos exercícios, que são quase os mesmos há mais de 2.000 anos. A diferença está no traje. Fiéis ao modelo olímpico, êles praticavam os jogos completamente nus. O corpo só podia ser "coberto" por uma fina camada de óleo!

Só a nudez deviam condenar os rígidos crentes de Judá. Êles criam inabalavelmente na perversidade da natureza humana desde a infância e na tendência do corpo para pecar. Seria de estranhar que a prática do esporte à vista do templo, a poucos passos apenas do santuário, não fôsse considerada uma grande afronta, não provocasse viva oposição. Segundo notícias da época, o sumo sacerdote Jasão teria construído o estádio no meio de Jerusalém, junto ao outeiro do templo, no "Vale" (1). Mas o inaudito não parou aí. Não tardou muito que os lutadores judeus cometessem um grave delito perante a lei: "*dissimularam os sinais da circuncisão*" (I Mac. 1-16).

Os sentimentos de beleza dos gregos e a circuncisão dos lutadores judeus, já mostra para todo o mundo ver, eram duas coisas que não se coadunavam. Os homens judeus eram objeto de zombarias e até mesmo de repugnância (não em Jerusalém, claro) quando apareciam para as competições no estrangeiro. "*Celebravam-se em Tiro os jogos, que se fazem de cinco em cinco anos*", diz a Bíblia (II Mac. 4-18).

Muitos devem ter sofrido com a repugnância que causavam e devem ter procurado uma solução. Algumas traduções falam duma intervenção cirúrgica que faria voltar o órgão ao estado natural (na de Kautzsch I Mac. 1-15).

Uma vez mais o nudismo foi a Judá como grande tentação. A nudez fôra a característica mais notável das deusas da fecundidade em Canaã, agora os lutadores se apresentavam nus nos estádios, que surgiam por tôda a parte. A educação física adquiriu uma significação muito mais profunda do que o esporte tem atualmente. Eram jogos consagrados ao culto de deuses estrangeiros, ao Zeus e ao Apolo dos gregos. A reação do rígido judaísmo contra essa ameaça renovada não podia deixar de ser violenta.

E os novos senhores do país, os selêucidas, não demoraram a dar motivo para isso.

(1) Em Flávio Josefo é chamado "Tiropeon", "Vale dos Queijeiros".

CAPÍTULO 6

PELA LIBERDADE DE CRENÇA

Cobrador de impostos saqueia Jerusalém. — Culte de Zeus no templo. — A rebelião dos macabeus. — Combate com elefantes junto a Belém. — Os americanos encontram Betsura. — Moedas de Antioquia nos escombros. — O fornecedor das cantinas de Rodes. — Pompeu assalta Jerusalém. — Judá torna-se província romana.

E, tomando com as suas criminosas mãos os vasos sagrados, que os outros reis e as outras cidades tinham ali pôsto para ornamento e glória dêste lugar, manuseava-os indignamente, e os profanava (II Mac. 5-16).

O rei Antíoco IV ⁽¹⁾, cognominado Epifanes, saqueou e profanou o templo de Jerusalém em 168 a. C. Saquear templos era, aliás, o seu mister particular, como testemunham seus contemporâneos. O historiador grego Políbio observa em sua "História Universal", em quatro volumes, que Antíoco IV "saqueou a maioria dos santuários".

O tesouro do templo não bastou, entretanto, ao Selêucida. Mandou, além disso, o seu primeiro cobrador de impostos Apolônio com fôrça armada a Jerusalém, o qual "*tomou os despojos da cidade e pôs-lhe fogo, e levou cativas as mulheres e apoderou-se dos seus filhos*" (I Mac. 1-33 e 34; II Mac. 5-24 e seg.).

Nada do que pode sofrer de coisas horríveis e ignominiosas um povo de história tão acidentada fôra poupado a Israel no passado. Mas nunca antes, mesmo sob os assírios ou sob os babilônios, havia sofrido golpe semelhante à ordem com que Antíoco Epifanes visava aniquilar a crença de Israel. "*E o rei enviou cartas, por meio de mensageiros, a Jerusalém e a tôdas as cidades de Judá, ordenando que seguissem as leis das nações pagãs*" (I Mac. 1-46).

No templo de Jeová foi implantado o culto de Zeus Olímpico. — E instituiu-se a pena de morte para todo aquêlo que praticasse as cerimônias do culto judaico, que fizesse os holocaustos tradicionais, que celebrasse o sábado, que praticasse a circuncisão. As Sagradas Escrituras foram destruídas. Foi esta a primeira grande perseguição religiosa da história

(1) 175-163 a. C.

Mas Israel deu a todo o mundo o exemplo de como um povo que não quer ceder pode e deve reagir contra tais violações da consciência.

Caracteres fracos, que seguem o caminho da menor resistência, também os havia então. Muitos, contudo, “...*não quiseram violar a santa lei do Senhor, e foram trucidados*” (I Mac. 1-66). Foi o inabalável zelo religioso dum velho que lançou a tocha da sublevação no país.

Havia um pequeno lugar chamado Modin, situado a 30 quilômetros de Jerusalém, na orla ocidental da cordilheira de Judá, hoje o mercado el-Medieh. Aí vivia o “*sacerdote Matatias*” com seus cinco filhos. Quando os capitães de Antíoco foram também a Modin para forçar os habitantes “*a que sacrificassem e queimassem incenso, e a que abandonassem a lei de Deus*”, Matatias recusou-se firmemente a obedecer à ordem, e quando viu um compatriota sacrificar, “*inflamou-se o seu furor segundo o espírito da lei; e, arremetendo contra êle, matou-o sobre o altar; e matou também ao mesmo tempo o oficial que o rei Antíoco tinha enviado... e destruiu o altar*” (I Mac. 2-1 e 25) e com isso deu o impulso para a resistência franca, para a luta de vida ou morte pela liberdade de crença — as “*guerras dos Macabeus*”.

Matatias conseguiu fugir com seus filhos. Em seu esconderijo em montes e cavernas eles reuniram em volta de si um grupo de fiéis com os quais iniciaram uma encarniçada luta de guerrilhas contra a autoridade. Com a morte do velho sacerdote a chefia passou a seu filho “Judas”, chamado “Macabeu” (1).

Nas montanhas de Judá os revoltosos obtiveram o seu primeiro sucesso. Foi realmente digno de admiração. O pequeno grupo, sem preparo e mal armado, triunfou sobre as tropas de ocupação, aguerridas e superiores em número. Betoron, Emaús e Betsura caíram em seu poder. Os selêucidas retiraram-se e esperaram a chegada de reforços de Antioquia. Em 164 a. C. Judas Macabeu libertou Jerusalém e restabeleceu a antiga ordem no templo. O altar foi reconstruído e fizeram-se sacrifícios a Jeová como antes (I Mac. 4-34 e seg.).

Em expedições que se estendiam cada vez mais além das fronteiras da província de Judá, Judas Macabeu chegou até à Galiléia, na Jordânia oriental, onde viviam israelitas que se mantinham fiéis ao culto. No caminho que conduzia a Iduméia, ao sul de Judá, a velha Hebron foi sitiada e destruída. O contínuo êxito guerreiro de Judas Macabeu levou o rei Antíoco V, Êupator (2), filho de Epifanes, a atacar com um exército poderoso. Na batalha decisiva que teve lugar dez quilômetros ao sudoeste de Belém, junto a Betzacara (3), os selêucidas dispuseram os seus elefantes de guerra, flanqueados por destacamentos de cavalaria. Incapazes de resistir a uma força tão superior, os macabeus foram derrotados. Uma discórdia intestina levou o vencedor a fazer a paz, que continha condições inesperadamente favoráveis para os vencidos. As or-

(1) Isto é, o “Martelo”.

(2) 163-162 a. C.

(3) Hoje Bet Iskarje.

dens de Antíoco IV, Epífanes, do ano 167 a. C., perderam a sua validade, assegurou-se o exercício do serviço divino e reconheceu-se novamente a comunidade de culto em Jerusalém (I Mac. 6-30 e seg., 58 e seg.).

O objetivo da revolta judaica fôra atingido.

Não contentes com isso, os macabeus se esforçaram por conseguir, juntamente com a liberdade religiosa, a independência política. Os sucessores de Judas Macabeu, seus irmãos Jônatas e Simão, desencadearam a luta novamente, a qual terminou em 162 a. C., sob Simão, com a concessão da liberdade política também à Síria (I Mac. 15-1 e seg.).

Uma fortificação que se encontrava no centro das lutas e que muitas vêzes mudou de dono foi Betsura. Os resultados das escavações correspondem aos fatos históricos descritos no Livro Primeiro dos Macabeus.

Hoje se chama "chirbet et-tubeka" o lugar outrora tão disputado. Dominava a antiga estrada de Jerusalém para Hebron, entre Judá e Iduméia, ao sul. Em 1931 os arqueólogos norte-americanos encontraram ali grande quantidade de moedas. Cento e vinte e seis do total de trezentas têm os nomes de Antíoco Epífanes e Antíoco Eupator.

A colina contém ainda os fundamentos de uma poderosa fortaleza, na qual se distinguem claramente três períodos de construção. Dos inferiores, mais antigos, restam apenas fragmentos. São do tempo dos persas. A construção superior tem um caráter oriental. É obra de Judas Macabeu, do primeiro período da rebelião vitoriosa. *"E pôs ali Judas uma guarnição para o guardar, e fortificou-o para também segurar Betsura, a fim de o povo ter uma fortaleza"* (I Mac. 4-61).

Depois da batalha dos elefantes junto a Betzacara, Antíoco V Eupator fêz ocupar a fortaleza da fronteira. *"Assim o rei tomou Betsura, e pôs nela uma guarnição que a guardasse"* (II Mac. 6-50).

Também as tropas selêucidas deixaram vestígios inconfundíveis de sua estada ali. Como os arqueólogos verificaram nas ruínas dos muros construídos por Judas Macabeu: trata-se de restos de suas cantinas. Das rações desses soldados fazia parte vinho, o nobre vinho das colinas da Grécia. Albright e Sellers puderam descobrir até de onde o vinho procedia pelos fragmentos de bilhas encontrados em grande quantidade no local. O principal fornecedor do exército devia ser um negociante de vinho de Rodes.

Isso foi em 162 a. C. Um ano depois os selêucidas fortificaram de novo Betsura. Sobre os muros destruídos dos macabeus ergueu-se uma nova cidadela de construção tipicamente helenística. Seu general Báquides fortificou com altos muros as cidades do país... *"Fortificou também a cidade de Betsura... e pôs nela tropas e provisão de mantimentos"* (I Mac. 9-50 e 52).

O relato bíblico encerra-se com o assassinato de Simão, irmão de Judas Macabeu. A direção espiritual e política de Judas passou, com

o cargo de sumo sacerdote, a Simão, filho de João. Foi chamado João Hircano. "O Sumo Sacerdote João e a comunidade dos Judeus" — "O Sumo Sacerdote João, chefe da comunidade dos judeus" lê-se nas moedas que ele mandou cunhar.

A história deve também aos cuidadosos apontamentos de Flávio Josefo um conhecimento exato sobre os macabeus e seus sucessores ⁽¹⁾.

Em guerras ininterruptas eles foram alargando cada vez mais, metódicamente, as fronteiras de Judá. Sob Alexandre Janeu ⁽²⁾ haviam estendido a sua soberania mais ou menos sobre todo o território ocupado outrora pelos dois reinos de Israel e Judá.

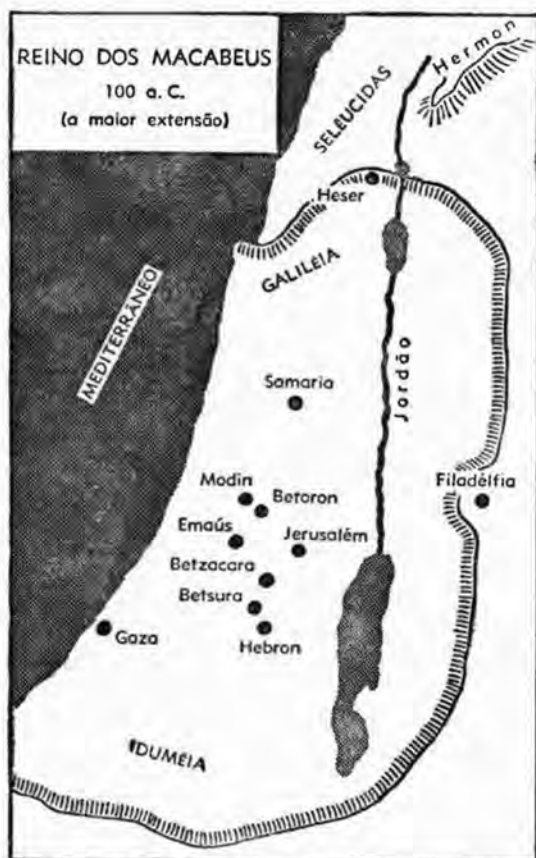


Fig. 69

(1) Josefos chama-lhes "hasmoneus", do nome de seu antepassado, o pai de Matatias (*Bellum Judaicum* I, 1, 3).

(2) 103-76 a. C.

A medida que o tempo passava, os selêucidas iam-se tornando adversários cada vez menos sérios. Careciam de fôrça para opor-se aos macabeus depois que Roma — tendo derrotado Aníbal de Cartago ⁽¹⁾ e se tornado senhora absoluta do Mediterrâneo Ocidental — começara a estender o seu poderio sôbre a Grécia e avançara para a Ásia Menor.

Atravessando o Reino dos Selêucidas, o general romano Pompeu marchou sôbre a Palestina. Após um cerco de três meses, no ano 63 a. C. as legiões romanas entraram em Jerusalém. Judá tornou-se província romana.

Com êsse acontecimento terminou bruscamente a independência de Israel.

(1) 202 a. C., na Batalha de Zama.

DO NOVO TESTAMENTO

Jesus de Nazaré

CAPÍTULO 1

PALESTINA JUNTO AO "MARE NOSTRUM"

Província do "Imperium Romanum". — Cidades gregas em terras do Jordão. — O Novo Testamento. — Uma narrativa tendenciosa. — O governador histórico. — Recenseamento cada 14 anos.

Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho... (Gálatas 4-4).

Na extensa grinalda de terras em redor do "Mare Nostrum" ⁽¹⁾, do norte da África e da Espanha às costas da Ásia Menor, dominava a vontade da nova senhora do mundo: Roma. Após o desaparecimento dos grandes reinos semitas do "Fértil Crescente", foi também a Palestina incorporada ao novo mundo e ao seu destino. As tropas romanas de ocupação faziam cumprir a vontade de Roma em uma terra governada e explorada por homens ao seu serviço.

Cada vez mais a Grécia dava o seu cunho à vida no Império Romano; a cultura romana era, na realidade, cultura grega e o grego era a língua universal que unia todos os povos subjugados do Oriente.

Quem viajasse pela Palestina naquela época, perto do começo da nossa era, teria a impressão de se encontrar na Grécia. Na Jordânia Oriental havia cidades puramente gregas. As "Dez Cidades" ⁽²⁾ dos Evangelhos (Mat. 4-25; Marcos 5-20, 7-31) pareciam-se com seu modelo, Atenas; tinham templos, dedicados a Zeus e Artemis, tinham o seu teatro, foro de colunas, estádio, ginásio e banhos. Gregas pela construção e pela vida de seus habitantes eram Cesaréia, a capital de Pilatos, ao sul do Carmelo, no Mediterrâneo, e Seforis, situada alguns quilômetros ao sul de Nazaré. Tiberíades, junto ao lago de Genesaré, Cesaréia de Filipe, construída ao pé do Hermon, e até mesmo Jericó. Só as muitas cidadezinhas e localidades da Galiléia e Judá haviam conservado o seu caráter arquitetural judaico. Nessas povoações genuinamente judias viveu e atuou Jesus, e em parte nenhuma os Evangelhos dizem que ele se tenha detido numa cidade grega.

O traje grego e muito da maneira de viver dos gregos haviam entrado, entretanto, muito antes do tempo de Jesus, até mesmo nas comunidades puramente judias. Assim, os habitantes de Galiléia e de Judá

(1) Assim chamavam os romanos ao Mediterrâneo.

(2) Em grego "Decápolis".

usavam vestes iguais aos de Alexandria, Roma ou Atenas. O conjunto consistia em túnica e manto, sapatos ou sandálias, chapéu ou capuz. Quanto ao mobiliário, havia a cama e fôra adotado geralmente o costume grego de comer reclinado.

O Antigo Testamento abrange, calculando da época da saída do Egito sob Moisés, um período de perto de 1.200 anos, e, calculando do tempo dos patriarcas, cerca de dois mil anos. O Novo Testamento, ao contrário, abarca apenas um período de menos de cem anos. Desde o começo da atuação de Jesus Cristo até ao fim dos Atos dos Apóstolos, o relógio do tempo marca apenas pouco mais de trinta anos. O Antigo Testamento reflete em grande parte a história do povo de Israel; no Novo Testamento trata-se apenas da vida e ditos de uns poucos homens; êle gira inteiramente em volta dos ensinamentos de Jesus, de seus discípulos e dos apóstolos.

A Arqueologia não pôde encontrar numerosos testemunhos do mundo do Novo Testamento. Porque na vida de Jesus Cristo não houve nada que pudesse deixar vestígios materiais no nosso mundo, nem de palácios reais, nem de templos, nem de campanhas de conquista, nem de países e cidades incendiadas. Jesus era de natureza pacífica, ensinava a palavra de Deus. Os pesquisadores viram que sua tarefa de reconstrução do ambiente de Jesus consistia na descoberta dos lugares e povoações em que êle viveu, atuou e morreu. De qualquer modo, restava-lhes um guia *sui generis*. Nenhum acontecimento da história greco-romana, nenhum manuscrito de um autor clássico chegou à posteridade, nem de longe, em antigos exemplares tão variados como as escrituras do Novo Testamento. Seu número vai além de mil, e os mais antigos e dignos de crédito dentre êles datam de poucos decênios depois de Cristo.

Livro de genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (Mat. 1-1).

Quem teve a pouca sorte de ler Houston Stewart Chamberlain — e isso aconteceu a milhões no decênio passado na Europa, sobretudo na Alemanha — poderia ser de outra opinião. Êste escritor, filho dum general inglês e genro de Richard Wagner, escreveu um livro que teve muitas edições: "Os Fundamentos do Século XIX". Neste livro êle oferecia, entre outras coisas, a "descoberta sensacional" de que o pai de Jesus teria sido ariano! Chamberlain chegou até a apresentar "provas", baseando-se em "fontes históricas".

Tais provas existem? Que dizem elas? E de onde procedem?

Existe uma série de histórias. Procedem dos primeiros dois séculos da nossa era e foram contadas e difundidas por inimigos de Cristo, judeus e pagãos.

Repetidamente surge sobretudo um nome, representando um papel essencial. Também no "Talmude", o mais importante livro religioso

pós-bíblico do judaísmo, se fala nêle. Uma vez é chamado “ben Pandera”, outras “ben Pantera” ou “ben-ha-pantera”.

Segundo uma narrativa transmitida oralmente, o pagão Celso teria ouvido o seguinte, textualmente, a um judeu, no ano 178: “Miriam⁽¹⁾ foi repudiada pelo marido, carpinteiro de profissão, por ter-se convencido de que ela cometera adultério. Em sua vergonha ela vagueou dum lugar para outro e deu à luz em segredo a Jesus, cujo pai era um guerreiro chamado Panthera”. No Talmude mencionam-se os nomes “ben Pandera” e “Jesus Ben Pandera”. No Talmude babilônio fala-se de “Amante Pandera”. Mais adiante lê-se: “Em Pumbedita dizia-se: ‘S’tath da’, isto é, ela foi infiel ao marido” (Sabbat 104 b; Sanhedrin 67 a).

“Pandera” seria um estrangeiro, um legionário romano.

Como surgiram tais afirmações?

Os cristãos referiam-se a Jesus como o “filho da Virgem”. Os judeus aferraram-se a este oportuno ponto de apoio, apoderando-se mais que depressa deste mistério para difamá-lo.

“Parthenos” em grego significa “virgem”. A palavra “parthenos” foi falseada. Com escárnio os judeus chamavam ao “filho da Virgem” “ben ha-Pantera”, que na sua língua queria dizer “filho da pantera”.

Com o correr do tempo a origem desta designação caiu no esquecimento. Os próprios judeus não sabiam mais que em seus próprios círculos Jesus era chamado com ironia pelo nome de sua mãe. Dessa maneira a palavra escarninha “Panthera” e, com ela, a narrativa tendenciosa adquiriram mais tarde um sentido completamente diverso.

Porque no Oriente um filho não usa o nome da mãe. É sempre chamado pelo nome do pai. Conseqüentemente “Pantera”, ou “Pandera”, foi tomado pelo nome do pai de Jesus. O nome da mãe de Jesus era bem conhecido. Ela se chamava “Miriam”, Maria. “Pantera”, ou “Pandera”, não se conhecia como nome judeu. O homem que tinha esse nome devia ser, pois, um estrangeiro, de qualquer modo, um não judeu. E que estrangeiros existiam no país quando Miriam deu à luz seu filho? A resposta a esta pergunta era muito fácil: Romanos. Naquela época a Judéia estava cheia de legionários romanos.

Esta aplicação e esta deturpação do nome “ben Pandera” veio, aliás, muito oportunamente em favor das tendências anticristãs dos judeus fanáticos. Dir-se-iam criadas para marcar Jesus como não judeu.

A luz da investigação cristã e também da judia, só podemos concluir que H. St. Chamberlain, em sua tentativa para “provar” a origem não judaica de Jesus Cristo, utilizou uma narrativa tendenciosa judia, que topou com histórias satíricas, com uma falsificação do Talmude babilônio. O mesmo se deu com Ernst Haeckel, autor dos “Enigmas do Universo”.

Os Evangelhos chamam a Jesus, por sua origem, “filho de Davi”. Isto é dito claramente e não deixa lugar para suposições de origem pagã. O apóstolo Paulo, grande missionário dos pagãos, e o evangelista Lucas,

(1) Isto é, Maria.

pagão de nascimento, por certo não veriam nenhuma desvantagem na origem pagã de Jesus e indubitavelmente se teriam referido a ela em alguma parte.

E, naqueles dias, saiu um edito de César Augusto, para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo. Este primeiro recenseamento foi feito por Cirino, governador da Síria. E iam todos recensear-se, cada um à sua cidade. E José foi também da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi, para se recensear juntamente com Maria, sua espósa, que estava grávida (Luc. 2-1 a 5).

Os recenseamentos não foram de modo algum invenção dos estatísticos modernos. Desde os tempos mais antigos serviam como hoje a dois fins altamente prosaicos. Em primeiro lugar, forneciam os dados gerais para o serviço das armas e, em segundo lugar, para a cobrança de impostos. Nos países submetidos, Roma se interessava principalmente por estes últimos.

Sem os tributos estrangeiros, só com a produção própria, Roma não poderia ter o luxo de seus maravilhosos e imponentes edifícios e instalações, nem a vida de opulência e dissipação e seu dispendioso aparato administrativo mundial. Os soberanos de Roma podiam dar grátis ao povo, largamente, "panem et circenses", pão e circo. O cereal para o pão grátis tinha de ser fornecido pelo Egito. E as grandiosas arenas para os jogos eram construídas por escravos e com dinheiro de tributos.

"Cirino, governador da Síria", é o conhecido Senador P. Sulpicius Quirinius dos documentos romanos. O imperador Augusto apreciava muito as extraordinárias aptidões, como militar e como administrador, desse homem, nascido em ambiente humilde perto de *Tusculum*, cidadezinha no monte Albano e vilegiatura das mais preferidas pelas boas famílias romanas.

Cirino foi para a Síria como legado no ano 6 da nossa era. Com êle Roma mandou Copônio para a Judéia como primeiro Procurador. Os dois realizaram um recenseamento do povo entre 6 e 7 depois de Cristo, mas não pode tratar-se do censo mencionado pelo evangelista Lucas, pois nesse tempo Jesus já tinha mais de dez anos de idade. Segundo a narrativa bíblica, o recenseamento ordenado pelo imperador Augusto teve lugar no ano do nascimento de Jesus Cristo.

Ter-se-ia enganado assim o médico Lucas?

Assim pareceu durante muito tempo. Só com a descoberta dum fragmento de inscrição romana em Antioquia se verificou, com surpresa, que Cirino já outra vez antes estivera na Síria como legado do imperador Augusto e justamente no tempo do procônsul Saturnino.

Dessa vez, aliás, Cirino estava incumbido dum missão puramente militar. Comandou uma campanha contra os homonadenses, tribo das montanhas do Tauro, na Ásia Menor. Entre os anos 10 e 7 a. C. Quirino tinha estabelecido sua residência e quartel-general na Síria.

CAPITULO 2

A ESTRÊLA DE BELÉM

Uma conjectura de Orígenes. — O cometa de Halley sôbre a China. — A observação de Kepler em Praga. — Um mapa estelar achado em Sippar. — Notícia de astrônomos de Babilônia. — Os cálculos dos astrônomos modernos. — Geada de dezembro em Belém.

Tendo pois nascido Jesus em Belém de Juddá, reinando o rei Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está o Rei dos Judeus, que nasceu? Porque nós vimos a sua estrêla no Oriente, e viemos adorá-lo (Mat. 2-1 e 2).

Expedições internacionais de astrônomos são há muito coisa normal no mundo moderno. Em 1954 a Suécia foi invadida por um exército dêsses peritos em ciência sideral. Cientistas de todos os países do mundo afluíram à Escandinávia com instrumentos especiais e aparelhos de medição, a fim de observarem um eclipse do Sol. A viagem dos Reis Magos do Oriente à Palestina prender-se-ia a algo semelhante?

Há séculos que a narrativa do evangelista Mateus sôbre a estrêla do Messias ocupa incessantemente a fantasia dos homens. Leigos e peritos se têm dedicado a êste tema, daí resultando numa imensa literatura. Tem-se chamado "estrêla de Belém" a tudo o que costuma atravessar a abóbada celeste e a muitas coisas que existiram apenas na imaginação.

É inquestionável, pelo texto da Bíblia, que deve ter sido um fenómeno celeste extraordinário. Os fenómenos celestes são da alçada dos astrônomos e é dêles que devemos esperar uma explicação baseada nos conhecimentos modernos.

Se supomos que foi um clarão súbito que apareceu no firmamento, só podemos considerar duas possibilidades, excetuando os asteróides: um cometa ou uma estrêla nova, ou simplesmente uma "nova", como lhe chamam os cientistas.

Suposições semelhantes foram feitas já nos primeiros tempos da nossa era. O escritor sacro Orígenes, que viveu pelo ano 200, escreveu: "Sou de opinião que a estrêla que apareceu aos Magos no Oriente era uma nova estrêla, que nada tinha em comum com aquelas estrêlas que nos aparecem no firmamento ou nas camadas inferiores do ar. Provável-

mente pertencia ao tipo de corpos celestes que costumam aparecer de vez em quando e que os gregos chamavam segundo o seu formato, ora cometas, ora traves de fogo, ora estrêlas caudadas, ora outros nomes."

Os cometas com cauda, que muitas vêzes se estendia através da metade do hemisfério celeste, sempre impressionaram. Eram considerados signos anunciadores de acontecimentos excepcionais. Não admira que êsse espetáculo, o mais esplendoroso do firmamento, fôsse ligado à representação da estrêla dos Magos do Oriente! Os artistas apegaram-se a êsse belo motivo; em muitas representações populares do quadro do nascimento de Jesus aparece acima do estábulo de Belém um cometa resplandescnte.

As escavações e as escrituras descobertas têm fornecido material assombrosamente exato sôbre os fenômenos astronômicos nos milênios passados. Existem desenhos e observações dos gregos, romanos, babilônios, egípcios e chineses.

A seguir ao assassinato de César, pouco depois dos idos de março do ano 44 a. C., apareceu um planêta brilhante no céu. No ano 17 antes da nossa era surgiu de repente uma estrêla com cauda, muito brilhante, que pôde ser observada uma noite inteira nas terras mediterrâneas. O próximo cometa brilhante a que se alude é do ano 66 d. C., pouco depois do suicídio de Nero.

Dêsse intervalo de tempo existe ainda outro relato muito preciso de astrônomos chineses. Na Enciclopédia Wen-hien-thung-khao, do sábio chinês Ma Tuan-lin, vem a seguinte informação:

"No primeiro mês do (imperador) Iven-yen, no 7.º mês, no dia Sin-ouei (25 de agosto), foi visto um cometa na parte do céu Toungh-sing (perto da estrêla Mu dos Gêmeos). Passou pelos Ou-Tschoui-Heou (Gêmeos), saiu da Ho-su (Castor e Pólux) e seguiu seu curso para o norte e aí entrou no grupo Hien-yuen (cabeça do Leão) e na casa Thaiouei (cauda do Leão)... No 56.º dia entrou por baixo do Dragão Azul (Escorpião). Ao todo o cometa foi observado durante 63 dias."

Esta antiga narração chinesa detalhada contém a primeira descrição do famoso cometa de Halley, essa maravilhosa estrêla de cauda que cada 76 anos aparece junto do Sol. Na última vez apareceu nos anos 1909 a 1911. Em 1986 a terra apreciará de novo êsse raro espetáculo. Pois o cometa de Halley percorre a sua imensa órbita pontualmente através do espaço. Mas nem sempre e nem em toda a parte êle é igualmente visível. No ano 12 antes de Jesus Cristo, por exemplo, êle constituiu um acontecimento celeste na China, onde pôde ser observado em todos os seus detalhes. Em toda a área do Mediterrâneo, na Mesopotâmia e no Egito, ao contrário, não há qualquer referência a um corpo celeste tão extraordinariamente claro e impressionante.

O mesmo se dá com relação às "estrêlas novas". Estas "novae" são formas estelares do espaço, que numa explosão atômica de proporções imensas se fragmentam súbitamente. O seu clarão, que ofusca o brilho de todas as outras estrêlas, é tão insólito, tão extraordinário, que sem-

pre se percebe e é mencionado. Na passagem dos séculos só duas vezes se fala do incêndio duma nova estrela — no ano 134 antes e no ano 173 depois do nascimento de Cristo. Nenhuma das muitas antigas fontes e tradições se referem a um cometa de grande claridade ou a uma nova estrela no ano zero, na área do Mediterrâneo.

Pouco antes do Natal, no dia 17 de dezembro de 1603, o matemático imperial e astrônomo da corte, João Kepler, estava no Hradschin de Praga, sobre o Moldava, observando, com seu modesto telescópio, a aproximação de dois planetas. Os sábios chamam "conjunção" a posição de dois corpos celestes no mesmo grau de longitude. De vez em quando dois planetas se aproximam tanto um do outro que parecem uma única estrela maior e mais brilhante. Naquela noite Saturno e Júpiter haviam marcado encontro no espaço na constelação dos Peixes.



Fig. 70: *Conjunção de Mercúrio-Júpiter-Saturno em dezembro de 1603, segundo Kepler.*

Enquanto repassava suas anotações, Kepler se lembrou de repente da nota dum escritor judeu, o rabino Abarbanel, que aludia a uma extraordinária influência que os astrólogos judeus atribuiriam a essa constelação. Segundo eles, o Messias viria por ocasião duma conjunção de Saturno e Júpiter na constelação dos Peixes.

A conjunção ocorrida ao tempo do nascimento de Cristo seria a mesma que Kepler observara no mês de Natal do ano 1603?

Kepler calculou e tornou a calcular. Ele era cientista e pseudo-cientista, astrônomo e astrólogo, adepto dessa ciência que já o Codex Justinianus havia mencionado como equivalente à do preparo de venenos. O resultado foi observar uma terceira conjunção dentro de um ano. O cálculo astronômico dava o ano 7 a. C. Segundo as tabelas astrológicas, devia ter sido o ano 6 a. C. Kepler decidiu-se pelo ano 6 a. C. e, portanto, fez recuar a Conceição de Maria para o ano 6 a. C.

Kepler tornou conhecida a sua fascinante descoberta numa série de livros, mas no fim esse espírito esclarecido, descobridor das leis dos

planetas que têm o seu nome, perdeu-se excessivamente no reino do misticismo. Em consequência disso, a hipótese de Kepler foi rejeitada durante muito tempo e, por fim, caiu no esquecimento. Só no século XIX os astrônomos se lembraram dela outra vez. Mas continuava faltando a possibilidade de uma clara demonstração científica.

A ciência do nosso tempo conseguiu-a.

Em 1925 o sábio alemão P. Schnabel decifrou as anotações cuneiformes dum famoso instituto técnico, a escola astrológica de Sippar, na Babilônia. Em meio de intermináveis dados corriqueiros e observações, encontrou uma nota sobre a posição dos planetas na constelação dos Peixes. Júpiter e Saturno foram cuidadosamente indicados por espaço de cinco meses. Convertido ao nosso cálculo de tempo, essa aproximação dos dois planetas teve lugar no ano 7 antes do nascimento de Cristo.

A fim de reconstruírem o quadro de uma época, os arqueólogos e historiadores têm de servir-se de monumentos e documentos, de achados isolados e fragmentos. Para o astrônomo moderno a coisa é mais fácil. Basta-lhe fazer voltar atrás, à vontade, o relógio do tempo, ajustar com precisão, no planetário, o céu estrelado como ele se apresentava há milhares de anos, no ano, no mês e até no dia desejado. A posição de cada estrela pode ser reconstituída com igual precisão.

No ano 7 antes da nossa era, Júpiter e Saturno encontraram-se, com efeito, nos Peixes, e, como Kepler descobriu, três vezes. Os cálculos matemáticos demonstraram, além disso, que essa conjunção tripla dos planetas foi particularmente bem visível na área do Mediterrâneo.

O calendário do encontro dos planetas apresenta-se da seguinte maneira nos frios dados astronômicos modernos:

Pelo fim do mês de fevereiro do ano 7 a. C. apareceu a constelação. Júpiter saiu da constelação do Aquário e encontrou-se com Saturno na constelação dos Peixes. Como o Sol nesse tempo se encontrava igualmente no signo dos Peixes, sua luz cobria a constelação. Em 12 de abril efetuaram sua aparição helíaca os dois planetas nos Peixes com uma diferença de 8° de longitude. Os astrônomos chamam helíaco ao nascimento visível dum astro no crepúsculo da manhã.

Em 29 de maio teve lugar a primeira aproximação nos Peixes, sendo visível umas boas duas horas no céu da manhã, com uma diferença de zero grau de longitude e 0,98 graus de latitude, no 21.º grau dos Peixes. A segunda conjunção deu-se em 3 de outubro no 18.º grau da constelação dos Peixes.

Em 4 de dezembro teve lugar a terceira e última aproximação dos planetas Júpiter e Saturno, desta vez no 16.º grau dos Peixes. No fim de janeiro do ano 6 a. C., o planeta Júpiter passou da constelação dos Peixes para a do Carneio.

"Porque nós vimos a sua estrela no Oriente" (Mat. 2-2) diz a tradução da Bíblia, referindo as palavras dos Magos. Críticos hábeis descobriram que as palavras *"no Oriente"* correspondem ao original *"en tae*



Fig. 71: 3.^a conjunção de Júpiter-Saturno em 4 de dezembro do ano 7 a. C., na constelação dos Peixes.

anatolae". Isto é grego na forma singular. Em outra passagem, "anatolai", portanto plural, é traduzido também por "Oriente". A forma singular "anatolae" devia ter, porém, um sentido astronômico todo especial, devendo compreender a observação do nascimento do astro de madrugada, portanto o nascimento heliaco. Tampouco isso podiam saber os tradutores da Bíblia.

De acordo com esta crítica do texto, a tradução clara, na linguagem especializada dos astrônomos, seria:

"Vimos sua estrela aparecer nos alvôres do crepúsculo matutino". Isso corresponderia também exatamente à realidade astronômica.

Por que então a expedição dos sábios à Palestina se, evidentemente, o fenômeno era também visível em Babilônia?

Os observadores do céu orientais atribuíam a cada estrela, como astrólogos, uma significação particular. Segundo a concepção dos caldeus, os Peixes eram o signo do Ocidente, das terras do Mediterrâneo; segundo a tradição judaica, eles eram o signo de Israel, o signo do Messias. A constelação dos Peixes encontra-se no fim duma velha e no começo duma nova trajetória do Sol. Nada mais lógico do que eles verem nisso o fim duma velha e o começo de uma nova era!

Júpiter foi considerado por todos os povos e em todos os tempos como a estrela da sorte e da realeza. Segundo a velha tradição judaica, Saturno deveria proteger Israel; Tácito comparava-o ao Deus dos judeus. A Astrologia babilônica considerava o planeta do anel o astro especial das vizinhas Síria e Palestina.

Desde o tempo de Nabucodonosor muitos milhares de judeus viviam em Babilônia. É provável que muitos deles houvessem estudado na escola de astrólogos de Sippar. Uma aproximação esplendorosa de Júpiter com Saturno, protetor de Israel, na constelação do "Ocidente", do Messias, deve ter comovido profundamente os astrólogos judeus. Porque, segundo a interpretação astrológica, isso significava o aparecimento de um rei poderoso no Ocidente, a terra de seus pais. Contemplar esse espetáculo pessoalmente, observá-lo com os próprios olhos, foi o motivo da viagem dos Magos do Oriente, conhecedores das estrelas!

No dia 29 de maio do ano 7 a. C. eles observaram a primeira aproximação dos dois planetas do telhado da escola de astrólogos de Sippar. Nessa época fazia ainda um calor insuportável na Mesopotâmia. O verão não é estação apropriada para uma longa e penosa viagem. Além

disso, eles sabiam que a conjunção se repetiria em 3 de outubro. Assim como sabiam prever os futuros eclipses do Sol e da Lua, souberam prever com exatidão a data dessa conjunção. Como em 3 de outubro, justamente, se celebrava a festa judia da Propiciação, é possível que eles tenham considerado isso um aviso, partindo em viagem nesse dia.

O ritmo das viagens pelas estradas das caravanas devia ser muito lento, mesmo pelo meio de transporte mais rápido da época, o camelo. Calculando a duração da viagem em cerca de mês e meio, os Magos devem ter entrado em Jerusalém em fins de novembro.

"Onde está o rei dos Judeus, que nasceu? Porque nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo. E, ouvindo isto o rei Herodes, turbou-se, e toda a Jerusalém com ele" (Mat. 2-2, 3). Para os conhecedores dos astros do Oriente esta devia ser a primeira e natural pergunta, e era lógico que produzisse espanto em Jerusalém. Pois na Cidade Santa ninguém sabia nada sobre Astrologia.

Herodes, o tirano odiado, teve medo. O anúncio dum rei recém-nascido fê-lo temer pela sua soberania. O povo, ao contrário, teve um choque de alegria, como se deduz de outras fontes históricas. Cerca de um ano depois da conjunção dos planetas houve um forte movimento messiânico. O historiador judeu Flávio Josefo informa que, por essa época, correu entre o povo o rumor de que Deus havia decretado o fim do domínio romano, que um sinal divino anunciara o advento dum soberano judeu. Herodes, pôsto no trono pelos romanos, não era propriamente judeu e sim idumeu.

Herodes não hesitou. *"Convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo."* Estes leram nos antigos livros sagrados de seu povo e encontraram a indicação na escritura do profeta Miquéias, que vivera setecentos anos antes no reino de Judá: *"E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre milhares de Judá; mas de ti é que me há de sair aquele que há de reinar em Israel..."* (Miquéias 5-2).

Feito isso, Herodes mandou chamar os Magos *"e enviou-os a Belém"* (Mat. 2-4 a 8). Como em 4 de dezembro Júpiter e Saturno se reuniram pela terceira vez na constelação dos Peixes, eles *"...ficaram possuídos de grandíssima alegria"* e partiram para Belém, *"e eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles"* (Mat. 2-10 e 9).

Na estrada de Hebron, a sete quilômetros de Jerusalém, encontra-se a aldeia "bet lahm", a antiga Belém de Judá. O antigo caminho, que já Abraão percorreu em seu tempo, segue quase exatamente na direção norte-sul. Na terceira conjunção os planetas Júpiter e Saturno pareciam fundidos numa grande e rutilante estrela. No crepúsculo do anoitecer eles se viaam para os lados do sul, de modo que os Magos do Oriente em sua viagem de Jerusalém para Belém tinham a brilhante estrela sempre diante dos olhos. A estrela ia com efeito, como diz o Evangelho, *"adiante deles"*.

Todos os anos milhões de pessoas em todo o mundo ouvem a história dos Magos do Oriente. A “estrêla de Belém”, um símbolo inseparável da noite de Natal, acompanha geralmente as pessoas através da vida. Nas enciclopédias e nos túmulos ela tem lugar junto à data do nascimento.

A cristandade comemora o Natal de 24 a 25 de dezembro. Os astrônomos, os historiadores e os teólogos concordam, entretanto, em que o dia 25 de dezembro do ano zero não é a data autêntica do nascimento de Cristo — nem o ano nem o dia. Responsáveis por isto são alguns enganos e erros de cálculo que escaparam ao monge cita Dionísio Exíguo. Ele vivia em Roma e, em 533 d. C., recebeu o encargo de determinar o começo da nossa era. Em seus cálculos ele esqueceu o Ano Zero, que deve ser incluído entre o Ano Um antes e o Ano Um depois de Cristo. Além disso, não levou em conta os quatro anos que o imperador romano Augusto reinara com seu próprio nome de Otávio.

A tradição contém a indicação clara que diz: “*Tendo pois nascido Jesus em Belém de Judá, reinando o rei Herodes...*” (Mat. 2-1). Sabe-se com certeza, por numerosas fontes contemporâneas, quem era Herodes, quando viveu e reinou. Herodes foi nomeado rei da Judéia pelo imperador de Roma no ano 40 a. C. Seu reinado terminou com a morte no ano 4 a. C. Portanto, Jesus deve ter nascido antes do ano quatro.

O dia 25 de dezembro como dia de Natal é mencionado pela primeira vez historicamente no ano 354. Sob o imperador romano Justiniano (1) foi reconhecido legalmente como dia de festa. Na escolha dêsse dia representou um papel fundamental um velho dia de festa romano. Na velha Roma o dia 25 de dezembro era o “*dies natalis invicti*”, o “*dia do nascimento do invicto*”, solstício de inverno em Roma e, ao mesmo tempo, o último dia das “*Saturnais*”, que havia muito tinham degenerado num carnaval desenfreado que durava uma semana e, portanto, uma época em que os cristãos podiam sentir-se mais seguros de não serem perseguidos.

Além dos historiadores e dos astrônomos também coube aos meteorologistas darem uma opinião importante para a fixação da data do nascimento de Jesus. Segundo o Evangelho de S. Lucas, “*...naquela mesma região havia uns pastôres que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho*” (Lucas 2-8).

Os meteorologistas efetuaram medidas exatas das temperaturas em Hebron. Esta localidade, situada ao sul das montanhas de Judá, tem o mesmo clima que a próxima Belém. A curva de temperatura indica três meses de geada: Em dezembro, 2,8°, em janeiro, 1,6° e, em fevereiro, 0,1° centígrados abaixo de zero. Os dois primeiros meses têm, ao mesmo tempo, as maiores chuvas do ano: 147 milímetros em dezembro e 197 milímetros em janeiro. Segundo os resultados das investigações

(1) 527-565 d. C.

realizadas até hoje, o clima na Palestina não deve ter mudado consideravelmente, de modo que as precisas observações meteorológicas modernas podem servir de base.

Na época do Natal há geada em Belém e, com a temperatura abaixo de zero, não devia haver gado nos pastos na Terra Prometida. Esta constatação é reforçada por uma nota do Talmude segundo a qual naquela região os rebanhos eram levados para o campo em março e recolhidos no princípio de novembro. O gado ficava quase oito meses nos campos.

Em nosso tempo também os animais na Palestina ficam no curral na época do Natal, e com eles os pastores.

A narrativa do Evangelho de São Lucas dá, portanto, a entender que o nascimento de Jesus teve lugar antes do começo do inverno e a descrição da estrela no Evangelho de S. Mateus, que ocorreu no ano 7 antes da nossa era.

CAPÍTULO 3

A FUGA PARA O EGITO

Mataria perto do Cairo. — Uma horta famosa. — Lugar de peregrinação junto à bíblica On. — O jardim de bálsamo da rainha Cleópatra.

Eis que um anjo do Senhor appareceu em sonhos a José e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica lá até que eu te avise; porque Herodes vai procurar o menino para o matar. E elle, levantando-se, tomou de noite o menino e sua mãe, e retirou-se para o Egito. E lá esteve até à morte de Herodes (Mat. 2-13 a 15).

Quem quer que fuja para o estrangeiro tentará ir, se possível, para onde vivam compatriotas seus. Se, além disso, levar uma criança de peito, procurará de preferência um lugar imediatamente além da fronteira.

No caminho da Palestina para o Egito, cêrca de dez quilômetros ao norte do Cairo, na margem direita do Nilo, encontra-se a pequena localidade de Mataria. Não é, pois, necessário atravessar a larga corrente para chegar até lá. De trás das vastas plantações de cana-de-açúcar espreita a cúpula da "Sanctae Familiae in Aegypto Exuli", a "Igreja da Sagrada Família". Alguns jesuítas franceses acharam que as histórias antigas relacionadas com o jardinzinho próximo eram motivo suficiente para a construção da igrejainha.

Hoje como outrora peregrinos de todo o mundo passam o portão rangente do jardim e param diante dum vasto e carcomido tronco de sicômoro, chamado "Árvore da Virgem Santíssima". No ôco dessa árvore, conta a história piedosa, escondeu-se Maria com o Menino Jesus quando fugia de seus perseguidores, e uma aranha estendeu uma teia tão espessa em frente dos fugitivos que não foi possível descobri-los.

Tem-se discutido muito sôbre a idade real dessa árvore vetusta. Os testemunhos de vista remontam apenas a alguns séculos. Existe, entretanto, sôbre êsse lugar uma notícia que tem quase dois mil anos de idade.

O jardim de Mataria foi célebre na Idade Média como horta de especiarias, pelo fato de produzir ervas e plantas que não existiam em qualquer outra parte do Egito. "Árvorezinhas finas, que não chegam acima do cinturão dos calções de montar duma pessoa e cuja madeira semelha a da videira brava", informa o inglês John Maundeville, que as viu

durante uma viagem que fez no ano de 1322. O que êle descreveu eram plantas de bálsamo. O conceituado escritor Flávio Josefo informa como essas preciosas plantas foram levadas para o Egito.

Depois do assassinato de César, Marco Antônio seguiu para Alexandria. Cleópatra, a ambiciosa rainha do Egito, tinha-se aliado a êle.

Em segredo ela visava ao antigo poder de seus antepassados, à reconquista da Palestina. Diversas vezes visitou as terras da Judéia e Jerusalém e chegou mesmo a tentar enredar o rei Herodes, empossado por Roma, e atraí-lo para o seu lado. Herodes estava muito longe de ser um inimigo das mulheres, mas era muito astuto e muito prático para não saber bem que uma tal aventura poderia atrair-lhe a inimizade do poderoso Marco Antônio. Profundamente ferida em sua vaidade feminina, Cleópatra começou então a intrigar Herodes com Marco Antônio, conseguindo que o rei judeu fôsse chamado a Alexandria para responder a graves acusações. Cleópatra havia feito o seu jôgo com grande refinamento, mas Herodes era mais manhoso ainda. Carregado de ouro, fez-se anunciar a Marco Antônio... e soube abrandar o romano com o suborno. Foi uma nova e grande humilhação para a rainha Ela, entretanto, não saiu perdendo inteiramente. Herodes teve que renunciar, em favor dela, a tôda a valiosa costa da Palestina com tôdas as suas cidades; Marco Antônio deu-a de presente à sua amada como propriedade pessoal. Além disso, deu-lhe a cidade de Jericó com as plantações circundantes. Nelas cresciam, em vastos jardins perfumados, as valiosas plantas originárias das sementes que a rainha de Sabá oferecera outrora ao rei Salomão — as plantas do bálsamo.

A nova proprietária, observou Josefo, levou mudas dessas plantas para sua terra, as quais mandou replantar no recinto do templo de Heliópolis, a "On" da Bíblia (Gên. 41-45, 50). Sob os cuidados de experimentados jardineiros judeus do vale do Jordão, as raras e preciosas plantas medraram também em terras do Nilo, na horta de Mataria.

Trinta anos depois (Cleópatra e Marco Antônio tinham-se suicidado após perderem a batalha naval de Accio) José, Maria e Jesus encontrariam abrigo seguro entre os jardineiros judeus do perfumado jardim de bálsamo de Mataria.

Numerosos vestígios conduzem obstinadamente a êsse lugar. Talvez algum dia se encontrem provas que demonstrem a verdade histórica desta tradição.

CAPÍTULO 4

EM NAZARÉ DA GALILÉIA

Morte do rei Herodes. — "O mais cruel tirano". — Agitações no país. — Contrôles das finanças em Jerusalém. — Sabino rouba o tesouro do templo. — Varo crucifica 2.000 judeus. — A cidade dos carpinteiros. — Onde Jesus cresceu.

Morto Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque morreram os que procuravam a vida do menino. Mas, ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá (Mat. 2-19, 20 e 22).

Herodes morreu com setenta anos de idade, no ano 4 antes de nossa era, trinta e seis anos depois de Roma o haver nomeado rei. Imediatamente depois de sua morte teria ocorrido um eclipse da Lua, cuja data precisa, 13 de março, foi calculada pelos astrônomos modernos.

Flávio Josefo julga Herodes com grande severidade quando escreve sobre ele alguns decênios mais tarde: "Não era um rei e sim o tirano mais cruel que já conseguiu reinar. Assassinou uma multidão de homens e a sorte dos que deixou com vida era tão triste que os que morreram se poderiam considerar felizes. Martirizou seus súditos e malbaratou toda a fazenda pública. Para embelezar cidades estrangeiras saqueava as próprias e presenteava povos estrangeiros com o sangue dos judeus. Em consequência disso, em vez do antigo bem-estar e dos bons costumes tradicionais veio o empobrecimento completo e a completa desmoralização do povo. Em suma, nos poucos anos do reinado de Herodes os judeus sofreram mais tribulações do que seus antepassados no longo período de tempo que mediou entre a saída de Babilônia e o regresso sob Xerxes."

Em trinta e seis anos quase não se passou um dia sem uma execução.

Herodes não poupava ninguém, nem a própria família, nem os amigos mais íntimos, nem os sacerdotes, nem o povo. Em sua lista de assassinatos contam-se dois maridos de sua irmã Salomé, a esposa Mariame e seus filhos Alexandre e Aristobulo. Mandou afogar o cunhado no Jordão e eliminar a sogra Alexandra. Dois sábios, que arrancaram a águia dourada romana da porta do templo, foram queimados vivos; Hircano, o último da raça dos Hasmoneus, foi morto. Extirpou radicalmente famílias nobres, afastou muitos fariseus do seu caminho. Cinco dias antes

de morrer, já velho, mandou matar seu filho Antipatro. E isto é apenas uma fração das atrocidades daquele que “como soberano foi um animal feroz”.

Dado o caráter horrendo desse homem, é perfeitamente razoável atribuir-lhe a degolação dos inocentes em Belém, de que a Bíblia o acusa (Mat. 2-16).

Depois do assassinato de Antipatro, Herodes nomeou sucessores, por testamento, no leito de morte, três de seus filhos mais jovens: Arquelau, herdeiro da realeza, Herodes Antipas e Filipe, tetrarcas, soberanos de Galiléia e Peréia, de uma parte da Jordânia oriental e da região situada ao nordeste do Lago de Genesaré. Arquelau foi reconhecido por sua família e aclamado pelos soldados de Herodes — germanos, gauleses e trácios. Mas através do país, quando se espalhou a notícia da morte do déspota, houve rebeliões de uma violência tal como o povo judeu raramente havia experimentado. Ao seu ódio surdo à raça dos herodianos misturava-se a revolta contra os romanos.

Em vez de lamentações pela morte de Herodes, houve lamentações por suas vítimas inocentes. O povo reclamava uma expiação pelos sábios Jehuda ben Sarifa e Matatias ben Margolot, que tinham sido queimados vivos. Arquelau respondeu enviando suas tropas a Jerusalém. Num só dia foram chacinadas 3.000 pessoas. O pátio do templo ficou juncado de cadáveres. Esse primeiro ato de Arquelau revelou subitamente o seu verdadeiro caráter; o filho de Herodes não ficava atrás do pai em crueldade e espírito de injustiça.

O testamento precisava da aquiescência do imperador Augusto. Assim, Arquelau e Herodes Antipas partiram um após outro para Roma. Ao mesmo tempo foram enviados à pressa a Augusto cinquenta anciões como embaixadores de Israel com a missão de lhe pedir que os libertasse daquela “realeza”. Na ausência dos herodianos as agitações assumiram proporções ainda mais graves. Para segurança foi mandada uma legião romana a Jerusalém. Quis a pouca sorte que entrasse nessa confusão um romano odiado, Sabino, procurador de Augusto. Desprezando todas as advertências, instalou-se no palácio de Herodes e dedicou-se à tarefa de computar os impostos e tributos da Judéia.

Na semana das festas afluíam à Cidade Santa massas de peregrinos. Houve um choque sangrento. Na praça do templo estalou uma luta encarniçada. As tropas romanas foram apedrejadas. Estas puseram fogo às galerias, penetraram no templo e roubaram o que encontraram. O próprio Sabino levou 400 talentos do tesouro do templo. Depois viu-se obrigado a se entrincheirar apressadamente no palácio.

De Jerusalém a rebelião comunicou-se como um rastilho a todo o país. Os palácios reais da Judéia, depois de saqueados, foram incendiados. O governador da Síria correu com um poderoso exército romano, reforçado por tropas de Beirute e da Arábia. Apenas as forças apareceram em frente de Jerusalém, os revoltosos fugiram. Perseguidos, foram aprisionados em massa.

Dois mil homens foram crucificados.

O governador de Roma na Síria que deu essa ordem inscreveu seu nome no Livro da História no ano 9 da nossa era com uma derrota aniquiladora que sofreu: Quintílio Varo. Transferido da Síria para a Germânia, perdeu a batalha de Teutoburger Wald.

Tal era a situação quando José, voltando do Egito, ouviu "*que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes*". Por isso "*temeu ir para lá*".

"E, indo, habitou na cidade que se chama Nazaré..." (Mat. 2-23).

Muitos sábios e escritores têm louvado a beleza do lugar em que Jesus passou a infância e a juventude. S. Jerônimo chamou a Nazaré a "Flor de Galiléia". A atual Nazaré é uma pequena localidade de 8.000 almas. Nas arcadas das ruas e ruelas tem suas oficinas e lojas abertas um número notável de carpinteiros. Aí se fazem jugos de bois, arados e numerosos outros instrumentos que os pequenos lavradores de hoje utilizam como faziam os de outrora.

Como nos tempos de Jesus, as mulheres vão com cântaros, que equilibram habilmente na cabeça, buscar água a uma fonte situada ao pé da colina. "Ain Miryam", "Fonte de Maria", é como chamam desde tempos imemoriais a esse manancial.

A antiga Nazaré deixou numerosos vestígios. Ficava acima da localidade atual, onde, sobre um outeiro de 400 metros de altura, as pequenas casas de barro se agrupavam muito juntas e uma das quais pertencia ao carpinteiro José.

Como Jerusalém, Nazaré também é cercada de montes. Mas que contraste entre as duas paisagens, como são diferentes suas silhuetas, diversas as suas atmosferas! Parece que uma ameaça de abatimento paira sobre as montanhas de Judá — alto e severo cenário dum mundo que produziu os profetas, campeões incondicionais, que opuseram sua vontade à vontade do mundo inteiro, que lutaram contra tôdas as injustiças, contra a imoralidade, contra a violação do direito, que prezavam o castigo dos povos e a reforma das nações.

Ao contrário, os arredores de Nazaré são aprazíveis, amenos, de contornos suaves. Hortas e campos de cultivo cercam a pequena povoação com seus camponeses e artesãos. Bosques de tamargueiras, figueiras e romãzeiras envolvem as colinas circunjacentes num verde amável. Os campos são plantados de trigo e cevada, as vinhas produzem seus frutos saborosos e por tôda a parte ao longo das cêrcas e dos caminhos medram flores exuberantes.

Tal é a paisagem de que Jesus tomou as suas muitas e belas imagens, as parábolas da semente e da ceifa, do trigo e do joio, do grão de mostarda, da vinha e dos lírios do campo.

Entretanto, a velha Nazaré não estava totalmente afastada do grande mundo. Procedente do norte, a estrada militar dos romanos atravessava os montes de Galiléia e, fazendo uma curva, passava junto de Nazaré, e alguns quilômetros ao sul, um caminho de caravanas, a estrada comercial Damasco-Egito atravessava a planície de Jesrael.

CAPÍTULO 5

JOÃO BATISTA

O testemunho de Josefo. — Um casamento ilegal entre cunhados. — Mandado de prisão de Herodes Antipas. — O forte de Maquerunte em Moab. — Na masmorra da morte. — A princesa Salomé. — Cafarnaum sobre o "mar". — Ruínas no bosque de eucaliptos. — Os lugares em que Jesus ensinou.

Então foi Jesus da Galiléia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele (Mat. 3-13).

Com este acontecimento Jesus se afastou de Nazaré pela primeira vez. Depois dos anos da infância e da juventude, sobre os quais nada nos foi transmitido, iniciou sua atuação pública. *"E o mesmo Jesus, quando começou, tinha cerca de trinta anos"* (Luc. 3-23).

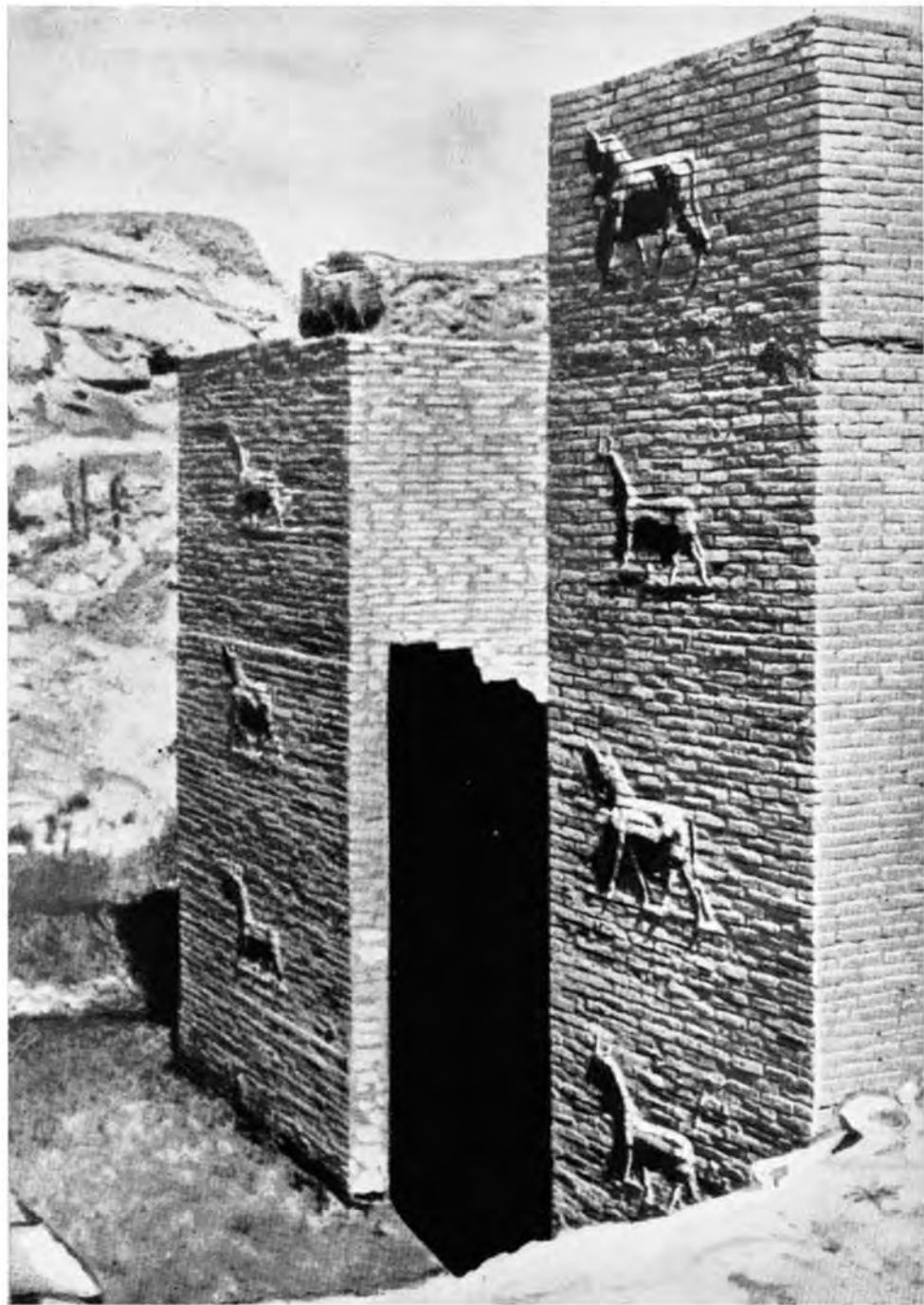
João pregava e batizava nas terras baixas do Jordão ao sul de Jericó, no conhecido vau do rio, portanto dentro dos domínios de Herodes Antipas, o tetrarca designado por Roma.

João tornou-se conhecido em todo o mundo principalmente pelo batismo de Jesus e seu fim trágico. Ele foi decapitado.

Teria vivido realmente o piedoso batista que surgiu no momento decisivo da vida de Jesus? O contemporâneo Flávio Josefo diz que João era um nobre "que exortava os judeus a se esforçarem por atingir a perfeição, a serem justos uns para com os outros e devotos para com Deus e a se batizarem. Como ocorria gente de toda a parte, começou Herodes a temer que a influência de tal homem pudesse provocar uma rebelião. Devido a essa suspeita de Herodes, João foi acorrentado, levado para a fortaleza de Maquerunte e aí decapitado."

"Porque Herodes tinha mandado prender e ligar João; e tinha-o metido no cárcere, por causa de Herodiade..." (Mat. 14-3; Marc. 6-17; Luc. 3-19). Assim justificam os Evangelhos a prisão de João. Também aqui Josefo conhece detalhes mais amplos sobre os verdadeiros motivos:

Numa viagem que fez a Roma, Herodes conheceu a mulher de seu irmão e se enamorou dela de tal maneira que lhe propôs casamento. Herodiade aceitou e levou consigo para casa do novo marido uma filha chamada Salomé.



Esculturas de touros bravios e grifos adornam a Porta de Ishtar, desenterrada pelo Prof. Koldewey em Babilônia.



"E os israelitas foram transportados a Babilônia por causa dos seus pecados" (I Par. 9-1). Nesta magnífica metrópole internacional, com largas ruas, viveu Judá no exílio. "Junto aos rios de Babilônia, ali nos assentamos, nos pusemos a chorar" (Salmo 137, 1). Atrás das poderosas muralhas da cidade do Eufrates erguia-se, perto do templo de Marduk, "Etemenanki", a torre de Babilônia. Tinha 90 metros de altura, sendo, portanto, exatamente tão alta como a Estátua da Liberdade do porto de Nova York. (Reconstrução do Prof. Dr. Eckhard Unger; desenho de Herbert Anger. Do livro de Eckhard Unger "Babylon, die Heilige Stadt, nach der Beschreibung der Babylonier" — Babilônia, cidade santa, tal como os babilônios a descrevem —, Berlim, W. de Gruyter & Cia., 1931).

Sendo êsse casamento entre cunhados contra a lei mosaica, segundo os Evangelhos João Batista fêz severas admoestações, e êsse crime, na opinião da enfurecida Herodíade, só podia ser expiado com a morte.

Graças a Josefo, êsse acontecimento foi situado em local histórico concreto, a Fortaleza de Maquerunte, uma das numerosas fortificações que Herodes o Grande mandou construir na Palestina.

Maquerunte, o lugar onde João viria a perder a vida, fica no meio dum cenário agreste e sombrio, na costa oriental do Mar Morto. Nenhuma estrada liga êsse lugar solitário ao mundo. Partindo do vale do Jordão, sobe-se por estreitas veredas, para o sul, até à região montanhosa, desolada e nua, do antigo Moab. Nos profundos vales secos vivem algumas famílias de beduínos com seus rebanhos, que pastam a erva escassa e agreste que ali cresce.

Não longe do rio Arnon ergue-se um enorme penhasco acima dos cumes das outras montanhas. Em seu cume açoitado pelo vento frio ainda hoje se encontram algumas ruínas. "El Mashnaka", "Palácio Suspenso", é o nome que dão os beduínos a êsse lugar abandonado. Ali se erguia a fortaleza de Maquerunte. A olho nu pode-se distinguir lá longe, ao norte, a parte do vale do Jordão onde João batizava o povo e onde foi prêso.

Até agora nenhum pesquisador cravou a pá nas ruínas de "El Mashnaka" e só uns poucos chegaram a visitar o desolado penhasco. Abaixo do cume a parede rochosa é profundamente cavada num lugar. Seguindo por estreitos corredores aí existentes, chega-se a um espaço abobadado que, às vêzes, oferece abrigo aos nômades e seus rebanhos quando são surpreendidos pelas súbitas tempestades que ocorrem nas montanhas de Moab. Nas paredes cuidadosamente talhadas reconhece-se a antiga masmorra da fortaleza. Essa masmorra sombria abrigou João Batista depois de prêso; aí foi também decapitado.

Tôda pessoa que ouve falar da degolação de João Batista liga automaticamente ao fato o nome de Salomé, pensa infalivelmente naquela filha de Herodíade que, por exigência de sua mãe, teria pedido a cabeça de João como recompensa depois de dançar. Essa Salomé entrou para a literatura universal. Oscar Wilde escreveu um drama intitulado "Salomé", Richard Strauss tomou a história da princesa judia como motivo de sua célebre ópera "Salomé", e até Hollywood usou a história de Salomé como assunto para um filme monumental.

No Novo Testamento a busca do nome dessa princesa não deu resultado. A Bíblia não o dá. Na história de João Batista Salomé é chamada apenas "*filha de Herodíade*" (Mar. 6-22).

O nome da "*Filha de Herodíade*" foi-nos transmitido por Flávio Josefo. Seu aspecto físico foi conservado para a posteridade em uma

moedazinha em que é representada com Aristobulo. A moeda tem a inscrição: "Do rei Aristobulo, da rainha Salomé". Salomé devia ter apenas uns dezenove anos de idade quando João Batista foi degolado.

E, tendo Jesus ouvido que João fóra prêso, retirou-se para Galiléia. E, deixada a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum marítima, nos confins de Zabulão e Neftali (Mat. 4-12, 13).

No curto período da atuação de Jesus, que, segundo os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, não durou mais de ano e meio, um lugar ocupa sempre o ponto central. Mateus chega a chamá-lo de "*sua cidade*" (Mat. 9-1). Esse lugar é a cidade de Cafarnaum junto ao Lago de Genesaré.

Na extremidade norte, não longe do lugar onde a água do Jordão penetra velozmente no lago, há uma pequena enseada. Através do verde carregado do bosque de eucaliptos brilha o brancor de blocos de pedra sôbre os quais se erguem quatro colunas. Nas fendas do pavimento do pátio crescem tufo de ervas. Vêm-se por ali espalhados fragmentos de colunas e blocos de basalto com ornamentos esculpidos. Dum pórtico antigo restam apenas os largos degraus de uma escada, últimos vestígios do que foi outrora uma sinagoga magnífica.

Eis tudo o que ainda testemunha a existência da antiga Cafarnaum.

Os arqueólogos alemães H. Kohl e C. Watzinger descobriram, ocultos sôbre escombros, os restos esmiuçados e cobertos de relva dêsse edifício. Os franciscanos reconstruíram com êsses escombros uma parte da antiga fachada. A paredes do edificio primitivo eram de pedra calcária e a construção era cercada de três lados por fileiras de altas colunas. Do grande espaço interior de 25 x 15 m, com adornos de palmeiras, videiras, leões e centauros, o olhar, passando através duma ampla janela, na direção do sul, lobrica a vasta planície do lago, onde, atrás das linhas suaves e azuladas dos montes distantes, se encontra Jerusalém.

Os dois arqueólogos convenceram-se de haver achado o que foi o templo de Cafarnaum no tempo de Cristo. Mas em tôda a Palestina não existe mais uma única sinagoga daquela época. Quando, em duas guerras sangrentas, os romanos arrasaram Jerusalém e os habitantes de Israel se dispersaram pelo mundo inteiro, as casas de Deus foram vítimas também da destruição.

Essa construção só se realizou pelo ano 200 depois de Cristo sôbre as ruínas e alicerces daquela sinagoga em que Jesus costumava pregar nos dias de sábado. "*E foram a Cafarnaum; e tendo Jesus entrado no sábado na sinagoga, ensinava*" (Mar. 1-21).

A maioria dos habitantes da cidadezinha de Cafarnaum vivia da riqueza natural do lago; cabanas e casas em grande número aninhavam-se nas encostas aprazíveis ou rodeavam a sinagoga. No dia em que

Jesus partiu de Nazaré para Cafarnaum, deu o primeiro passo decisivo para anunciar a sua doutrina: *"E, passando ao longo do mar da Galiléia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as rédes ao mar (porque eram pescadores). E disse-lhes Jesus: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens"* (Marc. 1-16, 17). Encontrou outros dois irmãos, Tiago e João, consertando a rêde. As primeiras pessoas que ouviram a sua palavra, que aceitaram a sua doutrina e foram seus discípulos eram homens simples, pescadores da Galiléia.

Freqüentemente Jesus deixava o mar e subia às montanhas de Galiléia para ensinar em muitas cidades e aldeias, mas voltava sempre à pequena povoação de pescadores. Ela continuou sendo o centro de sua atuação. Quando um dia deixou Cafarnaum e, acompanhado de seus doze discípulos, seguiu para Jerusalém, fêz sua última viagem.

CAPITULO 6

O CAMINHO PARA JERUSALÉM, O PROCESSO E A CRUCIFICAÇÃO

Rodeio pela Jordânia oriental. — Na casa do publicano, em Jericó. — A vista do monte das Oliveiras. — A "maça" do sumo sacerdote. — O Procurador Pôncio Pilatos. — Vincent descobre o "Lithóstratos". — Flagelação no pátio da Antônia. — A "mais horrível pena de morte". — Coroa de espinheiro da Síria. — Uma bebida que insensibiliza. — Colapso cardíaco foi a causa da morte. — O "crurifragium" apressa o fim. — Túmulo solitário sob o Santo Sepulcro. — Tácito menciona "Cristo". — O testemunho de Suetônio.

Em seguida tomou Jesus à parte os doze, e disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e será cumprido tudo o que está escrito pelos profetas relativo ao Filho do Homem (Luc. 18-31).

De todos os caminhos que Jesus percorreu em sua vida há um que podemos seguir com precisão — o seu último caminho através da Palestina, o caminho de Cafarnaum a Jerusalém.

É um rodeio. O caminho mais curto entre a Galiléia e a Cidade Santa passa através dos montes de Samaria, seguindo diretamente para o sul. Sobe às elevações, passa além dos cumes do Garizim e do Ébal, onde fica a antiga Siquém, e segue, passando por Betel, até ao coração de Judá, e pelo caminho das montanhas que já Abraão percorreu com sua família e seus rebanhos.

Leva três dias a pé essa viagem da Galiléia a Jerusalém.

Jesus também havia de preferir o caminho que passa por Samaria (Luc. 9-51 e 56). Conhecendo, porém, a disposição hostil dos samaritanos para com os judeus, pareceu-lhe duvidoso que eles deixassem passar o pequeno cortejo. A fim de se informar sobre isso, mandou à frente os discípulos Tiago e João. E, com efeito, os samaritanos não lhes deram licença de passar.

Foi por isso que Jesus e seus discípulos seguiram pelos "*confins da Judéia, além do Jordão*" (Marc. 10-1), no lugar em que o caminho atravessa o vale quente que desce o rio, onde só as margens são flanqueadas de luxuriante verdura e há pequenos bosques de tamargueiras e álamos, de árvores de rícino e alcaçuz. É uma jornada solitária e serena

através da “soberba do Jordão” (Zac. 11-3; Jer. 12-5). Pois o vale, onde faz um sufocante calor tropical durante nove meses do ano, é pouco populoso.

Jesus atravessou o Jordão no antigo vau que já os filhos de Israel haviam atravessado sob a direção de Josué e chegou a Jericó (Luc. 19-1). Não era mais a cidade sólidamente amuralhada da antiga Canaã. Ao sul da colina estendia-se uma das cidades ultramodernas mandada construir por Herodes o Grande, uma jóia de arquitetura helenístico-romana. Ao pé da cidadela, denominada “Cyprus”, fôra edificado um maravilhoso palácio. Havia ali um teatro, um anfiteatro assente na encosta e um hipódromo, ornados de colunas de uma brancura ofuscante. Nos jardins esplendorosos, cheios de flores, brincavam deliciosos jogos de água. Em frente da cidade estendiam-se as mais preciosas plantações de todos os países do Mediterrâneo — as plantações de bálsamo; bosques de palmeiras davam frescor e sombra.

Jesus passou a noite longe dêsse esplendor, em Jericó, em casa do publicano judeu Zaqueu (Luc. 19-2 e seg.). Não pudera evitar Jericó, que era um centro de vida greco-pagã, porque o caminho de Jerusalém passava por essa cidade.

De Jericó a Jerusalém são trinta e sete quilômetros. Através de trinta e sete quilômetros serpeia um caminho poeirento por encostas quase sem vegetação, a 1.200 metros de altura. Maiores contrastes do que apresenta êsse curto trecho de caminho dificilmente se encontrarão em qualquer outra parte do mundo. Da vegetação paradisíaca e do calor insuportável do sol tropical, nas margens do Jordão, passa-se imediatamente ao frio das montanhas nuas e desoladas.

Êste caminho, que dir-se-ia um prelúdio do fim, foi percorrido por Jesus com seus discípulos uma semana antes da Páscoa. Era na época em que os judeus afluíam de longe em multidões para celebrar a festa na Cidade Santa.

Chegados ao ponto mais alto e, portanto, quase ao fim do caminho, surgiu de trás do cume do monte das Oliveiras, como por encanto, a Cidade Santa. Podemos imaginar, por descrições contemporâneas, o espetáculo que Jerusalém ofereceu a Jesus e seus discípulos.

“Quem não viu Jerusalém e sua beleza, nunca viu em tôda a sua vida uma bela e grande cidade; e quem não viu o edifício do segundo templo nunca viu em tôda a sua vida uma construção tão impressionante”, escreviam com grande orgulho os rabis daquele tempo.

O inglês Garstang resumiu nas seguintes frases as investigações sobre a antiga Jerusalém: “Em nenhuma época da sua história o santuário e a cidade podem ter oferecido uma visão mais inspiradora. O ritmo e a harmonia da arte greco-romana, destacando-se maravilhosamente contra o céu oriental, obscureciam até a exagerada tendência construtiva de Herodes e levavam ordem e bom gosto ao tradicional caos da cidade.”

Setenta e cinco metros acima do fundo do vale erguiam-se as poderosas muralhas. Atrás de suas ameias, surgindo dos acanhados quarteirões de casas, ruas e ruelas, levantavam-se para o céu as silhuetas de construções imponentes.

Exatamente em frente do Monte das Oliveiras ficava o templo, que sobrepujava em esplendor todos os outros edifícios. Sua fachada ampla, com cinqüenta metros de altura, orientada para leste e inteiramente de mármore claro. Os ornatos eram de ouro puro. Colunatas limitavam os amplos pátios e vestibulos; o brilhante coroamento era, porém, o santuário, no meio, resplandescendo "como um monte coberto de neve", para usarmos a comparação de Flávio Josefo.

Junto ao lado noroeste do templo erguia-se no espinhaço dum penedo a fortaleza "Antônia". Cada uma de suas poderosas tórres nos cantos media 35 metros de altura. Um viaduto levava da parte sul do recinto do templo ao palácio dos Hasmoneus na cidade alta. Na elevação maior, dentro da cidade, junto ao muro de ocidente, estava situada a residência de Herodes, igualmente ornada de três tórres, de 40, 30 e 25 metros de altura, a que Herodes dera os nomes de Hípico, Fasael e Mariame. Daí partia uma larga muralha, através do oceano de casas, até ao recinto do templo, dividindo o interior da cidade em duas partes.

Uma atmosfera de invencibilidade pairava sobre essa cidade com suas numerosas muralhas defensivas, muros e tórres que rodeavam o templo. O observador sentia como que um hálito de rigidez, inflexibilidade e intransigência ao contemplar Jerusalém. A rigidez, a inflexibilidade e a intransigência é que ajudaram Israel a resistir durante mais de mil anos a tôdas as potências do mundo. A rigidez, a inflexibilidade e a intransigência é que um dia causaram também a destruição de Jerusalém e a expulsão dos judeus da terra de seus pais.

Jesus talvez tivesse um pressentimento do destino futuro dessa cidade. *"E, quando chegou perto, ao ver a cidade, chorou sobre ela"* (Luc. 19-41).

E, logo pela manhã, tendo conselho os príncipes dos sacerdotes com os anciãos e os escribas e com todo o sinédrio, ligando Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. E então Pilatos, querendo satisfazer o povo... depois de fazer açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado (Marc. 15-1 e 15).

As descrições do julgamento, da condenação e da crucificação nos quatro Evangelhos foram estudadas com profundidade científica por numerosos sábios, que verificaram estarem de acôrdo com as tradições históricas até aos menores detalhes. Os principais atôres do processo contra Jesus foram confirmados por terceiros, e o local em que ocorreu foi identificado exatamente por escavações. Os incidentes particulares do processo puderam ser comprovados por fontes contemporâneas e investigações modernas.

Com a prisão começou o curso da imensurável tragédia. Jesus reuniu seus discípulos no Monte das Oliveiras, no hórto de Getsêmani "e,

ainda ele falava, quando chega Judas Iscariotes, um dos doze, e com ele muita gente armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas e pelos anciões” (Mar. 14-43).

Os “varapaus” e “bastões” dos sumos sacerdotes betusianos, que dominavam desde o tempo de Herodes, são lembrados numa canção difamatória do Talmude:

“Ai de mim diante da casa de *Boethus*: ai de mim diante dos seus bastões!

Ai de mim diante da casa de *Annas*; ai de mim por causa das suas denúncias!...”

E termina: “Pois eles são sumos sacerdotes e seus filhos tesoureiros e seus genros administradores e seus servos espancam o povo com bastões.”

Entre os sumos sacerdotes citados há um conhecido: “*Annas*”, o “*Anás*” dos Evangelhos. “*A coorte, pois, e o tribuno e os guardas dos Judeus prenderam Jesus, e manietaram-no. Primeiramente levaram-no à casa de Anás, por ser sogro de Caifás, que era o pontífice daquele ano. E Caifás era aquele que tinha dado aos Judeus o conselho de que convinha que um homem morresse pelo povo*” (João 18-12,13,14).

O sumo sacerdote José ben Caiafa (1) fôra nomeado pelo procurador romano Valério Grato e continuou no seu posto sob o sucessor, Pôncio Pilatos.

Depois da prisão Jesus foi levado à presença do “Sinédrio”, que era então a autoridade judia máxima e que reunia em si todo o poder espiritual e temporal. Ao mesmo tempo funcionava como supremo tribunal dos judeus. Exercia suas funções debaixo do templo, perto da ponte que conduzia à cidade alta.

Que razões levaram o Sinédrio a condenar Jesus à morte?

“A espera de um futuro rei messiânico pelos antigos profetas judeus”, escreve o Prof. Martin Noth, “tinha-se transformado, durante o longo período de domínio estrangeiro, na espera de um libertador político; e quanto mais crescera a revolta contra o regime romano no país mais se reforçara a imagem dum Messias que venceria a odiada potência estrangeira. Visto segundo essa concepção, não podia esperar-se que Jesus de Nazaré fôsse o Messias... Se Jesus de Nazaré não era o Messias, o “Cristo”, então devia ser um farsante, um impostor. E, se era um perigoso farsante e impostor, então tinha de ser eliminado para segurança e sossego da comunidade religiosa de Jerusalém... O fato de Jesus, no interrogatório a que foi submetido, haver declarado ser o Messias — o que, com base nas palavras do Antigo Testamento, equivalia a Filho de Deus — era suficiente para condená-lo por flagrante sacrilégio.”

De acôrdo com o direito consuetudinário, a sentença tinha de ser confirmada pelo procurador romano, a quem competia o chamado *ius gladii*; também só ele podia permitir a execução. O Procurador da Judéia era *Pôncio Pilatos* (2).

(1) — de 18 a 36 depois de Cristo.

(2) 26 a. C. a 36 d. C.

Contemporâneos como Flávio Josefo e Filon de Alexandria chamaram-no exator, tirano, explorador e homem corrupto: "Era cruel e sua frieza de coração não conhecia a misericórdia. No seu tempo reinavam na Judéia a corrupção e a violência, o roubo, a opressão, as humilhações, as execuções sem processo legal e crueldade sem limites" (1). Que Pilatos odiava e desprezava os judeus ficou comprovado repetidamente e sem sombra de dúvida.

Pilatos deve ter percebido imediatamente que o acusado Jesus constituía objeto de ódio acirrado pelos fariseus. Só isso bastaria para rejeitar a acusação e pô-lo em liberdade. Com efeito, a princípio éle o declarou inocente sem hesitação: *"Pilatos disse aos príncipes dos sacerdotes e ao povo: Não encontro neste homem crime algum"* (Luc. 23-4).



Fig. 72. Moeda do procurador romano Pôncio Pilatos.

Mas a multidão, industriada e instigada pelos membros do Sinédrio, insistiu ruidosamente em sua exigência: Crucifica-o! Pôncio Pilatos cedeu.

O Evangelho de S. João contém uma declaração convincente: *"Porém os Judeus gritavam, dizendo: Se soltas éste, não és amigo de César; porque todo o que se faz rei é contra César"* (João 19-12).

Para Pilatos isso constituía uma perigosa ameaça política, que correspondia a dizer: Roma será informada de que relaxaste a tua administração, de que libertaste um revoltoso. "Fazer-se rei" era alta traição contra o imperador romano; segundo a Lex Juliana, a pena era... a morte. Pilatos recuou diante dessa clara ameaça. Ele não havia esquecido que os judeus já uma vez a tinham levado a efeito.

Segundo informa Filon de Alexandria, Pôncio Pilatos levou para Jerusalém o escudo de ouro com o nome do imperador e mandou pendurá-lo no palácio de Herodes, no meio da cidade. Era uma grave infração dos direitos que Roma garantira à comunidade religiosa judia, uma provocação. Recusou com desdém atender ao pedido de que o escudo fôsse retirado da Cidade Santa. Diante disso, os judeus foram a Roma e obtiveram a confirmação de seu direito. O próprio imperador Tibério ordenou que fôsse retirado o escudo de ouro. Por causa dêsse

(1) Filon de Alexandria, 25 a. C. a 50 depois de Cristo.

e de outros atos arbitrários que contrariavam a política colonial romana, o prestígio de Pôncio Pilatos em Roma havia caído muito na época do processo.

"Pilatos, pois, tendo ouvido estas palavras, conduziu Jesus para fora, e sentou-se no seu tribunal, no lugar que (em grego) se chama Lithóstrotos, e em hebraico Gábbatha... Então entregou-lho para que fôsse crucificado" (João 19-13 e 16).

Do tribunal de Pilatos em que teve lugar esta cena sobreviveu à destruição de Jerusalém no ano 70 a. C. o próprio "*Lithóstrotos*". Sua descoberta deveu-se a longos anos de trabalho do arqueólogo Padre L. H. Vincent, que a conseguiu graças aos dados preciosos do Evangelho de S. João.

"*Lithóstrotos*" em grego quer dizer pavimento. O aramaico "*Gábbatha*" equivale a "terreno elevado".

Junto do muro noroeste do templo elevava-se no tempo de Cristo sôbre uma colina de rocha, portanto num "terreno elevado", a poderosa fortaleza "*Antônia*". Fôra construída por Herodes I, que assim a chamara em honra dum amigo. A guarnição romana havia estabelecido aí o seu quartel. No ano 70 depois de Cristo, durante a conquista de Jerusalém, Tito mandou demolir a fortaleza *Antônia*. Sôbre suas ruínas fizeram-se posteriormente novas construções.

No lugar exato onde ficava o pátio da fortaleza *Antônia*, Vincent conseguiu descobrir um pavimento plano, com 2.500 metros quadrados, de construção romana típica da época de Jesus.

Aí estêve Jesus diante de Pilatos, enquanto lá fora a multidão rugia. Nesse pavimento teve lugar também o açoitamento (João 19-1), que precedia sempre a crucificação, segundo observa Josefo expressamente duas vêzes. Para executar êsse horrível castigo despiam o corpo e vergastavam-no até que a carne pendia em talhadas sangrentas.

Depois os soldados romanos apoderaram-se de Jesus a fim de executarem a sentença da crucificação. Cícero chama-lhe "a mais cruel e atroz das condenações à morte" e Josefo considera-a a "mais lamentável de tôdas as penas de morte". O sistema de punições judaico desconhecia esta pena tipicamente romana.

Já no tribunal se manifestou a malignidade da soldadesca contra Jesus: "*vestem-no de púrpura, e cingem-lhe a cabeça com uma coroa entretecida de espinhos*" (Marc. 15-17).

Até hoje os botânicos não conseguiram chegar a um acôrdo sôbre esta planta. Sabe-se apenas com certeza que a "Coroa de espinhos de Cristo" ⁽¹⁾ conhecida atualmente na Europa e nos Estados Unidos não tem nada a ver com a coroa de espinhos da Bíblia. "É nativa de Madagáscar e desconhecia-se completamente no tempo de Jesus", declara o botânico norte-americano Dr. Harold Moldenke. Muitos outros sábios admitem que a coroa de espinhos foi entretecida com o "espinheiro-

(1) *Euphorbia millii* Desmoul.

de-Cristo" (1) sírio, daí o seu nome. O espinheiro-de-Cristo sírio é um arbusto ou pequena árvore de três a cinco metros de altura, com ramos brancos flexíveis; as estípulas de suas folhas têm cada uma três fortes espinhos voltados para trás. Segundo o botânico Dr. G. E. Post, esta planta cresce nos arredores da antiga Jerusalém, sobretudo no lugar em que devia ser o Gólgota.

O caminho do tribunal ao Gólgota foi misericordiosamente curto, *"porque estava perto da cidade o lugar onde Jesus foi crucificado"* (João 19-20), junto da estrada principal que entrava em Jerusalém por noroeste. Um peregrino de Bordéus, que visitou Jerusalém no ano 333, mencionou expressamente *"a pequena colina do Gólgota (2), onde Nosso Senhor foi crucificado"*.

"E davam-lhe a beber vinho misturado com mirra; mas não o tomou" (Mat. 15-23). Esse ato de misericórdia é referido repetidamente em outras circunstâncias. Assim se diz numa antiga Baraita judia; *"Aquele que é conduzido para a morte dá-se a beber num copo de vinho um pouco de incenso para atordoá-lo... As dignas mulheres de Jerusalém costumavam ministrá-lo espontaneamente."* Moldenke, pesquisador da flora bíblica, opina a respeito: *"O vinho com mirra foi oferecido bondosamente a Jesus antes da crucificação para mitigar-lhe o sofrimento, como antes do tempo da anestesia se davam bebidas inebriantes aos pacientes por ocasião de grandes operações"*.

Mas Jesus afastou a bebida e suportou com inteira consciência as dores de ser pregado na cruz.

"Era a hora tércia quando o crucificaram" (Marc. 15-25). Pelo nosso horário a *"hora tércia"* correspondia às 9 horas da manhã no Antigo Oriente. *"E, à hora nona"*, isto é, às três horas da tarde, consumou-se a tragédia. *"Mas Jesus, dando um grande brado, expirou"* (Marc. 15-34 e 37).

De que morreu Jesus? Investigações feitas nos últimos anos em Colômbia têm procurado dar uma resposta a esta pergunta do ponto de vista médico. Se penduramos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em consequência da circulação sanguínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se rapidamente um colapso ortostático. A morte na cruz é portanto um colapso cardíaco (3).

Afirma-se que os crucificados só morriam após dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vezes colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apoio para os pés, chamado *"sedile"* (assento) ou *"cornu"* (côr-

(1) *Zizyphus spina christi*.

(2) *Monticulus Golgatha*.

(3) *Insuficiência coronária*.

no). Se o crucificado em sua angústia se apoiava de vez em quando no sedile, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao "crurifragium": quebravam-se-lhe os joelhos a golpes de bastão. Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, ele morria rapidamente de insuficiência cardíaca.

Jesus foi poupado ao "crurifragium". *"Foram, pois, os soldados, e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fôra crucificado. Mas, quando chegaram a Jesus, tendo visto que já estava morto, não lhe quebraram as pernas"* (João 19-32, 33).

Os judeus tinham ido pedir a Pilatos que se praticasse o "crurifragium", pois era *"a vigília do sábado"* (Marc. 15-42; Luc. 23-54) e também o dia de descanso da parasceve. Pela lei judaica os crucificados não podiam passar a noite na cruz (Deut. 21-23). E pelas seis horas começava o sábado da semana da Páscoa, durante a qual estava interdita qualquer execução. A proximidade da grande festa explica a maneira como foram precipitados os acontecimentos do dia — a prisão noturna, o julgamento, a execução e o sepultamento de Jesus, tudo no espaço de poucas horas.

O caminho que vai hoje do Arco do Ecce-Homo, o lugar do tribunal de Pilatos, até ao Santo Sepulcro, passando pela estreita Via Dolorosa, mede exatamente mil passos.

O Imperador Constantino mandou construir no ano 326 uma magnífica torre sobre o então redescoberto sepulcro de Jesus. Colunas ricamente adornadas sustentavam um teto de traves douradas, como testemunham antigos diários de peregrinos e obras ilustradas dos primeiros tempos cristãos. Hoje a igreja do Sepulcro está cheia duma confusão

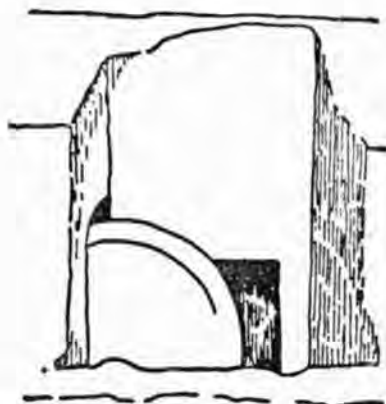


Fig. 73: Num túmulo assim, que não são raros na Palestina, fechado por uma mó foi sepultado Jesus Cristo.

de capelas obscuras. Cada confissão cristã conseguiu um cantinho para o seu culto nos santos lugares da cristandade.

Na "Capela do Santo Sepulcro" há uma escada muito gasta que desce a uma profunda gruta, aberta na rocha, onde foi cavada uma sepultura de dois metros de comprimento — o sepulcro de Jesus!

Descobriram-se mais de mil túmulos daquele tempo na Palestina, todos necrópoles, túmulos de família. Este, porém, era um túmulo individual. Segundo descrição dos Evangelhos, Jesus foi o primeiro a ser sepultado numa grande câmara tumular: *"E José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol branco. E sepultou-o no seu sepulcro novo, o qual ele tinha aberto numa rocha. E rolou uma grande pedra para diante da boca do sepulcro, e retirou-se"* (Mat. 27-59,60).

Uma pergunta se fez repetidamente no passado: Como é possível que, fora dos livros do Novo Testamento, não haja qualquer notícia contemporânea sobre este acontecimento? "A História Universal não colheu na época nenhuma notícia sobre ele (Jesus de Nazaré)", escreve o Prof. Martin Noth em sua notável "História de Israel": "Por um breve momento o seu aparecimento comoveu os ânimos em Jerusalém; depois esse episódio foi relegado ao passado e a gente começou a ocupar-se de coisas aparentemente mais importantes. E contudo aquilo constituía uma última e definitiva decisão na história de Israel. Só quando os adeptos de Jesus se apresentaram historicamente ao mundo, seu nome começou a ser mencionado."

Nas "Antiguidades Judaicas", obra escrita nos últimos decênios do primeiro século da nossa era, ao mencionar a primeira comunidade cristã de Jerusalém, Josefo fala de "Jesus, que foi chamado o Messias" (1). O historiador romano Tácito também menciona Jesus expressamente nos "Anais" (2) para explicar o nome "christiani": "Cristo, de quem seu nome deriva, foi sentenciado à morte pelo procurador Pôncio Pilatos, no tempo do imperador Tibério."

Entretanto, a menção mais importante que se conserva é a do romano Suetônio (3), ao descrever um movimento messiânico durante o reinado de Cláudio, que foi imperador de Roma de 41 a 54. Diz Suetônio em seu livro "Os Doze Césares": "Ele expulsou de Roma os judeus, que faziam grande alarido por causa de *Chrestus*". O escritor Orósio refere que essa expulsão teve lugar no ano 9 do reinado de Cláudio — portanto no ano 49 depois de Cristo — provando que entre 15 e 20 anos depois da crucificação já existia uma comunidade cristã em Roma.

A estes testemunhos romanos vem juntar-se uma referência surpreendente dos Atos dos Apóstolos. Com efeito, quando Paulo seguiu de Atenas para Corinto, encontrou aqui *"um judeu, chamado Aquila, natural de Ponto, que pouco antes tinha chegado da Itália, e Priscila, sua mulher (pelo motivo de Cláudio ter mandado sair de Roma todos os judeus)"* (Ap. 18-2).

(1) Ant. Iud. XX 9, 1 § 200.

(2) Anais XV, 44, escr. em 115-117 depois de Cristo.

(3) 65-135 depois de Cristo.

CAPITULO 7

O SUDARIO DE TURIM

Despôjo de Constantinopla. — Descoberta feita no negativo fotográfico. — Provas realizadas por médicos legistas. — Uma prova científica de autenticidade.

Tomaram, pois, o corpo de Jesus, e envolveram-no em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar usada entre os judeus (João 19-40).

No ano 1204 os cruzados da Quarta Cruzada tomaram a cidade de Constantinopla. O historiador Robert de Clari, falando a êsse respeito, refere-se a um francês, Otto de La Roche, a quem coube como peça de despôjo um lençol de linho. Esse lençol, que media 1,10 m de largura por 4,36 m de comprimento, tinha uma característica muito especial: apresentava sinais de sangue e suor. Depois de longo exame acabou-se por se distinguir nêle, vagamente, os contornos de um corpo humano de um metro e oitenta de altura aproximadamente. Otto de La Roche levou o lençol consigo para a França.

Cento e cinqüenta anos depois êsse pano encontrava-se em Besançon, onde era venerado como o sudário de Cristo. Durante um incêndio escapou de ser devorado pelas chamas, conservando alguns vestígios do fogo, e desde então pode-se acompanhar o trajeto que seguiu.

Quando irrompeu a peste em Milão, São Carlos Borromeu, que era então bispo dessa cidade, realizou, segundo promessa que fizera, uma peregrinação ao sudário, que lhe fôra mandado do sul da França para Turim, onde se encontra até hoje.

Até ao século V ou VI o lençol deve ter-se encontrado em Jerusalém. Segundo a mesma tradição era aquêle em que José de *Arimatéia* envolveu o corpo de Cristo.

Esta tradição não pode ser considerada uma prova histórica autêntica. Ocorre, além disso, existirem mais dois sudários que se afirma serem o de Cristo.

O mais famoso é o de Santa Verônica. Segundo a lenda, a santa o entregou a Cristo no caminho do Calvário, recebendo-o de volta com a impressão do seu rosto.

Autêntica seria também a imagem em poder do rei Abgar V, de Edessa (Antioquia). Mas o teólogo e historiador Chevalier encontrou nos arquivos papais uma prova por assim dizer em contrário num documento datado do ano 1389, cujo texto declara que um artista pintou um sudário d'esses. Quando isso se tornou conhecido, o "Sudário de Turim" passou a ser considerado uma cópia d'esse pintor, e assim perdeu aos olhos de quase todos os historiadores interessados o seu valor como possível documento contemporâneo.

Aí teria morrido o assunto se, em 1889, não se houvesse renovado o interesse pelo lendário lençol. O progresso da técnica tornou possível a primeira fotografia do "Sudário de Turim". Foi quando apareceu algo de notável. No negativo da placa fotográfica as impressões em branco e preto apareceram invertidas, surgindo claramente da obscuridade os misteriosos traços fisionômicos dum rosto.

Técnicos de todo o mundo estudaram a fotografia sensacional. Os peritos em arte que foram consultados verificaram, além disso, que a imagem em negativo era surpreendentemente realista, anatômicamente correta. Com efeito, os traços fisionômicos do lado direito e do lado esquerdo diferiam, como diferem em todos os homens. Os artistas do princípio da Idade Média certamente não percebiam essas irregularidades. Algumas provas realizadas com pintores demonstraram que nenhum artista era capaz de conceber nem de pintar com exatidão um rosto humano em negativo, tomado do natural.

O "Sudário de Turim" não podia ser uma falsificação: era indubitavelmente a impressão dum rosto humano. Até os peritos em arte, que negavam a autenticidade do lençol, admitiram que não era possível pintá-lo em negativo; que ninguém podia realizar semelhante coisa.

Depois dessa descoberta sensacional, os naturalistas começaram também a interessar-se pelo lençol. Grande número de sábios de especialidades diferentes puseram-se a investigar. Após decênios de estudos, experiências e investigações, os trabalhos chegaram a uma conclusão segura. Existem agora resultados concretos e muito concludentes. É tudo um mosaico de intermináveis e pacientes estudos destinados a esclarecer a questão:

Como surgiu o lençol?

O primeiro que se ocupou com a experiência de obter a impressão dum corpo em linho foi o Prof. Vignon, de Paris. Pôs uma toalha polvilhada de aloés em contato com um cadáver... mas não foi bem sucedido, porque parecia ser impossível evitar fortes distorções. Os médicos legistas italianos, professores Judica, de Milão, e Romanese, de Turim, obtiveram melhores resultados. Eles se guiaram em suas experiências pela narrativa bíblica que indica o método adequado: "*Nicodemos... foi também, levando uma composição de quase cem libras de mirra e de aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus, e envolveram-no em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar usada entre os Judeus*" (João 19-39,40). Uma longa série de experiências revelou que o corpo morto devia ser polvilhado e o pano umedecido com óleo aromático.

Assim se obtinham impressões fiéis, sobretudo quando o cabelo impedia que o pano colasse à cabeça lateralmente. Os resultados das experiências dos dois italianos apresentam a mais profunda concordância.

A impressão da “Tela de Turim” revela tumefações no rosto. Podem ser devidas a pancadas. *“E outros deram-lhe bofetadas no rosto”* (Mat. 26-27). Na fronte e na nuca reconhecem-se claramente manchas de sangue. *“E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça”* (João 19-2). Também no tronco são visíveis pequenas inchações. *“Pilatos, pois, tomou então Jesus, e mandou-o açoitar”* (João 19-1).

Além disso, podem reconhecer-se vestígios do sangue no corpo. São devidos a feridas de cravos nas mãos, nos pés e também a uma ferida no lado direito do tórax... *“... mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”* (João 19-34).

O médico parisiense Dr. Barbet deu-se ao trabalho de estudar essas feridas com grande minúcia. Ai também o resultado foi surpreendente. As feridas não correspondem às representações artísticas correntes.

O “sudário de Turim” permite reconhecer os lugares exatos dos cravos, que não foram pregados nas palmas das mãos e sim nos pulsos. As representações artísticas são falsas do ponto de vista físico e médico. Também aqui uma experiência extraordinária decidiu em favor do sudário.

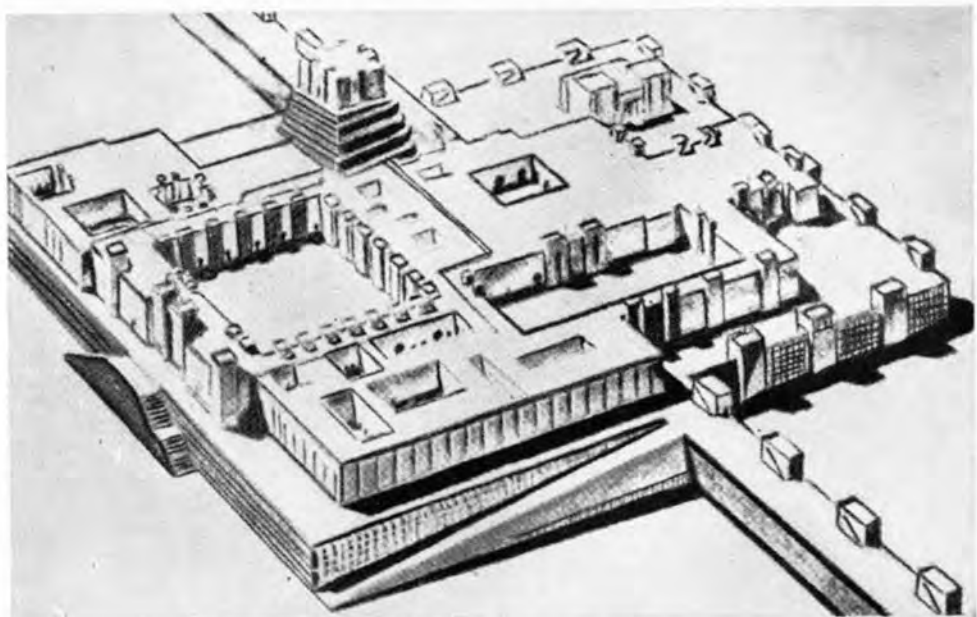
O Dr. Barbet pregou um morto numa cruz; as feridas dos cravos nas palmas das mãos rasgaram-se quando o peso do corpo atingiu 40 quilos. No pulso, entretanto, há um largo tendão transversal suficientemente forte para agüentar o peso do corpo humano.

Os médicos distinguiram nas marcas das feridas que a tela apresentava dois tipos de sangue: sangue saído do corpo ainda vivo — êsses vestígios encontram-se na cabeça, nas mãos e nos pés — e sangue de cadáver procedente da ferida feita no lado do tórax e também dos pés.

Até aqui as ciências físicas e naturais. Falta ainda, contudo, responder a esta pergunta: de quem foi o corpo envolto nesse sudário e quando foi que isso aconteceu?



Artistas egípcios realizaram neste grupo de prisioneiros do templo de Medinet-Habu um verdadeiro retrato fisionômico de vários povos. A um líbio (à esquerda) seguem-se um semita da Síria-Palestina, um hitita, um filisteu e outro semita.



Palácio do Rei assírio Sargão II em Corsabad. Reconstrução.



Na "Via Dolorosa", o Arco do Ecce-Homo atravessa a estreita rua onde Pilatos, apontando Jesus, teria dito: "*Eis aqui o homem!*" (João 19-5). Sob este arco L. H. Vincent encontrou com efeito o que João Evangelista chamou (19-13) de "*Lithóstratos*".

Do Tempo dos Apóstolos

CAPÍTULO 1

NAS PEGADAS DE PAULO

Fabricante de panos de tenda em Tarso. — Um arco de triunfo em Antioquia. — Galacia, província romana. — Wood faz escavações em Éfeso. — No templo de Artemis. — As ruínas da porta de Filipos. — Na antiga Corinto. — Mercado de carne com tubos refrigeradores. — A "Sinagoga dos Judeus". — Paulo é levado prêso para Roma.

...E me sereis testemunhas em Jerusalém, e em tôda a Judéia, e na Samaria, e até às extremidades da Terra (Ap. 1-9).

"Eu na verdade sou um judeu, natural de Tarso da Cilícia", disse sôbre si mesmo Paulo, que pertencia a uma família de fabricantes de tendas (Ap. 21-39; 18-3). Tersoos, uma cidadezinha de 20.000 habitantes, situada ao pé das montanhas do Tauro, no sul da Turquia, não conserva nada mais do seu antigo esplendor. Paulo elevava a sua cidade às nuvens e com razão. De fato, uma inscrição chama a Tarso "a grande e esplêndida metrópole da Cilícia" e o geógrafo grego Estrabão ⁽¹⁾ refere que existia em Tarso uma universidade que ombreava em importância com a de Atenas ou a de Alexandria. O famoso professor do imperador Augusto, o filósofo Atenodoro, era filho dessa cidade. De tudo isso resta apenas a fabricação de tendas. A matéria-prima é fornecida, como no tempo de Paulo, por rebanhos de cabras, que, nas montanhas do Tauro, que ficam cobertas de neve até ao mês de maio, criam um belo e maravilhoso pelame.

Longas viagens por mar e por terra como as que Paulo empreendeu não ofereciam dificuldade no seu tempo, ou, pelo menos, não eram coisa extraordinária. As estradas romanas eram na sua classe as melhores que a Europa ocidental conheceu antes de começar a construção das estradas de ferro no século XIX. Na inscrição do túmulo dum negociante da Frígia, no coração da atual Turquia, menciona-se orgulhosamente que durante a vida êle fêz setenta e duas viagens a Roma. As "estradas imperiais", muito movimentadas e bem conservadas, eram providas de estações para a muda de carruagens e cavalos. Albergues e hospedarias ofereciam repouso e alimento ao viajante. Uma polícia especial incumbia-se da segurança das estradas contra os ataques dos bandidos.

(1) 63 a. C. a 20 d. C.

A extraordinária rede de estradas do gigantesco império — uma obra-prima da técnica e da organização dos romanos — e a língua grega, que Paulo podia usar em toda a parte por onde ia, contribuíram tanto para a rápida propagação do cristianismo como a diáspora ramificadíssima das comunidades judias. “Jerusalém não é só a capital da Judéia”, diz o rei judeu Herodes Agripa I (1) numa carta dirigida ao imperador Calígula, “mas também da maioria dos países do mundo, em virtude das colônias, que no devido tempo enviou para os países vizinhos.”

Já no século passado alguns sábios se dedicaram à procura das cidades da Ásia Menor cujos nomes são tão familiares para a humanidade cristã, por terem-nos lido nos Atos dos Apóstolos e nas cartas de Paulo. Onde seriam os lugares a cujos habitantes foi dirigida a famosa “Epístola aos Gálatas”?

Em 1833 Francis V. J. Arundell, capelão inglês de Esmirna, descobriu a antiga “*Antioquia da Pisídia*” (Ap. 13-14) perto da cidade turca de Jalobatsch. Ao norte do Tauro, no vale dominado pelo majestoso cenário do Monte do Sultão Dag, erguem-se os arcos imponentes dum viaduto. No começo da década dos vinte alguns sábios da Universidade de Michigan detiveram-se maravilhados diante dos restos duns monumentos arquitetônicos de singular beleza. No centro da cidade antiga as pás puseram a descoberto um largo lanço de escadas sobre o qual se erguiam três arcos de triunfo. Relevos maravilhosos descreviam a vitória do imperador Augusto em terra, um friso com Poseidon, tritões e delfins recordava a vitória marítima de Augusto em Accio. Nos bairros romanos encontravam-se ainda as mesas de jogo em que a soldadesca matara as horas de ociosidade. Os investigadores encontravam-se ali diante da tão citada Antioquia onde Paulo fundara uma comunidade em sua primeira viagem como missionário (Ap. 14-21).

E eles “foram para Icônio... para Listra e Derbe... e para toda aquela região em circuito, e aí pregavam o Evangelho” (Ap. 13-51; 14-6,7).

Konia, cem quilômetros ao sueste da Antioquia e a estação principal da estrada de ferro de Anatólia, é a antiga *Icônio*, centro da atuação de Paulo. Em 1885 o professor inglês J. R. Sitlington Sterett descobriu nas montanhas, quarenta quilômetros mais para o sul, os restos de um altar. Uma grossa placa de pedra tem uma inscrição latina que refere que nesse lugar houve uma colônia romana. Sterett conseguiu decifrar o nome “*Lustra*” (2).

A um dia de viagem dali Sterett descobriu também a antiga *Derbe*. As quatro cidades, Antioquia, Icônio, Listra e Derbe, pertenciam no tempo de Paulo à província romana de Galácia.

Em Chipre, na antiga cidade de Pafos, veio à luz uma inscrição romana. Nela se menciona aquele procônsul Sérgio Paulo que nos Atos dos Apóstolos é descrito como “*homem prudente*” (Ap. 13-7). Até os turbu-

(1) Este é o rei Agripa (37-44 d. C.) dos Atos dos Apóstolos, 12.

(2) Isto é, *Listra*.

lentos acontecimentos de Éfeso descritos no Novo Testamento adquiriram forma graças ao incansável trabalho dos arqueólogos.

“Porque um certo ourives de prata, chamado Demétrio, que fazia de prata uns pequenos templos de Diana, dava não pouco ganho aos seus artifices. Convocando ele estes e outros que trabalhavam em obras semelhantes, disse: Homens, vós sabeis que o nosso ganho nos vem desta indústria.” E prosseguiu, para insuflar neles a revolta, *“que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo afasta muita gente”,* e pintou-lhes um quadro segundo o qual todos ficariam sem pão. *“Grande é a Diana dos Efésios!”* exclamaram os outros. *“E encheu-se a cidade de confusão... e arremeteram... ao teatro e arrebataram... os companheiros de Paulo”* (Ap. 19-24 a 29).

Esta narrativa despertou no arquiteto inglês J. T. Wood o desejo de procurar o templo de Artemis (1), universalmente célebre na Antiguidade. Com efeito, o Museu Britânico pôs à sua disposição fundos para esse fim. No princípio de maio de 1863 Wood desembarcou na costa fronteira à ilha de Samos. Obcecado por seu objetivo, ele nunca o teria atingido se não tivesse sido tão incrivelmente constante. Durante sete anos, incansavelmente, Wood fez abrir um após outro poços profundos nos antigos lugares entre os restos de antigas muralhas... em vão. Por fim, começou a cavar no antigo anfiteatro, o *“teatro”* do tumulto, e encontrou a indicação que o poria no caminho certo.

Uma inscrição enumerava diversas estátuas de Artemis, de ouro e prata, com duas a seis libras de peso, oferecidas à deusa e as quais deviam encontrar-se no templo. A vaidade desse doador romano indicou a Wood o caminho certo, sem obstáculos, para o fim almejado. Com efeito, o doador, a fim de que a maior quantidade possível de gente pudesse admirar as suas oferendas, estabelecera o caminho pelo qual as figuras deviam ser levadas em procissão solene, no dia dedicado à deusa, até à festa no anfiteatro, e trazidas de volta.

Deviam entrar pela porta de Magnésia... Wood procurou e encontrou a porta, seguiu o caminho descrito e achou-se, uma milha ao norte da cidade, no destino da procissão e, desse modo, no ponto que ele próprio tão obstinadamente havia procurado.

Debaixo de sete metros de massas de entulho e terra encontrou um maravilhoso pavimento, seções de colunas gigantescas e enormes tambores de pedra ornados de esculturas: o templo de Artemis!

Foi o famoso arquiteto alexandrino Dinocrates que projetou esse santuário, e Alexandre Magno fê-lo executar com tal magnificência, que o templo de Diana veio a ser considerado uma das “sete maravilhas do mundo” na Antiguidade.

A base media 120 metros de comprimento por 80 metros de largura, o teto era coberto de lajes de mármore branco e colunas de 20 metros de altura flanqueavam o caminho que conduzia ao interior do templo, pródigo provido de esculturas, pinturas e decorações em ouro.

(1) A grega “Artemis”, deusa da caça, era chamada “Diana” pelos romanos.

Trinta e cinco anos depois, um compatriota de Wood, David G. Hogarth, pôs a descoberto sob o altar uma grande quantidade de estátuas da deusa, de bronze, ouro, marfim e prata, feitas por aqueles artesãos e seus serventes que viram no Evangelho pregado por Paulo aos efésios uma ameaça ao seu ganha-pão, e por isso, gritaram para Demétrio: *"Grande é a Diana dos Efésios!"*

...Procuramos partir para a Macedônia, certificados de que Deus nos chamava a ir lá evangelizar. Tendo-nos, pois, feito à vela de Tróade... (Ap. 16-10,11).

Lá onde imperou outrora a orgulhosa fortaleza de Príamo tomou Paulo um navio de vela para a sua primeira viagem à Europa. E na cidadezinha pesqueira de Cavala⁽¹⁾ pisou em solo europeu, escolhendo o caminho pela antiga Via Egnatia para subir as selvagens montanhas da Macedônia com destino a Filipos.

Quem não se lembra daquelas palavras preches de infortúnios — *"Em Filipos nos tornaremos a ver!"* — ao ouvir o nome desta cidade, onde em 42 a. C. as legiões de Antônio e do jovem Otávio obtiveram uma brilhante vitória sobre os assassinos de César, Bruto e Cássio, que haviam tentado salvar a república da ditadura? Mas a quem ocorre que foi diante dos muros de Filipos que Paulo conquistou para o cristianismo a sua primeira comunidade em solo europeu?

Tendo por base os dados concretos dos Atos dos Apóstolos, os arqueólogos franceses puseram a descoberto essa colônia romana; encontraram de novo o antigo foro, o templo e edifícios públicos, as colunatas, as ruas pavimentadas e as praças com os canos de esgotos de águas pluviais ainda intatos. Na saída ocidental da cidade erguia-se um portal em arco por cima da Via Egnatia que passava por ali e, pouco adiante, atravessava o estreito e rápido curso de água do Gangites. *"E no dia de sábado, saímos fora da porta, junto ao rio, onde parecia que se fazia oração"* (Ap. 16-13). A margem do Gangites fêz Paulo a sua primeira conversão, a de Lídia, negociante de púrpura.

Passando por Tessalonica⁽²⁾ e Atenas, onde pregou pouco tempo, Paulo dirigiu-se para Corinto.

As dragas cortaram um estreito canal no istmo que ligava o Peloponeso à terra firme. Realizaram em 1893 o que já homens célebres da antiguidade, Alexandre Magno e Júlio César, haviam planejado. Em 63 a. C. Nero chegara mesmo a iniciar a execução desse projeto. Após um hino de louvor a Netuno, que êle mesmo acompanhou ao som da harpa, tirou as primeiras pásadas de terra com uma pá de ouro. Mas as escavações, para as quais eram mandados 6.000 judeus da Palestina, foram logo interrompidas, porque surgiu o temor de que a abertura do canal inundaria todo o Peloponeso.

(1) A antiga Neápolis.

(2) Hoje Salônica.

Três anos depois de o primeiro navio haver passado o novo canal, a *American School of Classical Studies* empreendeu a tarefa de procurar o célebre e importante centro de comércio e intercâmbio de Corinto, onde se encontravam as mercadorias do Antigo Oriente e da Europa. Os arqueólogos seguiram aí também as pegadas de Paulo até aos lugares que, se não fôsssem mudos, poderiam falar-nos sobre a sua atuação.

A *Via Lechaeum*, procedente do pôrto ocidental, ia até ao coração da cidade de Corinto. Sob o majestoso arco da porta dos Propileus ela desembocava na praça do mercado, a Agora. Aí ficava então, ao oeste da *Via Lechaeum*, o bairro comercial, diante de cujas lojas havia colunatas que se estendiam até à escada do templo de Apolo. O que causou verdadeiro assombro aos americanos, imbuídos de idéias de higiene, foi um sistema de encanamentos que descobriram sob as casas que limitavam a praça do mercado magnificamente pavimentada. Ao que parece, conduzia das montanhas para as lojas um abastecimento constante de água fresca para refrescar os mantimentos de fácil deterioração. Com efeito, uma inscrição do tempo do imperador Augusto, encontrada nesses lugares, fala expressamente dum "mercado de carne"! Nessas lojas os cristãos de Corinto deviam fazer sem escrúpulos suas compras. "...*De tudo o que se vende na praça, comi...*" escreveu Paulo à sua comunidade na Primeira Epístola aos Coríntios (10-25).

Na escada dos Propileus os investigadores decifraram as seguintes palavras numa pesada trave de pedra, em caracteres gregos claramente gravados: "Sinagoga dos Hebreus". Perto da *Via Lechaeum*, além das colunatas, devia ficar a casa em que Paulo pregava a nova doutrina. Pois ele "*disputava todos os sábados na sinagoga... e convencia Judeus e Gregos*" (Ap. 18-4). Entre as ruínas das numerosas habitações, no mesmo bairro, devia-se encontrar a casa de "*Tito Justo*" a quem Paulo procurou, "*que ficava contígua à sinagoga*" (Ap. 18-7).

Os pesquisadores encontraram finalmente no mercado uma plataforma elevada que uma inscrição latina descrevia como a "rosta", a sede do tribunal. "*Mas, sendo procônsul da Acaia Galião, os Judeus, de comum acôrdo, levantaram-se contra Paulo e levaram-no ao tribunal, dizendo: Este persuade os homens a que adorem a Deus com um culto contra a lei.*" Galião, entretanto, não queria julgá-lo "*e mandou-os sair do tribunal*" (Ap. 18-12, 13 e 16).

A descrição detalhada da cena do tribunal serviu para fixar o momento exato em que Paulo esteve em Corinto. *Lucius Junius Annaeus Novatus Gallio* — tal era o nome completo do procônsul — era digno filho duma família altamente conceituada. Seu irmão Lúcio Aneu Sêneca, o grande filósofo romano e preceptor particular de Nero, dedicou-lhe dois livros (1). E o poeta Statius chamou-lhe o "amável Galião".

Na antiga Delfos apareceu uma carta do imperador Cláudio, pela qual se depreende que Galião deve ter ficado em Corinto de 51 a 52 d. C.

(1) *De Ira e De Vita Beata*.

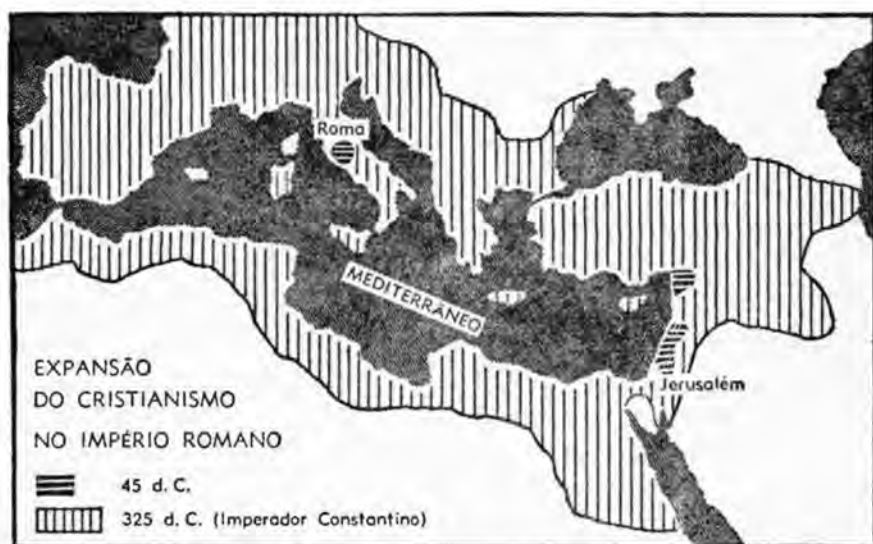


Fig. 74

A carta contém a fórmula: “Como escreveu meu amigo e procônsul de Acaia ⁽¹⁾, Lúcio Júnio Galião...” e é datada do princípio do ano 52. De acordo com um decreto de Cláudio, os funcionários recém-nomeados tinham de partir em primeiro de junho de Roma para as suas províncias; portanto, Galião devia encontrar-se em Acaia em 1.º de julho de 51. E Paulo “*demorou-se ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus*” (Ap. 18-11), até que os judeus se irritaram contra ele e o levaram à presença do juiz. Há, portanto, grandes probabilidades de que o apóstolo tenha ido para Corinto no princípio do ano 50.

O fanático perseguidor dos cristãos, Paulo de Tarso, converteu-se ao cristianismo dois anos depois da crucificação de Jesus Cristo (Ap. 6-3 e seg.). Quase trinta anos depois, o grande catequista e propagador da doutrina de Jesus fez sua última viagem, desta vez como prêso. Na Judéia governava desde 61 o procurador Festo; foi ele que mandou Paulo para Roma, sob a custódia do centurião Júlio, acusado de graves crimes (Ap. 27-1). Ai Paulo teve permissão para ficar “*onde quisesse com um soldado a guardá-lo*” (Ap. 28-16).

“*Dois anos inteiros permaneceu Paulo num aposento que alugara, e recebia todos os que iam ter com ele, pregando o reino de Deus, e ensinando as coisas que são do Senhor Jesus Cristo, com toda a liberdade, sem proibição.*” Com estas palavras terminam os Atos dos Apóstolos.

Nas perseguições dos cristãos que começaram no tempo de Nero, Paulo sofreu o martírio e a morte. Na qualidade de cidadão romano, não morreu, como Pedro, na cruz, e sim pela espada.

(1) Como província romana o Peloponeso chamava-se “Acaia”.

CAPÍTULO 2

O TÚMULO DE SÃO PEDRO

O hipódromo de Caligula. — Quando Roma foi incendiada. — O monte Vaticano. — Um cemitério na Via Cornélia. — O imperador Constantino constrói uma igreja. — A nova basílica. — Um achado de Bernini no ano de 1626. — A incumbência do Papa Pio XII. — Pesquisas do Dr. Kaas. — Escavações sob a basílica de S. Pedro. — A descoberta mais importante da Arqueologia cristã.

E eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mat. 16-18).

Depois da conquista pelo Islã, no ano 637, a Terra Santa ficou fechada para os cristãos e para o resto do mundo durante longos séculos, com exceção da época das Cruzadas.

O único lugar neste mundo, fora do Oriente, que conservou a tradição cristã ininterruptamente durante quase dois mil anos, onde, em cadeia viva de geração a geração, se manteve a união desde os tempos de Jesus e seus apóstolos até nossos dias, foi Roma, com a basílica de S. Pedro.

Quem era Pedro? Como se apresenta a sua personalidade no Novo Testamento?

Simão era pescador e vivia em Cafarnaum, à beira do Lago de Genesaré. Seu irmão *“levou-o a Jesus. E Jesus disse: Tu és Simão, filho de João, tu serás chamado Cefas”* (João 1-42). “Cefas” em grego quer dizer “Pedro” e significa “rocha”. E assim Pedro se tornou um dos primeiros discípulos de Jesus.

Depois da morte de Jesus, Pedro foi o primeiro apóstolo que se dedicou à conversão dos pagãos (Ap. 10). Pedro foi o chefe da primeira comunidade cristã em Jerusalém e na Judéia e, mais tarde, atuou também fora da Palestina. Duas epístolas aos cristãos da Ásia Menor recordam esse fato. No Evangelho de S. João há uma conversa entre Jesus e Pedro em que se indica a espécie de morte que este sofrerá quando muito velho.

“Quando tu eras mais moço, cingias-te, e ias onde desejavas; mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres. E disse isto, indicando com que gênero de morte havia de dar glória a Deus” (João 21-18,19).

Há lendas, tradições eclesiásticas e narrativas orais relacionadas com esta parca referência do Novo Testamento a Pedro. Elas sabem sobre sua morte como mártir em Roma, citam os lugares onde repousam seus restos mortais: debaixo do altar-mor da basílica de S. Pedro.

No tempo dos primeiros cristãos, no vasto círculo em frente da igreja de S. Pedro estalavam os chicotes, tremia o solo sob o tropel violento dos cavalos, vibrava o ar com o clamor de milhares de gargantas. O imperador Calígula⁽¹⁾ havia mandado construir ali o seu estádio para corridas de carros, do qual só dá testemunho atualmente o alto e esguio obelisco existente na Praça de S. Pedro, que o próprio Calígula mandou vir de navio do Egito.

Uma fumaça espessa e acre se elevou acima da cidade, línguas de chamas saíam dos palácios e dardejavam através das ruas e praças... Roma ardia no mês de julho do ano 64! Foi Nero... dizia-se à bôca pequena. Mas o imperador, que se encontrava fora de Roma, em Antium, correu à cidade e fez tudo o que pôde para apagar o incêndio. Não o conseguiu com bastante rapidez e procurou — para afastar de si a cólera do povo — alguém a quem atribuir a culpa do incêndio criminoso. As vítimas foram os cristãos, “Uma raça de homens com uma nova e perniciosa superstição”, como escreveu Suetônio, a “seita” que, devido à ignorância do povo e ao seu ódio aos estrangeiros, tornava possível lhe fôsse atribuída tôda a espécie de culpas.

Desde então o círculo do estádio foi teatro de cenas horrendas. Na arena torturavam-se os adeptos de Cristo, multidões de homens piedosos eram untados de alcatrão e transformados em tochas vivas ou pregados na cruz. Pedro encontrava-se entre êles. Foi crucificado.

De acôrdo com a lei romana, o corpo dum sentenciado à morte devia ser entregue aos seus. Logo na mesma noite da execução seus discípulos tiraram o cadáver da cruz. Como Jesus no Gólgota, Pedro foi envolto num lençol e secretamente levado para um cemitério dos pagãos atrás do circo, junto à Via Cornélia. Esse cemitério pagão estava situado na elevação *vaticanus*. A palavra latina “vatis” significa “profeta” ou “adivinho”. Ali existira em tempos idos um oráculo dos etruscos.

Pedro encontrou seu lugar de repouso entre muitas outras sepulturas. Sobre a do apóstolo erigiu Santo Anacleto o primeiro santuário. Ele havia recebido a ordenação de S. Pedro e foi o terceiro bispo de Roma. Tôdas as pessoas que por ali passavam podiam ver o troféu sobre a colina. “Vai, pois, ao Vaticano e, na Rua de Óstia, encontrarás o troféu do fundador da igreja de Roma”, escreveu no século III o sacerdote Gaio.

(1) 34-41 d. C.

Embora não deixasse de oferecer perigo ser encontrado lá, os cristãos escolheram desde o início o túmulo do apóstolo como ponto de encontro. Os atos de S. Sebastião contam que Santa Zoé foi presa aí e levada para ser torturada. Mais tarde foram também a Roma, escondidamente, peregrinos de outras terras, como no ano 269 S. Márcio, com sua mulher e filhos, da distante Pérsia, e S. Mauro, no ano 284, da África.

As tribulações e perseguições só tiveram fim sob Constantino⁽¹⁾, o primeiro imperador cristão de Roma. Constantino permitiu ao Papa Silvestre I construir uma grande igreja na Via Cornélia, em cima dos túmulos de S. Pedro e dos primeiros papas. O túmulo de S. Pedro ficou intato e a construção que havia sobre ele serviu de altar-mor. O circo de Calígula forneceu as pedras para a construção e o muro setentrional da arena foi incluído nos fundamentos da igreja, cuja parte sul se estendeu até ao centro do estádio.

As obras prolongaram-se por um quarto de século, de 326 a 349. Trinta e cinco degraus conduziam a um pátio aberto, pavimentado de mármore, o qual era cercado de claustros. No meio havia uma pia dourada de água cristalina com um teto sustentado por colunas — uma pia de água lustral.

O coroamento daquele lugar ensolarado era a sombria basílica com cinco naves. Continha, em meio a uma floresta de colunas de mármore, 52 altares, nos quais ardiam dia e noite 700 velas. Nas paredes e nas abóbadas luziam e resplandiam mosaicos dourados. Acima do túmulo do apóstolo erguia-se um alto baldaquino, e era costume entre os peregrinos pendurar toalhas ou quaisquer outros objetos numa vara do túmulo para que tocassem o sarcófago de S. Pedro. O decano Agiulfo de Tours visitou a igreja pelo ano 600. A sua descrição fiel foi conservada:

“S. Pedro está sepultado numa igreja que se chama o Vaticano desde tempos antigos. Seu túmulo, que fica sob o altar, é visitado muito raramente. Contudo, quando alguém deseja rezar, abrem-se as grades que rodeiam o lugar e a pessoa penetra no túmulo. Aí, depois de abrir uma pequena janela, introduz a cabeça no interior e expressa seus cuidados e aflições.”

Provavelmente o túmulo de São Pedro foi murado inteiramente repetidas vezes para protegê-lo, em circunstâncias incertas, contra a ignorância do mundo exterior. De qualquer modo, caiu em esquecimento, e nenhuma notícia contemporânea faz referência a ele.

No decurso de mais de 1.150 anos o sólido teto de madeira da basílica apodreceu e a parede meridional, assente sobre o muro do circo, apresentava uma perigosa inclinação, ameaçando ruir — inquietantes sinais de envelhecimento que exigiam a reconstrução da igreja. No ano de 1506 ficou decidida a nova construção; Bramante fez o

(1) 306-337 d. C.

projeto. Entre os mestres construtores que trabalharam nela encontram-se muitos nomes altamente famosos como Rafael e Miguel Ângelo, a quem foi confiada a direção da construção a partir de 1547.

Quando em 1589 o arquiteto Giacomo della Porta se ocupava em trabalhos em cima do túmulo do apóstolo, abriu-se inopinadamente sob seus pés uma larga brecha e através dela apareceu um subterrâneo. Avisados a respeito, o Papa Clemente VIII e três cardeais foram lá a fim de examinarem o lugar com os próprios olhos à luz incerta dum archote. O subterrâneo continha uma cruz de ouro da altura dum homem. Segundo a tradição, teria sido colocada no túmulo de S. Pedro, no ano 326, pelo imperador Constantino e sua mãe Helena. Ainda no tempo de Clemente VIII essa abertura foi fechada novamente.

O sólido baldaquino sustentado por colunas, que existiria por cima do lugar do túmulo, pressupunha uma sólida base. Bernini, que em junho de 1626 explorou o subsolo da cripta, topou aí com restos humanos; o solo da basílica constantina continha sepulturas e mais sepulturas.

Nada transpirou sobre esta verificação. Contudo, os arquivos do Vaticano conservam um consciencioso relatório de Urbaldi, que era então cônego de S. Pedro. Esse relatório foi encontrado em 1891 pelo Prof. Armellini.

"Começaram a escavar para a base da segunda coluna em frente do *confessio*", dizem as anotações. "A um metro de profundidade, não mais, toparam com o lado de um grande caixão de placas de mármore. Quando levantaram a extremidade, ficaram surpreendidos de encontrar no interior cinzas com muitos ossos. Estes estavam todos misturados e meio carbonizados. Esses ossos fizeram lembrar o famoso incêndio do tempo de Nero, três anos antes da morte de S. Pedro, quando os cristãos, acusados do incêndio, sofreram o martírio no circo. Dois dos principais caixões estavam descobertos e cada um deles continha dois corpos. Tinham a cabeça voltada para o altar e estavam vestidos com longas túnicas que lhes chegavam aos tornozelos, escuras e quase negras pelo tempo, e cingidos com faixas como crianças. Os corpos estavam colocados com grande cuidado lado a lado. Mas esses e todos os outros que estavam nos caixões se desfaziam em pó apenas eram tocados ou removidos. Nada mais que alguns pedaços de tecido resistiam ao menor contato."

Um esboço do local indicava claramente que os túmulos estavam dispostos como os raios duma roda em volta dum ponto, ou seja, o lugar que ficava sob o antigo altar-mor.

Com exceção dos trabalhos necessários para assentar as quatro colunas do baldaquino, tudo ficou intato sob o *confessio*. Após mais de um século de trabalho ficou concluída a nova basílica de S. Pedro de Roma; a consagração solene teve lugar no ano de 1626.

De novo transcorreram mais de trezentos anos. No começo de 1949 o Papa Pio XII declarou expressamente, em uma alocução que fez pe-

rante os estudantes romanos, que o túmulo do apóstolo S. Pedro se encontrava no centro da basílica de S. Pedro. Seus ouvintes conheciam a velha lenda, mas ninguém imaginava que Pio XII, ao fazer essa declaração, se baseava nos resultados mais recentes da pesquisa arqueológica. Porque somente um círculo reduzido de especialistas fôra informado a respeito até então.

Para evitar a possibilidade de uma comunicação precipitada, todos os que tomaram parte nos trabalhos fizeram um solene juramento de guardar segredo. Enquanto não reinasse completa clareza, absoluta certeza, reforçada pela opinião de especialistas de renome internacional, enquanto não tivesse sido afastada a mais leve dúvida sobre a importância real do achado feito sob o domo de S. Pedro, não se daria publicidade ao fato.

— O túmulo de S. Pedro foi de fato redescoberto? — indagou o Papa numa mensagem radiofônica em 23 de dezembro de 1950, e sua voz chegou através do éter aos ouvidos do mundo inteiro. — Foi! — respondeu ele mesmo.

O prelado alemão Dr. Ludwig Kaas era professor de história eclesiástica e foi o iniciador das pesquisas debaixo da basílica de S. Pedro. Talvez nunca fôsse uma coisa nem outra se não nascesse em Treves (1), aí recebendo suas impressões decisivas da juventude. Em Treves a mãe do imperador Constantino, Helena, mandou construir a primeira igreja. O próprio Constantino se deteve aí por algum tempo. Em Treves os sábios encontravam repetidamente testemunhos da antiga Roma em suas escavações. Em Treves foi o Dr. Kaas professor de história eclesiástica. Em 1933 deixou a Alemanha e foi para o Vaticano.

Pio XI, o papa que tinha um acentuado senso do humor milanês, cedeu-lhe o "mundo subterrâneo" da basílica de S. Pedro, com tudo "o que havia abaixo da superfície".

Quando Kaas inspecionou pela primeira vez o seu novo reino, ficou aterrado diante da imensa confusão reinante nas criptas da catedral de S. Pedro. Teve alguma dificuldade em se orientar no subterrâneo entre os inúmeros caixões de pedra e mármore, antiqüíssimas lápides tumulares e restos de sepulcros. Se já durante a construção da nova igreja de S. Pedro tinha tudo, sem discriminação, ido parar na cripta, esta confusão havia aumentado com o correr dos séculos, durante os quais foram depositados ali imperadores e reis, 144 papas e inúmeros cardeais e cortesãos.

Não era fácil pôr as coisas em ordem, separar o sarcófago do prefeito de Roma do ano 359 do sarcófago do imperador alemão Oto II, ou o túmulo de granito vermelho do único papa inglês, Adriano IV, do túmulo da rainha sueca Cristina, cujo rosto era coberto por uma fina máscara de prata maravilhosamente bem conservada.

Enquanto se ocupava com o lento e fatigante trabalho de desembasar aquela confusão, Kaas pensou quanto lhe seria grata a tarefa

(1) Em alemão se chama *Trier*.

de explorar todo aquêle reino silencioso e fechado que existia debaixo da basílica de S. Pedro.

A idéia, entretanto, não agradou a Pio XI. Contudo, foi justamente a sua última vontade — a de que, se possível, seus restos mortais fôsem depositados ao lado dos de Pio X — o que pôs a coisa em marcha.

Dois dias antes da inumação Kaas procurou na cripta um lugar apropriado. Quando mandou tirar uma pesada placa de mármore de uma parede, esta cedeu, e pôs a descoberto um subterrâneo; vendo-o, o Dr. Kaas exclamou espontâneamente:

— Eu conheço isso! É exatamente o que eu vi em Treves!

Era inconfundivelmente uma obra de alvenaria característica das primitivas igrejas cristãs.

Encarregado pelo novo Papa Pio XII, na primavera de 1939 êle deu início à primeira exploração científica dos subterrâneos da basílica de S. Pedro. Sob o mais rigoroso segredo, ela se estendeu através dos anos, dos séculos, para trás, numa viagem de descobrimento do passado.

Graças a profundos estudos prévios, já antes o diretor do Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã, Prof. Enrico Josi, se havia convencido de que qualquer busca do túmulo de S. Pedro devia partir do nível do solo da basílica constantina, e isso foi confirmado no decorrer das escavações.

Não havia ainda muito tempo que os “sampietrini”⁽¹⁾ manejavam as pás e picaretas quando surgiu diante dêles um mundo antigo cheio de mistérios. A basílica de S. Pedro foi construída sôbre um grande cemitério do primeiro século cristão. Passo a passo os sampietrini puseram a descoberto uma vasta cidade dos mortos. O emprêgo de máquinas poderia não só deteriorar os achados mas até pôr em perigo os alicerces da basílica. Em vastos mausoléus e belas urnas tumulares encontravam-se os restos mortais de romanos pagãos. Em tempos posteriores o cemitério serviu também como lugar de sepultamento aos cristãos. Os mosaicos dos primeiros tempos cristãos são do século III, portanto mais antigos do que tudo o que se conhecia até então. Os sarcófagos magníficos procediam de séculos posteriores da era cristã.

Extraordinariamente elucidativo foi também o conhecimento dos difíceis trabalhos de construção que deviam ter sido levados a efeito no tempo do imperador Constantino para manter o nível do pavimento da antiga basílica de cinco naves à altura do túmulo de S. Pedro. Isso obrigara os arquitetos a construir sólidos muros de apoio no terreno inclinado da antiga colina do Vaticano. Uma parte da pendente tinha de ser cavada, outra aterrada. Como havia uma lei que proibia destruir os túmulos, foi tirada a cobertura de muitos mausoléus, que foram recobertos apenas com uma camada de terra. Dos muros do circo de Nero não se encontrou mais vestígio algum.

(1) Operários do Vaticano.

Mas o monumento funerário dum romano indicava o lugar com muita exatidão. A última vontade expressa na inscrição indicava que êle fôra enterrado junto do circo.

Quanto mais os trabalhos avançavam, mais claro se percebia que a imensa construção fôra disposta com relação a um determinado ponto sob o altar-mor. Daí em diante as investigações foram concentradas nesse ponto central.

A cinco metros de profundidade do pavimento da basílica de S. Pedro as pás, manejadas com grande cuidado, toparam com uma sepultura debaixo do altar-mor. A câmara era semelhante aos pequenos mausoléus de outras construções funerárias romanas já conhecidas, mas ornada de mosaicos cristãos. Um representava um pescador com o anzol (Pedro), outro o Bom Pastor e outro ainda Jonas ao ser engolido pela baleia.

No chão e nas paredes peregrinos dos séculos I e II haviam deixado suas lembranças. Eram, em parte, tôscas placas de mármore, em parte tabuinhas votivas com inscrições como: "São Pedro, rogai por nós" ou "Pedro, sede mediano em nossa miséria". Aqui e além havia espalhadas moedas da Germânia, da Gália, das terras do Danúbio e do Oriente eslavo, da Bretanha e das terras dos Alpes, evidentemente oferecidas para o túmulo.

Num muro que, evidentemente, só fôra colocado ali mais tarde, os pesquisadores descobriram, finalmente, uma coluna. Sobre o túmulo do apóstolo, na pendente da colina do Vaticano, devia ter existido um "troféu". Essa coluna certamente era um resto dêle.

No dia em que foi de novo aberta a entrada do túmulo de S. Pedro, os guardas fecharam as portas da basílica. Pio XII dirigiu-se à cripta para ver com os próprios olhos o achado histórico mais significativo da Arqueologia cristã.

Investigações críticas repetidas eliminaram toda e qualquer dúvida sobre a identidade do achado. Todas as particularidades da escavação, todos os pontos de referência essenciais para determinar as datas foram registrados na memória intitulada "Esplorazione sotto la Confessione di San Pietro in Vaticano", impressa em 1.500 exemplares. E só depois que especialistas de renome em todo o mundo o examinaram, foi o relatório dado à publicidade.

Na memória do Vaticano sobre o túmulo de S. Pedro faltou a menção duma urna de barro cozido; foi achada entre as sepulturas e continha restos de ossadas humanas: um fêmur e uma tíbia. Além disso, continha a urna pequenos fragmentos de tecido de púrpura.

Acima na alvenaria estava escondido um recipiente sem tampa onde a urna cabia perfeitamente e que evidentemente servia como esconderijo para livrá-la do perigo de maculação.

Tradições piedosas, em muitos casos relegadas ao reino da lenda cristã, encontraram em Roma a sua confirmação histórica.

CAPÍTULO 3

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Insurreição. — A Guerra dos Judeus. — Lutas na Galiléia. — Tito, comandante supremo. — Avancam 80.000 romanos. — Ordem de assaltar. — Parada diante das portas da cidade. — 500 crucificações diárias. — Circunvalação em tórno de Jerusalém. — O espectro da fome. — Cai a fortaleza Antônia. — O templo em chamas. — A cidade é arrasada. — Entrada triunfal em Roma.

E, dizendo alguns, a respeito do Templo, que estava ornado de belas pedras e de ricas ofertas, Jesus disse: Destas coisas que vêdes, virão dias em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja demolida. Quando virdes, pois, que Jerusalém é sitiada por um exército, então sabei que está próxima a sua desolação. Porque haverá grande angústia sobre a terra, e ira contra este povo. E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a todas as nações, e Jerusalém será calçada pelos gentios (Lucas 21-5, 6, 20, 23, 24).

Numerosas residências e castelos reais, cidades, palácios e templos, construções que tiveram seus fundamentos assentados no primeiro, no segundo e até no terceiro milênio antes de Cristo foram arrancados ao pó do passado, por vêzes com metros de espessura, pelas pás e a intuição dos arqueólogos, em trabalho competente e árduo. A cidade e o templo de Jerusalém, de significação inapreciável para a posteridade, escaparam, porém, aos esforços dos investigadores; foram eliminados para sempre deste mundo. Porque, uma geração apenas depois da crucificação de Jesus, nos “dias da vingança” (Lucas 21-22), sofreram a sorte que Jesus lhes profetizara.

O antigo Israel, cuja história não inclui a palavra e a obra de Jesus, a comunidade religiosa de Jerusalém, que condenou e fez crucificar Jesus, foram aniquilados num inferno como talvez não haja exemplo na História, na “Guerra dos Judeus”, de 66 a 70 d. C.

Cada vez mais se elevavam as vozes contra a odiada Roma. Ao partido dos “zelotes” afluíam fanáticos e rebeldes que reclamavam incessantemente a supressão do domínio estrangeiro; cada um deles levava um punhal escondido debaixo do manto. Seus atos de violência alar-

mavam o país. Os abusos de força dos procuradores romanos tornavam a situação ainda mais delicada; aumentavam cada vez mais os partidários dos radicais.

A crescente indignação estourou em franca revolta em maio de 66, quando o procurador Floro exigiu 12 talentos do tesouro do templo. A guarnição romana foi atacada e Jerusalém caiu em poder dos rebeldes. A lei que se seguiu imediatamente proibindo o sacrifício diário a César significava uma declaração de guerra aberta à grande potência de Roma. A anã Jerusalém arrojou com arrogância a luva do desafio aos pés do *Imperium Romanum*!

Foi o sinal para todo o país; por toda a parte se ateou a rebelião. Floro não era mais senhor da situação. O governador da província da Síria, C. Cestio Gallo, marchou em seu socorro com uma legião e numerosas tropas auxiliares, mas foi obrigado a retirar-se com pesadas perdas. Os revoltosos dominavam o país.

Na certeza de que Roma ia contra-atacar com toda a sua força, os judeus fortificaram as cidades a toda a pressa, repararam as muralhas antigas e nomearam chefes militares. José, que veio a ser mais tarde o historiador Flávio Josefo, foi nomeado chefe militar da Galiléia.

Do lado romano o imperador Nero confiou o alto comando ao brilhante e experimentado General Tito Flávio Vespasiano, que tanto se havia distinguido na conquista da Bretanha.

Acompanhado por seu filho Tito, caiu sobre a Galiléia pelo norte com três legiões de elite e numerosas tropas auxiliares.

As povoações situadas junto ao Lago de Genesaré, onde poucos decênios antes Jesus havia pregado aos pescadores, assistiram às primeiras carnificinas. Até outubro de 67 já fora invadida toda a Galiléia. Entre a multidão de prisioneiros marchava também Josefo, o general em chefe. Ia acorrentado e, conduzido ao quartel-general por ordem de Vespasiano, assistiu desde então à guerra dos judeus no acampamento do adversário. Seis mil judeus foram conduzidos como escravos a Corinto para a construção do Canal.

Na primavera seguinte prosseguiu a luta para submeter os revoltosos da Judéia. Mas nesse meio tempo chegou uma notícia que interrompeu a campanha: Nero suicidara-se!

Em Roma estourou a guerra civil. Vespasiano aguardou o desenrolar dos acontecimentos. Um após outro, três imperadores perderam a soberania e a vida. Por fim, as legiões tomaram uma atitude: um ano depois da morte de Nero ressoou no Egito, na Síria, na Palestina e por todo o Oriente a aclamação de "Vivat Caesar!" Vespasiano tornou-se soberano do império romano. De Cesaréia, na costa da Palestina, onde recebeu a notícia, ele se dirigiu sem tardança para Roma, deixando a seu filho Tito o último ato da Guerra dos Judeus.

Pouco antes da lua cheia da primavera de 70, Tito encontrava-se com um exército imenso diante de Jerusalém. Por todos os caminhos e estradas avançavam para a cidade colunas como a Judéia nunca



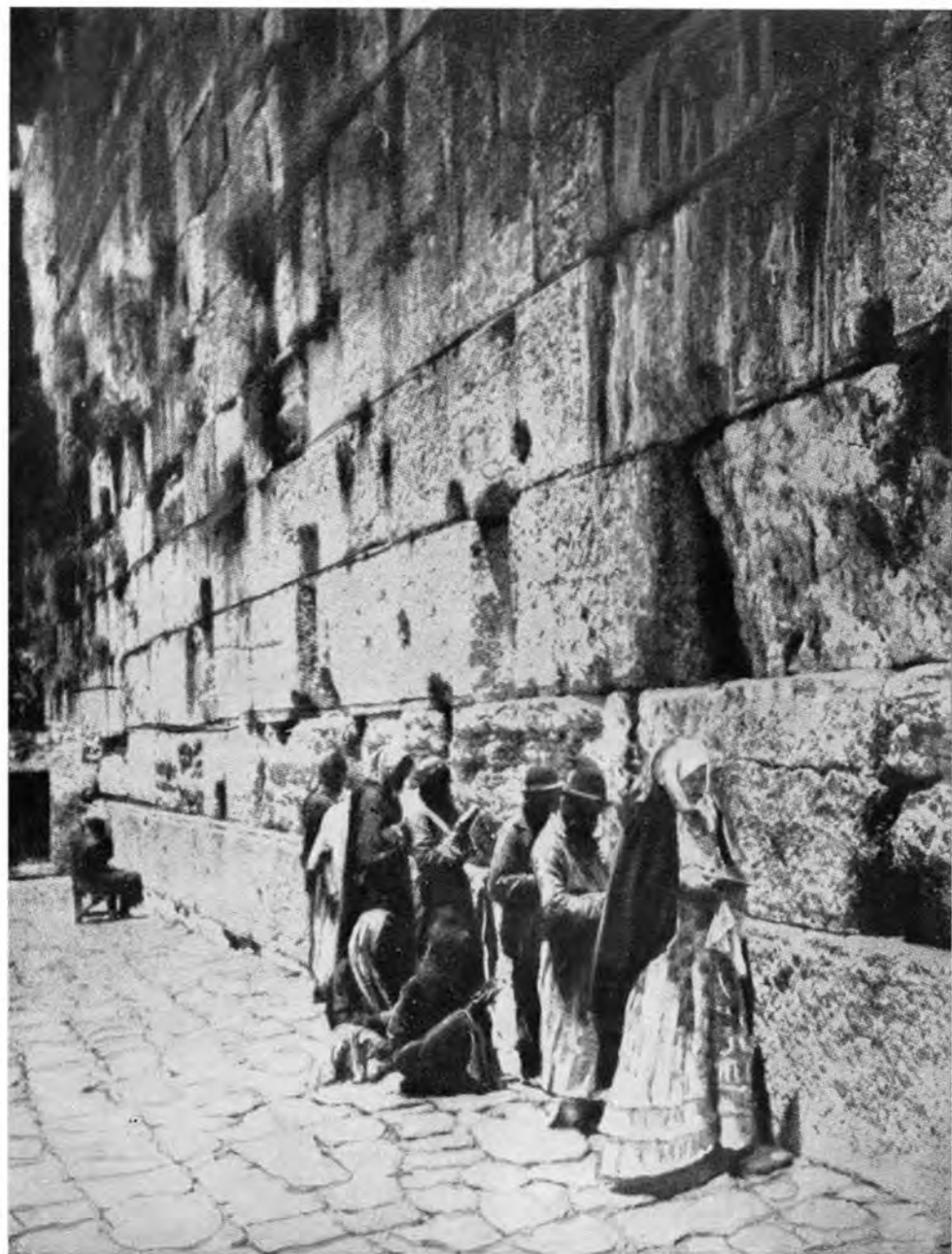
Fig. 75: A técnica de assédio romana empregada na conquista de Jerusalém.

vira. Eram a 5.^a, a 10.^a, a 12.^a, e a 15.^a legiões, seguidas de cavalaria, tropas de sapadores e tropas auxiliares, quase 80.000 homens!

A Cidade Santa fervilhava de gente; peregrinos de perto e de longe acorreram para lá a fim de celebrarem a festa da Páscoa. Mas as pressões eram interrompidas por choques entre os elementos extremos dos zelotes e o partido dos moderados; havia mortos e feridos nas ruas.

Enquanto isso, os romanos estabeleciam seus acampamentos nos arredores. Um ultimato para que se rendessem foi recebido com risos de escárnio. Tito replicou com a ordem de assaltar. A artilharia romana — *scorpiones* (escorpiões: catapultas de tiro rápido) e balistas — foi disposta em ordem de ataque. Cada uma dessas máquinas arremessava pedras de 50 quilogramas de peso a 185 metros de distância! No lado norte os sapadores atacaram o calcanhar de Aquiles da fortaleza. Dos lados sul, este e oeste o baluarte era protegido por encostas escarpadas. O lado norte era, por essa razão, extraordinariamente bem protegido por três poderosas linhas de muralhas. Os arietes e catapultas começaram com grande estrondo e alarido sua obra de destruição nos fundamentos. Só quando as pesadas pedras começaram a cair incessante e estrepitosamente na cidade, quando soava de dia e de noite o ruído surdo dos arietes, terminou a luta fratricida na fortaleza. Os rivais fizeram as pazes. Dos chefes dos partidos Simão bar Giora, o moderado, recebeu o encargo de defender a frente norte, e João de Gischala, o zelote, a de defesa do recinto do templo e da "Antônia".

No princípio de maio as máquinas de assédio tinham feito em duas semanas uma grande brecha no muro setentrional. Cinco dias



No Muro das Lamentações conservam-se os poderosos fundamentos do templo construído por Herodes e onde Jesus se deteve. As nove fileiras inferiores da antiga muralha externa são formadas por gigantescos blocos de pedra entre os quais muitos de $5,5 \times 4,5$ metros. *“Olha, Mestre, que pedras e que construções”* (Marc. 13-1).



Uma reprodução fotográfica do Sudário de Turim (à direita) permite ver no negativo (à esquerda) um rosto humano onde se percebem inchações causadas por pancadas e vestígios de sangue produzidos por espinhos.



O domo existente a sueste da cidade, construído pelos árabes no século VII, depois da conquista de Jerusalém, fica no antigo local onde erigiram o templo, primeiro Salomão, depois Herodes o Grande.

depois os romanos passaram também através da segunda linha de muros. Um contra-ataque resolutivo deu de novo aos sitiados a posse do muro. Os romanos levaram dias para reconquistá-lo. E assim os arredores do norte ficaram de vez em poder dos romanos.

Convencido de que Jerusalém, diante dessa situação, se renderia, Tito suspendeu o assalto. O grandioso espetáculo de uma grande parada de suas tropas à vista dos sitiados deveria, pensou ele, chamá-los à razão.

Os romanos tiraram os seus trajes guerreiros, poliram o mais que puderam os seus uniformes de parada. Os legionários puseram suas couraças, suas cotas de malha, seus elmos. A cavalaria enfeitou seus cavalos com gualdrapas profusamente ornadas e, ao som de trombetas, desfilaram dez mil combatentes diante de Tito e sob os olhos dos sitiados recebiam o soldo e alimento substancioso. Durante quatro dias ressoou de manhã cedo até o pôr do sol a marcha das colunas romanas acostumadas à vitória.

Em vão. Comprimidos em cima do velho muro, no lado norte do templo e em todos os telhados, os homens mostravam apenas hostilidade. Demonstração inútil... os sitiados não pensavam em rendição.

Tito fez uma última tentativa para induzi-los a mudarem de pensar. Mandou o prisioneiro Flávio Josefo, que fora o general em chefe, judeu de Galiléia, até junto dos muros da fortaleza.

A voz de Josefo subiu clara até onde eles estavam:

— Ó homens duros de coração, abandonai vossas armas, tende compaixão de vossa terra, que ameaça cair no abismo. Olhai em redor e vêde a beleza do que quereis atraiçoar. Que cidadel! Que templo! Que presentes de inumeráveis nações! Quem se atreveria a entregar tudo isso à destruição das chamas? Existirá alguém capaz de desejar que tudo isso deixe de existir? Haverá coisa mais preciosa para conservar?... Ó criaturas duras, mais insensíveis do que pedras!"

Com palavras comoventes Josefo lembrou-lhes os grandes feitos do passado, os patriarcas, a história, a missão de Israel. Em vão... Suas exortações e súplicas caíram em ouvidos moucos.

A luta foi renovada, partindo da segunda muralha, dirigida contra a fortaleza Antônia. Através das ruas do arrabalde a frente foi avançando para o recinto do templo e a cidade alta. Os sapadores construíam rampas de assalto com madeira que as tropas auxiliares iam buscar nos arredores. Os romanos serviam-se de todos os meios comprovados da técnica de assédio. Os trabalhos preparatórios sofriam continuamente danos consideráveis causados pelas incansáveis tentativas dos sitiados para destruí-los. Além de desesperadas surtidas, os baluartes de madeira, apenas terminados, eram de novo prêsas das chamas. Com o cair da noite os arredores do acampamento formigavam de vultos que surgiam de esconderijos e passagens subterrâneas ou se arrastavam por cima dos muros.

Tito ordenou represálias contra os esfomeados e os trãsufugas que surgissem no acampamento. Quem quer que fôsse apanhado fora dos muros — trãsufuga, vagabundo ou forrageador — seria pregado na cruz. Diàriamente os soldados pregavam na cruz quinhentos dêles junto da cidade. Pouco a pouco foi surgindo em volta, nas encostas da colina, uma verdadeira floresta de cruzeiros, até que a falta de madeira obrigou a suspender o horripilante suplício.

Uma após outra as árvores foram caindo para fazer cruzeiros, rampas de assédio, escadas de assalto ou fogueiras no acampamento. Quando os romanos chegaram, encontraram uma região florescente. Algum tempo depois haviam desaparecido as vinhas, as plantações de hortaliças, a riqueza em figueiras e oliveiras; nem o Monte das Oliveiras dava mais sombra. Através da região desolada e nua pairava um fétido insuportável. Junto das muralhas amontoavam-se aos milhares os cadáveres dos que tinham morrido de fome e dos guerreiros caídos em combate, jogados dos parapeitos pelos sitiados. Quem poderia sepultá-los segundo o costume antigo?

“Nenhum estrangeiro que tivesse visto a antiga Judéia e os encantadores arrabaldes de sua capital e visse agora aquela desolação poderia conter as lágrimas e a aflição diante de modificação tão espantosa”, lamentou Flávio Josefo. “Pois a guerra havia transformado toda aquela beleza num deserto. E quem quer que tivesse visto antes êstes lugares e de repente os tornasse a ver não seria capaz de os reconhecer sequer.”

A fim de isolar a cidade hermeticamente, Tito ordenou a construção duma *circumvallatio*. Revezando-se de dia e de noite, as tropas construíram, num vasto arco em redor de Jerusalém, um alto e forte muro de terra, reforçado por 13 construções fortificadas e vigiado por uma espessa cadeia de postos. Se até então os sitiados ainda podiam, durante a noite, furtivamente, através de túneis e fossos, levar algumas provisões para a cidade, a circunvalação impediu também êsse último e escasso reabastecimento.

O espectro da fome apoderou-se da cidade superpopulada pelos peregrinos; a morte fazia uma colheita terrível. A ânsia de comer fôsse o que fôsse não conhecia mais limites, matava qualquer outro sentimento humano.

“A fome, cada vez mais insuportável, aniquilava famílias inteiras entre o povo. Os terraços estavam cheios de crianças e mulheres desfalecidas, as ruas juncadas de velhos mortos. Crianças e jovens, cambaleantes, erravam como fantasmas pela cidade até que caíam. Tão esgotados estavam que não podiam mais enterrar ninguém e caíam sobre os próprios mortos ao enterrá-los. A miséria era indizível e apenas surgia em algum lugar a simples sugestão de qualquer coisa comestível, começava logo uma luta para apoderar-se dela, e os melhores amigos lutavam entre si, arrancavam uns aos outros as coisas mais miseráveis. Ninguém acreditava que os moribundos não tivessem al-

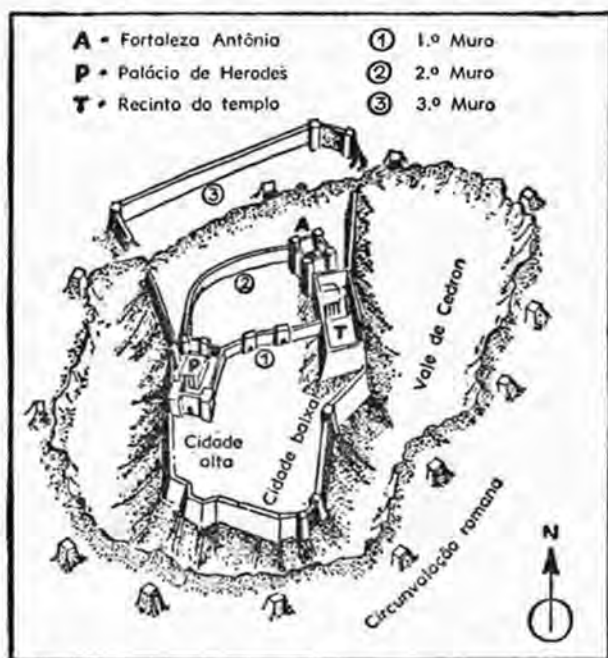


Fig. 76: Jerusalém durante o cerco de Tito, em 70 d. C.

gum alimento. Os ladrões se atiravam aos que jaziam nas últimas e revistavam-lhes as roupas. Esses ladrões andavam por um lado e para o outro batendo às portas das casas como ébrios. Em seu desespero batiam freqüentemente duas ou três vezes num dia à mesma porta. Sua fome era tão insuportável que os forçava a mastigarem tudo o que encontravam. Apanhavam coisas que nem mesmo os animais comuns tocavam sequer e muito menos comiam. Havia muito que tinham começado a roer seus cinturões e sapatos e até mesmo o couro dos casacos. Muitos até feno velho comiam, e havia outros que reuniam talos de erva e vendiam um insignificante pêsco dela por quatro dracmas áticas... Mas por que descrevo estas vergonhosas indignidades a que a fome reduziu os homens, levando-os a comerem coisas tão inaturais?" pergunta Flávio Josefo em sua obra sobre a guerra dos judeus.

"Porque escrevo sobre um acontecimento semelhante ao qual nenhuma história conta, nem entre os gregos nem entre os bárbaros. É horrível falar a respeito e inacreditável para quem o ouve. De bom grado, com efeito, eu passaria por alto esta nossa calamidade para não adquirir fama de transmitir uma coisa que parecerá tão indigna à posteridade. Mas houve muitos testemunhos de vista no meu tempo.

Além disso, o meu país teria pouco motivo para me agradecer se silenciasse a miséria que sofreu nesse tempo.”

Josefo, cuja própria família sofreu com os sitiados, não recuou nem mesmo diante dum episódio desumano que prova que o desespero da fome já começava a turvar a razão dos israelitas.

Os zelotes percorriam as ruas em busca de alimento. Duma casa saía cheiro de carne assada. Os homens penetraram imediatamente na habitação e pararam diante de Maria, filha da nobre família Bet-Ezob, extraordinariamente rica, da Jordânia oriental. Maria tinha ido como peregrina a Jerusalém para a festa da Páscoa. Os zelotes ameaçaram-na de morte se não lhes entregasse o assado. Perturbada, a mulher estendeu-lhes o que lhe pediam, e eles viram, petrificados, que era um recém-nascido meio devorado — o próprio filho de Maria.

Não tardou que toda a cidade soubesse do caso; mais ainda, a notícia transpôs os muros e chegou ao acampamento romano. Tito jurou que cobriria essa ação infame com as ruínas de toda a cidade.

Muitos fugiam à morte pela fome a coberto da escuridão e iam sofrer sorte igualmente terrível nas mãos do exército. Entre as tropas auxiliares espalhara-se o rumor de que os fugitivos sempre levavam consigo ouro e pedras preciosas, que engoliam na esperança de que não caíssem em poder dos estrangeiros. Apanhados, os fugitivos eram mortos sem saber por quê e indivíduos ávidos abriam-lhes o corpo. Assim encontraram a morte dois mil só numa noite. Tito ficou enfurecido; sem piedade mandou a sua cavalaria dizimar toda uma unidade de tropas auxiliares e uma ordem do dia estabeleceu a pena de morte para esse crime. Mas não adiantou muito; a chacina continuou secretamente.

Dia e noite, entretanto, os aríetes martelavam no arrabalde de Jerusalém. Eram aplicadas novas rampas de assalto. Titourgia os seus homens. Queria terminar com o pesadelo o mais depressa possível.

No princípio de julho seus soldados tomaram de assalto a “Antônia”. O castelo em cujo *lithóstratos* (1) fôra sentenciado Jesus de Nazaré foi arrasado até aos alicerces. Seus muros confinavam com a parede norte do templo.

Chegou a vez do conjunto do templo, aquela poderosa e fortíssima construção, com galerias, balaustradas e pátios. O comandante supremo reuniu em conselho seus oficiais. Muitos eram de opinião que o templo devia ser tratado como uma fortaleza. Tito foi contra. Ele queria fazer todo o possível para poupar o famoso santuário, conhecido em todo o Império Romano. Por meio de arautos propôs aos sitiados se renderem sem combate. A resposta foi de novo negativa. Só então Tito dirigiu seus assaltos contra o sagrado recinto.

Uma saraivada de pedras pesadas e uma chuva incessante de flechas começaram a cair sobre os pátios. Os judeus lutavam como posses e não cediam. Confiavam em que no último momento Jeová

(1) Veja pág. 313.

acorreria em seu auxílio e salvaria o santuário. Mais de uma vez os legionários, servindo-se de escadas, galgaram as muralhas. Outras tantas foram repelidos. As catapultas e os aríetes revelaram-se impotentes contra os muros. Era impossível demolir aqueles blocos enormes de cantaria assentes no tempo de Herodes. Para forçar uma entrada, Tito mandou incendiar as portas de madeira do templo.

Apenas as portas ficaram queimadas, deu instruções para que as chamas fôssem apagadas a fim de abrir passagem para o assalto dos legionários. A ordem de Tito para o ataque dizia que "poupassem o santuário". Mas o fogo, durante a noite, havia chegado até ao peristilo, e os romanos tiveram de concentrar todos os seus esforços na tarefa de apagar as chamas. Os sitiados aproveitaram êsse momento propício para um ataque violento. No inesperado combate os legionários repeliram os judeus, fizeram-nos retroceder e perseguiram-nos através dos pátios. No tumulto selvagem que se estabeleceu os combatentes incendiaram o santuário. Excitado e exaltado, "um soldado apanhou uma tocha, sem esperar qualquer ordem e sem se horrorizar com o seu ato, ou antes impellido por algum demônio, e, levantado por um camarada, jogou o fogo através da "janela dourada" que dava para as câmaras contíguas ao sacrário."

Essas câmaras eram revestidas de madeira velha e continham, juntamente com substâncias facilmente inflamáveis para os sacrifícios, recipientes com óleo bento. A chama das tochas encontrou imediatamente rico alimento. Tito viu as chamas subirem e tentou impedir a propagação do incêndio.

"Então César ⁽¹⁾ deu ordem de apagar o incêndio gritando para os soldados que combatiam e, ao mesmo tempo, fazendo sinal com a mão direita. Mas os soldados não ouviram o que êle dizia, embora êle gritasse bem alto... E como César não estava em condições de refrear o furor dos soldados e o fogo avançava cada vez mais, foi com seus comandantes ao sagrado recinto do templo ver o que havia... As chamas ainda não haviam atingido as câmaras internas, tendo consumido somente as exteriores em redor da casa santa. Com efeito, Tito compreendeu que o templo propriamente dito ainda podia ser salvo, e fêz todo o possível para persuadir os soldados a apagarem as chamas, dando ordem ao centurião *Liberalius* e a um dos membros da sua guarda pessoal para que açoitassem com paus os soldados e os refreassem. Mas por maior que fôsse o seu entusiasmo por César e o mêdo que tinham de desobedecer-lhe, o seu ódio aos judeus e a sua vontade de lutar contra êles eram igualmente grandes.

Além disso, muitos eram impellidos pela esperança de saque. Vendo que tudo em seu redor era de ouro puro, pensavam que muitas daquelas câmaras interiores estavam cheias de ouro... E assim queimaram todo o templo sem o consentimento de César."

(1) Tito tornou-se imperador romano no ano 79.

Em agosto do ano 70 os legionários romanos implantaram suas insígnias no recinto sagrado dos judeus e sacrificaram nêle. Embora metade de Jerusalém estivesse nas mãos do inimigo, embora, fadidamente, colunas de fumo negro subissem do templo em chamas, os zelotes não se entregaram.

João de Gischala escapou com uma grande multidão do recinto do templo para a cidade alta, na colina ocidental. Outros fugiram para o palácio de Herodes, com suas torres fortes. De novo os sapadores, a artilharia e as máquinas de demolição de Tito puseram em ação a sua brilhante técnica de assédio. Em setembro também êsses muros foram abatidos, foi conquistado o último baluarte. A resistência estava definitivamente vencida.

Assassinando e saqueando, os vencedores tomaram posse da cidade que lhes opusera resistência tenaz e encarniçada e que tanto sangue e tempo lhes havia custado. “César ordenou que toda a cidade e o templo fôssem arrasados. Deixou apenas de pé as torres Fasaél, Hí-pico e Mariame e uma parte do muro da cidade no lado ocidental. As torres foram utilizadas como alojamento para a guarnição que aí ficou.”

A legião que permaneceu sessenta longos anos guarnecendo aquele lugar desolado usava a insígnia “Leg XF”, que significava “Legio X. Fretenis”. O seu posto na pátria era *fretum Siciliense*, a “via de Sicília”. Eles deixaram ali e por toda Jerusalém milhares e milhares de sinais de sua presença. Até hoje jardineiros e lavradores continuam encontrando na terra, de vez em quando, pequenos quadrados de barro com o número da legião e os emblemas da galera e do javali.

As perdas dos judeus foram incalculavelmente elevadas. Durante o sítio encontravam-se na cidade, segundo os dados de Tácito, 600.000 pessoas. Flávio Josefo dá o número de 97.000 prisioneiros, não incluídos os crucificados e chacinados, e acrescenta que só por uma porta foram retirados no espaço de três meses 115.800 cadáveres de judeus.

No ano 71 Tito mostrou aos romanos a grandeza de sua vitória sobre Jerusalém com um imenso desfile triunfal. Entre os 700 prisioneiros que faziam parte do cortejo encontravam-se a ferros João de Gischala e Simão bar Giora. Com grandes manifestações de júbilo eram conduzidos também dois despojos preciosos, de ouro puro — o candelabro de sete braços e a mesa de exposição do pão do templo de Jerusalém. Foram depositados em outro lugar sagrado — o templo da Paz em Roma. Êsses dois objetos de culto ainda se podem ver no grandioso arco de Tito, erigido para comemorar essa campanha vitoriosa.

Sôbre as ruínas desoladas e sem esperança, onde nem os judeus nem os adeptos de Cristo podiam pisar, o imperador Adriano ⁽¹⁾ construiu uma nova colônia romana: *Aelia Capitolina*. A vista duma colônia estrangeira no solo sagrado dos judeus deu motivo a uma nova rebelião. Júlio Severo foi chamado a Judá de seu comando na Bretanha e sufocou, numa campanha que durou três anos, a última tentativa desesperada feita pelos judeus para reconquistarem a liberdade. O imperador Adriano mandou construir ali mais um hipódromo, duas casas de banhos e um grande teatro. Sôbre as massas de entulho do santuário judeu erguia-se, como por escárnio, um monumento a Júpiter, e no lugar onde, segundo a tradição cristã, se encontrava o túmulo de Cristo, peregrinos de terras estrangeiras subiam os degraus dos terraços que conduziã ao santuário duma divindade pagã, a deusa Vênus!

A maior parte da população da Terra Prometida que não morreu na sangrenta Guerra dos Judeus de 66 a 70 ou no levante de Bar-Kochba de 132 a 135 foi vendida como escrava: *"E cairão ao fio da espada, e serão levados cativos a tôdas as nações."*

Dos anos posteriores a 70 os arqueólogos não encontraram na Palestina mais nada que indicasse uma construção de Israel, nem mesmo uma lápide tumular com uma inscrição judaica. As sinagogas foram demolidas e até da casa de Deus da tranqüilla Cafarnaum ficaram apenas ruínas. A mão implacável do destino riscara o nome de Israel do concôrto dos povos.

Mas a doutrina de Jesus, unificadora e revitalizante, tinha há muito iniciado sua marcha vitoriosa e irresistível através do mundo.

(1) 117-138 d. C.

APÊNDICE

HAJA LUZ

A história da criação à luz da ciência moderna. — Os pesquisadores calculam o “princípio”. — O Universo em expansão. — A fuga das nebulosas espirais. — Sobre a idade da nossa crosta terrestre. — Há de cinco a dez bilhões de anos. — Um discurso do Papa Pio XII.

No principio criou Deus o céu e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre as águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz (Gen. 1-1 a 3).

O conceito de “Era do progresso” reúne em si uma espantosa profusão de invenções, aperfeiçoamentos e descobertas.

O espírito incansável de pesquisa conseguiu a desintegração da matéria. As terríveis nuvens de fumo em forma de cogumelo das explosões atômicas tornaram-se um espetáculo quase corriqueiro. Os aparelhos eletrônicos substituem centenas de matemáticos, engenheiros de construção e empregados de escritório. *Robots* dirigem o funcionamento de fábricas completamente automatizadas. Há muito tempo que se trabalha nos planos de construção de um satélite da terra, e o fato de que, dentro de poucos anos talvez seja possível a uma nave interplanetária fazer a primeira viagem através do espaço já não surpreende o homem da rua.

Quando fala de progresso, a maioria dos homens se refere principalmente ao progresso técnico. Mas os progressos verdadeiramente revolucionários tiveram lugar nos novos conhecimentos e descobertas no reino da Física e da Matemática, da Astronomia e em muitas outras disciplinas da Ciência. Capazes de modificar de maneira decisiva o velho aspecto do mundo, abriram perspectivas nunca antes sonhadas sobre o Universo, tanto no mundo do pequeno, o microcosmo, como no mundo do grande, o macrocosmo.

Na Era do Progresso achou-se também a resposta para uma pergunta que tem comovido profundamente a humanidade desde os primórdios, a primitivíssima questão da origem da nossa Terra e do Universo. E eis o que surpreende: a resposta da Ciência concorda em sua essência com a imagem maravilhosa da história bíblica da Criação!

“Como têm sido e serão sempre inúteis tôdas as tentativas para fazer concordar a história da criação bíblica com os resultados da Ciên-

cia Naturali” escreveu em 1902 o sábio alemão Prof. Delitzsch em sua obra “Babel e a Bíblia”. E êle não era o único que sustentava tal opinião; o que fêz foi expressar apenas a opinião da Ciência do seu tempo.

Hoje, cinco decênios depois, êsse ponto de vista já foi superado e as novas perspectivas e conhecimentos conquistados pela ciência mostram-se de tal modo inabaláveis que a própria Igreja não mais os despreza. Em Roma, que noutro tempo condenou Copérnico e Galileu, acontece o que outrora seria inaudito: o mais alto dignitário da Igreja Católica fala sobre a história da Criação à luz da Ciência moderna. Perante a Academia Pontifícia de Ciências de Roma o Papa Pio XII confrontou, num discurso sensacional, os novos resultados da pesquisa com a narrativa bíblica da Criação.

“Quando o cientista considera o futuro do mundo do estado em que atualmente se encontra, reconhece no macrocosmo e no microcosmo a idade do mundo. No decurso de bilhões de anos a massa aparentemente inesgotável de núcleos atômicos perde a sua energia disponível. A matéria assemelha-se, por assim dizer, a um vulcão extinto formado de escórias. Se, pois, o mundo atual, que é cheio de ritmo e vida palpitante, não possui em si base de existência suficiente, muito menos a devia ter aquêlê mundo do passado sobre o qual passara a asa da morte.

Quanto mais se recua no passado, mais rica é a matéria em energia livre e cenário de maiores convulsões cósmicas. Tudo indica, pois, que o mundo material, contendo quantidades de energia inimaginavelmente grandes, deve ter tido, em determinado tempo, um começo prodigioso. É, portanto, natural que se apresentem à razão duas perguntas espontâneas: Pode a ciência saber quando se deu êsse prodigioso começo do Mundo? E como era o estado primordial do Mundo?

A fim de examinar estas questões — que, naturalmente, só podem significar uma ordem de grandezas aproximada — a ciência dispõe de diferentes meios que, embora bastante independentes entre si, no resultado final são convergentes. Êstes meios são, em linhas gerais, os seguintes:

1.º — O movimento de afastamento das nebulosas espirais ou sistemas galácticos entre si: O estudo das inúmeras nebulosas espirais, levado a efeito especialmente por Edwin E. Hubble no observatório de Mount Wilson, trouxe como resultado a conclusão de que êsses sistemas galácticos imensamente longínquos tendem a afastar-se uns dos outros e a tal velocidade que a distância entre duas de tais nebulosas duplica em cerca de 1.300 milhões de anos. Dêste processo do *Expanding Universe* resulta que, num dado momento, que pode ter sido de um a dez bilhões de anos atrás, a matéria de tôdas as nebulosas espirais estêve comprimida num espaço relativamente limitado.

2.º — A idade da crosta sólida da Terra: A fim de calcular a idade das substâncias originariamente radiativas, tomam-se os dados razoà-

velmente aproximados da transformação do isótopo do urânio 238 em um isótopo de chumbo (RaG), do urânio 235 em actínio D (AcD) e do isótopo do tório 232 em tório D (ThD). A quantidade de hélio que daí resulta pode servir de contróle. Dêsse modo se chega à conclusão de que a idade média dos minerais mais antigos atinge no máximo cinco bilhões de anos.

3.º — A idade dos meteoritos: Este mesmo método aplicado aos meteoritos para deduzir a sua idade dá mais ou menos o mesmo número de cinco bilhões de anos. Tal resultado tem uma significação muito especial, porquanto hoje se admite geralmente que os meteoritos são de origem interestelar.

4.º — A estabilidade das estrêlas duplas e das aglomerações de estrêlas: As oscilações gravitacionais a que estão sujeitos êstes sistemas (de fora), semelhantes aos das marés, colocam sua estabilidade também dentro das fronteiras de cinco a dez bilhões de anos.

Os números poderão causar assombro, mas até mesmo para o crente mais simples não têm outro significado que o das primeiras palavras do Gênesis: *No princípio*, que significam o princípio das coisas no tempo. Estas palavras da Escritura dão aos algarismos da Ciência uma expressão concreta e, ao mesmo tempo, matemática.

Com igual empenho e liberdade de pesquisa e conhecimento, os sábios se dedicaram a outra questão, certamente ainda mais difícil: a questão do estado e das propriedades da matéria primitiva.

Quem analisar sèriamente êstes problemas, na base dos conhecimentos científicos modernos, abandonará a idéia duma matéria inteiramente independente e autóctone, incriada ou criada por si mesma, e chegará à representação dum espírito criador. Com a mesma visão clara e crítica com que julga os fatos, êle reconhece a obra dum ser criador todo-poderoso, cuja fôrça, posta em movimento há bilhões de anos por um prodigioso "Fiat" do espírito criador, se distribuiu por todo o universo e, com ato de amor, deu origem à matéria transbordante de energia. A Ciência moderna parece ter conseguido transpor uma distância de milhões de séculos e testemunhar aquêle primeiro "Fiat Lux" ("*Haja luz*") quando, com a matéria, surgiu do nada um mar de luz e radiação, enquanto as partículas dos elementos químicos se desagregavam e se uniam novamente em milhões de sistemas galácticos.

É bem verdade que, para a Criação no tempo, os fatos até agora comprovados não oferecem nenhuma prova tão absoluta como os argumentos da Metafísica e da revelação, no que diz respeito à Criação em si, e da revelação, no que se refere à Criação no tempo. Os fatos das Ciências Naturais exigem pesquisas e confirmações mais amplas, e as teorias nelas baseadas, de um desenvolvimento maior e de novas provas, a fim de oferecerem uma base segura para uma argumentação

que, em si, se encontra fora do reino das Ciências Naturais. De qualquer modo, é do mais alto valor que as modernas Ciências Naturais considerem a idéia duma Criação do Universo perfeitamente condizente com a sua concepção científica, e isto com base na própria pesquisa.

Há poucos decênios tal hipótese seria rejeitada como inteiramente irreconciliável com o estado contemporâneo da Ciência. Ainda no ano de 1911 declarou o famoso físico Svante Arrhenius: "A opinião de que algo possa surgir do nada está em contradição com o estado atual da Ciência, que estabelece que a matéria é imutável."

Como é diferente e mais fiel à realidade a imagem expressa nas palavras de um notável cientista! Diz Sir Edmund Wittaker relativamente às pesquisas sobre a idade do Mundo: "Os diferentes cálculos convergem na conclusão de que houve um tempo, entre um e dez bilhões de anos atrás, em que o Mundo, se existia, existia duma maneira inteiramente diferente das coisas hoje conhecidas. Esse tempo representa para nós a fronteira mais distante da Ciência. Podemos indicá-lo com acerto como o tempo da criação do Mundo e que constitui o fundo para a concepção do mundo tal como os fatos geológicos a ela nos induzem, isto é: cada um dos organismos existentes na terra teve o seu princípio no tempo" (1).

Que significação tem, pois, a Ciência moderna para a prova da existência de Deus, baseada no fato da mutabilidade do Cosmos? Por meio de pesquisas exatas e minuciosas nos reinos do macrocosmo e do microcosmo, a Ciência alargou e aprofundou amplamente a base empírica desta prova. Do fato da mutabilidade se deve concluir o da existência dum *Ens a se*, imutável por natureza. A ciência acompanhou até grande distância o curso e a direção do desenvolvimento cósmico e reconheceu seu fim necessário, como reconheceu seu princípio há cinco bilhões de anos. Assim ela confirmou as contingências e as conclusões provadas com asserções físicas concretas de que naquela época o mundo saiu da mão do Criador.

A Criação no tempo: isso significa um Criador, significa Deus! Esta declaração — embora não seja uma declaração expressa e conclusiva — era o que nós pedíamos à Ciência, e esta declaração é o que espera hoje da Ciência a humanidade. É a palavra da observação madura e clara dum único aspecto do Universo, isto é, de sua mutabilidade. Mas este aspecto basta para que toda a humanidade — coroamento e expressão racional do macrocosmo e do microcosmo — se lembre de seu Criador, que reconheça sua ação no espaço e no tempo e caia de joelhos em adoração diante de sua sublime Majestade."

Que mudança tão incompreensível! Até dentro do século XX não havia, por falta de requisitos, qualquer hipótese científica sobre a origem do Universo, o que, entretanto, não quer dizer que não houvesse quem se preocupasse seriamente, há muito tempo já, com a solução

(1) Space and Spirit, 1946, pág. 118.

do grande enigma. Com efeito, julgava-se até poder contar com dados concretos.

Em 1654 o bispo de Usher da Irlanda declarou que a Criação tivera lugar às nove horas da manhã de 26 de outubro do ano 4004 antes do nascimento de Cristo, segundo se concluía dum estudo rigoroso da Sagrada Escritura. Durante mais de um século esta data precisa foi considerada autêntica. Quem sugerisse uma época anterior, seria acusado de herege.

A pesquisa moderna calculou o período de tempo decorrido desde a origem do Universo. Com o discurso de Pio XII, a mais alta autoridade da Igreja Católica aceitou êsse cálculo.

OS ROLOS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

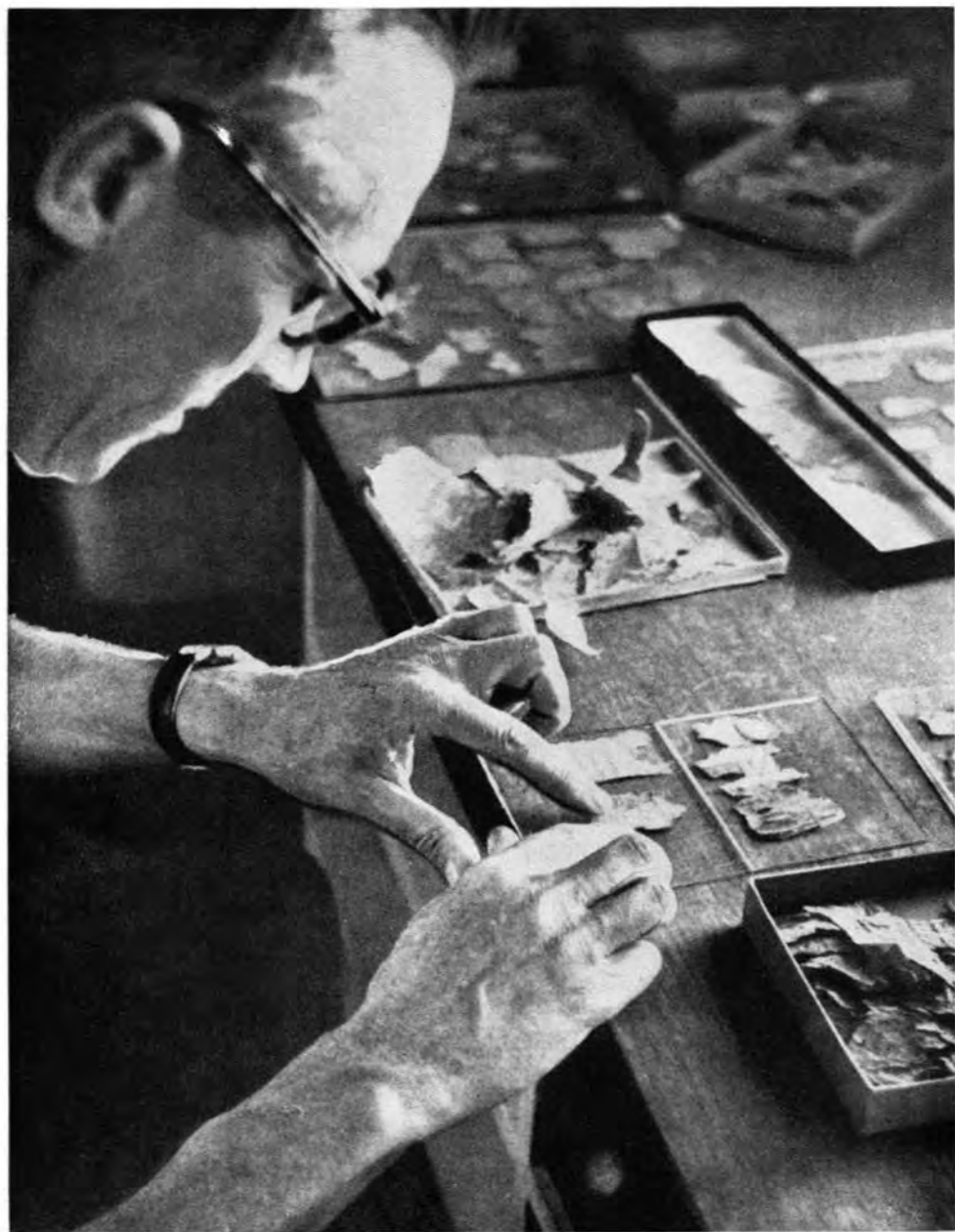
Uma ovelha desgarrada. — Os rolos manuscritos do Mar Morto. — Harding e de Vaux no Wadi Qumran. — O Arcebispo Samuel vai a Chicago. — Físicos nucleares ajudam a determinar as datas. — A prova do linho no "relógio atômico". — Um livro de Isaías com 2.000 anos. — Rolos das escrituras dos profetas da época de Jesus. — Onda misteriosa de documentos. — No vale dos túmulos negros. — Concordância dos textos através de dois mil anos.

Secou-se o feno, e caiu a flor; mas a palavra de nosso Senhor permanece para sempre (Isa. 40-8).

Com Muhammad Dib, pastor beduíno da tribo dos Ta'amireh, aconteceu coisa semelhante ao que se deu com o jovem Saul, que saiu à procura das jumentas de seu pai e ganhou um reino (I Reis 9-10). Num belo dia de verão do ano de 1947 Muhammad saiu à procura duma ovelha desgarrada pelas ravinas rochosas da costa norte do Mar Morto e encontrou, sem o saber, um verdadeiro tesouro real da tradição bíblica.

Havia já muitas horas que vagueava em vão pelos acidentados desfiladeiros que serviam de abrigo a ascetas e sectários e, com bastante frequência, também a bandidos, quando numa encosta rochosa do Wadi Qumran acima de si divisou uma fenda escura. Teria a ovelha tresmalhada corrido para ali? Uma pedra bem jogada zuniu pelo ar. Em vez do esperado ruído seco, entretanto, veio do buraco um surdo estridor. Aterrado, Muhammad Dib fugiu dali e foi buscar dois de seus companheiros de tribo. Com muito cuidado eles se aproximaram da fenda e se introduziram finalmente por ela. Depois que sua vista se acostumou à obscuridade, lobrigaram no interior da pequena caverna alguns cântaros de barro. Um tesouro! pensaram, e rapidamente se atiraram aos cântaros e os quebraram. Mas — que decepção! — não continham jóias, nem ouro, nem moedas. Aos olhos dos pastores apareceram apenas moles rolos de pergaminho e papiro, envoltos em panos de linho. Contrariados, jogaram fora o achado e chegaram até a destruir muitos deles. Mas de repente farejaram um possível negócio. De qualquer modo, levaram consigo alguns dos rolos mais bem conservados, pensando que talvez pudessem vendê-los. E os velhos documentos iniciaram uma extraordinária peregrinação.

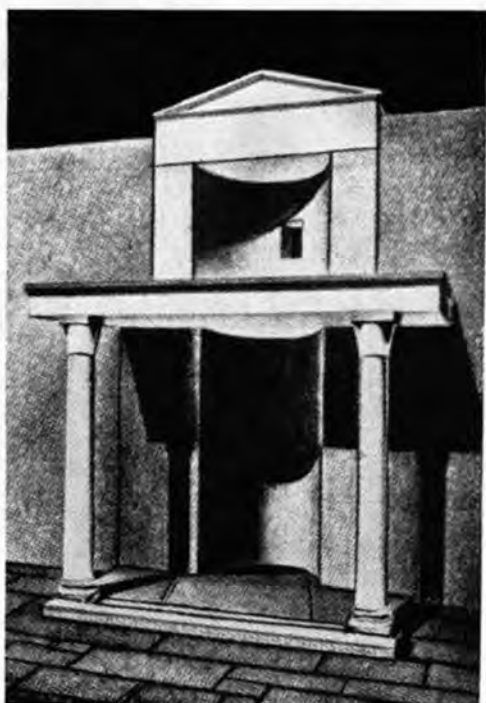
Contrabandeados para Belém, foram parar, através do mercado negro, nas mãos de antiquários. Colecionadores judeus e árabes adquiri-



Em Jerusalém o Prof. G. Lankester Harding reuniu os fragmentos do Antigo Testamento do tempo de Cristo, descoberto em 1949 numa caverna perto do Mar Morto.



Da antiga Gerasa, no curso superior do Rio Jabbok, na Jordânia oriental, restam as altas colonatas dum foro. No tempo de Cristo numerosas cidades dum e do outro lado do Jordão apresentavam um cunho genuinamente grego, com seus templos, anfiteatros e estádios.



Uma coluna sob o altar da Basilica de S. Pedro, a qual devia ter pertencido ao "troféu" do túmulo de S. Pedro (reconstrução à direita).

ram algumas peças, um pacote de rolos passou, por um punhado de moedas, para o arcebispo ortodoxo de Jerusalém, Yeshue Samuel. O arcebispo só teve uma idéia do precioso tesouro que havia adquirido quando alguns peritos da *American School of Oriental Research* fizeram uma visita ao mosteiro de S. Marcos, onde os documentos eram conservados. Logo ao primeiro exame os arqueólogos perceberam que se tratava de documentos bíblicos extraordinariamente antigos. Entre eles encontrava-se um rôlo de sete metros de comprimento com o texto do livro de Isaías sem lacunas, em hebraico. Uma breve notícia do achado publicada por um dos americanos provocou enorme espanto entre os seus colegas de todo o mundo. A resposta à pergunta que surgiu imediatamente sobre a idade exata dos pergaminhos e dos papiros dependia do lugar do achado.

Com grande dificuldade e paciência foi sendo traçado, passo a passo, o caminho percorrido pelos documentos, através dos antiquários e do mercado negro de Belém, até os árabes da tribo de Ta'amireh e, finalmente, até à caverna do Wadi Qumran. O acesso à caverna foi, entretanto, proibido, porque, após a proclamação do novo Estado de Israel em 1948, estourou a guerra árabe-judaica e toda a Palestina estava em torvelinho.

A perseverança dum observador da ONU belga em Jerusalém ajudou finalmente a aplanar todas as dificuldades. O Capitão Philippe Lippens havia estudado documentos manuscritos na universidade medieval de Louvain. No fim de 1948 tomou contato com o inglês Gerald Lankester Harding, diretor de Antiguidades na capital jordânica de Aman. Graças aos seus esforços conjuntos, conseguiram interessar pela caverna do achado os oficiais da Legião árabe. Para eles os 50 quilômetros de Aman ao Wadi Qumran significavam apenas uma pequena viagem de jipe. Após algumas buscas infrutíferas, encontraram por fim a caverna certa entre diversas outras. A entrada ficou sob a vigilância de guardas até que, em fevereiro de 1949, G. L. Harding e o padre dominicano Roland de Vaux, diretor da *École Biblique et Archeologique* francesa de Jerusalém, puderam ir ao local.

Mas ficaram decepcionados; não encontraram rolos manuscritos completos nem vasilhas intatas. Tudo indicava que, nesse ínterim, outros haviam revistado a caverna por sua própria conta. Com uma paciência verdadeiramente beneditina, os dois investigadores esgaravatarem o solo com as mãos à procura dos restos mais insignificantes de manuscritos ou fragmentos de barro. Estes, reunidos por eles, permitiram pelo menos chegar a uma conclusão importante: que eram de origem hele-nístico-romana, do período de 30 a. C. a 70 d. C. Seiscentos pequenos fragmentos de pergaminho e papiro permitiam reconhecer ainda anotações manuscritas do 1.º e do 5.º Livros de Moisés e do Livro dos Juizes, em hebraico. Pedacinhos do tecido de linho que servira para envolver os rolos completaram a magra coleta.

A convite dos americanos, o Arcebispo Yeshue Samuel viajou para os Estados Unidos, no verão de 1949, com seus preciosos rolos, deixando-os no Instituto Oriental de Chicago para exame. Entre os peritos levantou-se uma animada polêmica sobre a autenticidade dos documentos. Para acabar com ela, um deles propôs um meio até então nunca utilizado pela Arqueologia, isto é, o de recorrer ao conselho dum cientista atômico. Isso foi extremamente fácil porquanto a Universidade de Chicago ficava perto do Instituto Oriental, onde os físicos nucleares haviam começado a determinar a idade das substâncias orgânicas com o auxílio do tubo de Geiger. O Prof. Willard F. Libby tinha à mão no Instituto de Física Nuclear de Chicago suas primeiras fixações de idade assombrosamente precisas, obtidas com o “calendário atômico”, aperfeiçoado por êle.

Esse método tem por base o seguinte raciocínio: em virtude do bombardeamento dos raios cósmicos que, vindos do espaço, penetram incessantemente na atmosfera da Terra, o azoto transforma-se no isótopo radioativo de carbônio C-14. Todo ser vivo — homem, animal, planta — absorve diariamente, durante a vida inteira, C-14, com a comida e o ar que respira. No decurso de 5.600 anos, êsse carbônio perde a metade de sua radiatividade primitiva. Em toda substância orgânica morta é possível verificar, com um aparelho Geiger altamente sensível, quanta força irradiante perdeu o C-14 nela contido. Pode-se calcular assim quantos anos há que deixou de absorver carbônio pela última vez.

O Prof. Libby foi encarregado de realizar a pesquisa. Tomou um pedaço do linho em que estava envolvido o rôlo do Livro de Isaías, carbonizou-o, introduziu-o numa bateria de tubos Geiger e obteve um resultado surpreendente. O tecido era de linho colhido no tempo de Cristo! Os documentos nêle contidos deviam ser, pois, duma data ainda mais antiga. Depois de pesquisas minuciosas e demoradas, os estudiosos da escritura chegaram a conclusão idêntica. Com efeito, o texto de Isaías encontrado na caverna de Qumran, como o Prof. W. F. Albright também desta vez tinha sido o primeiro a concluir, fôra escrito por volta do ano 100 a. C.!

Esta descoberta constitui algo mais do que uma simples sensação científica. A fim de podermos avaliar em toda a sua extensão os manuscritos do Mar Morto, devemos saber que o texto da Bíblia hebraica mais antigo que possuíamos — o texto massorético (do hebraico *mas-sora*, tradição), composto por sábios escribas rabínicos — data apenas do nono ao décimo século da nossa era. São anteriores a êle a tradução grega dos Setenta e a Vulgata latina de S. Jerônimo (século IV). O nosso conhecimento dos textos bíblicos baseia-se até agora unicamente nesta duas traduções e naquela redação hebraica muito posterior. Com o rôlo de Isaías achado no Mar Morto em 1947 possuímos de agora em diante um texto hebraico da Bíblia cerca de 1.000 anos mais antigo. Uma circunstância extraordinária e feliz é que o velho rôlo de Isaías tem exatamente 66 capítulos como o livro do

profeta impresso em hebraico, grego, latim, alemão e em outras línguas e concorda textualmente com a redação atual.

Dezessete fôlhas de pergaminho, cosidas umas nas outras, perfazendo sete metros de comprimento, tal devia ser o livro do profeta que foi entregue a Jesus na sinagoga de Nazaré a fim de que o lesse para a comunidade. "*E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías*" (Luc. 4-16, 17). "Os movimentos das mãos de Jesus estão agora mais próximos de nós", escreve o Prof. André Parrot, "pois na parte de trás do pergaminho ainda se vêem os vestígios deixados pelos dedos dos leitores."

O surpreendente é que novas pesquisas no Wadi Qumran resultaram no encontro de grande número de cavernas com restos de manuscritos. Por exemplo, na "Caverna n.º 4" descobriram-se fragmentos de umas trezentas obras diferentes.

Perto das cavernas encontraram-se os restos de uma colônia da seita judia dos "essênios" nos quais foram achadas moedas do tempo dos procuradores romanos (1) até à Guerra dos Judeus (2). Os adeptos dessa seita devem ter escondido uma coleção espantosamente grande de textos da Bíblia para preservá-los de caírem em poder dos romanos pagãos.

Estes achados recentes são, nas palavras do Prof. G. Lankester Harding, "talvez o acontecimento arqueológico mais sensacional do nosso tempo. Uma geração inteira de peritos em assuntos bíblicos estará atarefada para explorar estes textos."

Após um exame cuidadoso, verificou-se que trinta e oito rolos eram textos de 19 livros do Antigo Testamento. São escritos em pergaminho e papiro, em hebraico, aramaico e grego.

Súbitamente, desde 1950 para cá, começou a aparecer na Jordânia uma grande quantidade de escritos e fragmentos do segundo século depois de Cristo. São oferecidos furtivamente à Universidade de Jerusalém, ao Museu de Antiguidades de Aman, a institutos, mosteiros e arqueólogos, freqüentemente por preços exorbitantes. Os árabes, que logo perceberam o valor daqueles velhos documentos, organizaram verdadeiras expedições e puseram-se a explorar em segredo, por conta própria, os montes do Mar Morto. A caça aos antigos manuscritos tornou-se um florescente mercado negro contra o qual são impotentes até mesmo as medidas policiais vigorantes.

Com uma tática inteligente o Padre de Vaux conseguiu, pouco antes do Natal de 1951, persuadir um árabe da tribo Ta'amireh a levá-lo a um dos lugares onde se tinham achado novos documentos.

Acompanhados por uma escolta policial da próxima Jericó, de Vaux e Harding partiram do Wadi Qumran. Após uma marcha de três horas na direção do sudoeste, chegaram, por uma trilha acidentadíssima, ao Wadi Murabba'at, um dos lugares mais desertos da Palestina. Com o aparecimento da turma animou-se súbitamente aquele cenário fantástico e morto de rochedos. Como saídos do solo por artes de magia, começaram a surgir árabes das fendas que existiam nas encostas em re-

(1) 6-41, 44-66 d. C.

(2) 66-70 d. C.

dor e a fugir a tóda a pressa pelos desfiladeiros. O Padre de Vaux contou 45 figuras armadas de pás e picaretas saídas de uma única caverna.

Já em janeiro de 1952 começou a exploração metódica dessas cavernas. A falta de outros trabalhadores nessa região solitária, tiveram de ser contratados alguns dos "escavadores furtivos". Os fragmentos de manuscritos encontrados são principalmente em grego, aramaico e hebraico do século II d. C. Um é um papiro escrito em hebraico do século VI a. C. Quanto aos textos bíblicos, foram encontradas partes do Gênese, do Êxodo e do Deuteronômio. Entre muitos escritos hebraicos de Vaux descobriu até cartas originais do chefe da segunda revolta de 130 d. C. Simão bar Kochba dá nessas cartas instruções aos revoltosos.



Só uma parte insignificante dos novos e numerosos testemunhos escritos de antes e depois de Cristo foi estudada e reconstituída até agora. Inumeráveis outros documentos achados estão aumentando o material existente. Tudo está ainda em marcha. É possível que estejamos diante de novas e revolucionárias descobertas que nos aproximem do tempo de Cristo e das primeiras comunidades cristãs e de sua vida, como ainda há poucos anos não era de esperar.

Depois dos monumentos e das pedras dos tempos bíblicos, as construções, as residências, os palácios reais e as fortalezas da Palestina, depois dos testemunhos de antigos acontecimentos egípcios, assírios e babilônios, levantam agora também sua voz os manuscritos de dois mil anos.

Seus veneráveis textos são iguais aos que se encontram em nossas Bíblias — autênticos e fielmente reproduzidos.

RECONSTRUÇÃO SEGUNDO A BIBLIA

Planejamento de acôrdo com o Antigo Testamento.
— As fontes dos patriarcas servem aos colonos atuais.
— O “mel das rochas”. — Muros de pedra para coletar orvalho. — Nova exploração nas minas de Salomão. — Trabalho de pioneiros segundo o modelo bíblico.

É indubitável que o Antigo Testamento tem inerente essa força imponderável histórico-moral e anímico-espiritual que sobrevive intata através dos tempos. O fato de que essa força se estende também ao campo prosaico e positivo da reorganização econômica duma nação constitui, entretanto, uma sensação sem exemplo.

Desde o ano de 1948 o “Livro dos Livros”, com mais de três mil anos de idade, vem representando o papel dum conselheiro experimentado na reconstrução do moderno Estado de Israel. Suas tradições históricas certas têm-se revelado extremamente importantes para as explorações tanto agrícolas como industriais.

O território do novo Estado mede talvez um pouco mais de 20.000 quilômetros quadrados, mais ou menos a superfície da região de Hesse. Só para a planície de Jesrael e para as férteis terras baixas junto ao Lago de Genesaré se podia aplicar ainda em 1948, assim mesmo com restrições, a imagem bíblica da Terra Prometida, onde corria *“leite e mel”*. Vastas regiões da Galiléia e quase toda a região montanhosa da Judéia apresentavam um aspecto completamente diverso do que tinham nos tempos bíblicos. Séculos de mera exploração haviam aniquilado até o solo para pastos. O cultivo irracional de oliveiras e figueiras nas encostas das montanhas tinha ressequido tudo. Os resultados foram uma crescente esterilização do solo e a erosão.

Os novos colonizadores sem experiência, para quem essa terra, além disso, era completamente desconhecida, encontraram no Antigo Testamento um auxiliar inapreciável que os esclareceu sobre muitas questões de cultura, reflorestamento ou industrialização. E não é incomum até mesmo os peritos recorrerem a ele em casos de dúvida.

“Felizmente, a Bíblia nos indica que culturas poderão medrar melhor em determinadas regiões”, diz o Dr. Walter Clay Lowdermilk, perito em plantas úteis e cultura do solo. “Nós sabemos pelo Livro dos Juizes que os filisteus plantavam cereais, porque Sansão amarrou raposas aos pares pelas caudas *“e no meio atou fachos”* e *“largou-as a fim de que corressem... por entre as searas dos filisteus”*. De igual modo pôs fogo

aos olivais dêles e, quando ia visitar a sua amada, passou junto das suas vinhas (Jui. 14-5; 15-5). Tôdas essas culturas medram atualmente nesses lugares.

Tôda a tentativa para povoar o Negueb devia parecer inútil. Pois ao sul das montanhas de Judá, de Hebron até ao Egito, havia apenas deserto, cortado por vales secos e despido de tôda a vegetação. Os dados meteorológicos acusavam menos de 150 milímetros de chuvas por ano. Era desanimador.

Com um índice de chuvas tão insignificante nada pode crescer. Mas as notícias do tempo dos patriarcas não estariam mais bem informadas? *"E Abraão partiu dali para a parte do meio-dia, habitou entre Cadés e Sur, e viveu como peregrino em Gerara"* (Gên. 20-1). O pai dos patriarcas era pastor e vivia em íntima união com seus rebanhos, precisando de... pastos e água.

Uma patrulha de reconhecimento, acompanhada de geólogos, percorreu durante semanas as desertas dunas de areia e os montes rochosos do Meio-dia⁽¹⁾. Encontraram o que procuravam. E os israelenses fizeram então o que outrora fizera Isaac. *"E ele (Isaac) apartou-se para a torrente de Gerara, e aí habitou. De novo abriu aquêles poços, que os servos do seu pai Abraão tinham aberto"* (Gên. 26-17, 18). Atulhados de massas de areia, existiam ainda as antigas fontes e davam ainda a água clara e pura de nascente, *água viva*, como a designaram os servos de Isaac (Gên. 26-19). Com isso queriam dizer água potável, pois no Negueb também há nascentes de água salobra e, portanto, imprópria para beber, como se verificou modernamente por estudos do solo. De novo, como outrora, se erguem tendas naqueles lugares, as aguadas. As fontes junto às quais descansou a escrava Agar com seu filho Ismael, quando Abraão a repudiou (Gên. 21-24 a 19), dão água hoje para setenta famílias. Judeus romenos estabeleceram-se numa encosta próxima; daí até à bíblica Bersabé são apenas alguns quilômetros.

Na mesma região existe ainda algo de notável. Os colonos plantaram renovaos, plantazinhas tenras que medram maravilhosamente. "A primeira árvore que Abraão plantou no solo de Bersabé foi uma tamarqueira", declarou o Dr. Joseph Weitz, especialista israelense em florestas. "Seguindo o exemplo dêle, plantamos nesta região dois milhões de renovaos. Abraão fêz a única coisa certa. Pois a tamarqueira é uma das poucas árvores que, de acôrdo com as nossas verificações, vinga no sul, onde o índice anual de chuvas fica abaixo de 150 milímetros." Também aqui a Bíblia deu a indicação decisiva: *"Abraão, pois, plantou uma tamargueira⁽²⁾ em Bersabé"* (Gên. 21-33).

Um requisito decisivo para tornar fértil essa terra pobre em água é o reflorestamento. Desde o começo do regresso os colonizadores da Palestina se dedicaram ao reflorestamento. Para a seleção das espécies de árvores puderam confiar nas indicações de seus antepassados, da mesma

(1) Negueb.

(2) Conforme a tradução alemã de Kautzsch.

forma que para a escolha das regiões apropriadas. Quando, há alguns anos, se levantou a questão de saber se as escalvadas encostas dos montes na parte norte do Estado poderiam ser reflorestadas, o Livro de Josué deu a resposta. *"E Josué disse à casa de José, Efraim e Manassés: Tu és um povo muito numeroso, e de grande força, não terás só uma parte, mas passarás ao monte, e cortarás para ti"* (Jos. 17-17,18).

Sabia-se que as duas tribos se haviam estabelecido ao norte de Jerusalém, desde as cordilheiras de Betel, passando pela bíblica Siquém, nas faldas do Garizim, até à planície de Jesrael. "Sabendo-se que árvores crescem melhor nos lugares onde já existiram outras", argumentou o Prof. Zohary da Universidade Hebraica, "fiamo-nos no Livro dos Livros."

Muitas dores de cabeça deu uma obscuríssima indicação que até há poucos anos ninguém conseguia compreender: *"Para que (Jacó) sugasse o mel do rochedo e o azeite das pedras duras* (1) (Deut. 32-13). A solução do enigma teve lugar no Negueb, onde foram encontrados numerosos murozinhos circulares de pedra. Não havia uma gota de água em parte alguma, nem uma fonte nem um único poço que merecesse tal nome. Quando revolveram a areia, encontraram debaixo antiquíssimos restos de raízes de oliveiras e videiras. Os muros de pedra tinham nos tempos primitivos a valiosa função de coletores de orvalho.

Sua disposição revela uma experiência surpreendente sobre os processos de condensação. As pedras dos murozinhos são dispostas de maneira a permitir a passagem do vento. Dessa maneira, a umidade do ar se condensa debaixo delas, e essa quantidade de umidade é suficiente para alimentar uma oliveira ou uma videira. Em cada muro há sempre uma só planta. O suco doce da uva era nos tempos antigos designado muitas vezes por "mel". A oliveira produz azeite. Mel e azeite eram *sugados do rochedo e das pedras duras*. Para a reconstrução da agricultura os israelenses estão aproveitando devidamente os pequenos e bem dispostos coletores de orvalho.

Na segunda metade do ano de 1953 foram extraídas pela primeira vez em Israel 3.000 toneladas de cobre. Onde há três mil anos se encontravam as habitações dos trabalhadores e escravos do rei Salomão, encontram-se hoje novos alojamentos de mineiros. A extração do cobre continua compensando bem. O geólogo Dr. Ben Tor mandou em 1949 estudar as antigas minas de cobre quanto à possibilidade de explorá-las e ao seu provável rendimento. Os especialistas verificaram que as reservas de minério imediatamente explorável atingem 100.000 toneladas. Segundo suas avaliações, as jazidas totais poderiam produzir, no mínimo, mais 200.000 toneladas. Junto de *Asiongaber, que é perto de Aliat, na praia do mar dos Juncos* (III Reis 9-26), reina desde então grande atividade. Jipes e caminhões correm para cá e para lá levantando nuvens amarelas de poeira, e turmas de homens queimados pelo sol mane-

(1) A tradução da Vulgata diz: "Para que sugasse o mel da pedra, e o azeite do rochedo duríssimo". (N. do Trad.)

jam enxadas e pás. "Por tôda a parte, onde o minério é particularmente rico", afirma um engenheiro de minas, "topamos com escórias e fornos dos mineiros de Salomão. Muitas vêzes chega a parecer que os trabalhadores acabaram de sair daqui."

No escritório central das minas há na parede um dístico que diz: "*Porque o Senhor teu Deus te introduzirá numa terra boa... terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes se tiram os metais de cobre*" (Deut. 8-7 e 9).

Ferro ainda não está sendo extraído. As jazidas, porém, estão registradas. Não longe de Bersabé, portanto exatamente onde habitavam os filisteus fundidores de ferro, o Dr. Ben Tor encontrou numas escarpas veios negro-avermelhados, sinais certos de jazidas de minério de ferro. Investigações posteriores permitiram avaliar uma existência aproximada de 15 milhões de toneladas dêsse minério. Trata-se, é verdade, dum minério muito pobre, mas nesse interim já foi descoberto também minério com a percentagem notável de 60 a 65 de ferro puro.

Outra passagem bíblica muito conhecida ocorria com freqüência à mente prática do comerciante Xiel Federmann. A frase com que se descreve a destruição de Sodoma e Gomorra... *e viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo duma fomalha* (Gên. 19-28), não lhe dava descanso. Aquela combustão não seria devida a gases subterrâneos? Onde há gases, sabe-se há muito tempo, existem também jazidas de petróleo. Fundou-se uma sociedade e os técnicos enviados ao Mar Morto confirmaram inteiramente as suposições de Federmann. Em 3 de novembro de 1953 foi perfurado o primeiro poço de petróleo israelita.

Mais de cinquenta colônias agrícolas se estabeleceram nesse interim entre os sítios bíblicos de Dan e Bersabé. Quase tôdas elas dispõem de uma bomba moderna instalada sôbre um poço ou fonte da Antiguidade. Pouco a pouco, a paisagem de muitos lugares começa a apresentar o aspecto dos quadros bucólicos do Antigo Testamento.

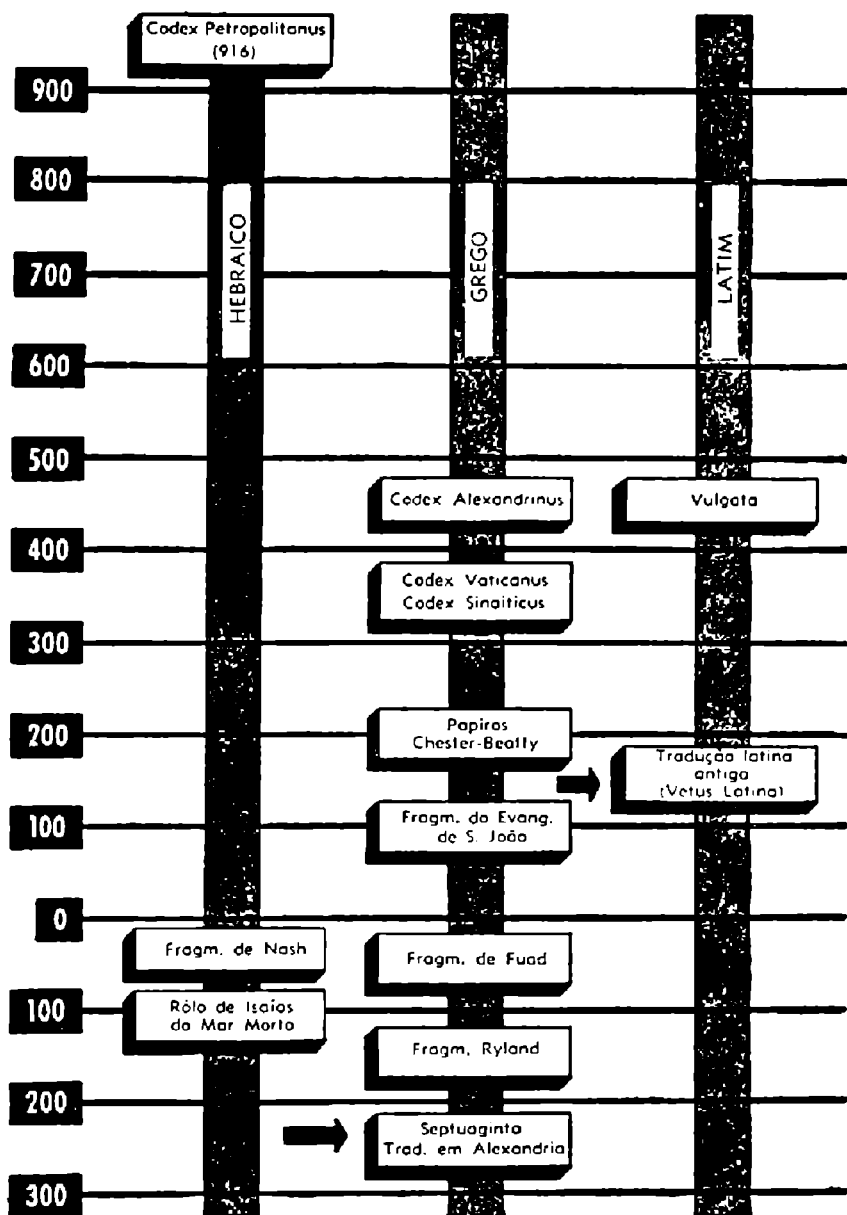
Dura é a tarefa que o jovem Estado de Israel se propôs. Mas seus cidadãos estão convencidos de que êles e seus descendentes a realizarão — em grande parte graças à Bíblia — e que se está realizando o que Ezequiel profetizou aos filhos de Israel:

A terra inculta, até aí desolada aos olhos do viandante, será cultivada, dir-se-á: Esta terra, que estava devastada, tornou-se como um jardim de Éden (Ez. 36-34, 35).

OS MAIS ANTIGOS MANUSCRITOS DO TEXTO BIBLICO ATÉ AGORA DESCOBERTOS

No verão de 1947 um puro acaso levou à descoberta dos textos mais antigos até agora existentes. Entre os escritos em pergaminho e papiro, que uns pastôres beduínos descobriram por acaso numa caverna na costa norte do Mar Morto, encontrava-se um rôlo de sete metros de pergaminho com a íntegra do primitivo texto hebraico do Livro de Isaías. O exame do documento por peritos revelou que o texto de Isaías foi sem dúvida alguma escrito pelo ano 100 a. C.! É o original de um dos livros dos profetas como o que Jesus manuseava quando lia aos sábados em Nazaré (Luc. 4-16 e seg.). O Livro de Isaías, com mais de 2.000 anos de idade, é uma prova única da autenticidade da tradição da Sagrada Escritura, pois o seu texto concorda com a redação das Bíblias atuais. Nos anos de 1949 a 1951 os arqueólogos G. Lankester Harding e Padre Roland de Vaux conseguiram encontrar em outras cavernas do Mar Morto grande quantidade de manuscritos muito mais antigos. Entre êles achavam-se, em 38 rolos, 19 livros do Antigo Testamento. Êstes achados são, segundo declarou G. L. Harding, "o acontecimento arqueológico mais sensacional do nosso tempo. Uma geração inteira de especialistas em assuntos bíblicos terá que empenhar-se no exame dêstes textos."

As redações bíblicas mais antigas e completas do Antigo e do Novo Testamento eram, até há pouco tempo, os célebres *Codex Vaticanus* e *Codex Sinaiticus* do século IV d. C., aos quais se reuniram em 1931 os Papiros Chester-Beatty dos séculos II e III. Fora isso, existem ainda alguns fragmentos de antes de Cristo (os Fragmentos Fuad e Ryland). Mas todos êstes documentos são na língua grega, portanto, no que se refere ao Antigo Testamento, traduções. A mais antiga transmissão completa, no texto hebraico primitivo, era o *Codex Petropolitanus*, escrito em 916 d. C. Com o pergaminho de Isaías encontrado na região do Mar Morto a tradição bíblica hebraica recua quase um milênio exato. Do Novo Testamento foi descoberto em 1935 um fragmento do Evangelho de São João, em grego, do tempo do imperador Trajano (98-117). Êstes antigos manuscritos são a resposta mais convincente sôbre a pureza e autenticidade da tradição bíblica!



BIBLIOGRAFIA

- Abel, F.-M.: Géographie de la Palestine I (1933), II (1938), Histoire de la Palestine depuis la conquête d'Alexandre jusqu'à l'invasion Arabe I/II (1952).
- Adams, J. M. K.: Ancient Records and the Bible (1946).
- Albright, W. F.: Archaeology and the Religion of Israel (1953), Recent Discoveries in Bible Lands (1936), Exploring Sinai with the University of California (1948), Archaeology of Palestine (1954), Von der Steinzeit zum Christentum (1949).
- Alt, A.: Die Herkunft der Hyksos in neuer Sicht (1954), Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel I/II (1953).
- Andrae, W.: Das wiedererstandene Assur (1938).
- Bailey, A. E.: Daily Life in Bible Times (1943).
- Barrois, A. G.: Manuel d'archéologie biblique I/II (1939/53).
- Bauer, H.: Die alphabetischen Keilschrifttexte von Ras-Shamra (1936).
- Begriff, J.: Die Chronologie der Könige von Israel und Juda (1929).
- Benzinger, I.: Hebräische Archäologie (1927).
- Biblisches Nachschlagewerk, Stuttgarter (1955).
- Bittel, K.: Die Ruinen von Bogazköy (1937).
- Bittel, K., e R. Naumann: Bogazköy (1938).
- Bodenheimer, Fr. S. e O. Theodor: Ergebnisse der Sinai-Expedition 1927 (1929).
- Bossert, H. Th.: Altanatolien (1942).
- Breasted, J. H.: The Dawn of Conscience (1933), Ancient Records of Egypt I-V (1906/07), Geschichte Ägyptens (1936).
- Budge, W. E. A.: The Babylonian Story of the Deluge and the Eops of Gilgamesh (1920).
- Burrows, M.: What mean these Stones? (1941).
- Caiger, S. L.: Bible and Spade (1936).
- Canyon, Fr.: Bible and Archaeology (1955).
- Carleton, P.: Buried Empires (1939).
- Chamberlain, H. St.: Die Grundlagen des 19. Jahrhunderts (1900).
- Chase, M. E.: Die Bibel und der Mensch von heute (1951).
- Clay, A. T.: Business Documents of Murashu Sons (1898).
- Clemen, C.: Die phönikische Religion nach Philo von Byblos (1939).
- Clermont-Ganneau, C. S.: La Stèle de Méša (1887).
- Collart: Philippos ville de Macedoine.
- Contenau, G.: La civilisation phénicienne (1949), La vie quoditienne à Babylone et en Assyrie (1953), Les civilisations ancienne du Proche Orient (1945), Manuel d'Archéologie orientale I-IV (1927/47).
- McCown, C. C.: The Ladder of Progress in Palestine (1943), a. o. Tell en-Nasbeh (1947), I/II.
- Crowfoot, J. W., a. o. The Buildings at Samaria (1942).
- Cuneiform Texts: Edit. British Museum.
- Dalman, G.: Heilige Stätten und Wege (1935), Licht vom Osten (1923), Arbeit und Sitte in Palästina I-VII (1928/42).
- Dalmas, G.: Die talmud. Texte über Jesu (1900).
- Davis, J. D.: Dictionary of the Bible (1953).

- Davis, J. D., e H. S. Gehman: *The Westminster Dictionary of the Bible* (1944).
 Delitzsch, Fr.: *Babel und Bibel* (1903).
 Dobschütz, E. v.: *Die Bibel im Leben der Völker* (1954).
 Dougherty, R. P.: *Nabonit and Belshazzar* (1929).
 Duncan, G.: *Digging up Biblical History I/II* (1931).
 Dussaud, R.: *Les Découvertes de Ras Shamra et l'Ancien Testament* (1941).
- Ebeling, E., e B. Meissner: *Reallexikon der Assyriologie I/II* (1932/38).
 Eberhard, E. G.: *Bible-Thesaurus* (1953).
 Eissfeldt, O.: *Handbuch zum Alten Testament* (1935), *Philister und Phönizier, Der Alte Orient* (1930).
 Ephesus, *Forschungen in Veröffentl. v. Österr. Archäol. Inst.* (1937).
 Eusebius, *Historica ecclesiastica*, edit. d. E. Schwartz (1914). *Das Leben von Constantin*.
- Finegan, J.: *Light from the Ancient Past* (1954).
 Frayzel, S.: *A History of the Jews* (1952).
- Gadd, E.: *The Fall of Niniveh* (1923).
 Galling, K.: *Biblisches Reallexikon* (1937), *Textbuch zur Geschichte Israels* (1950).
 Gardiner, A. H. e E. Peet: *The Inscriptions of Sinai* (1952).
 Garis-Davies, N. de: *The Tomb of Rekh-mi-re at Thebes* (1943).
 Garstang, J. B. E.: *The Story of Jericho* (1940).
 Gerke, S.: *Die christl. Sarkophage d. vorkonstantin. Zeit* (1910).
 Glueck, N.: *The Other Side of the Jordan* (1940), *The River Jordan* (1946).
 Goldschmidt, L.: *Der Babylonische Talmud* (1935).
 Gordon, C. H.: *The Living Past* (1941), *Ugaritic Literature* (1949).
 Götz, A.: *Hethiter, Churriter u. Assyrer* (1936).
 Gressmann, H.: *Die älteste Geschichtsschreibung und Prophetie Israels* (1921), *Alt-orientalische Texte und Bilder zum Alten Testament* (1927).
 Gunkel, H., W. Stark e outros: *Die Schriften des Alten Testaments in Auswahl I-VII* (1921/25).
 Guthe, H.: *Bibelatlas* (1926), *Palästina, Monographien zur Erdkunde 21* (1927).
- Harper: *Bible Dictionary* (1952).
 Heitel, A.: *The Gilgamesh-Epos and the Old Testament* (1953).
 Herodots von Halikarnass' *Geschichte* (1829).
 Hogarth, D. G.: *Excavations in Ephesus* (1908).
 Honor, L. L.: *Sennacherib's Invasion of Palestine* (1926).
- International Standard Bible Encyclopaedia* (1952).
- Jansen, H. L.: *Die Politik Antiochus' IV.* (1943).
 Jirku, A.: *Die ägypt. Listen palästinens. u. syr. Ortsnamen* (1937).
 Josephus, Flavius: *Altertümer, Jüdischer Krieg*.
 Junge, P. J.: *Dareios I., König der Perser* (1944).
- Kaufmann, C. M.: *Handbuch der christl. Archäologie I-III* (1922).
 Klausner, J.: *Jesus von Nazareth* (1950), *Von Jesus zu Paulus* (1950).
 Knopf, Lietzmann, Weinle: *Einführung in das Neue Testament* (1949).
 Knudtzon, J. A.: *Die El-Amarna-Tafeln I/II* (1908/15).
 Koepfel, P. R.: *Palästina* (1930).
 Kohl e Watzinger: *Antike Synagogen in Galiläa* (1916).
 Koldewey, R.: *Das wiedererstandene Babylon* (1925).
 Kraeling, E. G.: *Gerasa, City of the Decapolis* (1938).
 Kugler-Schaumberger: *Sternkunde und Sterndienst in Babel* (1935).
- Laible, H.: *Jesus Christus im Talmud* (1900).
 Layard, A.: *Discoveries in the Ruins of Niniveh and Babylon* (1853).
 Lefebvre, G.: *Romans et Contes Egyptiens de l'époque Pharaonique* (1949).

- Lentzen, H. J.: Die Entwicklung der Ziggurat (1942).
 Lepsius, C. R.: Königsbuch der alten Ägypter (1858), Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien (1849/56).
 Lietzmann, H.: Petrus und Paulus in Rom (1927).
 Loud, G.: Megiddo Ivories (1939), Megiddo II (1948).
 Macalister, R. A. S.: Gezer I-III (1912). The excavations of Gezer (1912), A Century of Excavations in Palestine (1925).
 Mari, Archives royales de, edit. d. Musée du Louvre I-V.
 Meyer, Ed.: Per Papyrusfund von Elephantine (1912), Geschichte des Altertums I-III (1925-37).
 Miller, M. S. e J. L.: Encyclopedia of Bible Life (1944).
 Moldenke, H. N. e A. L.: Plants of the Bible (1952).
 Moret, A.: The Nile and Egyptian Civilisation (1927).
 Montet, P.: Les nouvelles fouilles de Tanis (1929/32, 1933), Avaris, Pi-Ramsès, Tanis (Syria XVII 1936), Tanis (1942).
 Morton, H. V.: Through Lands of the Bible (1954), In the Steps of the Master (1953).
 Moscati, S.: Geschichte und Kultur der semitischen Völker (1953).
 Newberry, P. E.: Beni Hasan I (1893).
 Noth, M.: Die Welt des Alten Testaments (1953), Geschichte Israels (1954).
 Origenes: Contra Celsum I, 32.
 Orlinski, H. M.: Ancient Israel (1954).
 Otto, E.: Ägypten (1953).
 Otto, W.: Handbuch der Altertumswissenschaften (1928).
 Parrot, A.: Mari une ville perdue (1936), Archéologie mésopotamienne, Les Etapes I (1946), Entdeckung begrabener Welten (1954), Studia Mariana (1950).
 Petrie, Fl.: Researches in Sinai (1906).
 Pfeiffer, R. H.: History of New Testament Times (1949), Introduction to the Old Testament (1948).
 Pingré, M.: Cométographie I (1783).
 Pius XII., Papst: Die Gottesbeweise im Lichte der modernen Naturwissenschaft (Universitas, outubro 1952).
 Plutarch: Das Leben Alexanders.
 Post, G. E.: Flora of Syria, Palestine and Sinai (1933).
 Pottier, E.: Musée du Louvre, Catalogue des Antiquités Assyriennes No 165.
 Pritchard, J. B.: Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament (1950), The Ancient Near East in Pictures (1954).
 Ramsay, W. M.: The Cities of St. Paul (1900).
 Reisner, Th., H. and W. O. E. Oesterley: Excavations at Samaria I-II (1924).
 Ricciotti, G.: Storia d'Israele -I- (1949).
 Riemschneider, M.: Die Welt der Hethiter (1954).
 Rowe, A.: The Topographie and the History of Beth-Shean (1930), The Four Canaanite Temples of Beth-Shan I (1940).
 Rowley, H. H.: The Re-discovery of the Old Testament (1945), The Old Testament and Modern Study (1952), From Joseph to Josua (1948).
 Sanchuniathon: Urgeschichte der Phönizier.
 Schaeffer, C. F. A.: The Cuneiform Texts of Ras Shamra-Ugarit (1939), Ugaritica I-II (1939/49).
 Scharff, A.: Handbuch der Archäologie I (1939).
 Scharff, A., Moortgat, A.: Ägypten und Vorderasien im Altertum (1950).
 Schmidt, E. F.: The Treasury of Persepolis and other Discoveries in the Homeland of the Achaemenians (1939).
 Schnabel, P.: Berossos und die babylon.-hellenist. Literatur (1923).
 Schott, A.: Das Gilgamesch-Epos (1934).

- Sellin, E.: Wie wurde Sichem israelitische Stadt? (1923), *Geschichte des israel.-jüd. Volkes* (I-II (1924-32)).
- Sethe, K.: Die Ächtungstexte feindl. Fürsten, Völker u. Dinge auf altägypt. Tongefäßscherben d. Mittl. Reiches (APAW 1926, Nr. 5), *Zur Geschichte der Einbalsamierung b. d. alten Ägyptern* (1934).
- Simons, J.: *Opgravingen in Palestina* (1935).
- Soden, W. v.: *Leistung und Grenze sumerischer u. babylon. Wissenschaft, Welt als Geschichte II* (1936), *Das altbabylon. Briefarchiv v. Mari, Die Welt des Orients* (1948).
- Speiser, E. A.: *Introduction to Hurrian* (1941).
- Starkey, J. L.: *Excavations at Tell ed-Duweir 1933/34* (1934).
- Starr, R. F. S.: *Nuzi, Report on the Excavations at Yorgan Tapa near Kirkuk I-II* (1937-39), *Nuzi I* (1939).
- Steindorf, G., K. C. Seele: *When Egypt ruled the East* (1942).
- Strabo: *Geographie*.
- Sukenik, E. L.: *Ancient Synagoges in Palestine and Greece* (1934), a. o. *The Third Wall of Jerusalem* (1930).
- Svenskt Bibliskt Uppslagsverk (edit. d. I. Engnell u. A. Fridrichsen, 1948).
- Torczyner, H.: *Lakish I, The Lakish Letters* (1938).
- Unger, E.: *Babylon, die heilige Stadt* (1931).
- Ungnad, A.: *Reallexikon der Assyriologie* (1938), *Die neue Grundlage f. d. alt-oriental. Chronologie* (1940).
- Vincent, L. H.: *Canaan d'après l'exploration récente* (1914), *Jericho et sa chronologie* (1935), *L'Archéologie et la Bible* (1945).
- Watzinger, C.: *Denkmäler Palästinas I-II* (1933/35).
- Weissbach, F. H.: *Die Keilschriften der Archämeniden* (1911).
- Wolff, H. W.: *Eine Handbreit Erde* (1955).
- Wood, J. T.: *Modern Discoveries on the Side of Ancient Ephesus* (1890).
- Woolley, C. L.: *Abraham, Recent Discoveries and Hebrew Origins* (1936), *Ur Excavations V The Ziggurat and its Surroundings* (1939), *Ur of the Chaldees* (1954).
- Wreszinski, *Atlas zur ägyptischen Kulturgeschichte I-III* (1923-40).
- Wright, S. E., e Fl. V. Filson: *The Westminster Historical Atlas to the Bible* (1953).
- Revistas: *Annual of American Schools of Oriental Research* (AASOR), *Der Alte Orient* (AO), *American Journal of Archaeology* (AJA), *Biblical Archaeologist* (BA), *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (BASOR), *Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament* (BWANT), *Israel Exploration Journal*, *Journal of the Society of Oriental Research* (JSOR), *Zeitschrift des Deutschen Palästinavereins* (ZDPV), *Revue Biblique* (RB), *Syria*.

PROCEDÊNCIAS DAS GRAVURAS

André Parrot "Mari", Ides et Calendes, Neuchâtel 1-5; Historisches Bildarchiv Lolo Handke, Bad Berneck, 6, 10, 11, 45, 46, 48; Ursula Kohn, Hamburgo, 7, 8, 19, 20; Paul Popper Ltd., Londres, 9; F. S. Bodenheimer, Sinai-Exp. 1927, 12; Mr. und Mrs. William B. Terry, Baltimore, 13, 26; American School of Oriental Research, New Haven, Connecticut, 14; Oriental Institute, University of Chicago, 15, 21, 32, 42, 44; R. Koeppel, "Palästina", Edição de J. C. B. Mohr, Tübingen, 16; Prof. H. W. Wolff "Eine Handbreit Erde", Ed. Luther, Witten/Ruhr, 17; Mr. James L. Kelso, Pittsburgo, 18; Watzinger, "Denkmäler Palästinas", Hinrichs'sche Buchhandlung Leipzig, 22, 23; Hemult Th. Bossert, "Altanatolien", Bln. 1942, Ed. Wasmuth, 24; Gresmann, "Altorientalische Bilder zum Alten Testament", 25, 28, 34; "BASOR" N.º 128, fig. 4, New Haven, Connecticut, 27; Claude F. A. Schaeffer "The Cuneiform Text of Ras Shamra-Ugarit", Oxford; University Press, Londres, 29, 30, 37, 38, 39, 40; Svenskt Bibliskt Uppsalgesverk, 31, 36; A. Parrot, Découvert des mondes encevelis, 1952, 33; Trustees of the late Sir Henry S. Wellcome, Londres, 35; H. V. Morton, "Through Lands of the Bible", Methuen & Co. Ltd., Londres, 1954, 41; G. Ernest Wright, Chicago, 43; Fred Jäger, Colônia, 47; Fotoagentur Hecht, Munique, 49, 50, 51; Popular Science, dez. 1951, Town and Country Photographers, Chicago, 52; Picture Post, Londres, N.º 8/193, 53. Os mapas coloridos foram executados por Roland Kohlsaat, Hamburgo.

ÍNDICE ONOMASTICO

Foi respeitada integralmente a grafia dos nomes próprios adotada na presente obra. Para facilitar a procura, acrescentamos, porém, os *nomes bíblicos* cuja grafia na tradução de Lutero diverge da Vulgata, adotada na obra. Assim, por exemplo:

HOPHRA (faraó) (ver EFRÉE)

ou

Crônicas (Livros das...) (ver PARALIPÔMENOS — Livros dos...)

(Nota do Compilador)

A

- ABARBANEL, 293
 ABGAR V (rei), 318
 Abidos (cidade), 67
 ABISAI, 75, 76
 ABNER, 160
 ABRAÃO, 8, 23, 26, 27, 36, 37, 38, 53, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 84, 85, 99, 108, 131, 135, 137, 148, 163, 255, 265, 288, 296, 308, 358
 Abraão (antepassados de...), 60
 Abu Hasan (região), 111
 Abu Kemal (cidade), 53, 54
 ABDU-KHEBA, 128, 129
 Abu Simbel (templo), 101
 ACAB (rei), 199, 200, 201, 202, 205, 207
 Acad (reino), 25, 26, 29, 108
 Acad (reis de...), 24, 108
 Academia Pontifícia de Ciências, 348
 "Académie des Inscriptions", 215
 Acádica (escrita), 25
 Acádico (língua), 25, 47, 128
 Acádios (os), 206, 237, 262, 263
 Acaia ou Peloponeso (região), 325, 328
 Acaron ou Ekron (cidade), 154, 239
 ACAZ (rei), 211
 Accio (ba'alha de...), 300, 322
 ACHIRA (deusa), 232
 Aco (cidade), 127, 128
 Acsai (cidade), 71, 128, 129
 ADAD (deus), 48, 254
 Adam (cidade) (ver ADOM)
 Adama (cidade), 77, 78
 Adana (cidade), 181
 ADAREZER (rei), 164
 Aden (golfo), 183
 Adhanat (rio), 183
 Adom (cidade), 139
 ADRAMELEQUE, 230
 ADRIANO (imperador), 343
 Aélia Capitolina (cidade), 343
 AELIUS GALLUS, 182
 Afec ou Afek (cidade), 71, 157, 159
 África, 24, 65, 84, 114, 164, 170, 171, 187, 276, 329
 África do Norte, 258, 287
 África Ocidental, 25
 África Oriental, 175, 184
 AFRODITE URÂNIA (deusa), 239, 255
 AGAMENON, 137
 AGAR, 358
 Ageu (Livro de...), 265
 AGIULFO, 329
 Aglun (região), 133
 AGRIPA (ver HERODES...)
 AHABBU, 199
 AHMOSE (faraó), 96
 AILUD, 179
 Ain el-Qudetrât (fonte), 128
 Ain es-Sulâo (fonte), 140
 Ain Hawarah (fonte), 113
 Ain Huderah (fonte), 126
 Ain Qedeis (fonte), 126
 Ain Si'il Maryam (fonte), 165, 303
 Akaba (cidade) (ver também ALIAT), 171
 Akaba (golfo), 84, 108, 109, 126, 130, 164, 171, 173
 AKHENATON (faraó) (ver ECHNATON)
 Akka (cidade), 79
 AKKI, 108
 Albano (monte), 290
 ALBRIGHT (William Foxwell), 37, 107, 142, 146, 160, 175, 185, 250, 281, 354
 Alcorão, 184
 Alemanha, 133, 204, 288, 331
 Alepo (cidade), 197
 ALEXANDRA, 301
 ALEXANDRE (filho de Herodes), 301
 ALEXANDRE JANEU (rei), 282
 ALEXANDRE MAGNO (rei), 270, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 323, 324
 Alexandreta (porto), 271
 Alexandria (cidade), 274, 275, 276, 277, 288, 300, 321
 Alfabética (escrita), 64, 119, 120, 168, 183, 233, 259
 Aliat ou Akaba (cidade), 169, 171, 173, 175, 359
 ALLENBY, 158, 159, 178
 Almaqah de Aum (templo), 184
 Alpes (montanhas), 259, 333
 Amã (cidade), 133, 135, 353
 AMALEC, 121

- Amalecitas (os), 121, 128
AMAN-APPA, 126
 Amarqos (lagos), 67, 112
 Amarna (cidade), 129
AMASIA (faraó), 108
AMEM-EM-OPET, 106
AMENEMAT I (faraó), 24
AMENEMAT III (faraó), 118
AMENÓFIS II (faraó), 128
AMENÓFIS IV (faraó) (ver **ECHNATON**)
 América, 24, 39, 187
 "American Foundation for the Study of Man", 184
 "American School of Classic Studies", 325
 "American Schools of Oriental Research", 8, 160, 170, 353
AMMIENCHI, 68
AMON (deus), 163, 176, 197
 Amon (região), 131, 133, 171, 243, 246
 Amon (templo), 104, 150, 163
 Amonitas (os), 146
 Amonitas (os), 26, 58, 68, 70
 Amorreus (os), 99, 128, 131, 132
 Amós (Livro de...), 149, 155, 208, 209, 252
AMÓS (profeta), 208, 209
AMÓFIS (faraó), 108
 Amq (região), 100
AMRI (rei), 197, 199, 200, 204, 205, 207
ANACLETO (Santo), 328
ANAS, 311
ANATH (deusa), 234
 Anatólia (região), 322
 Ancara (cidade), 99
ANCHES-EN-AMON (rainha), 100, 101
ANDRÉ (apóstolo), 307
ANIBAL, 283
ANNAS, 311
 Antediluvianos (objetos), 43
 "Antiguidades Judaicas" (ver **FLÁVIO JOSEFO**)
 Anti-Líbano (região), 100, 164, 213
ANTIOCO (rei), 275
ANTIOCO III, O Grande (rei), 277
ANTIOCO IV, EPIFANES (rei), 279, 280, 281
ANTIOCO V, EUPATOR (rei), 280, 281
 Antioquia (cidade), 275, 277, 280, 290, 318
 Antioquia da Pisídia (cidade), 322
ANTIPATRO, 302
 Antium (cidade), 328
 Antônia (fortaleza), 310, 313, 336, 337, 340
ANU (deus), 48
ANUBIS, 87
 Apocalipse (Livro de...), 112, 255
APÓFIS (faraó), 95, 96
APOLO, 274
APOLO (deus), 241, 267, 268, 278, 325
APOLONIO, 279
 Apóstolos (Atos dos...), 274, 288, 316, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327
APRIES ou **EFREÉ** (faraó), 246, 248, 249, 257
 Aquemênidas (os), 261
AQUILA, 316
AQUILES, 137
 Araba ou Arabah (deserto), 84, 85, 164, 171, 172
 Arabes (os), 31, 33, 53, 54, 63, 79, 85, 115, 192, 203, 211, 214, 215, 248, 355, 356
 Arabes (tribos), 23, 164, 353, 355
 Arábia, 171, 185, 187, 190, 302
 Arábia (deserto), 23, 25, 38, 117, 131, 135, 139, 148
 Arábia Feliz (região), 182, 183, 187
 Arábia Meridional, 25, 164, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 190
 Arac (cidade), 29
 Aram (planície), 60
 Aramaicas (tribos), 146
 Aramaico (língua), 109, 264, 269, 313, 355, 358
 Arameanos (os), 164, 165, 196, 199, 201, 209, 211
ARAO, 116
 Ararat (monte), 50, 51, 52
 Arca (ver **NOÉ** ...)
 Arca da Aliança, 125, 156, 157
 Ariana (raça), 276, 288
ARISTEU DE ALEXANDRIA, 276
ARISTÓBULO, 301, 306
ARISTÓTELES, 275
ARMELLINI, 330
 Armênia, 50, 230, 236
 Armênios (os), 129, 230
 Arnon (rio), 132, 202, 305
ARQUELAU (rei), 301, 302, 303
ARRHENIUS (Svante), 350
ARTEMIS ou **DIANA** (deusa), 287, 323
ARUNDELL (V. J.), 322
ASA (rei), 196
ASARADON (rei), 8, 189, 217, 230, 237
 Ascalão (cidade), 71, 72, 129, 143, 154, 226, 239
 Aseca ou Azeca (cidade) (ver também **TELL EL-ZAKARIYAH**), 72, 246
ASENET, 91
 Ashdod (cidade) (ver **AZOT**)
 Ásia, 65, 104, 111, 142, 238, 257, 260, 261, 323
 Ásia Menor, 24, 25, 29, 33, 58, 84, 99, 138, 150, 156, 162, 170, 180, 213, 261, 267, 275, 283, 287, 290, 322, 327
 Ásia Oriental, 133
 Astongaber (cidade), 65, 126, 165, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 186, 359
ASITAWANDA (rei), 181
 Askar (aldeia), 72
 Askelon (cidade) (ver **ASCALÃO**)
ASNAFAR (rei) (ver também **ASSURBANIPAL**), 8, 237
 Asor (cidade), 71, 127, 212
 Assíria, 55, 164, 168, 169, 199, 208, 210, 211, 212, 236, 237, 238, 239
 Assíria (escrita), 216
 Assíria (dominação), 178, 195, 196, 209, 210, 236, 237, 258, 279
 Assírios (os), 49, 55, 60, 65, 164, 188, 195, 197, 198, 199, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 219, 220, 221, 223, 227, 229, 236, 238, 239, 240, 241, 258, 260, 262
 Assírios (reis), 7, 8, 29, 197, 199, 207, 217, 226, 227, 228, 229, 230, 238, 240, 241, 242, 244, 248
 Assírios (relevos, monumentos), 31, 201, 206, 212, 229, 230
 Assuã (represa), 269
 Assur (cidade), 8, 29, 197, 198, 213, 223, 238, 239
 Assurbanipal (Biblioteca de...) (ver também **NÍNIVE** — Biblioteca), 30, 56, 216, 258
ASSURBANIPAL ou **ASNAFAR** (rei), 8, 46, 47, 216, 236, 237, 238, 240, 258
ASSURNARSIPAL II (rei), 197, 198
ASTAROT ou **ASTARTE** (deusa), 159, 160, 232, 234, 235
ASTIAGES (rei), 260, 261
ATAXERXES (rei), 268
 Atenas (cidade), 269, 270, 271, 287, 288, 316, 321, 324
ATENODORO, 321
 Atlântico (oceano), 24
AUGUSTO (imperador), 80, 182, 290, 297, 302, 321, 322, 325
 Austrália, 39
 Ava (região), 217
 Avaris ou Pi-Ramsés (cidade), 89, 95, 96, 104
 Azeca (fortaleza) (ver também **ASECA**), 246, 247
Azot (cidade), 29, 154, 220, 221, 239

B

BAAL (deus), 7, 134, 200, 205, 232, 233, 234, 235
Baal (Epopeia de...), 234
BAALATH (deusa), 119
Baal-Zephon (região) (ver **BEEL-SEFON**)
BAASA (rei), 196
Babel (cidade), 8, 231, 238, 246, 253, 254, 255, 256, 258, 261
Babel (torre), 244, 253, 255, 256
Babil (povoação), 244, 254
Babilônia, 8, 27, 29, 33, 36, 44, 50, 51, 53, 55, 58, 134, 155, 164, 168, 173, 193, 195, 217, 242, 243, 244, 245, 246, 249, 251, 253, 254, 255, 256, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 274, 294, 295, 301
Babilônia (deuses), 244, 254, 263
Babilônia (Escola de Astronomia), 258
Babilônia (jardins suspensos), 244
Babilônia (ocupação, dominação), 178, 195, 249, 274, 279
Babilônio (língua), 223, 258, 262, 268
Babilônios (os), 49, 56, 60, 65, 183, 222, 223, 248, 249, 250, 252, 255, 260, 262, 264, 292
Babilônios (reis), 26, 31, 32, 36, 47, 56, 178, 188, 222, 223, 239, 241, 243, 245, 246, 258, 260, 263
BADÉ (William Frederic), 196
Bádiet et-Tin (deserto), 126
Baedeker, 229
Bagdá (cidade), 27, 31, 32, 40, 253, 254
Bahrain (ilhas), 64
Bahr Yusuf (canal), 92
Bala ou **Segor** (cidade), 78, 82
BALAAO, 134, 170
BALAC (rei), 133, 134
BALADAN, 222
Balcãs (região), 23, 114
Ballah (lago), 112
BALTASAR (rei), 259, 261, 262
Baltimore, 37
BANA, 179
Baniyas (aldeia), 79
BANUM, 59
BAQUIDES, 281
BARA (rei), 78
BARAC, 147
Barada (rio), 63
BARBA-ROXA (imperador), 108
BARBET (Pierre), 319
BAR KOCHBA (ver **SIMÃO...**)
Basan (reino), 131, 132, 133
Bashan (cidade), 84
Bassorá (cidade), 27, 29, 216
BATA, 87
BAUER (H.), 234
Bayzil (aldeia), 51
Beduínos (os), 27, 28, 66, 67, 68, 69, 70, 78, 93, 113, 114, 116, 138, 305, 352, 361
Beel-Sefer (região), 111
Beirute (cidade), 68, 302
Belém (cidade), 135, 280, 290, 291, 296, 297, 298, 302, 352, 353
Belém (Estrêla de...), 8, 291, 292, 297
Belich (rio), 60, 62, 265
BEL-SHALTI-NANNAR (princesa), 259
BELSUNU, 252
BENADAD (rei), 199
Bengala (baía), 50
Beni-Hasan (povoação), 74, 103, 113, 161, 188
Benjamim (tribo, território), 146, 196
Benjaminitas (ver **BENJAMIM**)
Berlim, 9, 30, 99, 244, 245
BERNINI, 330
BERODAC BALADAN (rei), 222
BERSA (rei), 78
Bersabé ou **Erseba** (região), 64, 358, 360

Besamçon (cidade), 317
Belel (cidade), 71, 72, 73, 144, 145, 146, 308
Belé (cordilheiras), 359
Bethshean (cidade), 127
Beth Shemesh (cidade) (ver **BET-SEMES**)
Bel-Omri (ver também **BIT-HUMRI**), 212
Be'oron (cidade), 280
Betsabéia (cidade), 189
Betsan (cidade) (ver também **CITÓPOLIS**), 159, 160, 165, 179, 239
Bet-Semes ou **Betsames** (cidade), 71, 145
Betsura (fortaleza), 280, 281
Belusianos (sumos-sacerdotes), 311
Belzacara ou **Bel-Ischarie** (região), 280, 281
Bel-Zur (região), 59, 60, 157, 158
Biblioteca de Nínive (ver **NINIVE...**)
Biblioteca de S. Petersburgo, 123
Biblos (cidade), 64, 66, 68, 119, 127, 150, 163, 168, 198, 232, 258
BIRASHSHENA, 129
BIRIDIYA, 129
BIRYAWAZA, 129
Bit-Humri (Reino de Israel), 207
BLISS (Frederick J.), 247
BODENHEIMER (Friedrich Simon), 115, 116
BOETHUS, 311
Boghasköi (cidade), 99
BOOZ, 173
Bordeus (cidade), 314
BORROMEU (São Carlos), 317
Boses (penhasco), 158
BOSSART (H. Th.), 181
BOTTA (Paul-Émile), 7, 29, 214, 215, 216, 217
BOUILLON (Godofredo de), 180
Bozez (penhasco) (ver **BOSES**)
BRAMANTE, 329
Branco (porto), 134, 233
BREASTED (James Henry), 94, 176
BREITENBACH, 115, 116
Bretanha, 333, 335, 343
BRUTO, 324
Bruxelas, 71
Bubaste (cidade), 89
Bukea (planície), 101

C

CABANE, 53, 54
Cachemira, 39
Cacho (vale), 127, 133
Cadés ou **Kades Barnea** (região), 107, 122, 125, 126, 130, 131, 133, 358
Cadés ou **Kadesch** (cidade), 101
Cafernaum (povoação), 64, 306, 307, 308, 327, 343
Caif or (região), 149, 155
CAIFAS (José Ben Caiafa), 311
Cairo (cidade), 74, 91, 92, 104, 299
Calah (cidade) (ver **CALE**)
Calane (cidade), 29
Caldeia (região), 27
Caldeus (reis), 246, 274
Caldeus (os) (ver também **CHITITAS**), 27, 32, 35, 37, 38, 238, 242, 243, 248, 253, 258, 262, 295
Cale ou **Nemrod** (cidade), 8, 29, 217
CALIGULA (imperador), 322, 328, 329
Calvário (monte), 317
CAM, 275
CAMBISES, 260
CAMBISES II (rei), 268
Camelos (domesticção), 148, 187
Camitas (os), 276
Canadá (cidades, fortalezas), 72, 73, 129, 142, 154, 232, 309
Canadá (conquista, ocupação), 8, 33, 66, 75, 104, 108, 127, 131, 137, 138, 139, 143, 154, 162

Canã (deuses, cultos), 134, 160, 232, 233, 234, 235, 240, 278
Canã (Terra, país de...), 24, 25, 37, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 77, 89, 93, 94, 97, 99, 100, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 136, 138, 139, 145, 147, 154, 155, 156, 161, 168, 188, 232, 233, 252, 265
Cananéia (religião), 7, 134
Cananeu (dialeto), 120, 128, 234
Cananeus (os), 61, 72, 73, 118, 128, 130, 138, 143, 147, 150, 154, 177, 234, 252
Cântico dos Cânticos (Livro do...), 189, 191
Capadócia (região), 149
Carchemish (ver **CARQUEMIS**)
Carmelo (monte), 177, 287
Carnac ou **Karnac** (templo), 96, 101, 197, 198
Carquemis (cidade), 32, 150, 151, 199, 241, 242
Cartago (cidade), 258, 283
CASSIO, 324
Cassitas (os), 262
Cáucaso (região), 239
Cavala ou **Neápolis** (cidade), 324
Cedrom (vale), 165, 224, 225
CEFAS (ver também **PEDRO**), 327
CELSE, 289
Cerveja (fabricação), 155, 156
CÉSAR, 168, 312, 335, 341
CÉSAR (ver também **JULIO**...), 275, 292, 300
Cesaréia (cidade), 287, 335
Cesaréia de Filipe (cidade), 287
Cetim (país), 271
CETURA, 108
CHAKABA (faraó), 220
CHAMBERLAIN (Houston Stewart), 288, 289, 289
CHAMPOLLION, 30
Chamsin ou **Simum**, 109
CHASE (Mary Ellen), 265
Chatusas ou **Hattusas** (cidade), 100, 150
Chechem ou **Siquém** (cidade), 71
CHECHONK I (faraó), 178, 197, 198
Cher'at el Kebire (rio Jordão), 79
CHEVALIER, 318
China, 23, 190, 292
Chineses (astrônomos), 292
Chipre (ilha), 25, 58, 150, 151, 233, 322
Chirbet et-Tubeka, 281
Chittitas (os), 274, 276
CHNEM-HOTEP, 75, 76
CHU-SEBEK, 67
CIAXARES (rei), 238, 239
CÍCERO, 313
Cidade do Sul (ver **TEBAS**)
Cilícia (região), 151, 180, 181, 321
Cilindros de barro, 30, 31, 32
Cineus (os), 108
Cirene (região), 212
CIRINO, 290
CIRO (rei), 178, 260, 261, 262, 263, 264, 268, 267
"Ciropédia", 261
Citas (os), 239
Citópolis (cidade) (ver também **BETSAN**), 239
CLARI (Robert de), 317
CLAUDIO (imperador), 316, 325, 326
CLEMENTE VIII (papa), 330
CLEÓPATRA (rainha), 275, 300
Coa (região), 151
Code (região), 151
"Codex Justinianus", 293
"Codex Petropolitanus", 361
"Codex Sinaiticus", 123, 361
"Codex Vaticanus", 361
CODORLAOMOR (rei), 78
COLOMBO (Cristóvão), 39
Colônia (cidade), 314
CONSTANTINO (imperador), 122, 315, 329, 330, 331, 332
Constantinopla (cidade), 206, 317

COOK (S. A.), 249
COPÉRNICO, 348
COPÉRNICO, 348
Coríntios (Epístola aos...), 325
Corinto (cidade), 316, 324, 325, 326, 335
Cornélio (via), 328, 329
Coroa de Espinhos, 313, 314, 319
Corsabad (cidade), 57, 215, 217, 221
Corsabad (escavações), 7, 29, 30, 31, 215, 216
CRESO (rei), 261
Creta (ilha), 23, 25, 58, 66, 154, 155
Creteneses (os), 138, 149, 167
Creteus (os), 154
Criação (Lenda sumeriana), 25, 237
Cristãos (os), 9, 27, 224, 289, 297, 316, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 332
Cristianismo, 39, 112, 265, 322, 324, 326
CRISTINA (rainha), 331
CRISTO (ver **JESUS**...)
Crocodilos (lago) (ver **TIMSAH**)
Crônicas (Livros das...) (ver **PARALIPÔMENOS**)
CROWFOOT (J. W.), 200, 209
Cruzadas, 101, 177, 180, 190, 232, 317, 327
CTESIAS, 274
Cuneiforme (escrita), 30, 31, 47, 49, 54, 108, 119, 120, 128, 168
Cuneiformes (inscrições, textos), 7, 25, 32, 47, 50, 55, 56, 60, 99, 108, 148, 164, 168, 197, 199, 206, 212, 213, 216, 217, 238, 240, 244, 262, 294
Curdístão, 50
Cuta (região), 217
Cyprus (cidade), 309
CZAR, 168

D

Dabir (cidade) (ver também **TELL BEIT MIR-SIN**), 142, 145, 157, 189
Dafca (região), 117, 118, 120
DAGAN ou **DAGON** (deus), 55, 160, 233
Dagh (monte) (ver **SUALTA**...)
DALILA, 149, 156
DALMAN (Gustav), 9, 133
Damascus (cidade), 53, 62, 63, 65, 68, 126, 129, 171, 199, 207, 208, 209, 211, 212, 265, 303
Dan ou **Dã** (região), 64, 78, 80, 360
Daniel (Livro de...), 254, 262
DANIEL (profeta), 254
Danúbio (rio), 333
DARIO I (rei), 266, 267, 268, 271
DARIO II (rei), 269
DARIO III (rei), 271
DAVI (rei), 8, 60, 65, 75, 76, 99, 153, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 174, 188, 195, 208, 209, 223, 224, 225, 230, 247, 249, 256, 264, 269, 288, 289, 290
Dávidum, 168
Debir (cidade) (ver **DABIR**)
DÉBORA, 146, 147, 148, 159, 177
Decápolis (Dez Cidades), 287
Deir el-Bahri (templo), 96, 176
Delfos (cidade), 325
DELITZSCH (Friedrich), 9, 348
DEMÉTRIO, 323, 324
Derbe (cidade), 322
Deserto (vale do...) (ver também **WADI EL-ARABA**), 170, 172
DEUCALIA, 39
Deuteronômio (Livro do...), 70, 109, 128, 129, 132, 133, 135, 174, 315, 356, 359, 360
"Deutsche Evangelische Institut für Altertums-kunde", 8
"Deutsche Orientgesellschaft", 8
DHORME (E.), 234
Diádocos (lutas dos...), 275
DIANA ou **ARTEMIS** (deusa), 323, 324
Diáspora, 276, 322

Diban ou Diban (cidade), 202, 204
 Dilúvio, 39, 40, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55
 Dilúvio (lenda sumeriana), 25, 47, 49, 216
 Dinamarca, 133
 DIONOCATES, 323
 DIONISIO, 182
 DIONISIO EXIGUO, 297
 Dolmens, 132, 133
 Dórica (migração), 138
 DOSSIN (Georges), 57
 DUNCAN (Garrow), 268
 DUSSAUD (R.), 233

E

EA (deus), 47, 48
 Ebal (monte), 72, 308
 Eben-Ezer (região), 157
 EBIN-IL (rei), 55
 Ecbátana (cidade), 261
 ECHNATON ou AMENÓFIS IV (faraó), 99, 100
 124, 128, 137
 "École Biblique de Saint-Etienne", 8
 "École Biblique et Archeologique de Jérusalem", 353
 Edessa ou Antioquia (cidade), 318
 Edom (reino), 78, 93, 122, 131, 132, 164, 171,
 202, 221, 246
 Edomitas (os), 211
 Efésios (os), 323, 324
 Efeso (cidade), 274, 323
 Efraim (montes), 144, 213
 Efraim (tribo), 359
 EFREU ou APRIES (faraó), 246
 Egeu (mar), 138
 Egípcia (dominação, colonização), 66, 98, 137,
 138
 Egípcio (língua), 66, 91, 108
 Egípcios (médicos), 25, 90
 Egípcios (os), 47, 49, 65, 66, 67, 68, 75, 76, 89,
 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 108,
 111, 118, 119, 138, 152, 153, 176, 177, 188,
 229, 240, 256, 292
 Egito (Antigo Império), 88, 93, 257
 Egito (escavações), 8, 29, 32
 Egito (Médio Império), 70, 88, 89
 Egito (Novo Império), 70, 88, 104, 161
 Egito (rio, torrente), 126, 241
 Eglon (cidade) (ver também TELL EL-HESI), 72,
 180
 Egnatia (via), 324
 "Egypt Exploration Fund", 74
 EHRENBURG (G.), 115, 116
 Eilotha (pórtio) (ver também ALIAT), 175
 Ekron (ver também ACARON), 226
 EL (deus), 232
 Elá (vale), 247
 El-Amarna (tabuinhas) (ver também TELL...),
 222
 El-Damiyeh (vau), 139
 Elefantina (ilha), 66, 93, 101, 269
 ELIACIM ou ELIAKIM, 241
 ELIAS (profeta), 200, 205
 ELIL-AHA-IDDINA, 252
 ELIL-NADIN-SUM, 252
 Elim (oásis), 113, 114
 ELISEU (profeta), 201, 202, 205
 El Kaa (planície), 114
 El-Kab (região), 96
 El-Lisan (península), 82, 83
 El Mashnaka (penhasco), 305
 Eloth (ver ALIAT)
 Emat (cidade) (ver também HEMAT), 64, 209,
 217
 Emaús (cidade), 280
 Enac (Filhos de...), 128, 133
 ENLIL (deus), 254

EPIFANES (rei) (ver também ANTIOCO IV),
 279, 280
 ESAR-HADON (ver ASARADON)
 ESAU, 99
 Escandinávia, 259, 291
 Escarabeus ou Escaravelhos, 94, 258
 Escribas, 166, 167, 267, 277
 Esdras (Livro de...), 8, 264, 265, 267, 269, 269
 Eslinges, 97, 106
 Esmirna (cidade), 261, 322
 Espanha, 114, 287
 Esparta (cidade), 261
 Esquillo, 275
 Essênios (os), 355
 Essuues ou Suez (cidade), 112
 Estados Unidos (ver também U. S. A.), 43, 79,
 129, 313, 354
 Estelas, 101, 106, 117, 205, 241
 ESTRABAO, 321
 Estraburgo (cidade), 106
 Etam (região), 111
 ETBAAL (rei), 200, 201
 Etemen-an-ki (torre de Babel), 244
 Etiópes (os), 220
 Etiópia, 220, 236
 Etlópico (mar), 175
 Etruscos (os), 328
 Eufrates (rio, vale), 7, 23, 24, 25, 28, 29, 33,
 37, 42, 44, 47, 50, 53, 62, 65, 95, 97, 99, 150,
 161, 164, 165, 169, 199, 240, 241, 244, 251,
 253, 255, 257, 265, 267
 Eufrates inferior, 25, 32, 45, 49, 236, 238
 Eufrates médio, 53, 56, 59
 Eufrates superior, 32, 51, 97, 164
 EUPATOR (rei) (ver ANTIOCO V)
 EURIPIDES, 275
 Europa, 114, 133, 187, 189, 193, 206, 216, 231,
 259, 288, 313, 321, 324, 325
 EUSÉBIO DE CESARÉIA, 232, 234
 Êxodo (Livro de...), 94, 103, 104, 105, 107, 108,
 109, 111, 112, 113, 114, 116, 120, 121, 122,
 123, 124, 125, 130, 188, 191, 192, 356
 EZEQUIAS (rei), 162, 219, 220, 221, 222, 223,
 224, 225, 226, 227, 228, 229, 249
 Ezequiel (Livro de...), 99, 154, 190, 193, 231,
 360
 EZEQUIEL (profeta), 99, 360

F

Faba (castelo), 177
 FACEIA (rei), 211, 212
 Faiyûm (oasis), 92
 FALEG, 60
 Farah (cidade), 50
 Faran (deserto), 126
 Faraós, 24, 25, 66, 67, 77, 87, 88, 89, 91, 94,
 97, 99, 103, 107, 108, 111, 117, 128, 138, 151,
 153, 163, 176, 178, 192, 197, 241, 246, 248,
 249, 257, 262, 274
 Fariseus (os), 312
 Faros (ilha), 277
 Fasaal (torre), 310, 342
 Fassa (pico), 135
 FEDERMAN (Xiel), 360
 Feiran (oásis), 121, 122
 Félis (os), 92
 "Felix Arábia" (ver ARABIA FELIZ)
 Fenícia (região), 64, 66, 128, 134, 163, 174,
 187, 201, 232, 235, 258
 Fenícias (cidades), 24, 25, 56, 62, 64, 68, 97,
 120, 134, 150, 211, 222, 249, 271
 Fenícios (ver também SIDÔNIOS), 64, 68, 138,
 174, 188, 201, 205, 234, 258
 Ferro (extração, fundição), 138, 150, 156, 164,
 172, 174, 360

Fértil Crecente (região), 23, 24, 25, 26, 38, 52, 95, 120, 124, 173, 193, 213, 217, 221, 223, 236, 237, 238, 239, 257, 259, 271, 287

FESTO, 326

Fiaírol (região), 111

FIDIAS, 275

FILADELFO (faraó) (ver PTOLOMEU II)

FILÍPE (rei), 271

FILÍPE (tetrarca), 302

FILÍPE ARRIDEU, 275

Filípos (cidade), 324

Filistéia (região), 221, 247

Filistéias (cidades), 154, 155, 174, 211, 220, 273,

Filisteus (Caminho dos...), 111, 112

Filisteus (os), 8, 64, 148, 149, 151, 153, 154,

155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 164, 165,

167, 174, 177, 196, 357, 360

FILON DE ALEXANDRIA, 232, 234, 258, 312

FINEGAN (Jack), 84

FINEÍAS, 134

FIOPS I (faraó), 66

FISCHER (Clarence S.), 160, 178, 200

Fitom (cidade) (ver também PITON), 251

FITZGERALD (G. M.), 160

FLANDIN (Eugene N.), 215

FLÁVIO JOSEFO, 79, 114, 190, 273, 278, 282,

296, 300, 301, 304, 305, 310, 312, 313, 316,

335, 337, 338, 339, 340, 342

Flórida (costas da...), 49

FLORO, 335

FONTAINE, 216

"Foreign Office", 29

France, 23, 53, 54, 56, 113, 216, 233, 317

Frigia (região), 321

Fud e Ryland (Fragmentos), 361

FUL (rei) (ver também FULU e TEGLATFA-

LAZAR III), 8, 210, 217

Funchal (morro) (ver também RASCHAMRA),

233

Funon ou Kirbel-Phenan (região), 132

G

Gaas (monte), 144

Gabaa (fortaleza) (ver também TELL EL-FUL),

8, 158, 160, 165, 196, 200

GADATÁ, 267

GADD (C. I.), 240

GAIO, 328

Galaad (cidade), 212

Galacia (região), 322

Gálatas (Epístola aos...), 287, 322

Gálqala (região), 139, 144

Gália, 333

GALÍAO (Lucius Junius Annaeus Novatus Gal-

lio), 325

Galliléia (montes), 177, 178, 303, 307

Galliléia (região), 64, 79, 84, 135, 147, 159,

212, 280, 287, 290, 302, 303, 304, 306, 307,

335, 337, 357

GALILEU, 348

GALLO (C. Céstio), 335

Ganges (rio), 50

Gangites (rio), 324

GANNEAU (Clermont), 204

GARDINER (Alan), 119

Garizim (monte), 72, 308, 359

GARSTANG (John), 141, 142, 309

Gat (cidade) (ver também TELL EL-SAFY), 72

Gaulenses (os), 302

Gaza (cidade), 64, 138, 140, 154, 174, 212, 239,

273

Gezela (distrito), 75

GEDALIA, 249

GEDEAO, 146, 148, 177

Gelboé (montes), 159

Genesaré (lago), 62, 64, 79, 80, 81, 132, 164,

265, 287, 302, 306, 327, 335, 357

Gênesis (Livro do...), 27, 29, 37, 39, 46, 47, 48,

49, 50, 52, 53, 60, 61, 62, 67, 70, 71, 74, 76,

78, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 90, 91, 92, 93, 99,

105, 108, 135, 147, 148, 188, 191, 255, 275,

300, 347, 349, 356, 358, 360

Gerar ou Gerara (cidade), 72, 358

Germânia, 23, 303, 333

Germanos (os), 302

Gesser (cidade), 72, 143

Gessen (região), 93, 94, 95, 105, 106, 129

Get (cidade) (ver também GAT), 154

Getsêmani (hórto), 310

GIACOMO DELLA PORTA, 330

Gibea ou Gibeah (ver GABAA)

Gibraltar (estreito), 258

GILBERT (Vivian), 158, 159

Gilead (ver GALAAD)

Gilgal (ver GALGALA)

GILGAMES (Epopeia, lenda), 25, 46, 47, 49,

50, 52, 216, 217

Gion (fonte) (ver também MARIA e VIRGEM),

165, 223, 224, 225, 268

GLASER, 183

GLUECK (Nelson), 109, 130, 132, 170, 171, 172,

173, 174

Gólgota (colina), 314, 328

GOLIAS (gigante), 149, 247

Gomorra (cidade), 77, 78, 82, 83, 84, 253, 360

Grã-Bretanha (ver INGLATERRA)

Grécia, 137, 138, 150, 155, 161, 182, 236, 259,

271, 275, 281, 283, 287

Greco-Romana (cultura), 23, 287, 309, 353

Greensborough, 51

Gregá (ocupação, dominação), 273

Gregas (cidades), 287

Grego (língua), 123, 276, 277, 287, 313, 322,

325, 355, 356, 361

Grego (Texto... da Bíblia), 144, 277, 354, 355

Gregos (os), 29, 39, 60, 64, 65, 79, 120, 241,

258, 259, 270, 271, 273, 275, 276, 277, 278,

287, 292, 325, 339

Groenlândia, 52

GUY (P. L. O.), 178, 179

H

Habacuc (Livro de...), 274

HABACUC (profe'a), 274

Habiru (ver HAPIRUS)

HADAREZER (ver ADAREZER)

Hadramaut (reino), 183, 185

HAECKEL (Ernst), 289

Hai (região), 71

Haifa (cidade), 79

HALÉVY, 183

Halicarnasso, 229

Halis (rio), 33, 99, 101, 150, 238

Halley (cometa), 292

Hamath (cidade) (ver HEMAT e EMAT)

HAMURABI (rei), 26, 47, 56, 255

HANANJA, 269

HANIS, 101

Hapirus (os), 128

Hará (cidade), 37, 53, 60, 61, 62, 265

HARA ou HARAN, 27, 60

Haram Bilquis (templo), 184

HARDING (Gerald Lankester), 353, 355, 361

Harod (fonte), 159

HARPAGAO, 261

HARPOCRATES, 208

Harran (cidade), 240

Haserot ou Ain Huderah (cidade), 128

Hasmoneus (os), 282, 301, 310

HATCHEPSUT (rainha), 178

HATTIN, 252
HATOR (deusa), 118, 119
Hatti (ver também Reino dos HITTITAS), 101, 102
Hattusas (cidade) (ver CHATTUSAS)
HATTU-ZITIS, 100, 101
HAZAEI (rei) (ver HEZAEI)
Hazor (cidade) (ver ASOR e HESAR)
Hebraico Antigo (língua), 119, 202, 205, 225, 234, 276, 353, 354, 355, 356, 361
Hebreus (Epístola aos...), 112
Hebreus (os), 38, 60, 87, 107, 156, 325
Hebron (cidade), 73, 85, 99, 126, 127, 133, 135, 142, 157, 161, 189, 248, 258, 280, 281, 296, 297
HECATEU, 274
Hefaios (templo), 229
Hélaide, 120, 275
HELENA (imperatriz), 122, 330, 331
Helénica (cultura) (ver também GREGA), 276, 309, 353
Helenos (ver também GREGOS), 273, 274
Heliópolis (cidade) (ver também ON), 91, 106, 163, 300
Hemat (cidade) (ver também EMAT), 164
Hên (região), 59
HERIHOR, 163
Hermón (monte), 63, 65, 79, 80, 131, 135, 139, 164, 265, 287
HERODES AGRIPA (rei), 322
HERODES ANTIPAS (rei), 302, 304
HERODES "O Grande" (rei), 8, 80, 291, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 309, 310, 311, 312, 313, 341, 342
HERODIADE, 304, 305
HERÓDOTO, 94, 181, 229, 238, 239, 241, 248, 254, 255, 256, 260, 274
Hesar ou **Heser** (cidade) (ver também ASOR), 179, 180
Het (Filhos de...), 99
Heleus (ver também HITTITAS), 85, 99, 128, 169, 181
HEZAEI ou **HAZAEI** (rei), 205, 207, 208
Hicos (os), 89, 90, 91, 94, 96, 97, 103, 104, 137, 176
Hieroglífica (escrita), 25, 74, 94
Hieróglifos, 30, 70, 75, 87, 104, 118, 119, 153, 197, 241
Himalaia (maciço), 23, 142, 274
HINCS, 216
Hípico (tórre), 310, 342
HIRA ou **HIRAM**, 174, 175
HIRCANO (sumo-sacerdote) (ver também JOAO HIRCANO), 301
Hittitas (os), 8, 47, 49, 85, 99, 100, 101, 102, 128, 156, 181, 255, 262
Hittitas (reino dos), 24, 98, 100, 138, 150, 151, 181
HOGARTH (David G.), 324
Holanda, 183
Hollywood, 305
HOMERO, 34, 48, 137, 236
Homonadenses (tribo), 290
Hóms (lago), 101, 165
HOPHRA (lago) (ver EFREE)
HORI, 126
HORO ou **HORUS** (deus), 208
HOR-UR-RE, 118
HOSEAS (ver OSÉIAS)
Hradschin de Praga, 293
HUBBLE (Edwin E.), 348
Hule (lago), 80, 81
Hurritas (os), 129

I

IADHULIM, 59
IASMAH-ADU, 59
Idómeu (cidade), 322

Idade da Pedra, 23, 28, 43, 140, 259
Idade do Bronze, 23, 138, 140, 148
Idade do Ferro, 138, 172
Idade Média, 82, 100, 123, 161, 229, 231, 299, 318
IDI-NARUM (rei), 55
Iduméia (região), 171, 280, 281
Idumeus (os), 296
Iêmen (país), 183, 185
Illum-Muluk (cidade), 59
ILUMQUH (deus), 184
IMAN ACHMED (rei), 184
Incenso (Estrada do...), 164, 186, 187
INDARUTA, 128, 129
Índia, 39, 133, 190, 266, 275
Indianas (divindades), 97
Índico (oceano), 25, 190
Índo (vale), 23, 274
Índo-Áriscos (nomes), 97, 129
Índo-Áriscos (os), 129, 238
Índo-germânico (povo), 99, 138, 259
INDRA (deus), 97
Inglaterra ou **Grã-Bretanha**, 23, 43, 46, 119, 133, 259
Instituto Arqueológico de Berlim, 100
Instituto de Física Nuclear de Chicago, 354
Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã, 332
Irã (ver também PERSIA), 51, 238, 259
Iranianas (montanhas), 260
Iraque (país), 129
Irlanda, 351
ISAAC, 37, 60, 61, 70, 99, 358
Isaías (Livro de...), 7, 29, 192, 220, 222, 223, 230, 231, 251, 253, 260, 352, 353, 354, 355, 361
ISAÍAS (profeta), 192, 221, 223, 230, 231, 253
ISHTAR ou **ISTAR** (deusa), 54, 55, 57, 58, 244, 254
ISIS (deusa), 208
Isã, 327
ISMAEL, 358
Ismaelitas (os), 87, 90
Israel (Estado), 62, 64, 65, 146, 268, 353, 357, 359, 360
Israel (Povo, filhos de...), 7, 8, 60, 61, 64, 67, 69, 72, 75, 77, 78, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 169, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 195, 200, 205, 208, 213, 231, 234, 249, 250, 252, 253, 259, 269, 276, 278, 280, 283, 288, 295, 296, 301, 302, 306, 309, 310, 316, 334, 337, 340, 343, 360
Israel (reino), 65, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 225, 231, 244, 246, 265, 273, 282
ISRAEL ou **JACÓ**, 94, 188
Israelitas (ver ISRAEL — Povo, filhos de...)
Issacar (tribo), 147
ISSAKU (rei), 54
Istar (Porta de...), 244, 245, 253
Itália, 316
ITTOBAAL (rei) (ver também ETBAAL), 201
IVEN-YEN (imperador), 292

J

Jaa (região), 68
Jabbok ou **Jeboc** (rio), 84, 132, 133
JACÓ (ver também ISRAEL), 23, 76, 93, 94, 359
JADDUA (sumo-sacerdote), 273
Jaia (cidade), 73, 127, 157

IAFET, 275, 276
Ialobatsch (cidade), 322
IAMINUS, 175
IANHAMU, 128
IAQUIM, 173
Jardim Botânico de Nova York, 123
Jarmuk (rio), 164
JARVIS (C. S.), 122
JASAO (sumo-sacerdote), 277, 278
JAUA (rei) (ver também JEÚ), 207
JAUAZI (rei) (ver também ACAZI), 212
JAUSCH, 247
Jebel Agra (monte), 233
Jebel Musa (monte), 122, 123
Jebel Udsun (monte), 85
Jeboc (rio) (ver JABBOK)
Jebuseus (os), 225
Jebusitas (os), 166
JEHU (rei) (ver JEÚ)
JEHUDA BEN SARIFA, 302
Jenam (região), 66
Jenoam (cidade), 143
JEOVA, 9, 60, 94, 124, 134, 205, 232, 235, 240, 247, 256, 278, 279, 280
Jeremias (Livro de...), 157, 191, 193, 241, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 309
IEREMIAS (profeta), 112, 189, 191, 193, 241, 246, 249, 251
Jericó (cidade), 72, 73, 80, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 144, 190, 249, 287, 300, 304, 309, 355
Jericó (escavações), 140, 141, 142
Jericó (muralhas), 140, 141, 142, 200
Jericó (queda, destruição), 139, 140
IEROBOAO (rei), 178, 196
IEROBOAO II (rei), 208, 209, 210
IERONIMO (São...), 303, 355
Jeriet (região), 66
Jerusalém (cidade — antiga), 8, 71, 72, 73, 128, 129, 141, 142, 143, 157, 185, 166, 167, 179, 180, 182, 187, 195, 196, 197, 211, 219, 220, 223, 225, 226, 228, 230, 231, 240, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 254, 256, 264, 265, 268, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 283, 291, 296, 300, 302, 303, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 321, 322, 327, 334, 335, 340, 342, 359
Jerusalém (cidade — atual), 9, 51, 123, 135, 160, 170, 204, 224, 248, 317, 353
Jerusalém (destruição), 99, 249, 306, 310, 313, 342
Jerusalém (sítio de...), 8, 79, 227, 229, 248, 249, 334, 336, 337, 338, 339
Jerusalém (templo), 173, 264, 265, 267, 268, 269, 302, 309, 310, 334, 340, 341, 342
JESUS CRISTO, 8, 54, 79, 80, 165, 218, 255, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 326, 327, 328, 334, 335, 340, 343, 355, 361
JEÚ (rei), 205, 207, 208
JEZABEL (princesa), 200, 205
Jezrael (planície), 73, 138, 147, 159, 160, 165, 177, 303, 357, 359
Jó (Livro de...), 191
JOAB, 60, 75
JOACAZ (rei), 205, 208, 241
JOACHIM (ver JOAQUIM)
João (Cavaleiros de São...), 177
João (Evangelho de São...), 218, 311, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 327, 361
JOAO (Evangalista), 8, 307, 308
JOAO (pai de Pedro), 327
JOAO BATISTA, 304, 305, 306
JOAO DE GISCHALA, 336, 342
JOAO HIRCANO (sumo-sacerdote) (ver também HIRCANO), 282
JOAQUIM (rei), 241, 243

JOAQUIM ou JOACHIM (rei), 243, 245, 246, 264
Jonas (Livro de...), 30, 170
IONAS (profeta), 170, 333
JONATAS, 158, 159, 160
JONATAS (Macabeu), 281
Jope (cidade), 138
JORAM (ver também HIRÁ), 175
JORAO (rei), 201, 202, 205
Jordânia (Estado), 62, 72, 78, 132, 133, 135, 139, 209, 356
Jordânia (Oriental), 84, 131, 132, 133, 164, 202, 205, 209, 280, 287, 302, 340
Jordão (rio), 62, 63, 64, 65, 79, 80, 81, 83, 127, 131, 137, 138, 139, 143, 144, 159, 256, 277, 201, 204, 206
Jordão (vale), 33, 66, 73, 77, 81, 83, 84, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 160, 173, 177, 231, 243, 300, 305, 308, 309
JOSE, 76, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 103, 105, 188, 262
JOSÉ (São...), 290, 299, 300, 301, 303
José (tribo), 359
JOSÉ BEN CAIAFA (ver CAIFAS)
JOSÉ DE ARIMATEIA, 316, 317
JOSI (Enrico), 332
JOSIAS (rei), 177, 240, 241
JOSUÉ, 37, 75, 82, 121, 127, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 162, 248, 250, 309, 359
Josué (aldeia), 144
Josué (Livro de...), 33, 37, 71, 82, 112, 126, 128, 137, 139, 142, 144, 145, 157, 177, 248, 359
Judá (cidades), 227, 246, 250, 279
Judá (fortalezas), 226, 227, 246, 247, 250
Judá (montanhas), 97, 99, 126, 135, 156, 170, 239, 247, 265, 280, 287, 303, 358
Judá (reino), 195, 196, 198, 202, 203, 208, 210, 211, 212, 213, 219, 220, 221, 223, 226, 230, 231, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 249, 250, 265, 267, 268, 269, 270, 273, 282, 296
Judá (reis), 211, 221, 227, 228, 244, 245
Judá (tribo, região), 73, 82, 127, 162, 165, 189, 190, 195, 275, 276, 277, 278, 280, 281, 282, 283, 287, 291, 297, 308, 343
Judaísmo, 274, 278, 289
JUDAS ISCARIOTES, 311
JUDAS MACABEU, 280, 281
Judéia (montes), 148
Judéia (país), 289, 290, 297, 300, 302, 308, 312, 321, 322, 326, 327, 335, 338, 357
Judéia (reis), 8, 291, 296, 297, 301, 303, 322
Judeu (povo), 9, 302
Judeus (Guerra dos...), 334, 335, 339, 343, 355
Judeus (os), 190, 218, 224, 227, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 263, 265, 268, 269, 273, 274, 275, 276, 278, 282, 289, 291, 295, 296, 300, 301, 304, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 316, 317, 318, 321, 324, 325, 326, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 358
JUDICA, 318
Juizes (Livros dos...), 71, 128, 140, 145, 146, 147, 148, 154, 155, 156, 157, 170, 232, 353, 357, 358
"Juliana Lex", 312
JULIO, 326
JULIO CESAR (imperador), 275, 292, 300, 324
JULIO SEVERO, 343
Juncos (mar), 111, 112, 113, 171, 359
JÓPITER (deus), 343
JUSTINIANO (imperador), 123, 297

K

KAAS (Ludwig), 331, 332
Kadesh (cidade) (ver CADES)
Kaiser, 168
Kalchu (cidade) (ver NEMROD)
Karatepe (monte), 181

Karnac (templo) (ver também **CARNAC**), 198
Kataban (reino), 183
KAUTZSCH, 278, 358
KEDARUS, 175
Kedne (região), 88
KEDOR LAOMER (rei) (ver **CODORLAOMOR**)
Kefr Ishu'a (aldeia), 144
KEMOSH (deus), 204
KEMOSH (rei), 204
KENAIHA, 245
KENNYON (Kathleen M.), 140
KEPLER (João), 293, 294
Khuru (região), 129
Kich (cidade), 44
KINSEY, 88
Kirbet-Phenan ou Funon (cidade), 132
Kir-Hareseth (cidade), 202
Kiriath-el (cidade), 127
Kiriath-Sepher (cidade), 189
Kirkuk (região), 129, 165
Kison (fonte), 148
KJAERS (H.), 157
Kjn (cidade), 127
KLEBER (general), 178
KLEIN (F. A.), 202, 203, 204
KOHL (H.), 306
KOLDEWEY (Robert), 36, 244, 253
Konia (cidade), 322
KOTILUS, 175
"Kraak des Chevaliers", 101
Krethi ou Cretenses (os), 149
KYLE (M. G.), 142

L

LAMGI-MARI (rei), 54, 55
Laquis (cidade) (ver também **TELL EL-DU-WEIR**), 72, 142, 179, 226, 227, 228, 229, 246, 247, 248
Laquis (destruição), 8, 247, 248
LAYARD (A. Henry), 29, 206, 215, 227
Lechaenun (vila), 325
LEPSIUS (Richard), 30
Líbano (montes), 65, 100, 138
Líbano (região), 100, 127, 138, 165, 175, 197, 213
Líbano (vales), 33, 99
LIBBY (Willard F.), 354
LIBERALIUS, 341
Líbrios (os), 143
LIDIA, 324
Líbia (reino), 261
LIPPENS (Phillippe), 353
Listra ou Lustra (cidade), 322
Lithóstrotos ou Gábbatha, 8, 313, 340
Lituânia, 39
Londres, 29, 30, 31, 95, 206, 227, 240
LOT, 27, 53, 62, 71, 77, 78, 82, 84, 85, 135
LOUD (Gordon), 178, 179
LOUIS PHILIPPE (rei), 216
LOWDERMILK (Walter Clay), 357
Lucas (Evangélio de São...), 191, 218, 290, 297, 298, 304, 308, 309, 310, 312, 315, 334, 355, 361
LUCAS (Evangélista), 289, 290, 306
LÚCIO JÚLIO GALÍAO (ver também GALÍAO), 326
Lustra (cidade) (ver **LISTRA**)
LUTERO (Martinho), 166, 247
LYNCH (W. F.), 79, 81, 83
LYON (D. G.), 200

M

Macabeus (guerras dos...), 273, 280
Macabeus (Livros dos...), 169, 271, 275, 277, 278, 279, 280, 281

Macabeus (os), 280, 281, 282, 283
Macabeus (reino dos...), 282
Macedônia (reino), 275, 324
Macedônia (reis), 271
Macedônios (os), 271, 273
Macmas (vale) (ver **MICHMAS**)
Madaadscar, 313
MADER, (A. E.), 65
MADIA, 108
Madiá (região), 107, 108, 130, 133
Madianitas (os), 122, 130, 134, 135, 148, 177
Magdalu ou Miktil (região), 111
Magdolus (ver também MAGEDO), 241
Magedo (cidade) (ver também **TELL EL-MUTE-SELLIM**), 8, 72, 129, 147, 148, 159, 177, 180, 197, 200, 209, 240, 241
Magnésia (região), 267, 323
Magos (os), 260, 261, 291
Magos (reis), 291, 292, 294, 295, 296, 297
Mambré (povoação), 85
Maná ou Manhu, 114, 115, 116, 117, 130
MANAEM (rei), 210, 211
MANASSES (rei), 8, 231
Manassés (tribo), 359
MANDANÉ (princesa), 260, 261
MANETON, 89
MANNUDANNIAMA, 252
Manuscritos do Mar Morto, 354, 355, 356, 361
Maometanos (os), 224
MAOSE, 108
Maquerun'e (fortaleza), 304, 305
Mara (região), 113
Maratona (planície), 271
MARCIO (São...), 329
MARCO ANTONIO, 275, 300, 324
Marcos (Evangélio de São...), 191, 287, 304, 305, 306, 307, 308, 310, 311, 313, 314, 315
MARDUK (deus), 244, 254, 255, 262, 263
Marduk (templo), 255
MARDUK-APLAIDDIN (rei), 223
"Mare Nostrum", 287
Mari (escavações), 7, 97, 148, 168, 255
Mari (reino), 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 167, 265
Mari (reis), 8, 54, 55, 56, 59, 72
MARIA (Bet-Ezob), 340
Maria (fonte) (ver também **VIRGEM**), 224, 303
MARIA ou MIRIAM, 289, 290, 293, 299, 300
MARIAME, 301
Mariame (tôrre), 310, 342
Marib (cidade), 182, 183, 184, 185
Mármara (mar), 150
Masfa (fortaleza), 196
Massorético (texto da Bíblia), 354
MATANIA, 246
Mataria (aldeia), 299, 300
MATATIAS (sumo-sacerdote), 280, 282
MATATIAS BEN MARGOLOT, 302
Mateus (Evangélio de São...), 192, 287, 288, 291, 294, 296, 297, 298, 299, 301, 302, 303, 304, 306, 314, 316, 327
MA TUAN-LIN, 292
MAUCH (Carl), 175
MAUNDEVILLE (John), 299
MAURO (São...), 329
Mazói (região), 66
Média (região), 239, 261
Medinet-el-Faiyum (cidade), 92
Medinet Habu (templo), 150, 152, 153
Mediterrâneo (costas), 7, 24, 33, 62, 64, 66, 111, 133, 150, 177, 210, 239, 258, 287, 295, 309
Mediterrâneo (mar), 63, 64, 79, 81, 114, 135, 137, 154, 181, 187, 190, 197, 199, 233, 247, 283, 292, 293, 294
Mediterrâneo Oriental, 23, 114
Medos (os), 238, 239, 241, 260, 261, 262
Medos (reis), 260, 271

Megalítica (época), 23
Megalíticos (túmulos), 23, 132, 133
Meido (cidade) (ver também MAGEDO), 127
Meio-Dia (Terra, País do...) (ver também NE-GUEB), 65, 73, 85, 126, 127, 358
Melikerie (templo), 232
Melo (forte), 223
MELQUISEDEQUE (rei), 71
MENAHÉM (rei) (ver MANAEM)
MENANDRO DE EFESO, 201
Meneia (fortaleza), 93
Mênfis (cidade), 69, 74, 89, 113, 254
MERENPTAH (faraó), 142, 143, 167
MERODAC-BALADAN (rei) (ver também BERO-DAC BALADAN), 222, 223, 226, 238
MESA ou MESHA (rei), 202, 204, 205
Mesopotâmia (deuses), 48
Mesopotâmia (Norte da...), 31, 37, 60, 61, 97, 240
Mesopotâmia (região), 7, 8, 9, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 36, 38, 43, 48, 51, 52, 55, 57, 61, 62, 64, 72, 94, 124, 162, 197, 206, 213, 216, 223, 226, 230, 238, 239, 240, 241, 251, 260, 262, 274, 292, 295
Mesopotâmia (Sul da...), 29, 34, 44, 50, 52, 58, 238, 259
MESSIAS (O), 291, 293, 295, 311, 316
México (gôlo), 49
Micenas (cerâmica), 155, 156
Micenas (cidade), 23, 233
Michmas (vale), 158
Migdal (ver MAGDALUM)
MIGUEL ANGELO, 330
Mikot ou Magdalum (região), 111
Milão, 317, 318
Mileto (cidade), 241
Millo (forte) (ver MELO)
Minet el Beida (porto), 233
Minéia (reino), 183
Minóicos (reis), 23
Miquéias (Livro de...), 219, 296
MIQUEIAS (profeta), 219, 296
MIRIAM (ver também MARIA), 289
Mishlan (região), 59
Mispa (cidade), 72
Mitani (reino), 97, 99, 100, 181, 192
Mitanitas (os), 97, 98, 99, 100
MITRA (deus), 97
Moab (reino), 78, 79, 131, 133, 134, 135, 136, 171, 202, 204, 205, 221, 243, 246, 305
Moabitais (os), 134, 146, 202, 204
Moabítico (dialecto), 205
Mocambique (ruínas), 175, 184
Modin (povoação), 280
Mogúncia, 115
MOHL, 214
MOISÉS, 60, 61, 77, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 116, 120, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 164, 174, 234, 251, 277, 288, 353
Moldava (monte), 293
MOLDENKE (Harold N.), 123, 313, 314
MONTET (Pierre), 106
Morto (mar), 7, 65, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 117, 131, 132, 164, 202, 205, 209, 305, 352, 354, 355, 360, 361
Mossul (cidade), 29, 46, 53, 213, 214, 215
Mosteiro de Santa Catarina (ver SINAI — Mosteiro)
Mosteiro de São Marcos, 353
MUHAMMAD DIB, 352
Muralha dos Príncipes, 67, 77
MURASHU, 251, 252
MURSILIS, 100
Museu Britânico, 29, 31, 32, 46, 47, 95, 123, 206, 216, 227, 240, 323
Museu da Universidade de Pensilvânia, 32
Museu de Alepo, 54

Museu de Antiguidades de Aman, 355
Museu de Antiguidades de Beirute, 54
Museu de Constantinopla, 225
Museu de Palermo, 65
Museu de Cairo, 71, 96, 142
Museu do Louvre, 54, 204, 215, 216, 233
Museu Egípcio de Berlim, 30
Museu Imperador Frederico, 244, 245

N

NABONID (rei), 31, 32, 258, 259, 260, 262
NABOPOLASSAR (rei), 238, 241
NABUCODONOSOR (rei), 36, 178, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 254, 255, 258, 260, 262, 264, 274, 295
NABU-SERI-INDINNAM ou NABUZARDAN, 249
Nacor (cidade), 37, 60, 61, 148
Nahor (cidade) (ver NACOR)
Nahum (Livro de...), 236, 238
NAHUM (profeta), 236, 238
NANNAR (deus), 28, 34, 35
NANNAR (princesa) (ver BEL-SHALTI-NANNAR)
NAPHTALI (ver NEFTALI)
NAPOLEAO BONAPARTE, 123, 178, 197
Natal (Dia de...), 293, 297, 298
NAUM (profeta) (ver NAHUM)
Nazaré (cidade), 138, 177, 178, 287, 290, 303, 304, 306, 307, 311, 355, 361
Neópolis ou Cavala (cidade), 324
Nebo (monte), 135, 136
NEBUZARADAN (ver NABUZARDAN)
NECO ou NECAO (faraó), 177, 240, 241, 257
Neeliscal (região), 127
NEEMIAS, 268
Neemias (Livro de...), 268
NEFERTITI (princesa), 40, 99, 100, 108, 188, 192
Neftali (tribo), 212, 306
Negro (mar), 25, 33, 99, 129, 258
Nequeb (ver também MEIO-DIA - País), 65, 85, 97, 113, 126, 130, 135, 142, 170, 358, 359
NEMROD, 217
Nemrod ou Kalchu (cidade) (ver também CALE), 8, 29, 57
Neo-Babilônia (reino), 238, 241, 250
Neobabilônios (os), 239, 241, 244
Neobabilônios (reis), 242
NERGAL (deus), 254
NERO (imperador), 292, 324, 325, 326, 328, 330, 332, 335
NESROQUE (deus), 230
NETUNO ou POSEIDON (deus), 322, 324
NEWBERRY (Percy A.), 74, 75, 103
NICODEMOS, 318
NICOLAU II (czar), 51
NIEBUHR (Carsten), 183, 184
Nilo (catarratas), 24, 93, 269
Nilo (delta), 8, 65, 94, 95, 96, 102, 104, 106, 107, 111, 163, 176, 274
Nilo (monumentos), 30
Nilo (rio), 74, 77, 91, 92, 93, 94, 101, 103, 105, 109, 115, 128, 150, 176, 236, 299
Nilo (vale, terra do...) 8, 25, 28, 47, 62, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 105, 108, 113, 120, 126, 137, 150, 151, 152, 161, 167, 176, 191, 192, 197, 221, 248, 251, 257, 266, 273, 275, 300
Nilo superior, 67, 236
Nilo vermelho, 109
NIMROD (ver NEMROD)
NIN-GAL (deusa), 35
Ninive (biblioteca), 30, 46, 47, 56, 237
Ninive (cidade), 8, 29, 30, 31, 46, 57, 214, 215, 216, 217, 219, 223, 227, 228, 229, 230, 238, 239, 240, 254
Nippur (cidade), 251, 252

Nisir (monte), 50
 NISROCH (ver NESROQUE)
 No-Amom (cidade) (ver também TEBAS), 8, 236
 Nobel (Prêmio), 161
 NOÉ, 39, 46, 47, 48, 49, 50
 Noé (arca de...), 51, 52
 Nômade (os), 25, 26, 38, 58, 66, 69, 71, 72, 76, 77, 78, 94, 113, 121, 122, 124, 126, 129, 131, 133, 139, 140, 145, 305
 Noruega, 24
 NOTH (Martin), 166, 311, 316
 NOURI (Dr.), 51
 Núbia (região), 24, 25, 32, 66
 Núbios (os), 66, 97, 138
 Números (Livro dos...), 60, 78, 107, 108, 113, 117, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 170, 231
 NUN, 137
 Nuremberg, 100
 Nuzu (cidade), 129

O

Obot (região), 132
 Observatório de Monte Wilson, 348
 Ofir (Terra de...), 175, 176, 177, 184
 OG (rei), 132, 133
 OLÍMPIA, 275
 Oliveiras (monte), 309, 310, 338
 On ou Heliópolis (cidade), 91, 300
 O. N. U. (Organização das Nações Unidas), 353
 OPPERT, 216
 Oriente (Antigo...), 23, 29, 46, 47, 55, 56, 64, 88, 124, 148, 155, 164, 167, 173, 174, 175, 192, 206, 210, 213, 216, 222, 229, 235, 236, 237, 243, 254, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 266, 270, 274, 314, 325
 Oriente (Império do...), 123
 Oriente Próximo, 8, 29, 32, 38, 95, 114, 177, 215
 ORÍGENES, 291
 Orontes (rio), 33, 64, 99, 101, 150, 164, 165, 197, 198, 275
 OTÁVIO (ver também AUGUSTO), 297, 324
 OTO II (imperador), 331
 ORÓSIO, 316
 Oséias (Livro de...), 231, 252
 OSÉIAS (rei), 212, 213
 OSIAS, "O Leproso" (rei), 208, 210
 "Ostrakon" ou "Ostracos" (ver também TABUINHAS DE BARRO), 168, 247

P

PA (deus), 80
 Pacífico (oceano), 49
 "Pacific School of Religion", 196
 Padan-Aram (planície), 60
 Pafos (cidade), 322
 PAI-BES, 106
 Palestina (escavações), 8, 29
 Palestina (região) 8, 9, 23, 25, 30, 33, 38, 63, 64, 65, 73, 77, 79, 82, 83, 97, 101, 102, 111, 112, 120, 126, 127, 128, 133, 136, 137, 143, 150, 153, 158, 161, 168, 174, 177, 178, 183, 188, 190, 197, 201, 202, 205, 207, 210, 212, 213, 217, 221, 226, 232, 239, 240, 241, 243, 246, 254, 267, 269, 273, 274, 277, 283, 287, 291, 295, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 315, 316, 324, 327, 335, 343, 353, 356, 358
 Palestina Central, 157
 Palestina do Norte, 68, 78, 84, 102
 Palestina-Síria (ver SÍRIA...)
 "Palestine Exploration Fund", 8, 166
 Palestinos (ver também FILISTEUS), 149
 Palmeiras (cidade das...), 140
 Palmira (oásis), 62
 PANDERA ou PANTERA, 289

Panion (templo), 80
 Papiro Harris, 162
 Papiros, 25, 78, 93, 95, 96, 97, 108, 129, 163, 167, 168, 269, 352, 353, 355, 356, 361
 Papiros Chester-Beatty, 361
 "Papyrus Orbiney", 87
 "Papyrus Sallier I", 95
 Parálipômenos (Livros dos...), 160, 164, 173, 182, 223, 246, 249, 263, 264
 Paris, 54, 57, 59, 60, 204, 214, 215, 216, 318
 PARKER, 166
 PARMENION, 273
 PARROT (André), 7, 9, 54, 55, 56, 355
 Pasárgada (palácio), 266
 Patriarcas (os), 7, 23, 26, 38, 53, 61, 62, 67, 69, 70, 72, 74, 76, 85, 113, 146, 188, 200, 248, 255, 259, 288, 337, 358
 PAULO DE TARSO, 289, 316, 321, 322, 323, 324, 325, 326
 Paz (Templo da...), 342
 PEDRO (apóstolo) (ver também SIMÃO...), 64, 72, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333
 Pedro (Basílica de São...), 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333
 PEKA ou PEKAH (ver FACEIA)
 PELEG (ver FALEG)
 Peleset (ver também FILISTEUS), 153
 Peloponeso (região) (ver também ACAIA), 324, 326
 Pelúcio (cidade), 106
 Per-Atum (cidade) (ver PITOM)
 PERCIER, 216
 Peréia (região), 302
 Perfumes (fabricação), 189, 190, 191
 Perçaminhos, 123, 352, 353, 355, 361
 PERICLES, 229, 275
 Pérola do Sinai (oásis), 121
 Persa (ocupação, domínio), 178, 260, 261, 267, 273, 281
 Persas (os), 65, 181, 251, 259, 260, 262, 264, 266, 268, 269, 270, 271
 Persas (reis), 178, 261, 262, 268, 269, 271
 Persépolis (cidade), 266
 Pérsia ou Irã, 190, 213, 261, 266, 329
 Pérsico (gêlo), 23, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 42, 44, 49, 50, 213, 216, 258
 PETERS (Karl), 175
 Petor ou Pitru (cidade), 134
 PETRIE (Flinders), 97, 117, 118, 119, 120, 121, 174
 PHILLIPS (Wendell), 184
 "Phoinikika", 232
 Pi-Hairoth (região) (ver FIAIROTH)
 PILATOS (Pôncio), 8, 287, 310, 311, 313, 315, 316, 319
 PIO X (papa), 332
 PIO XI (papa), 331, 332
 PIO XII (papa), 330, 331, 332, 333, 348, 351
 Pirâmides, 23, 24, 28, 97, 257
 Pi-Ramsés (cidade) (ver também AVARIS), 89, 111, 163
 Pi-Ramsés-Meri-Amon (cidade) (ver também RAMSÉS), 102, 104, 106
 Plisqah (ver FASGA)
 Plisfida (região), 322
 PITAGORAS, 25
 Pitom, Pi-Tum ou Per-Atum (cidade), 93, 94, 103, 104, 105
 Pitru (cidade) (ver PETOR)
 Pittsburgo (cidade), 174
 Planetas, 292, 293, 294, 295, 296
 PLATÃO, 275
 Plethi ou Filisteus, 149
 POLÍBIO, 279
 POLIGNOTO, 275
 Polínia, 39
 FOMPEU, 283
 Ponto (região), 316

Port Said (cidade), 106
POSEIDON (deus) (ver **NETUNO**)
POST (G. E.), 314
POTIFERA, 91
 Pré-históricos (tempos), 27
PRÍAMO (rei), 34, 137, 324
PRISCILA, 316
 Propileus (Porta dos...), 325
PSAMÉTICO I (faraó), 239
PSAMÉTICO II (faraó), 274
PTOLOMEU I (faraó), 275, 276
PTOLOMEU V (faraó), 277
 Ptolomeus (faraós), 93, 275, 276
 Publicanos (os), 309
PUCHSTEIN (Otto), 100
PULU (rei) (ver também **TEGLATFALAZAR III**), 210
 Punt (região), 176
 Púrpura (extração), 64, 66, 188
PUTIFAR, 87, 91

Q

Querihob (cidade) (ver também **KIR-HARE-SETH**), 204
QUINTÍLIO VARO, 303
QUIRÍNIO (P. Sulpicius), 60, 290
Qumran (cavernas) (ver também **WADI...**), 354

R

RA (deus), 91, 106
 Ra-ab-ba-yi (os), 59
 Rabat-Amon (cidade), 133
RABACES ou **RABSAKEH**, 227
RABSARIS, 227
RAFAEL, 330
 Radim (oásis), 121, 122, 124
 Ramessida (Dinastia), 162
Ramsés (cidade) (ver também **PI-RAMSÉS-ME-RI-AMON**), 8, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 129, 251
RAMSÉS II (faraó), 101, 103, 104, 105, 106, 107, 112, 113, 118, 216
RAMSÉS III (faraó), 150, 151, 152, 154
RAMSÉS XI (faraó), 162
RASIN ou **RESIN** (rei), 211, 212
RASSAM, 216
 Ras Schamra (cidade) (ver também **UGARIT**), 66, 134, 222, 233
RATHIENS (Carl), 184
RAWLINSON (Henry Creswicke), 30, 216
REBECA, 60, 99, 148
Reis (Estrada dos...), 78, 131, 132, 164
Reis (Livros dos...), 60, 64, 75, 99, 126, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 166, 167, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 187, 188, 192, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 352, 359
REISNER (George A.), 200
REKHMIRE, 103
REMALLAS ou **REMALIAH** (ver **ROMELIA**)
RESON (ver também **RASIN**), 212
Retenu (região), 67, 68, 118
 Rig-Veda, 97
RIQUER (Jean de), 52
ROBINSON (Edward), 30
ROBOÃO, 195, 196
ROCHE (Otto de La), 317
Rodes (ilha), 281
Rodéstia, 175
Roma, 72, 79, 120, 190, 259, 283, 287, 288, 290, 297, 300, 301, 302, 303, 304, 312, 313, 316, 321, 326, 327, 328, 329, 331, 333, 335, 342, 348

Romana (cultura greco-), 23, 287
ROMANESE, 318
Romano (império, domínio), 182, 287, 296, 322, 326, 334, 335, 340
Romanos (os), 29, 60, 64, 65, 78, 190, 287, 289, 292, 296, 302, 303, 306, 323, 336, 337, 338, 341, 342, 355
ROMELIA (rei), 211
 Roob (região), 127
ROSKOWITZKI, 51
ROWE (Alan), 160
ROXANA, 275
Rússia (ver também **U. R. S. S.**), 24

S

Sacra (deserto), 130
Sabá (reino), 182, 183, 184, 185, 186, 187, 190, 300
Sabbat, 289
SABINO, 302
Sacara (cidade), 71
 Saída ou Sidon (cidade), 64
 Saís (região), 89
SALADINO, 178
 Salamina (região), 271
SALAM-JA-A-MA, 245
SALATIS (faraó), 89
 Salém (Rei de...), 71
Salgado (ver **MAR MORTO**)
Salisbury, 23
SALMANASAR III (rei), 199, 207, 208
SALMANASAR V (rei), 213
Salmos (Livros dos...), 76, 161, 190
SALOMÃO (rei), 8, 65, 126, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 186, 187, 189, 190, 195, 197, 200, 204, 209, 225, 300, 359, 360
SALOMÉ, 304, 305, 306
SALOMÉ (irmã de Herodes), 301
Salônica (região) (ver **TESSALONICA**)
Samanum (cidade), 59
Samaria (cidade), 199, 200, 201, 208, 209, 210, 212, 213, 217
Samaria (conquista), 7, 213, 217, 219
Samaria (montes), 147, 148, 199, 209, 308
Samaria (região), 72, 73, 129, 135, 160, 217, 218, 219, 273, 308, 321
Samaritanos (os), 218, 268, 308
Samos (ilha), 323
SAMSI-ADU, 59
Samuel (Livros de...) (ver **REIS** — Livros dos...)
SAMUEL (Yeshua), 353, 354
San (aldeia), 106
San'a (cidade), 183, 184
SANCHUNIATHON, 84, 174, 175, 232, 258
Sanhedrin, 289
SANSÃO, 146, 149, 155, 156, 170, 357
Saqqara (cidade) (ver **SACARA**)
SARA (ver também **SARAI**), 71, 85, 99, 108
Sarac (vale) (ver **SOREC**)
SARAI ou **SARA**, 27, 53, 62
SARASAR, 230
Sarça ardente, 123
Sardenha (ilha), 23, 133
Sardes (cidade), 261
Sarepta (cidade), 127
SAREZER, 230
SARGÃO (rei) (ver também **SARGÃO III**), 108, 217, 220, 223, 226
SARGÃO I (rei), 258
SARGÃO II (rei), 7, 29, 213, 216, 217, 221
Sarracenos (os), 232
SARUG, 60
SARVIA, 75
SASSABASAR, 264
Saturnais (os), 297
SATURNINO, 290

SAUL (rei), 8, 153, 158, 159, 160, 162, 165, 177, 188, 200, 352
 SCHAEFFER (Claude F. A.), 7, 134, 233, 235
 Scharuhen (cidade), 96, 97
 SCHLIEMANN (Heinrich), 34
 SCHNABEL (P.), 294
 SCHUMACHER (J.), 177
 SCHWABE (M.), 123
 SEBASTIAO (São...), 329
 Seboim (cidade), 77, 78
 SEDECIA (rei), 245, 246, 248, 249
 Sefarvaim (cidade), 217
 SÉFORA, ou ZIPORA, 130
 Seforis (cidade), 287
 Segor ou Bala (cidade), 77, 82
 SEKENENRÉ (príncipe), 95, 96
 Sekmem ou Siquém (cidade), 67
 Selêucidas (os), 277, 278, 280, 281, 283
 Selêucidas (reinos dos...), 275, 283
 Selêucidas (reis), 275, 279
 SELLERS, 281
 SELLIN (Ernst), 72, 140, 141
 Sêlos (sineles), 178, 206, 268
 SEM, 60, 275, 277
 SEMEBER (rei), 78
 Semitas (os), 38, 66, 68, 69, 75, 76, 85, 93, 97, 103, 104, 108, 120, 128, 238, 259
 Semitas (tribos), 26, 58, 89, 238
 Semítica (raça), 25, 58, 74, 129, 275
 Semítico (alfabeto), 120
 SENAAR (rei), 78
 Senaar (Terra de...), 29
 SENAQUERIBE (rei), 8, 162, 217, 226, 227, 228, 229, 230, 237, 248
 Sene ou Seneh (rochedo), 158
 SENECA (Lúcio Anelo), 325
 SENESER, 264
 SEON (rei), 131, 132
 "Septuaginta", 277
 Serabit el-Chadem (templo), 118, 119, 120, 121
 SÉRGIO PAULO, 322
 SERUG (ver SARUG)
 SESAC (faraó) (ver também CHECHONK I), 178, 197, 198
 SESÓSTRIS I (faraó), 67, 69
 SESÓSTRIS II (faraó), 75
 SESÓSTRIS III (faraó), 67
 Setenta (Os), 277, 355
 Setim (região), 134, 138
 SHAMASH (deus), 254
 SHAMASHSHUMUKIN, 258
 SHARRUKIN (ver também SARGAO II), 216
 SHEMA, 178
 SHENAZZAR (ver SENESER)
 SHESBAZZAR (ver SASSABASAR)
 Shi-Hor (braço do Nilo), 106
 SHUB-AD, 40
 Shurupak (cidade), 47, 50
 Sião (Cidade de...), 230, 256, 265
 Sicília (ilha), 65
 Sidim (vale), 77, 78, 82, 83, 84, 85
 Sidon ou Saida (cidade), 64, 127, 150, 188, 198, 201, 241, 246, 249
 Sidônios (ver também FENÍCIOS), 200, 201
 Silo ou Silum (templo, cidade), 157
 Silóé (aqueduto, piscina), 224, 225
 SILVESTRE I (papa), 329
 SIMAO, 281, 282
 SIMAO (ver também PEDRO), 307, 327
 SIMAO BAR GIORA, 336, 342
 SIMAO BAR KOCHBA, 343, 356
 Simum ou Chamsim, 109
 Sin (deserto), 113, 114, 117, 121, 126
 SIN (deus), 254
 Sinai (deserto), 124, 125
 Sinai (Escrita do...), 118, 119, 120, 168
 Sinai (minas), 25, 66, 113, 118, 168
 Sinai (monte), 113, 115, 117, 123, 124, 125
 Sinai (mosteiro), 122, 123
 Sinai (península), 24, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 125, 128, 130
 Sinai (templo), 117
 Sinédrio, 311, 312
 SINUHE, 67, 68, 69, 70, 77, 108, 127, 192
 Sippar (Escola astrológica de...), 294, 295
 Siquém (cidade), 67, 71, 72, 73, 129, 157, 308, 339
 Siquém (monte), 127
 Siquém (planície), 73
 Síria, 23, 24, 25, 33, 53, 62, 63, 64, 65, 71, 89, 97, 100, 101, 104, 138, 150, 161, 162, 178, 180, 187, 197, 201, 208, 209, 210, 217, 233, 241, 243, 271, 274, 275, 281, 290, 295, 302, 303, 335
 Síria (cidades-estados), 221, 226, 239
 Síria (deserto), 63
 Síria (reis), 169, 181, 205, 207, 211
 Síria Meridional, 128
 Síria-Palestina (região, coalizão), 67, 166, 171, 195, 198, 199, 239, 241, 257, 271, 273
 Síria Setentrional, 151, 210, 222, 233, 241
 Sirileus (os), 199
 Sirios (os), 164, 241
 Sittim (região) (ver SETIM)
 SMITH, 123
 SMITH (Aaron), 51, 52
 SMITH (George Adam), 83
 SNOFRU (faraó), 65
 SO, SUA, SEWE ou SIB'E (faraó), 213
 Soba (cidade), 164
 Sociedade Bíblica Britânica, 241
 Sociedade Oriental Alemã, 177, 244
 Société Asiatique de Paris, 214
 Socot ou Tell el-Maschuta, 105, 111
 Socotorá (ilha), 190
 Sosoma (cidade), 77, 78, 82, 83, 84, 85, 253, 360
 SÓFOCLES, 229, 275
 Solonias (Livro de...), 239
 SOFONIAS (profeta), 239
 Solidão (Deserto da...), 128
 Somália, 25, 175, 190
 Sopher (ver também ESCRIBAS), 166, 168
 Sorec (vale), 156
 Sovietes (os), 123
 Spree (rio), 244
 STARKEY (James Lesley), 142, 227, 229, 247, 248
 STATIUS, 325
 STEINBERG, 175
 STERETT (J. R. Sillington), 322
 Stonehenge (templo), 23
 STRAUSS (Richard), 305
 Succoth (ver SOCOT)
 Sudaneses (os), 122
 Sudário de Turim (O), 317, 318, 319
 Suécia, 291
 SUETÔNIO 316, 328
 Suez (canal), 67, 104, 112, 117
 Suez (cidade), 111, 112, 113, 117
 Suez (gôlfo), 112, 113
 Suez (is.mó), 67
 Sultão Dagh (monte), 322
 Suméria (reis), 24, 26
 Sumeriana (metrópole), 38, 47
 Sumeriano (língua), 258
 Sumerianos (tempos), 40
 Sumérios (os), 25, 32, 38, 41, 45, 47, 49, 206, 262, 263
 Sumérios (túmulos), 39, 40
 SUPPILULIUMAS (rei), 100
 Sur (deserto), 113, 358
 SUWARDATA (príncipe), 128, 129

T

Ta'amireh (tribo), 352, 353, 355
 Taanach (ver TENAC)
 Tabor (monte), 147, 177
 Tabor (batalha de...), 178
 Tábuas cronológicas, 59
 Tabuinhas de barro ou "Ostrakon", 25, 31, 35, 41, 46, 47, 55, 56, 57, 58, 59, 98, 108, 128, 168, 208, 212, 251, 258
 TACITO, 295, 316, 342
 Tadmor (cidade), 62
 TADUCHEPA (princesa), 192
 TAIT (deusa), 69
 Talmude, 288, 289, 298, 311
 TAMAR, 188
 Tâmisia (rio), 31
 Tamnata (região), 156
 Tamnat-zare (cidade), 144
 Tanac (cidade), 179, 180
 TARE, 27, 37, 53, 60
 Tarso (cidade), 150, 321
 TARTAN, 29, 220, 227
 Tauro (cordilheira), 25, 66, 84, 181, 290, 321, 322
 TAYLOR (J. E.), 29, 30, 31, 32
 Tebanos (os), 176, 177
 Tebas (cidade) (ver também NO-AMON), 8, 71, 74, 92, 95, 98, 103, 104, 106, 142, 150, 162, 163, 176, 197, 236, 254, 256
 TEGLATFALAZAR III (rei) (ver também FUL e PULU) 8, 178, 210, 211, 212, 213, 217, 219
 Tell (monte artificial), 33, 34, 54, 171, 179
 Tell al Muqayyar, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 40, 41, 259
 Tell Beit Mirsim (ver também DABIR), 142, 157, 189
 Tell el-Amarna, 128
 Tell el-Duweir (ver também LAQUIS), 142
 Tell el-Ful (ver também GABAA), 160
 Tell el-Hesi (ver também EGLON), 72, 180
 Tell el-Husan, 160
 Tell el-Kheileh, 171, 172, 174
 Tell el-Maschuta (ver também SOCOT), 105
 Tell el-Muchmar, 157
 Tell el-Mutesellim (ver também MAGEDO), 72, 177, 178, 179
 Tell el-Retaba (ver também PITOM), 105
 Tell el-Safy, 72
 Tell el-Zakariyah (ver também ASECA), 72
 Tell en-nasbe, 196
 Tell es-Sultân, 140, 141
 Tell Far'a (ver também SCHARUHEN), 97
 Tell Hariri, 53, 54, 55, 56
 Tell Nimrud (ver também CALE), 206, 217, 227
 Templários (os), 177
 Tenac (região), 147, 148, 159
 TERAH (ver TARE)
 Terça (região), 59
 Terra Smia, 83, 123, 327
 Tessalônica ou Salônica (cidade), 324
 Teutoburger Wald (Batalha de...), 303
 THEODOR (Oskar), 115
 THOMPSON (R. Campbell), 31
 TIAGO, 307, 308
 Tiberiades (cidade), 287
 Tiberiades (lago), 79, 80
 TIBÉRIO (imperador), 312, 316
 Tibete, 39, 142
 TIGLATH-PILESER (ver TEGLATFALAZAR)
 Tigre (rio, vale), 23, 24, 25, 28, 29, 33, 44, 46, 50, 95, 161, 164, 197, 206, 207, 212, 213, 214, 216, 220, 223, 230, 237, 239, 257
 Tigre inferior, 49
 Tigre superior, 31, 50, 97
 TIMAIOS (faraó), 89
 Timnah ou Timnath (ver TAMNATA)

Timnath-Serah (ver TAMNAT-ZARE)
 Timsâh (lago), 105, 112
 Tinturaria (indústria), 188, 189, 190
 Tiro (cidade), 66, 71, 127, 150, 174, 175, 188, 190, 198, 210, 232, 246, 258, 271, 272, 273, 278
 Tiropseon (vale), 278
 TISCHENDORF (Konstantin von), 123
 TITO, 79, 313, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342
 TITO FLAVIO (ver VESPASIANO)
 TITO JUSTO, 325
 TOR (Ben), 359, 360
 Torá, 274, 276, 277
 Torres escalonadas (ver ZIGURATS)
 TORREY (C. C.), 249
 Tours (cidade), 329
 Trácia (região), 275
 Trácios (os), 302
 TRAJANO (imperador), 361
 Transeufrates (região), 267
 Transjordânia (país), 132, 171, 202
 Treves ou Trier (cidade), 331, 332
 Tróade (cidade) (ver também TRÓIA), 324
 Tróia (cidade), 23, 34, 137, 188
 Turcos (os), 159, 178, 190
 Turim (cidade), 317
 Turquia, 24, 50, 58, 62, 99, 181, 225, 321
 Tuscúlm (aldeia), 290
 TUTANCAMON (faraó), 40, 100, 188
 TUTMÉS III (faraó), 176, 177, 178
 TUTMOSE, 108
 TUTMÓSIS (faraó), 108

U

UBARUTUTU, 47
 Ugarit (cidade) (ver também RAS SCHAMRA), 56, 66, 150, 222, 233, 234, 235
 Ugarit (ruínas, escavações), 7, 222, 235
 ULISSES, 137
 UNI, 66
 Universidade da Califórnia, 184
 Universidade de Chicago, 177, 354
 Universidade de Halle, 234
 Universidade de Harvard, 200
 Universidade de Liège, 57
 Universidade de Los Angeles, 119
 Universidade de Michigan, 322
 Universidade de Pensilvânia, 32, 160, 165, 252
 Universidade Hebraica de Jerusalém, 115, 355, 359
 Universidade John Hopkins, 37
 Universidade Medieval de Louvain, 353
 Upe (Terra de...), 126
 Ur (cidade), 27, 28, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 52, 238, 254, 256, 259, 263
 Ur (túmulos reais), 40, 41, 43
 URBALDI, 330
 URIAS HETEU, 99
 UR-NANNU (rei), 31, 32, 35
 U. R. S. S. (ver também RUSSIA), 51
 U. S. A. (Estados Unidos da América), 32, 37
 USAHOR, 267
 Usheh (cidade), 351
 UTNAPISTIM, 47, 48, 49, 50

V

VALÉRIO GRATO, 311
 VARUNA (deus), 97
 Vaticano, 328, 329, 330, 331, 332, 333
 VAUX (Roland de), 353, 355, 356, 361
 Vedas, 129
 VÊNUS (deusa), 343

Vermelho (mar), 65, 77, 84, 85, 111, 112, 113,
114, 121, 164, 165, 171, 174, 176, 182, 184,
186, 187, 190, 257

VERÓNICA, 317

VESPASIANO (Tito Flávio) (imperador), 190,
335

VIGNON, 318

VINCENT (L. Hugues), 141, 313

Virgem (Filho da...), 289

Virgem Maria (fonte), 165, 166

VIROLLEAUD (C.), 234

Viulgata, 111, 126, 135, 149, 154, 156, 157, 166,
169, 179, 180, 190, 223, 241, 355, 359

W

Wadi el-Araba (vale), 170, 172

Wadi Feiran (ver FEIRAN)

Wadi Gharandel ou Elim (oásia), 114

Wadi ghazze, 174

Wadi Murabba'at (cavernas), 355

Wadi Qudeirât (vale), 126

Wadi Qumran (cavernas), 352, 353, 355

Wadi Tumilat (vale), 105, 111

WAGNER (Richard), 288

WARREN, 165, 166

WATZINGER (Carl), 140, 141, 308

WEIDNER (E. F.), 245

Wellcome-Marston (Expedição), 247

WEN-AMON, 163, 168

Wen-hien-thung-khao (Enciclopédia), 292

WIDIA, 129

WILDE, (Oscar), 305

WINCKLER (Hugo), 99

WISSMANN (H. von), 184

WITTAKER (Edmund), 350

WOOD (J. T.), 323, 324

WOOLEY (Charles Leonard), 32, 34, 35, 36, 37,
40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 259

X

XENOFONTE, 261, 274

XERXES, 301

Z

Zab (rio), 50

ZABADA (deus), 254

Zabulão ou Zabulon (tribo, região), 306

Zacarias (Livro de...), 268, 309

Zama (Batalha de...), 283

ZAQUEU, 309

Zarad (vale, torrente), 132

ZEDEKIAS (rei) (ver SEDÉCIAS)

Zeku (região), 93

Zelotes (os), 334, 336, 340, 342

ZEUS ou JÚPITER (deus), 256, 269, 270, 278,
279, 287

Zigurats (torres escalonadas), 23, 24, 27, 28,
31, 32, 34, 35, 37, 42, 45, 55, 255, 259

ZIMRI-LIM (rei), 56, 57, 58, 59

ZIPORA ou SÉFORA, 130

Zobah (cidade) (ver SOBA)

ZOÊ (Santa...), 329

ZOHARY, 359

Zorah (vale) (ver SOREC)

ZOSER (faraó), 93

ZURATA, 128

Zurubam, 59